



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

JORNALISMO POLÍTICO ON-LINE NO FACEBOOK
E AS INTERAÇÕES DO PÚBLICO:
usos, apropriações e posicionamentos dos usuários

Mariana Fagundes Ausani

Brasília
2017



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

JORNALISMO POLÍTICO ON-LINE NO FACEBOOK
E AS INTERAÇÕES DO PÚBLICO:
usos, apropriações e posicionamentos dos usuários

Mariana Fagundes Ausani

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre
Linha de pesquisa: Jornalismo e Sociedade
Orientador: Prof. Dr. Fábio Henrique Pereira

Brasília
2017

Brasília, 3 de março de 2017

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

JORNALISMO POLÍTICO ON-LINE NO FACEBOOK
E AS INTERAÇÕES DO PÚBLICO:
usos, apropriações e posicionamentos dos usuários

Mariana Fagundes Ausani

Orientador: Prof. Dr. Fábio Henrique Pereira

Banca examinadora

Prof. Dr. Fábio Henrique Pereira (Presidente da banca)
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Francilaine Munhoz de Moraes
Câmara Legislativa do Distrito Federal

Profa. Dra. Liziane Soares Guazina
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Janara Kalline Leal Lopes de Sousa (Suplente)
Universidade de Brasília

À minha mãe,
que me mostrou a alegria dos livros,
os encantos da política e a vontade de revolução

APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS

A curiosidade frente às mobilizações políticas combinadas e impulsionadas pela internet, o fascínio pelas relações interpessoais transpostas para o digital e a disposição para ouvir o outro acabaram por resultar neste estudo sobre o jornalismo político on-line no Facebook, e, em especial, sobre como usuários se apropriam dessa prática.

Foi um caminho tortuoso, com pontuais mudanças no objeto de pesquisa, e embalado por uma conjuntura política que não deixou o tema perder sua atualidade em um só instante ao longo da construção do trabalho. Foram mais de dois anos de reflexões, debates, dúvidas, inseguranças e angústias em torno do projeto.

Lá pelas tantas, após horas de conversas com solícitos entrevistados que se dispuseram a me ajudar, e sob os cuidadosos direcionamentos do professor Fábio, compreendi que é preciso desmembrar o contexto de vida dos usuários, seus hábitos e usos de ferramentas como o Facebook, para entender o seu ativismo digital. Apoiado nessa noção, desdobra-se, a seguir, a dissertação.

Mas, antes de irmos à ela, é preciso agradecer ao grupo de pessoas que a tornou factível. A começar pelo meu orientador, Fábio Pereira. Invariavelmente atento e prestativo, ele me ajudou, com firmeza, simpatia e muita educação, a conduzir o trabalho para os rumos que, desde o princípio, imaginei: de forma humanizada, voltado para os indivíduos, considerando suas vidas e experiências.

Fábio foi incansável em me nortear neste processo, inclusive nos momentos – sim, foi mais de um – em que lhe enviei dezenas e até centenas de páginas escritas de modo prematuro, com um amontoado de informações ainda soltas. Com paciência e boa vontade, ele leu cada uma delas, o que resultou em inúmeras contribuições e reformulações das teorias, ideias e aprendizados que compõem a dissertação. Foi figura essencial para dar forma ao trabalho e dedicou imenso empenho para me ajudar a fazê-lo acontecer.

Também sou enormemente grata aos voluntários que se ofereceram para participar da pesquisa e dedicaram tempo para me contar suas rotinas e seus posicionamentos político-ideológicos. Ainda que, em diversas ocasiões, nossas opiniões sejam divergentes,

ouvir suas argumentações foi um aprendizado e conhecer suas experiências e histórias foi encantador.

Agradeço ainda às pesquisadoras que compõem a banca: Franci Moraes, Janara Sousa e Liziane Guazina; e, igualmente, ao professor Julian Durazo-Herrmann, membro da banca de qualificação. Já registro minha gratidão tanto por aceitarem participar e contribuir com o trabalho, quanto por se dedicarem à leitura desse, assim como pelas críticas e sugestões que poderão vir a fazer. Tenho consciência de como é importante poder contar com a presença de cada uma de vocês nesta etapa da dissertação, além de ter certeza de que suas contribuições serão valiosas.

Acrescento um agradecimento a mais à professora Liziane, por me acolher como sua orientanda na disciplina de Ensino Orientado. Ouvir suas aulas e, por vezes, ministrar as minhas próprias foi uma experiência para lá de enriquecedora: me fez descobrir que trabalho pode ser prazeroso, divertido, crítico, instigante, tudo ao mesmo tempo. Afora a satisfação de conviver com uma turma de alunos politizados, engajados e proativos, com muitos empurrões e estímulos da professora.

Já ao amigo Raphael Sandes, dedico a gratidão de quem trabalha e estuda e se vê mal para conciliar essas vidas paralelas. Isso porque, quando eu supunha que não seria capaz de inserir em minha rotina um tempo extra para transcrever 14 horas de entrevistas, Raphael se dispôs, pronta e gentilmente, a fazê-lo. Sem a ajuda dele, sabe-se lá quando a dissertação chegaria ao fim. Sua dedicada colaboração foi fundamental.

Outras pessoas impulsionaram a concretização deste projeto, de modo menos acadêmico, mas ainda assim fundamental. Agradeço à minha mãe, Sued. Primeiro, por me dar a ideia de entrar para o mestrado. Depois, por garantir os estímulos para cursá-lo. E, por fim, por me lembrar constantemente da praticidade necessária para ir até o fim. Meu pai, Fabiano, e minha irmã, Laura, também foram atores determinantes nesta jornada. Ele, por me conduzir em minha formação ideológica e por me ensinar a ter voz política; ela, apenas por existir e alegrar meus dias, amenizando aflições e tensões de quem pretende, um dia, tornar-se mestre.

Como não poderia deixar de ser, agradeço ao meu namorado, Rodrigo – que há anos anseia fazer parte desta seção. Ele garantiu que eu desfrutasse de instantes de alívio e respiro em meio às crises de desespero que integram o processo de dissertar. Também me

ouviu reclamar, chorar e espernear, insistindo sempre em dizer que daria certo. Mais que isso, agradeço a ele por ser um companheiro inabalável nesses anos que, para além do academicismo, carregaram meses conturbados de outras eventualidades e complicações inerentes à existência.

Finalmente, também destaco minha gratidão à grande amiga Elis, por todo o apoio e disponibilidade a qualquer hora, ao longo de anos; às minhas colegas de trabalho, que se preocuparam e incentivaram a elaboração do projeto, especialmente à minha chefe, Lilian, pela compreensão e disposição com que me liberou para assistir aulas e resolver pendências na Universidade; e, claro, aos colegas do programa, com quem compartilhei aprendizados, inquietudes e boas risadas, e aos professores, que compartilharam comigo conhecimento.

Uma vez terminada a redação do trabalho, resta o que ele despertou em mim: luta, resistência e empoderamento. Quanto à academia, quem sabe essas frentes fazem com que nos encontremos de volta mais adiante. Por hora, quero descansar de artigos, teses e dissertações, e até de Facebook e mídias sociais. Não abro mão, contudo, da UnB, de quem não me canso e de onde não pretendo sair tão cedo. É à Universidade, com tudo e todos que a formam, que dedico meu agradecimento final: por me acolher ao longo desses oito anos de descobertas e reflexões e por me proporcionar amadurecimento profissional, político e pessoal. Não demora, a gente se cruza de novo.

RESUMO

A proposta da pesquisa é analisar como usuários da rede social Facebook se apropriam de notícias políticas postadas na plataforma. Busca-se compreender como os hábitos de uso da ferramenta por essas pessoas influenciam em seus posicionamentos. Com base em um levantamento de notícias inicial e apoiado em entrevistas em profundidade com vinte usuários da rede social, recorre-se à sociologia dos usos e à sociologia das audiências para se analisar de que modo relações interpessoais e a forma de manuseio de mídias sociais influenciam a postura político-ideológica dos voluntários deste estudo. A partir de uma leitura interacionista, procura-se analisar como se dá a inserção do jornalismo on-line e político nas mídias sociais e como se estrutura a relação do público com esse gênero jornalístico, a fim de se entender o perfil e as rotinas dos indivíduos que praticam ativismo digital na rede social. Para tanto, foram utilizados quatro níveis de análise: o primeiro relacionado ao perfil do ativista; o segundo aos usos da mídia, da informação jornalística e das mídias sociais no cotidiano; outro sobre os posicionamentos políticos; e, por fim, um sobre o ativismo digital.

Palavras-chave: ativismo digital, mídias sociais, Facebook, jornalismo on-line, interações simbólicas

ABSTRACT

The research proposal is to analyze how users of the social networks – especially the Facebook – appropriates political news posted on the platform. The intention is to understand how the ways of uses and the habits from these people on the platform influence their positioning. This investigation is based on an initial news survey and supported by in-depth interviews with twenty social network users. The conceptions of sociology of uses and sociology of audiences is used to analyze how interpersonal relationships and the uses of social media influence on the political and ideological position of the volunteers of this study. From an interactionist perspective, it is observed the way online and political journalism is inserted on social media and how the relationship between the public and this genre of journalistic is structured. The idea is to understand the profile and routines of individuals who practice digital activism in the social network. For this, four levels of analysis were used: the first one related to the profile of the activist; the second is referent to the uses of the media, journalistic information and social media in daily life; another level covers political positions; and, finally, the last one is about digital activism.

Key words: digital activism, social media, Facebook, online journalism, symbolic interactions

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Região e estado do país onde vivem e idade dos entrevistados.....	88
Quadro 2: Em qual (ou quais) notícia (s) os entrevistados comentaram.....	92
Quadro 3: Meio, data e duração das entrevistas com os colaboradores.....	98
Quadro 4: Divisão de grupos de acordo com posicionamentos ideológicos.....	113
Quadro 5: Distribuição de entrevistados conforme agendas de interesse.....	165

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 – DISCUSSÕES INICIAIS.....	20
1.1. As relações entre jornalismo e política.....	20
1.2. A cobertura política e o advento da internet.....	22
1.3. Mídias sociais.....	24
1.3.1. Redes sociais.....	27
1.3.2. Facebook.....	30
1.3.3. Ativismo digital no Facebook.....	35
1.4. Jornalismo on-line nas redes sociais.....	38
1.4.1. O surgimento e as características do jornalismo on-line.....	38
1.4.2. Mídias sociais: novas extensões do jornalismo na internet.....	39
1.4.3. O jornalismo curtido, comentado e compartilhado no Facebook.....	43
1.5. Ativismo digital: conceitos e definições.....	45
1.5.1. O que é ativismo digital?.....	46
1.5.2. Em que contexto o ativismo digital surge e se desenvolve.....	47
1.5.3. O debate em torno dos impactos do ativismo digital.....	49
1.5.4. Considerações sobre o conceito de ativismo digital.....	51
CAPÍTULO 2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	53
2.1. Conceito de interacionismo simbólico.....	53
2.1.1. Pressupostos do interacionismo simbólico.....	54
2.1.2. Interação e sociedade.....	56
2.1.3. Interacionismo simbólico aplicado à Comunicação.....	58
2.1.3.1. Mídia e interações sociais.....	58

2.2. Sociologia dos usos e sociologia da audiência no contexto do jornalismo.....	59
2.2.1. Da massa aos públicos.....	59
2.2.2. Indicadores para uma sociologia das audiências e dos usos na internet.....	62
2.3. Campos político-ideológicos: acepções e alcances.....	65
2.4. Conclusões sobre a fundamentação teórica e nortes para a análise.....	67
CAPÍTULO 3 – PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	68
3.1. Caminhos metodológicos: possibilidades, escolhas, erros e acertos.....	68
3.2. As vantagens e limitações da pesquisa qualitativa.....	71
3.2.1. Levantamento e seleção de notícias.....	72
3.2.1.1. Procedimentos de análise do levantamento e seleção de notícias.....	75
3.2.2. Entrevistas semiestruturadas.....	77
3.2.3. Observação participante.....	80
3.2.4. Questionário e dificuldades de executar essa ferramenta no âmbito digital...81	
3.3. Procedimentos de construção do corpus e análise das entrevistas.....	83
3.3.1. Critérios de representatividade.....	86
3.3.2. Operacionalização da escolha de entrevistados.....	90
3.3.3. Agendamento das entrevistas.....	94
3.3.4. Realização das entrevistas.....	95
3.3.5. Registro das entrevistas.....	97
3.3.6. Edição e tratamento do material.....	99
3.3.7. Formatação do material coletado.....	101
3.4. Considerações.....	102
4. ANÁLISE (PARTE 1): ENTREVISTADOS, HISTÓRIAS E CONJUNTURAS.....	103
4.1. Mapeamento de grupos de respostas.....	103

4.2. Breves perfis biográficos.....	104
4.3. Relação com coletivos políticos.....	112
4.3.1. Práticas políticas e a gestão das relações interpessoais dos entrevistados...116	
4.4. Conclusões.....	125
5. ANÁLISE (PARTE 2): SOCIOLOGIA DOS PÚBLICOS E A RECEPÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.....	127
5.1. Práticas de uso e como essa rotina integra o cotidiano dos entrevistados.....	127
5.2. Representação do papel da mídia.....	130
5.2.1. Relação entre entrevistados e o processo midiático.....	137
5.2.2. Distinções possíveis entre as práticas das mídias tradicionais e sociais.....	139
6. ANÁLISE (PARTE 3): REPRESENTAÇÕES E POSICIONAMENTOS.....	141
6.1. Posicionamentos político-ideológicos.....	144
6.1.1. Esmiuçando opiniões, posturas e seus desdobramentos.....	146
7. ANÁLISE (PARTE 4): ATIVISMO DIGITAL E POLÍTICO E COMO OS ENTREVISTADOS DESENVOLVEM ESSAS PRÁTICAS.....	164
7.1. Como os entrevistados representam suas práticas de ativismo digital e político.....	164
7.2. Práticas de ativismo desenvolvidas pelos entrevistados.....	168
CONCLUSÕES.....	174
REFERÊNCIAS.....	179
ANEXOS.....	199

INTRODUÇÃO

O Facebook teria renovado a ação política e o ativismo? Essa foi a curiosidade que motivou a construção da pesquisa a seguir. Após observar a forma como os usuários da rede social se apropriaram desse tipo de ferramentas – na ocasião das manifestações de junho de 2013 no Brasil e em situações posteriores, como a campanha para as eleições presidenciais em 2014 e protestos que decorreram desse contexto após a vitória de Dilma Rousseff, passando por seu impeachment e englobando os atos favoráveis e contrários a esse –, decidi tentar compreender a maneira como esse ativismo digital se efetiva em termos de processos sociais.

A proposta parte da recepção das notícias sobre política pelos usuários do Facebook para, em seguida, analisar como as interações, posturas e usos que os indivíduos realizam nos ambientes on-line e off-line. Ao tratar de tais temáticas pelo Facebook, os usuários sentem-se ou tornam-se mais ativos socialmente? Ou eles estariam apenas reforçando a ideia de “revolução do sofá”, termo informal que, à época das jornadas de junho, “passou a designar essas pessoas que ‘revolucionavam’ de casa, compartilhando, comentando ou com frases de efeito e apoio” (MAXIMILIANO, p. 1)?

Os posicionamentos dos usuários e seus hábitos de uso político do Facebook, paralelamente às mudanças acarretadas pelas mídias sociais no jornalismo e, em especial, no público, são o ponto de partida deste trabalho. Entre dúvidas e questionamentos, surge um projeto de pesquisa: investigar como as interações feitas por usuários que exercem ativismo digital no Facebook se refletem em seu dia a dia dentro e também fora da internet. Conforme a investigação foi se estruturando, essas inquietações levaram às seguintes perguntas de pesquisa:

1. Qual o perfil dos usuários que acompanham as notícias sobre política via Facebook?
2. Como eles gerem os seus posicionamentos políticos na mídia social e nos diferentes contextos de interação da vida cotidiana?
3. Quais são os posicionamentos sócio-políticos desses usuários? E como esses posicionamentos são convertidos em um tipo específico de ação política, o ativismo digital?

Tendo essas perguntas como ponto de partida, o objetivo geral deste estudo é: identificar hábitos de usos, apropriações e posicionamentos do público do Facebook que curte, comenta e compartilha notícias sobre política nas páginas oficiais de jornais na plataforma. Enquanto os objetivos de pesquisa específicos dividem-se em três:

- Descrever o perfil desse público e suas formas de interação.
- Identificar valores e crenças que permeiam os posicionamentos do público.
- Analisar os mecanismos de interação do público com o ativismo digital no Facebook.

Em suma, a pesquisa se dedica a desvendar como o público do Facebook que interage por meio da plataforma com notícias sobre política – produzidas por veículos da mídia tradicional – se apropria dessas informações. Como interação, compreendem-se aqui os contatos no Facebook entre o usuário, o conteúdo que esse indivíduo deseja destacar e a relação com seus amigos e/ou conhecidos. Isso se dá por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos. Para entender esses hábitos, usos e apropriações, optou-se por um percurso metodológico que abarca levantamento e seleção de notícias e entrevistas em profundidade.

A fim de restringir a amostra e, posteriormente, para traçar o perfil do público, recorreu-se a notícias retiradas das páginas oficiais no Facebook dos quatro jornais de maior tiragem do país: *Folha de S.Paulo*, *O Globo*, *Zero Hora* e *O Estado de S.Paulo*. Nesses espaços, indivíduos exercem ativismo digital por meio de debates e também ao deixarem impressões pessoais sobre os assuntos em pauta. Os comentários de usuários em postagens de notícias sobre política serviram como instrumento inicial para identificar valores e crenças que perpassam os posicionamentos do público. Mas, com a adesão de voluntários às entrevistas, foi possível compreender melhor as ideias, intenções e práticas de ativismo desse grupo.

O estudo teve como pano de fundo as disputas ideológicas que o Brasil assistiu na última campanha eleitoral para a presidência da República, no segundo semestre de 2014, especialmente ao longo do espaço temporal entre a votação do primeiro turno e a espera para o segundo turno. Houve uma polarização de ideias e posicionamentos políticos bem demarcada e a disputa mais acirrada desde a redemocratização do país. No fim, Dilma Rousseff (PT) se reelegeu com 51,64% dos votos válidos, contra 48,36% dos votos

confiados a Aécio Neves (PSDB). Na internet – antes de se definir a reeleição da presidenta –, eleitores tomaram partido, assumiram lados e expuseram justificativas para votar em um ou em outro candidato, dividindo o país entre posturas mais conservadoras ou mais progressistas¹.

Rapidamente, configurou-se, não só no plano virtual, mas também se estendendo ao mundo físico dos usuários, um cenário que colocava coxinhas² – terminologia adotada para indicar os eleitores mais à direita ou do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) – contra petralhas³ – conceito criado para apontar os eleitores do Partido dos Trabalhadores (PT) ou em uma perspectiva política mais à esquerda. Ambas as denominações são pejorativas e usadas como forma de criticar as crenças políticas do adversário.

Somado a isso, há o impacto das jornadas de junho, quando milhares de brasileiros foram às ruas em manifestações que a cobertura midiática acabou por tornar históricas, por meio de manchetes e grandes reportagens nos principais jornais dentro do país – posteriormente, esses atos repercutiram também fora do Brasil. A articulação por meio do Facebook foi central para a concretização desses episódios. Além disso, os atos destacaram-se por partir de uma geração taxada de apolítica, sob a alegação de que seus

¹ Finalizado o pleito de 2014, a polarização permaneceu latente e as discussões ideológicas estenderam-se durante os anos seguintes, colaborando para o impeachment Dilma. Desdobrou-se, com esse cenário, uma crise política que acabou por agravar acentuadamente a crise econômica enfrentada pelo país.

² Segundo a *Folha de São Paulo*, a apropriação do nome do salgado popular coxinha aplicada a indivíduos políticos indica “gente engomada, certinha, que segue a maioria”. Em resumo, “gente convencional e conservadora”. Já para Leonardo Rossatto e Michel Montanha, no *Correio do Brasil*: “coxinha, sociologicamente falando, é um grupo social específico, que compartilha determinados valores. Dentre eles está o individualismo exacerbado e dezenas de coisas que derivam disso: a necessidade de diferenciação em relação ao restante da sociedade, a forte priorização da segurança em sua vida cotidiana, como elemento de ‘não-mistura’ com o restante da sociedade, aliadas com uma forte necessidade de parecer engraçado ou bom moço”. São, para os estudiosos, pessoas que querem ostentar um status superior, com códigos próprios. “Para isso, muitas vezes andam engomados, se vestem de uma maneira específica, são ‘politicamente corretos’, dentro de sua noção deturpada de política, e nutrem uma arrogância quase intragável, com pouquíssima tolerância a qualquer crítica”. Disponível em: <http://observatoriadaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/_ed762_o_surgimento_dos_coxinhas/> e <<http://correiodobrasil.com.br/destaque-do-dia/comportamento-de-coxinhas-paulistanos-e-tema-de-analise-sociologica/621519/>>. Acesso em: 20 de abr. 2015.

³ O termo foi cunhado pelo colunista da revista *Veja* Reinaldo Azevedo e posteriormente englobado pelo dicionário *Sacconi* da língua portuguesa, que define petralha como “que ou pessoa que, sem nenhum escrúpulo, não vacila em cometer todo e qualquer ato marginal à lei, como usurpar, mentir, extorquir, ameaçar, chantagear, roubar, corromper, ou que defende com ardor ladrões, corruptos, usurpadores, mentirosos, extorsionários, chantagistas, etc. que, porém, posam de gente de bem”. Disponível em:

<veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/nojentos-horriveis-asquerosos-odiosos-sordidos-malcriados-repelentes-vis-desagradaveis-indecenes-torpes-trapaceiros-vigaristas-ou-seja-petralhas/>. Acesso em: 20 de abr. 2015.

membros manifestam-se sem sair de casa, usando somente um teclado e meia dúzia de caracteres.

Na ocasião, contudo, ativistas digitais saíram do sofá. Movidos por uma onda de mobilizações globalizada – na Turquia, na Grécia, na Espanha, na Síria e pelo mundo afora⁴ – e, em especial, pelos atos de protesto na capital paulista contra o aumento das tarifas de ônibus que haviam ocorrido pouco antes. Por trás da revolução, estavam, entre outros fatores, as redes sociais, como o Facebook e o Twitter. Esses canais serviram de base para os manifestantes organizarem os protestos.

Frente a tal conjuntura, desenvolveu-se esta pesquisa. A escolha do tema se justifica devido às transformações que as mídias sociais, tendo o Facebook atualmente como principal vertente no Brasil e no mundo, vêm provocando nas relações humanas e nas relações entre as pessoas e a informação. Essas mudanças impactam diversos setores da sociedade, dentre eles a política, e instituições como a mídia. Como aspecto inovador, o estudo busca trazer a intersecção entre esses atores, conferindo destaque ao público – ao que os usuários pensam e dizem a respeito de seu ativismo digital.

Esta pesquisa justifica-se, primeiro, pelo fato de o objeto ser emergente e, apesar disso, dificilmente tratado a partir de uma perspectiva qualitativa, interacionista, fundada na sociologia dos usos e das audiências. Depois, para além da relevância acadêmica, há também o significado social do estudo, no sentido de que ele pode nos ajudar a compreender as novas formas de ação política e de ativismo mediado pelas redes sociais, bem como o impacto dessas ferramentas na circulação do noticiário político e da formação da opinião pública sobre política no Brasil.

No capítulo 1, faz-se uma revisão de estudos a fim de se discutir conceitos já trabalhados por outros autores sobre os temas-base da pesquisa, que são: jornalismo político e Facebook (a partir do desmembramento dos conceitos de mídias sociais e de redes sociais), ativismo digital e possíveis formas de relacionamento desses elementos. O capítulo traz considerações sobre as relações entre jornalismo e política, como a cobertura política e o advento da internet e as mídias sociais como novas extensões do jornalismo.

⁴ Em 2010, a Primavera Árabe – que resultou na queda do presidente egípcio Hosni Mubarak e do regime de quase meio século de Muamar Kadafi na Líbia, além de deposições de governo na Tunísia e grandes protestos na Síria, Argélia, Jordânia e Iêmen – também foi estimulada pelo uso de mídias sociais. Disponíveis em: <<http://www.senado.gov.br/noticias>>. Acesso em: 14 set. 2014.

São abordadas também as definições de mídias sociais, redes sociais e Facebook e suas estruturas. Por fim, trata-se do ativismo digital no Facebook, atrelado ao jornalismo on-line nas redes sociais.

O capítulo 2 apresenta os pressupostos teóricos da pesquisa. Primeiro, faz-se uma introdução do conceito de interacionismo simbólico, a partir das definições e dos principais pressupostos da abordagem, e, em seguida, demonstra-se como seus preceitos se aplicam à Comunicação e como se pode tratar de processos de socialização a partir dos estudos da Escola de Chicago e das abordagens de Mead e Blumer. Depois, recorre-se à sociologia dos usos e à sociologia das audiências, a partir de uma leitura interacionista, na tentativa de compreender a inserção do jornalismo on-line e político nas mídias sociais e sua relação com o público.

Já o capítulo 3 tem como objetivo descrever os percursos metodológicos do estudo, que partem de uma pesquisa qualitativa e consistem em: levantamento e seleção de notícias e entrevistas em profundidade – acompanhados da observação participante como metodologia secundária. A seção explica o porquê de se optar pelos percursos metodológicos utilizados, esclarece os procedimentos de construção e de aplicação de cada metodologia da pesquisa e descreve como essas são estruturadas ao longo do desenvolvimento prático da investigação.

No capítulo 4, apresenta-se o perfil das entrevistadas e dos entrevistados que aceitaram fazer parte deste trabalho. A começar pelas características sociodemográficas, a fim de subdividi-los em grupos de respostas de acordo com dados convergentes (região do país onde vivem, faixa etária, ativismo digital) e, na sequência, introduzindo-se os indivíduos um a um por meio de breves perfis biográficos. Depois, são avaliadas as relações dos colaboradores com coletivos políticos e as correlações entre práticas sociais e relações interpessoais dos entrevistados.

Quanto ao capítulo 5, nele são analisadas as condições de uso e recepção da informação política pelos entrevistados, a partir do papel dos dispositivos sociotécnicos (das mídias tradicionais e digitais citadas pelos entrevistados) e das suas características (como elas constroem formatos específicos de uso da informação). Busca-se ir além de descrever o que as pessoas leem e analisar como elas se informam: identificar se as pessoas abrem a página inicial do Facebook e conferem somente o que está na *timeline*; ou se

chegam a visitar as páginas dos veículos; se acompanham notícias compartilhadas ou curtidas por amigos; se repassam notícias de políticos ou personalidades; etc.

No capítulo 6, objetiva-se resgatar as representações da política construídas pelos respondentes a partir das variações de imagem por grupos de entrevistados. Ao se analisar a vida social desses indivíduos, procura-se desvendar como eles usam, representam, agem e praticam o ativismo digital através das apropriações que fazem da política e de seus desdobramentos.

Por fim, no capítulo 7, as análises são utilizadas para identificar as estratégias e modalidades de uso das mídias sociais e de ativismo político às quais os respondentes recorrem. Com base nisso, avalia-se a forma como o discurso interiorizado revela motivações e ações socialmente partilhadas, a partir de agregações qualitativas e tendências gerais de ação dos colaboradores.

Apoiando-se nessa estruturação teórica, metodológica e analítica, as seções seguintes pretendem dar indícios de como se forma a consciência política dos usuários do Facebook interessados nesse tipo de temática, quais são os estímulos e fatores que os levam a praticar ativismo na rede e como se dá essa modalidade de ativismo.

CAPÍTULO 1 – DISCUSSÕES INICIAIS

Este capítulo inicia-se com uma revisão de estudos, cujo objetivo é discutir os principais conceitos e revisar autores que trabalham os temas-base desta pesquisa, a fim de estruturar o caminho para a elaboração do referencial teórico e dos percursos metodológicos. Para isso, abordam-se as relações entre jornalismo e política de forma geral e a relação entre jornalismo e democracia, particularmente, com a democracia digital.

Mais a frente, é proposto um debate sobre o papel das mídias sociais na sociedade, a partir do campo da Comunicação. Ao se falar em mídias sociais, estreita-se a abordagem até as redes sociais digitais e, por fim, chega-se ao Facebook, por meio de enfoque que busca compreender as influências das novas tecnologias no jornalismo e, principalmente, nas rotinas do público. Por fim, discussões sobre o surgimento, o significado e a abrangência do ativismo digital buscam correlacionar os demais tópicos apresentados.

1.1. As relações entre jornalismo e política

Os meios de comunicação e o jornalismo ocupam papel central nos processos políticos ao construir a agenda pública, fiscalizar ações do governo, canalizar demandas populares, organizar acontecimentos, dar sentido à realidade e orientar interpretações sobre política, legitimando ou deslegitimando valores (GUAZINA et al., 2015, p. 13). A cobertura política, dentre as divisões editoriais do jornalismo, acaba por alimentar parte do processo político, por meio de crítica, denúncia ou alinhamento a diferentes governos, partidos, movimentos e/ou grupos políticos (GUAZINA, 2013, p. 69). Assim, as coberturas jornalísticas sobre política expressam ideais presentes na cultura política nacional as quais, muitas vezes, são construídas pela própria mídia.

No que diz respeito à relação entre jornalismo e democracia, as opiniões de autores se dividem. Situamos nesta pesquisa argumentos das duas perspectivas. A primeira refere-se a um ideário mais romantizado da profissão. Concepção que aponta o jornalista como profissional, “por princípio, comprometido com a sociedade – que lhe delega o poder de fiscalizar as instituições em seu nome” (PEREIRA, 2004, p. 3).

Para esse grupo, o jornalista político exerce dentro do sistema democrático um saber especializado, que é reconhecido como “serviço público” ou contra-poder (TRAQUINA, 2005, p. 34). O jornalismo assume papel de porta-voz do “interesse público”, ainda que este porta-voz não tenha sido eleito pelo público, com ele se relacione de maneira mediada e tal relação seja baseada no consumo.

A profissão coloca-se em uma posição de contrapeso do poder dos governos democráticos e, assim, se legitima e ganha credibilidade, ou seja, assegura seu próprio lugar de poder dentro da sociedade (GUAZINA, 2015, p. 55). Em tal cenário, a política depende diretamente da mídia na sociedade contemporânea. “As agendas do sistema político e mesmo as decisões que dele emanam são feitas para a mídia, na busca de obter o apoio dos cidadãos ou, pelo menos, atenuar a hostilidade frente às decisões tomadas” (CASTELLS, 2006, s.n.).

Traquina (2003) retoma os princípios básicos impostos pela teoria democrática ao jornalismo, ou seja, qual deve ser a função desse frente à sociedade: 1) o jornalismo deve dar aos cidadãos as informações que são úteis, que são necessárias para que eles possam cumprir os seus papéis de pessoas interessadas na vida social e na “governança” do país; 2) o jornalismo deve ser o espaço do contraditório e da pluralidade de opiniões, uma espécie de mercado de ideias; 3) o jornalismo tem o papel de ser o cão de guarda da sociedade, protegendo os cidadãos contra os abusos do poder (TRAQUINA, 2003). Segundo essa teoria, o jornalismo deve servir à democracia ao abordar informações de interesse público. Isso porque o campo orienta o espaço público, o espaço da discussão (SILVA, 2006, p. 51).

Um segundo grupo de pesquisadores, todavia, avalia a profissão de uma perspectiva mais realista. Neste sentido, o esforço dedicado à fiscalização dos poderes políticos integraria parte da cultura jornalística, refletida no desejo do jornalista de se destacar e de dar destaque à categoria frente ao escândalo político. Haveria também uma preocupação com a ideologia profissional, que se constrói a partir de um discurso de autonomia do jornalista (DEUZE, 2005) e de desconfiança em relação às fontes políticas (GUAZINA, 2011).

Além disso, como afirma Guazina (2015, p. 56), esse tipo de postura frente à política obedece a uma lógica comercial, pois a definição do jornalismo político como

fiscalizador de poderes – em oposição ao jornalismo “chapa-branca” – insere-se em uma visão liberal e racionalista, articulada fortemente pelas teorias norte-americanas sobre imprensa da primeira metade do século XX, em detrimento a uma visão de mercado. Traquina (2001, p. 194) explica que o lado de serviço público do jornalismo tem sido diminuído, substituído por objetivos comerciais, e o público passa a ser visto como consumidor de produtos de lazer.

Diante das diferentes maneiras de se analisar a dinâmica dos meios de comunicação, Durazo Herrmann et al. enfatizam a posição contraditória da mídia, que, ao mesmo tempo, situa-se como instrumento de promoção da democracia e sustentáculo das elites autoritárias (2015, p. 18). “Paradoxalmente, a mídia é uma fonte importante de poder político, econômico e social e pode ser utilizada para concentrar poder” (DURAZO HERRMANN, 2015, p. 23). O fato de as notícias serem conduzidas por empresas privadas, que buscam o lucro, pode fazer com que interesses privados ganhem prioridade frente aos interesses públicos. “A liberdade de expressão e o pluralismo podem então ser subordinados à defesa de direitos e privilégios privados” (ibidem, p. 23).

1.2. A cobertura política e o advento da internet

Em uma conjuntura em que “a globalização econômica é também a globalização da mídia de massa, da comunicação e da informação” (RAMONET, 2003, s.n.) e quase não haveria brechas para os jornalistas exercerem um senso cívico a partir de veículos de comunicação, a midiaticização da política pela imprensa hegemônica engessa a atuação do jornalismo como canal plural de opiniões e orienta sua função de fiscal de acordo com interesses financeiros, políticos e pessoais.

A disposição padronizada e em forma de grandes conglomerados dos meios de comunicação têm gerado um desgaste na relação com o público. Com o passar dos anos, a busca de jornais e canais tradicionais como fontes de informações decresce. Indício disso é o fato de a imprensa aparecer na quarta posição no *ranking* de instituições menos confiáveis para os brasileiros, de acordo com pesquisa da Confederação Nacional de

Transporte (CNT)⁵, em parceria com o instituto MDA, realizada em 2015. Dentre os entrevistados, 13,2% afirmaram confiar sempre na mídia e 21,2% dizem não confiar nunca.

O aparecimento da internet, atrelado às mídias sociais, impulsiona transformações nesse cenário e reconfigura a posição do público frente à mídia. O cidadão passa a ter acesso a enorme quantidade de instrumentos que o aproximam do exercício democrático (como, por exemplo, o *Portal da Transparência*⁶, movimento de prestação de contas da administração pública por meio da abertura de registros financeiros e demais atos para a fiscalização da população em geral).

Para Ruellan e Adghirni (2009, p. 14), o desenvolvimento da internet, com suas novas formas, parece ter acelerado um movimento de singularização de usos da mídia, a partir de duas faces: a primeira é de singularização da recepção (o público), que ocorre pela utilização de meios nômades, com conteúdos mais especializados e vias de acesso mais fragmentadas e personalizadas; já a segunda é de singularização da produção, devido aos meios simplificados e aos dispositivos variados, mais autônomos, que são gratuitos muitas vezes e são mais acessíveis que os meios tradicionais de fabricação e de difusão da informação. Essa conjuntura também atinge o jornalismo político, a medida que a forma de produção desse se amplia a partir da web e os pontos de vista a respeito da política se diversificam.

A cobertura da política pelo jornalismo – assim como as demais –, ao adentrar o século XXI, é impulsionada pelo uso da web e o alto potencial de disseminação de conteúdo que essa tecnologia oferece. O jornalista precisaria ceder espaço à participação do público, que ganharia autonomia para também produzir/coproduzir uma informação, “que pode ser enquadrada, contextualizada, (res)significada, criticada ou apoiada por diferentes atores sociais, constituindo um debate mais público, horizontal e altamente propenso a canalizar mudanças sociais em escala local e/ou global” (GUAZINA, 2013, p. 70).

Com a popularização de mídias sociais, como blogs, Twitter e Facebook, praticamente qualquer indivíduo que tenha acesso a um computador com conexão com a

⁵ Disponível em: <http://www.cnt.org.br/Paginas/Agencia_Noticia.aspx?noticia=pesquisa-cntmda-128-divulgacao-21072015>. Acesso em 10 out. 2015.

⁶ Pode ser acessado pelo endereço eletrônico: <http://www.transparencia.gov.br>.

internet se tornaria habilitado a pautar uma discussão ou reflexão na rede. Guazina enfatiza que o debate deixa de ser liderado apenas pelos atores sociais tradicionais, como políticos, jornalistas, intelectuais, governo, partidos e movimentos sociais. Outros grupos, movimentos ou indivíduos teriam a chance de tornarem públicas suas interpretações e testemunhos dos fatos (2013, p. 70).

Assim, a cobertura política ganha mais um elemento norteador: o público e suas interações na esfera digital. O poder de pautar enquadramentos políticos é flexibilizado e abriria caminhos para uma maior participação da sociedade civil. Na era da sociedade complexa, constituída por diversos meios de comunicação e com patrimônio cultural ampliado pela memória artificial das máquinas, políticos, ativistas e pesquisadores colocam em pauta uma nova expressão: democracia digital. Trata-se de cruzamento entre dimensões da democracia e das tecnologias digitais, segundo explica Sampaio (2011, p. 250).

São “iniciativas, experiências e práticas políticas que, relacionadas aos requisitos democráticos básicos, se apoiam em recursos, dispositivos e ferramentas proporcionadas pelas tecnologias digitais como, por exemplo, a internet” (ibidem, 2011, p. 251). Nesse sentido, a internet pode desempenhar um papel importante na realização da democracia deliberativa, porque pode assegurar aos interessados em participar do jogo democrático dois dos seus requisitos fundamentais: informação política atualizada e oportunidade de interação (GOMES, 2005, p. 220).

1.3. Mídias sociais

No campo da Comunicação, as mídias sociais são estruturas utilizadas na difusão de mensagens de forma descentralizada dos grandes meios de comunicação de massa. Enquadrados nessa definição, encontram-se espaços virtuais como blogs, microblogs (Twitter), redes sociais (Facebook), fóruns, *e-groups*, mensagens instantâneas, wikis e sites de compartilhamento de conteúdo multimídia (YouTube, Flickr, SlideShare, Vimeo).

Por meio desses canais, as pessoas podem dialogar entre si e compartilhar informação a partir de blocos colaborativos de opinião (CUSTODIO, 2011, s.n.). Os usuários de mídias sociais têm oportunidade de desenvolver ideias e julgamentos por meio

de contribuições conjuntas. Esses instrumentos são impulsionados devido à capacidade que possuem de dar visibilidade a opiniões de grupos e indivíduos que antes quase nunca tinham espaço na esfera pública midiática.

Esses sistemas são idealizados para viabilizar interação social a partir de tecnologia e do compartilhamento e concepção colaborativa de informação nos mais diversos formatos, como texto, foto, vídeo e áudio (BRASIL, 2010). Ao inscrever-se em uma conta no Facebook, por exemplo, qualquer pessoa está apta a publicar conteúdos por um custo de produção e distribuição quase zero.

Entretanto, apesar de serem um meio eficiente de difusão de informação, tais ferramentas carregam várias características que as diferem fundamentalmente das mídias tradicionais. Antes de tudo, as mídias sociais se desenvolvem, essencialmente, diante de interações interpessoais ou entre grupos de indivíduos. Das interações, emergem debates e estrutura-se uma integração entre os usuários, resultando no compartilhamento e na disseminação de conteúdo, processo que se apoia sempre na tecnologia como condutora (RECUERO, 2011, p. 15).

Os veículos de imprensa, ao se inserirem nesse ambiente, abrem brechas para que as mídias sociais funcionem como instrumentos capazes de horizontalizar o fluxo da comunicação midiática, retirando o público da posição de espectador e reposicionando-o como sujeito atuante, criando, assim, diversidade cultural e apropriação dos conteúdos (BENKLER, 2006, p. 276).

Nos jornais, rádios e televisão e nos sites noticiosos vinculados às empresas de mídia tradicional, o processo se dá de outra maneira. Os meios de comunicação de massa são assinalados pelo fluxo unidirecional da informação. Estão associados à ideia de difusores de produtos culturais, sujeitos a se adequar a padronizações e a técnicas. Isso implicaria na redação homogênea de conteúdos direcionados a uma audiência massiva (PEREIRA; MORAIS, 2003, p. 2-3).

Neste trabalho, o enfoque da pesquisa volta-se para a produção noticiosa dos jornais on-line. Esses veículos são aqui compreendidos como um meio que engloba uma combinação de propriedades das mídias convencionais – como rádio, televisão e jornal impresso –, com atributos próprios inerentes ao meio da web. Tais canais são, muitas vezes, versões on-line de jornais tradicionais.

O jornalismo on-line se aproxima das redações convencionais, por exemplo, no momento de construção da notícia (JORGE, 2013), em que cabe à empresa midiática a autonomia para selecionar e conceber o que será apresentado no produto final aos leitores, levando em conta relações políticas e financeiras. Nessa composição, as notícias são escolhidas, define-se o que pautar e como construir a informação, enquanto o público é colocado em segundo plano no processo de elaboração de notícias.

No âmbito das mídias sociais, esse contexto é modificado⁷. O conteúdo jornalístico repassado por tais canais torna público o ponto de vista das audiências, que passam a poder partilhar opiniões com os produtores de notícias e entre si, a partir de uma dimensão de mídia participativa (PESSONI; PORTUGAL, 2011, p. 243), evidenciada por comentários e interações que promovem ou denigrem a informação compartilhada. Existe flexibilidade para que o receptor participe comentando ou até mesmo editando histórias e conteúdos (CASTELLS, 1999).

Essa nova abordagem sobre a relação jornalistas e públicos ocasionou uma mudança de posicionamento dos meios de comunicação para com os leitores (IUNES, 2012, p. 31). Os veículos de comunicação precisaram criar ensejos para uma maior inserção do público na produção de conteúdo. Com isso, crescem os espaços de jornalismo colaborativo em que a audiência contribui com sugestões de pauta – que podem ser efetivamente levadas em consideração – e até mesmo com vídeos que relatam acontecimentos aos quais a reportagem não teve acesso, mas o espectador estava lá e pode registrar.

Diante do aumento do uso de sites pessoais e mídias sociais por parte da audiência, desenrola-se um movimento de multiplicação das formas de produção de conteúdo apoiado nas novas tecnologias. Autores como Castells (2011) e Tredan (2011) vislumbram aí um aumento da independência do público das amarras da mídia tradicional. A imprensa alternativa impulsionada pela web ganharia espaço e passaria a servir como outra fonte possível para os leitores interessados em enxergar assuntos atuais por diferentes ângulos. Nesse sentido, destacam-se atribuições positivas da rede, como a horizontalidade na construção e circulação de conteúdo.

⁷ As mídias sociais são ferramentas usadas não apenas pelas redações on-line, mas também por veículos impressos, de rádio e de televisão. O eixo deste trabalho, contudo, volta-se para a produção de conteúdo dos sites de notícias, por isso a abordagem bibliográfica direciona-se a esses meios.

Outros autores contradizem esse entendimento e enxergam a audiência deslocando-se em busca de informação no sentido oposto ao da mídia independente e alternativa. É o caso de Fragoso, que constata que “um número cada vez maior de usuários evita o terreno movediço das páginas independentes, direcionando seus navegadores para endereços enraizados em instituições conhecidas e, preferencialmente, ‘nascidas fora da rede’” (2003, p. 9). De acordo com essa perspectiva, haveria um retorno para a lógica das demais mídias, com tendências à centralização produtiva.

Independentemente dos rumos que os usuários seguem no relacionamento com as novas e velhas mídias na rede, algo é inegável: a internet faz aumentar as evidências do quanto é inadequado se tratar o público como um grande bloco homogêneo. Apesar de não ter sido o primeiro instrumento de comunicação a gerar tal reflexão, suas ferramentas acentuam esse debate. A nova estrutura de disseminação de conteúdo permite que os questionamentos e colocações do público ressoem mais do que ressoavam antes do advento das novas mídias. A mídia alternativa ganha fôlego com a internet (DIAS, 2010, p. 10) e parte dos usuários se apoia nela para exercitar o senso crítico (PERUZZO, 2005, p. 283-284) e passa a desconfiar do que é publicado pela mídia tradicional.

1.3.1. Redes sociais

Nesta sessão, aborda-se a definição de redes sociais aplicadas a diferentes tipos de relações que extrapolam o contexto restrito ao ambiente virtual até se chegar ao conceito de sites de redes sociais. Na sequência do trabalho, a apropriação da expressão redes sociais refere-se ao seu uso mais frequente na atualidade: as páginas na internet de comunidades, perfis e interações on-line.

O fenômeno das redes sociais permeia a humanidade há séculos. Não é de hoje – nem mesmo por causa da consolidação da internet – que a ideia da interação dos indivíduos em redes chama atenção dos cientistas. A possibilidade de analisar a sociedade partindo-se do conceito de rede revelou-se como um dos focos de mudança a orientar a ciência durante todo o século XX (RECUERO, 2009).

A web, contudo, modificou o que se conhecia por redes sociais ao possibilitar a estruturação de ambientes que garantem a interação de indivíduos de diferentes grupos uns

com os outros em uma relação mediada pela tecnologia. Garton, Haythornthwaite e Wellman (1997) definem esse fenômeno como: “quando uma rede de computadores conecta uma rede de pessoas e organizações, é uma rede social” (p. 75). Tratam-se, assim, de ferramentas que têm como foco a interação entre pessoas. Dentre seus exemplos mais difundidos no Brasil estão os sites Orkut, já desativado⁸, e Facebook.

As redes sociais podem ser definidas como conjuntos de atores – indivíduos, grupos, organizações – atrelados por meio de um conjugado de relações sociais (LOZARES, 1996, p. 104), na contemporaneidade, perpassados pela conectividade.

(...) partimos, portanto, do entendimento das redes como estratégias de interações sociais, espaços de intercâmbios flexíveis, dinâmicos e em constante movimento, que não deixam de comportar relações de poder expressas nas disputas, hierarquias e assimetrias que constituem a esfera da comunicação e da cultura. As redes manifestam uma forma de estar junto, de conectar-se e formar laços, ao mesmo tempo em que podem implicar em um modo de participação social cuja dinâmica conduza ou não a mudanças concretas na vida dos sujeitos ou das organizações. (COGO; BRIGNOL, 2010, p. 6)

Os atores são o primeiro elemento da rede social e são representados pelos nós. “Trata-se das pessoas envolvidas na rede que se analisa. Como parte dos sistemas, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais” (RECUERO, 2009, p. 25). Dessa forma, as interações e a maneira pela qual a informação é apresentada aos demais indivíduos depende, em várias perspectivas, das opiniões e visões particulares da pessoa que compartilha o conteúdo, visto que tal conteúdo é parte da história e da compreensão de mundo dessa pessoa.

Devido ao distanciamento entre os envolvidos na interação social, fruto da comunicação mediada por computador, não é possível identificar os atores de imediato. O que ocorre são representações dos atores sociais e construções identitárias do ciberespaço. Segundo Recuero (2009), as redes sociais tornam-se espaços de interação, lugares de fala. São ambientes dos quais os atores se apropriam para expressar elementos de sua personalidade e individualidade.

⁸ O Orkut foi desativado no dia 30 de setembro de 2014, sob a justificativa de que os usuários estariam migrando para outras redes sociais, segundo a empresa Google, que coordenava o site. Foi preservado, contudo, um museu virtual com a história da plataforma, que pode ser acessado em: <<http://orkut.google.com/>>.

Nesse contexto, os indivíduos sentem necessidade de se fazerem notar. “É preciso ser ‘visto’ para existir no ciberespaço” (RECUERO, 2009, p. 27). Mais que isso, existe também uma demanda para que se imprimam rostos, individualidade e empatia nas informações que circulam pela rede. Apropriando-se de ferramentas on-line, usuários elaboram construções plurais de um “eu” que será apreendido pelos demais.

A espetacularização da vida é acentuada no ambiente web, pois as interações que aí acontecem possuem significativos diferenciais com aquelas do mundo físico, como o fato de os atores não necessariamente se darem a conhecer de imediato. O contexto de comunicação é mediado pelo computador, desta forma, gera-se grande potencial de se difundir conteúdos anônimos, assim como se abre espaço para as pessoas se expressarem mais livremente e sem se imporem restrições ou limites com base em regras e valores sociais.

Outro elemento relevante para se compreender a noção de redes sociais é apropriação que Recuero faz do pensamento de Wasserman e Faust (1994) e de Degenne e Forsé (1999): a ideia de conexões, as quais são um complexo de interações, relações e laços sociais. As conexões são interações fadadas a permanecer no ciberespaço (2009, p. 30), o que permite a quem se interessar buscar trocas sociais apesar de distâncias temporais ou espaciais.

A interação seria o aspecto mais básico para se alcançar relações e laços sociais. É a ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares, como reflexo social (RECUERO, 2009, p. 31). Já a relação possui conceito mais abrangente, ela engloba a unidade básica de análise de uma rede social. As relações no ambiente virtual tendem a ser mais variadas do que no mundo físico, já que há a troca de diferentes tipos de informações em diferentes sistemas. Além disso, elas não têm obrigatoriamente de ser compostas somente por interações positivas, mas podem ser também conflituosas e negativas⁹.

⁹ Isso ficou evidente, por exemplo, à época das eleições de 2014, quando as discordâncias ideológicas conduziram a inúmeras discussões via Facebook, gerando inimizades e chegando ao extremo de provocar nos indivíduos tanto estresse e frustração com o outro a ponto de romper laços de amizade na rede social (o Facebook dá ao usuário não apenas a opção de passar a ser amigo de alguém, mas também garante que os internautas possam desfazer amizades em apenas um clique). Os ânimos se exaltaram a tal ponto que o Ministério da Justiça sentiu-se no dever de intervir e lançou uma campanha de conscientização a fim de estimular os usuários a manterem os direitos individuais e a evitarem conflitos pessoais nas redes sociais.

Já os laços são elementos que dizem respeito à efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações (RECUERO, 2009, p. 38), implicando proximidade, contato frequente, fluxos de informação, conflito ou suporte emocional. De acordo com Granovetter (1973, p. 1360), esses laços sociais podem ser fracos ou fortes. Os laços fortes caracterizam-se pela intimidade, pela proximidade e pela intencionalidade em se sustentar a conexão entre duas pessoas. Já os laços fracos, por sua vez, assinalam relações esparsas, as quais não indicam proximidade ou intimidade. Essas denominações, embora reducionistas, conforme pontua Recuero, podem ser um parâmetro eficaz para se avaliar a estrutura de uma rede social, geralmente permeada por contatos de laços fracos.

Traçando-se um paralelo entre as redes sociais e o que Tredan (2011) constata especificamente sobre as mídias sociais blogs, tem-se que, em ambos os casos, a relação entre os usuários é uma dinâmica de reconhecimento mútuo de individualidades presentes. “A atividade de publicação se reveste, portanto, de uma leitura assídua feita pelos pares” (p. 13). Há um trabalho de gestão – das próprias páginas e das páginas dos demais – em que os internautas se comentam mutuamente. A interação é feita, portanto, com base em certa horizontalidade e reciprocidade (TREDAN, 2011, p. 13).

Tendo em vista a necessidade de aprovação das postagens pelos leitores, as publicações acabam por serem desenvolvidas entre tentativas e erros, condicionadas pela reação dos pares (TREDAN, 2011, p. 12). Percebe-se, assim, a ocorrência de cooperação entre os usuários, troca amparada em experiências culturais e midiáticas comuns. O indivíduo que decide reproduzir links e opiniões em mídias sociais possui duplo papel no universo da internet: é simultaneamente autor e leitor. Muitas vezes, a apropriação de conteúdos de outros portais e páginas não se limita à republicação do texto estrito, mas constitui-se em ocasião para uma reinvenção ou complementação do que foi dito pelo repórter ou articulista.

1.3.2. Facebook

Quase 1,2 bilhão de usuários ao redor do mundo acessam o Facebook todos os dias, conforme aponta balanço financeiro da plataforma referente ao terceiro trimestre de

Fonte: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/10/discussao-politica-no-facebook-abala-relacoes-de-internautas-com-amigos.html>>. Acesso em 21 abr. 2015.

2016¹⁰. O número total de usuários mensais da rede social é de 1,7 bilhão de pessoas¹¹, quantidade maior que a população da China – que possui 1,36 bilhão de habitantes e é a maior do planeta, segundo números do Banco Mundial. Só no Brasil, oito em cada dez internautas se conectam ao site mensalmente¹². Além disso, 30% da população do país efetua *login* na rede social dia após dia, são mais de 60 milhões de usuários¹³.

Hoje a empresa se destaca no setor de tecnologia e ocupa a 30ª posição no ranking de marcas mais valiosas do mundo, de acordo com pesquisa realizada pela consultoria inglesa Brand Finance¹⁴. Mark Zuckerberg, criador do Facebook, já entra para a mesma lista de Bill Gates entre as pessoas que fizeram fortuna na área – o inventor da Microsoft ainda ocupa o primeiro lugar, mas Zuckerberg se aproxima dele rapidamente ano após ano, tendo subido da nona para a sexta posição em 2014, com base em análise feita pela revista Forbes¹⁵.

A ideia, contudo, surgiu de maneira simples para atingir um pequeno público e em pouco tempo eclodiu. O Facebook foi criado em 2004 nos Estados Unidos com o intuito de organizar uma rede de contatos em um momento crucial da vida dos jovens universitários (RECUERO, 2009, p. 172), ou seja, a transição do Ensino Médio (*High School*) para a universidade. A rede social foi concebida como um facilitador para promover novas relações sociais entre estudantes.

Murthy faz um pequeno retrospecto do surgimento do site:

O Facebook, por exemplo, começa sua vida como um site de rede social exclusivo para Harvard e, em seguida, para os estudantes universitários estadunidenses em geral. A participação limitada ao site cultivava-o como um espaço universitário. Em seu princípio, páginas do Facebook rastreiam tudo, desde fatos tediosos do *campus* até acontecimentos infames e vergonhosos nas fraternidades e irmandades. O Facebook se espalha para universidades fora dos

¹⁰ Disponível em: <<http://www.telesintese.com.br/lucro-do-facebook-quase-triplica-mas-empresa-diz-que-proximo-tri-sera-mais-dificil/>>. Acesso em: 21 de out. 2016.

¹¹ Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/facebook/104163-facebook-tem-1-65-bilhao-usuarios-mensais-nao-crescer.htm>>. Acesso em: 21 de out. 2016.

¹² Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/01/facebook-revela-dados-do-brasil-na-cpbr9-e-whatsapp-vira-zapzap.html>>. Acesso em: 22 de out. 2016.

¹³ Segundo cálculo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgado em agosto de 2014, a população brasileira é de 202,7 bilhões de pessoas.

¹⁴ Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/as-50-marcas-mais-valiosas-do-mundo-em-2015-apple-e-1a>> e <<http://www.brandfinance.com/>>. Acesso em 21 de abril 2015.

¹⁵ Fonte: <<http://tecnologia.terra.com.br/50-mais-ricos-tecnologia/>>. Acesso em 21 de abril 2015.

EUA e em setembro de 2006 abre suas portas virtuais para qualquer um. (MURTHY, 2008, p. 844)¹⁶

O Facebook funciona por meio de perfis e comunidades. Os perfis, essência da rede, são uma representação on-line dos próprios usuários, mecanismos pelos quais esses estabelecem uma identidade virtual para interagir com os demais integrantes da rede. Nesses espaços é possível publicar textos, fotos, vídeos, compartilhar links e efetuar interações com outros usuários de forma coletiva e aberta ou de forma privada (LOPES, 2014, p. 78).

Em cada perfil é possível acrescentar módulos de aplicativos, como jogos e ferramentas (RECUERO, 2009, p. 172). A rede social conquista a audiência ao unir diversos itens interativos de outros programas que agradam ao usuário. Assim como acontecia no MSN, o Facebook permite que os indivíduos troquem mensagens on-line em tempo real por meio de *chat*. À semelhança do Orkut, há grupos (comunidades) nos quais as pessoas podem entrar por afinidade ao tema ou para discutir questões de interesse comum.

Além disso, para conquistar fatias cada vez maiores do mercado¹⁷, as funções do site são incrementadas aderindo a propriedades de outros sites de mídias sociais. É o caso dos *trending topics* do Twitter, ferramenta que utiliza um algoritmo matemático para identificar, a partir de palavras-chave, os temas mais comentados pelos usuários no momento. O Facebook vem implementando sua própria versão desse instrumento, o *trending*, com o objetivo de tornar-se um meio procurado pelos usuários para mantê-los mais informados. A diferença é que a lista da rede social¹⁸ será totalmente personalizada de

¹⁶ Tradução da autora para: “Facebook, for example, began its life as a social networking site which was exclusive to Harvard and then American students in general. The limited membership of the site cultivated a fairly open ‘collegial’ space. In its early days, Facebook pages tracked everything from dull campus happenings to infamously licentious fraternities and sororities. Facebook spread to universities outside the US and in September 2006 opened its virtual doors to anyone”.

¹⁷ Outro indicativo da pretensão da empresa de dominar o mercado foi a compra do aplicativo para trocas de mensagens móveis e mídia social Whatsapp, oficializada em outubro de 2014. A ferramenta, criada em 2009, se popularizou rapidamente entre os mais jovens e hoje já atinge gente de todas as faixas etárias. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/facebook-oficializa-compra-do-whatsapp-por-us-218-bilhoes-14157940>>. Acesso em 22 abr. 2015.

¹⁸ O Twitter é um microblog, não uma rede social, embora seja uma mídia social.

acordo com usos e hábitos de cada perfil. Por hora, o *trending* está disponível apenas em inglês e é restrito somente a alguns países por enquanto¹⁹.

A primeira vez que o Facebook incluiu um item do Twitter em seu site foi quando permitiu que os usuários criassem *hashtags*, ou seja, que colocassem uma cerquilha (#) na frente de uma palavra ou expressão, para que pudessem filtrar todas as postagens sobre aquele assunto. A ferramenta já era bastante popular no microblog e também passou a ser muito utilizada na rede social.

Depois, uma novidade criada pela própria plataforma modificou a estrutura do site para atender jovens e adultos que querem expressar sentimentos nas postagens ou que desejam explicitar o que estão fazendo naquele momento. É o instrumento “o que você está fazendo?” (muito parecido com o “o que você está pensando?”, do próprio Facebook, e com o “o que está acontecendo?” que o Twitter costumava utilizar). No menu de status, ao se clicar na carinha sorridente (*smiley*) surge uma lista de opções para a pessoa indicar como se sente (muito feliz, abençoada, agradecida etc.), o que está assistindo, lendo, ouvindo, bebendo, comendo, jogando, para onde está viajando ou o que está procurando.

Recentemente, também com o intuito de permitir que os usuários se expressem melhor, a plataforma vem implantando uma forma de expansão do botão “curtir”²⁰. O recurso chama-se *Reactions*, e conta com *emoticons*, denominados pela empresa de: "Love", "Haha", "Wow", "Sad" e "Angry". Eles remetem aos sentimentos de amor, divertimento, susto, tristeza e raiva, respectivamente.

Ao se analisar com um olhar sociológico mais aguçado, os registros e lembretes de eventos, aniversários de contatos, atualizações importantes, divulgação de estado civil e outras informações da rotina dos internautas fazem do Facebook uma gigantesca sala digital para o convívio interpessoal. A dinâmica da rede social, em que os usuários mensuram suas ações com base nas reações dos demais, remete à metáfora de Goffman, na qual o autor afirma que o mundo, na verdade, é uma sala de reuniões. É uma cerimônia onde se dá a reafirmação de valores de determinada comunidade (GOFFMAN, 1959). No âmbito virtual, esse processo se propaga e até se acentua, tendo em vista a relevância que

¹⁹ Fonte: <<https://www.facebook.com/help/1401671260054622>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

²⁰ Disponível em: <<http://idgnow.com.br/internet/2015/10/08/facebook-pode-substituir-o-botao-curtir-por-varios-emoticons/>> e <<http://olhardigital.uol.com.br/noticia/facebook-comeca-a-transformar-o-like-em-um-conjunto-de-emoticons/51997>>. Acesso em 19 out. 2015.

ganham a opinião (por meio de comentários) e, em especial, a aprovação do outro (a partir de curtidas e compartilhamentos).

A interação entre os usuários do Facebook se estrutura de maneira colaborativa e participativa. O convívio e os embates gerados nesse universo moldam o *status* da pessoa frente aos demais usuários na rede e, cria-se, a partir dos hábitos de usos e posicionamentos do público, uma espécie de código de conduta do que deve ser feito ou dito nesse meio (CALMON, 2011, n.p.). Surgem valores e uma cultura de acordo com laços afetivos (de amizade, amorosos e até de antipatias ou inimizades), vínculos hierárquicos (conforme a popularidade do usuário em seu círculo de contatos) e preocupações relativas à imagem de si mesmo (física, intelectual, psicológica) transmitida pelos indivíduos.

As construções culturais próprias desse ambiente se evidenciam, por exemplo, por meio das alterações de *status* de relacionamento dos usuários. Há um cuidado em avisar aos demais se se está solteiro(a), noivo(a), casado(a), separado(a), viúvo(a), em um relacionamento sério ou em um relacionamento enrolado – conforme as opções de *status* oferecidas pela rede social –, explicitando a valorização da opinião do outro e a necessidade de sustentar uma representação específica de si. Situações similares de realce do que os outros vão achar de determinada postagem ou foto retratam o principal valor intrínseco ao Facebook: é importante para o público ser reconhecido naquele meio.

No que tange o jornalismo, ao comentar e replicar informações na plataforma, os usuários impulsionam um processo de recirculação de conteúdo (ZAGO, 2011, p. 44), atribuindo ressignificação a esse. Isso ocorre quando, após consumir uma notícia, o público se apropria dos espaços sociais da internet para divulgar – através do link para a matéria – um recorte próprio do acontecimento ou manifestar opinião sobre o ocorrido. Ao se apropriar das informações e repassá-las a amigos e conhecidos, imprimindo considerações e opiniões individuais a esse material, a pessoa faz um esforço para ser vista e lida e, quem sabe, comentada e até compartilhada.

Integrando-se às diversas interações entre o público do Facebook, articulam-se debates argumentativos e discussões sobre diferentes temáticas, dentre elas, destaca-se a conversa sobre política e seus desdobramentos.

1.3.3. Ativismo digital no Facebook

Juntamente com outras ferramentas do tipo, o Facebook firma-se como aspecto fundamental da Web 2.0, a chamada fase interativa da internet (MURTHY, 2008, p. 844). O crescimento de sites populares como MySpace e Facebook possibilita aos usuários que conversem publicamente com amigos e conhecidos sobre os meandros de suas respectivas vidas diárias.

Todavia, as redes sociais também podem ser utilizadas com enfoque mais voltado ao ativismo social. A velocidade e extensão que os conteúdos atingem tornam esses instrumentos impactantes. Com isso, os indivíduos podem, a princípio, se apropriarem da tecnologia para aperfeiçoar processos democráticos, exercer com mais eficiência a cidadania e se posicionarem como vigilantes de ações políticas, econômicas e sociais tomadas pelo Estado²¹. Assim como podem usá-la para organizar um golpe de Estado.

Mas a informação advinda do Facebook, que chega pronta e é direcionada conforme hábitos de uso de cada indivíduo, também traz fragilidades. Segurado (2015) explica que, em um momento em que a democracia vive uma crise de representativa em todo o mundo (evidenciada pela expressão #nãomerepresenta, símbolo do ativismo digital), o surgimento de grupos com discurso fácil e inconsistente, que se apresentam como alternativa às lideranças tradicionais, deve ser observado com cuidado²².

“Aqueles que não conhecem a dinâmica da política podem facilmente cair no canto da sereia. Na política não existe vácuo e alguém sempre ocupará o espaço vazio” (SEGURADO, 2015, n.p.). A pesquisadora cita a Primavera Árabe como exemplo disso, ocasião que possibilitou que muitos tunisianos fossem recrutados pela organização *jihadista* Estado Islâmico para lutar na Síria e no Iraque. A despeito disso, a Primavera Árabe despontou, em 2011, como um marco das chamadas “wikirrevoluções” – revoluções que se autogeram e se auto-organizam e nas quais as lideranças são puros símbolos (CASTELLS, 2011, n.p.), existem, mas não detêm poder.

²¹ É o que ocorre, por exemplo, por meio da plataforma de petições on-line Avaaz, ferramenta de mobilização em prol de causas urgentes e variadas, que englobam desde a pobreza mundial até conflitos no Oriente Médio e mudanças climáticas. Disponível em: <<http://www.avaaz.org/po/about.php>>. Acesso em 19 out. 2015.

²² Disponível em: <<http://tab.uol.com.br/ativismo-digital/>>. Acesso em 19 out. 2015.

Diante disso, Castells defende que “a transformação das tecnologias de comunicação cria novas possibilidades para a auto-organização e a automobilização da sociedade, superando as barreiras da censura e repressão impostas pelo Estado” (2011, s.n.). Em contrapartida, ele esclarece que a simples existência e uso da ferramenta da internet não são suficientes para acarretar desdobramentos do tipo. É preciso que a população sofra com situações de opressão, exploração ou humilhação.

Por outro lado, há grupos que questionam o papel das mídias sociais na Primavera Árabe e a efetiva autonomia da participação dos manifestantes no decorrer da revolução. Autores como Cartalucci (2011) e Bandeira (2013) acreditam que os Estados Unidos estariam por trás dos protestos, como estratégia para garantir a hegemonia política na região. O engajamento social teria sido inicialmente forjado e financiado pelo país e por instituições ocidentais, em prol de interesses econômicos e ideológicos (CARTALUCCI, 2011, s.n.). O movimento, dessa forma, não teria sido espontâneo, mas, sim, estimulado por questões relacionadas ao mantimento e expansão de poder estadunidense, por meio do financiamento da oposição em países democraticamente fragilizados (BANDEIRA, 2013, s.n.).

De toda forma, as mudanças ocasionadas pela tecnologia, desencadeiam uma tensão na conjuntura social: como os veículos tradicionais devem se posicionar frente à autonomia gerada pela internet ao público? Sobre isso, Castells observa: “Os grandes meios de comunicação não têm escolha. Ou aliam-se com a internet e com o jornalismo cidadão, ou irão se marginalizando e tornando-se economicamente insustentáveis” (2011, s.n.).

Para o autor, não há poder que possa se opor às mudanças radicais de pensamento de um povo, uma vez que ocorram alterações no contexto social que façam com que as pessoas modifiquem o modo de ver as coisas e passem a pensar de maneira diferente por si mesmas, não há como o Estado detê-las (Castells, 2006). Para além do poder político, reflete-se aqui a figura da imprensa enquanto instrumento capaz ou não de conter transformações que emanam dos cidadãos.

No âmbito do jornalismo no Facebook, há ainda uma contradição: a rede social oferece notícias personalizadas de acordo com o que o usuário consome e acessa, apesar de, por outro lado, garantir espaço para aprofundamento do conhecimento. “A internet abriu espaço para aprofundarmos no conteúdo, mas a gente segue a lógica da *timeline*:

rolar a tela para baixo de forma infinita, esperando o que vem em seguida. O conteúdo passa e já cai no esquecimento” (PORTO, 2015, n.p.).

Deve-se se considerar também os impactos do algoritmo do Facebook na navegação do usuário pela rede social. Esse mecanismo reorienta os conteúdos que aparecem para o público de acordo com seu perfil de consumo e a fim de dar destaque a anúncios publicitários. A dinâmica provoca queda no alcance de páginas não patrocinadas (AGUIAR, 2016). Nos últimos anos, uma série de alterações no algoritmo foram implementadas pela empresa para evidenciar ainda mais os anúncios pagos frente àqueles que despontam na linha do tempo segundo dispositivos de organicidade da plataforma.

Mas como as interações no Facebook acontecem efetivamente?

O público da rede social tece comentários e reproduz conteúdo geralmente por meio de páginas pessoais (com exceção do uso de perfis falsos), diferentemente do que ocorre em outros espaços na rede (como comentários em sites de notícias ou em blogs). Ou seja, o ambiente não é permeado pelo anonimato, que muitas vezes é elemento encorajador para se expor opiniões na internet. Isso pode gerar apreensão e maior policiamento por quem utiliza a plataforma para registrar o que pensa.

Os hábitos e usos do público da rede social são frequentemente pautados por uma vontade do usuário em ser lido com assiduidade, ainda que apenas por um público previamente selecionado – ou seja, os amigos e contatos do indivíduo²³. Tal conjuntura depende de identificações geradas entre grupos humanos que possuem assuntos ou interesses em comum. Os membros dos grupos são influenciados por referências culturais partilhadas, interseccionadas por redes locais de pertencimento e por sistemas de representação culturais (TREDAN, 2011, p. 21). A soma desses diferentes grupos sofre interferências da mídia e de outros campos e a partir dessas interações elaboram-se legitimidades culturais. O jornalismo curtido, comentado e compartilhado no Facebook surge como um catalisador desse processo.

²³ O que se dá, por exemplo, quando o perfil do Facebook de uma pessoa possui conteúdo restrito para a visualização só de amigos e de amigos de amigos.

1.4. Jornalismo on-line nas redes sociais

Esta seção aborda a inserção do jornalismo no ambiente digital, a começar pelo desenvolvimento do webjornalismo por meio de portais na internet, passando pela inserção dessa prática profissional nas mídias sociais, até alcançar as redes sociais e o Facebook. Paralelamente, busca-se mostrar as adaptações e mudanças que o jornalismo precisa fazer para atingir o público do universo on-line.

1.4.1. O surgimento e as características do jornalismo on-line

O webjornalismo seria transpassado por seis características propostas por Palácios. A convergência, que aborda o fato de a rede suportar conteúdos em diferentes formatos (texto, áudio e vídeo). A interatividade, que se dá tanto com os leitores como dentro da notícia, levando-se em consideração que a navegação em hipertexto também seria uma situação interativa. A hipertextualidade, a qual se apropria de hiperlinks para complementar alguma notícia. A personalização do conteúdo, que permite adequá-lo ao perfil do leitor. Por fim, a memória e armazenamento de informações e a atualização contínua de informações (PALÁCIOS, 2002, p. 18-20).

Ao passo que alguns formatos já consagrados do texto jornalístico persistem no novo cenário, como o lead e a pirâmide invertida (MORAES, 2004) e os critérios de noticiabilidade (JORGE, 2007), novas rotinas e formatos para o conteúdo jornalístico emergem. Com as inovações tecnológicas e as novas possibilidades de uso e interação da rede, criou-se um ideal em torno da produção noticiosa para a internet, um imaginário que coloca a redação em constante fechamento, com repórteres que entram e saem do local a toda hora, usando equipamentos de alta tecnologia e com grande aplicação de recursos hipertextuais e multimídia (PEREIRA, 2003, p. 10).

Contudo, pesquisadores (PEREIRA, 2003; JORGE, 2013; LE CAM e PEREIRA, 2013) que foram a campo estudar essas redações encontraram um cotidiano baseado essencialmente na atividade de copiar notícias produzidas por fontes externas aos sites. Para além de um descompasso entre tecnologia e rotinas produtivas, há, segundo Pereira (2003), uma sobreposição de constrangimentos técnicos, sociais e econômicos no trabalho do jornalista.

Ademais, as inovações não implicam, contudo, que a internet seja o grande marco revolucionário e único da história do jornalismo. Ela é, sim, uma ferramenta importante e singular, mas antes de sua consagração já existiam formas de interatividade e multimídia no jornalismo. Em outros termos, não se trata de determinismo tecnológico. Indo ao encontro do que coloca Castells (1999), “é claro que a tecnologia não determina a sociedade”, na verdade, como sugere o autor, “a tecnologia é a sociedade”²⁴ (p. 43), no sentido de que é parte intrínseca dessa.

Quanto ao jornalista, sua rotina produtiva é impactada pela internet ao tornar-se mais pesada e acelerada. O fluxo contínuo de notícias exige que esses profissionais estejam atentos o tempo inteiro para responder à pressão do *deadline*. O contexto de velocidade do jornalismo on-line pode, assim, fragilizar a apuração dos fatos:

Ao constituir-se num ambiente onde os jornalistas se movem em busca de informação, onde exercem a tarefa de escolher entre centenas de acontecimentos aqueles que merecem o *status* de notícia, a Internet pode debilitar o processo da checagem, enfraquecendo o jornalismo de verificação, a medida que permite fácil acesso às matérias e as declarações sem que faça o trabalho de investigação. (BIANCO, 2004, p. 4)

A distribuição de tarefas também sofre alterações. De acordo com Jorge et al. (2009), sites de notícias como o G1 e o UOL permitem a publicação da matéria no site sem revisão do editor (p.78). Recai sobre o jornalista a responsabilidade de ser o redator e o editor do texto que redige. O objetivo disso é garantir que aquela informação chegue à frente da do concorrente.

Na sequência dos acontecimentos, à medida que os fatos se desenrolam, é comum que o repórter vá adicionando novos detalhes à matéria que já está disponível no site. A necessidade de constante renovação da notícia exige dos webjornalistas múltiplos horários de fechamento, em contraste com o impresso, que demanda textos fechados no fim do dia para serem encaminhados à gráfica.

1.4.2. Mídias sociais: novas extensões do jornalismo na internet

As novas mídias vêm se consolidando como fontes alternativas de acesso a informações. Redes de relacionamento, como o Facebook, microblogs (como o Twitter), e

²⁴ Grifo do autor.

agregadores de vídeo (Youtube e Videolog, por exemplo) seriam, nesse sentido, plataformas viáveis para potencializar a comunicação entre jornalistas e o público e entre os próprios cidadãos.

Fischer, ao caracterizar a internet, aponta o papel de extensão dos meios de comunicação como um dos três aspectos definidores da rede. Para o autor, ela atuaria como um banco de dados, uma mídia e um ambiente de relacionamento (2008, p. 48)²⁵. À medida que evolui, a internet demanda do indivíduo que se apresente, se identifique e personalize as atitudes no espaço virtual a fim de efetivamente ingressar naquele universo. As mídias sociais emergem, então, como uma dinâmica que se convencionou chamar de web 2.0, que alavanca a colaboração do público na rede:

Poderíamos falar de *várias internets* com características diferentes, que combinam apropriações que se aproximam da lógica midiática, às vezes muito próxima às mídias tradicionais, e outras que se relacionam a um meio de comunicação interpessoal, pelo seu caráter interacional. Em função da impossibilidade de tratar da internet de forma homogênea, precisamos entendê-la como um ambiente comunicacional que combina elementos, processos e lógicas diversos. (COGO; BRIGNOL, 2010, p. 10)

Ou seja, a rede carrega como característica um hibridismo que permite que os usuários a utilizem como meio de comunicação e também como espaço de relacionamentos. O público, a frente desse sistema comunicacional, acaba por construir uma nova cultura a partir da web. Para tratar dessa nova forma de comunicação em massa – que, apesar disso, é produzida, recebida e experimentada individualmente –, Castells (2006) elaborou o conceito de *Mass Self Communication*, em referência à intercomunicação individual. A expressão define as apropriações da audiência pela internet e também pelo uso de telefones celulares como uma forma de organização, um espaço para debates e para intervenções.

Segundo o autor, a intercomunicação individual é utilizada por movimentos sociais de todo o mundo, por meio das mídias digitais. Porém, eles não são os únicos a utilizar essa nova ferramenta a fim de promover mobilização e organização. “A mídia tradicional tenta acompanhar esse movimento e, fazendo uso de seu poder comercial e midiático passou a se envolver com o maior número possível de blogs”, observa (2006, s.n.).

²⁵ A característica de “ambiente de relacionamento” engloba propostas como o Facebook e ferramentas do gênero, nas quais é possível inserir, personalizar e compartilhar conteúdo.

Por meio da *Mass Self Communication*, surge a tendência de movimentos sociais e indivíduos se engajarem criticamente para agir frente à grande mídia, para confrontar informações, desmenti-las e até produzir conteúdo autônomo. Mas Castells (2006) observa que esse cenário não contrapõe de um lado a mídia aliada ao poder e, de outro, as intercomunicações individuais associadas aos movimentos sociais. Na verdade, cada uma delas opera sobre uma dupla plataforma tecnológica. Ainda assim, o autor aponta que o surgimento e fortalecimento dessas redes ofertam à sociedade maior capacidade de controle e intervenção e maior organização política aos que não pertencem ao sistema tradicional.

Ao se adequar a essa realidade e ao impacto das mídias sociais, o jornalismo online precisa se desdobrar em ambientes digitais para além de sítios. Por exemplo, tornou-se corriqueiro os jornalistas opinativos consagrados dos veículos ganharem espaço em blogs vinculados à empresa de comunicação. Jorge et al. (2009) notam que a migração para os blogs é feita com o deslocamento para esses espaços de profissionais que já adquiriram notoriedade na mídia convencional (p. 84).

Além disso, a despeito das empresas midiáticas, é, muitas vezes, nos blogs jornalísticos que profissionais enxergam uma chance de se desprender das amarras políticas, econômicas e ideológicas impostas pelos veículos de imprensa. Esses espaços seriam um refúgio para o jornalismo de opinião e análise (JORGE et al., 2009, p. 83; ADGHIRNI e PEREIRA, 2006). Como objeto de comunicação, o blog representa a conquista de um espaço para si na internet também para usuários comuns. Em uma perspectiva mais atual, esse papel se amplia para mídias sociais como o Facebook e o Twitter.

A interação dos veículos de mídia por meio do Twitter, por exemplo, permite que manchetes sejam rapidamente difundidas, somado ao fato de o instrumento permitir grande propagação de conteúdo. Os usuários, por sua vez, ajudam a reforçar e expandir o alcance da mensagem através da função *retweet*. O Twitter atua, assim, como uma ligação entre o público e os portais de notícias, sendo uma maneira de gerar mais acessos aos jornais online. Prado (2011, p. 198) afirma que ao postar uma notícia no Twitter, mesmo que de forma reduzida, os internautas comentam e ampliam a discussão em torno dela,

desdobrando-a, repercutindo-a, o que faz com que uma nova forma de debater os fatos do cotidiano surja a partir do formato de microblog.

Já o Youtube, site de compartilhamento de vídeo on-line que permite que os usuários enviem e compartilhem vídeos na internet através de portais, dispositivos móveis, blogs e e-mail (SAFKO; BRAKE, 2010, p. 160), posiciona os usuários como peças importantes na produção do que se conhece por jornalismo cidadão ou jornalismo colaborativo, que conta com a contribuição de cidadãos comuns, sem formação na área, no processo de coleta, escrita, análise e disseminação de conteúdos informativos.

Essa nova estrutura comunicacional também aproxima a audiência das mídias sociais da política. Jouët et al. (2011) apontam que as práticas digitais estão se desenvolvendo, embora em sua pesquisa os autores tenham constatado a prevalência do uso dos meios de comunicação de massa para informação política e do intercâmbio político principalmente nas redes sociais comuns da vida diária. Além disso, observam que pessoas que estão mais envolvidas em informações e práticas políticas na internet também são aquelas que anteriormente já tinham um grande interesse em acontecimentos atuais.

No Brasil, experiências como as manifestações de junho de 2013 e a campanha presidencial de 2014, mostram que o cenário pode estar mudando. “Até 2010, as redes sociais eram, na melhor das hipóteses, apenas complementares nas campanhas, que estavam focadas basicamente na televisão. Mas agora há uma campanha sendo realizada nas redes sociais, que se tornaram um espaço fundamental” (AVRITZER, 2014, n.p.). Porém, ainda é difícil mensurar o real impacto dessas ferramentas na política e elas ainda não superam o alcance da televisão, que está presente em mais de 97% dos lares brasileiros²⁶.

Com o desenvolvimento da internet, já se pode esperar mudanças importantes nos processos de construção e disseminação de informação política. Jouët et al. (2011) acreditam que, modificando a ecologia das fontes de informação e canais, a internet afeta drasticamente práticas de cidadania nas democracias modernas.

Somado a isso, fatores sócio-estruturais influem na utilização da mídia e da internet e também no engajamento político. O interesse em questões públicas varia de acordo com

²⁶ Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/redes-sociais-ganham-importancia-mas-ainda-nao-definem-eleicao-5440.html>>. Acesso em: 28 out. 2015.

a classe social, a escolaridade e a idade, indicando forte relação entre um elevado nível de consumo de notícias, por um lado, e de consciência política e interesse em assuntos públicos, por outro lado (JOUËT et al., 2011, p. 362). A educação é um elemento de destaque para estimular o interesse do indivíduo em assuntos da sociedade em que vive.

Diante disso, parte dos pesquisadores argumentam que a internet pode contribuir para a diversificação das fontes de informação política e colaborar para que a população se torne mais interessada pela temática, enquanto outros argumentam que a internet gera uma maior divisão política entre os indivíduos e aumenta a polarização. Apesar disso, uma inovação é inegável quanto à disseminação do uso da web: a forma de absorção de informação política, já que as conversas agora podem se desenvolver tanto no âmbito off-line quanto no on-line (JOUËT et al., 2011, p. 362-363). Assim, as mídias sociais vêm se firmando como novas extensões do jornalismo na internet. O Facebook, enquanto instrumento bastante difundido no Brasil e por causa das facilidades que possui para compartilhamento de diferentes tipos de mídia, tem se destacado nesse cenário.

1.4.3. O jornalismo curtido, comentado e compartilhado no Facebook

A circulação da produção jornalística deixou de acontecer apenas pelos canais tradicionais de difusão (impresso, rádio, televisão e, mais recentemente, sites de notícias). Os veículos precisam recorrer também para canais acessórios a fim de divulgar o que produzem. O uso das mídias sociais pelas empresas midiáticas ganha força e o Facebook, enquanto representante mais significativo dentre as redes sociais, se sobressai mercadologicamente.

Exigências sociais, tecnológicas e econômicas da contemporaneidade impelem o jornalismo on-line²⁷ a estar presente na plataforma. Isso gera modificações estruturais no campo jornalístico, pois na rede social a atividade dos usuários tem impacto significativo na difusão das notícias advindas dos jornais digitais. A difusão da informação e a leitura do conteúdo jornalístico dependem diretamente da atividade anônima desses usuários interconectados (ZAGO; BASTOS, 2013, p. 118). A apropriação dos usuários e seus

²⁷ As demais formas de se fazer jornalismo (rádio, televisão e impresso) também estão presentes em mídias sociais e no Facebook. Contudo, aqui se destaca o jornalismo on-line por ser a variação da área de interesse desta pesquisa.

hábitos de uso da rede social supõem engajamentos, em graus e intensidades variáveis (TREDAN, 2011, p. 8), os quais se refletem de alguma maneira nas estruturas da mídia. A atividade de publicação, tanto dos usuários quanto da imprensa, depende, assim, de diferentes campos de atuação e da inter-relação entre eles.

O formato do Facebook, por sua vez, colabora na divulgação das notícias e no processo de dar maior visibilidade a essas, já que os usuários podem comentá-las dentro da própria rede social e, assim, gerar discussões em torno do assunto, além de poderem também curtir e/ou compartilhar postagens, permitindo que outros usuários vejam as informações em suas próprias linhas do tempo (VIRGINIO et al., 2011, p. 5). As curtidas e comentários sobre os acontecimentos são formas potenciais de espalhar informações e fazê-las percorrer sub-redes, as quais levam a um efeito que se perpetua (RECUERO, 2009). Esse princípio da conexão em rede repassada em série define o que se convencionou chamar de “viral”, conforme explicam Zago e Bastos (2013, p. 119).

Transformar as notícias em virais é a pretensão das empresas de comunicação. Quanto mais o conteúdo circula pela rede, gerando debate de ideias e até mesmo polêmicas, mais destaque acarreta para os jornais. Além disso, há os reflexos do efeito denominado vantagem cumulativa, no qual quanto mais um texto é citado, maior é a tendência de ser citado ainda mais (PRICE, 1965, p. 510). É o que costuma acontecer nas redes sociais. Os *posts* mais populares aparecem com maior regularidade para os usuários. Portanto, o público e as interações que dele decorrem são instrumentos que contribuem para que empresas midiáticas alcancem objetivos de mercado.

Dessa maneira, a presença do jornalismo no Facebook é delimitada pela forma como o público faz uso da plataforma. As posturas dos usuários definem o percurso a ser feito pelas notícias nesse ambiente. Algumas características do uso da rede social são fatores que definem a repercussão do conteúdo. Por exemplo, o fato de os comentários pelos pares – amigos e conhecidos que acompanham as publicações de determinado usuário – serem aguardados pelo indivíduo que posta ou compartilha uma matéria, implica que ele tenda a ser seletivo e cuidadoso a respeito do que postar ou compartilhar, de acordo com o perfil de seus interagentes.

“Essa preocupação por um reconhecimento a partir da publicação leva os indivíduos a investir em suas atividades, a dar um formato a suas histórias, a estarem à

espreita dos conteúdos suscetíveis de satisfazerem os leitores” (TREDAN, 2011, p. 8). Na rede social tal processo se mostra por meio da ânsia por curtidas e comentários e na cautela de usuários em postar materiais que vão repercutir, de preferência positivamente, entre seus seguidores.

Outra forma de influência na relação mídia-usuário é a recorrente prática entre o público de selecionar previamente algumas páginas noticiosas e opinativas para acompanhar regularmente, nas quais se apoiam para reproduzir o que pensam sobre determinadas questões políticas e sociais. Além disso, também há uma parcela do público que copia *links* a postagens ou utiliza a ferramenta “compartilhar” para reproduzir uma notícia completa.

1.5. Ativismo digital: conceitos e definições

Desde a disseminação da internet e com o surgimento de mídias sociais, iniciou-se um movimento em que pessoas comuns ganharam espaço e voz para expor ideias, opiniões e até fazer seus próprios relatos sobre aquilo que veem ou vivenciam. Essas tecnologias também se tornaram ferramentas para desenvolver ativismo político, permitindo a diferentes grupos extrapolar sua realidade local e expor ideais e propostas de forma mais ampla.

O movimento Zapatista no México foi o primeiro a se apropriar da internet como instrumento de mobilização e articulação, ainda na década de 1990. Recolhidos à selva, para promover diálogo com a sociedade civil e articular ações políticas, o grupo passou a recorrer à internet²⁸. Já no âmbito da comunicação, os blogs foram o impulso inicial do ativismo digital. Ganharam notoriedade ao adentrar o espaço da política e do jornalismo e, a partir disso, os blogueiros tornaram-se difusores de informações (MAGALHÃES, 2010, p. 13). Assim, outros atores, que não os profissionais da área midiática, também começaram a propagar conteúdo, em uma dinâmica amparada pela web que rompe estruturas dominantes de poder no acesso à informação (DUARTE, 2014, s.n.).

²⁸ O Exército Zapatista de Libertação Nacional surgiu a partir da união de um pequeno grupo político urbano com povos indígenas da Selva Lacandona, com o objetivo de lutar pela democracia e pela divisão justa de terras (OLIVEIRA; NUNES, 2011, p. 108). De orientação socialista, os zapatistas pretendiam desencadear uma revolução, tal qual ocorrera em Cuba (RIVELLO, 2008, p. 13). Em 1994, o EZLN entrou em luta armada contra o exército federal do México por 12 dias, mas, em seguida, estabeleceu uma trégua com o governo.

Profissionais do setor e dissidentes da área também passam a ganhar voz de uma maneira diferente a partir dessas ferramentas. Guazina (2013) aborda essa nova dinâmica ao tratar do caso dos blogueiros brasileiros que se intitulam “progressistas” ou “sujos”. Eles são profissionais experientes, advindos do mercado, que assinam blogs independentes a fim de registrar sua opinião política, divergente daquela defendida pela mídia hegemônica. Entre esses jornalistas estão Altamiro Borges (<http://altamiroborges.blogspot.com.br/>), Luis Nassif (<http://jornalggn.com.br/luisnassif>), Luiz Carlos Azenha (<http://www.viomundo.com.br/>) e Paulo Henrique Amorim (<http://www.conversaafiada.com.br/>) (GUAZINA, 2013, p. 72).

Com a consolidação da rede, apareceram outras ferramentas de publicização do ponto de vista dos usuários e que permitem uma ampliação de perspectivas que vai além daquilo que é apresentado pela mídia hegemônica. Somadas, esses instrumentos dão origem a um novo ambiente, que abre espaço para que atores sociais não tradicionais se tornem potencialmente mais proativos em meio ao debate político. As mídias sociais são instrumentos que pessoas comuns encontraram para exercer tal proatividade. Juntos, usuários da rede vêm formulando um novo modelo de mobilização política: o ativismo digital.

1.5.1. O que é ativismo digital?

O termo desponta a partir da constatação de que a tecnologia teria transformado o próprio ativismo, assim como os conceitos de participação, espaço democrático, identidade coletiva e estratégia política (FELICE, 2013, p. 54). Contudo, o ativismo digital, embora já tenha se mostrado na prática, ainda não é um conceito claramente definido e único. Coelho e Costa (2013, p. 9) o compreendem como “um fenômeno que surgiu a partir das transformações tecnológicas de informação e comunicação, as quais possibilitam o diálogo entre os cidadãos e os auxiliam na organização de eventos e fóruns em prol de causas determinadas”.

A prática do ativismo digital já existia em meados de 1990, à época do início da comercialização da internet, porém, não era amplamente divulgada (SCHOLZ, 2010, p. 17). Mas a influência e o potencial das TICs na participação política e social têm sido debatidos desde os anos 1970, devido ao uso de videoconferências, de câmaras de vídeo

portáteis e da televisão por cabo na produção mediática, com o envolvimento de grupos da comunidade (SEBASTIÃO; ELIAS, 2012, p. 62)²⁹.

Atualmente, o ciberativismo ou ativismo digital seria uma modalidade de organização e ação política marcada pela difusão de informações na rede com o intuito de realizar ocupações, manifestações e protestos voltados para temáticas de direitos humanos, civis e ambientais. “Esse tipo de ativismo midiático tem nas novas tecnologias de comunicação uma aliada valiosa para o fortalecimento das organizações, tanto local quanto globalmente, para a coordenação de campanhas e protestos, para a difusão de informações, denúncias e petições” (FELICE, 2013, p. 54).

Os ativistas – e também os outros usuários da internet – contariam com a vantagem de a rede lhes permitir se desvencilhar de “filtros” tradicionalmente vinculados a notícias, como a perspectiva de repórteres e funcionários do governo. A rede deixa que os usuários selecionem por conta própria informações nas quais eles estejam interessados (DANITZ; STROBEL, 2001, p 165).

A internet tornou-se, assim, uma ferramenta poderosa quando usada para organizar ativistas distantes; para compartilhar rapidamente notícias ou para replicar estratégias bem sucedidas de um local para outro; ou ainda para concentrar ativistas em torno de um único e bem definido objetivo (DANITZ; STROBEL, 2001, p 169). No entanto, ela não garante o sucesso de campanhas mais amplas com vista à mudança social ou política.

1.5.2. Em que contexto o ativismo digital surge e se desenvolve

O ciberespaço viabiliza o desenvolvimento de ativismo, visto que é capaz de acolher inúmeras vozes e grupos alinhados às mais diversas causas (SEBASTIÃO; ELIAS, 2012, p. 62). Com o ativismo digital, um público que, a princípio, não se envolvia com o ideário do ativismo, passou a aderir e participar desses movimentos (COELHO; COSTA, 2013, p. 10). A rede leva cidadãos comuns a se interessar por temáticas políticas e a se

²⁹ A partir da ampliação do acesso à rede, as relações comunicacionais foram reformuladas. Criaram-se veículos de comunicação mais interativos, os quais, no Brasil, tiveram sua difusão alargada para um maior número de pessoas com o crescimento de renda decorrente do desenvolvimento da classe média (COELHO; COSTA, 2013, p. 10). Em 2014, quase 55% da população brasileira tinha acesso à internet, segundo relatório de acompanhamento do setor de telecomunicações, baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD – TIC 2014).

engajar com causas com as quais têm afinidade. Além disso, a tecnologia também abre espaço para movimentos sociais expandirem seu alcance, divulgarem suas ações e atingirem diferentes públicos.

A internet apresenta-se, portanto, como um meio propício para a criação de novos espaços de debate, para o exercício de pressão e de influência no processo de comunicação política e também para a elaboração de políticas públicas (SEBASTIÃO; ELIAS, 2012, p. 62). Estrutura-se, dessa forma, a prática da *e-participação*, ou seja, a participação política utilizando a internet.

Todavia, a construção do conceito de ativismo digital se faz em meio à reflexão dos reais impactos do engajamento dos usuários contra as influências de uma cultura política já historicamente enraizada que estaria por trás desses movimentos que se sobressaem na rede e até nas ruas. A visão de McQuail sintetiza esse conflito entre os benefícios acarretados pelo ciberativismo e a manipulação política dos partidos no relacionamento com os usuários:

Os novos meios de comunicação eletrônicos têm sido amplamente saudados como uma potencial forma de fuga das políticas opressivas *'top-down'* (hierárquicas) de democracias de massa em que os partidos políticos fortemente organizados fazem política unilateralmente e mobilizam o apoio por trás deles com negociações mínimas e de entrada de base. Os meios fornecem recursos para a prestação altamente diferenciada de informação política e de ideias, acesso quase ilimitado, em teoria, para todas as vozes, e muito *feedback* e negociação entre líderes e seguidores. Eles prometem novos fóruns para o desenvolvimento de grupos de interesse e para a formação de opinião. Também permitem que o diálogo ocorra entre políticos e cidadãos ativos, mas sem a intervenção inevitável de uma máquina do partido³⁰. (McQuail, 2000, p. 135-136)

Um exemplo ilustrativo das nuances questionáveis na relação entre atores sociais tradicionais (mídia e políticos) e os novos ativistas digitais são as jornadas de junho. No Brasil, esses protestos são apontados por alguns críticos como manobra política da mídia e da direita para enfraquecer o governo de Dilma Rousseff. Secco (2013, s.n.) pontua que a imprensa corporativa e o pensamento de direita mudaram o caráter das manifestações, que,

³⁰ Tradução da autora para: “The new electronic media have been widely hailed as a potential way of escape from the oppressive ‘top-down’ politics of mass democracies in which tightly organized political parties make policy unilaterally and mobilize support behind them with minimal negotiation and grassroots input. They provide the means for highly differentiated provision of political information and ideas, almost unlimited access in theory for all voices, and much feedback and negotiation between leaders and followers. They promise new forums for the development of interest groups and formation of opinion. They allow dialogue to take place between politicians and active citizens, without the inevitable intervention of a party machine”.

inicialmente, foram pautadas pela esquerda e, na sequência, encabeçadas pelos meios de comunicação tradicionais. Segundo essa vertente, a onda conservadora de junho de 2013 teria se estendido e ganhado força até 2016, com as manifestações que se seguiram após a vitória de Rousseff nas eleições em 2014. Esses protestos foram peça chave para, posteriormente, fortalecer o afastamento da presidenta.

Ao tentar traçar o perfil dos ativistas, Felice (2013, p. 58-59) considera características comuns que marcam as ações desses em diferentes países (Brasil, França, Itália, Portugal)³¹. Tais ações teriam origem em redes digitais e continuariam nas ruas das cidades. Além disso, haveria a valorização do anonimato e a recusa de uma identidade política, ideológica ou sintetizada em figuras carismáticas ou em líderes. Outro fator de destaque foi a comum aversão aos partidos políticos de qualquer tendência. Essa característica ficou evidente nas jornadas de junho no Brasil e se propaga em manifestações políticas no país ainda hoje.

1.5.3. O debate em torno dos impactos do ativismo digital

Há diferentes interpretações de como o ativismo digital pode ser conduzido dentro do contexto social. Tais visões levam autores a classificar ativistas em grupos de representações. Park e Perry (2008, p. 192-193), por exemplo, indicam três perspectivas sobre a relação entre internet e participação social: otimismo, pessimismo e ceticismo. O primeiro envolve os entusiastas da internet, que “têm uma visão utópica de que a internet vai levar as pessoas a se envolverem mais na vida pública, além de facilitar a formação de redes sociais (capital social) e contribuir para a democracia participativa e deliberativa³²”. Por outro lado, “os pessimistas argumentam que a internet reforça, ao invés de transformar, relações de poder e padrões de participação política existentes³³”. Por último, “os céticos

³¹ Com base na pesquisa *Net-ativismo*: ações colaborativas e novas formas de participação em redes digitais, coordenada pelo Centro de Pesquisa Atopos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

³² Tradução da autora para o seguinte trecho: “have an utopian view that the Internet will get people more involved in public life, facilitate formation of social networks (social capital), and contribute to participatory and deliberative democracy”.

³³ Tradução da autora para: “the pessimists argue that the Internet reinforces rather than transforms existing power relationships and patterns of political participation”.

sustentam a visão cautelosa de que a internet, apesar do seu potencial, não necessariamente facilita ou destrói o engajamento cívico, mas reflete a política tradicional³⁴.

Nesse sentido, Coelho e Costa (2013, p. 12) se enquadrariam em uma análise mais otimista do ciberativismo, uma vez que apontam o universo digital como ambiente que expande o escopo do debate e melhora a qualidade da discussão. Essa análise apoia-se na avaliação de Fiorin (2004, p. 17), que acredita que o aumento da quantidade de pessoas em debates ocasiona maior diversidade de opiniões e evita o monologismo de um discurso autoritário.

Na contramão dessa ideia, com uma abordagem mais pessimista conforme Park e Perry, há autores que pontuam que o nível de influência da internet no aumento do debate democrático e na aproximação dos cidadãos dos políticos é limitado e chega a ser perigoso de alguma forma (WILHELM, 2000, p. 62). Mcquail (2000) afirma que é possível captar efeitos negativos na relação entre participação política, novas mídias e democracia, “por causa da dominação de canais por poucas vozes, da predominância de um ‘fluxo vertical’ e da elevada comercialização do mercado midiático, deixando negligenciadas as regras da comunicação democrática³⁵” (p. 135). A organização e as formas da comunicação de massa tradicionais acabariam por limitar o acesso e desencorajar a participação ativa e o diálogo.

Já Sebastião e Elias (2012) observam que a participação em movimentos sociais não é uniforme. A partir disso, também identificam três tipos de perfis de participação: “os ativistas, com elevado envolvimento on-line e off-line; os contribuidores, que dão apoio, normalmente financeiro e de forma esporádica; e os subscritores, que estão no meio e cuja participação, podendo ser ativa, é limitada ao ambiente on-line, ou seja, são ativistas *like*” (p. 63).

Surge, assim, o *slacktivism*. O termo *slack* indica preguiça, e a expressão também pode ser chamada de “ativismo de sofá”. Ela é pejorativa e denomina uma forma de participação social que se caracteriza como “preguiçosa”, pois está à distância de um

³⁴ Tradução da autora para o trecho: “the skeptics hold the cautious view that the Internet, despite its potential, does not necessarily facilitate or destroy civic engagement but reflects ‘politics as usual’”.

³⁵ Tradução da autora para: “because of the dominance of channels by a few voices, the predominance of a ‘vertical flow’, and the heightened commercialism of the media market, leading to neglect of democratic communication roles”.

clique, mas ainda assim provoca nos indivíduos uma sensação de participação social e de um impacto positivo importante na sociedade (SEBASTIÃO; ELIAS, 2012, p. 65). Assim, os indivíduos mantêm uma atitude passiva, uma vez que não precisam se envolver com os temas no universo off-line, mas podem apoiá-los apenas pressionando o botão “like”.

Para além das classificações de ativismos, deve-se considerar que as pautas com as quais os ativistas se identificam são direcionadas conforme hábitos de uso de cada indivíduo. Passy e Giugni (1998, p. 22) apontam que “as preferências individuais têm um impacto significativo sobre a intensidade de envolvimento em movimentos sociais”³⁶, sendo que a sensação do usuário de que sua participação seria importante para a causa em questão é um forte incentivo para ele realmente se envolver. E este envolvimento implica diferentes níveis de intensidade. Para entender as preferências dos ativistas sobre um ou outro movimento social, é importante saber quais são os seus interesses e preferências particulares.

1.5.4. Considerações sobre o conceito de ativismo digital

Neste estudo, definimos ativismo digital como um exercício com potencial para mudanças políticas e sociais. Essa perspectiva é reforçada pelo livre acesso à informação possibilitado pela internet, juntamente com fatores fundamentais para o amadurecimento político, como liberdade de expressão e a não existência de censura ou opressão. Porém, no Brasil atual, os atores da sociedade civil engajados no ativismo digital ainda estão, essencialmente, envolvidos com ideias e visões transmitidas pela mídia hegemônica e por setores mais conservadores da sociedade.

A perspectiva de que o universo digital viria a expandir o debate e melhorar a qualidade da discussão política não se evidenciou neste trabalho. Ao contrário, observou-se a ratificação de discursos latentes provenientes da grande mídia e de parcelas elitistas da sociedade. Existe no discurso do grupo que participou desta pesquisa uma constante perpetuação de estereótipos simplistas e de preconceitos de classe, de gênero e étnicos. Não raro, os comentários e discussões somente reforçam visões distorcidas ou mal

³⁶ Traduções para os trechos a seguir: “individual preferences have a significant impact on the intensity of involvement in social movements.

embasadas de questões amplas e complexas, como a homossexualidade, a inserção de políticas afirmativas pelo governo ou os direitos das mulheres.

Com o desenvolvimento das entrevistas, e com base no levantamento de notícias e nos comentários dos usuários, observou-se que, por mais que haja, por exemplo, empenho dos usuários do Facebook interessados por política em ir às ruas protestar, não há, ainda, grandes esforços em procurar fontes de informação diferentes e mais críticas. Nesse sentido, o ativismo digital vem sendo direcionado como ferramenta de perpetuação de um *status quo* já há muito arraigado na conjuntura social.

CAPÍTULO 2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O capítulo tem como intuito definir a perspectiva do interacionismo simbólico, apresentar os principais pressupostos dessa abordagem e demonstrar como seus preceitos se aplicam à Comunicação, a partir dos estudos da Escola de Chicago e das pesquisas de George H. Mead e Herbert Blumer. Tal abordagem se relaciona com o objeto desta pesquisa ao tratar de processos de socialização e de mudanças de posicionamentos dos indivíduos acarretadas por interações entre atores sociais.

Em seguida, busca-se apoio teórico na sociologia dos usos e na sociologia da audiência para tentar compreender a inserção do jornalismo on-line e político nas mídias sociais e sua relação com o público. Além disso, há uma explanação sobre os conceitos de ativismo digital e uma reflexão sobre sua aplicação prática.

2.1. A perspectiva do interacionismo simbólico

O interacionismo simbólico é um conjunto de pressupostos teóricos que resultou em uma vertente do pensamento em ciências sociais. Está ligado à sociologia estadunidense e à perspectiva do pragmatismo³⁷, a qual teve destaque no final do século XIX. Tem como traços marcantes a ênfase metodológica na pesquisa empírica – em particular, a etnográfica –, o foco na análise de situações sociais (microsociologia) e a exploração do fenômeno urbano como campo de pesquisa preferencial (BRAGA; GASTALDO, 2009, p. 78).

Carvalho et al. consideram o interacionismo simbólico como uma das abordagens mais apropriadas para se analisar processos de socialização, ressocialização e estudos de mobilização de mudanças de opiniões, comportamentos, expectativas e exigências sociais (2010, p. 148). A abordagem se pauta em evidências empíricas para demonstrar que a cultura e a estrutura social constituem o grupo humano e a vida dos indivíduos. Com essa corrente de estudo, o sujeito social conquista espaço na pesquisa como intérprete do

³⁷ A vertente está originalmente arraigada no pragmatismo estadunidense, uma corrente da filosofia desenvolvida por William James por meio da obra de Charles Sanders Peirce. Tal concepção apoia-se em uma teoria do significado, que relaciona o saber à experiência concreta e possui forte orientação relativista e empiricista (BRAGA; GASTALDO, 2009, p. 79).

ambiente em que está inserido, do mundo onde vive. O indivíduo ganha um lugar teórico que antes não possuía no universo das ciências sociais. Com isso, são postos em prática métodos de pesquisa que privilegiam o ponto de vista desses sujeitos (CARVALHO et al., 2010, p. 154).

Os principais pressupostos teóricos desta abordagem foram descritos na obra *Interacionismo simbólico: perspectiva e método*, de Blumer (1969). Já seus preceitos iniciais são originários do departamento de sociologia da Universidade de Chicago e da obra *Mind, self and society*, de George H. Mead (1934). Esses princípios conquistaram espaço nos Estados Unidos e foram bastante influentes academicamente no país entre os anos 1920 e 1950, embora advenham de problemas sociais decorrentes da industrialização e da urbanização do início do século XX (CARVALHO et al., p. 147).

Os estudos interacionistas foram impulsionados por pesquisas pioneiras na exploração etnográfica dos meandros de Chicago em 1930, uma metrópole multicultural (BRAGA; GASTALDO, 2009, p. 79). É através da ideia de aproximação com o outro que a Escola de Chicago desponta como primeira tentativa relevante de estudo das cidades e desenvolve investigações a respeito do surgimento de favelas, da propagação de crimes e do aumento da violência, assim como do crescimento populacional.

Os pressupostos interacionistas situam como característica mais importante da associação humana o fato de os participantes levarem uns aos outros em consideração. As ações dos interagentes entre si se desenrolam e se encaixam até que se forme uma ação conjunta e desse contato se originam interações como debates e discussões (BLUMER, 1969, p. 110).

Assim, a teoria se sobressaiu não apenas no que tange a sociologia, mas também conquistou espaço nas áreas da psicologia social e da comunicação. Seus desdobramentos trazem colaborações para compreender as dinâmicas que explicam as interações entre os indivíduos e entre os indivíduos e os meios, por isso sua pertinência neste trabalho.

2.1.1. Pressupostos do interacionismo simbólico

O enfoque teórico-metodológico do interacionismo simbólico apoia-se em três premissas básicas. A primeira delas diz que o ser humano age em direção às coisas

(objetos, outras pessoas, instituições e tudo que o indivíduo possa detectar no mundo) de acordo com os significados que aquelas coisas carregam para ele. A segunda premissa indica que o significado de tais coisas advém de interações sociais entre pessoas próximas. Já a última sugere que o indivíduo atribui esses significados a partir de um processo interpretativo utilizado por ele próprio para lidar com as coisas que encontra (BLUMER, 1969, p. 2).

O significado das coisas é formado no contexto da interação social e é obtido e utilizado pelas pessoas a partir dessa interação (BALDANZA; ABREU, 2011, p. 6). Mead (1934) – cujas pesquisas serviram de suporte à concepção do interacionismo simbólico –, ao focar na ação interpessoal, sugere que a ação de uma pessoa suscita reações no interlocutor e esse sistema mútuo de influências seria condição básica para a continuidade de tomada de atitudes dos envolvidos.

Os estudos de Mead desencadearam uma investigação abrangente de aspectos do comportamento e buscaram mostrar que a ação de um indivíduo só obtém sentido a partir da ação de seu parceiro (CARVALHO et al., 2010, p. 150). “Durante o processo de qualquer ato social, os objetos do ambiente percebido se definem e se redefinem. De tal dinamismo consiste a interação simbólica, a qual não se dá por reação direta às ações e gestos do outro, mas mediante uma interpretação dessas ações ou gestos com base no significado que lhes é atribuído” (ibidem, p. 151).

Para dissecar o processo de interação que abrange essas definições e redefinições de objetos do ambiente, Mead desenvolveu as noções de *Self*, “Eu” e “Mim”. O *Self* (si mesmo) indica a pessoa como objeto para si – é o vínculo de interação social do indivíduo consigo mesmo. Contudo, tal interação só ocorre a depender das relações com outras pessoas, o que torna intrínseca a compreensão do indivíduo e do mundo – não se pode analisá-los isoladamente, um depende do outro.

Quanto às definições de “Eu” e “Mim”, seriam as duas fases analíticas em que se subdivide o *Self*: o “Eu” seria uma tendência impulsiva da pessoa, imprevisível; enquanto o “Mim” representaria o outro de forma geral, os grupos humanos encarados a despeito de suas individualidades (MELTZER, 1972, p. 10), a sociedade organizada refletida na capacidade da pessoa de julgar e interpretar símbolos (MENDONÇA, 2002, p. 7). Ao introduzir a noção de *Self*, Mead posiciona o indivíduo como agente ativo na sociedade,

não simplesmente passivo ou reativo. As pessoas estão aptas a interpretar e conferir significados aos estímulos que recebem, o que as faz prever as reações dos demais e a partir disso orientar as ações seguintes.

O ator social faz o exercício de selecionar, verificar, interromper, reagrupar e transformar os significados a depender da situação em que é colocado e da direção da sua ação (BALDANZA; ABREU, 2011, p. 6). Além disso, há as diferenças entre as pessoas – pois os indivíduos não funcionam da mesma forma –, o que resulta em um processo de interação não linear. Nesse contexto, o interacionismo simbólico implicaria a interpretação dos atos, isto é, há uma dimensão simbólica obrigatoriamente subjacente a todo processo de interação e essa interação vem repleta de significados.

Dessa forma, a consciência do outro orienta e direciona a conduta do indivíduo ao tomar decisões. O agente se mantém atento às ações do outro, observa o que esse diz e suas sequências de posturas e movimentos. Está constantemente tentando perceber, definir e julgar a outra pessoa a fim de dar a ela retornos condizentes com a experiência mútua (BLUMER, 1969, p. 109). A abordagem interacionista pressupõe, assim, que os indivíduos são conscientes e aptos a interpretar ativamente o mundo por meio de relações que vivenciam, formando conjuntos de interpretações cooperativas.

2.1.2. Interação e sociedade

A vida humana é constituída por grupos, permeados por linhas de ação entre cada membro do grupo individualmente e os membros como um todo. Essa articulação das linhas de ação dá origem ao que constitui a “ação comum”: organização social de diferentes atos de diversos participantes (BALDANZA; ABREU, 2011, p. 123).

Para Blumer (1969, p. 7), grupos de pessoas ou sociedades só existem “em ação”. Dessa ação, resultam tanto a cultura, que é derivada das coisas que as pessoas fazem, quanto a estrutura social, que é composta dos relacionamentos e de formas como as pessoas agem com relação umas às outras (BALDANZA; ABREU, 2011, p. 122). A ação por parte de um ser humano consiste essencialmente em levar em conta diversos fatores que ele observa e tramar uma linha de conduta a partir do modo como ele os interpreta (BLUMER, 1969, p. 10).

A associação humana é um sistema em movimento no qual os participantes, ao organizarem a própria ação em relação aos demais, inibem a si mesmos, mas também se encorajam, e tal relação os guia ao longo da construção da ação. “É um processo em andamento e desenvolvimento em que o ato de cada indivíduo torna-se organizado, curvado, redirecionado ou construído à luz de como ele leva os outros em consideração”³⁸ (BLUMER, 1969, p. 112).

Além disso, Blumer (1969) observa que, com exceção de alguns casos pouco habituais, os grupos humanos convivem sem demonstrar de maneira notória grande instabilidade ou irregularidades. Para que isso aconteça, as pessoas agem comedidamente e costumam refletir sobre suas posturas avaliando se essas são ou não adequadas para a conjuntura social em que estão inseridas. Isso ocorre rotineiramente nos contatos presenciais entre os indivíduos e em larga medida nas interações mediadas pela tecnologia³⁹. O ator social avalia internamente se determinadas condutas se enquadram às normas e perspectivas do grupo (BLUMER, 1969, p. 110). Portanto, a interação com os outros se apoia em considerações que não estão imediatamente presentes nessa relação, mas que ocorrem de forma indireta na individualidade de cada membro do grupo.

Os grupos humanos se estruturam em organizações culturais e posições sociais, cujos comportamentos dos participantes desencadeiam jogos de papéis (BLUMER, 1969, p. 114), geram interações e desencadeiam mudanças sociais. As normas culturais, as disposições de *status* social e os relacionamentos são apenas partes de todo o processo de transação em que a sociedade se consolida. Os contatos entre os grupos de pessoas – e as mudanças sociais decorrentes disso – envolvem um emaranhado de outras relações, como a interação do indivíduo consigo mesmo, o que torna as investigações sobre o público um desafio⁴⁰.

³⁸ Tradução da autora para: “(...) human association is a flowing and developing process in which the act of each individual becomes organized, bent, redirected or built up in the light of how he takes others into account”.

³⁹ O Facebook, por exemplo, é um contexto no qual, geralmente, os usuários levam em consideração as ações de mais gente – seus contatos e seguidores – do que em uma interação não virtual. A quantidade de laços virtuais tende a ser mais abrangente do que em uma interação com grupos não virtuais – os quais costumam apresentar menor número de pessoas, dadas as características dos dois universos.

⁴⁰ Há ainda uma diferenciação entre interação simbólica e interação não-simbólica. Essa concepção é abordada por Mead (1967), que alega que a interação simbólica estaria permeada por símbolos, sendo, portanto, interpretada. Já a interação não-simbólica se apoiaria na ideia de que é possível as pessoas

2.1.3. Interacionismo simbólico aplicado à Comunicação

No mesmo período em que surgiram os preceitos do interacionismo simbólico (1920 a 1950), eclodiram os meios de comunicação de massa eletrônicos na sociedade estadunidense, como o rádio e a televisão. Desde então, os fenômenos ocasionados pela mídia demonstram que muitos dos argumentos que sustentam os pressupostos do interacionismo simbólico podem ser vistos nas interações mediadas (BALDANZA; ABREU, 2011, p. 11).

Da existência dos grupos sociais, surgem os processos comunicativos e a sociabilidade, que por sua vez tem como um de seus pilares a interação humana (ibidem, p. 2 e 3). Diante disso, entende-se que é possível conectar pressupostos do interacionismo simbólico – analisado, de maneira geral, sob a ótica da interação não-mediada – às práticas mediadas advindas de meios e artefatos de comunicação, incluindo internet e mídias sociais.

2.1.3.1. Mídia e interações sociais

Para compreender as aplicações da abordagem interacionista ao campo comunicacional, analisa-se a contribuição da Escola de Chicago e das pesquisas de Mead e Blumer para o estudo de fenômenos midiáticos.

Observa-se um caráter fundamentalmente social nas decisões dos indivíduos, os quais seguem regras e padrões culturais. Essa dinâmica acaba por refletir as relações de poder entre os membros da sociedade, onde os meios de comunicação despontariam como instrumentos capazes de legitimar certas definições e, o que pode ser ainda mais importante, de deslegitimar – e silenciar – aceções contrárias às predominantes (BRAGA; GASTALDO, 2009, p. 79). Esse cenário reforça o papel dos *media* enquanto ferramentas eficazes para a consolidação de pontos de vista dominantes.

Deve-se assinalar, porém, que o público não apenas absorve as informações recebidas, mas também as interpreta e confere a elas análises particulares com base em vivências sociais próprias. O indivíduo na situação de recepção, uso e consumo dos meios

interpretarem gestos que sejam puramente reflexivos, comportando-se de acordo com esses reflexos, sem a inserção de qualquer simbologia.

elabora diferentes significados para o que recebe. Os usuários têm algum grau de discernimento para avaliar a relevância e qualidade das informações que consomem e são ainda motivados por um vasto contexto sociocultural advindo das relações em grupo.

Para se medir os efeitos da mídia, Blumer (1969) propõe a necessidade de considerar as condições sociais da mediação, o que conduz sua abordagem a uma metodologia mais voltada ao qualitativo. Seu percurso de pesquisa pretende fugir da concepção do público como um conjunto homogêneo ou algo próximo disso. Mas essa mudança na perspectiva teórica convencional exige também uma radical mudança na perspectiva metodológica (BRAGA; GASTALDO, 2009, p. 82), que ocorre a partir da utilização de métodos como a observação etnográfica e entrevistas, técnicas comuns à antropologia.

Tal abordagem abre caminho para uma integração entre a sociologia dos usos e uma sociologia interacionista da audiência com a pesquisa sobre notícia política no Facebook. Os estudos de recepção, que procuram dar ênfase ao ponto de vista dos indivíduos e aos usos que esses fazem dos veículos midiáticos que acessam, podem ser incrementados ao buscar suporte na sociologia e nas análises das relações cotidianas e de construção coletiva de significados trazidas por Mead e Blumer e pelo Interacionismo Simbólico.

2.2. Sociologia dos usos e sociologia da audiência no contexto do jornalismo

Neste trabalho, faz-se uma leitura interacionista dos usos e das audiências. Recorre-se a tal abordagem para buscar entender as interações entre os indivíduos no ambiente do Facebook e tenta-se compreender também os usos que as pessoas fazem das notícias sobre política que acompanham pela rede social e como isso se reverte na construção da opinião pública e do ativismo digital.

2.2.1. Da massa aos públicos

A ideia de massa classifica-se como um conjunto de pessoas físicas que não se conhecem e que estão espacialmente separadas umas das outras, além de terem pouca ou nenhuma possibilidade de exercer ação ou influência recíprocas (WOLF, 2003, p. 33). A

audiência massiva dos meios de comunicação, outrora, era representada pela ideia de comunicação linear, composta por um caminho de propagação da mensagem que ia somente de um ator da comunicação (o jornalista) para todos os demais atores (o público) (PALACIOS, 2003, p. 80). Tal conceito, advindo da transmissão mecânica da informação, resumia a atividade transmissiva em um conteúdo fixo entre dois polos estáticos (MORAES, 2010, p. 2).

Assim, durante muito tempo, o público foi indevidamente tratado como uma massa inerte que não fazia nada por conta própria, mas apenas reagia ao que lhe era apresentado por organizações poderosas (geralmente comerciais) e os representantes das camadas sociais dominantes. Ou seja, era visto como um apanhado de membros fantoches que apenas responderiam àquilo que os governantes lhes impunham (BECKER, 2002, p. 340).

Com o transcorrer das pesquisas em comunicação, o ato comunicativo passou a ser visto como mais dinâmico e complexo, apoiado em um público heterogêneo e segmentado; e a comunicação de massa começou a ser encarada como processo social (WRIGHT, 1973, p. 49). A “massa” tomou forma de redes, contágio e recomposição das representações coletivas (BOULLIER, 2004, p. 65). Percebeu-se que as variações sociais acabam por determinar o comportamento dos membros dos grupos em conjunto (WRIGHT, 1973, p. 69). Dessa forma, passou-se a observar que os efeitos acarretados pela comunicação de massa sobre o indivíduo e a sociedade podem gerar opiniões amplas e diversas no público.

Tredan, ao trabalhar com a noção de público(s), alega que “as leituras sobre esse conceito abordam, em geral, seu caráter inacessível – ou até mesmo sua inexistência –, tendo em vista que tal objeto é geralmente pensado no singular” (2011, p. 5). Já Ruellan (2006, p. 6) afirma que o público é múltiplo e polimorfo, constituindo um agrupado difícil de definir. Mas, em termos jornalísticos, ao desempenhar um papel social, esse público acaba por interiorizar convenções da atividade redacional, como os gêneros, o *design* e a linha editorial de um veículo e o estilo de texto dos jornalistas (PEREIRA, 2008, p. 159-160).

Boullier (2004), ao analisar a opinião pública da perspectiva da televisão, defende que a opinião não é descontextualizada, mas construída na combinação sutil da experiência pessoal e de sua validação por um grupo. Ao discutir a hipótese da Agenda-Setting e a Teoria dos Efeitos Limitados (*Two-Step Flow*), o autor ressalta que essas vertentes

esbarram em restrições ao colocarem um peso excessivo nos mídias, desvalorizando o papel dos atores sociais na construção da opinião. Isso porque se os meios de comunicação definissem precisamente a agenda de discussões que leva à opinião pública, os atores não fariam nada além de reproduzir as mensagens e estereótipos que circulam pelos meios de comunicação (BOULLIER, 2004, p. 63).

Ao se avaliar o público de uma perspectiva contemporânea, sob as influências da internet, é possível notar que as pessoas encontram-se frente a novas formas de estarem juntas, vinculadas não por um território fixo ou por um consenso racional e duradouro, mas por identidades plurais, alimentadas em vários repertórios (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 31). É uma situação inovadora que confere às pessoas maior autonomia decisória por meio da interação com as mídias, mas que não exclui a relevância das relações ao vivo – não mediadas – e as estruturas de poder e de inclusão e exclusão digital no âmbito dessas tecnologias.

A nova concepção de público, voltada para o âmbito online, engloba atributos como volatilidade e o fato desses indivíduos disporem de meios técnicos para exercer suas escolhas de forma livre e instantânea (BRIN et al., 2004, p. 17-18). A soma dessas características ocasiona uma reconfiguração do entendimento de públicos. Por meio da interatividade, a audiência pode reagir ao conteúdo que recebe e tornar-se mais participativa.

Essas reações, contudo, dependem de fatores diversos e se dão dentro de um contexto específico: a conjuntura de vida em que o indivíduo está inserido (sua rotina, seus hábitos, suas interações com pessoas ao seu redor). Há, então, para além da mídia, uma combinação da dimensão particular (experiências pessoais) e da participação em um universo de referência, que levam à formação de posicionamentos por parte dos indivíduos.

Ainda assim, Becker (2002, p. 337) avalia que alguns estudos do impacto da mídia nas pessoas persistem em tratar a audiência como uma massa inerte e passiva. Seria preciso, então, adotar uma visão mais realista do público, levando em conta a participação das pessoas na comunicação. Baseado nisso, este trabalho busca uma aproximação com o público, a fim de, ao escutá-lo, melhor compreender sua perspectiva.

2.2.2. Indicadores para uma sociologia das audiências e dos usos na internet

Ao entrar no âmbito da internet, as concepções sobre público e seus desdobramentos são remodeladas a partir da visão da rede por meio de grupos e blocos de interesse, superando a ideia de um todo indistinto. A web se constrói por meio de apropriações e associações que o público faz dela (COGO; BRIGNOL, 2010, p. 12). Contudo, os usos que o público faz da rede não são livres, uma vez que há nas relações e posturas dos usuários certo grau de influência da mídia, movida por interesses políticos e econômicos, e do mercado financeiro, a partir da publicidade. Tais fatores podem ser classificados como formas de moldar as atitudes da audiência.

O vínculo entre as pessoas e os meios de comunicação se fortalece à medida que o público depende da mídia – impressa, eletrônica e on-line – para obter entretenimento, informação, conforto, segurança, e, em um sentido mais profundo, para atribuir algum significado às continuidades e intensidades da experiência (SILVERSTONE, 2002, p. 12). Esse cenário se intensifica e, ao mesmo tempo, se modifica com a internet e as mídias sociais, onde os indivíduos ainda buscam conteúdo noticioso, mas também encontram lugar para se firmar enquanto atores operantes.

Para se analisar o papel dos grupos sociais no consumo da mídia e nos posicionamentos políticos no Facebook, é preciso ter como ponto de partida o cotidiano das pessoas e o conhecimento vinculado a senso comum e, no segundo momento, desmembrá-lo como um vasto complexo de associações. Dentre as quais estão: o conjunto das relações sociais em família – onde o contato com a mídia é parte integrante das rotinas do cotidiano –, as interações no local de trabalho, os hábitos de consumo de notícias, as posturas dos pares na rede, entre outros.

Assim, parte-se, primeiramente, dos veículos de comunicação, que representam instrumentos relevantes na mediação das interações entre pessoas, mas também com os dispositivos sociotécnicos. Dessa forma, o contexto é tido como um fator de explicação das interações cotidianas e das relações com a mídia, de forma que passa a integrar os indicadores de análise do trabalho.

Ganha maior destaque o contexto social dentro do qual cada membro da audiência opera. Isso porque o indivíduo, mesmo que seja anônimo para o comunicador, geralmente não é anônimo no seu ambiente social. Ele costuma ser membro de uma rede de

agrupamentos primários e secundários – família, grupos de amizade, círculos ocupacionais etc. – que influenciam suas opiniões e suas atitudes. Tais fatores afetam a maneira como o indivíduo é exposto à comunicação: como ele interpreta o conteúdo que recebe, como reage a alguma comunicação específica e até onde pode ou poderá modificar seu comportamento em relação à mensagem (WRIGHT, 1973, p. 48).

Becker (2002, p. 341) indica que os usos cotidianos que pessoas comuns fazem da tecnologia acabam por se refletir na vida de outros indivíduos, por vezes, de forma exponencial. Dessa forma, as mídias sociais tornam-se instrumento de uso social (RECUERO, 2012). Termos como convivência, encontro, participação e esbarrões, antes possíveis somente no contato real, em comunidades físicas de pessoas, hoje são usados em alusão ao ambiente digital (LISIEUX, 2012, p. 5). É nessa integração dos universos da vida comum e das mídias que se encontram as formas de construção de uma opinião pública, como se essa percorresse uma linha do micro ao macro, através de múltiplas mediações. Supondo-se que exista uma produção industrial da opinião pública a partir dos meios de comunicação, não se deve esquecer o papel que cada pessoa representa para sustentar e ajudar a dar corpo a essa opinião (antes ou depois dos mediadores) (BOULLIER, 2004, p. 65).

Cogo e Brignol, ao refletirem sobre a implicação da tecnologia digital nessa conjuntura, defendem que a esfera midiática se coloca com tanta intensidade nas interações humanas que acaba por gerar reconfigurações sociais em diversos aspectos, como nas relações de tempo, espaço e em vivências identitárias (2010, p. 1). Esses diversos usos das tecnologias e das mídias em rede resultam em diferentes interações entre os atores sociais. (MORAES, 2010, p. 2).

Tal análise parte dos estudos de recepção, os quais reforçam os diferentes posicionamentos, interpretações e temporalidades nas apropriações das mídias como característica intrínseca às sociedades complexas: “A comunicação midiática se encontra em transformação acelerada com o desenvolvimento de dispositivos tecnológicos e também com alterações em seus usos, gerando processos como aquele definido por alguns desses autores como midiatização das sociedades” (COGO; BRIGNOL, 2010, p. 2).

O intuito aqui é buscar os reflexos da midiatização em práticas, representações e vínculos sociais. Assume-se que a tecnologia é apropriada pela sociedade em vez do

oposto. Os meios de comunicação garantem aos indivíduos o exercício do ser, assim como a atuação na comunidade em que se inserem (ibidem, p. 3).

Com isso, surge a necessidade de rever o que se entende por comunidade (COSTA, 2005, p. 235), redirecionando a ideia de laços sociais e sistemas informais de troca de recursos para noções diferentes das de vizinhanças e grupos urbanos. Os usos do conceito de comunidade e de rede social se expandem espacial, geográfica e culturalmente, por meio das interações e diálogos que surgem na web. No que tange a opinião pública, cada vez mais é preciso considerar todas as escalas, todas as mediações e todas as redes que permitem que o público exista como um agregado maior, apesar de suas diferenças (BOULLIER, 2004, p. 73).

Entretanto, o empoderamento conferido ao público pelas novas ferramentas não garante, necessariamente, que as pessoas vão usufruir dessa dinâmica para exercer ativismo político. Ao se admitir que as conversas sobre política consistem, na verdade, em práticas culturais, assume-se que, com frequência, quando as pessoas tratam de política no dia a dia (on-line e off-line), elas buscam simplesmente ter um assunto para conversar e interagir com o outro. Essas interações não carregariam, dessa forma, a intenção de mudar a opinião pública ou de influenciar o processo de tomada de decisões.

Logo, ao se buscar indicadores para uma sociologia dos usos e das audiências e, com isso, tentar desvendar como os usuários se apropriam dos discursos políticos reproduzidos pela mídia hegemônica, deve-se levar em conta os *contextos de conversação*. Ou seja, é necessário analisar o universo dos indivíduos que supera o Facebook: a rotina off-line. Afinal, a atividade de consumo de informações via Facebook, mesmo que se dê de maneira acentuada, só faz sentido quando se leva em conta um conjunto de atividades significativas que estão além desse mundo da rede social: comer, dormir, trabalhar, falar, mover-se, etc. (BOULLIER, 2004, p. 69). Cabe recordar que os usuários e seus hábitos são múltiplos e plurais e isso se reflete em suas posturas político-ideológicas.

Ademais, é preciso assumir que nem toda recepção de uma notícia política leva à construção de uma opinião pública política e, portanto, de um ativismo. Por isso, há a necessidade de se *compreender as intervenções que levam o usuário a tornar-se um ativista digital*. Observando-se, ainda, que existe um trabalho de intermediação na formação de uma opinião pública e nem todos os atores conseguem desempenhar esse

papel, além de haver aqueles que tentam e nem sempre são bem-sucedidos (BOULLIER, 2004, p. 79).

Somado a esses fatores, deve-se ponderar que o Facebook é um dispositivo sociotécnico, o que implica *um peso das ferramentas no agenciamento das formas de trocas sociais*. A maneira como as informações na rede social são distribuídas é pautada por um algoritmo, capaz de selecionar, dispor e realçar certas notícias em relação a outras. Isso faz com que o processo de recepção passe a sofrer recortes traçados pela tecnologia. Os usuários que se informam pela plataforma, portanto, deixam de ser guiados pela agenda da mídia para serem orientados pelo algoritmo do Facebook.

2.3. Campos político-ideológicos: acepções e alcances

Optou-se, neste trabalho, por recorrer à escala direita/esquerda de classificação político-ideológica. O intuito é buscar compreender com mais clareza os posicionamentos dos entrevistados e, assim, poder reuni-los ou separá-los em grupos de afinidades e discordâncias. Ainda que esse sistema classificatório venha enfrentando certo enfraquecimento ou reconfiguração (MADEIRA; TAROUÇO, 2011, p. 171), a escolha pareceu condizente frente ao material analisado na pesquisa. A proposta vai ao encontro de Mangerona (2011), que afirma:

A linha horizontal esquerda-direita permanece atual, apesar das críticas, salvaguardado uma paridade de ação que não era conseguida na dicotomia vertical alto-baixo⁴¹. A utilidade deste paradigma interpretativo resulta da sua própria edificação e reconhecimento, sendo um importante instrumento organizador e clarificador das sociedades. (MANGERONA, 2011, p. 74)

Essa sistemática, a princípio, referia-se a distribuição de partidos políticos, mais pendentes para um ou outro lado. Posteriormente, a dicotomia esquerda/direita e liberal/conservador se estendeu para o âmbito da discussão política em um sentido mais amplo, que extrapola as siglas partidárias. Ao se tratar de identificação ideológica, portanto, fala-se da adesão a uma imagem que se aproxima de uma dessas categorias.

Além disso, o funcionamento da divisão direita/esquerda mudou nas últimas décadas. Dentro dessas classificações, foram incorporados conteúdos “pós-materialistas”,

⁴¹ Referência à estrutura eclesiástica de alto clero e baixo clero aplicada no sistema parlamentar inglês.

como as discussões de preservação ambiental e de igualdade de gênero, que passaram a ser importantes para o eleitorado europeu e estadunidense a partir da década de 1970 (SINGER, p. 37), atingindo, na sequência, os debates políticos no Brasil.

Assim, as acepções de esquerda e direita em dado sistema política se aproximam de questões político-econômicas, abarcando debates sobre menor tributação ou maior despesa pública, por exemplo, ou entre regulação e desregulação de negócios e indústria. Mas a escala também engloba temas relativos à política social, abrangendo questões como aborto e direitos dos homossexuais. Segundo Benoit e Laver (2006), a divisão ideológica acaba por gerar influências sobre a política externa e de defesa dos países, além de afetar as relações com organizações internacionais como as Nações Unidas. “Em outras palavras, há uma grande quantidade de conteúdo político substancial que as pessoas tipicamente consideram natural associar ao espectro esquerda/direita na política” (BENOIT; LAVER, 2006, p. 189).

Bobbio (1995), embora aponte a separação entre esquerda e direita como uma metáfora banal advinda de circunstâncias casuais – da Revolução Francesa –, defende que a estrutura política é essencialmente dicotômica e que, embora as denominações possam se modificar, a divisão deve se manter. Dessa forma, compreende-se que esquerda e direita não são conceitos fixos, além de variarem de acordo com países e com momentos históricos (BRESSER-PEREIRA, 1999, p. 48). Autores definem esse binômio de diferentes maneiras. Optar por seguir um ou outro campo pode se traduzir na postura de dar ou não prioridade à igualdade (BOBBIO, 1995); ou, quando se trata de uma escolha do Estado, em estar aliado às forças econômicas ou às forças sociais (TOURAINÉ, 1998).

O fato é que “quem se considera de esquerda, do mesmo modo que quem se considera de direita, admite que as respectivas expressões estão referidas a valores positivos” (BOBBIO, 1995, p. 39). Assim, algumas características são incluídas em ambos os campos, segundo seus seguidores. Por exemplo, tanto indivíduos mais à esquerda quanto os mais à direita incluem liberdade entre seus valores. Ainda segundo Bobbio, isso indica que o contraste entre libertários e autoritários corresponde à outra distinção, que não se superpõe à distinção entre direita e esquerda, mas com ela se cruza.

Neste estudo, as definições de direita vêm entrelaçadas a ideias economicamente liberais/neoliberais, pautadas no capitalismo, e socialmente conservadoras; enquanto a

esquerda é categorizada como progressista no âmbito social e ligada a noções de cunho socialista, comunista ou anarquista. Assumindo-se a concepção de neoliberalismo como um conjunto de princípios orientados ao mercado, com regras básicas pautadas em: liberalização do mercado e do sistema financeiro, fixação dos preços pelo mercado (“ajuste de preços”), fim da inflação (“estabilidade macroeconômica”) e privatização (CHOMSKY, 1999, p. 9). Já o sistema de valores da esquerda seria baseado na concepção de que o Estado deve ter um papel ativo na execução de certos objetivos sociais, como a segurança econômica dos cidadãos, a solidariedade social e a igualdade de renda e as condições de oportunidades entre classes e estratos sociais (KNUTSEN, 1995, p. 160-162).

Portanto, “como traços periféricos da divisão entre direita e esquerda temos: para o primeiro sector político, o passado, o status *quo*, a livre empresa e os EUA; para a segunda orientação ideológica, o futuro, a mudança, a intervenção do Estado na economia e a URSS” (FREIRE, p. 258). Bobbio (1995) sintetiza a diferenciação entre os campos ao destacar que a esquerda busca promover justiça social enquanto a direita trabalha pela liberdade individual, embora os dois promovam reformas.

2.4. Conclusões sobre a fundamentação teórica e nortes para a análise

Com base na fundamentação teórica, objetiva-se identificar por meio da análise das entrevistas, indicadores relativos ao posicionamento político-ideológico dos usuários. O estudo parte das posturas dos colaboradores em relação às informações políticas que consomem no Facebook, apoiando-se em laços sociais que esses sustentam na rede. A rotina off-line dos indivíduos também serve de fonte de pesquisa, assim como a mediação tecnológica e a confrontação de suas posturas com a experiência biográfica que possuem.

O conjunto de conceituações e apontamentos apresentados acima viabiliza uma perspectiva analítica que nos permite operar com o *corpus* estipulado na pesquisa. Aplicando-se os debates teóricos aos usuários do Facebook que interagem com notícias sobre política, pretende-se entender melhor seus hábitos de uso da rede para o ativismo digital e como eles se apropriam de discursos da mídia para assumir posicionamentos ideológicos. Para tanto, é preciso estruturar as formas de coletar e tratar essas questões a partir de uma proposta metodológica, conforme exposto no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3 – PERCURSOS METODOLÓGICOS

O objetivo deste capítulo é descrever os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Com base em um levantamento e seleção dos conteúdos políticos mais populares (elencados pelo maior número de curtidas) nos quatro jornais *quality papers* brasileiros com maior tiragem em 2014⁴² – *Folha de S.Paulo*, *O Globo*, *Zero Hora* e *O Estado de S.Paulo*, respectivamente –, foi desenvolvido um campo de pesquisa em que realizamos entrevistas em profundidade e observação participante.

O capítulo traz breves considerações sobre o uso de pesquisas qualitativas e, a partir disso, se desdobra na explanação dos métodos que foram usados na investigação. O primeiro tópico esclarece como foram construídos o levantamento e a seleção de notícias deste estudo, os quais servem de base para o desenrolar da etapa metodológica central: as entrevistas. Na sequência, aborda-se o método de entrevista semiestruturada, acompanhado de arcabouço teórico-metodológico a fim de explicar os motivos e a forma de utilização da ferramenta. A divisão seguinte traz a definição de observação participante, metodologia secundária, empregada como complemento ao estudo. Por fim, há um espaço voltado à conceituação teórica e à preparação prática de um questionário (ver anexos), instrumento de pesquisa ao qual se pretendia recorrer e cuja elaboração foi iniciada, mas a aplicação não aconteceu por motivos de inviabilidade técnica.

3.1. Caminhos metodológicos: possibilidades, escolhas, erros e acertos

Organizou-se um panorama das notícias mais comentadas sobre política divulgadas na plataforma pelos principais jornais brasileiros que realizam cobertura na área em âmbito nacional. O recorte temporal da pesquisa abrange o segundo semestre de 2014, de julho a dezembro, período que engloba o momento pós Copa do Mundo, a corrida presidencial – que contou com episódios marcantes como a morte do então candidato Eduardo Campos⁴³

⁴² Segundo pesquisa da Associação Nacional de Jornais (ANJ), que aponta anualmente os maiores jornais do Brasil de circulação paga e com base em dados do Instituto Verificador de Comunicação IVC. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>> e <<http://ivcbrasil.org.br/>>, acesso em 30 ago. 2015.

⁴³ O economista e político pernambucano Eduardo Campos, candidato à presidência da República pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) no pleito de 2014, faleceu em acidente aéreo no dia 13 de agosto do mesmo ano, já na fase de campanha eleitoral, a menos de dois meses do primeiro turno das eleições.

e a polêmica discussão entre os presidenciáveis Levy Fidelix (PRTB) e Luciana Genro (PSOL)⁴⁴ sobre união homoafetiva – e a vitória de Dilma Rousseff na disputa para a presidência da República mais acirrada em 25 anos, desde a redemocratização do país⁴⁵ – Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores – PT) se reelegeu com 51,64% dos votos válidos, contra 48,36% dos votos confiados a Aécio Neves (Partido Social Democrata Brasileiro - PSDB).

Cogitou-se realizar análise do primeiro ou do segundo semestre de 2015, fase em que os ânimos pós-eleições permaneceram exaltados, o país começava a enfrentar uma grave crise política somada à crise econômica, os representantes eleitos ao Congresso Nacional foram considerados os mais conservadores desde 1964⁴⁶, os níveis de rejeição do governo Dilma alcançavam 69%⁴⁷ e parcelas da população já clamavam pelo impeachment da presidenta⁴⁸. Porém, optou-se por não trabalhar com esse período a fim de manter certo recuo em relação à atualidade e, assim, obter resultados mais precisos.

Já o recorte espacial se propõe a compreender o país como um todo, na tentativa de obter um panorama geral da postura dos brasileiros frente ao consumo de notícias via Facebook. Todavia, o enfoque é voltado para um perfil de indivíduos já previamente interessados em questões políticas e que têm se envolvido de alguma forma em debates sobre essa temática na web. Como os jornais selecionados são sediados em apenas três

⁴⁴ Ao ser questionado sobre sua posição quanto à união homoafetiva por Luciana Genro, Levy Fidelix respondeu: "Pelo que vi na vida, dois iguais não fazem filho. E digo mais: aparelho excretor não reproduz. Eu presidente da República não vou estimular a união homoafetiva". A declaração gerou revolta nas mídias sociais.

⁴⁵ Segundo o cientista político Jairo Nicolau, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em entrevista à BBC Brasil, desde o fim da ditadura só houve uma eleição com disputa tão acirrada quanto a última pelo segundo lugar: em 1989, quando Leonel Brizola e Lula disputaram voto a voto um lugar no segundo turno contra Collor. Disponível em:

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/10/141004_eleicoes2014_domingo_abre_jf_hb>. Acesso em 20 de abr. 2015.

⁴⁶ Dados apurados pelo levantamento do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap). O aumento de militares, religiosos, ruralistas e outros segmentos mais identificados com o conservadorismo refletem essa situação, conforme destaca o diretor do Diap, Antônio Augusto Queiroz, em entrevista ao jornal *O Estado de S.Paulo*. Disponível em: <<http://m.estadao.com.br/noticias/politica,congresso-eleito-e-o-mais-conversador-desde-1964-afirma-diap,1572528,0.htm>>. Acesso em 20 abr. 2015.

⁴⁷ De acordo com pesquisa Ibope divulgada em 30 de setembro de 2015 e realizada entre os dias 18 e 21 do mesmo mês com 2.002 eleitores, em 140 municípios. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/09/10-aprovam-e-69-reprovam-governo-dilma-diz-ibope.html>>. Acesso em 30 set. 2015.

⁴⁸ Conjuntura que se prolongou e se intensificou em 2016 e veio a resultar no impeachment de Dilma Rousseff.

diferentes estados – São Paulo (*Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo*), Rio de Janeiro (*O Globo*) e Rio Grande do Sul (*Zero Hora*), tenta-se compensar esse desequilíbrio investigativo – que acaba por direcionar a pesquisa – a partir da realização de entrevistas com moradores das cinco regiões do Brasil, como será detalhado mais adiante.

Preliminarmente, pretendia-se, após o levantamento das notícias, elaborar e aplicar questionários, a fim de traçar o perfil dos usuários-eleitores que interagiram com os conteúdos selecionados na primeira parte da pesquisa. De fato, a primeira fase desse processo foi finalizada. Construíram-se questionários e projetaram-se estratégias, com base em critérios estatísticos, para atingir a quantidade desejada de respondentes. Entretanto, observou-se que a proposta inicial seria inviável, tendo em vista o grande número de questionários necessários e a baixa taxa de resposta decorrente de pesquisas on-line⁴⁹, o que, mais tarde, ficou evidente com a dificuldade que se teve para conseguir voluntários para a fase de entrevistas. Assim, foi preciso reconstruir o desenho metodológico para uma pesquisa puramente qualitativa.

Vale a pena, entretanto, destacar como foi conduzido o questionário, cujos procedimentos de construção da amostragem foram estruturados com base em recomendações de amostra dos sistemas de pesquisa *Survey Monkey* e *Netquest*. A partir disso, chegou-se a três caminhos possíveis a fim de melhor distinguir os dados a serem obtidos, de acordo com variações na margem de erro que definem a quantia necessária de questionários respondidos: a margem de erro de 5% para mais ou para menos, classificada então como menos confiável e que implicaria em 385 questionários respondidos; a margem de erro de 4% – também para mais ou para menos –, vista como de confiabilidade mediana, que exigiria 601 respostas; e a margem de erro de 3% – para mais ou para menos –, considerada de ótima confiabilidade, uma vez que demandaria uma taxa de retorno de 1068 questionários respondidos. Todos os cálculos eram referentes a amostras aleatórias

⁴⁹ Especialistas da *SurveyMonkey* indicam uma taxa de resposta entre 10 a 15% para os questionários on-line, o que seria um palpite mais conservador, porém, seguro. Como não existe relacionamento prévio com os destinatários, a adesão é menor, pois essa depende de fatores como o relacionamento com o público-alvo, o tamanho do questionário, a complexidade, os incentivos ofertados aos respondentes e o tema da pesquisa. Assim, o ideal no caso desta investigação é enviar o questionário para um número entre 2.600 e 3.900 usuários (situação ruim) a um número entre 7.120 e 10.680 (situação ótima). Disponível em:

<<https://pt.surveymonkey.com/mp/sample-size/>>. Acesso em 30 set. 2015.

simples que abrangem populações com mais de um milhão de indivíduos, com nível de confiança de 95% e heterogeneidade – ou seja, a diversidade do universo – de 50%⁵⁰.

3.2. As vantagens e limitações da pesquisa qualitativa

O método qualitativo é utilizado na busca de informações mais profundas, mais ricas. Costumeiramente, emprega-se a abordagem qualitativa quando se quer entender detalhadamente por que um indivíduo ou grupo faz ou pensa determinada coisa. O método observa a dinâmica relação entre o mundo real e o sujeito. Considera o valor que as pessoas dão às coisas e à vida (NEVES, 1996, p. 1). Para Minayo, “[...] trabalha com o universo de significados, motivações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo de relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização” (2004, p. 21).

Com raízes na sociologia e na antropologia, a pesquisa qualitativa é pautado nas relações sociais que se estabelecem em diversos ambientes. No caso deste trabalho, pretende-se analisar as interações políticas que surgem no Facebook e emergem dessa plataforma para a rotina dos usuários. A perspectiva qualitativa procura observar os fenômenos de forma integrada, considerando os pontos de vista dos indivíduos envolvidos (GODOY, 1995b, p. 21). A intenção é compreender a dinâmica que rege o objeto investigado.

Algumas características identificam esse tipo de estudo, por exemplo: os fatos de a pesquisa qualitativa ter o ambiente natural como fonte direta de extração de dados e de o pesquisador ser instrumento fundamental na condução desse processo; somado ao caráter descritivo adotado na abordagem (GODOY, 1995a, p. 62). Para desenvolver o trabalho de campo o pesquisador conta com a ajuda de equipamentos como gravadores e blocos de anotações, conforme ocorreu nesta pesquisa.

⁵⁰ A fórmula utilizada para obter as amostras baseia-se em estimativas de proporções e resume-se em:

$$n = \frac{z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{e^2}$$

Onde “n” é igual ao tamanho da amostra que se quer calcular, “z” é o desvio do valor médio que se aceita para alcançar o nível de confiança desejado (aqui se usou um valor já previamente estipulado, de acordo com a forma de distribuição de Gauss, em que $z = 1,96$, para o nível de confiança de 95%), “p” é a proporção que se espera encontrar e “e” é a margem de erro máxima que se quer admitir.

Em contraste com a metodologia de base quantitativa, que transforma a vida social em números (GONSALVES, 2001, p. 68), a qualitativa interpreta o evento e considera o significado a esse atribuído pelos atores envolvidos, sob a ótica do pesquisador. “A pesquisa investe na qualidade das informações, valendo-se de maior profundidade” (CARRATORE, 2009, p. 34). Porém, para além dos benefícios do método, é preciso considerar algumas limitações recorrentes quando se opta por utilizá-lo. Ao se relacionar razões, percepções e motivos emocionais que extrapolam comportamentos racionais, há o risco de se colher muitas informações e apenas acumulá-las em um trabalho com grande volume de conteúdo, mas sem profundidade (TRUJILLO, 2003, p. 13).

3.2.1. Levantamento e seleção de notícias

A primeira etapa metodológica desta pesquisa consistiu no levantamento dos conteúdos políticos mais notórios nas páginas do Facebook. Com base na técnica cartográfica de mapeamento, procurou-se listar as postagens mais populares nas páginas do Facebook dos maiores veículos em circulação no país. Diante disso, é importante destacar que a cartografia é uma técnica fluida, ou seja, apresenta-se como um contorno que se permite influenciar por vários aspectos da realidade. Assim, constata-se que os processos sociais e os sistemas educacionais e culturais podem ser cartografados (BUENO, 2012, p.98).

O mapeamento, como parte da cartografia, não funciona como mera descrição das informações levantadas. O método respalda-se, na realidade, na busca por um entendimento qualitativo a partir da descrição cartográfica de sua funcionalidade (BUENO; REINO, 2014, p. 76). Além disso, ele não costuma ser proposto como a parte final de um processo de pesquisa. Geralmente, essa técnica está no início ou no meio de uma conjuntura maior dentro da ciência. É utilizado para alcançar uma compreensão mais ampla do objeto pesquisado e permite um recorte mais rigoroso do que se pretende estudar (ibidem, p. 88).

Nesta investigação, antes de se realizar manualmente a seleção de notícias, houve uma tentativa de contato com a equipe de Comunicação do Facebook. Foram solicitados dados sobre os conteúdos que obtiveram maiores índices de audiência nas interações entre usuários no segundo semestre de 2014, a fim de se retirar daí os conteúdos relacionados a

jornalismo político. Mas, embora se tenha conseguido contatar a empresa responsável pela assessoria de Comunicação da marca por e-mail e por telefone, a equipe alegou que o Facebook não possui pesquisas neste sentido.

Uma vez frustrado o plano inicial de obtenção dos números diretamente com o Facebook, a análise foi feita com base nos quatro jornais *quality papers* com maior tiragem no país, de acordo com a Associação Nacional de Jornais (ANJ). São eles: *Folha de S.Paulo*, *O Globo*, *Zero Hora* e *O Estado de S.Paulo*, que ocupam as segunda, terceira, sexta e sétima posições na pesquisa, respectivamente. Os dados levam em conta a média de circulação dos jornais tanto em meio impresso quanto em meio digital⁵¹.

A primeira e a quarta colocações da lista da ANJ são preenchidas pelos jornais populares *Super Notícia* e *Daqui*, cuja exclusão neste estudo se justifica pela falta de interesse desses veículos pela cobertura política. O quinto lugar é ocupado pelo jornal *Extra*, que não é estruturado exatamente como um jornal popular, mas também não tem características de *quality paper*. Como as editorias de destaque do *Extra* são polícia, celebridades e esportes, sem abertura para temáticas políticas, ele foi igualmente retirado da seleção.

Para executar o estudo, primeiro se definiu como mensurar o grau de popularidade.

O próprio site possui uma métrica para tanto, denominada *Falando sobre isso no Facebook*, a qual mostra os assuntos mais populares na rede. Ela faz menção ao número de pessoas que criam histórias a partir do conteúdo postado na página em questão, ou seja, leva em conta o conjunto de ações como curtir, compartilhar e comentar (KAUSHIK, 2010, s.n.). Contudo, trabalhar com essas três frentes conjuntamente não seria a melhor opção para este estudo, como se explica a frente.

Outra forma de mensuração que leva em conta estratégias de métrica de engajamento em redes sociais é o criado pelo especialista em análises de conteúdo em mídias sociais, Avinash Kaushik (2011). O autor aponta três vertentes para se medir a repercussão de postagens na plataforma:

1. Taxa de aplauso: consiste na quantidade de curtidas por cada postagem.

⁵¹ Associação Nacional De Jornais. *Maiores jornais do Brasil*: os maiores jornais de circulação paga, por ano. 2014. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>, acesso em 30 ago. 2015.

2. Taxa de conversação: refere-se ao número de comentários por postagem.
3. Taxa de amplificação: é quantia de compartilhamentos da postagem.

Sendo a taxa de aplausos um indicador de que a matéria agradou à audiência, que pode ser vista objetivamente em números, a análise priorizou as curtidas como medidor central para elencar as notícias mais lidas. O critério foi escolhido por ser o que mais se aproxima da ideia de popularidade.

Os compartilhamentos e os comentários carregam certa arbitrariedade, visto que conteúdos podem ser compartilhados e comentados impulsionados por motivações negativas, como para criticar o que o periódico divulgou. No caso dos comentários, as interações podem ocorrer também como forma de estimular debates, reflexões ou apenas para registrar constatações, dúvidas e sugestões. Assim, as taxas de amplificação e de conversação tiveram menos impacto na seleção das matérias, mas são fundamentais na estruturação da análise e na definição do público respondente das entrevistas.

A seguir, foi necessário considerar que o Facebook possui um recurso de personalização, que orienta os conteúdos que aparecem na linha do tempo e nos sites seguidos por cada usuário em conformidade com o histórico de seu perfil, levando em conta o que a pessoa curtiu, compartilhou e comentou anteriormente na rede social. Portanto, ao acessar as páginas dos jornais, a ferramenta molda o que aparece para o usuário de acordo com seus gostos pessoais.

Evitou-se utilizar na pesquisa perfis “viciados”, ou seja, perfis já anteriormente manuseados e influenciados por alguém. Para elaborar o quadro com as notícias mais lidas – e, posteriormente, para recrutar voluntários para as entrevistas –, foi criado um perfil falso na plataforma, atrelado a um e-mail igualmente falso. Ambas as contas estão vazias: o e-mail não guarda referências a qualquer assunto e o perfil no Facebook não interage com páginas ou grupos específicos e só mantém contato com os potenciais entrevistados.

Além disso, usou-se a opção de pesquisa anônima do navegador para efetuar *login* na rede social sem deixar rastros e, assim, acompanhar as postagens nas páginas dos jornais em questão da forma mais isenta possível. A coleta também não foi feita em computador pessoal. Como forma de apoio e de comparação, o mesmo caminho foi

percorrido a partir do perfil da pesquisadora e foram detectadas diferenças entre os conteúdos apresentados pelo Facebook a ela e ao usuário fictício.

3.2.1.1. Procedimentos de análise do levantamento e seleção de notícias

Todos os jornais com que se optou por trabalhar nesta pesquisa possuem páginas oficiais no Facebook para divulgar os conteúdos que produzem. A *Folha de S.Paulo* conta com mais de 5,5 milhões de seguidores, *O Globo* atinge 5 milhões de curtidas, a *Zera Hora* possui 2,1 milhões e *O Estado de S.Paulo* alcança quase 3,5 milhões de likes. Frente ao total de usuários da rede social – 92 milhões de pessoas em 2015⁵² – o público desses jornais abrangia, à época do levantamento, entre 1,95% (no caso do *ZH*), a 5,5% (na *Folha*) da audiência do Facebook.

Uma pesquisa realizada, em 2015, pela *Quartz*⁵³ – agência estadunidense que divulga notícias sobre a nova economia global – sobre os países que mais consomem notícias por meio do Facebook coloca o Brasil em primeiro lugar neste *ranking*. Os dados mostram que 67% dos brasileiros ativos na rede social se informam pela plataforma. Portanto, parte considerável dos usuários procura se informar por canais alternativos, e não por vias tradicionais (como jornal impresso ou televisivo)⁵⁴.

Ao mesmo tempo, empresas midiáticas se inserem na plataforma a fim de conquistar espaço e manter seus leitores fidelizados (VIVIAN, 2015, s.n.). Os jornais selecionados nesta pesquisa postam notícias diariamente em suas páginas no Facebook. O conteúdo advém dos sites de notícias e, em geral, as atualizações vêm acompanhadas de

⁵² O público dos veículos de comunicação brasileiros nas mídias sociais ainda é relativamente baixo se comparado, por exemplo, ao público da televisão. Segundo a *Pesquisa Brasileira de Mídia 2015*, 79% dos entrevistados afirmaram assistir TV para se informar. Esses telespectadores (pertencentes a uma amostra dos 95% da população que possuem TV em casa) apontaram que o pico do horário de uso do aparelho é das 20h às 20h59, de segunda a sexta-feira, hora de transmissão do *Jornal Nacional*, noticiário do horário nobre da Rede Globo, canal aberto líder em audiência no país. No Facebook, o mesmo noticiário contava – no segundo semestre de 2016 – com pouco menos de 8 milhões de curtidas, ultrapassando a popularidade da *Folha de S.Paulo* e dos demais jornais aqui analisados. Já a página da revista *Veja*, veículo do gênero com maior distribuição em território nacional, tinha pouco menos de 7 milhões de *likes* no mesmo período.

⁵³ Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/cerca-de-70-dos-brasileiros-se-informam-pelo-facebook/>>. Acesso em 5 nov. 2015.

⁵⁴ Observou-se que os entrevistados desta pesquisa citaram o Facebook como principal fonte de informação. Eles relatam seguir diversas páginas de jornais, revistas ou canais de informação e, mesmo que não as acessem diretamente, acabam por acompanhá-las por meio do *feed* de notícias da rede social.

uma manchete, de um subtítulo ou de um lide, seguidos por um link que encaminha o usuário para o jornal on-line.

Para realizar o levantamento das notícias mais populares, foram vistas um total de 487 postagens. Das quais 178 foram da *Folha de S.Paulo* (52 delas relacionadas à temática política – na maior parte nacional –, ou seja, menos de 30% de 178), 76 do *Globo* (13 sobre política, aproximadamente 17%), 99 da *Zero Hora* (19 referentes à política, cerca de 20%) e 134 do *Estado de S.Paulo* (43 sobre o tema política, o equivalente a 32% do total). Utilizou-se o histórico recente de postagens no Facebook de cada página no segundo semestre de 2014. Optou-se por ver todas as publicações – ao invés de consultar apenas os destaques. Mas, mesmo assim, devido a grande quantidade de postagens efetuadas rotineiramente pelos jornais escolhidos, o sistema da rede social suprime parte do material compartilhado e disponibiliza somente os assuntos de maior repercussão.

Deste levantamento, foram retiradas somente as notícias que diziam respeito à editoria de política e, a partir do novo recorte, selecionaram-se as duas notícias mais lidas sobre o assunto em cada página no período. De acordo com a taxa de aplauso das postagens (ou seja, o número de curtidas), foi possível medir a repercussão de diferentes temáticas no Facebook, como o debate sobre homofobia suscitado pelo então presidente Levy Fidelix e a morte do candidato Eduardo Campos em acidente aéreo.

A escolha de trabalhar com levantamento e seleção de notícias a partir das páginas desses quatro jornais se deve à preocupação metodológica de conduzir a pesquisa com base em dados que possam resultar em um perfil dessa parcela específica do público do Facebook que contenha traços do público ativista digital como um todo. Além disso, a etapa serviu de alicerce para a triagem de entrevistados, já que foi desse material que foram extraídos os perfis de quem comentou nas notícias selecionadas e, posteriormente, veio a fazer parte da entrevista. Assim, essa primeira fase propôs-se a evitar que as fases subsequentes fossem administradas de maneira a limitar o estudo a pessoas conhecidas ou a conhecidos de conhecidos – o que poderia acontecer caso se optasse por convidar qualquer um a participar, sem estabelecer critérios e uma metodologia.

3.2.2. Entrevistas semiestruturadas

Consistem em conversas entre a pesquisadora e o público investigado. O intuito é avaliar apreensões e juízos que os usuários fazem do contato que têm com temáticas políticas por meio do Facebook. Nessa fase, haveria dois percursos metodológicos possíveis: a entrevista em profundidade e o grupo focal. A realização de entrevistas conjuntas com um grupo restrito de pessoas, porém, seria de difícil operacionalização, tendo em vista que a investigação se propõe a abranger todo o país, o que implicaria em reunir indivíduos de diferentes estados brasileiros de tempos em tempos em um mesmo ambiente.

Permaneceram, assim, as entrevistas em profundidade como alternativa mais apropriada. Elas foram desenvolvidas de forma semiestruturada, apoiadas em um roteiro de perguntas elaborado com antecedência, mas com alguma liberdade para transitar por vias que não estavam no plano. A ideia inicial era dialogar com um grupo que englobasse de seis a dez pessoas, ao menos uma de cada região do Brasil. Entretanto, à medida que se iniciou o processo de realização de entrevistas, notou-se a necessidade de aumentar a quantidade de participantes, devido ao curto tempo em que os primeiros usuários respondiam às questões. Decidiu-se entrevistar 15 pessoas, número que depois cresceu para 20. Paralelamente, o tamanho das entrevistas também aumentou.

Conforme proposto desde o princípio, as conversas foram necessariamente faladas – em hipótese alguma escritas –, a fim de se estreitar a relação com o usuário-voluntário da pesquisa e compreendê-lo mais a fundo. Caso o contato fosse somente por escrito, sentimentos, entonações, reações e sensações provavelmente deixariam de ser captados. Para viabilizar esse diálogo, a proposta primeira era utilizar a ferramenta de áudio e vídeo ofertada pelo próprio Facebook e que vem incorporada à plataforma. Pensou-se em conduzir os encontros de forma virtual devido às distâncias espaciais entre pesquisadora e entrevistados e, em especial, para aproximar a pesquisa da dinâmica das mídias sociais. Todavia, os próprios respondentes optaram pelo uso de ligações telefônicas convencionais como principal forma de aplicação do método.

A entrevista apresenta uma diversidade de possíveis aplicações, já destacadas nas pesquisas em Ciências Sociais: como ferramenta de coleta e registro de dados, como um diálogo e como método de coleta e registro de narrativas e histórias de vida (PEREIRA;

NEVES, 2013, p. 37). Intenciona-se aqui, principalmente, explorar a entrevista como um diálogo.

O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. [...] O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos. (GASKELL, 2002, p. 65)

Conforme Gil (1987, p. 109), a técnica de entrevista é uma forma de interação social que ocorre a partir de um diálogo assimétrico com o intuito de captar sentimentos, crenças e desejos. Não se manifesta como procedimento formal. O processo é uma interação entre investigador e entrevistado. Para Pereira, a ferramenta não é incidente neutro de coleta de dados. “Trata-se na verdade de construções da realidade, ocasiões em que o entrevistado busca fabricar significados à sua experiência tendo em vista o seu interlocutor” (2008, p. 71).

Por um lado, a flexibilidade metodológica do instrumento confere potencial profundidade às informações. A entrevista permite que se apreendam subjetividades e detalhes das trajetórias dos entrevistados que a simples tabulação de dados não tem condições de oferecer. Por outro lado, a descrição desses diálogos entre entrevistador e entrevistado consiste no resultado final de um processo de negociação entre os dois participantes da interação. “Ele revela um processo de dupla interpretação em que pesquisador e informante se avaliam e interpretam o sentido dos discursos articulados por ocasião dessa interação” (PEREIRA; NEVES, 2013, p. 37). Carrega, assim, simulacros, artificialidades e interpretações, tanto nos depoimentos quanto nos trechos transcritos ou nos relatos. Mais que um falseamento, há uma reconstrução de si feita pelas partes em um contexto de interação.

Ainda segundo Pereira (2008, p. 70), “comparada a outras técnicas de pesquisa – o questionário, por exemplo – a entrevista possui a desvantagem de apresentar dados pouco uniformes e de difícil sistematização”. O autor aponta dois outros limites do uso de entrevistas, como o risco de o pesquisador dirigir a coleta de registros a partir de um viés e a manipulação da interação pelos entrevistados por meio de respostas elaboradas de acordo com seus interesses.

Uma forma de lidar com esses problemas, é formular questões de maneira aberta e direta e tentar evitar a imposição de interesses próprios na experiência dos participantes (MIGUEL, 2010, p. 9). Se o pesquisador assumir uma postura mais compreensiva e receptiva e estiver disposto a escutar as opiniões do interagente, ainda que essas sejam divergentes das suas, a entrevista tende a captar mais informações e, portanto, torna-se mais eficaz.

Em sua análise sobre a entrevista jornalística (adaptada aqui à entrevista de pesquisa), Medina (1995, 2010, p. 6), explica que a maior ou menor comunicação durante uma entrevista está diretamente relacionada à humanização do contato interativo: quando entrevistador e entrevistado saem modificados do encontro, a técnica provavelmente foi superada. Houve o diálogo e, com isso, uma interação mais democrática. “Alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada auto-compreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o diálogo possível” (MEDINA, 1995, p. 7).

Nesta pesquisa, empenhou-se grande esforço para conciliar a ideia de receptividade ao se escutar opiniões divergentes, de modo a tentar não oprimir a manifestação dos entrevistados. Por vezes, as opiniões soavam absurdas ou sem sentido⁵⁵, mas era preciso manter a compostura e deixar que os respondentes construíssem suas argumentações. Mesmo assim, também se procurou estabelecer um diálogo, para que a conversa fosse uma via de mão dupla e não somente o exercício de a entrevistadora ouvir os entrevistados.

Constam no roteiro das entrevistas questões ligadas ao cotidiano e aos hábitos de uso do Facebook pelos informantes. Espelhando-se em Pereira (2014, p. 65), pretende-se agregar qualitativamente diferentes conjuntos de perfis, a partir da proposta de objetivação de dados em pesquisas vinculadas ao interacionismo simbólico. Assim, busca-se resgatar indícios das interações – virtuais ou não – que o público mantém com outros sujeitos e de que maneira isso interfere em hábitos de uso e posicionamentos na rede social.

⁵⁵ O caso mais representativo disso é o do entrevistado 4 (Dênis), que, ao citar notícias sobre o estupro coletivo de uma jovem no Rio de Janeiro, a acusa veementemente de ser culpada e isenta os estupradores de responsabilidade diante do crime. Este episódio será tratado com mais detalhes no capítulo de análise das entrevistas, em seção que aborda o papel das mulheres na contemporaneidade da perspectiva dos respondentes.

3.2.3. Observação participante

A pesquisa participante permite ao investigador apreender informações raras que não seriam voluntariamente repassadas pelos indivíduos inseridos no ambiente. Ainda de acordo com os estudiosos, a técnica de pesquisa excede a contemplação passiva ou o mero olhar atento. “É essencialmente um olhar ativo sustentado por uma questão e por uma hipótese” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 176).

Nessa perspectiva, “o pesquisador se torna parte da situação observada, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004, p. 166). O investigador passa a ser instrumento central na coleta de informações e tem a chance de aferir como é estar no lugar do outro, do pesquisado.

O método de observação participante é comum em pesquisas de caráter mais etnográfico. Quando um etnógrafo volta do campo, ele tem algo para contar (MURTHY, 2008, p. 838). O estudioso que se coloca em contato direto com o objeto absorve experiências e percepções daquele contexto, as quais podem servir de alguma forma à pesquisa. Murthy explica que a presença de etnógrafos na internet é muitas vezes fisicamente invisível. Contudo, deve-se observar que “embora a internet projete um ar de neutralidade, é um espaço de relações de poder” (2009, p. 840).

No presente trabalho, a observação participante é utilizada como metodologia secundária, como um instrumento complementar para a investigação. A pesquisadora, enquanto usuária do Facebook, partilha atividades e vivências com a audiência que, assim como ela, acessa conteúdos webjornalísticos pela rede social. A partir disso, há um esforço no sentido de apreender significações e de avaliar as diversas práticas dos pares.

Entretanto, é importante ressaltar que a observação tem de respeitar alguns critérios e exigências, como listam Laville e Dionne: “não deve ser uma busca ocasional, mas ser posta a serviço de um objeto de pesquisa, questão ou hipótese, claramente explicitado; esse serviço deve ser rigoroso em suas modalidades e submetido a críticas nos planos de confiabilidade e da validade” (1999, p. 176).

Colocar a técnica em prática também pressupõe cuidado na coleta, ordenação e apresentação das evidências constatadas. Deve-se diferenciar observação de interpretação

e, frente à grande imersão do investigador no universo de pesquisa, ficar alerta para não relatar apenas o evidente (GADÊLHA, 2009, p. 16). Ainda segundo o autor, embora as pesquisas qualitativas possam se fortalecer quando se recorre a intuições e percepções na exploração dos dados, também é necessário manter vigilância constante para evitar que preferências pessoais, ideológicas e políticas se reflitam no transcorrer da investigação e nos resultados finais dessa.

No caso desta investigação, contudo, assumiu-se a perspectiva interacionista de que as pessoas são classificadas em determinados grupos ou posicionamentos de acordo com a forma como se dá a interação (entre entrevistadora e entrevistado, neste caso). Leva-se em conta, portanto, as considerações, precauções e distorções de posturas que decorrem do lugar de fala do respondente e da entrevistadora (enquanto mulher e estudante universitária, por exemplo). Assim, ao contrário do que propõe Gadêlha (2009), o trabalho acaba por transparecer visões e opiniões político-ideológicas da autora, as quais complementam o seu encadeamento e reforçam o caráter simbólico das negociações entre os atores.

Ao longo da pesquisa, as impressões percebidas a partir de observação participante foram registradas como notas de campo – algumas de forma manual e, outras, digitalmente. Tais informações foram usadas como apoio às entrevistas e posteriormente a essas para servir como base ao desenvolvimento da análise.

3.2.4. Questionário e dificuldades de executar essa ferramenta no âmbito digital

Como já mencionado, pretendia-se trabalhar com questionários nesta pesquisa – mais especificamente, com e-questionários, ou seja, com a aplicação da ferramenta de forma on-line. O intuito era traçar um perfil inicial dos usuários do Facebook engajados com notícias sobre política. Utilizando a própria plataforma como canal, o questionário seria levado aos usuários que comentaram e compartilharam as notícias anteriormente selecionadas. Paralelamente, esses indivíduos seriam convidados a participar da pesquisa. A decisão de trabalhar com um público que extrapola o ato de curtir – que comenta e compartilha os conteúdos, atitudes que demandam mais tempo e dedicação – foi estendida à realização das entrevistas com o objetivo de abranger uma parcela da população já

previamente interessada em questões políticas e que tem se envolvido em debates sobre essa temática na web.

Porém, na etapa de qualificação desta pesquisa, a banca avaliadora orientou a autora sobre os problemas de se aplicar pesquisas on-line e a baixa taxa de respostas que se obtém por meio desses métodos. Uma vez que pouco mais de 12 mil pessoas comentaram nas notícias do levantamento, a chance de se obter 1.068 questionários respondidos (conforme a margem de erro ótima proposta, de 3% para mais ou para menos) frente à dinâmica do Facebook – em que as pessoas não costumam se propor a participar de pesquisas – acabou por ficar restrita. Diante disso, a sugestão da banca foi assumir o caráter qualitativo da pesquisa e voltar o foco para as entrevistas.

No entanto, a ferramenta já havia sido desenvolvida à época em que se optou por abrir mão dela. Somado a isso, foi aplicado um pré-teste do questionário com um grupo de 21 voluntários (mais informações sobre o desenvolvimento do questionário podem ser encontradas na seção de anexos). Considerou-se relevante destacar o uso desse método – mesmo que ele não tenha sido utilizado –, pois sua construção serviu de alicerce para a elaboração do roteiro de entrevistas. Embora adaptado e ampliado, o roteiro partiu de questões trazidas pelo questionário, as quais, com o andar da entrevista, se desdobram.

Baseado na *survey* e, portanto, no trabalho de Jouët et al. (2011), o roteiro foi estruturado a partir dos pontos a seguir: 1) elementos gerais (gênero, idade, escolaridade e renda familiar); 2) apropriação de tópicos usados na pesquisa dos autores, como grau de interesse por política e como a pessoa se define ideologicamente; 3) adaptação para a realidade brasileira (questões sobre se a pessoa possui computador em casa, quantos computadores possui e se a máquina tem ou não tem acesso à internet); e 4) adequação ao objeto de pesquisa (qual meio mais utiliza para se manter informado, frequência de acesso ao Facebook, compartilhamento de notícias pela rede social, se segue partidos políticos ou políticos pela plataforma, se conversa sobre política fora do Facebook, se concorda com a forma como as notícias são escritas e se acredita que compartilhar notícias pelo site muda a sua vida ou a de outras pessoas). Esses pontos encontram-se nas duas partes iniciais do roteiro de entrevistas: as perguntas gerais e as questões políticas práticas. A última seção – questões político-ideológica – foi estruturada depois, mas também está apoiada nos tópicos acima.

3.3. Procedimentos de construção do *corpus* e análise das entrevistas

Definir o *corpus* da pesquisa mostrou-se, desde o princípio, uma questão complexa. Como agrupar uma quantidade representativa de indivíduos que praticam ativismo digital no Facebook e, paralelamente, selecionar uma parte deles para conhecer mais a fundo? Esbarrou-se, primeiramente, com problematizações em torno do que seria ativismo digital, conceito ainda em construção academicamente (COELHO; COSTA, 2013, p. 9).

De maneira sintética, Veigh situa o ativismo digital como um movimento politicamente motivado que transcorre a partir do uso da internet (VEWGH, 1003, p. 71). Apropriando-se desse meio, os ativistas passam a expandir suas atividades tradicionais e também a desenvolver outras ações (RIGITANO, p. 3). Dentro desse contexto, considerou-se haver um senso de pertencimento a essa noção entre os indivíduos que interagiram em forma de comentários com as notícias sobre política selecionadas no levantamento inicial – que consistiu a primeira etapa metodológica. Tais pessoas são, neste trabalho, encaradas como ativistas digitais.

Desde quando se começou a desenhar a estrutura da pesquisa, as entrevistas foram tratadas como a fase capaz de acrescentar maior riqueza de informações à tarefa de buscar compreender o perfil dos usuários do Facebook que interagem com temáticas políticas por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos na plataforma. Mas foi necessário pensar em formas de se chegar até os entrevistados. A realização de um levantamento prévio de notícias mais curtidas no segundo semestre de 2014 foi o que pautou o trabalho inicialmente.

Pode causar estranhamento o fato de se trabalhar com os quatro jornais de maior tiragem no país – portanto, veículos impressos –, ao invés de se escolher mídias que simbolizam mais fidedignamente a dinâmica da rede social adotada para a análise. Todavia, observou-se, nos primeiros debates a respeito da construção do *corpus* da investigação, que optar pela apreciação de veículos que despontaram e foram arquitetados já de acordo com a sistemática de mídias sociais, poderia acarretar grandes distorções ao objeto. Além disso, posteriormente, as entrevistas e análises mostraram que esses jornais continuam sendo uma referência em termos de acesso à informação pelos usuários do Facebook.

Isso porque páginas que surgem no Facebook com o intuito de reproduzir informações, mas não estão diretamente conectadas à mídia tradicional, geralmente têm uma quantidade mais dispersa de seguidores⁵⁶ e contam com menos curtidas do que as páginas dos jornais selecionados para o trabalho. Ademais, costumam assumir explicitamente seu alinhamento a um campo-ideológico – o que, embora se considere positivo, não condiz com a noção que se reproduz no imaginário social do que seria fazer jornalismo (estereótipo que envolve os ideais de objetividade e imparcialidade). Priorizou-se partir da análise de indivíduos que lidam com informações previamente assumidas como jornalísticas, fator relevante para se avaliar como os participantes da pesquisa se posicionam frente a notícias produzidas por esses veículos e como eles se apropriam dessas.

Além disso, páginas como *O Antagonista* (561 mil seguidores), *Desquebrando o Tabu* (539 mil seguidores) e *Canal da Direita* (333 mil seguidores); ou *Mídia Ninja* (1,1 milhão seguidores), *Jornalistas Livres* (573 mil seguidores) e *Quebrando o Tabu* (5,4 milhões de seguidores), que se consagraram como populares canais de informação no Facebook, costumam contar com seguidores que possuem preferências ideológicas à direita, no primeiro grupo, ou à esquerda, no segundo. A ideia de trabalhar com um público com posicionamentos demasiadamente explícitos poderia não abranger outras categorias de ativistas digitais: aqueles indivíduos que ainda não se reconhecem como pertencentes a um ou a outro campo ideológico ou que misturam visões de ambos.

Já a opção de se levar em conta as curtidas para o desenvolvimento do levantamento de notícias deste trabalho, como já mencionado, pretendeu alcançar as postagens mais populares à época, para, assim se tentar chegar aos assuntos mais debatidos. Os compartilhamentos e os comentários, formas mais rebuscadas de interação com conteúdos via Facebook, foram resguardados para as etapas posteriores dos procedimentos metodológicos.

Em um primeiro momento, quando ainda se pensava em recorrer aos questionários, a proposta era contatar os usuários que comentaram nas notícias do levantamento a fim de convidá-los a responder o questionário e, posteriormente, a participar da entrevista. Como

⁵⁶ Com exceção da página no Facebook *Quebrando o Tabu*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/quebrandootabu/?fref=ts>>. Acesso em: 14 de out. 2016.

segunda alternativa para angariar voluntários para a fase de entrevistas, planejava-se convidar os indivíduos que compartilharam as notícias.

Quando o questionário foi desconsiderado em definitivo, cogitou-se mais fortemente utilizar os compartilhamentos como base para a escolha dos possíveis entrevistados. Contudo, mecanismos intrínsecos ao Facebook não permitem que se visualize todos os usuários que compartilharam determinado conteúdo, uma vez que as pessoas podem realizar alterações de privacidade em suas contas e escolher aquilo que desejam que fique visível para os demais. Isso restringiria drasticamente o acesso a diferentes perfis de pessoas que se engajam no debate político pela rede social. Dessa forma, a interação por meio de comentários foi definida como alicerce para se procurar os colaboradores para as entrevistas.

Por fim, iniciou-se a fase de entrevistas. Ao longo do mês de maio de 2016, foram contatadas cerca de 150 pessoas dentre os indivíduos que comentaram nas notícias do levantamento, com foco naquelas que haviam comentado em mais de uma notícia. A taxa de responsividade foi baixa: apenas sete pessoas responderam mostrando interesse em participar e, após um segundo contato da autora, somente um deu retorno novamente. Diante disso, optou-se por mudar a estratégia de abordagem, abrindo mão de falar só com quem havia comentado em mais de uma notícia do levantamento e acrescentando o currículo Lattes da autora ao fim do convite. Mas o que mais surtiu efeito foi uma medida muito simples: passar a chamar os indivíduos pelos nomes (o que, em um primeiro momento, não foi feito). A partir de então, e já adentrando o mês de junho, contactou-se mais de 400 pessoas e foi possível obter um total de 20 entrevistas.

Além da indisponibilidade dos usuários para responder, também transcorreram dificuldades em decorrência de limitações impostas pelo próprio Facebook, que, por medida de segurança, tenta impedir um perfil recém-criado de entrar em contato com muita gente em um curto período de tempo. Assim, a rede social determina uma quantidade máxima de convites de amizade que se pode enviar por dia, a depender de quantos amigos o perfil já possui e das interações que realiza. No caso do perfil criado para a pesquisa, era possível enviar uma média de 40 solicitações de amizade por dia. Uma vez que as pessoas iam aceitando o convite e dialogando com o perfil, tornou-se possível aumentar o número de contatos diários.

Outros problemas mais simples também despontaram, como a necessidade de alterar o nome “Pesquisa Acadêmica”, originalmente vinculado ao perfil, para algum outro que se iniciasse com um nome real. Foi utilizado, dessa forma, o nome da autora. Essas exigências do Facebook procuram evitar a criação de usuários falsos e a disseminação de conteúdos publicitários por meio de ferramentas destinadas a indivíduos, não a empresas e organizações – neste caso, a plataforma solicita que se recorra à criação de uma página ao invés de perfil.

Cogitou-se, inicialmente, entrevistar um grupo de dez usuários voluntários. Entretanto, a execução da metodologia mostrou a necessidade de se reformular essa quantidade, a fim de tentar garantir que o material a ser analisado contivesse densidade suficiente para tornar possível vislumbrar o perfil político-ideológico desses indivíduos. Dessa forma, o número passou, primeiro, para 15, e, depois, para 20 entrevistados. Uma vez atingida a quantidade pretendida de respondentes, os demais colaboradores que vieram a se voluntariar posteriormente foram dispensados.

3.3.1. Critérios de representatividade

Alguns parâmetros foram considerados com o intuito de garantir maior representatividade do grupo de entrevistados. Outros fatores foram surgindo como reflexo da conjuntura do Facebook no Brasil e da realidade socioeconômica do país.

a) Gênero e distribuição geográfica

A proposta inicial da pesquisa era trabalhar com uma quantidade proporcional de entrevistados por regiões do país e por gênero, a fim de ter uma representação mais equilibrada do perfil de usuários do Facebook que se engajam com temáticas políticas ao longo de todo o país. Contudo, foi possível notar, com o desenrolar do trabalho, que há diversos fatores que interferem nessa distribuição dos indivíduos.

Ao se analisar os comentários nas postagens do levantamento, por exemplo, ficou evidente uma maior interação por parte de usuários homens com os conteúdos selecionados. As mulheres comentaram menos nas notícias em questão e também responderam menos aos convites para participar da pesquisa. Tal constatação reflete problemáticas complexas, conectadas a estereótipos de gênero e a estímulos sociais que as

mulheres recebem para se interessarem menos por temáticas políticas do que os homens. Biroli trata sobre o papel marginal das mulheres na política reforçado por meio de estereótipos:

O desinteresse pela política, a falta de habilidade para o exercício de cargos públicos e o não-pertencimento à esfera política em sentido estrito são, assim, conectados em um conjunto de discursos que atendem a uma regularidade sem que se apresentem de forma homogênea. A oposição entre, de um lado, feminino e espaço privado, e, de outro, masculino e espaço público, discutida em estudos como os das cientistas políticas Carole Pateman (1993) e Susan Okin (1998, 1989), está na base desses estereótipos, confirmando divisões e hierarquias que colaboram para a marginalização das mulheres *da e na* esfera política. (BIROLI, 2010, s.n)

No que tange a disposição demográfica de usuários, o grupo de entrevistados não possui uma distribuição equivalente entre as regiões do país, mas traz um retrato mais fiel da adesão de indivíduos a mídias sociais em território nacional. De acordo com dados disponibilizados pela eMarketer, empresa especializada em pesquisas voltadas para o mercado digital, a maior concentração de usuários brasileiros nessas plataformas está no Sudeste (46,9%), seguido pelas regiões Sul (24,4%), Nordeste (16%), Centro-Oeste (9,2%) e Norte (3,2%)⁵⁷. Ainda que entre os entrevistados, o padrão seja um pouco divergente disso, a distribuição é aproximada. A proporção de entrevistados do Sudeste é condizente com os resultados da pesquisa: são 10 pessoas que o representam. Quanto ao restante do grupo, o ranking difere um pouco do nacional: há três pessoas do Nordeste, três do Centro-Oeste, duas do Norte e duas do Sul.

b) Faixa etária

Ao se projetar qual deveria ser o público participante da pesquisa, buscou-se tomar como base o perfil dos usuários de mídias sociais no Brasil. De acordo com dados da Serasa Experian⁵⁸, referentes a 2014, a faixa etária de 25 a 34 anos é predominante entre os visitantes dessas plataformas, indicando 27,62% do total. Em seguida, está o grupo de 18 a

⁵⁷ Disponível em: <<http://propmark.com.br/>> e <<https://www.ecommercebrasil.com.br/noticias/uso-de-redes-sociais-esta-concentrado-em-jovens-do-sudeste/>>. Acesso em: 14 de out. 2016.

⁵⁸ Disponível em: <<http://noticias.serasaexperian.com.br/facebook-e-lider-entre-redes-sociais-em-maio-no-brasil-de-acordo-com-hitwise/>>. Acesso em: 14 de out. 2016.

24 anos (23,91%) e, posteriormente, pessoas entre 35 a 44 anos (20,31%). Por fim, há os indivíduos com 55 ou mais (14,53%) e aqueles com 45 a 54 anos (13,63%).

Entre os entrevistados, constatou-se a predominância de um modelo semelhante ao nacional, ainda que com proporções diferentes. A maior parte dos colaboradores tem idade entre 25 e 34 anos (nove pessoas) e entre 18 e 24 (seis pessoas). Apenas três dos respondentes pertencem à classificação de 35 a 44 anos e duas voluntárias representam o conjunto de 45 a 54 anos. Contudo, não houve incidência de gente com mais de 55 anos, embora esse público venha aumentando rapidamente em plataformas como o Facebook. De qualquer maneira, o grupo de entrevistados com que se trabalhou engloba diferentes gerações e representa pessoas com idades entre 18 e 52 anos, trazendo diferentes perspectivas do uso da internet e da apropriação de ferramentas de mídias sociais por audiências de várias faixas etárias.

Foram copiladas no quadro abaixo as informações acima apresentadas sobre os respondentes da pesquisa:

Quadro 1 – Região e estado do país onde vivem e idade dos entrevistados

Entrevistado (a)	Gênero	Região (e estado) onde vive	Idade
Entrevistada 1 (Ana)	Feminino	Sudeste (RJ)	52
Entrevistado 2 (Bento)	Masculino	Nordeste (RN)	23
Entrevistada 3 (Carla)	Feminino	Centro-Oeste (DF)	25
Entrevistado 4 (Dênis)	Masculino	Sudeste (MG)	36
Entrevistada 5 (Ester)	Feminino	Sudeste (RJ)	34
Entrevistado 6 (Fábio)	Masculino	Centro-Oeste (MS)	39
Entrevistada 7 (Gina)	Feminino	Sudeste (RJ)	22
Entrevistado 8 (Hugo)	Masculino	Centro-Oeste (DF)	26
Entrevistada 9 (Ivana)	Feminino	Nordeste (CE)	33
Entrevistado 10 (Jorge)	Masculino	Sudeste (RJ)	18
Entrevistado 11 (Léo)	Masculino	Nordeste (CE)	22
Entrevistado 12 (Max)	Masculino	Sul (SC)	29

Entrevistada 13 (Nádia)	Feminino	Sudeste (RJ)	51
Entrevistado 14 (Oto)	Masculino	Norte (PA)	22
Entrevistado 15 (Pedro)	Masculino	Sudeste ⁵⁹ (MG)	32
Entrevistado 16 (Quincas)	Masculino	Sudeste (RJ)	30
Entrevistado 17 (Raul)	Masculino	Sudeste (RJ)	33
Entrevistado 18 (Saulo)	Masculino	Sul (RS)	23
Entrevistada 19 (Taís)	Feminino	Sudeste (MG)	42
Entrevistado 20 (Uriel)	Masculino	Norte (PA)	30

Fonte: elaborado pela autora

c) **Disponibilidade**

Durante a fase de avaliação dos potenciais entrevistados, os perfis de cada um dos usuários convidados a participar da pesquisa foram analisados. Diante disso, observou-se que algumas figuras poderiam acrescentar contribuições mais interessantes para as entrevistas do que as demais. O que pautou essa constatação foram as manifestações políticas divulgadas pelos usuários em seus perfis no Facebook, havendo, entre eles, militantes mais engajados tanto do campo da direita quanto da esquerda.

Contudo, chamaram atenção, especialmente, os indivíduos que sustentam elementos de um nacionalismo exacerbado – pautado em conservadorismo – ou militaresco nos perfis, como bandeiras do Brasil sustentando o lema de ordem e progresso, críticas ao “comunismo”, referências elogiosas a parlamentares de extrema direita e até imagens pessoais segurando armas (temáticas abordadas com maior detalhamento no capítulo de análise). Mas as pessoas que adotam essas características de forma mais latente não se dispuseram a fazer parte do trabalho. Exemplo disso foi um jovem rapaz, que anuncia no perfil da rede social ser fundador da Juventude Conservadora do Espírito Santo. Embora se tenha feito contato com ele de forma persistente, ele nunca se manifestou a respeito do convite ou da pesquisa.

⁵⁹ Atualmente, vive nos Estados Unidos. Mas é mineiro e morou em seu estado natal até se mudar recentemente para o exterior a trabalho.

No fim, a definição do grupo de entrevistados dependeu muito mais da disponibilidade e da vontade dos voluntários em aderir à investigação. Aqueles que se ofereceram já demonstram, por meio de seus perfis pessoais, serem dos mais interessados por temáticas políticas dentre os usuários convocados. Isso indica que a própria estrutura metodológica da pesquisa tratou de filtrar eventuais usuários que comentaram nas notícias do levantamento, mas não se envolvem efetivamente com o debate político.

Após ter o *corpus* selecionado, foi feito o agendamento e a realização das entrevistas. Tais etapas são descritas abaixo, por meio de uma narrativa feita na terceira pessoa do singular. Escolheu-se esse recurso para manter um padrão em relação ao restante do trabalho.

3.3.2. Operacionalização da escolha de entrevistados

Uma vez definido que o *corpus* da pesquisa seria um grupo de indivíduos que comentaram nas postagens do levantamento de notícias e que demonstraram interesse em participar do trabalho, foi preciso decidir quem convidar, frente a um universo de 10.420 indivíduos. Para chegar a esse número, recorreu-se ao ambiente de desenvolvimento integrado para cálculos estatísticos e gráficos *R*, que também consiste em uma linguagem de programação.

Por meio do programa, foi possível extrair informações sobre quem comentou nos conteúdos selecionados. Os nomes dos usuários foram organizados em uma tabela Excel, a partir da qual se identificou as ocorrências de nomes repetidos. Por meio disso, conseguiu-se listar os indivíduos que comentaram em duas ou mais notícias do levantamento, grupo que engloba 354 pessoas, ou 3,4% do total de gente que comentou nas postagens. Contudo, os mecanismos utilizados para agregar os potenciais entrevistados não conseguem aferir quantos nomes da tabela pertencem a perfis no Facebook de homônimos. Houve um empenho em fazer esse trabalho manualmente. Mas alguns fatores inviabilizaram essa tarefa, como a grande quantidade de pessoas pertencente à lista, os perfis bloqueados ou sem fotos e a existência de perfis repetidos pertencentes ao mesmo usuário.

Portanto, em um primeiro momento, focou-se nas pessoas com nomes e sobrenomes menos comuns. Em meio a esse grupo, foram enviados 62 convites para aderir à pesquisa e a partir disso obteve-se metade dos voluntários para a entrevista. Para conseguir chegar aos demais, todavia, foi preciso recorrer a métodos menos sofisticados e trabalhosos, encaminhando-se os convites um a um para pessoas que comentaram nas notícias uma única vez⁶⁰. A intenção era mandar convites para 50 usuários que tenham comentado em cada postagem do levantamento. Mas só foi possível fazer isso com sete do total de oito notícias, pois, uma notícia da *Zero Hora* – relativa à charge de Iotti sobre as então presidentes Dilma Rousseff e Marina Silva – foi retirada do ar, e os comentários no Facebook a respeito dela se perderam. Foram enviados, assim, 412 convites via rede social para potenciais entrevistados.

Entre todos os convidados, 20 usuários efetivamente participaram da fase de entrevistas; oito pessoas aceitaram o convite e, posteriormente, declinaram; uma senhora recusou de imediato; um rapaz afirmou que só participaria em troca de alguma valor monetário; e 11 indivíduos se voluntariaram tardiamente para participar, alegando terem demorado a ver a mensagem. De fato, notou-se que, a partir de determinado momento, o Facebook passou a encaminhar as mensagens enviadas aos usuários para a caixa “outras”, onde são alocadas mensagens de pessoas estranhas ou desconhecidas da pessoa que as recebe. Ainda assim, é possível afirmar que ao menos 300 convites foram visualizados por quem os recebeu, ainda que poucos tenham sido respondidos.

Com o número de entrevistas obtidas, é importante explicar que a pretensão do trabalho consiste em detectar indícios do perfil dos ativistas digitais que comentam e discutem temáticas políticas no Facebook. Não se pretende, porém, trazer apontamentos concretos e definitivos, visto que a amostra é muito pequena. A pesquisa assumiu seu caráter qualitativo e é com base nisso que a análise se desenvolve.

Abaixo segue um detalhamento sobre as interações dos respondentes com as matérias do levantamento de notícias:

⁶⁰ Os outros 62 convites também foram enviados um a um. Mas o procedimento foi mais fácil porque já se sabia nome e sobrenome dos entrevistados. Não foi preciso localizá-los entre quem comentou nas postagens do levantamento.

Quadro 2 – Em qual (ou quais) notícia (s) os entrevistados comentaram

Notícia/ Entrevistado	E1 Ana	E2 Bento	E3 Carla	E4 Dênis	E5 Ester	E6 Fábio	E7 Gina	E8 Hugo	E9 Ivana	E10 Jorge	E11 Léo	E12 Max	E13 Nádia	E14 Oto	E15 Pedro	E16 Quincas	E17 Raul	E18 Saulo	E19 Taís	E20 Uriel
N8 “OAB quer cassação de Levy Fidelix por homofobia”	X			X		X		X	X	X							X			X
N1 “País apreensivo com sumiço de Eduardo Campos”		X	X									X	X		X					
N6 “Não são só Dilma e Aécio que estão assustados com Marina”								X											X	
N2 “Aécio Neves: ‘O sonho é morar numa propaganda do PT’.”					X									X						

Notícia/ Entrevistado	E1 Ana	E2 Bento	E3 Carla	E4 Dênis	E5 Ester	E6 Fábio	E7 Gina	E8 Hugo	E9 Ivana	E10 Jorge	E11 Léo	E12 Max	E13 Nádia	E14 Oto	E15 Pedro	E16 Quincas	E17 Raul	E18 Saulo	E19 Taís	E20 Uriel
N3 “Dilma não consegue reconhecer seus erros”, diz Marina”		X		X			X									X				
N7 “Jean Wyllys x Jair Bolsonaro”	X									X	X	X		X	X		X			X
N4 “Totti: duelo entre Dilma e Marina”																				
N5 “Jardel quer ser deputado”																		X		

Fonte: elaborado pela autora

3.3.3. Agendamento das entrevistas

Após ter o *corpus* definido, iniciou-se o agendamento das entrevistas. Foi preciso contatar as pessoas por meio do Facebook, ambiente em que elas foram encontradas e no qual estão disponíveis. Primeiro, foi preciso criar um perfil na rede social destinado somente à pesquisa – chamado, inicialmente, de Perfil Acadêmico, e, posteriormente, de Mariana Perfil Acadêmico. O objetivo foi tentar não influenciar o contato com os entrevistados com informações individuais relacionadas à autora, além de evitar exposição do ponto de vista pessoal dessa em decorrência da pesquisa. Para tanto, o seu perfil particular no Facebook também foi modificado: o sobrenome foi alterado, de forma a dificultar que os entrevistados a encontrassem na rede social; e imagens, postagens e conteúdos do perfil foram bloqueados para usuários desconhecidos (que não fossem seus amigos na plataforma).

Elaborou-se um texto padrão para convidar os usuários a participarem da pesquisa. A estratégia foi adicionar o indivíduo no Facebook e encaminhar uma mensagem privada a ele esclarecendo a proposta. O convite buscou conciliar um tom mais informal e amigável com o intuito acadêmico das entrevistas. Por meio de uma breve apresentação da autora e do trabalho, os indivíduos foram convocados a fazer parte da investigação sobre o perfil dos usuários do Facebook que curtem, comentam e compartilham notícias sobre política na rede social. Ressaltou-se duas vezes ao longo do convite que a entrevista seria feita de forma anônima e os participantes não seriam identificados em momento algum.

Em um primeiro momento, a taxa de adesão à proposta foi muito baixa. Contatou-se 110 pessoas que haviam comentado em mais de uma notícia do levantamento, um grupo pequeno se disponibilizou a participar (7 pessoas), mas apenas uma disponibilizou seu contato e agendou dia e horário para a conversa (entrevistada 1 – Ana). Outro membro desse grupo (entrevistado 14 – Oto) também veio a participar posteriormente, mas após recorrente insistência da autora devido à região onde ele mora (Norte) e a sua firme militância política (identificada por meio do perfil do respondente).

Assim sendo, foi preciso abrir mão de recorrer somente a pessoas que comentaram em duas ou mais notícias do levantamento. Foram contatadas outras 300 pessoas que haviam comentado em uma única notícia dentre as previamente selecionadas. Somado a isso, à medida que alguns usuários iam aceitando o convite de amizade no Facebook, mas

não respondiam a mensagem, entrava-se novamente em contato com esses a fim de questionar, amistosamente, se tinham ou não interesse em participar da pesquisa. Também foi preciso repensar o tempo médio de entrevista proposto aos convidados: primeiramente, eles foram informados que as conversas durariam cerca de meia hora; mas, em um segundo momento, foi necessário propor entrevistas de 15 a 20 minutos. Efetivamente, contudo, a maior parte dos diálogos ultrapassou esse tempo. A disposição dos entrevistados já nas primeiras questões foi essencial para se compreender como a conversa deveria ser conduzida e se seria ou não possível extrapolar o tempo inicialmente sugerido.

Durante a fase de agendamento, a menção ao status acadêmico da entrevista – para uma dissertação de mestrado – não parece ter prejudicado o contato com os usuários dispostos a responder o convite. Ao contrário, esse fator parece ter sido, na realidade, positivo para o desenrolar da pesquisa. Tal suposição é feita, pois, ao final de algumas conversas, os participantes elogiaram a iniciativa e mencionaram a importância de se desenvolver pesquisas do gênero – foi o caso dos entrevistados 2 (Beto) e 4 (Dênis) e da entrevistada 13 (Nádia). O entrevistado 11 (Léo), por sua vez, relatou que gostou muito de fazer parte do trabalho. Já outros respondentes se sensibilizaram com o convite por também serem estudantes, o que, segundo relataram, os impele a viver situações semelhantes – como os entrevistados 16 (Quincas) e 17 (Raul).

Já ao se convidar as pessoas para participar das entrevistas, os objetivos da pesquisa foram relevados, porque se avaliou que, do contrário, os usuários se negariam a fazer parte do trabalho. Mas, mesmo aceitando colaborar após estarem cientes da proposta, foi frequente que durante a conversa os voluntários pedissem novos esclarecimentos sobre a dissertação, dessa vez de forma mais detalhada. O caso mais gritante, contudo, foi o do entrevistado 20 (Uriel), que após uma dúzia de perguntas questionou, em tom de perplexidade: “Você é jornalista? O que é isso?”, referindo-se à quantidade de perguntas.

3.3.4. Realização das entrevistas

As entrevistas foram realizadas essencialmente por meio de ligações telefônicas convencionais, com exceção de duas feitas via ligação por Whatsapp e via Skype; além disso, elas concentraram-se no mês de junho de 2016.

As entrevistas abordam tópicos como ativismo digital, militância política, usos da internet e recepção dos meios de comunicação, partindo de correlações sócio-demográficas e entre práticas sociais dos voluntários. Com o intuito de abranger esses temas, foi construído um roteiro de perguntas que orientaram as entrevistas. Houve um esforço grande para garantir que todas as questões fossem apresentadas aos entrevistados. Contudo, ficaram algumas lacunas em uma ou outra entrevista, referentes a perguntas que não foram feitas ou que os próprios participantes não se sentiram seguros para responder. De qualquer forma, essa conjuntura não chegou a prejudicar o andamento da pesquisa, pois o empecilho foi compensado pela densidade de algumas respostas e pelo empenho de quase todos os entrevistados em esclarecer detalhadamente como se sentem sobre os assuntos apontados.

O roteiro não foi seguido fielmente, portanto. Ocorreram pequenas modificações e adaptações de acordo com o respondente. Em determinados momentos, os participantes já haviam respondido alguma pergunta subsequente e esgotado o tema, tornando desnecessário repetir o questionamento conforme o roteiro. Também surgiram questões que não faziam parte da proposta inicial, mas que, em decorrência da história de vida do entrevistado ou da entrevistada, coube acrescentar à entrevista. A colaboradora 9, por exemplo, fez referência ao programa Mais Médicos⁶¹ ao longo de um de seus relatos. Dessa forma, considerou-se conveniente questioná-la quanto a sua posição sobre o programa⁶². Assim, as adaptações ao roteiro de entrevistas permitiram que se captasse melhor o posicionamento político-ideológico dos entrevistados.

O roteiro foi dividido em três frentes: dados sociodemográficos (estado onde mora, idade, escolaridade etc.), avaliações sobre a política e sobre a mídia brasileiras e uso das redes sociais (por que se interessa por política, com que tipo de posicionamento político o entrevistado mais se identifica, como procura se informar sobre o cenário político do país etc.) e posicionamento político-ideológico (face a temáticas como Bolsa Família, ações

⁶¹ Programa lançado pelo governo Dilma com o objetivo de suprir a carência de médicos no interior do país e em regiões periféricas de grandes centros urbanos. A iniciativa trouxe, em um primeiro momento, médicos cubanos para assumir postos em locais que não eram de interesse de médicos brasileiros. Essa parceria entre Brasil e Cuba gerou debates e polêmica, acentuando divergências políticas.

⁶² A entrevistada 9 (Ivana) relatou não ter domínio suficiente quanto à condução do programa para opinar sobre ele. Disse que entende que a medida trouxe benefícios para parcelas da população que não tinham acesso a médicos, mas conta já ter escutado histórias de desvios de dinheiro relacionadas à ação, o que ela considera muito ruim.

afirmativas de cotas raciais, casamento homoafetivo, papel das mulheres na sociedade, aborto etc.). Ao decorrer das conversas, evitou-se ao máximo intervir nas falas dos participantes, de forma que eles pudessem expor com mais sinceridade aquilo que pensam sobre os assuntos abordados. Ver roteiro nos anexos.

As opiniões dos entrevistados foram perguntadas indiretamente. Utilizou-se o recurso de questionar o que o indivíduo pensa a respeito do tema, sem perguntar objetivamente se ele é contra ou a favor ou sem disponibilizar apenas duas vias de repostas. Por exemplo, ao invés de perguntar se a pessoa é contra ou a favor do porte de armas de fogo, questionou-se como ela encara a questão. Isso possibilitou que os participantes explorassem melhor cada item a eles apresentado e detalhassem melhor seus posicionamentos. Ainda assim, foi frequente os voluntários já iniciarem suas respostas indicando se eram contrários ou favoráveis ao ponto levantado.

A interpretação dicotômica foi a que mais se destacou entre as respostas. A tendência dos colaboradores de remeter cada pergunta a duas possíveis formas de resposta acabou por contribuir para a disposição desses em campos ideológicos mais à direita ou mais à esquerda, tomando como base discursos defendidos por um ou por outro lado.

3.3.5. Registro das entrevistas

As entrevistas foram registradas por meio de um gravador digital e, posteriormente, salvas em formato “.mp3”. A fim de salvaguardas os áudios das conversas, uma cópia deles foi armazenada em pen-drive e os arquivos foram arquivados no e-mail da autora. O tempo de gravação foi de aproximadamente 14 horas, com entrevistas cujas durações variaram de 17 minutos (entrevistada 19 – Taís) a quase duas horas (entrevistado 14 – Oto). As primeiras conversas, principalmente, foram mais curtas. Mas, à medida que se compreendia melhor a técnicas de entrevista e a dinâmica de reações e respostas dos entrevistados, os diálogos foram ficando mais prolongados.

Os contatos e a marcação de horários aconteceram a partir do Facebook e atenderam as demandas dos respondentes, ou seja: os próprios entrevistados indicaram o melhor dia e horário para eles. Também se deixou a critério dos participantes a escolha do meio que mais lhes convinha para a realização da entrevista, desde que essa fosse falada:

ferramenta de áudio ou vídeo do Facebook, ligação telefônica convencional, ligação por Whatsapp ou Skype. Apenas um colaborador solicitou o uso de Skype para o contato (entrevistado 16 – Quincas), outro preferiu que a ligação fosse por Whatsapp (entrevistado 15 – Pedro) e os demais optaram por ligações telefônicas comuns. Portanto, nenhum deles preferiu que a entrevista ocorresse via Facebook. Além disso, todos só concordaram em gravar sob o critério de anonimato.

Para facilitar a compreensão desta etapa da pesquisa, as informações a seu respeito foram sistematizadas no quadro abaixo.

Quadro 3 – Meio, data e duração das entrevistas com os colaboradores

Entrevistado	Meio e data de realização das entrevistas	Tempo gravado*
Entrevistada 1 (Ana)	Ligação telefônica convencional em 4/06/2016	25min
Entrevistado 2 (Bento)	Ligação telefônica convencional em 6/06/2016	23min
Entrevistada 3 (Carla)	Ligação telefônica convencional em 6/06/2016	27min
Entrevistado 4 (Dênis)	Ligação telefônica convencional em 6/06/2016	50min
Entrevistada 5 (Ester)	Ligação telefônica convencional em 6/06/2016	18min
Entrevistado 6 (Fábio)	Ligação telefônica convencional em 6/06/2016	39min
Entrevistada 7 (Gina)	Ligação telefônica convencional em 7/06/2016	24min
Entrevistado 8 (Hugo)	Ligação telefônica convencional em 8/06/2016	23min
Entrevistada 9 (Ivana)	Ligação telefônica convencional em 8/06/2016	42min
Entrevistado 10 (Jorge)	Ligação telefônica convencional em 10/06/2016	26min
Entrevistado 11 (Léo)	Ligação telefônica convencional em 11/06/2016	58min
Entrevistado 12 (Max)	Ligação telefônica convencional em 12/06/2016	44min

Entrevistada 13 (Nádia)	Ligação telefônica convencional em 13/06/2016	1h
Entrevistado 14 (Oto)	Ligação telefônica convencional em 14/06/2016	1h46 min
Entrevistado 15 (Pedro)	Ligação via Whatsapp em 17/06/2016	29min
Entrevistado 16 (Quincas)	Ligação via Skype em 18/06/2016	59min
Entrevistado 17 (Raul)	Ligação telefônica convencional em 18/06/2016	1h04min
Entrevistado 18 (Saulo)	Ligação telefônica convencional em 19/06/2016	38min
Entrevistada 19 (Taís)	Ligação telefônica convencional em 19/06/2016	17min
Entrevistado 20 (Uriel)	Ligação telefônica convencional em 6/07/2016	40min
Tempo total de Gravação		13h29min

Fonte: elaborado pela autora

* Os segundos foram suprimidos da contagem de tempo das entrevistas

3.3.6. Edição e tratamento do material

As entrevistas foram transcritas por um colaborador, com supervisão e orientações da autora. Optou-se por uma forma de edição que considerou o tom da narrativa dos entrevistados, com algumas coloquialidades, mas eliminou erros de ortografia e de concordância. O material está anexado, praticamente na íntegra, ao fim da dissertação. Os únicos trechos descartados foram momentos prolongados de inversão de papéis, em que os respondentes, durante a entrevista, formulavam perguntas a respeito da vida pessoal ou profissional da autora. Porém, essas ocasiões foram raras. Houve um esforço para preservar, contudo, elementos que indicam reações, sentimentos e a personalidade dos entrevistados, como palavras/ trechos em que eles são mais enfáticos, expressões regionais e gírias.

Comumente, os depoimentos fazem referências a pautas da agenda midiática desde antes do recorte temporal da pesquisa (começando em 2013, à época das jornadas de junho e da Copa das Confederações no Brasil) até o período das conversas (quando se desenrolavam as votações na Câmara e no Senado a respeito do *impeachment* de Dilma Rousseff e, concomitantemente, Michel Temer assumiu a presidência da República interinamente). Temáticas de destaque em noticiários nacionais e internacionais não relacionadas diretamente à política também foram mencionadas. Esses assuntos ganharam ênfase nas mídias sociais, onde ainda eram debatidos paralelamente à realização das entrevistas. Dentre essas questões estão: o estupro coletivo de uma adolescente no Rio de Janeiro (em maio de 2016)⁶³; o massacre em uma boate LGBT em Orlando (em junho)⁶⁴; o assassinato de um menino de 10 anos pela Polícia Militar de São Paulo (em junho)⁶⁵; e a crise migratória na Europa.

Durante o processo de edição e tratamento, com o intuito de enriquecer a análise, foram averiguadas informações citadas pelos participantes, como nomes de pessoas e de instituições/organizações, datas e acontecimentos que ganharam visibilidade na mídia. Recorreu-se à pesquisa na internet e a portais de notícias para checar tais dados apontados pelos respondentes. A maior parte dessas referências que aparecem no corpo do trabalho vem acompanhada de esclarecimentos em forma de notas de rodapé.

Ao fim desta etapa, foi iniciada a análise das entrevistas. O processo levou cerca de três meses – tendo em vista o tamanho do material. Para tentar compreender as práticas

⁶³ Episódio em que uma adolescente de 16 anos foi estuprada por um grupo de jovens – a princípio falou-se em 33 homens, mas não foi possível confirmar o número por meio da perícia, uma vez que essa foi feita dias após o crime. A menina estava desacordada quando foi violentada. Os agressores gravaram a cena e divulgaram vídeos e imagens na internet. O caso gerou polêmica e discussões na internet relacionadas à violência contra a mulher. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/31/politica/1464713923_178190.html>. Acesso em: 11 de out. 2016.

⁶⁴ Encarado pelo governo estadunidense como mais um caso de atentado terrorista no país, o massacre na boate Pulse foi impulsionado por homofobia e preconceito (não só com grupos LGBT, mas também com latinos, que eram os maiores frequentadores do local). Na ocasião, Omar Mateen invadiu a casa noturna e matou 49 pessoas a tiros, deixando outras 53 feridas. O autor do crime era filho de imigrantes afegãos, o que acrescentou ao debate discussões de cunho xenófobo. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/06/licoes-do-massacre-na-boate-pulse-em-orlando.html>>. Acesso em: 11 de out. 2016.

⁶⁵ Ítalo Ferreira de Jesus Siqueira, uma criança de 10 anos de idade, foi baleado na cabeça por policiais militares de São Paulo em uma perseguição policial e morreu. O motivo foi o furto de um carro nos arredores de um bairro nobre da cidade. O episódio trouxe à tona debates sobre direitos humanos, redução da maioria penal e abuso de autoridade e violência policial. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-que-se-sabe-sobre-o-caso-do-menino-morto-por-policiais-em-sp>>. Acesso em: 11 de out. 2016.

individuais de utilização da rede de cada usuário, levou-se em consideração fatores como: ativismo digital, militância política, usos da internet, recepção dos meios de comunicação, influências do Facebook na orientação e na postura política do entrevistado e reprodução de estereótipos. O capítulo de análise foi subdividido em dois subtópicos. O primeiro abrange um mapeamento dos grupos de resposta, estabelecendo possíveis correlações entre os respondentes, tanto em termos sócio-demográficos como entre práticas sociais. Já no segundo, são discutidos os resultados a partir das perguntas de pesquisa.

3.3.7. Formatação do material coletado

O conteúdo coletado por meio de entrevistas foi posteriormente utilizado para a realização da análise sobre o perfil político dos ativistas digitais no Facebook. Ao longo dos próximos capítulos, ocorrem citações diretas e indiretas desse material. Para tanto, usou-se a seguinte formatação, seguindo-se regras ABNT: corpo 12 entre aspas no corpo do texto, quando a citação for menor que quatro linhas; e corpo 10, com recuo de 4 cm em relação à margem esquerda, quando for maior que isso. Optou-se por adotar esse formato a fim de padronizar a fala dos entrevistados com as demais citações bibliográficas. Mas, para não confundi-las, as entrevistas realizadas com os colaboradores desta pesquisa são indicadas com o aviso “entrevista à autora”, entre parênteses no final do trecho citado.

A referência aos membros do grupo de 20 pessoas que se ofereceu a fazer parte do trabalho é feita pelos termos: entrevistado (a), respondente, colaborador (a), participante e voluntário (a). Para diferenciar um indivíduo do outro – e prezando pelo anonimato a eles garantido como pré-requisito para participação na pesquisa –, foram atribuídos números de 1 a 20 a cada um dos respondentes, de acordo com a ordem de realização das entrevistas. Os homens são definidos como: entrevistado + número correspondente (ex.: entrevistado 2). Para as mulheres, o modelo é o mesmo, modificando-se apenas o gênero: entrevistada + número correspondente (ex.: entrevistada 1).

Contudo, a fim de não retirar por completo a individualidade dos participantes ao atribuir-lhes meros números, paralelamente, também foram conferidos a eles nomes

fictícios. As iniciais desses nomes seguem a ordem alfabética tradicional, indo de A a U (totalizando 20 participantes)⁶⁶.

3.4. Considerações

Alicerçado teoricamente nos preceitos do interacionismo simbólico e em estudos sobre jornalismo político e mídias sociais, a pesquisa se consolida, efetivamente, em uma sobreposição metodológica de diferentes recursos. É por meio do levantamento de notícias, da realização de entrevistas em profundidade e de observação participante que são gerados os dados utilizados nesta investigação.

Todavia, a missão de delimitar usos, apropriações e posicionamentos que o público do Facebook no Brasil faz e toma a partir de informações jornalísticas que compartilha, comenta e curte na plataforma carrega imenso desafio. A investigação já se inicia marcada pela exclusão digital e restringindo-se aos usuários de redes sociais e a um público-alvo, em geral, mais elitizado – os leitores de jornal, atividade bastante influenciada por fatores como escolaridade e renda, como já mencionado.

Assume-se que há lacunas ao se optar por tais métodos. Todavia, considerando-se o cerne da pesquisa, que é chegar ao público, alcançá-lo, ouvi-lo e tentar compreendê-lo, assumiu-se que os procedimentos escolhidos são os que melhor atendem a proposta da investigação. Dessa forma, o capítulo a seguir traz a análise e o desmembramento do material coletado a partir dos percursos metodológicos.

⁶⁶ Desconsiderou-se a letra K no processo.

4. ANÁLISE (PARTE 1): ENTREVISTADOS, HISTÓRIAS E CONJUNTURAS

Este capítulo propõe-se a apresentar o perfil das entrevistadas e dos entrevistados que aceitaram fazer parte deste trabalho. Primeiro, são apresentadas as características sociodemográficas, a fim de subdividi-los em grupos de respostas de acordo com dados convergentes (região do país onde vivem, faixa etária, ativismo digital). Posteriormente, os indivíduos são introduzidos um a um por meio de breves perfis biográficos. Por fim, são avaliadas as relações dos colaboradores com coletivos políticos e as correlações entre práticas sociais e relações interpessoais dos entrevistados.

4.1. Mapeamento de grupos de respostas

Foram realizadas 20 entrevistas com representações de todas as regiões do país. Desse total de voluntários, sete são mulheres e 13 são homens. Três entrevistados vivem na região Centro-Oeste (uma mulher e dois homens), dois moram no Norte (ambos homens), três no Nordeste (uma mulher e dois homens), dez são do Sudeste (cinco mulheres e cinco homens, sendo que um deles mora no exterior) e dois (homens) vivem no Sul do país.

A faixa etária dos entrevistados varia de 18 a 52 anos. Sendo que a maior concentração de participantes por faixa etária encontra-se entre 20 e 29 anos (oito pessoas) e entre 30 e 39 anos (oito pessoas). Apenas um entrevistado tem menos de 20 anos, uma está entre 40 e 49 e somente duas entrevistadas estão acima dos 50 anos.

A maioria dos voluntários está cursando o Ensino Superior (onze pessoas, sendo quatro mulheres e sete homens). Um possui graduação completa, três estão cursando pós-graduação (duas mulheres e um homem) e uma moça já possui pós-graduação completa. Além disso, dois rapazes possuem apenas Ensino Médio completo.

O Facebook ganha destaque enquanto principal fonte de informação política dessas pessoas⁶⁷. Entre o total de entrevistados, 13 declararam que utilizam principalmente a rede

⁶⁷ A forma de identificar e buscar compreender os posicionamentos políticos dos entrevistados tem como base o roteiro de entrevista, construído a partir de três segmentos de questões: dados sociodemográficos;

social para se manter a par do cenário político do país. Desse número, seis pessoas buscam, paralelamente, outros meios como suporte para avaliar o conteúdo que recebem no Facebook. Também são citados como fontes relevantes: sites de notícias (por oito pessoas), televisão (com seis adeptos), além de rádio, blogs e Twitter (cada um mencionado uma única vez, por diferentes entrevistados).

Diante desse quadro de intensa presença dos entrevistados no universo digital e levando em consideração que todos eles dizem acessar a internet e o Facebook mais de uma vez por dia, buscou-se definir o grau de ativismo digital do grupo a partir da frequência com que os respondentes comentam e/ou compartilham informações sobre política no Facebook. Segundo esses critérios, dentre os 20 usuários, 11 podem ser considerados ativistas digitais assíduos, ou seja, comentam ou compartilham conteúdos políticos ao menos uma vez por dia. Nesses parâmetros, um dos colaboradores pode ser visto como ativista digital com atuação mediana (pois comenta ou compartilha informações sobre política de uma a quatro vezes por semana), enquanto outro atua de forma pouco frequente (de uma a quatro vezes por mês).

Já outros sete participantes estão classificados em um grupo que chama atenção: são pessoas que deixaram de se manifestar por se sentirem acuadas ou por se sentirem frustradas no exercício do ativismo digital. A maior parte delas explicou que preferiu abrir mão de compartilhar ou comentar em conteúdos políticos para evitar críticas ou embates com amigos e familiares. Uma característica comum aos membros deste grupo (com exceção de um único rapaz) é que elas se enquadram ideologicamente no campo da esquerda, sendo alguns mais liberais socialmente e outros mais conservadores.

4.2. Breves perfis biográficos

A intenção deste tópico é apresentar perfis biográficos curtos sobre os colaboradores da pesquisa, a fim de esclarecer quem é a pessoa, onde ela mora, qual sua formação, seus percursos ideológicos e afiliação política. Serão atribuídos nomes fictícios para cada um dos entrevistados. Ao se desenvolver um panorama dos hábitos e posturas

avaliações sobre a política e a mídia brasileiras e sobre o uso das redes sociais; e posicionamentos político-ideológicos. Em um total de 33 perguntas, 14 são abertas.

dos entrevistados, pretende-se facilitar a compreensão de como se constrói o ativismo digital desses.

Ana, a entrevistada 1, é uma designer carioca de 52 anos. Leitora constante do portal *O Antagonista*⁶⁸ – site jornalístico e opinativo de caráter neoliberal –, ela sustenta discursos com forte caráter liberal economicamente. Contudo, esse liberalismo também abrange, por vezes, outros setores, inclusive os sociais. Em tópicos polêmicos como descriminalização do aborto ou a defesa do casamento homoafetivo, ela argumenta: “eu sou a favor de liberdades individuais e liberdades econômicas. Então, eu acho que o que cada um faz da sua vida é problema seu”. Em termos políticos, Ana evita se apresentar como de direita, embora sua postura tenda para esse campo. Ao longo de sua construção argumentativa durante a entrevista, ela mostrou-se controlada e aberta ao diálogo.

O entrevistado 2, denominado de Bento, é um jovem de 23 anos com Ensino Médio completo que mora em Natal (RN). Homossexual, ao contar sua opção sexual durante a entrevista, ele demonstrou nítido receio de fazê-lo. Entre todos os participantes, Bento foi a figura mais difícil de definir em termos de campos ideológicos. Ele próprio alega não se ligar a lados e não conseguiu definir a si mesmo como alinhado especificamente à esquerda ou à direita. Suas opiniões oscilam entre discursos defendidos por grupos alinhados a ambas as perspectivas.

Ao expor o que pensa sobre as políticas afirmativas de cotas raciais e sobre casamento homoafetivo, Bento aproxima-se mais do discurso proposto pela esquerda. Portanto, acredita que a implementação do sistema de cotas é uma forma de aplacar um problema histórico de racismo e de desigualdade de classe. Mas, ao falar sobre feminismo ou sobre porte de armas de fogo, o respondente pende mais para uma argumentação semelhante à pregada pela direita, se opondo ao movimento feminista e colocando-se como favorável ao porte de armas.

A entrevistada 3, cujo nome fictício é Carla, tem 25 anos, mora em Brasília e cursa pós-graduação (mestrado) na área de Comunicação. Ela deixa transparecer o peso que a formação em uma universidade pública imprime em seus posicionamentos políticos. Relata que, anteriormente, sustentava visões mais conservadoras, devido a influências familiares. Mas, após cursar faculdade na Universidade de Brasília, passou a se identificar com pautas

⁶⁸ Disponível no endereço: www.oantagonista.com.

progressistas e, hoje, é militante do movimento feminista nas mídias sociais. Ainda assim, é cautelosa ao se enquadrar a um campo político, e prefere se definir como centro-esquerda, a fim de evitar opiniões que considera extremistas.

Carla foi a primeira a exteriorizar um receio que reaparece no discurso de outros respondentes mais alinhados à esquerda (como o entrevistado 16): o medo de ser tachada como radical. Assim como entre os voluntários que classificamos como de direita, igualmente, há participantes que tentam se desvincular do rótulo de ser de direita (como a entrevistada 1 e o entrevistado 6). Nota-se, independentemente de campos ideológicos, uma preocupação constante daqueles entrevistados mais moderados ou que querem ser vistos dessa forma em não serem confundidos com grupos intolerantes.

Dênis, o entrevistado 4, é um mineiro de 36 anos, com ensino superior completo. Ele utiliza grande quantidade de falácias populares para construir sua linha argumentativa (como o medo do comunismo e a ideia de que a política é algo ruim e os políticos são necessariamente ladrões). Sua postura político-econômica é de direita conservadora. Ele defende medidas neoliberais e acredita que o Estado deve intervir pouco no mercado e em setores como saúde e educação. Mas o elemento de maior destaque em sua fala é o ódio à esquerda e, em especial, ao Partido dos Trabalhadores (PT), aos ex-presidentes Lula e Dilma e a iniciativas encabeçadas por seus governos (Bolsa Família, políticas afirmativas de cotas). Argumentações nesse sentido são frequentes entre os colaboradores categorizados como de direita. Também vale ressaltar que há no discurso do respondente constantes colocações machistas (como culpabilizar as mulheres vítimas de assédio e violência e isentar da culpa o agressor) e um latente preconceito de classe.

As opiniões de Ester, a entrevistada 5, são bem próximas das de Dênis, embora ela possua posturas mais amenas em alguns pontos e mostre maior domínio e entendimento sobre os temas abordados na entrevista. Moradora do Rio de Janeiro, ela tem 34 anos e é formada em Administração Pública. Casada e com três filhos, ela confere grande importância à noção de família tradicional. É filiada ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e se classifica como de centro-direita. Defende perspectivas individualistas, sob a alegação de que cada cidadão deve se esforçar para conquistar o que deseja, além de pregar a necessidade de ordem.

Fábio, o entrevistado 6, segue o mesmo padrão ideológico, identificando-se como “conservador-liberal”. Ele é do Mato Grosso do Sul, tem 39 anos e cursa Relações Internacionais. Acredita que é impossível para o Estado “sustentar todas as demandas sociais” e que políticas públicas de inclusão tornam as pessoas dependentes. Ele alega que as classes média e alta são quem acabam por assumir o papel de inclusão ao “deixar de ir para a fila do SUS, deixar de usar a escola pública e dar lugar aos menos favorecidos”. Além disso, se opõe veementemente ao que chama de “cultura dos Direitos Humanos” e pauta sua argumentação com base em ideias como meritocracia e inversão de valores (como a alegação de que quem diz que racismo existe é que é o verdadeiro racista ou que casais homoafetivos não podem adotar crianças porque crianças adotadas são problemáticas).

Na contramão dessas opiniões, Gina, a entrevistada 7, é uma jovem de 22 anos moradora do Rio de Janeiro. Ela se apresenta como de esquerda e simpatizante do Partido dos Trabalhadores e conta que é hostilizada em decorrência de suas crenças políticas entre familiares e colegas de faculdade (ela estuda Veterinária). Apesar de se posicionar em prol de políticas públicas inclusivas e de acreditar que os governos precisam trabalhar para alcançar maior igualdade social entre a população, as opiniões de Gina ainda parecem pouco consolidadas.

Na entrevista, Gina faz certas afirmações que ela própria ainda não sabe explicar muito bem, além de se mostrar bastante conservadora em alguns debates (como o da equidade de gênero, em que ela confere exclusivamente à mulher a responsabilidade por uma gravidez indesejada). A colaboradora também mostra pouco domínio sobre algumas temáticas e, por isso, acaba por reproduzir estereótipos e preconceitos, como no debate sobre a regulação da mídia, em que ela afirma que é contra porque, se acontecesse, o Brasil ficaria como Cuba e deixaria de ter televisão.

O entrevistado 8, Hugo, é morador da periferia do Distrito Federal (Ceilândia). Ele tem 26 anos e cursa Psicologia. O rapaz diz ser de centro-esquerda em decorrência de conquistas alcançadas por esse campo e a favor de parcelas menos privilegiadas da população (conforme cita: direitos trabalhistas, acesso a universidades públicas, postos de saúde). Ele mesmo foi beneficiário do programa Bolsa Família enquanto estudava em uma

escola pública da região e descreve como a iniciativa foi importante para mantê-lo estudando. É militante do movimento negro e simpatizante do feminismo.

Ivana, a entrevistada 9, é uma cearense de 33 anos. Advogada, com pós-graduação completa, ela se identifica mais com os ideais de esquerda. Mas enfatiza que não apoia ou simpatiza com o PT, pois tem “nojo de partido político”. Sua linha argumentativa, contudo, flutua entre posicionamentos defendidos pela esquerda e pela direita. Por exemplo, elogia políticas públicas inclusivas como o Bolsa Família, mas critica as cotas alegando que a iniciativa seria uma forma de racismo e que é “injusta”. Embora se diga preocupada com causas relativas à equidade de gênero, confunde feminismo com o contrário de machismo e é incisiva ao culpabilizar mulheres que optam por abortar pelo fato de não terem se prevenido. Ivana é homossexual assumida e empenha-se (pessoalmente junto a amigos e conhecidos) para desconstruir estereótipos machistas e homofóbicos em relação à causa LGBT.

O entrevistado 10, Jorge, tem 18 anos, mora no Rio de Janeiro e estuda Ciências Políticas. Mais alinhado à esquerda, ele afirma simpatizar com o Partido Socialismo e Liberdade (Psol) e com a Rede Sustentabilidade (Rede). Leitor assíduo de veículos alternativos como *Mídia Ninja*, acredita que a aversão à esquerda que se manifesta no país advém principalmente de desinformação e da recusa em ouvir propostas de determinados partidos. Jorge aponta o contexto social como principal fator para determinar os rumos que o indivíduo vai seguir na vida. Apoiava o desenvolvimento de políticas inclusivas e afirmativas, mas não deixa de fazer críticas à forma como essas vêm sendo conduzidas. No que diz respeito às cotas, por exemplo, ele alega que, na universidade onde estuda, a iniciativa acaba por atingir estudantes negros de média e alta renda, ao invés de chegar aos estudantes negros mais pobres.

Léo, o entrevistado 11, é um rapaz de 22 anos que vive em Maracanaú (CE), região metropolitana de Fortaleza. Ele cursa Gestão de Políticas Públicas na Universidade Federal do Ceará (UFC) e, segundo relata, por influência de professores e do ambiente universitário, tornou-se um militante de esquerda. Léo simpatiza com o Psol por acreditar que o partido “defende um governo voltado para o povo e feito para ele”. Para o estudante, é difícil ficar calado ao se deparar com alguma violação dos direitos humanos. Ele avalia que as profundas desigualdades econômica, social e racial no Brasil advêm de fatores

históricos e enxerga a noção de Estado Social como uma forma de contornar essa problemática.

Por sua vez, Max, o entrevistado 12, é catarinense, tem 29 anos e faz faculdade de Direito. Em termos de militância política, ele simpatiza com o PSDB. Ideologicamente alinhado com a direita, acredita que, frente ao mercado, o Estado deve atuar como interventor nos momentos estritamente necessários e como regulador de forma geral e aposta na concepção de que cada indivíduo pode garantir sua subsistência de maneira autônoma, sem depender de qualquer incentivo estatal. Seus discursos são essencialmente baseados em preconceitos e estereótipos em relação ao brasileiro (como: “o brasileiro não gosta de votar”), o Brasil (por exemplo: “o Brasil é pobre de espírito”) e com a própria discussão política (ele afirma que “política é uma coisa muito chata”). Nota-se que, por vezes, essas afirmações generalistas, na realidade, refletem a forma como ele mesmo se sente em relação a diferentes temas.

A entrevistada 13, Nádia, é uma senhora de 51 anos que vive em um bairro nobre do Rio de Janeiro. Com formação na área de turismo, ela atua como empresária. Seu discurso é bastante elitizado e carrega traços de um nacionalismo fortemente ufanista. Ela afirma que não é simpatizante de nenhum partido político, que é “a favor do Brasil”. Reclama da classe política e da corrupção, atribuindo a conjuntura, em especial, ao PT. Também conta que, desde 2014, vem participando de manifestações políticas alinhadas à direita. Apesar de tecer comentários classicistas e de, algumas vezes, demonstrar estar desconectada da realidade do país (por exemplo, quando diz que os brasileiros vivem em Orlando), Nádia não deixa de ter sensibilidade com determinadas causas sociais. Compreende a situação do sertão nordestino e a necessidade que a região tem de ser amparada pelo Estado e defende com convicção a equidade de gênero e a liberdade sexual e de escolha das mulheres.

Oto, o entrevistado 14, é um paraense de 22 anos formado em Geografia e estudante de pós-graduação em Educação para Relações Étnico-Raciais. Ele mora em uma área periférica de Belém e leciona em uma escola particular da cidade. Relatando oscilar entre extrema esquerda e centro-esquerda, ele diz se identificar com a atuação do Psol e da Rede. Pratica seu ativismo digital a partir de análises pessoais da conjuntura política do país e do Pará que ele publica no Facebook. Para além da internet, participa do movimento

Hip Hop, tendo acesso a outro espaço de debate político e social. O voluntário defende uma perspectiva coletivista e inclusiva por meio de políticas públicas, o que, para ele, deve abarcar parcelas mais pobres da população e, em especial, negros, mulheres e grupos LGBT. Além disso, nota-se que a realidade regional desempenha grande influência em seu discurso.

O entrevistado 15, denominado Pedro, é um engenheiro mecânico de 32 anos que, embora tenha nascido em Minas Gerais, mora e trabalha nos Estados Unidos atualmente. Ele evita se classificar como alinhado a algum campo ideológico para não ser confundido com militantes que ele considera extremistas. Contudo, seus posicionamentos encontram-se mais à direita. É espectador assíduo do *Jornal Nacional*: grava o noticiário para assistir quando chega em casa. O televisivo, portanto, juntamente com portais tradicionais como *UOL* e *Globo.com*, são sua forma de se manter conectado com os acontecimentos no Brasil. Apesar de não simpatizar com algum partido, ele enfatiza que é “anti-petista”. Suas argumentações reproduzem visões de senso comum pautadas em preconceitos de classe, machismo e homofobia, como as ideias de que pobres são preguiçosos ou desinteressados e que casais homoafetivos podem influenciar crianças a serem homossexuais, ou o fato de se opor ao aborto inclusive em casos de estupro.

O entrevistado 16, aqui chamado de Quincas, mora em Cabo Frio (RJ). Ele tem 30 anos e faz faculdade de Direito. O respondente se classifica como sendo de centro-esquerda e, embora seja filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT), avalia que nos últimos anos a sigla sofreu uma inclinação à direita que não o agrada. Quincas possui o hábito de ir a páginas do Facebook que disseminam ideias contrárias às suas para debater e expor seu ponto de vista, postura que consiste em uma das formas de ativismo do entrevistado. Mas conta que, a partir do momento em que o interlocutor recorre a opiniões preconceituosas ou desrespeitosas, ele não dá continuidade à discussão. Ele é negro, estudante e bolsista do ProUni e gosta de conversar sobre política tanto pessoalmente quanto no ambiente virtual.

Raul, o entrevistado 17, vive na cidade do Rio de Janeiro. Com 33 anos, ele estuda Psicologia e trabalha como auxiliar administrativo em um hospital. Fã de noticiários de rádio e, em especial, do jornalista Ricardo Boechat⁶⁹, ele diz não saber se enquadrar em um campo ideológico. Sua argumentação, de fato, indica essa alternância entre ideais mais à

⁶⁹ Jornalista e atualmente apresentador de programas de rádio e televisão da Rede Bandeirantes de Televisão.

direita e mais à esquerda. Ele alega ser simpatizante de Marina Silva⁷⁰ e, paralelamente, nutre grande admiração por Jair Bolsonaro⁷¹ e é leitor do jornalista Reinaldo Azevedo⁷², de orientação política conservadora.

Apesar de se identificar com algumas figuras reacionárias, o discurso de Raul move-se na contramão disso. Ele cresceu em uma favela carioca e imprime em sua fala a experiência de ser extremamente pobre em uma cidade grande e desigual. Possui uma visão inclusiva, acredita que o Estado é uma ferramenta essencial para levar acesso a quem não tem e encara a política com certa desconfiança, alegando que é conveniente para essa classe alimentar a pobreza. O respondente também é evangélico, mas, segundo ele, por influências da universidade, posiciona-se de forma mais flexível frente a assuntos relativos ao debate de gênero (como equidade, assédio e aborto).

Saulo, o entrevistado 18, é um jovem gaúcho de 23 anos que desistiu da faculdade de Engenharia para assumir um concurso no interior do estado. Ele se diz alinhado à esquerda e simpatiza com partidos como PT e Psol. Sente-se incomodado com as profundas desigualdades sociais do Brasil e enxerga na política o meio mais eficiente de contorná-las. Defende a necessidade de a sociedade pagar a dívida histórica que tem com os negros, acredita que é preciso garantir equidade entre homens e mulheres e aposta na ideia de uma comunidade global, sem fronteiras entre países.

A entrevistada 19, cujo nome fictício é Taís, é uma mineira de 42 anos que cursa faculdade de Direito. Ela confessa que sequer gosta de política e, embora considere importante se manter informada sobre o tema, evita se posicionar no Facebook para fugir de possíveis polêmicas com amigos e conhecidos. Ainda que se classifique como de esquerda, Taís sustenta algumas posições conservadoras (por exemplo, crê que o Estado deveria cobrar menos impostos, que a criminalidade é causada por “uma lei frouxa” e aposta na redução da maioria penal).

⁷⁰ Política brasileira que concorreu à presidência da República nas eleições de 2014 pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) e em 2010 pelo Partido Verde (PV). Além disso, foi senadora pelo Acre e ministra do Meio Ambiente nos governos Lula (2002-2010). Em 2015, fundou e passou a liderar o partido Rede Sustentabilidade. Sua principal bandeira é a do meio ambiente.

⁷¹ Atualmente deputado eleito pelo Partido Progressista (PP), Bolsonaro é um militar da reserva de posicionamentos ligados à extrema direita. Suas declarações geram debates e controvérsias na internet. É associado a posturas homofóbicas, machistas e reacionárias.

⁷² Jornalista político da revista *Veja*. além de ser assumidamente do campo da direita liberal, ele é uma figura polêmica devido a suas declarações de cunho conservador.

O entrevistado 20, chamado de Uriel, mora em Santarém (PA), tem 30 anos de idade e faz faculdade de Tecnologia da Informação. Identifica-se com a ideologia de direita e faz coro com discursos extremistas como o do deputado Jair Bolsonaro. Seu discurso é raso e ele tem certa dificuldade de elaborar a argumentação. Reproduz falas repletas de preconceitos culturais com relação ao Brasil, aos políticos do país e ao próprio povo, além de transparecer uma exaltação aos Estados Unidos. Dentre todos os colaboradores, ele é o único a se opor abertamente a casamento homoafetivo (alguns outros voluntários se dizem a favor, ainda que demonstrem o oposto conforme expõem seus pontos de vista).

4.3. Relação com coletivos políticos

O intuito deste subitem é explicar as motivações em relação ao ativismo digital dos entrevistados a partir da avaliação de suas ações e da forma como eles veem a política e se posicionam frente a essa. Procura-se levar em consideração os vínculos dos respondentes com partidos, movimentos, associações, comunidades, etc. Com inspiração na abordagem etnometodológica, que explica uma ação social concertada (coordenada) a partir da agregação das motivações individuais, tentamos compreender a postura de cada respondente em relação a universo social em que estão inseridos e de seus desdobramentos.

Ao se analisar os participantes da perspectiva da região onde vivem, já se pode traçar correlações sociodemográficas entre eles. Ainda que essas não tenham qualquer relevância estatística, indicam a abrangência de pensamentos que se captou a partir do grupo de entrevistados. Observa-se que as opiniões políticas com base no conceito de esquerda-direita encontram-se equilibradas. No Norte, no Sudeste e no Sul, há a mesma quantidade de entrevistados pendendo para um lado ou para outro: dos dois respondentes do Norte, um diz ser de esquerda e outro diz ser de direita; entre os dez representantes do Sudeste, cinco estão mais à esquerda e outros cinco estão mais à direita; no Sul, cada um dos dois entrevistados também tem mais afinidade com campos opostos.

O grupo do Centro-Oeste foge um pouco deste padrão, com dois membros que se identificam mais com a esquerda e somente um que se identifica mais com a direita. Enquanto o Nordeste destoa totalmente deste modelo: a região possui todos os representantes com características mais alinhadas com a esquerda.

Também na classificação por grupos de idade, é possível observar uma correlação entre tendências políticas mais progressistas ou mais conservadoras a depender do grupo etário do indivíduo. Entre os nove indivíduos com idades até 29 anos, oito deles possuem posicionamentos mais voltados à esquerda, sendo seis pertencentes a uma linha de esquerda socialmente liberal e dois apresentando características conservadoras no discurso. Já a maior parte dos indivíduos com mais de 30 anos possui mais afinidade com ideais da direita (sete em um total de onze pessoas).

Em termos de militância política, buscou-se enquadrar os entrevistados nas categorias direita e esquerda, sendo que a classificação de direita foi subdividida entre outras duas micro-classificações: liberal economicamente e conservador socialmente; e liberal em todos os aspectos. Já os atributos da esquerda identificados na análise contam, invariavelmente, com um conservadorismo econômico e, em termos sociais, foi possível traçar uma subdivisão entre: esquerda socialmente liberal; e esquerda com características socialmente conservadoras.

Dessa forma, chegou-se ao resultado que segue:

Quadro 4 – Divisão de grupos de acordo com posicionamentos ideológicos

Gênero	Direita		Esquerda	
	Liberal economicamente e conservador socialmente	Liberal econômica e socialmente	Conservador economicamente e socialmente liberal	Conservador economicamente e com características socialmente conservadoras
Homens	5	0	6	2
Mulheres	2	1	1	3
Total	8		12	

Fonte: elaborado pela autora.

A maior incidência de indivíduos com posturas à esquerda respondendo a entrevista é um fator que merece destaque, tendo em vista que esse alinhamento político da maioria dos entrevistados não corresponde aos posicionamentos da maior parte das cerca de 400 pessoas convidadas a participar do trabalho. Ao visitar os perfis no Facebook dos usuários que comentaram nas notícias do levantamento, observa-se que uma parcela grande deles

posta ou compartilha conteúdos relacionados a críticas aos governos do PT ou exaltam elementos de um nacionalismo de caráter ufanista, como bandeiras do Brasil, itens em verde e amarelo, elogios ao trabalho das Forças Armada ou das polícias. Esses atributos costumam estar presentes na representação de membros da nova direita, a qual vem se reafirmando no contexto político nacional desde 2013.

Apesar de tendências político-ideológicas dos entrevistados aparecerem em seus discursos, no que tange a relação com partidos políticos, apenas metade deles declarou manter algum laço (de afinidade ou formal) com essas organizações. Somente dois deles possuem filiações: uma é filiada ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e outro é filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT). Os demais são simpatizantes de diferentes siglas: Democratas (DEM), Partido Novo (NOVO), Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Partido Verde (PV), Rede Sustentabilidade (REDE), além de PSDB e PT.

Observa-se que o partido com maior número de simpatizantes/filiados é o PSOL (quatro simpatizantes), seguido pelo PT (com um filiado e dois simpatizantes) e depois pela REDE (dois simpatizantes) e pelo PSDB (uma filiada e um simpatizante). O Democratas, o Partido Novo e o Partido Verde têm menos peso entre os entrevistados, contando com apenas um simpatizante cada.

Também é possível perceber incongruências ideológicas, como, por exemplo, o fato de o entrevistado 6 se alinhar tanto ao DEM quanto ao PV. O primeiro é originário do Partido da Frente Liberal (PFL) e propõe a união do liberalismo econômico com o conservadorismo de costumes, com pautas como Estado mínimo, abertura econômica, defesa de privatizações e redução de impostos⁷³. Portanto, aproxima-se mais daquilo em que o respondente acredita. Já o PV, programaticamente, embora não se defina nem como esquerda ou como direita, identifica-se com o ideário de esquerda à medida que defende distribuição de renda e questiona a hegemonia neoliberal⁷⁴, além de apoiar políticas

⁷³ Fonte: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/07/15/O-que-%C3%A9-o-DEM-partido-de-agenda-liberal-que-est%C3%A1-%E2%80%98renascendo%E2%80%99>>. Acesso: 19 de jul. 2016.

⁷⁴ Fonte: <<http://pv.org.br/opartido/programa/>>. Acesso em: 21 de jul. 2016.

públicas como as cotas raciais e o programa Bolsa Família, propostas que vão contra aquilo que o entrevistado 6 defende⁷⁵.

As incompatibilidades não se limitam aos campos ideológicos ou a partidos políticos. Elas também despontam em diferentes vertentes da direita ou da esquerda e em movimentos que representam esses dois posicionamentos. O colaborador 14 traz um exemplo disso ao descrever a relação que mantêm com o movimento hip-hop, que dá visibilidade a uma parcela da população marginalizada e é caracterizado pelo seu viés de contestação e de denúncia de problemas sociais, porém, parece continuar a reproduzir opressões e desigualdades de gênero presentes na sociedade (RODRIGUES; MENEZES, 2014, p. 704)⁷⁶.

Nota-se uma diversidade de pontos de vistas expressos pelos entrevistados, os quais, muitas vezes, são absorvidos pelo Facebook – conforme eles próprios relatam – e, posteriormente, reproduzidos em suas falas, mesmo que algumas dessas visões advenham de campos políticos diferentes. Tais posicionamentos, porém, são mais perceptíveis no discurso de entrevistados que ainda não têm um pensamento ideológico configurado. Aqueles mais seguros da linha política que seguem costumam ter posturas mais fiéis ao que defendem seus respectivos campos.

Notou-se uma relação frequente de desconfiança frente aos partidos políticos. Alguns dos entrevistados deixam transparecer em suas falas uma descrença nas instituições como um todo. Paralelamente a isso, no que diz respeito à recepção dos meios de comunicação, há uma relação conflituosa com a mídia. Percebe-se um embate de visões sobre a mídia trabalhar em prol de ideais de esquerda ou de direita, a depender do campo ideológico do entrevistado. Geralmente, quem se identifica mais com a esquerda alega que

⁷⁵ Fonte: <<http://www.eduardojorgepv.com.br/o-pv-e-um-partido-ambientalista-e-independente/>>. Acesso em: 22 de jul. 2016.

⁷⁶ Novaes ressalta a baixa presença de mulheres no movimento hip-hop (2002, p. 116). Segundo a autora, o lado masculino/machista se sobressai devido à associação do grupo com a cultura de rua, associada à violência, à criminalidade, a brigas e à discriminação policial, o que remete ao perigo e ao universo masculino (2002, p. 116). Conforme aborda o relato do entrevistado 14 sobre suas vivências e embates dentro do hip hop, há, nessa relação do movimento com o restante da sociedade e para com as mulheres uma dinâmica de opressão e reprodução de estereótipos e preconceitos enraizados na cultura ocidental. De um lado, socialmente, o hip hop também encara a problemática de ser observado de forma negativa por outros setores da sociedade e assume o posto de buscar rechaçar essas expressões de poder e de desigualdades. De outro lado, o próprio hip hop erra ao apresentar-se como uma manifestação que se pretende combativa e inclusiva, e acabar, ele próprio, a colaborar no silenciamento de outro grupo de silenciadas (as mulheres).

a mídia hegemônica defende pautas da direita e quem simpatiza mais com preceitos de direita enxerga na mídia tradicional uma ferramenta disseminadora de ideais de esquerda.

Esse descrédito com relação aos veículos midiáticos leva parte dos entrevistados a buscar fontes alternativas de informação. A internet acaba sendo um canal propício para isso, ao abrigar blogs e portais de mídia alternativa. Dentre os portais citados aparecem, por exemplo, o site *O Antagonista*, criado pelos jornalistas Diogo Mainardi e Mario Sabino, ambos originários da revista *Veja*, e com alinhamento político mais à direita. Alguns entrevistados também mencionam o site de *Pragmatismo Político*, cuja linha ideológica se enquadra mais com o que é defendido pela esquerda (ver descrição sobre a linha política desse site no próximo capítulo).

Em suma, metade dos entrevistados (10 pessoas) indicam ser filiados (dois) ou simpatizantes (oito) de algum partido político, sendo que seis desses indivíduos dizem ser de esquerda e os outros quatro se posicionam como de direita. Enquanto os demais se classificam como apartidários, suprapartidários ou até repudiam a concepção de um sistema político baseado em partidos.

4.3.1. Práticas políticas e a gestão das relações interpessoais dos entrevistados

O debate sobre as relações dos entrevistados com amigos e familiares frente aos seus posicionamentos ideológicos revela de onde surgem as principais influências políticas de cada respondente. A forma como o consumo de informações políticas envolve diferentes espaços/momentos da vida pessoal, diferentes “mundos” (familiar, político, trabalho, lazer), orienta o ativismo digital. Com o intuito de melhor compreender essa dinâmica, questionou-se cada voluntário sobre como o seu envolvimento com política no Facebook se reflete em sua relação com as outras pessoas e se essas pessoas concordam ou discordam de suas posições.

Avaliando-se as declarações dos participantes, foi possível delimitar cinco conjuntos de respostas quanto às relações interpessoais dos entrevistados: a primeira é composta pelas pessoas cujos familiares concordam com seus posicionamentos, mas os amigos/colegas discordam; a segunda por quem os amigos/colegas concordam, porém, os familiares discordam; a terceira contém aqueles que convergem com amigos e familiares; a

quarta reúne os que divergem de familiares e de amigos; e a última engloba as pessoas cujos amigos e familiares não se envolvem com política.

- **Indivíduos que concordam com familiares e discordam de amigos/colegas**

O grupo de entrevistados que possuem posicionamentos políticos alinhados com familiares, mas discordantes de amigos e colegas é pequeno. Nele encontram-se: a entrevistada 1 e os entrevistados 4, 15 e 18. Os três primeiros são simpatizantes do campo da direita e o último classifica-se como de esquerda. De forma geral, o que se nota entre eles é um discurso de evitar controvérsias, ainda que os problemas em relacionamentos por causa de política apareçam esporadicamente.

O entrevistado 15, alinhado à direita, relata problemas que enfrenta com amigos petistas e afirma que, com a maior parte deles, consegue contornar a situação deixando de falar sobre política, mas considera o processo cansativo e desgastante. Todavia, não é sempre que o respondente consegue chegar a um consenso com conhecidos no Facebook. Com algumas pessoas, ele conta que perdeu o controle da situação, o que provocou exclusões na rede social e o distanciamento entre eles.

Observa-se que a entrevistada 1 e o entrevistado 4 também se colocam diante da polarização política atual como ativistas ponderados. Afirmam que, na internet, embora suas opiniões entrem em choque com as de outros usuários, eles procuram manter uma abordagem conciliatória. Há, na fala da maior parte dos entrevistados, críticas incisivas quanto ao fanatismo e ao radicalismo que existe hoje nas discussões políticas, porém, eles se isentam do rótulo de radicais. Ainda que, em comentários do levantamento de notícias delimitado neste estudo seja possível perceber um discurso mais agressivo por parte dos participantes do que eles admitem.

Essa dinâmica de discordâncias e acusações entre os campos políticos se reflete nas inter-relações entre as pessoas, o que ocasiona, eventualmente, desentendimentos. O grupo de entrevistados que concordam com familiares e discordam de amigos demonstra uma abordagem padrão de gerir suas interações que se repete nos demais grupos. O que varia é apenas qual a esfera da vida daquele entrevistado exerce mais influência em seus posicionamentos (familiares, amigos, colegas, conhecidos).

- **Indivíduos que concordam com amigos/colegas e discordam de familiares**

Entre as entrevistadas e os entrevistados que se alinham aos pensamentos políticos de amigos ou colegas e que divergem de familiares, temos: as entrevistadas 3 e 13 e os entrevistados 8, 10, 11, 14, e 16. Classifica-se como mais à direita a respondente de números 13, enquanto os demais (3, 8, 10, 11, 14 e 16) estão mais à esquerda. O interessante desse desequilíbrio consiste exatamente nas justificativas dos voluntários sobre o que ocasiona os confrontos políticos com familiares.

Assim, o grupo de esquerda é inteiramente composto por jovens estudantes que reclamam do conservadorismo dos parentes mais velhos e da indisposição desses em escutar propostas mais progressistas. Já a entrevistada 13 – única mais à direita em meio ao conjunto – é uma senhora de 51 anos que reprova a postura de esquerda assumida pelos sobrinhos, que são jovens e estudantes universitários tal qual o restante dos membros deste grupo.

Ao desaprovar o fato de os sobrinhos tenderem “a defender o que está errado, o PT”, a fala da respondente se assemelha à argumentação de outros colaboradores identificados como de direita (4, 5, 6, 15 e 19). A entrevistada rotula que o partido está errado, com base em um senso comum que se formou em torno do PT, em grande parte impulsionado pela mídia. Os veículos de imprensa tradicionais do país têm atuado massivamente de forma a propagar as demandas de uma elite dominante. Em análise feita ainda nos anos 1990, Kucinski descreve tal situação:

Durante todo o período de crise pós-ditadura militar, a mídia desempenhou um papel de agência ideológica da burguesia, com exceção de uma única ocasião em que esse padrão se rompeu – no processo de denúncias que levou ao impeachment do presidente Collor de Mello. Nesse episódio, a mídia desempenhou o papel de intérprete e, depois, de condutora dos reclamos éticos de uma classe média enraivecida. Mas, em geral, os vários meios de comunicação de massa têm atuado com notável sintonia em apoio às mesmas políticas econômicas das classes dominantes e têm reagido do mesmo modo aos diferentes incidentes de percurso da política. (KUCINSKI, p. 40, 2002)

Com a eleição de Fernando Henrique Cardoso, a totalidade dos meios de comunicação se alinharam às suas propostas de privatização e redução da intervenção do Estado na economia (KUCINSKI, p. 40, 2002). Mas, após a ascensão dos governos petistas de Lula e, posteriormente, de Dilma, a mídia, que age alinhada a preceitos neoliberais,

intensificou um exercício constante de desconstrução da imagem do PT, dos movimentos sociais, de sindicatos e da esquerda como um todo⁷⁷.

A postura desses entrevistados (4, 5, 6, 13, 15 e 19), contudo, fundamenta-se em uma variável de fatores que extrapola a cobertura midiática. Também está relacionada à faixa etária, ao ambiente em que suas formações ideológicas se constituíram, aos espaços que frequentam e a suas situações econômicas e classes sociais. Além disso, não há em seus discursos abertura para compreender a opinião do outro e aceitar as justificativas desses na defesa de uma ideia. A declaração da entrevistada 13, ao tratar sobre os jornais e jornalistas que acompanha, reforça essa ideia: “Uma coisa que me incomoda muito é ver quando eles (jornais ou jornalistas) te indicam alguma coisa muito de esquerda, tipo aquele Tico Santa Cruz⁷⁸ ou outras pessoas. Eu vou descurtir, porque me faz mal. Jornalista que a gente sabe que é completamente PT, que tem a foto da Dilma na casa dele mesmo, eu não consigo ver” (entrevista à autora).

Esse mesmo grupo de respondentes relata ter participado assiduamente de manifestações de rua, entre 2015 e 2016, que pediam o impeachment da então presidenta. A prática de ativismo político por eles, portanto, excedeu o universo digital, ainda que sua militância seja de um caráter ainda incipiente.

Entre o grupo de estudantes que compõem a frente de indivíduos que convergem ideologicamente com amigos e divergem de familiares, os entrevistados são jovens progressistas, quase todos universitários. A entrevistada 3, por exemplo, menciona os frequentes embates que possui com os pais, que, conforme relata, são reacionários. Ela diz que hoje, suas opiniões estão de acordo com as de amigos de faculdade, o que acredita ser

⁷⁷ Lima, ao fazer uma avaliação do papel da mídia na crise política brasileira que desencadeou o *impeachment* de Dilma Rousseff, faz referência à influência nesse processo dos quatro jornais que baseiam o levantamento e a análise desta pesquisa: “No Brasil, os três grandes jornais de referência nacional – *Estadão*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, e mais alguns importantes diários regionais como o *Correio Braziliense* e o *Zero Hora*, de Porto Alegre, e ainda a revista *Veja* e os canais de televisão e rádio do grupo *Globo* – formam hoje um compacto político-ideológico em defesa dos fundamentos do modelo econômico chamado neoliberal: privatizações, terceirizações, flexibilização das leis trabalhistas e desregulação do movimento de capitais. Também combatem em uníssono as principais políticas públicas do governo, como o Bolsa Família, o Plano Nacional de Direitos Humanos, as cotas nas universidades e a política externa. Tornaram-se assim substitutos de um grande partido político conservador e protagonistas centrais na cena político-eleitoral” (LIMA, 2016, s.n.).

⁷⁸ Músico e compositor brasileiro, vocalista da banda de pop-rock *Detonautas Roque Clube*. Formado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o artista vem se envolvendo, nos últimos anos, em polêmicas na internet por expor opiniões políticas em mídias sociais. Mais alinhado a um pensamento de esquerda, ele sofre constantes ataques na rede.

decorrente da área de formação em que atuam (Comunicação), somado ao ambiente da universidade pública. Mas, outrora, ela discordava de colegas em alguns quesitos, o que causava desconforto entre eles.

A entrevistada trata sobre as dificuldades que enfrentou, anteriormente com amigos de esquerda, quando votou em Aécio Neves nas eleições presidenciais de 2014⁷⁹, e, atualmente, com os pais, que a taxam de “petralha”⁸⁰ por ter se posicionado contra o *impeachment* de Dilma Rousseff. Ela diz que essa situação é um empecilho em suas relações interpessoais, e os problemas com parentes e amigos fizeram com que deixasse de postar, comentar e compartilhar ativamente informações sobre política no Facebook.

O entrevistado 10 também traz relatos de preconceitos de partes da população com algumas siglas partidárias. Embora cite um caso pessoal, em que ele, como alguém com posturas de esquerda em meio a uma família conservadora, é reprovado pelos parentes por suas opiniões, nota-se, de forma geral, em ambos os campos ideológicos, uma recusa em ouvir propostas de determinados partidos somente por causa do alinhamento da sigla frente a temas-chave (como posicionamento em relação a: economia, políticas públicas, luta LGBT, feminismo, aborto, desarmamento).

A mesma dificuldade é vivenciada pelo entrevistado 8, cuja declaração dá indícios de que, na atualidade, debater política e perder amigos no Facebook são relações diretamente proporcionais:

Entrevistado 8: A maioria dos meus amigos concordam comigo. Alguns familiares, não. É mais aquela questão de ser conservador com a esquerda. Eles acabam tendendo a ser um pouco mais da direita. Naquela época que eu te falei que eu compartilhava mais [entre 2013 e 2014], eu também discutia mais, então, conseqüentemente, perdia mais amigos. Eu sempre fazia novos amigos também que pensavam da mesma maneira. Mas hoje, não! Hoje tanto faz! Eu procuro nem discutir mais com as pessoas. (entrevista à autora)

⁷⁹ Vale a pena destacar as contradições ideológicas nas opções de candidatos escolhidos pela entrevistada em um breve espaço de tempo: entre o primeiro e o segundo turno das eleições presidenciais de 2014, ela votou em Luciana Genro e, posteriormente, Aécio Neves. As proposições do PSOL e do PSDB remetem a campos opostos. Esse último teria, desde o princípio, uma orientação programática nitidamente alinhada aos principais temas da agenda neoliberal (GUIOT, 2010, p. 1), enquanto o PSOL surge de uma vertente do PT de convergência socialista que rompeu com o partido quando Lula assumiu o poder e posicionou-se como uma alternativa ao então momento da esquerda no país (MORAIS, 2014, p. 12). O fato de a entrevistada votar em uma sigla e, imediatamente depois, na outra, mostra a inconsistência de seu posicionamento à época.

⁸⁰ Conforme abordado na introdução deste trabalho, o termo representa uma forma pejorativa de indivíduos à direita se referirem àqueles à esquerda e remete ao Partido dos Trabalhadores (PT).

O entrevistado 11 acredita que a abordagem dos familiares é baseada em senso comum. Segundo conta, os pais e irmãos não possuem o mesmo acesso que ele ao debate político, o que se desencadeia opiniões rasas. Dentro de casa, o respondente opõem-se às afirmações machistas e homofóbicas de parentes, o que acentua o embate. Ele descreve ainda que essa situação se repete no bairro onde mora como um todo, mas, com o tempo, foi aprendendo a dialogar.

Assim como os entrevistados 1, 4 e 15, o respondente 11 afirma assumir uma postura moderada frente às desavenças com pessoas mais próximas. Comenta nunca ter tido brigas ou desentendimentos mais graves que o levaram a deixar de falar com alguém, embora tenha passado por casos em que conhecidos o excluíram do Facebook devido a discussões políticas. Contudo, ele diz não fazer o mesmo.

Avaliando-se as respostas dos participantes, constata-se que os desentendimentos com familiares costumam ocorrer em casa, mas de forma contornável, enquanto que as discordâncias com amigos e colegas se dão mais corriqueiramente no ambiente virtual, e acabam por gerar, eventualmente, exclusões e desligamentos entre os indivíduos nesse meio, mas não fora dele. Ou seja, as pessoas deixariam de interagir digitalmente, mas permaneceriam convivendo pessoalmente.

O entrevistado 14 traz um exemplo bastante ilustrativo dessa dinâmica. Ele, um jovem professor de geografia que vive na periferia de Belém (PA), conta que, entre familiares, defronta-se com conflitos ideológicos de forma frequente. Em especial, quando conversa com um primo que é, segundo aponta, ultradireitista, “muito [a favor de] Bolsonaro, até mais [a favor de] Bolsonaro que o próprio Bolsonaro” (entrevistado 14 em entrevista à autora).

Ainda assim, apesar das gritantes discordâncias entre os parentes, o respondente defende que é necessário buscar o mínimo de entendimento. O que, nesse grupo familiar, por vezes, significa um distanciamento digital, mas a convivência física entre eles sempre permanece: “Na minha família, tem muita discussão sobre política. Começa um a discutir com o outro e tal. Mas também não é aquela coisa extrema de deixar de se falar. Um exclui o outro no Facebook, só” (entrevistado 14 em entrevista à autora).

Essas controvérsias que despontam nas relações interpessoais dos entrevistados, suscitam desconfianças entre conhecidos. Há relatos de usuários que, após enfrentarem

discordâncias ideológicas no Facebook, adquirem o hábito de acompanhar se os contatos com quem tiveram embates ainda mantêm laços de amizade com eles na rede social ou se os excluíram do círculo de amigos.

- **Indivíduos que convergem com amigos e familiares**

Passando-se ao grupo de respondentes cujas opiniões políticas convergem tanto com as de familiares quanto com as de amigos e colegas, foram localizados apenas dois indivíduos nessa situação: a entrevistada 5⁸¹ e o entrevistado 12, ambos mais alinhados com ideais de direita. Embora admitam que as concordâncias com conhecidos não ocorram em tempo integral, esses respondentes relatam que as incompatibilidades de opiniões ideológicas em suas relações interpessoais são pequenas e não chegam a incomodá-los.

O entrevistado 12 relata sentir que as pessoas confiam nos comentários e nos conteúdos que ele compartilha no Facebook, o que o faz acreditar na consonância de posicionamentos entre ele e seus contatos. Ao fazer essa observação, o voluntário desenvolve uma linha de raciocínio que indica como se dá o processo das relações entre os amigos e conhecidos dentro da rede social.

O respondente aborda a questão da credibilidade por outra perspectiva, ou seja, não mais a partir da mídia, mas pelo ângulo do próprio usuário que repassa aquela informação no Facebook. Ele constata que, na plataforma, os contatos que interagem com as notícias que ele compartilha, por exemplo, depositam confiança nele. Assim, o repasse de conteúdo no ambiente digital e a popularização desse não ocorre a partir da ação de um único ator, mas, sim, por meio do empenho de vários atores (veículos de comunicação; páginas de organizações, personalidades e marcas nas mídias; e usuários).

- **Indivíduos que divergem de familiares e de amigos**

Outra frente de respostas identificada é a do grupo de entrevistados que divergem politicamente tanto de familiares quanto de amigos, composto por quatro pessoas:

⁸¹ Durante a entrevista, o filho mais velho e o marido da respondente 5 ficavam ao seu lado complementando suas respostas e retomando detalhes ou situações que ela, porventura, tivesse esquecido. Essa dinâmica indica, de fato, a congruência de discursos entre eles.

entrevistadas 7 e 9 e entrevistados 2 e 6. Sendo que as duas entrevistadas e o entrevistado 2 compõem uma vertente da esquerda com características socialmente conservadoras e o entrevistado 6 alinha-se à direita liberal economicamente e conservadora socialmente.

O entrevistado 2 conta que enfrenta problemas com amigos de direita e com amigos de esquerda, o que já desencadeou problemas de relacionamento em seu cotidiano e discussões virtuais com amigos. O mesmo ocorre com a entrevistada 9⁸². Assim como a entrevistada 7, de família tradicionalista e inserida em um ambiente acadêmico igualmente alinhado a essa perspectiva, também relata os conflitos que vivencia.

Esses enfrentamentos com familiares, amigos e colegas fizeram com que as entrevistadas 7 e 9 abrissem mão de se manifestar abertamente com tanta frequência em mídias sociais. Em determinados momentos, as voluntárias sentem-se acuadas com a rejeição de conhecidos frente a suas opiniões e, por isso, passaram a compartilhar menos conteúdos e a comentar menos em postagens de terceiros.

Há ainda as declarações do entrevistado 6, único indivíduo de direita do grupo. Entre familiares, o entrevistado afirma ter desentendimentos com o pai, que é de esquerda. Já no ambiente acadêmico, ele discute com colegas de aula. No Facebook, a situação se repete e até se agrava. Ele narra que já precisou excluir e bloquear contatos da rede social após, diante de discordâncias, as pessoas partirem para ofensas pessoais, segundo conta. Além disso, o respondente também já foi excluído por outros usuários. Mas nega que, em qualquer dessas situações, tenha atacado ou ofendido as pessoas com quem teve discordâncias, assumindo postura semelhante a dos demais entrevistados, que se apresentam como ativistas digitais moderados e pacíficos.

- **Pessoas cujos amigos e familiares não se envolvem com política**

Finalmente, há o grupo de pessoas cujos amigos mais próximos e familiares não se envolvem com política, que abrange a entrevistada 19 e os entrevistados 17 e 20. Os dois

⁸² Esses dois respondentes (2 e 9) são aproximados especialmente por uma temática: relações homoafetivas. Ambos colocam-se incisivamente favoráveis ao revelarem-se homossexuais. Ao longo da entrevista, eles discorrem sobre as situações de preconceito e homofobia que enfrentam em suas rotinas. Em especial, a entrevistada 9, enquanto mulher e lésbica, dá ênfase em sua argumentação ao machismo exacerbado que existe no Nordeste (região onde vivem os dois respondentes). Apesar disso, ela não apresenta grande empatia pela luta feminista.

primeiros alinhados com o campo da esquerda, enquanto o último identifica-se com a direita. Apesar de observarem o desinteresse de conhecidos pelas temáticas políticas, os entrevistados descrevem assumir uma postura cautelosa, a fim de evitar qualquer tipo de interpretação negativa que os demais possam fazer sobre suas opiniões.

Nota-se tal comportamento, em especial, na fala da entrevistada 19, que se empenha com mais firmeza para não criar conflitos ou inimizades nas mídias sociais. Ela relata que procura não se manifestar no Facebook sobre assuntos que circundam a temática política por ter consciência de que possui contatos com visões diferentes das suas e, frente a isso, prefere evitar discussões ou mal-estar. Segundo afirma, é justamente a sua atitude contida que garante que ela não tenha tido, até então, qualquer tipo de problema dentro ou fora da rede social.

Os respondentes 17 e 20, por sua vez, apresentam-se de forma mais ativa nos debates políticos. Embora admitam que seus amigos e parentes nutram pouco ou nenhum interesse pelo tema, eventualmente, deparam-se com alguma polêmica que diz respeito à política, ainda que indiretamente. Nessas circunstâncias, eles não deixam de se posicionar. Citam, por exemplo, enfrentamentos que vivenciam com pessoas próximas que são apoiadoras do PT, partido ao qual ambos se opõem firmemente.

O entrevistado 20 conta que, no Facebook, os membros de seu círculo social demonstram não atentar-se minimamente para assuntos relativos à política. Mas, pessoalmente, o voluntário vive um constante embate ideológico com o pai, que é petista: “Com todas essas coisas acontecendo⁸³, mesmo assim, ele mantém a bandeira vermelha. Ele é meio que fanático”. Depoimento semelhante é apresentado pelo entrevistado 17. Ele diz que seus familiares não se interessam por temáticas políticas. Contudo, alguns colegas e conhecidos não só gostam do assunto, como têm opiniões divergentes das suas.

Esse movimento antipetismo que desponta no discurso dos entrevistados 17 e 20, é bastante latente na fala dos colaboradores de direita e até na de alguns mais à esquerda. Mas, para os colaboradores de esquerda que apoiam o PT, esse sentimento exacerbado de raiva à sigla torna-se um transtorno. Segundo Secco (2015)⁸⁴, o sentimento anti-PT, que é

⁸³ Refere-se a casos de corrupção, acusações judiciais contra os principais líderes do partido e ao *impeachment* de Dilma Rousseff.

⁸⁴ Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/o-pt-ainda-nao-entendeu-o-antipetismo-7998.html>>. Acesso em 7 de julho de 2016.

crescente principalmente nas classes médias, traduz-se pela narrativa anticorrupção e “antiaparelhismo” do Estado, ainda que essas noções também se apliquem a outros governos. Ao fazer uma avaliação da polarização política nas eleições de 2014, o professor aborda a problemática da luta de classes:

O modelo de governo do PT está calcado em uma conciliação de classes, especialmente entre os muito ricos e os muito pobres. Isso deixou uma margem de manobra crítica, enorme, para os setores médios, que não ganharam nada nos governos Lula e Dilma. E é esperado que pessoas que emergiram das classes mais pobres para aquilo que o próprio Lula chamou de “nova classe média” acabe incorporando os valores da classe média tradicional. Isso forma uma base cada vez maior para o antipetismo. Nas últimas eleições, esse estrato social, que eu prefiro chamar de nova classe trabalhadora, se dividiu. Uma parte ficou fiel ao projeto do PT e outra parte migrou para o PSDB. (SECCO, 2015, s.n.)

Acentua-se, nessa conjuntura de insatisfação com o ambiente político, um processo de culpabilização do Partido dos Trabalhadores por falhas sociais e históricas intrínsecas à realidade do país, como a corrupção das instituições e a oposição entre ricos e pobres derivada do abismo socioeconômico que existe entre esses. A partir daí, surge uma militância antipetista bastante atuante no universo virtual, que é impulsionada pela mídia e por políticos tradicionais, alicerçada no discurso simplista de combate à corrupção e pautada por ideais conservadores e retrógrados.

4.4. Conclusões

Em resumo, no que tange a análise, foram ouvidos os relatos sobre a dinâmica das relações entre entrevistadas/entrevistados e seus grupos de contatos e avaliou-se, à medida do possível, como essas interações interpessoais se articulam com as formas de expressão de si mesmos e com a gestão das sociabilidades no Facebook. Com isso, foi possível observar a relevância das interações face a face (além do contato virtual) na construção e na expressão de um posicionamento político dos colaboradores, sob a ótica de uma perspectiva interacionista.

Essas constatações evidenciam algo que já havia sido apontado por Pasy e Giugni (1998), de que as preferências individuais – construídas com base em interações com o outro – impactam significativamente sobre a intensidade de envolvimento com movimentos sociais. As ações e gestos entre grupos de convívio são ponderados pelos

voluntários, e são atribuídos, a partir disso, significados a essas interações (CARVALHO et al., 2010), que orientam hábitos e posicionamentos.

Essa dimensão microssociológica do fenômeno, relativa a situações e experiências sociais do cotidiano dos entrevistados, orientam e direcionam sua conduta, apoiando-se com frequência em práticas midiáticas. Embora as interações consistam em um conjunto de vivências, que englobam também os diferentes aspectos das experiências on-line, percebe-se que o papel atribuído pelos colaboradores às relações pessoais tende a ter relevância considerável.

Mas, em qualquer dessas circunstâncias, a experiência mútua – entre respondente e demais atores que participam de suas experiências cotidianas – define o tipo de retorno que a entrevistada ou o entrevistado dará a seus interlocutores e a forma como será orientado o seu ativismo digital. Ou seja, o caráter evolutivo da interação e a maneira como relações on e off-line se alimentam acabam por refletir tanto no modo como a pessoa gere as diferentes faces de si nesses ambientes, quanto no jeito como uma interação off-line pode ser respondida no âmbito on-line e vice-versa.

5. ANÁLISE (PARTE 2): SOCIOLOGIA DOS PÚBLICOS E A RECEPÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Neste capítulo, são analisadas as condições de uso e recepção da informação política pelos entrevistados, a partir do papel dos dispositivos sociotécnicos (das mídias tradicionais e digitais citadas pelos entrevistados) e das suas características (como elas constroem formatos específicos de uso da informação).

A intenção é ir além de descrever o que as pessoas leem e analisar como elas se informam. A partir de que dispositivos? Como esses dispositivos introduzem formas particulares de leitura? E em que situações elas leem (não só os horários, mas situações da vida cotidiana). Identificar se as pessoas abrem a página inicial do Facebook e conferem somente o que está na *timeline*; ou se chegam a visitar as páginas dos veículos; se consomem notícias compartilhadas ou curtidas por amigos; se repassam notícias de políticos ou personalidades; etc.

5.1. Práticas de uso e como essa rotina integra o cotidiano dos entrevistados

As perguntas relativas à ligação dos entrevistados aos meios de comunicação foram subdivididas em duas subquestões: “como você procura se informar sobre o cenário político do país?” e “qual sua opinião sobre a forma como as notícias sobre política são escritas?”.

As respostas à primeira subquestão (como você procura se informar sobre o cenário político do país?) demonstram a importância do Facebook como ferramenta que agrega informações para os ativistas digitais. Dentre os 20 entrevistados, 13 citaram o Facebook como uma das mais relevantes fontes de notícias em suas rotinas.

O método por eles utilizado costuma se basear em curtir na rede social as páginas dos jornais, revistas, blogs, políticos, partidos e/ou personalidades que admiram ou aos quais conferem credibilidade e, a partir disso, acompanhar as novas postagens dessas páginas a fim de se manterem a par do cenário político nacional e regional (a realidade do estado onde vivem e até do município, na maior parte das entrevistas, aparece como fator

de destaque nas falas dos entrevistados). Os conteúdos repassados por amigos e conhecidos também conferem influência ao conjunto de fatores que forma a opinião dos respondentes.

O processo de acompanhar notícias se dá, principalmente, por meio da linha do tempo dos respondentes. Eles não mantêm, de forma geral, o hábito de entrar nas páginas dos veículos no Facebook. Preferem recorrer à dinâmica da rede social (lendo a sequência de postagens) ou buscar os portais de notícias na própria web. Realizam essa atividade de acompanhamento de conteúdo pela plataforma com frequência e a partir dos mais diversos ambientes: casa, trabalho, meio de transporte (ônibus/metrô), quando estão na rua. Essas leituras se dão, portanto, através do celular e do computador.

Em momentos de ociosidade ou a fim de descansar, os entrevistados procuram notícias via Facebook para espair e, simultaneamente, se manterem informados. Alguns encaram o espaço como ambiente de discussão política (como o entrevistado 16); muitos alimentam a prática de, comumente, expor opiniões a partir de comentários (4, 6, 12, 14, 16, 17); e há até os que optam por se manifestar somente na rede social, sem expandir os debates para além do digital (entrevistado 18). Também existem os que sequer gostam de política: como as entrevistadas 9 e 19.

Ainda em termos de usos, entre aqueles que deixam comentários em postagens de jornais na rede social, transparece uma preocupação dos respondentes em registrar comentários somente em notícias recentes e recém-postadas. Esse cuidado pretende garantir que as declarações sejam lidas. Caso a postagem seja antiga, as pessoas já não veem mais, pois passam a se interessar pela novidade seguinte.

Esse raciocínio baseia-se na dinâmica de organicidade do Facebook. Ou seja, depende do alcance ou número de pessoas que viram determinada publicação. Isso é definido por diferentes fatores, como a quantidade de vezes que o usuário interage com a página, o perfil ou o grupo que aparece em sua linha do tempo, o grau de interações com esse conteúdo dos amigos mais próximos do usuário na plataforma, a popularidade da postagem e quanto a empresa, instituição ou personalidade pagou para que a rede social promova sua publicação.

Assim, internamente às ferramentas de redes sociais “os subgrupos não existem estanques e soberanos na complexa malha de fluxos e trocas digitais” (SANTOS, 2015, p. 145). Ao mesmo tempo, inevitavelmente, haveria contatos permanentes entre eles, por

meio de exposição voluntária ou a partir de referências cruzadas por grupos antagônicos, algo preconizado por Santos (2015, p. 144) e observado na pesquisa de campo. Portanto, a despeito do esforço dos entrevistados para que suas opiniões se sobressaíam, diante da dinâmica do Facebook, há uma diversidade de elementos que fazem com que isso efetivamente ocorra em menor ou maior escala. Assim, visões divergentes acabam por entrar em embate, como se constatou no levantamento de notícias, em que os usuários se posicionavam de maneira a defender ou se opor a algum campo ideológico ou partido político. Situação que ocorreu, por exemplo, na matéria da *Folha de S.Paulo* sobre o pedido da OAB de cassação da candidatura de Levy Fidelix por homofobia (notícia tratada no *corpus* da pesquisa), em que declarações de entrevistados homofóbicos (4, 6, 17 e 20) entraram em confronto com opiniões de respondentes pró movimento LGBT (8, 9 e 10).

Ademais, há na postura dos entrevistados a prática de transitar por diferentes vertentes dos campos da esquerda e da direita, dependendo da temática tratada. Junto a isso, é notável que as vivências desses indivíduos, assim como as influências culturais e da comunidade onde vivem (grupos de amigos, colegas e familiares) são fundamentais para fazê-los assumir determinadas posturas ou até mudar de ideia com relação a algum assunto. Wright (1973), Boullier (2004), Cogo e Brignol (2004) mostram essa indissociabilidade entre vida on-line e off-line, ao tratarem da integração dos universos da vida comum e das mídias sociais e observarem como essa relação se reflete nas interações dos usuários.

Por vezes, os entrevistados interagem com diferentes atores e ambientes apropriando-se das propostas e ideias de seus interlocutores. Isso acontece com o entrevistado 17, que pontua a relevância do universo acadêmico na alteração de seus pontos de vista. Ou com a entrevistada 13, que conta que considerava o Bolsa Família uma iniciativa muito ruim, até conhecer de perto a realidade do sertão nordestino e passar a defender a importância do programa para a população mais pobre.

Em suma, as práticas de usos do Facebook como fonte de informação política são pautadas por diferentes motivações e, não raro, por mais de uma delas. Os entrevistados buscam: informação, opinião, diversão ou querem participar de alguma maneira do processo político. A partir dessas escolhas, eles se apropriam do conteúdo que recebem para, na maior parte dos casos, reafirmar ideias pré-concebidas e noções nas quais eles já se apoiavam anteriormente. As colocações dos colaboradores 1, 13 e 20, que relatam

abertamente procurar veículos e notícias que convergem para aquilo que acreditam, reforçam essa ideia.

5.2. Representação do papel da mídia

Os questionamentos concernentes à recepção e a forma como os respondentes encaram as notícias e os veículos midiáticos que as transmitem trazem um sentimento generalizado de desconfiança com relação à mídia. Com exceção de um entrevistado (12), todos indicaram que consideram a cobertura dos jornais e noticiários tendenciosa e/ou sensacionalista, conferindo pouca credibilidade ao trabalho dos jornalistas.

Há, entre os entrevistados de forma generalizada, grande conservadorismo e desconhecimento em relação ao debate sobre a regulação da mídia. Ao serem perguntados sobre a temática, grande parte deles ou nunca tinha ouvido falar a respeito da proposta ou eram terminantemente contrários, porém, com base em argumentações de que regular a mídia seria uma forma de censura, ao invés de uma maneira de democratizar informação (como mostram as falas dos entrevistados 2, 5, 7, 8, 12, 13, 15, 17, 19, 20) e, assim, ampliar o conteúdo acrescentando diferentes perspectivas. O respondente 6, por exemplo, acredita que a proposta acabaria por padronizar ideias e posicionamentos e levaria todas as pessoas a pensarem igual.

De maneira geral, independentemente de campos ideológicos, alguns veículos da mídia tradicional foram mais citados como fontes informativas: *O Globo* (seis vezes), *Folha de S.Paulo* (cinco vezes), *Estadão* (quatro vezes), *Band News* (três vezes), *GI* (três vezes), *o globo.com* (três vezes), *Jornal Nacional* (duas vezes).

A revista *Veja* é outro veículo que aparece com frequência. Contudo, não é sempre apontada como fonte confiável. Por vezes, referem-se a ela justamente em decorrência de sua excessiva “parcialidade”. A abordagem depende das preferências ideológicas do entrevistado. Os respondentes mais à direita, como as entrevistadas 1 e 13, indicam a revista como mídia de grande credibilidade. Já a entrevistada 3 e o entrevistado 14 avaliam a produção do veículo como altamente tendenciosa.

Outro elemento que divide opiniões são os noticiários televisivos. Enquanto alguns entrevistados valem-se desses para se atualizar sobre os acontecimentos (entrevistada 5 e entrevistado 20), outros têm aversão (entrevistadas 1, 7 e 9). As entrevistadas 7 e 9 tecem

críticas à *Rede Globo* pelo fato de o canal se colocar como ator político no país e abrem mão de assistir a sua programação. Por outro lado, há quem aponte o meio como fundamental para mantê-los a par dos fatos.

Metade dos colaboradores se baseia essencialmente em símbolos da mídia hegemônica como principal fonte de informação. Não buscam alternativas em blogs ou portais que fogem do tradicional. Esse traço desponta nos entrevistados com características socialmente conservadoras (de direita, principalmente, mas também de esquerda). Já os respondentes com tendências socialmente mais liberais (à direita ou à esquerda) costumam dar maior credibilidade a blogs e mídias alternativas.

O entrevistado 20, por exemplo, cuja militância política se enquadra no campo da direita economicamente liberal e socialmente conservadora, indica claramente uma descrença no trabalho desenvolvido por blogueiros políticos, pois acredita que eles compactuam com a corrupção. Guazina (2013), ao pesquisar sobre a atuação de um grupo de blogueiros progressistas, destaca que eles próprios se autodenominam de “sujos”⁸⁵, deixando transparecer o preconceito frente a seu trabalho advindo de parcelas mais conservadoras da sociedade.

Os programas de rádio, por sua vez, ainda contam com um público fiel. Apesar da expansão da internet, o rádio enquanto meio de comunicação ainda consegue perdurar tanto por seu caráter imediatista e pelo baixo custo quanto pela possibilidade de acesso também via web a qualquer hora e de qualquer lugar. O voluntário 15, que mora no exterior, acompanha assiduamente programas de rádio de sua região (Belo Horizonte) pela web. Os entrevistados também recorrem a esse meio no percurso casa-trabalho, como ressalta o entrevistado 17.

Todavia, alguns entrevistados afirmam não se apegar a um único meio ou veículo, alegando procurar outros canais de notícias a fim de evitar ficarem restrito a somente uma visão e para conferir se as informações repassadas pelos veículos são congruentes. É o caso do respondente 14, que procura diferentes fontes e visões, com o intuito de não limitar a leitura a uma única forma de encarar o acontecimento. Ele afirma: “Você tem que ler os dois [lados] e tentar ter um discernimento. Por exemplo, eu vejo *Folha de S.Paulo* e *Carta*

⁸⁵ Termo cunhado em alusão à forma como o então candidato à presidência da República, José Serra (PSDB), em 2010, se referiu a esses jornalistas, em decorrência do alinhamento político mais à esquerda desses blogueiros (GUAZINA, 2013, p. 71).

Capital, jornais melhores, porque congregam, de certa forma, maior pluralidade de ideias e de opiniões. É muito melhor do que só uma vertente falando ou só a esquerda falando da direita” (em entrevista à autora).

Excedendo-se a esfera da mídia hegemônica, parte dos respondentes, tanto de direita quanto de esquerda, buscam outros meios de se informar dentro da internet. Os blogs e portais de jornalismo alternativo, além de páginas do Facebook – muitas vezes relacionadas a esses mesmos canais –, estão entre as opções mais citadas.

Utilizado como um facilitador desse processo, o Facebook é ferramenta essencial para entrevistados de todos os campos ideológicos se manterem informados. Além das entrevistadas 1, 5 e 13, os participantes 6, 15 e 20 (tanto elas quanto eles alinhados à direita) citaram a internet e, mais especificamente, o Facebook, como canais agregadores de conteúdo e facilitadores de acesso. Entre os classificados como de esquerda, os respondentes 3, 7, 8, 10, 14, 16 e 18, igualmente, destacaram a relevância da web e da rede social em suas buscas por notícias e análises jornalísticas.

A entrevistada 13, por exemplo, muito embora seja uma senhora de 51 anos, afirma que, atualmente, acompanha jornais somente pela internet. Ela conta que costumava assinar o *Jornal do Brasil*, mas, após a internet abrir espaço de acesso a informações variadas de forma gratuita, ela desistiu da assinatura de periódicos e passou a acompanhar os jornalistas do antigo *JB* pelas redes sociais⁸⁶.

Entre os entrevistados de direita, uma fonte de referência é o portal *O Antagonista* – acompanhado pelos respondentes, geralmente, via Facebook. Criado em 2015 pelos jornalistas que fizeram carreira na revista *Veja* Diogo Mainardi⁸⁷ e Mário Sabino⁸⁸, o site é

⁸⁶ Contudo, apesar de se dispor a acompanhar os veículos e personalidades por mídias sociais, a entrevistada diz sentir-se incomodada com mídias alternativas de esquerda e com jornalistas, políticos ou celebridades que tendem a esse campo. Dentro deste grupo, estão figuras de relevo da cena cultural brasileira. Apoiadores de governos e ideologias de esquerda, artistas como o cantor e compositor Chico Buarque, o cantor Tico Santa Cruz, as atrizes Letícia Sabatella e Camila Pitanga, os atores Paulo Betti e Wagner Moura, o jornalista Fernando Morais e o escritor e comediante Gregório Duvivier manifestam-se em redes sociais. Do outro lado, mais alinhados à direita, estão o cantor Lobão, as atrizes Regina Duarte e Susana Vieira, os atores Márcio Garcia e Marcelo Serrano, o comediante Danilo Gentili, o ex-jogador de futebol Ronaldo (fenômeno). É válido citar estas personalidades visto que elas vêm ganhando cada vez mais destaque, nos últimos anos, ao se posicionarem na internet a respeito de política. Seus perfis em mídias sociais são ovacionados e também criticados por pessoas comuns que concordam ou discordam de suas colocações.

⁸⁷ Jornalista alinhado ao neoliberalismo, tornou-se conhecido a partir de uma coluna que escrevia semanalmente à revista *Veja*. É um crítico dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) e escreveu o livro *Lula é minha Anta*.

uma mídia assumidamente de direita e de cunho opinativo mais do que jornalístico. Uma das pautas predominantes do portal é a crítica ao PT e ao ex-presidente Lula, com discurso análogo ao dos respondentes de direita.

As entrevistadas 1 e 13, ambas com ideologias economicamente baseadas no neoliberalismo e com posicionamentos socialmente liberais, colocam *O Antagonista* entre um dos veículos o qual dão mais credibilidade. Elas alegam gostar do blog devido ao formato curto e objetivo das informações, o que possibilita uma leitura fácil dentro de suas rotinas de trabalho.

Tal justificativa traz reflexos da contemporaneidade e da atual dinâmica do fazer jornalístico, baseado na produção imediatista de conteúdos, na falta de tempo para a apuração e a revisão e em formatos reduzidos, com informações menos aprofundadas (JORGE, 2013). Há, por parte dos leitores, uma procura por textos curtos, objetivos e, por consequência, menos densos. Em decorrência de rotinas mais aceleradas, que deixam menos tempo disponível para a leitura, somado a uma nova estrutura informativa alicerçada na internet (BASTOS, 2000; PEREIRA, 2003; JORGE, 2013), chega-se a um público que anseia por notícias repassadas de forma rápida, sem muitos desdobramentos ou aprofundamentos dos fatos.

Os entrevistados de esquerda, por sua vez, além de recorrerem comumente ao Facebook como fonte informativa, buscam outros veículos alternativos, entre blogs e portais, mais alinhados aos seus posicionamentos. Entre esses canais, foi citado o blog *Socialista Morena*, um expoente da esquerda brasileira contemporânea. A página apresenta “ideias e notícias com viés esquerdista”⁸⁹, segundo coloca a própria autora, a jornalista Cynara Menezes. Com tom opinativo, mas também empenhada em dar toques de um jornalismo mais investigativo e aprofundado em algumas publicações, a blogueira também conta com página no Facebook e perfil no Twitter para disseminar suas matérias. Seus conteúdos defendem abertamente os governos do Partido dos Trabalhadores e se opõem a políticas neoliberais, ao sistema capitalista e ao conservadorismo social.

A entrevistada 3 afirma que ao procurar informações na internet, para além da preocupação em selecionar mídias alternativas, ela também tenta utilizar sites de acesso

⁸⁸ Jornalista e antigo redator-chefe da revista *Veja*.

⁸⁹ Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/>>. Acesso em 14 de ago. 2016.

livre (sem custo ou sem limite de conteúdos para não assinantes). Ao citar os veículos que acompanha na rede, a respondente faz menção a uma forma de apropriação do uso da internet que é não-linear. Ela conta, por exemplo, que acompanha a *Socialista Morena* não só através do blog, mas também via Twitter. Dessa maneira, submete-se a uma dinâmica de acompanhamento de notícias intrínseca às mídias sociais e que permite que as informações vão se complementando conforme o usuário passa de um meio para outro (blog, Facebook, Twitter, Instagram).

Outro portal mencionado por respondentes de esquerda foi o *Pragmatismo Político*, de caráter mais à esquerda e que comporta, por vezes, críticas ao governo petista (de centro-esquerda). O site tem a pretensão de ser um meio para educar política e ideologicamente os cidadãos de forma a conduzi-los à democracia plena. Também foi citada a revista *Fórum*, publicação digital e veículo de mídia independente, que tem como inspiração o evento Fórum Social Mundial e cuja cobertura busca divulgar acontecimentos relativos aos movimentos sociais do país.

A *Mídia Ninja*, contudo, dentre os canais de esquerda listados, merece uma ênfase maior neste trabalho devido a sua proposta considerada inovadora, que emerge diretamente do Facebook. Com conteúdo voltado para a rede social, o veículo impulsionou o modelo de transmissão de eventos ou acontecimentos via celular (LORENZOTTI, 2014, p. 8-9), sem corte e sem edição, ao vivo, diretamente das ruas e com o repórter assumindo a perspectiva ativista e cidadã (OTHON, BOLSHAW, 2014, p. 7). Além disso, há o fator interatividade, que permite aos usuários que acompanham a página mandar sugestões de pauta e fazer perguntas e comentários ao longo da transmissão de vídeos, com possibilidade de obter respostas da equipe de produção.

Embora alimente um site próprio, o veículo tem como foco central a rede social e a atualização constante de seus conteúdos, fazendo cobertura de eventos, atos e protestos em tempo real. Sob a concepção de formular “narrativas independentes, jornalismo e ação”, o canal funciona com base na lógica colaborativa de criação e compartilhamento de conteúdos. Os criadores alegam que a “pauta está onde a luta social e a articulação das transformações culturais, políticas, econômicas e ambientais se expressa” e convidam os “cidadãos multimídia”⁹⁰ a fazerem parte do projeto.

⁹⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA>>

Os entrevistados 10 e 14 fazem referência a esse canal. Em seus relatos, aparece certa confluência entre a forma como a *Mídia Ninja* – e outras páginas afins, como *Jornalistas Livres* ou imprensa regional – e os próprios entrevistados descrevem esse trabalho de jornalismo independente. Eles absorvem a dinâmica da interatividade e apontam a relevância da interação e colaboração do público para impulsionar o andamento de veículos do gênero.

À semelhança da *Mídia Ninja*, a página do Facebook *Jornalistas Livres* também funciona diretamente por meio da rede social. É um canal que pretende realizar coberturas colaborativas, com narrativas independentes, “contra a manipulação política da mídia tradicional”⁹¹, segundo os criadores. O diferencial dessas duas páginas é o fato de implementarem uma nova vertente jornalística: o jornalismo de rede social. Ao contrário do que os demais veículos fazem, essas propostas não transpõem as matérias de um meio para outro, apenas adaptando-as às características de cada ambiente (do portal de notícias para o Facebook ou para o Twitter, por exemplo). O que ocorre é que a apuração já se dá voltada para a prática da rede social e para o seu público.

Essa nova forma de se fazer jornalismo faz uso expressivo de elementos características multimídias, com coberturas que recorrem a fotos, vídeos e áudios. Mudanças do gênero podem ser positivas, à medida que “acenam para a possibilidade de maior democratização, descentralização e pulverização do que já foi controle da informação”, por outro lado, são um desafio ao passo que exigem dos jornalistas “um profundo repensar da sua atuação, com maior qualificação para desafios em um contexto de superabundância de informação, de perda relativa de importância da indústria, o que resulta em menos investimentos econômicos e piores condições de trabalho, condição contraditória com a exigência de maior qualificação” (RODRIGUES, 2013, p. 145).

Ainda dentro do ambiente do Facebook, os entrevistados – de ambos os campos ideológicos –, também se apropriam da ferramenta para acompanhar a opinião de parlamentares com quem tem afinidades ideológicas. O entrevistado 10, por exemplo,

e <https://www.facebook.com/midiaNINJA/about/?entry_point=page_nav_about_item&tab=page_info>. Acesso em 18 de set. 2016.

⁹¹ Disponível em:

<https://www.facebook.com/jornalistaslivres/about/?entry_point=page_nav_about_item&tab=overvie> e <<https://www.facebook.com/jornalistaslivres/>> e. Acesso em 18 de set. 2016.

relata que busca, via Facebook, páginas de partidos políticos e de parlamentares para conhecer melhor suas opiniões e posicionamentos, como deputados do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e do Partido dos Trabalhadores (PT). Ele justifica: “eu acho que é importante a gente conhecer as propostas dos deputados no dia a dia. Principalmente isso: saber o que acontece, o que está sendo discutido, o que está sendo aprovado ou não”.

Esse exercício, contudo, acontece fundamentalmente pela rede social. Observa-se que, para parte dos colaboradores, o Facebook é utilizado como instrumento para se chegar até as informações, como agregador de conteúdos e facilitador do exercício de acompanhamento de notícias. Em resumo, é uma ponte de acesso. Os entrevistados recorrem corriqueiramente à rede social a fim de seguir veículos, figuras e blogs e, a partir do momento em que recebem esse apanhado de conteúdos de diferentes fontes, selecionam o que mais lhes interessa, o que preferem saber mais a fundo, e clicam nesses materiais a fim de serem redirecionados para fora do Facebook e para o interior de algum outro portal.

É o que explica o entrevistado 14: “Eu faço muito a leitura a partir do Facebook. Eu vejo os principais veículos de comunicação – *UOL*, *Diário do Pará*, *UFM*, *Estadão* – postando no Facebook o link da matéria. Aí, eu vou lá, clico e leio já dentro do site do próprio jornal” (entrevista à autora). Assim como ele, a maior parte dos entrevistados não se restringe somente a tais canais como fontes noticiosas.

Somado a isso, de maneira geral, todos os entrevistados fizeram referência a sua realidade local ou estadual em algum momento ou partiram de vivências da realidade onde estão inseridos para melhor demonstrar suas explanações sobre o uso da informação jornalística. Notou-se, dessa forma, o valor conferido pelos respondentes ao acompanhamento de noticiários de suas cidades ou estados. Há, nessa constatação, a presença do valor-notícia fundamental de proximidade (JORGE, 2008, p. 30), mesmo quando a leitura da informação é mediada pelas redes sociais (supostamente difusores de conteúdos “globais”) (CASTELLS, 1999).

O Facebook e a internet ou mesmo os veículos tradicionais de comunicação (TV, rádio, jornal), todavia, não são os únicos canais de recepção de conteúdo político dos usuários. Uma pequena parcela de entrevistados (dois) relatou buscar informações preferencialmente no diálogo com outras pessoas, como professores, colegas de trabalho e amigos. É o caso do entrevistado de número 4, que, demonstrando grande desconfiança

com relação à mídia, comenta que prefere formar opinião a partir daquilo que absorve de vivências de conhecidos. Ele alega o seguinte: “Eu tenho acesso de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Além de viajar muito pelo país, tenho contatos no Sul, em São Paulo, Minas Gerais. Tenho amigos do Pará, Maranhão, Rondônia, Mato Grosso, Amazonas. Então, através disso daí, a gente vai sabendo o que está acontecendo” (entrevista à autora).

5.2.1. Relação entre entrevistados e o processo midiático

Analisando-se à recepção midiática e à relação dos entrevistados com os veículos noticiosos, é possível notar uma consciência crítica generalizada sobre a forma como as notícias podem ser manipuladas em prol de interesses (políticos, econômicos, ideológicos). A desconfiança para com a cobertura da mídia é constantemente reforçada nas entrevistas. Todavia, a depender dos alinhamentos políticos, isso transparece de maneiras distintas.

Há, contudo, três grupos básicos de repostas para essa questão: os entrevistados que adotam um discurso pessimista, que apenas se conformam com a ideia de que o jornalismo não é isento de influências externas; os entrevistados mais mobilizados, que procuram por mídias independentes e/ou alternativas que possam apresentar opiniões diferentes daquilo que o jornalismo tradicional propõe; e um entrevistado que diverge do restante do grupo ao elogiar o trabalho dos jornalistas e afirma que é papel do público avaliar a precisão das informações repassadas pelos profissionais de imprensa.

Quanto ao ponto de vista do divergente, o entrevistado 12, sua fala resume-se à ideia de que os indivíduos devem saber interpretar as notícias que leem. Ele desconsidera que, frente à falsa proposta de isenção que o jornalismo contemporâneo prega, é natural que as pessoas procurem noticiários acreditando que podem confiar naquele conteúdo. Repassar para o público comum a responsabilidade de ter que medir o que é verdadeiro ou o que é manipulado, quando os veículos tentam paralelamente convencê-los de que produzem notícias imparciais e objetivas, configuraria uma incoerência.

No que se refere a essa noção de um jornalismo meramente informativo, observa-se no discurso dos entrevistados que eles anseiam por tal modelo. Ao perceberem que os veículos inclinam-se mais para determinado campo ideológico, os respondentes se dizem frustrados e apontam sentir falta de uma maior imparcialidade por parte da mídia nacional.

Essa situação se desenrola a partir do momento em que os veículos e os próprios jornalistas passam a professar e difundir uma ideologia da objetividade, de que seria possível refletir fielmente a realidade (DEUZE, 2005), sem imprimir no conteúdo opiniões e demandas do jornalista ou da empresa. Uma vez convencidos dessa possibilidade, as pessoas passam a cobrar que ela seja executada.

Essa cobrança por transparência é evidente, especialmente entre os participantes mais alinhados à direita. O grupo aqui classificado como pessimista é composto essencialmente por esses indivíduos (entrevistada 5 e entrevistados 2, 4, 6, 15 e 20). Em meio a tal problemática, por eles chamada de “falta de transparência”, emerge também uma forte descrença com relação às instituições. A fala do entrevistado 4 exemplifica bem essa visão, quando ele argumenta que: “A mídia é tão corrupta quanto a política hoje”.

Já dentre os respondentes à esquerda, encontrou-se uma maior disposição para procurar meios alternativos a fim de contornar a problemática da parcialidade da mídia hegemônica. Também se evidenciou nesse grupo o interesse por promover discussões sobre a democratização da mídia, como mostra a fala do entrevistado 11: “Não existe um controle sobre a atual mídia, são só seis famílias que controlam tudo. Eu sou totalmente a favor [da regulação da mídia], para que as pessoas, realmente, tenham direito à informação, porque a opinião pública é formada, basicamente, pelo o que a mídia dita” (em entrevista à autora). Por defenderem esse tipo de discursos, o grupo foi aqui denominado de mobilizado.

Esse empenho em buscar diferentes fontes informativas, orienta alguns desses entrevistados a buscar uma forma de jornalismo mais aprofundado e interpretativo, como acontece com a entrevistada 3 e os entrevistados 14 e 16. Ao recorrer a análises mais amplas e globais dos fatos, eles pretendem fugir da mera explanação dos acontecimentos, técnica bastante utilizada no jornalismo on-line, e perseguida por outros respondentes (como a entrevistada 1, que afirma buscar notícias curtas).

O grupo dos mobilizados trouxe à tona o debate sobre a necessidade de democratização da comunicação. Muito embora a confusão entre a proposta de regular a mídia e a ideia de censura seja frequente na fala dos respondentes, inclusive de alguns mais à esquerda. Do total de entrevistados, oito declararam-se favoráveis à reformulação do sistema midiático do país, levando em consideração a implementação de perspectivas mais diversas nos espaços de produção de conteúdo e de notícias.

5.2.2. Distinções possíveis entre as práticas das mídias tradicionais e sociais

Após o esforço de mapear quais são as fontes de informação dos entrevistados (a partir da pergunta: como você procura se informar sobre o cenário político do país?) e da tentativa de entender qual a opinião da pessoa sobre a forma como as notícias sobre política são escritas, busca-se compreender por meio da sociologia dos usos e dos públicos os modos de apropriação dos diferentes tipos de mídia pelos entrevistados.

Não se pode delimitar, de acordo com as apropriações que o grupo de entrevistados faz dos meios de comunicação, se existem mídias mais legítimas do que outras. Percebe-se que mais da metade dos colaboradores (11 pessoas) procuram não recorrer à mídia tradicional para se informar. Alguns deles, inclusive, têm grande aversão à cobertura dos veículos hegemônicos (entrevistadas/os 3, 7, 9, 8, 10, 11, 14 e 18). Já o restante dos voluntários utiliza veículos mais conhecidos como fonte informativa, por conferirem credibilidade a esses, por não conhecerem outras opções e até por facilidade e comodismo (quando o canal é televisão ou rádio).

Quanto ao suporte, para os entrevistados, o computador e, em especial, o uso da rede social Facebook são o caminho mais usual para se chegar até as notícias. Também há muitas menções aos portais noticiosos, mas, muitas vezes, o caminho para se chegar até o jornal on-line é a partir da própria rede social. Rádio e televisão são citados como instrumentos secundários e complementares (exceto pela entrevistada 5 e pelos entrevistados 15 e 17). Enquanto o jornal impresso não aparece como elemento presente em suas rotinas. Os respondentes referem-se a esse meio como “ultrapassado”. É o caso entrevistada 13, de 51 anos, que, conforme mencionado, trocou a assinatura de um periódico pelo hábito de ler gratuitamente notícias via web para se informar sobre política.

Os usos que os entrevistados conferem aos meios e veículos é perpassado por diferentes estímulos. Há quem procure notícias via Facebook somente para se manter a par das novidades (entrevistada 19). Outros buscam na plataforma visões convergentes às suas (entrevistados 4, 6 e 12), e outros ainda querem ouvir opiniões divergentes (entrevistados 14 e 16). Assim, constata-se que o consumo da mídia mistura-se com práticas sociais e as ferramentas de mídias sociais deixam de ser um elemento à parte na rotina das pessoas e passam a integrar o cotidiano dos entrevistados como peças de interconexão e agregadoras de conteúdos.

Após se discutir a sociologia dos públicos e a recepção dos meios de comunicação, com base nas relações dos colaboradores com o processo midiático e nas práticas e abordagens desses frente a mídias tradicionais e sociais, serão analisadas as representações da política assumidas pelo grupo e como essas aparecem em seus posicionamentos políticos.

6. ANÁLISE (PARTE 3): REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS E POSICIONAMENTO POLÍTICO

Nesta seção, pretende-se resgatar as representações da política construídas pelos respondentes, mais do que em termos de boa ou má, mas, principalmente, a partir das variações de imagem por grupos de entrevistados. Com base na processualidade da vida social desses indivíduos, pretende-se desvendar como eles usam, representam, agem e praticam o ativismo digital através das apropriações que fazem da política e de seus desdobramentos.

O roteiro de entrevistas trouxe questionamentos sobre a relação do entrevistado com política de uma forma mais ampla (por meio da questão: por que você se interessa por temáticas políticas?) e também de uma maneira mais pontual, buscando compreender com que tipo de posicionamentos políticos os participantes mais se identificam (esquerda, centro-esquerda, centro, centro-direita, direita). As respostas dos voluntários resultaram em diferentes linhas de argumentações, mas todas transpassadas pela ideia de que a política afeta diretamente o seu cotidiano e, por isso, é importante estar a par dos debates referentes a esse campo.

Há um grupo de respondentes que alega que se envolve com política por acreditar na necessidade de participar da vida democrática. Alguns defendem que o envolvimento da sociedade civil no âmbito político é um fator relevante para impulsionar igualdade, além de ser uma forma de fiscalizar os políticos e governos. Em meio a esses respondentes, estão entrevistados que enxergam a política como uma ferramenta de transformação da realidade social, apoiando-se em uma noção latente do coletivo a partir da preocupação com o outro (como as entrevistadas 7 e 9 e os entrevistados 8, 10, 11, 14, 16 e 18). A colocação da entrevistada 7, ao ser questionada sobre por que se interessa pelas temáticas políticas, reforça essa ideia: “Acho que é porque eu me importo com as pessoas que não estão próximas de mim” (em entrevista à autora).

No sentido oposto, outros discursos seguem uma linha argumentativa que poderíamos classificar aqui de individualista. É o caso da resposta da entrevistada 5, que alega se envolver com política porque as decisões no setor “afetam diretamente o bolso”

(em entrevista à autora). Por meio de uma avaliação voltada para si, para a própria vida financeira, esse grupo acaba por não levar em conta os interesses da sociedade. A mesma leitura é feita pelos entrevistados 4, 6, e 20. Seus motivadores centrais são, portanto, possíveis vantagens e benefícios particulares, que eles podem vir a receber ao se empenhar em determinada causa.

Dentro do debate sobre alinhamento político, foi frequente a disseminação de estereótipos. Essa constatação pode ser justificada a partir da análise de Lippmann, em que o autor sugere que a convivência pública entre os indivíduos os leva a tomar decisões sobre um conjunto de temas a respeito dos quais não possuem qualquer conhecimento prévio. “Inevitavelmente nossas opiniões cobrem um largo espectro, um longo período de tempo, um número maior de coisas que podemos diretamente observar. Elas têm, portanto, que ser formadas de pedaços juntados do que outros nos relataram e do que podemos imaginar” (LIPPMANN, 2008, p. 84).

Para Lippmann, a postura de sustentar a argumentação em um conjunto de crenças amplamente compartilhadas pela sociedade é uma espécie de economia de raciocínio. Encarar todas as coisas de uma maneira nova, em detalhes, superando tipos e generalidades, seria exaustivo e até descabido para assuntos mais complexos (LIPPMANN, 2008, p. 90). Portanto, essas imagens pré-concebidas que mediam a relação das pessoas com a sociedade (estereótipos) são um escape que confere fluidez às relações sociais.

Estas preconcepções, a menos que a educação tenha nos tornado mais agudamente conscientes, governam profundamente todo o processo de percepção. Elas marcam certos objetos como familiar ou estranho, enfatizando a diferença, de forma que o levemente familiar é visto como muito familiar, e o de alguma forma estranho como profundamente alienígena. (LIPPMANN, 2008, p. 91-92)

No que tange as entrevistas, evidenciaram-se preconceitos e estereótipos sociais, políticos ou de classe em algumas respostas⁹². Assim como também apareceram respondentes que percorrem o sentido oposto e fizeram o exercício de desconstruir ideias

⁹² Como a ideia de que o brasileiro não gosta de votar e só o faz por obrigação (apontada pelo entrevistado 12). Essa noção se apoia em um estereótipo social mais amplo, de que o brasileiro não se interessa ou não gosta de política. Apontamentos do gênero, muitas vezes, deixam subentendida a forma como os próprios colaboradores se sentem. O voluntário 12, por exemplo, afirma mais adiante que acha política “uma coisa chata”, mas as pessoas “tem que gostar”. Subentende-se, com isso, que ele se inclui no grupo de brasileiros que participa da vida política do país devido a imposições e regras do meio.

pré-estabelecidas⁹³. Mas é perceptível que parte considerável das argumentações consistem em apropriações de noções divulgadas por outros atores, aos quais, na maior parte dos casos, os respondentes têm acesso principalmente via Facebook. Algumas dessas construções são mais simplistas e imediatistas, outras, são mais multifacetadas e estruturais, porém, todas têm um meio, um grupo e uma ideologia influenciadores.

Dentre as entrevistas, os estereótipos despontaram de forma mais evidente nos discursos mais à direita – quando comparados com os mais à esquerda –, assim como também ficaram nítidos os preconceitos dentro da própria esquerda consigo mesma (partindo da centro-esquerda para a esquerda). Por exemplo, uma vez que os indivíduos assumidamente de direita ou de centro-direita assim se posicionam, no geral, com base na ideia do livre mercado e também por acreditarem que é esse o campo ideológico que representa uma sociedade mais ordenada, segundo o ponto de vista deste grupo, resta à esquerda a concepção de desordem. Com isso, perpetua-se o estereótipo de que o comunismo⁹⁴, o socialismo e ideologias de esquerda seriam uma ameaça à ordem estabelecida, desdobrando os preconceitos para partidos políticos e para doutrinas sociais.

A “desordem” é atribuída a estruturas e atores que representam o campo da esquerda. Os membros do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) e de outras organizações e movimentos sociais (como o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) e sindicais (como a Central Única dos Trabalhadores), por exemplo, são rotineiramente taxados de “desocupados”, “desordeiros” e “oportunistas” (SILVA, 2001, p. 14). Esses preconceitos se firmam no senso comum e são disseminados como fatos, ainda que não tenham embasamento.

⁹³ Exemplo disso é o entrevistado 8, que relembra o corriqueiro ditado de que “política não se discute” e nega essa concepção expondo a relevância do debate político: “Se política não se discute, vai discutir o quê?”, questiona.

⁹⁴ A crítica ao comunismo, que surge na fala de alguns respondentes (4, 6, 20) reflete um imaginário que se perpetua no Brasil desde o século passado, reforçado por momentos históricos delicados para o país, como a ditadura militar (1964 - 1985), assim como por fatores externos, como a Guerra Fria (1947 - 1991). Silva (2001) observa que o fenômeno se perpetua no país de maneira que “as pessoas reproduzem o discurso anticomunista acreditando nele cegamente sem se preocupar em verificar sua veracidade histórica” (p. 15). No Brasil, o imaginário anticomunista é o “legitimador de uma mentalidade reacionária” e está relacionado a “existência de uma ideologia burguesa hegemônica, que necessita de uma mentalidade conservadora, e de imaginários legitimadores, que são também a possibilidade de maleabilidade dos conflitos sociais” (SILVA, 2001, p. 19).

Tal gênero de preconceitos, originários principalmente da direita, mas que também aparecem na argumentação de alguns voluntários à esquerda, não se restringem somente à atuação de políticos da esquerda. Uma parte dos entrevistados mostrou grande descrença na classe política como um todo, baseada em uma visão generalista sobre o sistema político. Além de deixarem transparecer também uma maneira estereotipada de encarar a própria população enquanto eleitora. Essa noção de que todos os políticos são corruptos é bastante perpetuada no Brasil atual (GUILHEM, 2014, p. 101) e se evidencia por meio do movimento anticorrupção. É composto por pessoas que, não raro, apresentam-se como apolíticas, sem filiação ou simpatia por partidos (como os respondentes 2, 4, 9 e 19).

Em meio aos discursos de entrevistados que caminham nesse sentido, observou-se uma série de problemas. O primeiro deles é que, ao se colocarem enquanto seres apolíticos, o que ocorre é que esses indivíduos simplesmente não conseguem perceber suas próprias ideologias. Muito embora elas existam, despontem em suas opiniões e necessariamente tendam mais para um campo ideológico do que para outro. Depois, as narrativas, de forma geral, reforçam uma oposição ao sistema político em sua totalidade, ao acreditar que nenhum político é bom ou honesto o bastante para representar os cidadãos, mas deixando um vácuo ao não trazer uma proposta cabível do que poderia substituí-lo.

Por fim, enfraquece a relação entre a sociedade e seus representantes, à medida que desacredita no poder civil de pressionar e ter suas demandas atendidas e, em especial, de eleger alguém que possa lutar por seus interesses e pelos interesses de sua comunidade. Tal concepção acaba por estimular o desinteresse dos eleitores em acompanhar o debate político (BAQUERO, 1995; RADMANN, 2001; SINGER, 2000), com base na ideia de que, já que nenhum político “presta”, nada vai mudar ou melhorar. Produz-se, assim, um círculo vicioso em que, não estando interessadas em assuntos políticos, as pessoas elegem alguém sem saber ao certo quem é aquele indivíduo e o que ele defende ou como atuou anteriormente, e esse alguém não atende suas necessidades, desencadeando frustrações e um desinteresse ainda maior.

6.1. Posicionamentos político-ideológicos

A partir da análise, constata-se que os indivíduos que aceitaram participar da pesquisa são de certa forma pessoas abertas ao diálogo – tanto que se voluntariaram para

este trabalho. Sendo, portanto, flexíveis para lidar – e não necessariamente para aceitar – com opiniões divergentes. O ativismo político deles concentra-se na internet, estendendo-se estritamente a ambientes sociais próximos – casa, faculdade, trabalho. Poucos relatam participar de manifestações de rua (como a entrevistada 13 e o entrevistado 17). Mas todos indicam interagir ou terem interagido com temáticas políticas via mídias sociais.

De forma geral, os discursos dos colaboradores não são estáticos ou inteiramente presos a um campo ideológico, costumando perpassar por vertentes e opiniões atreladas à linha política oposta a que seguem. Fogem dessa regra somente as narrativas da entrevistada 5 e dos entrevistados 4 e 6 (mais conservadores entre eles) e do entrevistado 14 (mais à esquerda entre eles). Além disso, nota-se uma resistência dos voluntários alinhados à direita em se classificarem como tal – o que não ocorre em meio aos indivíduos à esquerda. Em contrapartida, a esquerda carrega certo preconceito com relação a si mesma, conforme ilustram as falas dos entrevistados desse campo.

Optou-se por agrupar os entrevistados em esquerda e direita, pois os posicionamentos apresentados se ajustam claramente a uma ou outra linha de pensamento – com exceção do entrevistado 2 –, isso quando os próprios entrevistados já não se assumiam como mais inclinados para um ou outro. Ainda assim, houve algumas surpresas, como o grande conservadorismo das respondentes 7 e 9, ambas assumidamente de esquerda, ou o progressismo da entrevistada 13, alinhada, a princípio, a uma linha mais conservadora da direita.

O que se pode perceber foi o que já se pressupunha: os respondentes mais à direita apoiam-se em argumentações baseadas em ideais individualistas, com maior foco em como as decisões vão afetar suas próprias vidas ou a de grupos aos quais pertencem; já os mais à esquerda sustentam uma orientação coletivista, com vistas a englobar a sociedade como um todo nas mudanças que defendem.

Preconceitos e estereótipos (sociais, culturais, de gênero) atravessam as narrativas dos dois grupos, mas são mais gritantes nas falas de voluntários classificados à direita, que são carregadas, em particular, de preconceitos de classe⁹⁵.

⁹⁵ Talvez por isso, foi uma surpresa identificar a alta aprovação do programa Bolsa Família entre os voluntários – 17 entre os 20 colaboradores afirmaram ser a favor da política pública –, ainda que as críticas a sua atual condução ou à necessidade de uma melhor fiscalização tenham sido frequentes. O índice se explica, provavelmente, pelo fato de os entrevistados mais à direita favoráveis ao auxílio não vincularem sua criação aos governos do PT: eles a atribuem ao PSDB – concepção disseminada à época do pleito presidencial de 2014.

A postura de aceitação dos respondentes frente ao casamento homoafetivo também foi inesperada. É interessante observar que preceitos de diversidade e liberdade vêm ganhando espaço e, sobretudo, assentimento nos debates sociais. Justamente por isso, o posicionamento dos participantes no que tange o feminismo e os direitos das mulheres pareceu retrógrado, além de bastante machista. Observou-se que o movimento LGBT está muito à frente do movimento feminista em termos de respeito e consentimento por parte da sociedade.

Finalmente, verificou-se que o interesse por política dos entrevistados despontou, majoritariamente, de 2013 para cá, e eles mesmos apontam a internet como elemento motivador disso. O engajamento do grupo em mídias sociais e no Facebook parece modificar a vida e a rotina deles à medida que os torna mais informados a respeito do cenário político nacional e de suas regiões e municípios. Os entrevistados mostram-se proativos na web e nos seus círculos de convivência, mas, a maior parte, limita sua atuação política a esses espaços. O que não os torna menos empoderados: entre eles, há um sentimento mútuo de que interagir com temáticas políticas na internet faz deles cidadãos mais atuantes, nem que seja em seus meios sociais.

6.1.1. Esmiuçando opiniões, posturas e seus desdobramentos

Esta seção baseia-se as respostas a um grupo de 19 perguntas do roteiro, elaboradas para procurar, de forma ampla, englobar opiniões dos respondentes sobre diferentes assuntos e, a partir disso, definir o alinhamento ideológico desses indivíduos (à direita ou à esquerda, ainda que os níveis dentro desses campos variem). As questões percorrem tópicos econômicos (atuação do Estado em relação ao mercado), sociais (pobreza, inclusão, racismo), de segurança pública (criminalidade, trabalho da polícia militar, porte de arma de fogo, sistema prisional), de gênero (homossexualidade, papel da mulher na sociedade, aborto), entre outros.

Como já foi dito, nota-se um alinhamento fiel dos entrevistados com os campos ideológicos com os quais se identificam, com algumas raras exceções ou pequenas inconsistências. Também fica evidente que uma vertente importante do ativismo desses indivíduos é estar a par das discussões e notícias que abarcam os diversos debates (econômicos, sociais, culturais, de gênero, educacionais etc.) formadores da pauta política.

Ao passo que isso, muitas vezes, se constrói a partir da noção de *fast-food*⁹⁶ ideológico, em que as informações são consumidas apressadamente e sem aprofundamento.

- **Atuação do Estado frente ao mercado**

No que concerne ao papel do Estado diante do mercado financeiro, constatou-se a subdivisão das respostas em três grupos: o primeiro deles é composto pelos entrevistados que pregam que o mercado deve atuar livremente, sem interferências do Estado (entrevistadas 1, 5 e 13 e entrevistados 4, 6 e 12); o segundo grupo acredita que o Estado deve intervir, em determinadas situações, na atuação do mercado (entrevistadas 3, 7, 9 e 19 e entrevistados 2, 8, 10, 11, 14, 16 e 17); já a última frente de respostas inclui os indivíduos que não se sentiram preparados para opinar sobre o assunto e cujas opiniões não despontaram ao longo de suas argumentações (entrevistados 15, 18 e 20).

A opção de abordar este tema antes dos demais se justifica pela relevância que a forma como se pretende conduzir a economia ganha frente à distinção entre os campos ideológicos de esquerda e de direita. Tendo essa concepção como fundamento, as propostas desses campos se estendem aos demais setores da realidade social. Além disso, observou-se que o embasamento das respostas dos entrevistados é guiado a partir dos princípios essenciais dos discursos de esquerda ou de direita (em que a relação com o Estado funciona como peça-chave). Ou seja, a esquerda une-se pelo desconforto com as desigualdades e trava uma luta para reduzi-las (o que abrange aspectos sociais, de gênero e raciais). Enquanto a direita busca conservar as condições vigentes e valorizar a tradição (AVILA, 2015, s.n.).

Ao se procurar compreender o que mais se aproxima de cada posicionamento, é interessante trazer a visão de Bobbio ao tratar da principal diferença entre esses dois campos: a relação oposta com as ideias de igualdade e de desigualdade.

A diferença entre direita e esquerda não se manifesta sob a forma de tensão entre uma igualdade de direita e uma igualdade de esquerda, mas com base no diverso

⁹⁶ Menção à ideia de que o debate político no Brasil atual seria composto pelas mesmas características da culinária *fast-food*. Ou seja, seria rápido, padronizado e mecânico. A dinâmica acelerada da internet, juntamente com o webjornalismo e com as mídias sociais, seria um fator agravante para a situação. Fontes: <<https://www.catarse.me/fastfooddapolitica>>; <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,nas-ruas--o-debate-politico-fast-food,1000024514>>; e <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Estamos-vendo-a-construcao-de-um-Estado-de-Direito-fast-food-/4/35372>>. Acesso em 26 de set. 2016.

modo em que é concebida respectivamente pela direita e pela esquerda, a relação entre igualdade e desigualdade. Partindo do pressuposto, como eu fiz, de que a pessoa de esquerda é aquela que considera mais o que os homens têm em comum do que o que os divide, e de que a pessoa de direita, ao contrário, dá maior relevância política ao que diferencia um homem do outro do que ao que os une, a diferença entre direita e esquerda revela-se no fato de que, para a pessoa de esquerda, a igualdade é a regra e a desigualdade, a exceção. Disso se segue que, para essa pessoa, qualquer forma de desigualdade precisa ser, de algum modo, justificada. Ao passo que, para a pessoa de direita, vale exatamente o contrário, ou seja, que a desigualdade é a regra e que, se alguma razão de igualdade deve ser acolhida, ela precisa ser devidamente justificada. (BOBBIO, 1909, p. 29)

A noção apresentada pelo autor expande-se para o que cada campo considera ideal no que diz respeito ao tratamento do Estado frente ao mercado. De forma genérica, as forças de direita compreendem que o mercado é, por si só, eficaz tanto na produção de bens quanto na distribuição da riqueza gerada. Assim, segundo a visão desse grupo, “a desigualdade é útil para gerar incentivos e é fruto das diferentes aptidões e talentos. O mérito, portanto, explica a disparidade” (AVILA, 2015, s.n.). Os mecanismos de oferta e de demanda conduziram essa relação, pautada no estabelecimento de salários, no nível de atividade econômica e no desemprego. Dessa perspectiva, o papel do Estado deveria ser reduzido para permitir que o mercado se autorregule e funcione sem interferência, o que conduz, portanto, à proposta de Estado mínimo.

Já representantes da esquerda contemporânea⁹⁷, frente às fragilidades desencadeadas pelo livre mercado, buscam o Estado como forma de ajustar as assimetrias sociais, o que seria feito por meio de políticas de transferência de renda, acesso à educação, incrementos no salário mínimo, ampliação de direitos trabalhistas, políticas para minorias, em resumo, com ação estatal e regulação econômica (AVILA, 2015, s.n.).

Notou-se um baixo nível de entrosamento dos respondentes com a temática econômica, conjuntura que ocasionou respostas desconexas ou falta de domínio para opinar sobre o assunto.

Em síntese, o grupo de entrevistados mais progressistas defende a necessidade de Estado e mercado equilibrarem relações, a fim de amenizar as disparidades geradas pelo setor privado, cujo objetivo central é a geração de lucro, desvencilhando-se de outros

⁹⁷ Avila busca abarcar nessa contextualização o grupo de esquerda que se identifica com a social democracia, social-desenvolvimentismo ou apenas desenvolvimentismo. O autor lembra que, para socialistas e comunistas, a regulação e a moderação do mercado por meio do Estado não são suficientes e a solução socioeconômica ideal seria o fim do capitalismo.

fatores relacionados a preocupações sociais. A visão do respondente 8 demonstra essa ideia: “É papel do Estado cuidar do cidadão. Eu não estou falando de dar esmola ou dar coisa de graça; eu estou falando de tornar as pessoas autossuficientes. Isso se faz através de políticas inclusivas” (em entrevista à autora).

Enquanto para os respondentes pró Estado Mínimo, essa dinâmica acontece automaticamente através da concorrência, ficando a cargo dos cidadãos a necessidade de empenhar esforços para sobressair-se nesse meio e alcançar suas conquistas individualmente. É o que ilustra o comentário do entrevistado 6:

As pessoas ficaram muito dependentes do Estado. Às vezes, elas sonham, idealizam que o Estado pode proporcionar inúmeras coisas a elas, mas esquecem [sic] que vai ficar muito mais caro para o contribuinte e que é praticamente impossível sustentar quase todas as demandas sociais. Então, uma pessoa que pode ganhar 800 reais trabalhando em um serviço básico prefere, às vezes, ficar em casa, recebendo 200 reais do Bolsa Família e não ganhar os 800 reais. (entrevista à autora)

Ademais, são perceptíveis algumas flexibilizações e adaptações argumentativas entre a ideologia a que se alinham os colaboradores e a forma como se posicionam sobre o assunto. As pessoas classificadas à esquerda, por exemplo, adotam, especialmente, o discurso da regulação, ao invés de optarem pela intervenção. Os voluntários mais à direita, por sua vez, apesar de tenderem a defender o Estado mínimo, admitem a possibilidade de intervenção estatal em casos de crise no mercado⁹⁸.

Por trás de posições altamente enviesadas por ideologias, haveria um senso crítico de realidade nas colocações dos entrevistados, de forma a levá-los a propor um sistema mais funcional para a relação Estado-mercado. Bresser-Pereira avalia sinteticamente a forma como os campos posicionam-se frente à questão em termos teóricos e, também, na prática:

A esquerda nos países capitalistas apoia, senão nacionalizações, pelo menos algum grau de intervenção estatal, enquanto a direita insiste num discurso neoliberal que abomina qualquer tipo de intervenção. Como o discurso da esquerda é uma mistura de ideologia e avaliação realista das limitações do mercado, o discurso da direita é o resultado de preconceitos ideológicos, de hipocrisia e de avaliação realista das distorções causadas pelo excesso de

⁹⁸ À semelhança do que vem acontecendo, nos últimos anos, na Europa e nos Estados Unidos, em que a profunda crise que atingiu o sistema financeiro provocou impactos na qualidade de vida da população, ao recair sobre produção, investimento e emprego. “Em face dessa eclosão da crise, o credo liberal dos mercados ‘eficientes’ ou ‘auto-regulados’ foi abandonado e o Estado assumiu, com maior (Inglaterra) ou menor (Estados Unidos) grau de acerto, a responsabilidade pela defesa da economia e de intervenção nas instituições financeiras” (BARBIERI; RIBEIRO, 2012, p. 7).

intervenção estatal. (...) O discurso neoliberal, especialmente nos países em desenvolvimento como o Brasil, tende a ser falso, porque a maioria dos neoliberais é de empresários – e seus intelectuais orgânicos – cujas atividades foram ou ainda estão sendo fortemente subsidiadas pelo Estado. (BRESSER-PEREIRA, 1989, p. 119)

De forma geral, o que predomina nas falas dos entrevistados é a busca de um meio termo entre o Estado liberal e o Estado intervencionista, adotando-se o Estado regulador. Todos os colaboradores que opinam a respeito do tema acreditam que deve existir algum tipo de regulação do Estado sobre o mercado. O que varia consideravelmente nas narrativas, de acordo com campos ideológicos, é a dosagem com que isso deve acontecer. A entrevistada 1, por exemplo, defende o seguinte: “O Estado deve apenas garantir que o mercado possa funcionar livremente, deve apenas se preocupar com educação, saúde, segurança, infraestrutura e só”. Enquanto a visão do entrevistado 17 confere ao Estado um papel mais abrangente:

[Hoje] o Estado é muito ausente, negligente. Eu até visitei algumas comunidades quando eu fui fazer estágio na escola do Complexo do Alemão. Poxa, eu fiquei chocado! O jovem lá não consegue ampliar os horizontes. Os meninos da comunidade só falavam de funk, futebol e mulher. A aula rolava e os outros falando. É o Estado tentar interferir aí, tentar botar estudo, tentar botar acesso ao teatro, ao cinema, para ampliar os horizontes, mostrar outros modos de lazer. (entrevista à autora)

- **O Estado de bem-estar social**

Na sequência do roteiro de perguntas, os colaboradores foram questionados quanto ao que pensam sobre o Estado garantir serviços gratuitos aos cidadãos, como saúde e educação. Essa ideia remete ao conceito de Estado de bem-estar social (em inglês, *Welfare State*), que consiste na organização política e econômica que designa ao Estado a função de agente da promoção social e organizador da economia.

Essa teoria denominada de “Estado de bem-estar social” atribuiu ao Estado o direito e o dever de conceder benefícios sociais que garantam à população um padrão mínimo de vida como a criação do salário mínimo, do seguro-desemprego, da redução da jornada de trabalho (que então superava 12 horas diárias) e a assistência médica gratuita. Nesta perspectiva, o Estado é o agente regulamentador de toda vida social, política e econômica do país em parceria com sindicatos e empresas privadas. Cabe, no entanto, ao Estado do bem-estar social garantir serviços públicos e proteção à população. (BARBIERI; RIBEIRO, 2012, p. 5)

Identificou-se, a partir da questão, um padrão predominante de respostas que estabelece como papel intrínseco ao Estado garantir serviços públicos básicos. O que

difere, em termos ideológicos, a fala dos entrevistados, é o direcionamento com que eles acreditam que essa proposta deva ser conduzida: os que tendem à direita sugerem que isso seja feito da maneira mais restrita possível, a fim de reduzir impostos para o contribuinte⁹⁹; enquanto os mais à esquerda propõem a universalização desses serviços com suporte da estrutura estatal.

Entrevistados alinhados à direita (entrevistadas 5 e 13 e entrevistados 6, 15 e 20) – com exceção do entrevistado 12 – correlacionam a atuação do Estado à quantidade de impostos que o cidadão – em especial, eles mesmos – desembolsa para garantir direitos essenciais à toda a população. Eles não refutam a necessidade de haver a oferta de tais serviços por vias estatais, porém, fazem críticas contundentes a forma como isso é conduzido no país, além de reclamarem da carga tributária nacional.

Já os respondentes que tendem à esquerda, evocam um discurso pautado na ideia de democracia e inclusão social para tratar sobre o assunto. Incluem-se aí as colaboradoras 3, 7 e 9 e os colaboradores 2, 8, 10, 11, 14, 16, 17 e 18. Eles expõem uma grande descrença no discurso da meritocracia. Defendem que a ação do Estado é necessária enquanto ente promotor de inclusão e garantidor de direitos, especialmente frente a estratos mais pobres da sociedade. Ressaltam, porém, que essa relação não tem um caráter de dependência e não funciona como intervenção pontual, a ideia seria atuar estruturalmente a fim de melhorar as condições de vida das pessoas a longo prazo.

Fatores históricos ligados à pobreza e à desigualdade social são igualmente levados em conta na argumentação da esquerda, o que realça ainda mais as disparidades ideológicas com a direita. Nesse contexto de apostar na universalização dos serviços por vias estatais, os respondentes também tratam de outras esferas, como educação e a questão das universidades públicas. O grupo (composto pelas voluntárias 3, 9 e 19 e os voluntários 8, 10, 11, 14, 16 e 17) sustenta uma visão mais ampla e estrutural do problema, propondo soluções por meio da elaboração de políticas públicas.

A diferença entre os entrevistados alinhados à esquerda ou à direita, no que compete a essa questão, é o que eles elencam como motivador do papel do Estado de

⁹⁹ Os únicos a fugirem desse segmento de respostas são a entrevistada 1 e o entrevistado 4. Desenvolvem seu raciocínio argumentativo fundamentando-se na ideia de meritocracia, ao afirmar que o próprio cidadão pode trabalhar e, a partir disso, conquistar formas de pagar para suprir suas necessidades básicas. Além de se colocarem firmemente contra o que a entrevistada 1 chama de “Estado provedor”.

garantir direitos essenciais. A direita crê que tal atuação seria obrigatória uma vez que existe alta arrecadação de impostos para isso, segundo argumentam, e, se a prestação de serviços for conduzida com qualidade eles poderão usufruir. O motivador seria, assim, o cidadão (individualmente). Por seu turno, a esquerda enxerga a proposta como necessária para englobar aqueles que não teriam condições de arcar com os custos de serviços privados e seria uma maneira de colocar os cidadãos em condições equiparadas de acesso, gerando maior igualdade. Ou seja, o motivador consistiria na sociedade (coletivamente).

Ao analisar os rumos da América Latina frente a esse contexto, Bresser-Pereira (1998) sugere que a tendência é que os países caminhem para um meio termo entre as concepções de Estado Liberal e Estado Social, um modelo entre os dois caminhos que beneficiaria o mercado, mas também daria o suporte essencial à população:

Em síntese, o Estado Social-Liberal será financiador ao invés de produtor dos serviços sociais não exclusivos do Estado, que o mercado não pode recompensar adequadamente em função das economias externas que produzem, como é o caso da educação, da saúde, da cultura, da proteção ao meio-ambiente, e do desenvolvimento científico e tecnológico. Será complementar ao mercado ao invés de substituto do mercado. (BRESSER-PEREIRA, 1998, p. 95)

Essa proposta é a que mais converge para o que os entrevistados defendem – com exceção daqueles excessivamente liberais em termos econômicos. Nas entrevistas relacionadas a este quesito, o que predomina é uma tendência à razoabilidade. Em outros momentos, as argumentações dos respondentes desandam e deixam transparecer não só preconceitos raciais, de classe e de gênero, como indicam absoluta falta de noção da realidade do país¹⁰⁰.

¹⁰⁰ Exemplo mais contundente disso é a referência feita pela entrevistada ao massacre que ocorreu em uma boate LGBT de Orlando, que deixou mais de 50 mortos e foi motivado por homofobia. Ao lembrar o caso, a voluntária se diz comovida pelo fato do atentado ter ocorrido nessa cidade estadunidense, devido à proximidade que brasileiros manteriam com o local: “É tão próximo da gente, porque a gente está lá toda hora, brasileiro, então, está toda hora lá em Orlando”. A fala deixa evidente a falta de consciência da respondente sobre a realidade social e financeira do país e quanto à rotina dos brasileiros como um todo. Ela opina partindo de uma vivência advinda do universo “classe média-alta”/classe alta do país. Desconsidera que essa elite, definitivamente, não representa o Brasil, onde a verdadeira classe média tem renda familiar per capita de R\$ 291,00 a R\$ 1.019,00 por mês. O que é ainda mais contraditório nas colocações da entrevistada 13 é que ela, insistentemente, faz generalizações ao defender pontos de vista, na tentativa de convencer que sua visão representaria o país em sua totalidade. Ao passo que, claramente, ela não conhece esse Brasil ao qual se refere.

- **Origens e fatores que desencadeiam a pobreza e correlatos**

Ao serem questionados sobre o que leva uma pessoa a ser pobre, os entrevistados se dividiram em dois grupos. O primeiro engloba respostas que se alicerçam, principalmente, no discurso da meritocracia para justificar a pobreza, no qual se encontram os colaboradores classificados como de direita. O segundo adota a perspectiva da existência ou não de oportunidades na vida do cidadão, apoiando-se em elementos históricos e socioeconômicos para explicar o problema.

Dentre os adeptos da visão meritocrática, estão as entrevistadas 1¹⁰¹, 5 e 13 e os entrevistados 4, 6, 12 e 20, todos categorizados como de direita. Suas falas refletem um preconceito cultural e social de que quem não consegue se destacar e melhorar de vida não o faz, sobretudo, por falta de empenho e trabalho. Mas, antes de tudo, a narrativa está impregnada de preconceito de classe. Existe a noção de que outros fatores, como o meio em que a pessoa vive e a educação que recebe, influenciam na questão. Todavia, como ressalta a entrevistada 5, de acordo com a visão desse grupo, a falta de força de vontade seria o principal problema. Em essência, suas argumentações pretendem rebater a necessidade de programas sociais de distribuição de renda.

Na narrativa do grupo de voluntários à esquerda, o termo chave do discurso é: oportunidade. Há a consciência de que o problema excede o âmbito econômico. A frente é composta pelas entrevistadas 3, 7, 9 e 19 e pelos entrevistados 2, 8, 10, 11, 14, 16, 17 e 18. De forma geral, os entrevistados partem de uma análise histórica para contextualizar a argumentação e, com isso, definem que o problema provém da estrutura da sociedade. Citam, por exemplo, as adversidades desencadeadas pelo sistema escravocrata. Eles trazem para suas avaliações a noção de que a pobreza – e, por consequência, a criminalidade – atinge muito mais diretamente a população negra (como apontam a entrevistada 3 e os entrevistados 14, 16, 17 e 18).

¹⁰¹ A fala da respondente 1 traz ainda uma inconsistência. Ela relata a experiência de seus pais para defender a ideia de que trabalhar muito basta para sair da condição de pobreza. Segundo conta, eles eram imigrantes alemães paupérrimos que vieram para o Brasil à procura de melhores oportunidades e, após muito esforço, conseguiram, efetivamente, melhorar de vida. Porém, mais adiante na entrevista, ao ser perguntada se é a favor ou não de receber imigrantes advindos de lugares em situação de conflito ou afetados por alguma catástrofe natural, a colaboradora afirma que é contra ou que o país deve aceitar somente indivíduos com algum grau de qualificação.

A pobreza seria, segundo esse grupo, um reflexo da falta de acesso e de incentivos do Estado e do próprio sistema econômico. As entrevistas desses colaboradores são perpassadas por experiências individuais¹⁰² de quem já teve contato diretamente com a pobreza ou já viu de perto tal realidade, ao contrário do outro grupo.

Quando se debate a questão das ações afirmativas e políticas de cotas sociais, portanto, percebe-se uma divisão entre os entrevistados entre: um grupo que critica a iniciativa e defende um posicionamento exclusivamente meritocrático, taxando a política de “preconceituosa” e “injusta” (entrevistada 9 em entrevista à autora); e outro grupo que encara a problemática do ponto de vista histórico e social, avaliando o potencial inclusivo dessa ação afirmativa frente à ampla população negra do país¹⁰³.

Em temas de criminalidade e formas de combate dessa, os entrevistados dividem-se na defesa de dois discursos: o primeiro, sustentado pela direita, consiste em uma avaliação mais estrita, voltada para a ação do indivíduo, especificamente, e que culpabiliza o Estado; e o segundo, desenvolvido pela esquerda, realiza uma análise macro, considerando fatores mais amplos, como falta de acesso à informação e ausência de orientação.

Assim, ao listarem proposições para o combate à criminalidade, os campos ideológicos, novamente, ficam divididos: a direita¹⁰⁴ assume uma postura punitiva e defende a redução da maioria civil; a esquerda preconiza a via da inclusão por meio de distribuição de renda e por políticas públicas que garantam a democratização do acesso à cidadania, à educação e à cultura (ênfatisando a relevância de ações já existentes, como o Bolsa Família e as cotas raciais).

¹⁰² O entrevistado 8 mora em uma região periférica do Distrito Federal, em Ceilândia, e, antes de entrar na faculdade, ele e seus irmãos se mantinham na escola pública onde estudavam com a ajuda do Bolsa Escola; o respondente 11, cearense de origem humilde, entrou na universidade – onde cursa Gestão de Políticas Públicas – por meio do sistema de cotas; o voluntário 16 é negro, pobre, estudante de Direito e bolsista do ProUni; o entrevistado 17 só teve acesso à faculdade de Psicologia devido ao Fies. Essas experiências, possivelmente, justificam uma postura mais coletivista do grupo, quando comparados com os entrevistados da outra frente de respostas.

¹⁰³ Segundo a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2014, realizada pelo IBGE, 53% dos brasileiros se declararam pardos ou negros em 2013, diante de 45,5% que se disseram brancos. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/politica/1447439643_374264.html>. Acesso em: 30 de set. 2016.

¹⁰⁴ E também a entrevistada 19, que, mais uma vez, converge com os discursos de direita, embora de presente como de esquerda.

- **O crescimento do movimento LGBT e a homofobia mascarada**

As questões relacionadas a casamento homoafetivo e à adoção de crianças por casais homossexuais foram uma das maiores surpresas da pesquisa. Entre o total de entrevistados, 19 deles afirmaram ser favoráveis ao casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. Somente o entrevistado 20 assume um posicionamento mais conservador e alega que, por motivos religiosos, é contra. Quando o tema é adoção, porém, esse quadro se altera um pouco. Outros entrevistados mais alinhados à direita se colocam contra a ideia. Nesse grupo, além do entrevistado 20, estão a entrevistada 5 e os entrevistados 6 e 15. Entre os colaboradores mais à esquerda, o entrevistado 17 é o único a reprovar a proposta.

A postura de aceitação e receptividade com grupos LGBT indica o progresso da luta desse movimento na sociedade brasileira. Nos últimos anos, o debate sobre a inserção social desses indivíduos ganha cada vez mais espaço. Paralelamente a isso, o país atingiu importantes conquistas nesse âmbito, como a legalização do casamento homoafetivo por unanimidade pelo Supremo Tribunal Federal, o fato de o Brasil ter uma das maiores paradas gay do mundo (em São Paulo)¹⁰⁵ e a maior associação LGBT da América Latina, e até mesmo uma maior visibilidade em novelas, onde ocorreu um aumento no número de personagens homossexuais (DAHÁS, 2015, s.n.).

No que tange a ascensão da luta LGBT, Silva e Campos (2014) fazem uma breve síntese sobre os percursos do movimento da década passada para cá:

O movimento LGBT é um dos que mais crescem no Brasil em comparação aos demais setores da sociedade civil. Seu poder de mobilização, visibilidade massiva e reivindicação de direitos frente ao poder público vem ascendendo continuamente, ainda que encontrando importantes obstáculos. Os anos 2000 marcam uma transformação do movimento, tanto por suas reivindicações, bem como pela sua forma de atuação. Neste momento a agenda programática concentra um apanhado variado de apelações, dentre elas, a adoção conjunta de crianças, parceria civil, direitos previdenciários e de herança a parceiros e a criminalização da homofobia (SILVA; CAMPOS, 2014, p. 9)

No entanto, contraditoriamente, o país ainda hoje é cenário de constantes espancamentos e assassinatos de gays e travestis. Segundo levantamento do Grupo Gay da

¹⁰⁵ A Parada Gay de São Paulo já foi mencionada no Guinness como a maior do mundo. O título foi conquistado em 2004, quando o evento recebeu 2,5 milhão de participantes de acordo com seus organizadores. No entanto, o livro dos recordes retirou a menção em 2008, em decorrências das discordâncias e dificuldades de contagem de manifestações de rua. Disponível em: <<http://outracidade.uol.com.br/por-que-a-parada-gay-de-sao-paulo-saiu-do-guinness-como-a-maior-do-mundo/>>. Acesso em: 30 de set. 2016.

Bahia, uma pessoa gay ou transgênero é morta quase todo dia no Brasil¹⁰⁶. As violências de cunho homofóbico se consolidam, inclusive, no Congresso, onde parlamentares e lideranças cristãs sentem-se à vontade para conceder declarações homotransfóbicas, o que transparece especialmente nos discursos de figuras como Jair Bolsonaro, Eduardo Cunha e Marco Feliciano.

A narrativa de parte dos entrevistados transparece essa antítese. Por um lado, eles se esforçam em demonstrar uma postura de acolhimento frente à diversidade, o que os impele a responder que são favoráveis ao casamento homoafetivo ou, ao menos, que não vêem problema ou não têm nada contra a questão. Por outro lado, as respostas mostram forte carga de preconceito e desaprovação, o que, a princípio, esses entrevistados tentam mascarar. Exemplo disso é a argumentação do entrevistado 15 ao tentar explicar por que é contra adoção por casais homoafetivos: “É meio traumático para uma criança, porque, querendo ou não, biologicamente, ela tem um pai e uma mãe. E quando a criança chegar em um colégio e ver [sic] os coleguinhos todos com pai e mãe e ele com dois pais ou duas mães é um pouco demais para a cabeça de uma criança” (em entrevista à autora).

Tais narrativas carregam uma série de inconsistência. A maior delas é a ideia de que, pelo simples fato de demonstrarem afeto, casais homossexuais estariam influenciando as crianças a seguirem pelo mesmo caminho (apresentada pelos entrevistados 4, 6, 15 e 17). Se, por paralelismo, a mesma lógica for aplicada aos heterossexuais, vai se observar que as crianças estão, o tempo todo, socialmente, recebendo estímulos para tornarem-se heterossexuais. Assim, partindo-se da visão do respondente, pode-se dizer que a sociedade está impondo a heterossexualidade aos jovens, uma vez que há muito mais incitações nesse sentido na conjuntura social do que no sentido contrário.

Entre a maior parte dos respondentes, contudo, o discurso é diferente. Mesmo indivíduos com elementos conservadores nas argumentações, como o entrevistado 12 e a entrevistada 13, apresentam, frente a essa discussão, uma posição inclusiva e de respeito à diversidade sexual. A premissa da qual partem é a de que “o Estado não tem de interferir na vida privada das pessoas” (entrevistado 11 em entrevista à autora). Evidencia-se uma

¹⁰⁶ Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/the-new-york-times/2016/07/06/brasil-esta-enfrentando-uma-epidemia-de-violencia-antigay.htm>>. Acesso em: 1º de out. 2016.

postura socialmente liberal, que prega que as pessoas possam decidir e optar sobre o que melhor lhes convém em assuntos particulares, como é o caso de opção sexual.

Surgem, em meio a esse grupo, casos interessantes, como o entrevistado 17, que é evangélico, mas, ainda assim, coloca-se a favor do casamento homoafetivo – contrariamente ao que se espera de indivíduos muito religiosos. Ou a entrevistada 1, que apresenta-se como liberal em todos os sentidos e, neste ponto, demonstra que efetivamente segue a linha do liberalismo tanto econômico quanto social.

As situações de maior interesse, contudo, são as dos voluntários que se declaram homossexuais: entrevistado 2 e entrevistada 9. O primeiro o faz muito prontamente, contudo, ainda que ele se proponha a informar sua opção sexual, a princípio, sem nenhum embaraço, percebe-se certo receio implícito em seu modo de fazer essa colocação. Esses elementos transparecem por meio da voz e da velocidade com que o respondente fala, revelando reflexos do medo e do preconceito que o colaborador enfrenta em seu cotidiano.

Já a entrevistada 9 parece ser bem resolvida com a questão de sua sexualidade. Ela conta que é praticamente casada com sua companheira e que elas andam de mãos dadas na rua e trocam selinhos e carícias quando têm vontade. Porém, reclama de como o machismo interfere suas vivências, a partir de posturas que advém, por vezes, dos próprios amigos e também de amigas da respondente. Ela conta que é comum ouvir afirmações como “você é assim porque nunca conheceu um homem de verdade” ou “você gosta de mulher porque nunca transou com um homem”. Ela rebate advertindo que o mesmo pode ser válido para quem diz isso.

Nota-se, portanto, que diante dessa discussão os entrevistados adotam posicionamentos mais progressistas, de forma geral. Assim, quando se entra no mérito da adoção, poucos entrevistados mudam de postura. Os respondentes categorizados como de esquerda (com exceção do entrevistado 17), juntamente com as entrevistadas 1 e 13 e o entrevistado 12, seguem favoráveis, argumentando que é uma questão de paralelismo de direitos, de equidade.

Já os voluntários que se colocam contra o direito à adoção por casais homoafetivos são: a entrevistada 5 e os entrevistados 6, 15 e 17. O que muda com relação à pergunta anterior (sobre casamento) é que o entrevistado 4, frente à adoção, passa a ser favorável, e o entrevistado 17, quando se trata de adoção, é contrário. Nota-se que a narrativa da

entrevistada 5 e dos entrevistados 6 e 15 permanece no mesmo sentido: argumentos impregnados de preconceito e visões estereotipadas, embora eles insistam em se apresentar como indivíduos não preconceituosos.

Outra vez, o conceito de estereótipo de Lippman esclarece a postura dos entrevistados. Mais que economia de esforço, os estereótipos servem como defesa da posição de determinado indivíduo na sociedade (no caso dos entrevistados 6 e 15, eles são homens heterossexuais e, portanto, encontram-se em posição de privilégio em meio a uma cultura machista e homofóbica). Os estereótipos funcionariam como garantia de auto-respeito, projeção sobre o próprio mundo de sentidos, os próprios valores e direitos. São uma espécie de fortaleza das tradições e conferem segurança a quem neles se apoia (LIPPMANN, 2008, p. 97)¹⁰⁷.

A visão desses voluntários propaga a ideia de que uma criança ainda sem opinião formada deve receber somente estímulos heteronormativos e não pode ver o mundo da perspectiva de homossexuais (e, com frequência, segundo esse discurso, nem de mulheres ou de negros). Pressupõe-se que só se deve mostrar aquilo que já está consolidado na sociedade, o que, neste âmbito, implica repassar velhos preconceitos. Para o entrevistado 15 – assim como para o 17 –, qualquer ideia que fuja do padrão de família tradicional só poderia ser apresentada aos indivíduos na vida adulta. Ao disseminar esses argumentos, eles não hesitam, em momento algum, sobre a possibilidade de existirem outras formas de ser, de viver ou mesmo de ver o mundo¹⁰⁸.

- **As mulheres e o feminismo na contemporaneidade**

A luta feminista, mesmo que esteja novamente em pauta¹⁰⁹, ao que tudo indica, não recebe a mesma visibilidade do movimento LGBT¹¹⁰. Essa conjuntura se reflete nas

¹⁰⁷ Essa dinâmica abre brechas para que estereótipos sejam reavaliados e sofram alterações conforme contextos e intensões de quem os cria ou se apropria deles.

¹⁰⁸ As argumentações embasadas meramente em preconceito tornam-se demasiado frágeis. Exemplo disso é a resposta do entrevistado 6 à questão da adoção por pessoas do mesmo sexo. Em um primeiro momento, ele alega que filhos adotados, no geral, são problemáticos (estereótipo social) e que, portanto, a pessoa vai, necessariamente, ter problemas na vida adulta. Mas, quando questionado se a mesma ideia se estende à adoção por casais heterossexuais, sua opinião muda, o que deixa evidente que a posição inicial sustentava-se em preconceito, ainda que ele negue.

¹⁰⁹ Em 2015, grupos de mulheres se mobilizaram para sair às ruas em protesto a episódios de machismo e violência contra as mulheres. A iniciativa foi impulsionada pela campanha #primeiroassedio, que ganhou

entrevistas e é traduzida, especialmente, ao se questionar os respondentes sobre como eles enxergam o papel das mulheres na contemporaneidade. De imediato, praticamente todos eles relacionam a pergunta ao movimento feminista. Frente a isso, a maior parte das argumentações é composta por visões distorcidas do feminismo, impregnadas de argumentos estereotipados.

Apenas sete entre os 20 entrevistados posicionaram-se favoráveis ao feminismo. São eles: entrevistada 3 e entrevistados 8, 10, 11, 14 e 18, todos de esquerda. As entrevistadas 7 e 19 e os entrevistados 16 e 12 (único com perfil mais à direita entre os quatro), por sua vez, demonstram se apoiar em preceitos feministas, mas seus discursos ainda são transpassados por colocações misóginas. Enquanto os demais se opõem com firmeza ao movimento. Entre eles estão colaboradores à direita: entrevistadas 1, 5 e 13 e entrevistados 4, 6, 15 e 20; e outros à esquerda: entrevistada 9 e entrevistados 2 e 17.

Entre os antifeministas, o argumento mais corriqueiro é a visão de que homens e mulheres já estariam postos em patamares de igualdade e de que o feminismo seria a antítese do machismo. Constata-se que os homens desse grupo partem de uma posição privilegiada ao fazer a análise do papel social das mulheres. Uma vez que não vivenciam preconceitos de gênero, eles não têm consciência sobre as diferenças no mercado de trabalho, sobre as cobranças sociais mais rígidas que recaem sobre as mulheres (em comparação com os homens) e parecem não estar a par das situações de violências que acometem a população feminina no país e no mundo.

Além disso, há, tanto nos discursos de homens quanto de mulheres que conhecem o movimento feminista apenas de forma superficial ou que o encaram com preconceito, uma conexão imediata com radicalismo. Essa avaliação se dá, provavelmente, devido ao embate constante do movimento com hábitos que já estão há muito enraizados na rotina da sociedade e que, portanto, foram naturalizados. Como entre os indivíduos mais

espaço nas mídias sociais ao convidar mulheres a relatarem seu primeiro caso de assédio sexual, cuja média de idade variava entre 9 e 10 anos. A ideia surgiu após uma menina de 12 anos, que participava da edição brasileira do *Masterchef* infantil, ser atacada por comentários machistas e pedófilos na internet. Ato semelhante seguiram acontecendo diante de outros episódios de misoginia (como os casos de estupro coletivo já mencionados) e devido aos retrocessos no debate de gênero ocasionados pelo novo cenário político nacional (quando Michel Temer assumiu a presidência da República interinamente, não nomeou mulheres para os ministérios, gerando críticas de setores mais progressistas da sociedade).

¹¹⁰ Ainda que as mulheres representem mais de 50% da população do país e sejam as principais vítimas de violências (psicológica, verbal, doméstica, sexual) estreitamente ligadas a posturas machistas e misóginas.

conservadores, a ideia de mudança costuma ser incômoda, a tendência é que eles se oponham às propostas feministas de transformação social.

Os respondentes pró-feminismo, por sua vez, assumem a existência do machismo e têm consciência das problemáticas desencadeadas por esse. Defendem a necessidade de “que a mulher tenha mais protagonismo, mais decisões políticas em todos os âmbitos da sociedade” (entrevistado 11 em entrevista à autora). Também emerge nas constatações dessa frente de respondentes as correlações do feminismo com outra lutas (como a LGBT)¹¹¹ e as subcategorias do feminismo (que se fragmenta em vários feminismos). Eles tratam sobre o quanto o machismo atinge a totalidade social, acarretando perdas inclusive para os homens e, especialmente, para homossexuais.

Frente ao aborto, são oito os colaboradores que se posicionam a favor da descriminalização da interrupção da gravidez. As entrevistadas de direita 1¹¹² e 13, no que tange os direitos das mulheres, mostram-se mais liberais e progressistas no debate. Juntam-se a elas a entrevistada 3 e os entrevistados 10, 11, 14, 17 e 18, todos alinhados à esquerda. Entre os contrários à descriminalização do aborto, estão, majoritariamente, respondentes à direita: entrevistada 5 e entrevistados 4, 6, 12, 15 e 20; e as respondentes 9 e 19, identificadas como de esquerda, mas com posições mais conservadoras, acompanhadas do entrevistado 16. Somente o colaborador 8 não tem opinião formada sobre o tema.

O discurso de quem defende a descriminalização é de que retirar o ato da esfera jurídica é, antes de tudo, uma demanda de saúde pública, uma vez que as pessoas mais atingidas pela questão são as mulheres pobres, que não tem condições de realizar um aborto minimamente seguro. Embora os números de mortes em decorrência de abortos provocados no Brasil sejam imprecisos, a OMS estima que a cada dois dias, uma brasileira morre vítima de aborto ilegal¹¹³.

¹¹¹ Entretanto, apesar de ser coerente a ideia de que os movimentos feminista e LGBT deveriam atuar juntos, não é exatamente tal posição que se observa entre os voluntários desta pesquisa. A respondente 9 e o respondente 2, ambos assumidamente homossexuais, demonstram em suas narrativas grande carga de preconceito com relação ao feminismo e não têm a percepção de que conjuntamente as duas frentes de luta podem se fortalecer.

¹¹² Acredita que é uma decisão individual, sempre persistindo na ideia de liberdade de escolha, mas sem problematizar e ampliar a questão para uma visão coletiva.

¹¹³ Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/28/politica/1411937015_378864.html>. Acesso em: 3 de out. 2016.

Em meio aos entrevistados contrários à descriminalização da interrupção da gravidez, acentua-se a enorme carga de argumentos misóginos e a forte tendência de se responsabilizar somente a mulher pela gestação¹¹⁴. Há uma compreensão de que a mulher deveria assumir sozinha a responsabilidade de não engravidar (o papel do homem em todo o processo sequer é lembrado). Isso fica bastante explícito quando os colaboradores citam o uso de anticoncepcionais, que é restrito a mulheres. Ou mesmo quando citam o uso de preservativo, situação em que acabam por recorrer sempre a pronomes no feminino, como mostra a fala do entrevistado 4: “Ela [a mulher] precisa ver, hoje em dia está tudo aí. A pessoa não toma anticoncepcional, a pessoa não se preserva, aí vai acontecer uma tragédia” (em entrevista à autora).

Algumas das alegações partem de estímulos religiosos, conforme os próprios respondentes afirmam. Mas percebe-se, diante de todas elas, uma relação complicada dos conservadores com a ideia de permitir que a mulher seja sexualmente livre e até que possa tomar decisões a respeito de sua própria vida.

Já quando se aborda a discussão sobre assédio, percebe-se que, mesmo entre as mulheres, a tendência de culpabilização à vítima – e até a si mesma – é alta. Há apenas um pequeno grupo de entrevistados que compreendem assédio e violência como culturas que podem ser contornadas a partir de orientações educacionais e implementando-se o debate de gênero na educação das pessoas e, em especial, das crianças. Em síntese, o machismo ainda percorre considerável parte das narrativas dos entrevistados (está em argumentos de 15 deles), mesmo que de forma velada.

- **O debate da democratização midiática e as inverdades que o cercam**

A questão que envolve a proposta de regular a mídia causa estranhamento nos entrevistados. Primeiro, porque eles não parecem estar muito entrosados ou a par da ideia. Alguns, inclusive, admitem não saber do que se trata e pedem esclarecimentos¹¹⁵. Somado a isso, os que entendem a pergunta, comumente confundem regulação com censura. O que,

¹¹⁴ Como se nota nos seguintes trechos: “A mulher escolhe transar, acho que ela tem que arcar com o que ela fez” (entrevistada 19); “A pessoa foi consciente no momento que ela estava fazendo, então ela deveria ser responsável por aquilo que ela implantou”; “Sou contra o aborto porque eu acho que tem várias outras formas de você se prevenir (anticoncepcionais, camisinha), enfim, você consegue se prevenir”; “Acho que a pessoa é uma assassina” (entrevistado 20); “Eu abomino o aborto!” (entrevistado 2).

¹¹⁵ Como a respondente 9 e os respondentes 4 e 18.

em parte, é de se esperar, já que a mídia hegemônica esforça-se em fazer essa confusão. O desconhecimento do assunto acomete, inclusive, pessoas que procuram se informar via mídia alternativa, e até mesmo os respondentes mais à esquerda – campo ideológico que costuma engajar-se no combate a oligarquias na comunicação.

Em meio aos que se opõem ao projeto, encontram-se a maioria dos colaboradores – e, principalmente, os voluntários mais à direita –, são eles: entrevistadas 1, 5, 7, 13 e 19 e entrevistados 2, 4, 6, 12, 15, 17 e 20. A favor da regulação midiática, encontram-se: as entrevistadas 3 e 9 e os entrevistados 8, 10, 11, 14, 16 e 18, todos eles identificados como de esquerda.

Ressalta-se insistentemente a oposição direita/esquerda frente ao tema por causa da linha editorial de grande parte dos grupos jornalísticos do país, mais alinhados à direita. As posições mais destacadas nos principais veículos de comunicação propõem ideais economicamente liberais, como redução do Estado, redução de impostos e menor oneração tributária sobre as empresas (AVILA, 2015, s.n.).

Uma vez que muitos proprietários de jornais, rádios e televisões são membros das famílias mais ricas do país e parte deles também são políticos, ocorre um esforço desses grupos empresariais na defesa de seus interesses. Um dos quais consiste, justamente, em atacar a proposta de regular os meios, apresentando-a como “ameaçador controle social da mídia, isto é, o retorno aos tempos do autoritarismo através da censura oficial praticada pelo Estado” (LIMA, 2015, p. 103). Enquanto, por trás, o intuito real do posicionamento é manter os veículos hegemônicos como dominantes e sustentar aquilo que convém aos anunciantes.

Observa-se nas respostas dos entrevistados uma inclinação a compactuar com o discurso dos grupos privados de mídia, que acaba por ser a visão mais disseminada entre a população devido ao amplo acesso a esses canais. São difundidos, portanto, argumentos que beneficiam o mercado e os grandes empreendedores, sem abrir espaço para a democratização dos meios¹¹⁶. Esse grupo de entrevistados defende que a mídia não regulada seria isenta de ideologias, além de mais imparcial e objetiva¹¹⁷.

¹¹⁶ Alicerçados nestas distorções, surgem comentários como: “Todo mundo tem direito a dar sua opinião, acho que não tem que ter regulação nenhuma” (entrevistada 5); “A partir do momento em que todo mundo pensa igual, aí já não é liberdade” (entrevistado 6); “Eu acho uma proposta sem pé nem cabeça, porque a informação é um direito que a pessoa tem e que não pode ser restringido ou limitado” (entrevistado 12); “Eu

Há uma inversão de noções: eles defendem a atuação da mídia privada atual e criticam a democratização midiática, sob o pretexto de que a última seria uma forma de padronizar pensamentos, enquanto é exatamente isso que os meios hegemônicos já buscam fazer. Pautados no discurso de “liberdade de expressão” e “direito de informação”, os veículos tradicionais seguem reproduzindo invariavelmente os mesmos ideais. Mas os entrevistados ignoram essa realidade e sequer sabem que o preceito básico da proposta de democratização dos meios é justamente garantir a pluralidade e diversidade de opinião.

Entre os indivíduos favoráveis à ideia, percebe-se a consciência de que a mídia é amplamente usada como ferramenta política e econômica. Em oposição ao outro grupo, eles vinculam a regulação midiática à concepção de democracia e o interpretam como abertura de espaço para maior pluralidade de ideias. Ainda que enfatizem que essa sistemática deve envolver somente fatores econômicos – e não abranger o conteúdo – e ser conduzida com bastante cuidado, enxergam nela uma forma de “tirar o monopólio da informação de somente alguns veículos (...) e facilitar a entrada de outros meios de comunicação, de outras vertentes políticas e ideológicas” (entrevistado 14 em entrevista à autora) no âmbito da comunicação.

Uma vez analisadas as representações da política assumidas pelos entrevistados e suas posições político-ideológicas, opiniões, posturas e os desdobramentos disso, parte-se para a etapa de observar e debater o ativismo digital e político do grupo, na tentativa de compreender como os entrevistados representam suas práticas de ativismo digital e político e como eles desenvolvem esse ativismo.

acho um absurdo! Nem pensar! Isso daí vai virar ditadura” (entrevistada 13); “Isso é uma censura. A gente acaba voltando na época da ditadura. É um retrocesso muito grande!” (entrevistado 15); “Acaba interferindo na democracia. Tem que ser livre para ele poder colocar a história do jeito que está sendo colocada diante da sociedade” (entrevistado 17).

¹¹⁷ Como alega a colaboradora 1: “Essa regulamentação nunca vai ser isenta de nada. Vai ser sempre ideológica, pendendo para algum lado” (em entrevista à autora). Por outro lado, ela confia plenamente no caráter de isenção do conteúdo que acessa, embora sua principal fonte de informação seja o portal *Antagonista*, assumidamente de direita e conduzido por jornalistas neoliberais.

7. ANÁLISE (PARTE 4): ATIVISMO DIGITAL E POLÍTICO E COMO OS ENTREVISTADOS DESENVOLVEM ESSAS PRÁTICAS

O objetivo deste capítulo é partir das análises sobre os usos da mídia e o posicionamento político dos sujeitos entrevistados para identificar as estratégias e modalidades de apropriação das mídias sociais no ativismo político digital. A intenção é avaliar a forma como o discurso interiorizado revela motivações e ações socialmente partilhadas, com base na agregação qualitativa das entrevistas (PEREIRA; NAVES, 2013) e na compreensão das formas convencionais de agir coletivo por parte dos colaboradores.

O que foi apreendido a partir das entrevistas serve como base para mostrar práticas sociais (de consumo de informação, de orientação das atividades na web) e que são mediadas por valores simbólicos, pelas sociabilidades e pertencimentos a grupos e associações e pelo uso de dispositivos sócio-técnicos.

7.1. Como os entrevistados representam suas práticas de ativismo digital e político

Ao se tratar de processos de socialização e formação de opiniões, comportamentos e perspectivas, partindo-se de pressupostos do interacionismo simbólico, as posturas dos entrevistados reafirmam a noção de que indivíduos agem em direção às temáticas e ideologias de acordo com os significados que essas carregam para eles, advindos de interações sociais com familiares, amigos e meios de comunicação (BLUMER, 1969). Mas, frente à sistemática das mídias sociais, esse quadro é remodelado. Acrescenta-se às interações as influências de outros usuários, os quais, muitas vezes, são desconhecidos. Ou, em outros casos, há um contato mais direto com posições de indivíduos que não compactuam com aquilo que o respondente acredita.

Assim, o que se considera aqui como a estrutura social, vista neste estudo como resultado de um conjunto de relacionamentos e ações entre as pessoas e seus círculos de convívio, é incrementada por elementos da experiência cotidiana dos entrevistados, mas que passam a fazer parte de suas rotinas. O leque de grupos a validarem as perspectivas

defendidas pelo indivíduo aumenta, modificando a noção de comunidade (COSTA, 2005) e redirecionando a ideia de laços sociais para além de espaços próximos e palpáveis.

Percebe-se, contudo, que, por influência das mídias sociais, os entrevistados atuam na internet de forma menos contida e mais irregular – sem refletirem com tanto cuidado sobre suas ações e posturas. Isso vai contra o que Blumer (1969) observara sobre a convivência off-line dos grupos humanos, a qual, segundo o autor, transcorreria sem os indivíduos demonstrarem grandes instabilidades. No Facebook, os jogos de papéis se mantêm, mas os usuários sentem-se mais confortáveis para entrar em confronto com outros grupos que sustentam opiniões distintas das suas.

Entre os entrevistados, desponta certa volatilidade (BRIN el al., 2004) de posicionamentos, que podem variar de acordo com a postura que assumem as mídias nas quais esses indivíduos se pautam e as pessoas por quem eles nutrem alguma admiração (desde parentes até personalidades). Forma-se, então, uma opinião pública, resultado da integração da vida comum com os meios de comunicação (BOULLIER, 2004) e também com a presença digital do usuário.

Há, portanto, fluidez entre as ideias a serem defendidas. Mais do que posições demarcadas, o que se percebe são negociações, que transcorrem a depender dos atores envolvidos na interação. Segundo essas inferências e ultrapassando a escala direita/esquerda, elaborou-se um quadro que parte da noção de temas de interesse e agendas de ativismo as quais os respondentes se alinham.

Quadro 5 – Distribuição de entrevistados conforme agendas de interesse

Áreas de debate	Agendas e adeptos	
Estado e mercado ¹¹⁸	Livre mercado Respondentes 1, 4, 5, 6, 12 e 13	Estado intervencionista Respondentes 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 16, 17 e 19
Origens da pobreza	Meritocracia Respondentes 1, 4, 5, 6, 12, 13, 15 e	Oportunidade e estímulo Respondentes 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 14,

¹¹⁸ Os entrevistados 15, 18 e 20 não souberam opinar a respeito.

	20	16, 17, 19 e 18
Orientação sexual	Família tradicional Respondentes 4, 5, 6, 15, 17 e 20	Diversidade sexual Respondentes 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 18 e 19
Gênero e equidade	Discursos de tônica machista Respondentes 1, 2, 4, 5, 6, 9, 13 ¹¹⁹ , 15, 17 e 20 (antifeministas)	Preceitos feministas Respondentes 3, 8, 10, 11, 14 e 18 (pró-feminismo); 7, 12, 13, 16 e 19
Segurança pública ¹²⁰	Aumento do uso de força policial e leis mais rígidas Respondentes 1, 2, 4, 5, 6, 9, 12, 15, 19 e 20	Distribuição de renda e inclusão social Respondentes 3, 7, 8, 10, 11, 14, 16, 17, 18 e 19 ¹²¹

Fonte: elaborado pela autora

Assim, as ideologias políticas são empregadas de modos diferentes de acordo com o contexto de interação. É possível notar um esforço dos respondentes no sentido de medir e avaliar até que ponto determinadas opiniões e posicionamentos podem ou não ser expostos a depender do grupo e do ambiente com quem estão interagindo. Costuma haver um comedimento dos entrevistados frente a indivíduos que sustentam visões opostas as suas, desde que esses estejam em maior quantidade.

Isso, nitidamente, ocorre com o entrevistado 6 no contexto da sala de aula, por exemplo. Reacionário diante de diversas temáticas (equidade de gênero, orientação sexual, direitos humanos), quando debate política com os colegas de curso, que são mais progressistas, ele descreve que evita apresentar seus pontos de vista de forma escrachada, para se preservar de discussões e polêmicas. Outros participantes (3, 7, 14, 18), mais à esquerda, contaram que procuram não manifestar abertamente o que pensam para familiares, os quais, segundo eles, tendem a defender perspectivas de direita e tradicionalistas, além de mostrarem-se pouco receptivos com ideologias à esquerda.

¹¹⁹ A respondente 13 se diz antifeminista, mas suas falas carregam preceitos que vão ao encontro do movimento.

¹²⁰ A entrevistada 13 não concorda com o enrijecimento da atuação policial, mas também não defende distribuição de renda e inclusão social.

¹²¹ A voluntária 19 propõe que se percorra, simultaneamente, os dois caminhos.

Em outras ocasiões, a situação de interação é capaz até de reestruturar por completo as posturas dos entrevistados. O colaborador 17 é um exemplo disso. Há alguns anos, antes de se envolver mais com o ambiente acadêmico, ele sustentava posições demasiado conservadoras – em 2014, ao comentar em notícias do levantamento desta pesquisa, o entrevistado fazia campanha para a candidatura de Bolsonaro à presidência e propagava discursos homofóbicos e machistas. Porém, depois de conviver na faculdade com colegas mais liberais em termos sociais, passou a ser mais flexível em alguns pontos e até mudou de ideia de forma radical em outros.

A maneira como os voluntários representam o ativismo digital e político, somada aos contextos de conversação (espaço de comentários em notícias sobre política no Facebook, perfil pessoal, relato de experiência on-line e off-line), demonstram que não há em seus discursos intenção de mudar a opinião pública. O que existe é a necessidade de recriminar os posicionamentos aos quais eles se opõem ou de influenciar pontualmente algum outro usuário a mudar de ideia. Destaca-se também o anseio por influenciar, de algum modo, o processo de tomada de decisões por meio do ativismo digital (o que os faz buscar páginas de instituições públicas, políticos e partidos na plataforma).

A diferença entre a postura de tentar instigar pontualmente uma pessoa a mudar sua visão sobre algo e a de persuadir os demais via ativismo digital é que o mero esforço de mudar a opinião de outrem (singularmente) consiste em casos específicos e ocorre por meio de debate e troca de conhecimentos, crenças e valores entre dois indivíduos ou um grupo restrito. À medida que a discussão se estende, isso se torna ativismo digital. Portanto, o ativismo ocorre quando o exercício de prática da capacidade argumentativa se amplia e propõe-se a atingir um número mais significativo de pessoas ou setores da sociedade que não pertencem ao círculo direto de contatos do usuário (amigos, familiares), como os políticos.

Comprova-se, a partir da experiência de entrevistas, que o grupo de colaboradores de fato não procura novas compreensões e sentidos no Facebook. Eles buscam a repetição de velhas interpretações (WRIGHT, 1973) que condizem de modo geral com as suas visões de mundo. Orientam seu ativismo com base na perpetuação de posicionamentos convergentes com os seus e buscam na mídia (seja hegemônica, alternativa ou nas

postagens de terceiros em mídias sociais) ideias que reafirmam aquelas que eles já tinham como pré-estabelecidas.

7.2. Práticas de ativismo desenvolvidas pelos entrevistados

Pretende-se, neste tópico, analisar os momentos e condições em que os entrevistados decidem intervir no espaço público digital via Facebook, e instigados por que tipo de temas. Busca-se entender como a ferramenta molda essas intervenções, a quem os respondentes se dirigem e o que eles esperam com esse ativismo.

Decidiu-se considerar a totalidade do grupo como ativistas digitais. Conforme Aldé (2013), as atitudes e formas de manifestação política na rede, como curtir ou compartilhar um texto no Facebook, não podem ser desprezadas. Ainda que se deva considerar que os usuários desenvolvam diferentes graus de interesse político a partir do acesso à internet.

Mas, de maneira geral, o uso desse ambiente oferece ao público a chance de seguir fluxos informativos com maior autonomia, dando destaque à web enquanto instrumento de cidadania, com características positivas para a democracia e transparência (ALDÉ, 2011b, p. 40). Assim, apesar de o conceito de ativismo digital ainda não ser consensual na academia e, portanto, a concepção de ativista não estar estritamente definida, optamos por considerar todos os entrevistados como tal, em decorrência de seu engajamento impulsionado pelas mídias sociais.

O modo que os voluntários da pesquisa escolhem se posicionar na web consiste, essencialmente, em expressar-se em páginas de veículos noticiosos no Facebook e compartilhar conteúdos jornalísticos que reforçam suas opiniões em seus perfis individuais. Outras medidas surgem como secundárias, como redigir análises pessoais sobre a conjuntura política (entrevistado 14), participar de grupos que debatem temáticas políticas (entrevistados 12, 16 e 17). Os hábitos de uso da rede social adotados pelos entrevistados partem de uma rotina que engloba: acessar o Facebook em horários específicos¹²² (antes de sair de casa; a caminho do trabalho; ao longo do dia, quando surgem brechas; ao chegarem em casa após as atividades diárias) e de determinados ambientes onde possuem tempo ocioso (casa, trabalho, faculdade).

¹²² Alguns acompanham a rede social em tempo integral (o entrevistado 15, por exemplo).

Os usuários são instigados por temáticas que os afetam de forma mais direta, em termos econômicos, sociais e morais, assim como preferências individuais direcionam a intensidade (PASSY; GIUGNI, 1998) e também a forma de envolvimento. Exemplo disso é a identificação dos entrevistados 2 e 9, ambos homossexuais, com a luta LGBT. Entre as matérias selecionadas no levantamento de notícias, os dois se pronunciaram na reportagem sobre a declaração homofóbica de Levy Fidelix, repreendendo a fala do político. Da mesma forma, os entrevistados 15 e 17¹²³, ambos homofóbicos, registraram posicionamentos na mesma postagem opondo-se a relacionamentos homoafetivos e defendendo a candidatura de Jair Bolsonaro para a campanha presidencial de 2018.

As entrevistas mostram que é preciso um assentimento prévio para que os respondentes decidam se manifestar no Facebook. Aqueles cujas opiniões corroboram com as dos demais usuários que estão comentando em determinada postagem sentem-se mais à vontade para expor seus pontos de vista. No sentido oposto, respondentes que não compactuam com o posicionamento majoritário ficam acuados e até optam por deixar de registrar o que pensam (conforme ocorreu com as colaboradoras 7 e 20 e os colaboradores 8, 18 e 20).

Com isso, constatou-se que, no caso do Facebook, não se confirmaram os efeitos positivos atribuídos por Coelho e Costa (2013) às mídias sociais. Segundo os autores, essas ferramentas seriam capazes de expandir o escopo do debate e a qualidade da discussão. Mas, neste estudo, observou-se que isso ocorre de forma limitada. O que perdura é a repetição de ideias e posições. Ainda que o Facebook seja um meio propício para a criação de novos espaços de debate, para o exercício de pressão e de influência no processo de comunicação política e para a elaboração de políticas públicas (SEBASTIÃO; ELIAS, 201), a maior parte dos respondentes se restringe a expor reclamações e insatisfações genéricas em comentários de páginas de jornais na rede social ou compartilhando notícias no próprio perfil, mas sem tomar medidas mais eficazes para se opor às causas.

Os grupos acabam fechados somente entre quem têm opiniões similares. O espaço de comentários dos jornais no Facebook é uma forma que os entrevistados encontram de reforçar suas visões, em busca de aprovação. Mas os debates são rasos, em decorrência da

¹²³ Nota-se, do período de publicação dessa matéria (2014) até a época da entrevista (2016) grande mudança de postura do entrevistado 17, que desenvolveu inclinações a defender pautas mais à esquerda com o passar do tempo.

lógica da *timeline*, em que o conteúdo passa e logo cai no esquecimento (PORTO, 2015) e também do baixo interesse dos entrevistados em aprofundar e qualificar a discussão.

Dessa maneira, as condições que levam os colaboradores a expor suas posições na rede social são compostas por um conjunto de fatores: afinidade ou proximidade com a temática em questão; grau de satisfação ou insatisfação com o conteúdo divulgado; posicionamento dos demais usuários; referências culturais partilhadas com os demais indivíduos envolvidos no contexto; horário e ambiente em que a interação ocorre.

Ademais, é preciso destacar que o ativismo digital do grupo – embora, muitas vezes, seja superficial – não se limita a um tópico específico ou mesmo a uma manifestação isolada. São pessoas que se interessam pelo debate político e procuram ser participativas neste cenário de alguma forma, partindo de discussões sobre o tema no Facebook até diálogos político-ideológicos no âmbito familiar, com amigos e colegas. Não se pode chamar, de forma alguma, os entrevistados de “ativistas de sofá” (SEBASTIÃO; ELIAS, 2012).

Eles se inserem nas práticas cotidianas e nas relações com o outro, em termos de interação on-line, de duas maneiras: com indivíduos cujas ideias convergem com as deles, os entrevistados têm posturas mais amenas e amigáveis, por vezes até entusiasmadas; já com indivíduos com ideias divergentes, os respondentes são mais impacientes e indispostos e acabam, por eventualmente, envolver-se em discussões virtuais e desfazer amizades no Facebook (os voluntários 4, 6, 14, 15, 16, 17 e 20 fazem relatos do gênero).

Embora, conforme já ressaltado, todos os respondentes se classifiquem como moderados e compreensíveis frente a opiniões diferentes das suas, são poucos os que se colocam à disposição para dialogar com quem pensa de forma distinta. Somente os entrevistados 14 e 16 disseram fazer esse exercício e até gostar de desenvolvê-lo.

No ambiente off-line, as interações se modificam, tornando-se mais contidas quando os posicionamentos divergem de pessoas conhecidas, como familiares, amigos ou colegas de trabalho/faculdade. Há uma maior disposição em ouvir o outro e, por vezes, até de compreendê-lo (conforme relata o entrevistado 14, ao contar da situação em que convenceu um parente extremamente machista da existência da cultura do estupro). Em especial, se a visão oposta a do entrevistado partir de um grupo onde ele é exceção

(conforme já citado: caso do entrevistado 17, outrora conservador e machista, em meio a sua turma de faculdade, cheia de mulheres progressistas e feministas).

Nota-se que o outro em presença física ganha ênfase no esforço dos entrevistados de agirem de forma mais moderada nas interações. Eles procuram se esquivar de desgastes presenciais, enquanto que, no ambiente digital, estão mais propensos a discutir e discordar com seus interlocutores. Tal postura pode se justificar como uma maneira de buscar preservar as relações já existentes e consolidadas (familiares e amigos) ou os contatos inevitáveis (como colegas de trabalho). Isso porque é perceptível a propensão dos respondentes em confrontar desconhecidos via mídias sociais ou portais de notícias, ao passo que, frente a debates com conhecidos, eles relatam tentar entrar em consenso, cessar a discussão ou relevar os desentendimentos.

Por outro lado, com desconhecidos, os entrevistados, principalmente os mais conservadores, não são tão receptivos e amigáveis. Essa postura independe do universo (on-line ou off-line). Notou-se, entre os comentários no Facebook, que alguns entrevistados provocam estranhos e inserem-se em situações desconfortáveis de embate político-ideológico com pessoas com quem não possuem qualquer vínculo. É o caso do colaborador 16, que assumiu que procura “provocar” usuários que pensam diferente dele a fim de impulsionar o debate.

Com essas práticas de posicionamentos e até de militância política, os respondentes esperam estar agindo de forma a influenciar outros usuários do Facebook e, de algum modo, a conjuntura política (quando procuram por páginas de partidos e de políticos), além de buscarem nisso uma espécie de autoafirmação – há, em suas posturas, certa – e, por vezes, muita – necessidade de aprovação. Mas o ativismo surge, principalmente, de alguma contrariedade, um descontentamento. Eles não aprovam determinado evento ou postura da classe política e encontram nas mídias sociais um meio de expressar o que lhes incomoda. Exemplo claro disso são os frequentes protestos de entrevistados relativos aos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) e aos casos de corrupção divulgados pela mídia hegemônica.

As manifestações na plataforma consistem em formas de lidar com a política, da perspectiva dos usuários, a partir do instante em que lhes permite externar posturas sobre pautas que os afetam em alguma medida. Ao serem vistos, lidos, comentados e até

compartilhados, os usuários sentem-se mais próximos da dinâmica política. Somado a isso, eles absorvem ideias alheias, assim como esperam que outros indivíduos interiorizem as noções que eles propõem. Há diversos motivadores que os levam a expor posicionamentos na rede, entre os principais, destacaram-se: indignação; identificação (com os demais usuários envolvidos no debate); tentativa de acarretar reflexão ou mudanças sociais; e anseio por reconhecimento.

Os hábitos de usos políticos que os entrevistados dão ao Facebook provocam neles a sensação de participação cidadã. Mas, quando se trata de efeitos acarretados na opinião desse grupo, o que se constata, na maior parte do tempo, é que a forma como eles conduzem seu ativismo digital faz com que posicionamentos prévios apenas sejam reforçados. A maior parte deles defronta-se pouco com ideias diferentes das suas ao navegar na web – com colaboração do algoritmo do Facebook – o que provoca certo comodismo na maneira como eles procuram se informar (as fontes são pouco variadas).

A condução que os entrevistados dão ao seu ativismo digital traz algumas perdas, em especial, ao se tratar da marginalização de grupos específicos, como pessoas negras, LGBTs e mulheres presente em diversos discursos. A restrição de acesso a conteúdos mais diversificados mantém parte deles longe dessas questões. Além disso, há uma explícita dicotomia do bem e do mal que alimenta estereótipos tanto entre a direita quanto entre esquerda.

Com os respondentes mais adeptos à direita, essa ideia se volta para universos que não se enquadram na pré-definição conservadora de família tradicional, pautada por preceitos religiosos, sexistas, homofóbicos e racistas. Nessa conjuntura, por exemplo, quem comete delitos – “os bandidos” – passa a ser visto como um inimigo cruel, ignorando-se o contexto histórico-social que leva a pessoa a agir daquela forma. Já para a esquerda mais correligionária, o capital e o sistema que o sustenta são necessariamente perversos, não havendo espaço para qualidades na economia de mercado.

Entretanto, também se pode apontar aspectos positivos advindos desse ativismo, uma vez que os hábitos de se envolver com temáticas políticas no Facebook desenvolvem alguma consciência democrática e participativa nos entrevistados e os impulsionam a acompanhar de forma mais atenta as pautas políticas. Ainda que o envolvimento de parte deles seja incipiente e pouco aprofundado, outros se apropriam da internet enquanto

ferramenta para potencializar seus conhecimentos. Apesar disso, o simples fato desse ativismo digital despertar e alimentar o interesse do grupo por política e os fazer pensar e debater (on e off-line) o assunto já é um ganho em si.

Dessa forma, ao se correlacionar motivações e contextos de interação dos entrevistados à noção de ativismo político, depreende-se que a pesquisa trouxe alguns resultados expressivos. O mais evidente deles é que os respondentes têm o hábito de transitar por diferentes vertentes dos campos da esquerda e da direita, dependendo da temática tratada. Em tal contexto, as vivências desses indivíduos, assim como as influências culturais e da comunidade onde vivem (grupos de amigos, colegas e familiares) são essenciais para fazê-los assumir determinadas posturas ou até mudar de ideia em relação a algum assunto.

Adiciona-se a isso a importância que os entrevistados, de forma geral, conferem a sua realidade local ou estadual, por meio do acompanhamento de noticiários de suas regiões. Há, nessa constatação, a surpresa pelo fato de, apesar de terem acesso a conteúdos de qualquer lugar por meio da internet, os voluntários preferirem voltar-se para os acontecimentos de suas cidades e estados. A presença do valor-notícia de proximidade (JORGE, 2008, p. 30) se sobressai, mesmo frente ao impacto das redes sociais (supostamente difusores de conteúdos “globais”) (CASTELLS, 1999).

Já em termos de recepção de notícias, há um sentimento generalizado de desconfiança com relação à mídia. Com exceção de um entrevistado (12), o grupo indicou que considera a cobertura dos jornais e noticiários tendenciosa e/ou sensacionalista, o que os faz dar pouca credibilidade ao trabalho dos jornalistas. Além disso, diante do debate sobre regulação da mídia, os entrevistados demonstram grande conservadorismo e desconhecimento. Ao serem perguntados a respeito, grande parte deles se opuseram, baseados na argumentação de seria uma forma de censura.

Finalmente, constatou-se que parte dos respondentes buscam meios de se informar pela internet que extrapolam a mídia tradicional. Os blogs e portais de jornalismo alternativo, além de páginas do Facebook – muitas vezes relacionadas a esses mesmos canais –, estão entre as opções mais citadas. Nessa dinâmica, o Facebook atua como um facilitador do processo, enquanto agregador de conteúdos e instrumento que simplifica o acompanhamento de notícias. Em resumo, é uma ponte de acesso.

CONCLUSÕES

Nesta dissertação, analisamos os posicionamentos dos usuários do Facebook que praticam ativismo digital, seus hábitos de uso da plataforma e como se constroem suas posturas e linhas ideológicas. Partindo-se de 20 entrevistas semiestruturadas em profundidade, buscou-se traçar o perfil dos ativistas digitais da plataforma; a dinâmica de usos da mídia, da informação jornalística e das mídias sociais no cotidiano; como se estruturam os posicionamentos políticos dos entrevistados da pesquisa; e como se desenvolve e ocorre o ativismo digital desses indivíduos.

Com base nos procedimentos metodológicos e, posteriormente, a partir da análise de entrevistas, averiguou-se que há uma constante integração dos universos da vida comum e das mídias (tradicionais e sociais). Essas relações desencadeiam as formas de construção de uma opinião pública, percorrendo uma linha do micro ao macro, através de múltiplas mediações. Os veículos midiáticos pautam os debates e servem de pano de fundo na rotina dos usuários, mas suas ideias e posturas são delimitadas, sobretudo, por interações interpessoais.

Dessa forma, mais do que alicerçados em posições rígidas e demarcadas, os usuários demonstram fluidez em suas manifestações, sobrepondo à noção de campo ideológico a possibilidade de fazer negociações discursivas a depender do interlocutor. Em diferentes momentos, eles superam a escala direita/esquerda em prol de alinhamentos por meio de agendas e temas de interesse (como livre mercado/Estado intervencionista; meritocracia/oportunidade e estímulo; família tradicional/diversidade sexual etc.).

Em tal conjuntura, o Facebook funciona como principal ferramenta de informação política dos entrevistados: 13 deles relataram utilizar a rede social como principal fonte de notícias. Dentre o total de usuários, 11 foram aqui considerados ativistas digitais assíduos (que comentam ou compartilham conteúdos políticos ao menos uma vez por dia); um foi tido como ativista digital com atuação mediana (pois comenta ou compartilha informações sobre política de uma a quatro vezes por semana); outro atua de forma pouco frequente (de uma a quatro vezes por mês); e os demais (sete pessoas) deixaram de se manifestar por se sentirem acuados ou por se sentirem frustrados no exercício do ativismo digital.

Em suma, são os contatos, diálogos e convívios com outras pessoas – no âmbito off-line: familiares, amigos, colegas, conhecidos; no on-line: amigos nas mídias sociais, usuários desconhecidos e personalidades ou figuras de relevo – que orientam os posicionamentos dos respondentes e ajudam a moldar seus perfis como ativistas. A atuação política da maior parte deles consiste na leitura de notícias, na formação de opiniões advindas de diferentes fatores (como mídia, visões de outros indivíduos, outros estímulos externos em termos sociais, culturais, financeiros) e no posterior debate dentro e fora da web. Tal prática conta com esporádicas participações em eventos e atos políticos (como manifestações). Ainda assim, o ativismo surge no universo da internet e alcança as interações dos voluntários que transcorrem pessoalmente, mesmo que isso aconteça somente com grupos de pessoas próximas, já pertencentes as suas esferas de convivência.

Nesse sentido, ressalta-se que a escolha de classificar a totalidade dos entrevistados como ativistas digitais choca-se com as múltiplas, ainda incipientes e não consensuais definições desse gênero de ativismo. A proposta deste trabalho está voltada para o entendimento de que interações político-ideológicas do público do Facebook, que partem de postagens, comentários e compartilhamentos, tratam-se de manifestações políticas e levam ao desempenho de práticas de cidadania (ALDÉ, 2011; 2013).

No que tange os hábitos de acompanhamento de notícias dos entrevistados, eles abrangem, essencialmente, a leitura da linha do tempo no Facebook. Os colaboradores não costumam, de forma geral, recorrer às páginas dos veículos na rede social. Optam por seguir a dinâmica da rede social (lendo a sequência de postagens) ou buscar os portais de notícias na própria web. Eles exercem essa atividade de acompanhamento de conteúdo pela plataforma com frequência e a partir dos mais diversos ambientes: casa, trabalho, meio de transporte (ônibus/metrô), quando estão na rua. O exercício é feito, portanto, através do celular e do computador. A ocasião mais corriqueira de procura por informações no Facebook é em momentos de ociosidade ou com o intuito de descansar. Os entrevistados procuram notícias pela rede social para espiaçar e, simultaneamente, se manterem a par dos acontecimentos.

Averiguou-se que o interesse por política dos entrevistados despontou, notadamente, de 2013 em diante, tendo a internet como elemento motivador disso, segundo eles próprios. O engajamento do grupo diante de mídias sociais e no Facebook parece

alterar a vida e a rotina deles à medida que os torna mais informados a respeito do cenário político nacional e de suas regiões e municípios. Os entrevistados manifestam proatividade na web e nos seus círculos de convivência, mas a maior parte deles limita sua atuação política a esses espaços. Isso, porém, não os torna menos empoderados, uma vez que, entre eles, há um sentimento generalizado de que interagir com temáticas políticas na internet faz deles cidadãos mais atuantes, nem que seja em seus meios sociais.

Tal constatação alimenta o debate em torno da internet como ferramenta de ativismo ou passividade diante da política. Percebeu-se que o ativismo digital é valorizado pelos entrevistados. A prática os faz sentir mais participativos no âmbito democrático, além de mais politizados. Isso implica no fato de, muitas vezes, eles não necessariamente sentirem vontade de expandir esse exercício para o universo off-line. Não raro, os colaboradores se mostravam satisfeitos com sua atuação restrita às mídias sociais e, no máximo, compartilhada externamente com amigos, familiares e conhecidos em conversas informais. Ainda assim, suas formas de ativismo extrapolam grupos de contato direto e alcançam pessoas não inseridas em suas rotinas por meio da web.

No que diz respeito à forma com que os voluntários gerem seus posicionamentos políticos na mídia social e nos diferentes contextos de interação da vida cotidiana, é possível observar um esforço dos indivíduos em avaliar em que medida e até que ponto eles podem expressar seus posicionamentos quando inseridos em determinado ambiente ou grupo. Quando se trata do espaço off-line, essas demarcações de limites são mais acentuadas e os usuários evitam com maior empenho o embate e as divergências. Já em espaços on-line, há uma maior disposição dos respondentes para debater e até discordar de outros usuários, uma vez que se encontram protegidos pelo caráter etéreo das relações digitais.

Logo, nota-se grande preocupação dos respondentes em preservar suas relações familiares frente à discordâncias e desentendimentos. Há maior flexibilidade quando surgem divergências entre parentes e os colaboradores procuram relevá-las ou contorná-las. Por vezes, o rompimento ocorre apenas no âmbito on-line, por mídias sociais, mas as aparências são mantidas pessoalmente (conforme relatam os entrevistados 6, 14 e 16). Entre amigos, colegas e, especialmente, meros conhecidos, existe maior propensão para contrariedades, o que resulta, muitas vezes, na ruptura de relações no universo digital

(excluindo ou bloqueando um ao outro das plataformas) e na eventual perda de contato face a face.

Como já destacado, os posicionamentos sócio-políticos desses usuários não são estáticos ou inteiramente presos a um campo ideológico, costumando perpassar vertentes e opiniões atreladas à linha política oposta a que seguem. Mas, de forma geral, ajustam-se claramente a um ou outro segmento ideológico. Nesse sentido, constatou-se que os respondentes mais à direita apoiam-se em argumentações baseadas em ideais individualistas, com maior foco em como as decisões vão afetar suas próprias vidas ou a de grupos aos quais pertencem; já os colaboradores mais à esquerda sustentam uma orientação coletivista, com vistas a englobar a sociedade como um todo nas mudanças que defendem. Ademais, os indivíduos que aceitaram participar da pesquisa mostraram-se pessoas abertas ao diálogo, ao menos minimamente – ainda que, nem sempre, recebam com tranquilidade posições distintas das suas.

Outro fator que despontou com as entrevistas foi uma perceptível resistência dos voluntários categorizados mais à direita em se classificarem como tal – o que não se repete em meio àqueles à esquerda. Em contrapartida, esses últimos carregam certo preconceito com relação ao campo no qual se enquadram, conforme apontam suas falas.

Os posicionamentos dos voluntários são convertidos em um tipo específico de ação política – o ativismo digital – quando a prática da capacidade argumentativa desses indivíduos se amplia e passa a atingir um número mais significativo de pessoas ou de setores da sociedade que não pertencem ao círculo direto de contatos do entrevistado (amigos, familiares, conhecidos), como, por exemplo, outros usuários de mídias sociais e atores políticos.

As conclusões da pesquisa, todavia, são perpassadas pelas limitações do estudo. Sabe-se que o levantamento, ao delimitar uma quantidade restrita de notícias (apenas oito), acabou por ser excludente com outras temáticas igualmente relevantes no debate político e também de destaque à época do recorte temporal.

Enfrentou-se também problemas técnicos, como o fato de a rede social suprimir postagens depois de passado algum tempo que o conteúdo foi publicado e em decorrência da grande quantidade de atualizações dos usuários (neste caso, os quatro jornais escolhidos para fazerem parte da pesquisa). Até dificuldades espaciais – a grande abrangência da investigação –, sociais e econômicas – o fato de o estudo restringir-se somente a quem tem

acesso à internet, além de tempo, disponibilidade e estímulos para se interessar por política.

Apesar das restrições, optou-se por buscar tratar o objeto de uma perspectiva qualitativa e interacionista, apoiada na sociologia dos usos e das audiências, abordagem pouco utilizada nesse tipo de pesquisa. Isso pode ser visto como uma contribuição deste trabalho do ponto de vista teórico e metodológico, dada a relativa originalidade dessa abordagem. Além disso, entendemos que, a despeito das dificuldades, considerando-se o cerne da pesquisa, que é chegar ao público, tentar alcançá-lo, ouvi-lo e compreendê-lo, os ganhos que advêm das metodologias escolhidas compensam.

Para além desses fatores, o processo de realização das entrevistas e de análise acarretou conhecimentos e experiências que não seriam mensuráveis ou quantificáveis por quaisquer métodos, e que só puderam ser transmitidos com a descrição dos diálogos e o esclarecimento sobre os contextos que envolviam aquelas opiniões. O percurso de colocar em prática os procedimentos metodológicos e, posteriormente, avaliar o que resultou do contato com os ativistas digitais foi desafiador e, no fim, gratificante. Essa experiência, em termos pessoais, serve de estímulo para, quem sabe, procurar-se explorar ainda mais a fundo o tema, com perspectivas de estudos futuros.

Mas, por hora, ficam as lições deixadas pela reflexão teórica, que me orientaram a repensar o fazer jornalístico e a compreender melhor as interações sociais das relações humanas; e as lições trazidas pelo exercício das entrevistas acadêmicas – algo, até então, novo para mim –, que me ensinaram a desconstruir padrões, enfrentar preconceitos e estereótipos e aceitar diferenças. Foi um caminho intenso de incontáveis aprendizagens.

REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Zélia Leal; PEREIRA, Fábio Henrique. A experiência da rede de estudos sobre o jornalismo (REJ). *Brazilian Journalism Research*, v. 7, n. 11, p. 25-42, 2011.

ADGHIRNI, Zélia Leal; PEREIRA, Fábio Henrique. Perfil profissional no ciberjornalismo: o blog como espaço de autoria e identidade na web. In: IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2006, Porto Alegre. *Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*, SBPJor, 2006.

AGUIAR, Cássio. Por que devo me preocupar com o algoritmo do Facebook. [junho, 2016]. *Portal ODIG Digital Experts*. Disponível em: <<https://odig.net/algoritmo-do-facebook/>>. Acesso: 7 de mar. 2017.

ALDÉ, Alessandra. Cidadãos na Rede: tipos de internautas e sua relação com a informação política online. *Contemporanea (UFBA. Online)*, v. 9, p. 370-389, 2011a.

ALDÉ, Alessandra. O internauta casual: Notas sobre a circulação da opinião política na internet. *Revista USP*, v. 91, p. 24-41, 2011b.

ALDÉ, Alessandra. Ativismo on-line ganha força. [maio, 2013]. *Portal Tribuna de Minas*. Entrevista concedida a Pedro Brasil. Disponível em:

<<http://www.tribunademinas.com.br/ativismo-on-line-ganha-forca/>>. Acesso em: 10 de mar. 2017.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 2004.

ANDIFES. *IV Pesquisa Nacional de Perfil dos Discentes das Instituições Federais de Ensino Superior (2014)*. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2016/08/Pesquisa-perfil-discente_ANDIFES.pdf>. Acesso em: 30 de set. 2016.

AVILA, Rober Iturriet. *Direita e esquerda: uma breve qualificação*. Disponível em: <<http://brasildebate.com.br/direita-e-esquerda-uma-breve-qualificacao/>>. Acesso em: 17 de jun. 2016.

AVRITZER, Leonardo. Redes sociais crescem, mas não definem eleição: depoimento. [outubro, 2014]. *Revista Carta Capital Online*. Entrevista concedida a Deutsche Welle. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/redes-sociais-ganham-importancia-mas-ainda-nao-definem-eleicao-5440.html>>. Acesso em: 14 de set. 2015.

AZEVEDO, F. A. Mídia e democracia no Brasil. *Opinião Pública*, Campinas, vol. 12, nº 1, Abril/Maio, p. 88-113, 2006.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002.

BALDANZA, R. F.; ABREU, N. R. Telefones celulares, redes sociais e interacionismo simbólico: conexões possíveis. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação, 2011. *Anais eletrônicos*. Recife. Intercom, 2011.

BANDEIRA, L. A. M. B. [dezembro, 2013]. Primavera Árabe não avançaria sem o encorajamento dos Estados Unidos. *Porto Alegre: Gazeta do Povo*. Entrevista concedida a Anderson Gonçalves. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/primavera-arabe-nao-avancaria-sem-o-encorajamento-dos-estados-unidos-49bptp1tgubmy264f469kv87i>>. Acesso em: 10 de jul. 2015.

BARBOSA, S. S. Espetacularização midiática da política. *Revista Panorama*, PUC-Goiás, Goiânia, n. 1, p. 63-66, ago. 2011.

BARRETO, C. M. E.; CÂMARA, I. R.; RIOS, R. Análise dos compartilhamentos no Facebook dando ênfase nos trechos de Caio Fernando Abreu e com base na filosofia de Karl Kraus. XIV Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação, 2012. *Anais eletrônicos*. Recife. Intercom, 2012.

BARROS, K. M. R.; CALEIRO, M. M. Jornalismo e globalização: uma análise dos novos rumos da profissão. XVII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, 2012. *Anais eletrônicos*. Ouro Preto. Intercom, 2012.

BARSTED, Leila de Andrade Linhares. Legalização e criminalização do aborto no Brasil: 10 anos de luta feminista. *Estudos Feministas*, vol. 0, nº 0, pp.104-130, 1999.

BARSTED, Leila de Andrade Linhares. Movimento Feminista e a descriminalização do aborto. *Estudos Feministas*, vol. 5, nº 2, pp.397-402, 1997.

BAQUERO, Marcello (Org.). *Brasil: transição, eleições, opinião pública*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.

BELLONI, M. L. A espetacularização da política e a educação para a cidadania. *Perspectiva*, Florianópolis, n. 24, p. 23-39, 1995.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política – Obras escolhidas – Vol. 1*, São Paulo: Brasiliense, p. 222-232, 1987.

BENKLER, Y. *The Wealth of Networks*. New Haven: Yale University Press, 2006.

BENOIT, K.; LAVER, M. *Party policy in modern democracies*. Milton Park: Abingdon, Oxon; New York: Routledge, 2006.

BIANCO, Nélia Rodrigues del. A Internet como fator de mudança no jornalismo. *INTERCOM (São Paulo)*, São Paulo, v. 27, n.1, p. 133-147, 2004.

BIROLLI, Flávia. Mulheres e política nas notícias: Estereótipos de gênero e competência política. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra: CES, nº 90, 2010. Disponível em: <<https://rccs.revues.org/1765>>. Acesso em: 13 de out. 2016.

BITTENCOUT, Maria Clara Aquino. Mídiação do ativismo e jornalismo digital: o impacto dos filtros do Facebook nos processos de produção e circulação de conteúdos de coletivos midiáticos. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. *Mídiação do Ativismo e Jornalismo Digital: o impacto dos filtros do Facebook nos processos de produção e circulação de conteúdos de coletivos midiáticos*. São Paulo: Intercom, 2015. v. 37. p. 1-15.

BLUMER, Herbert. *Symbolic Interactionism: perspective and method*. Berkeley: University of California Press, 1969.

BOULLIER, Dominique. La fabrique de l'opinion publique dans les conversations télé. *Réseaux*, 2004/4, nº 126, p. 57-87.

BRAGA, A.; GASTALDO, E. O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 39, p. 78-84, ago. 2009.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-compós*, Brasília, v.14, n.1, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/665/503>>. Acesso em: 10 de mai. 2015.

BRAGA, S.; CARLOMAGNO, M. C. As pessoas interagem com os políticos nas mídias sociais? Padrões de interação no Facebook e seus determinantes nas eleições estaduais brasileiras de 2014. XXIV Compós, 2015. *Anais da XXIV Compós*. Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BRAGATTO, R. C.; NICOLÁS, M. A.; SAMPAIO, R. C. Internet e política em análise: levantamento sobre o perfil dos estudos brasileiros apresentados entre 2000 e 2011. *XXI Encontro Anual da Compós*. Anais da XXI Compós. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), p. 1 - 22, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação. *Padrões web em governo eletrônico: cartilha de redação web*. Brasília: MP, SLTI, 2010. 50 p.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa Brasileira de Mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secom, 2014. 153 p.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. A nova centro-esquerda. *Revista Século XXI*, p. 46-52, maio de 1999.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. O caráter cíclico da intervenção estatal. *Revista de Economia Política*, vol. 9, nº 3, p. 115-130, julho-setembro/1989.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Um novo Estado para a América Latina. *Novos Estudos Cebrap*, v. 1, p. 91-98, 1996.

BRIN, Colette; CHARRON, Jean; DE BONVILLE, Jean (org.). *Nature et transformations du journalisme*. Théories et recherches empiriques. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2004.

BUENO, Thaísa. Mapeamento como método de Interpretação. In: *Mapeamento dos programas de treinamento em Comunicação em 2012: Relação Necessária academia e mercado*. São Paulo, Itaú Cultural: 2012.

BUENO, Thaísa; REINO, Lucas (Orgs.). *Comentários na Internet*. Imperatriz: Edufma, 2014.

CALMON, Miguel. Redes sociais estão transformando a vida amorosa e dando origem a um novo código de conduta: depoimento. [23 de julho, 2011]. Rio de Janeiro: *jornal O Globo*. Entrevista concedida à Joana Dale.

CAMPELLO DE SOUZA, Maria do Carmo. A Nova República brasileira: sob a espada de Dâmocles. In: STEPAN, Alfred. (Org.) *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

CAMPELLO, Tereza; NERI, Marcelo Côrtes (Orgs.). *Programa Bolsa Família: uma década de inclusão e cidadania*. Brasília: Ipea, 2013.

CARRATORE, Luís Roberto Rossi Del. Pesquisa científica em comunicação: uma abordagem conceitual sobre os métodos qualitativo e quantitativo. *Comunicação & Inovação*, São Caetano do Sul, v. 10, n. 19, p.29-35, jul-dez 2009.

CARTALUCCI, T. Fake revolutions. *Activist Post*. Disponível em: <<http://www.activistpost.com/2011/06/fake-revolutions.html>>. Acesso em: 27 out. 2015.

CARVALHO, Fernanda Cavassana de. A Consolidação do Programa Mais Médicos na Opinião Pública e na Cobertura Jornalística. XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2014. *Anais eletrônicos*. Palhoça (SC). Intercom, 8-10-mai, 2014.

CARVALHO, Virgínia Donizete de; BORGES, Livia de Oliveira and REGO, Denise Pereira do. Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em Psicologia Social. *Psicologia: ciência e profissão [online]*. vol. 30, nº 1, p. 146-161, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n1/v30n1a11>>. Acesso em: 24 de mar. 2015.

CASTELLS, Manuel. A era da intercomunicação. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 1º ago. 2006. Disponível em: <<https://www.diplomatique.org.br/print.php?tipo=ac&id=1915>>. Acesso em: 5 de mai. 2015.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. Castells, sobre Internet e rebelião: “é só o começo”: entrevista.. *Outras palavras*: comunicação compartilhada e pós-capitalismo, [1 de março, 2011]. Entrevista concedida a Jordi Rovira, tradução por Cauê Seigne Ameni. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/posts/castells-sobre-internet-e-insurreicao-e-so-o-comeco/>>. Acesso em: 5 de mai. 2015.

CASTRO, G. *Os fantasmas de nosso tempo*. Disponível em: <<http://www.substantivoplural.com.br/os-fantasmas-de-nosso-tempo/>>. Acesso em 3 de ago. 2014.

CASTRO, J. C. L. Das massas às redes: comunicação e mobilização política. XXIV Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 2015. *Anais da XXIV Compós*. Brasília, 2015.

CHARÃO, Cristina. O longo combate às desigualdades raciais. *Desenvolvimento*, v. 8, n. 70, p. 22-31, 2011.

CHOMSKY, Noam. *O lucro ou as pessoas?* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

CIOCCARI, D. *A espetacularização política brasileira*. Disponível em: <<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/outros-destaques/a-espetacularizacao-politica-brasileira/>>. Acesso em: 5 nov. 2015.

COGO, D.; BRIGNOL, L. D. *Redes sociais e os estudos de recepção na internet*. XIX Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 2010. *Anais da XIX Compós*. PUC-Rio, Rio de Janeiro, jun. 2010.

COSTA, Rogério da. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. *Interface. Comunicação, Saúde e Educação*, São Paulo, v. 9, n.17, p. 235-248, 2005.

CRANTSCHANINOV, L. S. *Ansiedade de informação na pós-modernidade*. 2011. 44 f. Monografia (pós-graduação Lato Sensu) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

CRUZ, Tico Santa. *Tico Santa Cruz: de família conservadora e ativista. Carta Capital*: 2015. Entrevista concedida à Ingrid Matuoka. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/tico-santa-cruz-de-familia-conservadora-a-ativista-4395.html>>. Acesso em 19 de set. 2016.

CUSTODIO, E. S. O que são mídias sociais. *Portal Admit*. Disponível em: <<http://www.admit.com.br/marketing/o-que-sao-midias-sociais>>. Acesso em 12 nov. 2015.

DAHÁS, Nashla. *Brasil convive com avanços e retrocessos em relação aos direitos dos homossexuais*: depoimento. [9 de setembro, 2015]. Rede Mobilizadores. Entrevista concedida a Eliane Araújo. Disponível em: <<http://www.mobilizadores.org.br/entrevistas/brasil-convive-com-avancos-e-retrocessos-em-relacao-aos-direitos-dos-homossexuais/>>. Acesso em: 21 de out. 2016.

DE SOUSA, M. C. E. A dinâmica da notícia nas redes sociais na internet: uma categorização das ações participativas dos usuários no Twitter e no Facebook. XXIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 2014. *Anais da XXIII Compós*. Universidade Federal do Pará, Belém, 27-30 mai. 2014.

DIAS, A. B. Comunicação Alternativa como Espaço de Novos Lugares da Memória: um estudo do caso Ditabranda. *Revista Alterjor*, v. 02, p. 01-20, julho-dezembro de 2010.

DIAS, Luciano Nendza. *O Papel das Agências Reguladoras no Brasil*. Monografia de Conclusão de Curso. Presidente Prudente: Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo”, 2010. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/Juridica/article/viewFile/2701/2480>>. Acesso em: 26 set. 2016.

DOS SANTOS, M. *Os haters políticos: monitoramento e mapeamento dos hubs de oposição e do discurso do ódio no Facebook*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação, Foz do Iguaçu, 2-5 set. 2014.

DUARTE, Juliane. O ativismo mediático pelos herdeiros Mayas. *Portal Cultural digital, sociedade e política*, 2014. Disponível em: <<http://blog.pucsp.br/cultdigisocpol/tag/comunicacao-alternativa/>>. Acesso em: 30 de out. 2016.

EHRENBERG K.; SOUZA, R. F. Comunicação mercadológica em mídias digitais e o consumidor/internauta. *Acta Científica – Engenheiro Coelho*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 33-44, mai/ago 2012.

EVA, Luiz. *É delírio pensar que existe uma orquestração esquerdista para doutrinar alunos*. [18 de novembro, 2013]. Curitiba: Gazeta do Povo. Entrevista concedida a Rogério Waldrigues Galindo. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/caixa>>

zero/e-delirio-pensar-que-existe-uma-orquestracao-esquerdista-para-doutrinar-alunos/>. Acesso em 14 de ago. 2016.

FERNANDES, S. T.; FARIAS, M. W. S. *A notícia na sua mão: a informação está no Facebook*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Foz do Iguaçu, 2-5 set. 2014.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Editora Ática, 2004.

FISCHER, Gustavo Daudt. *As trajetórias e características do YouTube e Globo Media Center/ Globo Vídeos: Um olhar comunicacional sobre as lógicas operativas de websites de vídeos para compreender a constituição do caráter midiático da web*. 2008. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

FLICHY, P. *The construction of new digital media*. *New Media and Society*, v. 1, n. 1, p. 33-38, 1999.

FORMIGA, A. B. (org.) et al.; RENAULT, D. (org.) et al. *Muito além dos meios: comunicação organizacional: desafios e interfaces*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2014.

FRAGOSO, Suely. *Um e muitos ciberespaços*. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Org.). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

FRANÇA, Jacira Silva de. *Indústria cultural e ditadura militar nos anos 70*. Recife: Sumaré Revista Eletrônica, 2010.

FREIRE, André. *A esquerda europeia ante os dilemas da imigração*, *Sociologia*, Porto: Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. 19, p. 255-279, 2009.

GADÊLHA, P. F. P. *Do outro lado da tela: o “sujeito-jornalista” e as novas tecnologias da cibercultura no exíguo “tempo real” – um estudo de campo*. 2009. 155 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

GARTON, L.; HAYTHORNTHWAIT, C.; WELLMAN, B. *Studying online social networks*. *Journal of Computer Mediated Communication*, v. 3, jun. 1997.

GEMAA. *Levantamento das políticas de ação afirmativa: O impacto da Lei nº 12.711 sobre as universidades federais*. Rio de Janeiro: Iesp - UFRJ, 2013.

GIARDELLI, G (org.). *Redes sociais e inovação digital*. São Paulo: Gaia Criative, 2011.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1987.

GODOY, Arilda Schmidt. *Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades*. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995a.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, 1995b.

GOMES, W. *A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política*. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

GOMES, Wilson. A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política. *Revista Fronteiras: estudos midiáticos*, Vol. 7, nº 03, 2005, p. 214-222.

GONSALVES, Elisa Pereira. *Iniciação à pesquisa científica*. Campinas: Alínea, 2001.

GRANOVETTER, M. The strenght of weak ties. *The american journal of sociology*, vol. 78, n. 6, p. 1360-1380, mai. 1973.

GUAZINA, Liziane. Jornalismo que tem lado: o caso dos blogueiros brasileiros 'progressistas'. *Brazilian Journalism Research (Online)*, v. 9, p. 68-87, 2013.

GUAZINA, Liziane. Quando a cultura política e subcultura profissional jornalística andam de mãos dadas: a desconfiança na política em tempos de escândalos. In: HERRMANN, Júlian Durazo, GUAZINA, Liziane Soares, PEREIRA, Fábio Henrique (org). *Novos questionamentos em mídia e política*. Florianópolis: Insular, 2015.

GUAZINA, Liziane; BRASIL, Luana Melody; OLIVEIRA, Angela. Entre valores do passado e do futuro: percepções sobre jornalismo e política nas narrativas de jornalistas-blogueiros. *Revista Compolitica*, v. 5, p. 7-30, 2015.

GUAZINA, Liziane; PAULINO F. O. *Comunicação e política: a cobertura das eleições de 2014 em três emissoras públicas de rádio*, Universidade de Brasília, Brasília, 9-12 jun. 2015.

GUILHEM, Ana Paula Martins. *Modi operandi da mídia brasileira: construções discursivas da representação parlamentar*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília.

GUIOT, André Pereira. A construção da ideologia neoliberal do PSDB (1988 - 1994). XVI Encontro Regional da ANPUH-Rio Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro, 19 a 23 de julho de 2010. UniRio.

GÜNTHER, H. *Como elaborar um questionário*. Laboratório de Psicologia Ambiental: planejamento de pesquisa nas ciências sociais, Brasília, n. 1, 2003.

HALLIM, D. C.; MANCINI, P. *Comparing media systems: three models of media and politics*. New York: Cambridge University Press, 2004.

HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

Human Rights Watch. *O Bom Policial Tem Medo: Os Custos da Violência Policial no Rio de Janeiro*. Disponível em: <<https://www.hrw.org/pt/report/2016/07/07/291589>>. Acesso em 30 de set. 2016.

ITUASSU, A. *E-representação como teoria política: comunicação social, internet e democracia representativa*. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), XXIII Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Pará, Belém, 27-30 mai. 2014.

JAYME JR., Frederico G. *A importância dos bancos públicos*. Disponível em: <<http://www.diariodocomercio.com.br/noticia.php?id=127669>>. Acesso em 27 de set. 2016.

JENKINS, Henry (2008) *Convergence culture – la cultura de la convergencia de los media de comunicacion*, Paidós Comunicación.

JORGE, Thais de Mendonça ; PEREIRA, F. H. ; ADGHIRNI, Z. L. . *Jornalismo na Internet: desafios e perspectivas no trinômio formação/ universidade/ mercado*. In: Carla Rodrigues. (Org.). *Jornalismo on-line: modos de fazer*. Rio de Janeiro/ Porto Alegre: PUC-Rio/ Meridional, 2009, v. , p. 75-96.

JORGE, Thais de Mendonça. *A notícia em mutação: estudo sobre o relato noticioso no jornalismo digital*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, 2007.

JORGE, Thais de Mendonça. *Mutação no jornalismo: como a notícia chega à internet*. Brasília: Editora UnB, 2013.

JOUËT, J.; VEDEL, T.; COMBY, J. B. *Political information and interpersonal in a multimedia environment: a quantitative and qualitative examination of information practices in France*. *European Journal of Communication*, França, v. 26, n. 4, p. 361-375, 2011.

JÚNIOR, L. P. J.; DURAN, J.; DA SILVA, A. V.; LOPES, D. C. A.; SILVA, D. E.; SANTOS, K. C. *A construção da identidade dos sujeitos nos sites de relacionamentos na internet*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação, Vitória, 13-15 mai. 2010.

KAUSHIK, A. *Best social media metrics: conversation, amplification, applause, economic value*. Blog Occam's Razor, 16 set. 2011. Disponível em: <<http://www.kaushik.net/avinash/best-social-media-metrics-conversation-amplification-applause-economic-value/>>. Acesso em: 12 out. 2015.

KAUSHIK, A. *Web analytics 2.0: the art of online accountability and Science of customer centricity*. Wiley: Indianapolis, 2010.

KNUTSEN, Oddbjørn (2002), “The Left-Right dimension in West-European politics: stable, in Transition or Increasingly Irrelevant?”, *Central European Political Science Review*, Volume 3 (7), pp. 31-63.

KUCINSKI, B. . Mídia e democracia no Brasil. In: Margarida Maria Krohling Kunsch; Roseli Fischmann. (Org.). *Mídia e tolerância: A ciência construindo caminhos de liberdade*. 1 ed. São Paulo: Edusp, 2002, v. 1, p. 39-50.

LAMAS, L. Métricas para Facebook. *Blog Jump Marketing Digital*, Porto Alegre, 25 mar. 2013. Disponível em: <<http://jumpmedia.com.br/2013/03/31/metricas-facebook-f5-abradi-rs/>>. Acesso em: 12 out. 2015.

LAVALLE, Adrián Gurza; HOUTZAGER, Peter P.; CASTELLO, Graziela. Representação política e organizações civis: novas instâncias de mediação e os desafios da legitimidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 21, nº 60. Fevereiro/2006. p. 43-66.

LAVILLE, Chistian.; DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

LE CAM, Florence; PEREIRA, F. H. Socialisation des journalistes en ligne et rapports aux sources: Analyse comparative entre le Brésil et la France. In: II Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no Jornalismo, 2013, Natal. *Atas do II Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no Jornalismo*, 2013. p. 288-306.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1999.

LEVY, P. *O que é o virtual*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LEWIS, J. D. (1979). A social behaviorist interpretation of the Meadian I. *American Journal of Sociology*, 84, 261–287.

LIMA, Venício Artur de. *Mídia: Teoria e Política*. São Paulo, Perseu Abramo, 2a edição, 2004.

LIMA, Venício Artur de. Neoliberalismo, mídia e democracia. In: *Carta Maior*. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Neoliberalismo-Midia-e-Democracia/4/36847>>. Acesso em 22 de set. 2016.

LIMA, Venício Artur de. Sete teses sobre mídia e política no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n.61, p. 48-57, mar./mai. 2004.

LIPPMANN, Walter. *Opinião Pública*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LISIEUX, Daniella Oliveira. Facebook e cidade: quando as características das relações do mundo real invadem a esfera virtual. In: XVII Encontro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2012, Ouro Preto. *Anais do XVI Congresso de Comunicação da Região Sudeste*. São Paulo: Intercom, 2012.

LORENZOTTI, Elizabeth. *Jornalismo século XXI: o modelo #MídiaNINJA*. Livro Digital: 2014.

LOZARES, Carlos. La teoría de redes sociales. *Papers*. n. 48. 1996.

MADEIRA, Rafael M. ; TAROUCO, Gabriela . Esquerda e Direita no Brasil: uma análise conceitual. *Revista Pós Ciências Sociais* , v. 8, p. 171-185, 2011.

MANGERONA, Sílvia. *Esquerda-Direita: uma dicotomia atual ou anacrônica*. Edições Universitárias Lusófonas, 2011.

MARCONDES, N. A. V.; BRISOLA, E, M, A. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. *Revista UniVap*, São José dos Campos, v. 20, n. 35, p. 201-208, jul. 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Razón técnica y razón política: espacios/tiempos no pensados. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación – ALAIC*. v. 1, n. 1, jul./dez. 2004.

MARTINUZZO, J. A.; REZENDE, R. *Redes sociais e regime de opinião no cotidiano midiático: um estudo no Facebook*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Foz do Iguaçu, 2-5 set. 2014.

MATIAS-RODRIGUES, M. N. & de Araújo-Menezes, J. (2014). Jovens mulheres: reflexões sobre juventude e gênero a partir do Movimento Hip Hop. *Revista Latinoamericana de Ciências Sociais, Niñez y Juventud*, 12 (2), pp. 703-715.

MATTELART, A.; MATTELART, M. *Pensar as mídias*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MAXIMILIANO, K. C.; SIQUEIRA, A. W. N. *Funções e Disfunções da Comunicação: Uma análise das Manifestações de 20 centavos sob olhar da Mídia NINJA*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, Águas Claras (DF), 8-10 mai. 2014.

MEAD, George Herbert. *Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorist*. Chicago: University of Chicago Press, 1934.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista, o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1986.

MEIRELES, I. L. P.; COÊLHO, T. F. *O uso do whatsapp nas rotinas produtivas do portal O Tempo*. VIII Simpósio Nacional da ABCiber: comunicação e cultura na era de tecnologias midiáticas onipresentes e oniscientes, ESPM-SP, São Paulo, 3-5 dez. 2014.

MELODY, W. H. *Human capital in information economies*. *New Media and Society*, v. 1, n. 1, p. 39, 1999.

MELTZER, Bernard N. Mead's social psychology. In: MANIS, Jerome G; MELTZER, Bernard N. *Symbolic interaction: a reader in social psychology*. 2. ed. Boston: Allyn and Bacon, 1972.

MENDONÇA, José Ricardo Costa de. Interacionismo simbólico: uma sugestão metodológica para a pesquisa em administração. *REAd Revista Eletrônica de Administração*, Porto Alegre, v. 26, p. 1-15, 2002.

MIGUEL, F. V. C. A entrevista como instrumento para investigação em pesquisas qualitativas no campo da linguística aplicada. *Revista Odisseia*, Natal, n. 5, jan/jun. 2010.

MINAYO, C. [fevereiro, 2013]. *Triangulação de métodos de pesquisa*. Fortaleza: Unifor notícias. Disponível em: <http://unifornoticias.unifor.br/index.php?option=com_content&view=article&id=603&Itemid=31>. Acesso em: 12 out. 2015.

MINAYO, M. C. S. Introdução. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). *Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de Programas Sociais*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 19-51.

MIQUEL, R. A. *A construção da notícia*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

MITCHELSTEIN, Eugenia, BOCZKOWSKI, Pablo J. Online news consumption research: An assessment of past work and an agenda for the future. *New Media & Society*, vol. 12, no.7, p. 1085–1102, 2010.

MOISÉS, José. Álvaro. “Cultura Política, Instituições e Democracia: lições da experiência brasileira”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais-ANPOCS*, volume 23, n. 66, pp. 11-43, 2008.

MORAES, Francilaine Munhoz de. *Da plateia ao palco: reflexão sobre as mudanças nos papéis dos públicos*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação, Caxias do Sul (RS), 2-6 set. 2010.

MORAES, Francilaine Munhoz de. *Discurso jornalístico on-line: a perspectiva crítica da narratividade*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, 2004.

MORAIS, Marcelo Maurício de. *A estrutura organizacional do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL)*. III Seminário de Pesquisa da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). São Paulo: 2014.

MOTA, C. L.; MOTTA, L. G.; CUNHA, M. J. (orgs.). *Narrativas midiáticas*. Florianópolis: Insular, 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga.. In: HERRMANN, Júlian Durazo, GUAZINA, Liziane Soares, PEREIRA, Fábio Henrique (org). *Novos questionamentos em mídia e política*. Florianópolis: Insular, 2015.

MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D (orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

MOURA, D. (org.) et al. *Comunicação e cidadania: conceitos e processos*. Brasília: Francis, 2011.

MURTHY, D. Digital ethnography: an examination of the use of new technologies for social research. *Sociology*, v. 42, n. 5, p. 837-855, oct. 2008.

NASCIMENTO, S. S. *Jornalismo sobre investigações: relações entre o Ministério Público e a imprensa*. 2007. 215 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

NASCIMENTO, S. S. *Reportagens com denúncias na imprensa brasileira: análise de duas décadas da predileção por mostrar problemas*. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), XXII Encontro Anual da Compós, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 4-7 jun. 2013.

NEHER, C. *Redes sociais crescem, mas não definem eleição*. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/redes-sociais-ganham-importancia-mas-ainda-nao-definem-eleicao-5440.html>>. Acesso em: 28 out. 2015.

NOLETO FILHO, Pedro Aquino. *Mídia e política na imagem do Congresso*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

NOVAES, Regina. In: BUARQUE, Cristina et al. *Perspectivas de Gênero: Debates e questões para as ONGs*. Recife: GTGênero - Plataforma de Contrapartes Novib / SOS CORPO Gênero e Cidadania, 2002.

OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de. (Org.) ; NUNES, Márcia Vidal. (Org.) . *Cidadania e Cultura Digital*. 1a. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2011.

OLIVEIRA, F. L.; ALMEIDA, C. *Mídias sociais digitais e engajamento político: considerações teóricas*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Foz do Iguaçu, 2-5 set. 2014.

OLIVEIRA, José Aparecido de. *Redes sociais e participação política na esfera pública*. Revista de Economía Política de las Tecnologías de Información y de la Comunicación Vol XIX, nº 1 - Janeiro/Abril 2012.

ORTELLADO, Pablo. *Guerras culturais no Brasil*. Portal Le Monde Diplomatique Brasil.

OTHON, Renata Alves de Albuquerque; BOLSHAW, Marcelo. A Mídia Ninja e o incentivo ao jornalismo cidadão no cenário das manifestações sociais brasileiras. *Intercom* – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014.

PAIXÃO, Marcelo; ROSSETTO, Irene; MONTOVANELE, Fabiana; CARVANO, Luiz M. (orgs.) (2010). *Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil: 2009-2010*. Rio de Janeiro: Garamond.

PALACIOS, Marcos. *Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate*. Jornadas de jornalismo online, Portugal, Universidade da Beira Interior, 21-22 jun. 2002.

PALACIOS, Marcos. *Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate*. In: Fidalgo, Antonio; Serra, Paulo. (Org.). *Jornalismo Online: informação e comunicação online*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003, p. 75-90.

PARMEGGIANI, Brenda. *O Facebook pode ser considerado uma ferramenta de accountability?* Um estudo de caso do perfil da presidente Dilma Rousseff. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação, Foz do Iguaçu, 2-5 set. 2014.

PEREIRA, Fábio Henrique. *Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão*. Covilhã (Portugal): Biblioteca On-line das Ciências da Comunicação, 2004 (Repositório institucional).

PEREIRA, Fábio Henrique. *Os jornalistas-intelectuais no Brasil: identidade, práticas e transformações no mundo social*. 2008. 270 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. *O jornalismo em tempo de mudanças estruturais*. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, v. 1, n. 24, p. 38-57, jan/jun 2011.

PEREIRA, Fábio Henrique; LACERDA, A. G.; SANTOS, M. M. *Imprensa, poder e democracia: os bastidores da cobertura jornalística da presidência do Brasil*. Comunicação e Espaço Público, Brasília, Ano VIII, volume 5, n. 1, 2005.

PEREIRA, Fábio Henrique; MORAES, Francilaine Moraes. *Mas afinal, internet é mídia?* Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação, Belo Horizonte, 2-6 set. 2003.

PEREIRA, Fábio Henrique; NAVES, L. M. A entrevista de pesquisa com jornalistas: algumas estratégias metodológicas. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGC, n. 29, p. 35-50, dez. 2013.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Internet e Democracia Comunicacional: entre os entraves, utopias e os direitos à comunicação. In: MARQUES DE MELO, José; SATHLER, Luciano (orgs.). *Direito à comunicação na Sociedade da Informação*. São Bernardo do Campo: UESP, 2005. p. 267-288.

Pesquisa CNI – IBOPE. *Retratos da sociedade brasileira: qualidade no serviço público e tributação*. – (mar. 2011) – Brasília: CNI, 2011. 36 p.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. *Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: 2014/IBGE*, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro : IBGE, 2016. 89p.

PESSONI, Arquimedes ; Portugal, Kallyny Melina Thomé. A comunicação participativa nas mídias organizacionais. *Comunicação & Sociedade*, v. 32, p. 231-255, 2011.

POLITIZE. *Como assim cultura do estupro*. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/cultura-do-estupro-como-assim/>>. Acesso em: 5 de out. 2016.

POLITIZE. *Privatizar ou não privatizar: eis a questão*. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/privatizar-ou-nao-privatizar-eis-questao/>>. Acesso em 27 de set. 2016.

PORTO, José. *Ativismo digital: vem pra rede*. [julho, 2015]. Rio de Janeiro: portal Uol. Entrevista concedida à Juliana Carpanez. Disponível em: <<http://tab.uol.com.br/ativismo-digital/>>. Acesso em: 14 de out. 2015.

PORTO, M. P. *Enquadramentos da mídia e política*. XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), Caxambu (MG), 22- 26 out. 2002.

PRADO, Magaly. *Webjornalismo*. Rio de Janeiro: Ltc, 2011.

PRICE, D. S. Network of Scientific Papers. *Science*, vol 149, p.510-515, 30 de julho de 1965.

PRIOR, Hélder; GUAZINA, L.; ARAÚJO, B. Corrupção e escândalo político: o enquadramento dos escândalos Face Oculta e Mensalão na imprensa portuguesa e brasileira. *Media e Jornalismo*, p. 167-185, 2015.

PRIOR, Hélder. *Jornalismo, Narrativas e Escândalos*. 2015. (Apresentação de Trabalho/Seminário).

RADMANN, Elis Rejane Heinemann. *O Eleitor Brasileiro: uma análise do comportamento eleitoral*. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RAMONET, I. O Quinto Poder. *Le Monde Diplomatique Brasil*, out. 2003. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=831> >. Acesso em: nov. 2007.

RECUERO, Raquel. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel. *O que é mídia social?* Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/o_que_e_midia_social.html>. Acesso em: 9 nov. 2015.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina. 2009.

REGO, Walquiria Domingues Leão; PINZANI, Alessandro. Liberdade, dinheiro e autonomia: o caso da Bolsa Família. *POLÍTICA & TRABALHO. Revista de Ciências Sociais*, 38, Abril de 2013, pp. 21-42.

REIS JÚNIOR, Antônio. *Telejornalismo nos anos 70*. Adaptação de capítulo da dissertação de mestrado *As representações da diáspora nordestinas no documentário brasileiro (anos 1970/80)*, defendida na Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo em 2003. Disponível em: <http://www.mnemocine.com.br/aruanda>.

REIS, Fábio Wanderley. Dilemas da Democracia no Brasil. In MELO, C.R. e SÁEZ, M.A. (Org.). *A democracia brasileira: balanços e perspectivas para o século 21*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2007. p. 453-484.

RENAUX, C. *Se o conteúdo é bom, por que a FanPage não ganha curtidas?* Disponível em: <http://marketingdrops.com.br/midias-sociais/se-conteudo-bom-porque-a-fanpage-nao-ganha-curtidas/>. Acesso em: 5 nov. 2015.

RIBEIRO, Daniela Menengoti ; BARBIERI, Jerri Adriani . A intervenção do Estado na economia e o comprometimento com desenvolvimento humano através da promoção de políticas sociais. In: Sônia Barroso Brandão Soares; Giovani Clark; Felipe Chiarello de Souza Pinto. (Org.). *Direito e economia*. Florianópolis: FUNJAB, 2012, v. 1, p. 151-170.

RIBEIRO, Renato Janine. *O PT não é comunista*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512862-o-pt-nao-e-comunista>. Acesso em 15 set. 2016.

RIGITANO, Maria Eugenia Cavalcante. Redes e ciberativismo: Notas para uma análise do centro de mídia independente. In: *I seminário interno do grupo de pesquisa em cibercidades FACOM-UFBA*. Outubro de 2003. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rigitano-eugenia-redes-e-ciberativismo.pdf>. Acesso em 14 de março de 2016.

RIVELLO, Ana Paula Avellar. *Movimento Zapatista e Ciberativismo: Um Estudo de Caso do Grupo Europa Zapatista*. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

RODRIGUES, Carla. Jornalismo e sociedade pós-industrial. *ALCEU* - v. 14 - n.27 - p. 136 a 148 - jul./dez. 2013

ROEDEL, P. *As ferramentas da internet a favor da comunicação pública: estudo de caso da Agência Câmara de Notícias*. V Congresso Iberoamericano de jornalismo na internet, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 24-25 nov. 2004.

ROMANO, Roberto. *É delírio pensar que existe uma orquestração esquerdista para doutrinar alunos*. [11 de novembro, 2013]. Curitiba: Gazeta do Povo. Entrevista concedida

a Rogério Waldrigues Galindo. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/caixa-zero/professor-diz-que-direita-e-majoritaria-nas-universidades/>>. Acesso em 14 de ago. 2016.

RUELLAN, Denis. A pesquisa em jornalismo e o interesse público: pensar o corte e a costura. IV Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo. Porto Alegre, 2006. *Líbero*, Vol. 18, p. 31-40, 2006.

RUELLAN, Denis; ADGHIRNI, Zélia Leal. *O jornalismo como invenção permanente: novas práticas, novos atores*. IX Colóquio Brasil-França de Ciências da Comunicação, Curitiba, set. 2009.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. A "Intentona Comunista" ou a construção de uma legenda negra. *Tempo*, nº 13, jul., 2002, pp. 189-207. Universidade Federal Fluminense, Niterói.

SAFKO, Lon; BRAKE, David. *A Bíblia da Mídia Social: táticas, ferramentas e estratégias para construir e transformar negócios*. São Paulo: Blucher, 2010.

SALLES, L. R.; JUNIOR, J. L. P. *O uso das redes sociais como estratégia de marketing nos clubes de futebol do Rio de Janeiro*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação, Rio de Janeiro, 4-9 set. 2015.

SAMPAIO, Rafael Cardoso. Esfera civil e eleições 2010: uma análise de iniciativas online para maior controle civil. *Logos 35. Mediações sonoras*. Vol. 18, nº 02, 2º semestre 2011, p. 250-266.

SANTOS JÚNIOR, Marcelo Alves dos. A Rede de Oposição Radical no Facebook. *Rev. Estud. Comun.*, Curitiba, v. 15, n. 38, p. 309-324, set./dez. 2014.

SANTOS, Leonor Maria Pacheco; COSTA, Ana Maria; GIRARDI, Sábado Nicolau. Programa Mais Médicos: uma ação efetiva para reduzir iniquidades em saúde. *Ciênc. saúde coletiva*. 2015, vol.20, n.11, pp.3547-3552.

SANTOS, Marcelo dos. Entre a guerrilha virtual e a polarização das redes: apontamentos teórico-metodológicos sobre marketing político-eleitoral no Facebook. *Comunicação & Mercado/UNIGRAN* - Dourados - MS, vol. 04, n. 11, p. 136-150, Edição Especial 2015.

SANTOS, P. L. V. A. C.; CARVALHO, A. M. G. Sociedade da informação: avanços e retrocessos no acesso e no uso da informação. *Inf. & Soc.: Est.*, João Pessoa, v. 19, n. 1, p. 45-55, jan./abr. 2009.

SANTOS, Rita. "Cidadãos de bem" com armas: Representações sexuadas de violência armada, (in)segurança e legítima defesa no Brasil", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 86, 133-164, 2013.

SCHOLZ, Thebor. Infranstruture: Its Transformations and Effect on Digital Activism. In: JOYCE, Mary. *Digital activism decoded: the mechanics of change*. New York; Amsterdam: IDEBATE Press, 2010. p.17-32.

SEBASTIÃO, S. P.; ELIAS, A. C. O ativismo like: as redes sociais e a mobilização de causas. *Sociedade e cultura*, v. 15, n. 1, p. 61-70, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/20673/12107>>. Acesso em: 14/03/2015.

SECCO, Lincoln. *O junho de 2013: depoimento*. [2 de julho, 2013]. Rio de Janeiro: portal Le Monde Diplomatique Brasil. Entrevista concedida à Luís Brasilino.

SEGURADO, Rosemary. *Ativismo digital: vem pra rede*. [julho, 2015]. Rio de Janeiro: portal Uol. Entrevista concedida à Juliana Carpaneiz. Disponível em: <<http://tab.uol.com.br/ativismo-digital/>>. Acesso em: 14 de out. 2015.

SENADO. *Manifestações e protestos populares articulados pelas redes sociais na internet preocupam a segurança nacional*. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/defesa-nacional/razoes-para-a-implementacao-da-estrategia-nacional-de-defesa/manifestacoes-e-protestos-populares-articulados-pelas-redes-sociais-na-internet-preocupam-a-segurana-nacional.aspx>>. Acesso em: 14 set. 2014.

SERASA EXPERIAN. *Facebook é líder há dois anos entre redes sociais no Brasil, de acordo com Hitwise*. Disponível em: <<http://noticias.serasaexperian.com.br/facebook-e-lider-ha-dois-anos-entre-redes-sociais-no-brasil-de-acordo-com-hitwise/>>. Acesso em: 10 set. 2014.

SERRANO, E. *Jornalismo e elites do poder*. Escola Superior de Comunicação Social – Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa, mar. 1999.

SILVA PEREIRA, P. V. *O ato de ler: uma análise da prática da leitura em disciplinas do ensino médio*. 2007. 157 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SILVA, Carla Luciana Souza da. *VEJA: o indispensável partido neoliberal (1989 a 2002)*. Tese (Doutorado em História). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005.

SILVA, Carla Luciana. *Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931 - 1934)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SILVA, Luis Gustavo Teixeira da; CAMPOS, Camila Goulart. *Os movimentos LGBT e feminista no Brasil: da mordada autoritária à publicidade na esfera transnacional*. Revista Perspectivas Sociais. Ano 3, número 1. Pelotas: fevereiro de 2014.

SILVA, R. C. História do jornalismo: evolução e transformação. *Revista Temática*, ano VIII, n. 7, jul. 2012.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SINGER, André Vitor. *Esquerda e direita no eleitorado brasileiro: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994*. São Paulo: Edusp, 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. *As notícias e os seus efeitos: as “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos*. Coimbra: Minerva, 2000.

SOUSA, Máira de Cássia Evangelista de. *A dinâmica da notícia nas redes sociais na internet: uma categorização das ações participativas dos usuários no Twitter e no Facebook*. XXIII Encontro Anual da Compós. 2014. (Congresso).

SOUZA, Juarez de. *Críticas à construção de um Estado neoliberal no Brasil (1987 - 2002: 15 anos de profundas mudanças)*. VIII Congreso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública, Panamá, 28-31 out., 2003.

TEIXEIRA, D. T. *Atuação das universidades brasileiras nas mídias sociais: análise de boas práticas no Facebook*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação, Foz do Iguaçu, 2-5 set. 2014.

TERENCE, A. C. F; FILHO, E E. *Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa ação nos estudos organizacionais*. XXVI ENEGEP, Fortaleza, 11 out. 2006.

TOURAINÉ, Alain. *A Política do “Dois e Meio”*. O Estado de S.Paulo, 7 de nov., 1998.

TRAQUINA, N (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993.

TRAQUINA, Nelson. A descoberta do poder do jornalismo: análise da teoria do agendamento. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra (Portugal): Minerva, 2000, p. 13-43.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. IN: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: Questões, teorias e “estórias”*. Tradução de Luiz Manuel Dionísio. Lisboa: Vegas, 1993.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo (RS): Ed.Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são*, volume 1. Florianópolis: Insular. 2. Ed., 2005.

TREDAN, O. A construção dos públicos na internet, dos grupos de pares às novas legitimidades culturais. ALCEU, v. 11, n. 22, p. 5-25, jan./jan. 2011.

TRUJILLO, Victor. *Pesquisa de mercado qualitativa & quantitativa*. São Paulo: Scortecci, 2003.

VEGH, S. Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank. In: MCCAUGHEY, M., AYERS, M.D. (ed.). *Cyberactivism: online activism in theory and practice*. London: Routledge, 2003.

VIRGINIO, Rennam; BEZERRA, Ed Porto; NICOLAU, Marcos. Jornalismo na era das mídias sociais: as transformações e as novas práticas da profissão. *Revista Temática*. Ano VII, nº 9. Setembro/2011.

VIVIAN, C. *Facebook negocia parcerias com jornais brasileiros*. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/grande-pequena-imprensa/facebook-negocia-parcerias-com-jornais-brasileiros/>>. Acesso em: 5 nov. 2015.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

WILHELM, Anthony G. *Democracy in the digital age: challenges to political life in cyberspace*. Nova York: Routledge, 2000.

WOLF, M. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 2001.

WOLF, M. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WRIGHT, Charles R. *Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro: Bloch, 1973.

ZAGO, Gabriela da Silva ; BASTOS, Marco Toledo. Visibilidade de Notícias no Twitter e no Facebook: Análise Comparativa das Notícias mais Repercutidas na Europa e nas Américas. *Brazilian Journalism Research (Online)*, v. 9, nº 1, p. 116-133, 2013.

ZAGO, Gabriela. Da circulação à recirculação jornalística: filtro e comentário de notícias por interagentes no Twitter. In: PRIMO, Alex (org.). *Interações em rede*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

ANEXOS

SUMÁRIO DE ANEXOS

ANEXO A – Questionário.....	201
ANEXO A1 – Questionário: justificativa e desenvolvimento.....	206
ANEXO B – N1.....	211
ANEXO C – N2.....	212
ANEXO D – N3.....	213
ANEXO E – N4.....	214
ANEXO F – N5.....	215
ANEXO G – N6.....	216
ANEXO H – N7.....	217
ANEXO I – N8.....	218
ANEXO J – Roteiro de entrevista.....	219
ANEXO J1 – Entrevistada 1: Ana.....	221
ANEXO J2 – Entrevistado 2: Bento.....	232
ANEXO J3 – Entrevistada: Carla.....	244
ANEXO J4 – Entrevistado: Dênis.....	256
ANEXO J5 – Entrevistada: Ester.....	273
ANEXO J6 – Entrevistado: Fábio.....	284
ANEXO J7 – Entrevistada: Gina.....	299
ANEXO J8 – Entrevistado: Hugo.....	311
ANEXO J9 – Entrevistada: Ivana.....	323
ANEXO J10 – Entrevistado: Jorge.....	339
ANEXO J11 – Entrevistado: Léo.....	350

ANEXO J12 – Entrevistado: Max.....	372
ANEXO J13 – Entrevistada: Nádia.....	387
ANEXO J14 – Entrevistado: Oto.....	410
ANEXO J15 – Entrevistado: Pedro.....	445
ANEXO J16 – Entrevistado: Quincas.....	460
ANEXO J17 – Entrevistado: Raul.....	481
ANEXO J18 – Entrevistado: Saulo.....	506
ANEXO J19 – Entrevistada: Taís.....	522
ANEXO J20 – Entrevistado: Uriel.....	533

ANEXO A - Questionário¹²⁴

Olá! Estamos fazendo uma pesquisa para traçar o perfil dos usuários do Facebook que curtem, comentam e compartilham notícias sobre política na rede social. Você gosta de política e gosta de discutir o assunto na internet? Então participe do questionário e nos ajude! Todas as informações são anônimas, ninguém vai ficar sabendo suas respostas e você ainda estará colaborando com uma dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Faculdade de Comunicação (FAC) – da Universidade de Brasília (UnB). Participe! Leva menos de 5 minutinhos...¹²⁵

1. Gênero* Feminino Masculino

2. Estado* (lista completa com os 26 estados brasileiros mais o Distrito Federal)

3. Idade*

Menos de 18

18 a 24

25 a 34

35 a 49

50 a 64

65 ou mais

4. Escolaridade (completa ou cursando)*

Nível fundamental

Nível médio

Nível superior

Pós-graduação

5. Renda familiar (mensal)*

Até 02 salários mínimos (até R\$ 1.576,00)

02 a 04 salários mínimos (de R\$ 1.576,00 a R\$ 3152,00)

04 a 10 salários mínimos (R\$ 3152,00 a 7.880,00)

10 a 20 salários mínimos (R\$ 7.880,00 a R\$ 15.760)

¹²⁴ Será aplicado por meio do serviço de formulários do *Google*, o *Google Forms* – atrelado ao *Google Docs* –, que permite o envio do questionário de maneira rápida e fácil para grandes grupos. Além disso, as informações são salvas automaticamente e ficam arquivadas em nuvem na rede.

¹²⁵ Texto de abertura para explicar do que se trata o questionário e para estimular os usuários a participarem.

) Acima de 20 salários mínimos (R\$ 15.760 ou mais)

6. Você tem dispositivos de acesso à internet em casa (computador, celular, tablet)?*

) Não possuo nenhum desses dispositivos

) Sim, possuo apenas um desses dispositivos, sem acesso à internet

) Sim, possuo apenas um desses dispositivos, com acesso à internet

) Sim, possuo mais de um desses dispositivos, sem acesso à internet

) Sim, possuo mais de um desses dispositivos, com acesso à internet

7. Com que frequência você acessa a internet (de qualquer lugar: casa, trabalho, rua etc.)?*

) Mais de uma vez por dia

) Uma vez por dia

) Uma vez por semana

) Uma ou duas vezes por semana

) Uma vez por mês

) Menos de uma vez por mês

8. Com que frequência você acessa o Facebook (de qualquer lugar: casa, trabalho, rua etc.)?*

) Mais de uma vez por dia

) Somente uma vez por dia

) Somente uma vez por semana

) Uma ou duas vezes por semana

) Somente uma vez por mês

) Menos de uma vez por mês

9. Qual meio você mais utiliza para se manter informado?*

) Jornal

) Rádio

) TV

) Site de notícias

) Facebook

) Twitter

) Nenhum

Outros Qual? _____

10. Qual é o seu grau de interesse por política?*

Alto Médio Baixo Nenhum

11. Onde você acredita se enquadrar politicamente?*

Esquerda

Centro esquerda

Centro

Centro direita

Direita

Nenhum

12. Você é filiado ou simpatizante de algum partido político?*

Filiado

Simpatizante. Concordo com ideologias de um ou mais partidos políticos brasileiros, mas não sou filiado a nenhum

Não, não sei muito sobre partidos políticos

Não. Acredito em partidos políticos, mas não concordo com as ideologias dos partidos brasileiros

Não. Não acredito em partidos políticos

13. Você compartilha notícias sobre política com outras pessoas? (por e-mail, Facebook, Whatsapp ou outros mecanismos)*

Sim Não

14. Você assiste vídeos sobre política ou de políticos na internet?*

Sim Não

15. Você visita sites ou segue páginas no Facebook de partidos políticos?*

Sim Não

16. Você visita sites ou segue páginas no Facebook de políticos?*

Sim Não

17. Com que frequência você comenta e/ou compartilha informações sobre política no Facebook?*

- Diariamente
- Duas ou mais vezes por semana
- Uma vez por semana
- Duas ou mais vezes por mês
- Uma vez por mês
- Não costumo comentar/compartilhar informações no Facebook

18. Você conversa sobre política fora do Facebook (em casa, no trabalho, com amigos)?*

- Sim
- Não

19. Você geralmente concorda com a forma como as notícias sobre política são escritas?*

- Sim
- Não
- Nunca pensei a respeito

20. Você considera que curtir, comentar e/ou compartilhar notícias sobre política no Facebook muda a sua vida de alguma forma?*

- Não
- Sim, muda positivamente
- Sim, muda negativamente
- Não tenho opinião formada
- Depende

Caso queira e se sua resposta foi “sim” ou “depende” na pergunta anterior, explique brevemente o(s) motivo(s). (Resposta opcional)

21. Você considera que ao curtir, comentar e/ou compartilhar notícias sobre política no Facebook você muda a vida dos outros de alguma forma?*

- Não
- Sim, mudo positivamente
- Sim, mudo negativamente
- Não tenho opinião formada
- Depende

Caso queira e se sua resposta foi “sim” ou “depende” na pergunta anterior, explique brevemente o(s) motivo(s). (Resposta opcional)

* Todas as perguntas acompanhadas deste asterisco requerem resposta obrigatória. As demais, o respondente pode escolher se prefere ou não responder.

ANEXO A1 – Questionário: justificativa e desenvolvimento

Apresenta-se abaixo um breve relato do por que se pensou em utilizar o questionário e de como as questões do pré-teste foram formuladas.

As perguntas do *survey* foram estruturadas com o objetivo de apurar como internautas brasileiros interagem no Facebook e como acreditam que o uso do site se reflete em experiências pessoais cotidianas. O trabalho de Jouët et al. (2011) serviu de base para isso. Os autores procuraram definir o perfil dos pares em sua pesquisa estruturando um questionário que aborda gênero, idade, ocupação, nível educacional, renda mensal, nível de interesse por política e a avaliação pessoal do indivíduo sobre onde se encontra ideologicamente posicionado, se mais à esquerda ou mais à direita.

Em seguida, dentro dessas divisões, situaram questões como o interesse do sujeito em pesquisar sobre informações políticas, se ele envia notícias ou links sobre política para outras pessoas, se assiste vídeos políticos e se visita sites de partidos ou de políticos na internet. Paralelamente, os estudiosos realizaram entrevistas com esse público para tentar apreender o porquê de assumirem tais posturas. Nesta pesquisa, as entrevistas procuraram englobar questões semelhantes já com as respectivas justificativas.

O questionário deste estudo adaptou as perguntas elaboradas por Jouët et al. a um universo virtual permeado pela presença do Facebook. À época da investigação dos autores, no que diz respeito à política, as redes sociais não apareceram como um fator relevante. Só 13% dos usuários de redes sociais entrevistados – ou seja, no contexto da França em 2011 – diziam usar tais ferramentas para enviar informação política para os amigos e conhecidos.

Neste trabalho, a ferramenta foi estruturada a partir de: 1) elementos gerais (gênero, idade, escolaridade e renda familiar); 2) apropriação de tópicos usados na pesquisa dos investigadores franceses (grau de interesse por política e como a pessoa se define ideologicamente); 3) adaptação para a realidade brasileira (questões sobre se a pessoa possui computador em casa, quantos computadores possui e se a máquina tem ou não tem acesso à internet) ; e 4) adequação ao objeto de pesquisa (qual meio mais utiliza para se manter informado, frequência de acesso ao Facebook, compartilhamento de notícias pela

rede social, se segue partidos políticos ou políticos pela plataforma, se conversa sobre política fora do Facebook, se concorda com a forma como as notícias são escritas e se acredita que compartilhar notícias pelo site muda a sua vida ou a de outras pessoas). Com a não utilização do questionário, esses pontos foram realocados para as duas partes iniciais do roteiro de entrevistas: as perguntas gerais e as questões políticas práticas. A última seção – questões político-ideológica – foi estruturada depois, mas também está apoiada nos tópicos acima.

A grande desvantagem da metodologia de e-questionário e da convocação de entrevistas pelo Facebook é que a adesão está intrinsecamente restrita aos que têm acesso a ferramentas digitais (ou pelo menos aqueles com capital social digital), enquanto os que não têm não podem participar (MURTHY, 2008, p. 845). É necessário também que os indivíduos que vão se envolver com instrumentos de pesquisa pela internet tenham familiaridade com essa tecnologia (ibidem, p. 845). Ademais, é preciso cuidado para não se encarar a internet como um espaço de observação neutra (MURTHY, 2008, 840), uma vez que, no contexto de pesquisa, a rede remete a um ambiente de trabalho de campo e, como tal, a seleção e a análise de dados de um investigador são sempre influenciadas por agendas, histórias pessoais e normas sociais.

Procedimentos de construção do questionário e do pré-teste

Foi elaborada uma *survey* com 23 perguntas – 20 de múltipla escolha (nas quais a pessoa pode escolher somente uma resposta), duas dissertativas (e opcionais) e uma de selecionar a opção adequada dentre uma lista de possibilidades (ver anexo). Pretendia-se aplicar o questionário por meio da ferramenta de formulários do Google, que é de fácil manuseio para os respondentes e também permite o compartilhamento dos arquivos em diversos ambientes virtuais – dentre eles, o Facebook.

As perguntas foram divididas, em um primeiro momento, entre aquelas que buscam revelar o perfil socioeconômico dos usuários, utilizando variáveis como gênero, estado, idade, escolaridade, renda familiar, etc., e itens que envolvam os hábitos de consumo da internet e da informação de modo geral. Depois, o questionário trazia perguntas que dialogavam mais com o objeto de pesquisa, relacionadas à política e ao Facebook, voltando-se aos usos que os indivíduos fazem dessa rede social.

Havia também uma interconexão da temática política com a tecnologia e o Facebook, a partir de questionamentos como: se o indivíduo compartilha notícias sobre política com outras pessoas (por e-mail, Facebook, Whatsapp ou outros mecanismos), se ele assiste a vídeos sobre política ou de políticos na internet, se visita sites ou segue páginas no Facebook de políticos ou de partidos políticos e com que frequência comenta e/ou compartilha informações sobre política na rede social. Essas questões foram transpostas para algumas entrevistas, quando se considerou necessário abordá-las, e parte dos entrevistados deu relatos a respeito delas.

No questionário foram colocadas questões mais subjetivas, também levadas ao roteiro de entrevistas. Questionou-se, por exemplo, se o indivíduo considera que curtir, comentar e/ou compartilhar notícias sobre política no Facebook muda a sua vida de alguma forma. O objetivo era tentar mensurar se esses usuários acreditam que sua atuação política no Facebook se reflete na totalidade de sua existência, ultrapassando o universo da plataforma. Também se indagou se o respondente considera que seu ativismo digital muda a vida dos outros, retirando a perspectiva do indivíduo em si (no “eu”) e levando-a para as implicações “no outro”. Com isso, buscou-se avaliar se o engajamento daquele usuário serve a ele como ferramenta para tentar persuadir os demais a seguir seu ponto de vista ou se é um modo de expandir os espaços de diálogo e de complementar os próprios argumentos e/ou os argumentos de quem com ele interage.

Ao longo do processo de concepção do questionário, alguns itens foram retirados ou acrescentados. Parte disso aconteceu antes da aplicação do pré-teste e, a outra parte, se deu durante os testes com a ajuda dos voluntários que responderam à pesquisa. O que foi retirado antes foi, primeiramente, o item “profissão”, que demandaria ou que a pessoa digitasse sua profissão (resultando em respostas variadas, amplas e difíceis de organizar) ou que se utilizasse a *Classificação Brasileira de Ocupações*¹²⁶ (documento igualmente vasto e que, por isso, pouco acrescentaria à investigação). Desta forma, considerou-se que as variáveis escolaridade e renda já serviriam como indicadores do perfil socioeconômico dos respondentes. A mesma lógica foi seguida nas entrevistas, nas quais se optou por

¹²⁶ Documento que reconhece, nomeia e codifica os títulos e descreve as características das ocupações do mercado de trabalho brasileiro. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/saibaMais.jsf>>. Acesso em 2 nov. 2015.

perguntar com o que o entrevistado trabalha apenas quando o assunto surgisse ou quando o próprio respondente informasse¹²⁷.

Além disso, decidiu-se não entrar no mérito da cor ou etnia a qual o usuário se diz pertencer (se ele se considera branco, preto, pardo, amarelo ou indígena). Tal questão poderia ser interessante se alguma das matérias analisadas envolvesse diretamente preconceito¹²⁸. Como não é o caso, procurou-se focar apenas em questões centradas no objeto, de forma a fazer um instrumento curto e que não gere variáveis que não poderão ser tratadas neste trabalho.

Por fim, no item do questionário que abordava escolaridade, foram suprimidas as derivações de pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado) e agrupadas em uma única opção de resposta. A escolha decorreu do fato de a parcela da população que possui esse nível de escolaridade ainda ser restrita – segundo dados do IBGE e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), 0,12% do total de brasileiros possui doutorado e 0,32% dos brasileiros têm título de mestrado¹²⁹ – e, por isso, a subdivisão acarretaria dados e informações adicionais irrisórios. Entre os 20 entrevistados, esse percentual é maior: quatro deles possuem ou estão cursando pós-graduação, sendo três mulheres (entrevistadas 1, 3 e 9) e um homem (entrevistado 14).

Uma vez estruturado o instrumento de pesquisa, executou-se um pré-teste com aplicação de 21 questionários. Desses, 15 foram respondidos por amigos, familiares e colegas de trabalho, já o restante das respostas veio de colegas da pós-graduação. A aplicação se deu de maneira física, com os questionários impressos – embora o procedimento previsto para a versão final fosse distinto e a operacionalização planejada consistisse em empregar a ferramenta de forma digital. Ao se imprimir o documento e aplica-lo pessoalmente, foi possível cronometrar o tempo de respostas de cada um dos colaboradores, a fim de se avaliar a viabilidade de execução da *survey* e quantos minutos em média cada usuário deveria dedicar para contribuir com a investigação. Caso a

¹²⁷ A maior parte deles acabou por contar, ao longo da conversa, em que área trabalha ou estuda.

¹²⁸ Ainda assim, foi possível notar que alguns entrevistados, em especial os negros (entrevistados 16 e 17), abordaram espontaneamente a discussão sobre racismo.

¹²⁹ Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default_educacao.shtm>;
<<http://www.unesc.net/portal/blog/ver/307/28622>>. Acesso em 2 nov. 2015.

aplicação da ferramenta tivesse sido efetivada, calcula-se que os colaboradores levariam em média 4 min¹³⁰ para responder à pesquisa.

Depois de participar desta etapa do trabalho, os voluntários fizeram suas considerações e sugestões, indicando aquilo que tiveram dificuldade em entender e o que poderia ser aperfeiçoado. Todas as contribuições foram valiosas e conduziram a um refinamento das questões que vieram a ser abordadas depois, já a partir do roteiro de entrevistas.

¹³⁰ A partir da soma do tempo de respostas do grupo de voluntários para responder o questionário, chegou à média de tempo de 3min57s.

ANEXO B – N1

Figura 01: Postagem no Facebook do jornal O Globo de 13 de agosto de 2014

Fotos da Linha do Tempo
Retornar ao álbum · Fotos de O Globo · Página de O Globo Anterior · Próxima



O Globo
País apreensivo com sumiço de Eduardo Campos. <http://glo.bo/1AdRcaM>
13 de agosto de 2014

Álbum: Fotos da Linha do Tempo
Compartilhado com: Público
Abrir visualizador de fotos
Fazer download
Incorporar publicação

Elizete Motta, Rosieide Costa, Karina Larrat e outras
26.748 pessoas curtiram isso.
7.220 compartilhamentos

Paulo Freitas Eu não acredito como o ser humano pode ser tão ruim, frio e calculista. Estou boquiaberto com alguns comentários que beiram a mediocridade. Sem comentários.....
312 · 13 de agosto de 2014 às 08:38
8 Respostas

Camila Cruz Eu nem sabia que ele tinha sumido..
347 · 13 de agosto de 2014 às 08:23
45 Respostas

Gabriel Toledo Muito triste o que aconteceu. Mas não podemos esquecer o que foi dito por Eduardo Campos ontem no Jornal Nacional: "Pela primeira vez um Governo (PT) irá entregar um País pior do que recebeu." Ele tem toda razão, não tem como mais o Brasil ser governado pelo PT. Está na hora de mudar!!!!!!!!!!!!
150 · 13 de agosto de 2014 às 09:18

Fonte: página oficial do jornal no Facebook¹³¹

¹³¹ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/jornaloglobo/photos/a.123958997643788.9532.115230991849922/819674321405582/?type=3&theater>>

ANEXO C – N2

Figura 02: Postagem no Facebook do jornal O Estado de S.Paulo de 26 de agosto 2014

Fotos da Linha do Tempo
Retornar ao álbum · Fotos de Estadão · Página de Estadão Anterior · Próxima



Estadão
Aécio Neves: Temos agora uma extraordinária oportunidade de confrontar o mundo real com o mundo imaginário. O sonho dos brasileiros hoje é morar em uma propaganda do PT. Acompanhe o debate ao vivo: <http://oesta.do/1TSvrK6#eleicoes2014>

Álbum: Fotos da Linha do Tempo
Compartilhado com: **Público**

Foto: Alex Silva/Estadão
26 de agosto de 2014

André Luiz Piscirilli Ramos e outras 20.201 pessoas curtiram isso. Principais comentários ·

3.790 compartilhamentos

Eric Santos as tiradas do aécio estão muito boas
1.286 · 26 de agosto de 2014 às 19:32
33 Respostas

Carlos Augusto Patussi Langaro Aécio Presidente!
920 · 26 de agosto de 2014 às 19:31
37 Respostas

Vagner Silva Morar na propaganda do pt. Foi a melhor da noite
317 · 26 de agosto de 2014 às 19:32
5 Respostas

Ulisses Santos E o meu sonho é morar na Minas de Aécio. #Marina40
223 · 26 de agosto de 2014 às 19:32
40 Respostas

Abrir visualizador de fotos
Fazer download
Incorporar publicação

Fonte: página oficial do jornal no Facebook¹³²

¹³² Disponível em:

<<https://www.facebook.com/estadao/photos/a.124486140899790.24501.115987058416365/989145871100475/>>

ANEXO E – N4

Figura 04: Postagem no Facebook do jornal Zero Hora de 10 de setembro de 2014

Fotos da Linha do Tempo

[Retornar ao álbum](#) · [Fotos de Zero Hora](#) · [Página de Zero Hora](#) [Anterior](#) · [Próxima](#)

Vale-tudo
na reta final

TE DESAFIO A
POSTAR UMA FOTO TUA
SEM MAQUIAGEM
NO FACE!

TAMBÉM QUERO!!

ZH Zero Hora
lotti: duelo entre Dilma e Marina <http://zhora.co/1nKZhFG>
10 de setembro de 2014

[Raquel Nascimento, Geisa Nunes, Marisa Elaine Moreira](#) · Principais comentários · e outras 2.508 pessoas curtiram isso.

1.036 compartilhamentos

Júnior Carpes Tem que desafiar a Dilma a postar foto dos atuais dados econômicos do país sem maquiagem.
👍 95 · 10 de setembro de 2014 às 04:15
↳ 3 Respostas

Rodrigo Barreto O país está em decadência política.
👍 18 · 10 de setembro de 2014 às 04:45
↳ 4 Respostas

Álbum: Fotos da Linha do Tempo
Compartilhado com: Público

[Abrir visualizador de fotos](#)
[Fazer download](#)
[Incorporar publicação](#)

Fonte: página oficial do jornal no Facebook¹³⁴

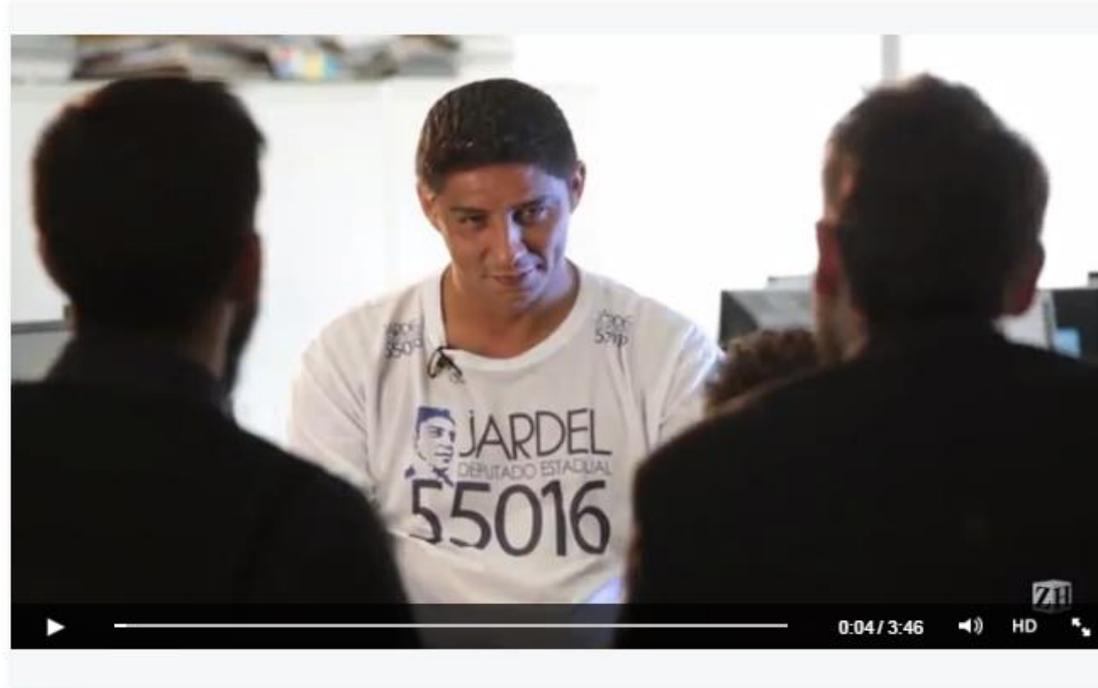
¹³⁴ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/zerohora/photos/a.284218549955.33211.46452974955/10150474725744956/?type=3&theater>>.

ANEXO F – N5

Figura 05: Postagem no Facebook do jornal Zero Hora de 12 de setembro de 2014

Mais vídeos de Zero Hora



Zero Hora
Jardel quer ser deputado.

O #LaUrna entrevistou o ídolo gremista que concorre a deputado estadual.

Confira o que ele pretende fazer e por que se considera um homem "de direita". E mais em <http://www.zh.com.br/laurna>

12 de setembro de 2014

Rejane Dreher, Dhaia Pacheco, Pedro Antônio Fiori e outras 1.502 pessoas curtiram isso.

22.480 compartilhamentos

Patrick Borges Burro não é ele que se candidata, burro é que vai votar nele.
416 · 12 de setembro de 2014 às 14:30
18 Respostas

Marcelo Barnetche Kauer ASSUSTADOR NÃO É O FATO DO JARDEL QUERER SER CANDIDATO, mas em primeiro lugar o partido que se presta a colocar uma pessoa sem o mínimo preparo para disputar um pleito dessa magnitude e em segundo lugar o eleitor que vota em um candidato desses. ASSUSTADOR
219 · 12 de setembro de 2014 às 18:25
9 Respostas

Compartilhado com:
Público
338.580 visualizações

Embed Video
Incorporar publicação

Fonte: página oficial do jornal no Facebook¹³⁵

¹³⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/zerohora/videos/10150475631204956/>>.

ANEXO G – N6

Figura 06: Postagem no Facebook do jornal Folha de S. Paulo de 9 de setembro de 2014

Fotos da Linha do Tempo

Retornar ao álbum · Fotos de Folha de S. Paulo · Página de Folha de S. Paulo Anterior · Próxima



FOLHA Folha de S. Paulo
Não são só Dilma e Aécio que estão assustados com o crescimento de Marina Silva: a Venezuela teme que ela, caso vire presidente, retire o apoio brasileiro ao chavismo. Leia na coluna de Clóvis Rossi: <http://uol.com/bddTGX>
9 de setembro de 2014 · Editado

Álbum: Fotos da Linha do Tempo
Compartilhado com:
Público

Sérgio Paulo Bomfim Jr., Raphael Toste, José Adão e outras 23.175 pessoas curtiram isso. Principais comentários ·

11.246 compartilhamentos

Anderson Menezes Tem que tirar mesmo o apoio a todos os governo ditadores
2.436 · 9 de setembro de 2014 às 18:51
78 Respostas

Davi Manoel De Souza Eu apoio e voto marina silva
1.211 · 9 de setembro de 2014 às 18:53 · Editado
25 Respostas

Jeferson Mto tomara que tire mesmo aqueles bando não sei por que o brasil apoia tanto ladrão
373 · 9 de setembro de 2014 às 18:51
6 Respostas

Thiago Elias Apoiar ditadura é coisa do PT.
468 · 9 de setembro de 2014 às 18:50
9 Respostas

Abrir visualizador de fotos
Fazer download
Incorporar publicação

Fonte: página oficial do jornal no Facebook¹³⁶

¹³⁶ Disponível em:

ANEXO H – N7

Figura 07: Postagem no Facebook do jornal O Estado de S. Paulo de 16 de setembro de 2014

Fotos da Linha do Tempo
Retornar ao álbum · Fotos de Estadão · Página de Estadão Anterior · Próxima



Estadão
Jean Wyllys: 'Fiz a opção de lutar pelos direitos humanos dos grupos que não têm sequer sua humanidade reconhecida' / Jair Messias Bolsonaro: 'Tenho imunidade para falar a besteira que quiser. E você vota em mim ou não, o problema é seu'.
[#eleições2014](http://oesta.do/1pihKzT)
16 de setembro de 2014

Álbum: Fotos da Linha do Tempo
Compartilhado com: Público
Abrir visualizador de fotos
Fazer download
Incorporar publicação

Marina Souza, Fábio França Silva Tavares, Gabriieew Zorante e outras 10.465 pessoas curtiram isso. Principais comentários ·

2.402 compartilhamentos

Débora Campos Bolsomito!
2.850 · 16 de setembro de 2014 às 10:00
148 Respostas

João Adolfo Bilachi Taca lhe pau Bolsonaro!!!!
3.121 · 16 de setembro de 2014 às 10:00
67 Respostas

Lucas Amaral Jean Wyllys é mais uma personalidade inútil que o BBB vomitou na sociedade.
1.645 · 16 de setembro de 2014 às 10:08
68 Respostas

Jeferson Oliveira lógica do Jean: " como assim vc nao da o cu? seu homofobico !!
1.944 · 16 de setembro de 2014 às 10:02
66 Respostas

Fonte: página oficial do jornal no Facebook¹³⁷

<<http://www.facebook.com/folhadesp/photos/a.115442961831049.6251.100114543363891/859554307419907/>>

¹³⁷ Disponível em:

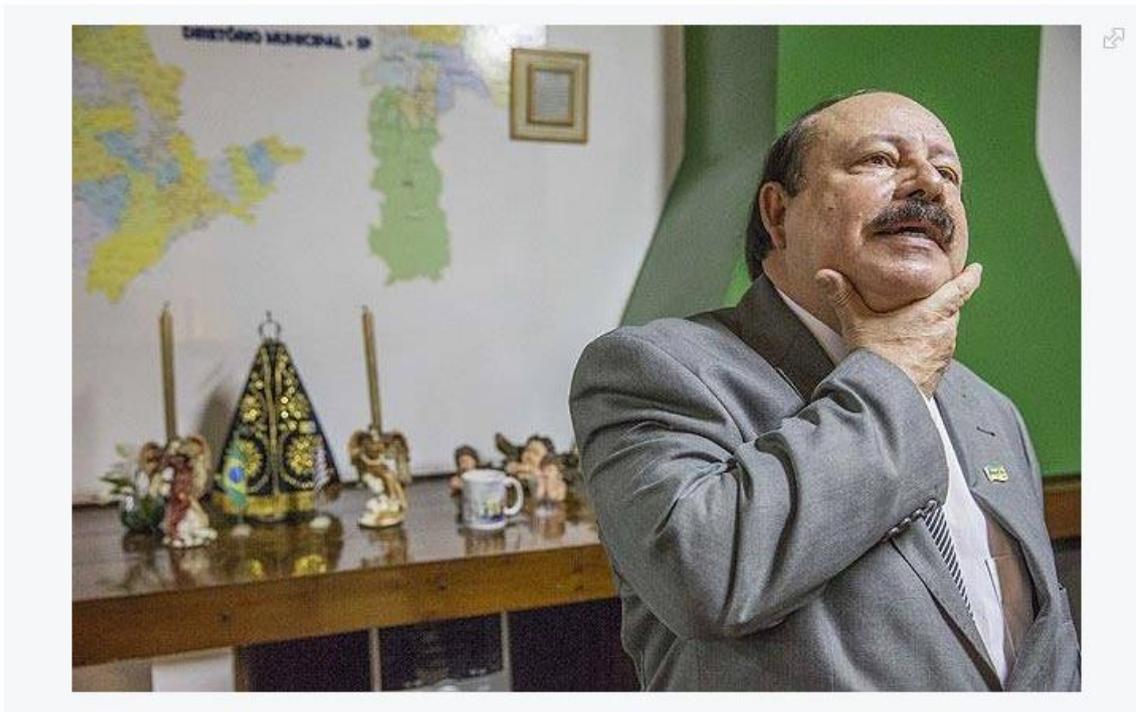
ANEXO I – N8

Figura 08: Postagem no Facebook do jornal Folha de S. Paulo de 29 de setembro de 2014

Fotos da Linha do Tempo

Retornar ao álbum · Fotos de Folha de S.Paulo · Página de Folha de S.Paulo

Anterior · Próxima



Folha de S.Paulo
OAB quer cassação de candidatura de Levy Fidelix por homofobia:
<http://uol.com/brdWM7> (via Folha Poder)

Foto: Marlene Bergamo/Folhapress

29 de setembro de 2014

Renato De Freitas, Regina Camargo, Jurema Reis e outras 46.317 pessoas curtiram isso.

Principais comentários ▾

11.962 compartilhamentos



Pedro Casanova Liberdade de expressão não é liberdade para propagar ódio. Aprendam a diferença... ou eu tenho liberdade de chamar vossas mães de putas doentes?

3.272 · 29 de setembro de 2014 às 17:06

217 Respostas



Marcos Teixeira Gomes O que ele falou demais ?

1.676 · 29 de setembro de 2014 às 16:59

110 Respostas

Álbum: Fotos da Linha do Tempo

Compartilhado com:

🌐 Público

Abrir visualizador de fotos

Fazer download

Incorporar publicação

Fonte: página oficial do jornal no Facebook¹³⁸

<<http://www.facebook.com/estadao/photos/a.124486140899790.24501.115987058416365/1006707082677687/>>

¹³⁸ Disponível em:

ANEXO J – Roteiro de entrevista¹³⁹

Dados sociodemográficos

1. Estado (onde mora)
2. Idade
3. Escolaridade (completa ou cursando)
4. Você tem dispositivos de acesso à internet em casa (computador, celular, tablet)?
Quantos?
5. Com que frequência você acessa a internet (de qualquer lugar: casa, trabalho, escola/faculdade, rua etc.)?
6. Com que frequência você acessa o Facebook (de qualquer lugar: casa, trabalho, rua, escola/faculdade etc.)?
7. Qual meio você mais utiliza para se manter informado (jornal, rádio, TV, site de notícias, Facebook, Twitter, nenhum, outros)?
8. Você é filiado ou simpatizante de algum partido político? Qual?
9. Com que frequência você comenta e/ou compartilha informações sobre política no Facebook?

Avaliações sobre a política e a mídia brasileiras e sobre o uso das redes sociais

10. Por que você se interessa por temáticas políticas?
11. Com que tipo de posicionamentos políticos você mais se identifica (esquerda, centro-esquerda, centro, centro-direita, direita)? Por quê?
12. Como você procura se informar sobre o cenário político do país?
13. Qual sua opinião sobre a forma como as notícias sobre política são escritas?
14. Seus amigos/familiares concordam com os seus posicionamentos? Como o seu envolvimento com política no Facebook se reflete na sua relação com as outras pessoas?

<<https://pt-br.facebook.com/folhadesp/photos/a.115442961831049.6251.100114543363891/875783902463614/>>.

¹³⁹ Entrevista realizada por meio do serviço de áudio e vídeo do próprio Facebook ou a partir da ferramenta de chamada gratuita Skype. As conversas foram gravadas e transcritas. As transcrições seguem anexas.

Posicionamento político-ideológico

1. Como você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado?
2. O que você pensa sobre o Estado garantir serviços gratuitos aos cidadãos, como saúde e educação?
3. Como o governo deve inserir socialmente os cidadãos que estão marginalizados?
4. Em sua opinião, o que leva uma pessoa a ser pobre?
5. Como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais? E o contexto social e político?
6. O que você pensa sobre o Bolsa Família?
7. Como você enxerga as políticas de cotas raciais? Por quê?
8. A criminalidade é um problema causado, principalmente, por qual motivo?
9. Como você acredita que o Estado deve combater a criminalidade?
10. Como o Estado deve reinserir na sociedade os detentos que já cumpriram suas penas?
11. Qual sua opinião sobre o trabalho executado pela polícia militar no país?
12. Qual sua opinião sobre o porte de armas de fogo? Por quê?
13. E o casamento homoafetivo? Por quê?
14. Você acha que um casal homossexual deve ter direito a adotar uma criança? Por quê?
15. Como você vê o papel das mulheres na contemporaneidade?
16. Como você encara a problemática do aborto?
17. O que você pensa quando escuta alguma história sobre uma mulher que foi assediada?
18. Qual sua opinião sobre o país receber imigrantes de países com algum tipo de conflito?
19. O que acha da regulamentação da mídia?

ANEXO J1 – Entrevistada 1: Ana

[00:00:23] Entrevistada: Alô!?

[00:00:24] Entrevistadora: Ana?

[00:00:26] Entrevistada: Oi!

[00:00:27] Entrevistadora: Oi. Aqui é a Mariana, da entrevista. Tudo bem?

[00:00:29] Entrevistada: Tudo joia!

[00:00:30] Entrevistadora: Você está me escutando direito?

[00:00:32] Entrevistada: Estou! Estou escutando bem, sim.

[00:00:34] Entrevistadora: Você pode falar agora?

[00:00:36] Entrevistada: Sim.

[00:00:37] Entrevistadora: Então, Ana, é o seguinte: a entrevista é para um projeto de mestrado, da UnB, e é sobre o perfil dos usuários do Facebook que comentam, compartilham ou curtem notícia sobre política. As respostas vão ser todas anônimas, tudo bem?

[00:00:55] Entrevistada: Tudo bem!

[00:00:57] Entrevistadora: Eu vou gravar a entrevista para facilitar a transcrição depois para o trabalho, pode ser?

[00:01:03] Entrevistada: Pode ser.

[00:01:04] Entrevistadora: Tá bom. Podemos começar?

[00:01:05] Entrevistada: Pode.

[00:01:07] Entrevistadora: Eu vou fazer primeiro umas perguntas rápidas e gerais. Qual é o estado onde você mora?

[00:01:13] Entrevistada: É Rio de Janeiro.

[00:01:15] Entrevistadora: A sua idade, Ana?

[00:01:17] Entrevistada: 52.

[00:01:18] Entrevistadora: Escolaridade - completa ou cursando?

[00:01:21] Entrevistada: Eu tenho pós-graduação incompleta.

[00:01:25] Entrevistadora: Tudo bem. Você tem dispositivos de acesso à internet em casa (computadores, celulares, tablets)?

[00:01:33] Entrevistada: Tenho.

[00:01:34] Entrevistadora: Com que frequência você acessa a internet, de qualquer lugar?

[00:01:37] Entrevistada: Todo dia, todo dia!

[00:01:39] Entrevistadora: Mais de uma vez por dia?

[00:01:40] Entrevistada: Sim!

[00:01:41] Entrevistadora: Com que frequência você acessa o Facebook?

[00:01:45] Entrevistada: Todo dia, mais de uma vez por dia.

[00:01:48] Entrevistadora: Tá bom! Qual meio você mais utiliza para se manter informada: rádio, jornal, TV, sites de notícias, Facebook, Twitter ou outros?

[00:01:57] Entrevistada: Hoje em dia, o Facebook.

[00:02:00] Entrevistadora: Você é filiada ou simpatizante de algum partido político, Ana?

[00:02:05] Entrevistada: Sou simpatizante, mas não sou filiada. Eu sou simpatizante do Partido Novo.

[00:02:11] Entrevistadora: Tá bom! Com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política no Facebook?

[00:02:18] Entrevistada: Todo dia!

[00:02:19] Entrevistadora: Agora eu vou fazer algumas perguntas políticas práticas. Por que você se interessa por temáticas políticas?

[00:02:27] Entrevistada: Porque eu acho que a gente tem que participar do dia a dia do nosso país, da Administração Pública. E os brasileiros se acostumaram a ser muito omissos e eu acho que nós precisamos participar. “O olho do dono engorda o boi”.

[00:02:44] Entrevistadora: Com que tipos de posicionamentos políticos você mais se identifica: direita, centro-direita, centro, esquerda, centro-esquerda?

[00:02:55] Entrevistada: A gente é Liberal, que se chama Libertarianismo, né? É Liberal. Eu sou a favor de liberdades individuais e liberdades do Estado, que quer dizer Estado pequeno e pouca intervenção do Estado, muitas responsabilidades individuais e liberdades econômica e social. Eu já fiz testes para ver qual era a minha posição e aí dá o Liberal.

[00:03:29] Entrevistadora: Tá ótimo! E por que? Bom, você já fez sua explanação, né? Vou pular para próxima. Como você procura se informar sobre o cenário político do país?

[00:03:39] Entrevistada: Atualmente, eu acompanho no Facebook o site de notícias *O Antagonista*, vejo a revista *IstoÉ*, a *Veja*. Conforme eu vou vendo algum direcionamento de algum órgão de mídia que tenha algum candidato preferido, que eu vejo que não é isento, eu começo a parar de seguir. Mas, atualmente, é basicamente através do Facebook que eu me informo sobre Política e de modo geral. Eu não vejo mais noticiário de TV, eu não vejo nada mais. Ou leio a *Revista Veja* ou eu vejo no Facebook.

[00:04:22] Entrevistadora: Tá bom! E qual é a sua opinião sobre a forma como as notícias sobre política são escritas?

[00:04:30] Entrevistada: Então, é o que eu falei para você: eu costumo seguir mais o site *O Antagonista*, e eu gosto da forma como eles falam, porque são textos curtos. Eu trabalho o dia inteiro – eu sou designer. Eu trabalho o dia inteiro no computador e, às vezes, tipo assim: “deixa eu dar uma descansadinha”. Ao invés de levantar para dar uma volta, eu vou ver as notícias. Então, são os espaços curtos de tempo que eu aproveito para ler as matérias. Eu gosto de objetividade, né? Mas eu leio textos mais longos também, dependendo do meu tempo. Por exemplo, hoje de manhã, como sábado, eu li um texto inteiro da revista *IstoÉ*. Então, tudo depende. Mas eu gosto de objetividade.

[00:05:15] Entrevistadora: Tá bom! Seus amigos e familiares concordam com os seus posicionamentos? Como o seu envolvimento com política no Facebook se reflete na sua relação com as outras pessoas?

[00:05:27] Entrevistada: Minha família concorda com o meu posicionamento – somo todos mais ou menos com a mesma visão. E eu sou designer e trabalho com ilustração também. Na minha área, a maioria dos profissionais são da esquerda, então isso para mim

às vezes me causa alguma inimizade, alguma rejeição, porque eu tenho uma visão diferente. Mas eu não tenho problemas. Eu evito, quando eu vejo que são temas que podem causar polêmica. Existe muito radicalismo, hoje em dia, na internet. Quando eu vejo que os comentários das outras pessoas são muito radicais, eu evito comentar porque, se você, por acaso, falou alguma coisa que alguém se sente ofendido, isto vai te causar uma série de pessoas a te atacar. Então, eu procuro ser mais moderada. Mas eu não deixo de dar a minha opinião, entendeu? Eu só cuido quando eu posso dar minha opinião, porque é como eu te falei: tem muito radicalismo que está beirando o fanatismo, não só de esquerda quanto de direita. Tem muito fanatismo hoje em dia, pessoas adorando pessoas e essas pessoas perdem completamente a noção se você, por acaso, fala alguma coisa que não agrada essas pessoas. A reação é muito forte! Então, eu evito de comentar assuntos que envolvem muito fanatismo.

[00:07:06] Entrevistadora: Tá bom! Agora a gente vai passar para as questões político-ideológicas. A primeira delas – você já falou um pouquinho, mas eu queria que você falasse um pouco mais – é: como você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:07:19] Entrevistada: Eu acho que o Estado não tem que atuar no mercado. É o mínimo possível e a atuação do Estado tem que ser muito pequena e o Estado, quando necessário – veja bem: quando necessário – deve atuar apenas como regulador. O Estado deve garantir que as leis do mercado funcionem: evitar que existam monopólios, evitar que haja combinação de preços. O Estado deve apenas garantir que o mercado possa funcionar livremente. Eu sou a favor do livre mercado. Eu acho que o Estado deve apenas se preocupar com educação, saúde, segurança, infraestrutura e só. Deve ser uma presença onipresente, que ninguém percebe que existe, e não intervencionista, como a que nós temos hoje em dia, que quer regular tudo, regular até que tipo de programa você pode ver, que tipo de coisa você pode comparar. Eu sou totalmente contra isso; eu sou totalmente a favor da liberdade.

[00:08:24] Entrevistadora: Tá ok!

[00:08:25] Entrevistada: Eu acredito na capacidade do ser humano e das pessoas de entenderem, de saberem o que é melhor para si. Eu acho que o Estado Intervencionista

subestima a inteligência das pessoas. Ele acha que todo mundo é incapaz, burro e que ninguém pode cuidar de si mesmo. Eu sou totalmente contra isso.

[00:08:43] Entrevistadora: E o que você pensa sobre o Estado garantir serviços gratuitos aos cidadãos, como saúde e educação?

[00:08:49] Entrevistada: Mesmo assim, eu sou muito... Eu, Ana, prefiro mil vezes que o Estado não atrapalhe o meu trabalho, não me cobre impostos exorbitantes, para que eu possa ter condições financeiras de pagar pela minha saúde e pela minha educação, entendeu? Até nisso eu não tenho uma posição muito... Eu acho que tudo o que vem de graça do governo custa muito caro. O que ele tira da gente, o que ele cobra da gente é muito alto. Eu sei que existem já países que têm alguns sistemas diferentes e que funcionam. Eu não acho 100% que o governo tem que dar tudo. Eu sou contra isso! Até mesmo porque as pessoas não valorizam aquilo que elas recebem de graça.

[00:09:36] Entrevistadora: Tá bom. Como o governo deve inserir socialmente os cidadãos que estão marginalizados?

[00:09:43] Entrevistada: Educação! Tem que investir em educação básica, para que aquelas pessoas lá, no meio da vida delas, não sigam para o caminho ruim. Eu acho que não só educação; eu acho que, no Brasil, os valores daqui são ruins. Imprimidos nas pessoas estão uns valores muito ruins. É aquilo que eu falei para você: aqui, desde pequeno, uma criança aprende que ela é incapaz, que ela não consegue fazer nada e que o Estado precisa dar tudo para ela. Até isso – a filosofia vigente do país – eu mudaria. Eu diria que todos são capazes, que todos podem, que todos conseguem. A autoestima das pessoas seria diferente e elas acreditariam que são capazes. Eu acho que é, principalmente, investir em educação, mas sem ideologia, sem esquerdismo, sem marxismo, sem nada disso. Sem ideologias! Que as pessoas possam escolher, para formar cidadãos que, realmente, tenham conhecimento e que possam escolher o que é melhor para si.

[00:10:49] Entrevistadora: Tá bom! Próxima pergunta: em sua opinião, o que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:10:56] Entrevistada: Eu acho difícil. “O que leva a ser pobre?”. Não sei! Meus pais, por exemplo, vieram de famílias muito pobres. Eles são descendentes de alemães e vieram de famílias muito pobres e eu não sei por que eles eram pobres. Eu não sei te dizer o que

leva. A pessoa nasceu em uma família pobre, então a tendência dela é que as dificuldades dela serão maiores, mas é aí que eu falo: ela tem que ser muito mais forte, tem que ser muito capaz, mas não é impossível ela reverter isso, entendeu? Com a educação certa e com a orientação certa, eu acredito que... Eu tenho a experiência dos meus pais que conseguiram, com muito trabalho – trabalho, principalmente – mudar essa situação. Eu não sei te dizer qual é a causa. Eu não sei!

[00:11:46] Entrevistadora: Tudo bem! E o que você pensa sobre o Bolsa Família, por exemplo?

[00:11:50] Entrevistada: Eu, nos moldes que são hoje, sou totalmente contra. Se ele realmente tivesse resolvido a pobreza das pessoas, as pessoas não precisariam estar dez anos dentro do programa. Isso já mostrou que não funciona. Eu acho que devia ser dado apenas para aquelas famílias que, realmente, não têm a menor condição de subsistência, mas já com prazo para terminar, do tipo: vai começar tal data e você tem tanto tempo para ir para escola, para procurar uma profissão. Eu penso assim: o Brasil é um país de muita oportunidade, é um país que ainda precisa ser construído. Então, eu não acredito que uma pessoa não consiga arrumar um trabalho, uma ocupação. Às vezes, emprego está difícil, mas tem muita coisa para ser feita nesse país. Então, mesmo a família que vive na miséria, se ela tiver condições de ela poder entender que ela é capaz... vai fazer faxina, vai cortar grama. Eu acho que aqui tem muitas oportunidades. Eu acho que ninguém precisa se submeter a isso. Aqui, no Brasil, o Bolsa Família é usado para reprimir ou oprimir as pessoas, para que elas fiquem a vida inteira dependentes do Estado. Essa é a filosofia de gente que interessa aos políticos de hoje em dia: manter aquelas pessoas como eleitores para sempre. Eles não estão interessados em tirar as pessoas da miséria. Eles querem ter eleitores fixos!

[00:13:36] Entrevistadora: E como você enxerga as políticas de cotas raciais? E por quê?

[00:13:40] Entrevistada: Eu também sou contra, porque é aquela velha história que eu falei: o sujeito tem determinada condição e ele é considerado incapaz. Eu já vi gente falando de cotas para mulheres. Eu sempre falo: eu não quero cotas para mulheres! Eu não sou incapaz! Eu não preciso! Eu vou me esforçar para que eu consiga as coisas. Eu não preciso de nenhum privilégio. Eu não quero isso! Eu quero condições iguais de formas de competir. Eu não sou a favor; sou totalmente contra. Eu acho que não resolve nada, porque

é o que eu estou falando: não tem que dar cota para entrar na universidade; tem que investir na educação de base. Se as pessoas não estão conseguindo entrar na universidade por seus próprios méritos, alguma coisa está falhando: é a educação básica que está falhando. É isso que tem que ser corrigido, e não abaixar a exigência. O Brasil, de alguns anos para cá, desde 2003, ao invés de elevar o nível das pessoas, começou a abaixar as exigências, então o Brasil ao invés de andar para frente, está andando para trás, entendeu? Na minha visão está tudo errado!

[00:14:57] Entrevistadora: Ana, na sua opinião, a criminalidade é um problema causado principalmente por qual motivo?

[00:15:04] Entrevistada: Impunidade! Eu acho que é, principalmente, por impunidade. A pessoa faz o delito e sabe que nada vai acontecer com ela.

[00:15:14] Entrevistadora: E como você acredita que o Estado deve combater essa criminalidade?

[00:15:18] Entrevistada: Com as leis, em primeiro lugar. Parar de cultuar bandidos e pessoas e começar a cultuar pessoas que, realmente, estão fazendo a coisa certa. As leis aqui no Brasil são muito tolerantes, muito flexíveis. Não importa se o cara roubou uma galinha ou se roubou um país, tudo é roubo! Todos têm que ser punidos. É claro que com punições diferentes: crimes piores têm que ter punições mais severas e crimes menores têm que ter punições mais brandas, mas todos os dois casos têm que ser punidos; tudo é roubo. A gente, no Brasil, começa a pensar “não, mas é porque ele era coitado” ou a procurar os motivos para justificar um pouco, e aí o cara percebe que roubar não tem consequências e ele pode continuar roubando e segue. Eu vejo notícias de policiais, porque a lei protege, que não podem fazer nada. Outro dia eu vi um artigo, uma matéria falando da época em que o Pezão ainda estava como governador aqui do Rio, que eles prendem os menores, mas a justiça solta. E essas pessoas que estão nas ruas e são assaltadas todos os dias por essas pessoas e vivem numa grande violência? Quem cuida delas? Tem ninguém para cuidar do cidadão! Só tem gente para cuidar do infrator, do criminoso. Então, está errado! Eu acho que tem que parar com essa cultura da impunidade. Intolerância nenhuma com crime, nenhuma! Tem que começar a punir os crimes, não importa quem fez.

[00:17:00] Entrevistadora: E como você acha que o Estado deve reinserir na sociedade os detentos que já cumpriram suas penas?

[00:17:06] Entrevistada: Bom, eu acho que, dentro dos presídios, os presos deveriam trabalhar e aprender uma profissão. Eu acho que a melhor forma de você inserir uma pessoa é achar uma via de ser útil. Eu tenho certeza que, se uma pessoa pode ser útil para a sociedade, se ela pode sentir que está fazendo alguma diferença, ela não vai para o lado do crime. Eu acho que ninguém vai para o crime porque acha bacana. As pessoas, às vezes, vão porque pensam que não têm alternativas. É isso que tem que mudar. As pessoas precisam entender que têm alternativa, sim, e que o crime é uma escolha. Tem tantas histórias de pessoas que... Veja bem: eu tenho uma família enorme, que era muito pobre, e ninguém seguiu por esse caminho. Então, eu acho que a melhor forma seria que eles trabalhem na cadeia, porque o tempo ocioso não cria coisas boas – eles ficam lá só pensando só em besteira. Se elas tiverem trabalhando, se sentindo útil e aprendendo uma profissão, quando elas saírem, elas vão ter mais chance de se inserirem no mercado. Eu tenho certeza que muitas pessoas não teriam problema nenhum em dar emprego para estas pessoas, mesmo para ajudá-las a se inserirem na sociedade. Mas elas precisam ir qualificadas. Tem que qualificar as pessoas!

[00:18:28] Entrevistadora: E qual é a sua opinião sobre o trabalho executado pela Polícia Militar no país?

[00:18:34] Entrevistada: Existem os bons policiais e os maus policiais, né? Eu vou falar dos bons policiais. Os maus, a gente sabe que é minoria, mas, infelizmente, existe uma campanha da mídia para desqualificar o trabalho da PM. Os bons policiais, eu acho que eles deveriam ser valorizados, eu acho que eles deveriam ser reconhecidos, eu acho que eles deveriam ser incentivados, não só em termos de salários, mas de reconhecimento mesmo. A população deveria apoiar a PM. A mídia faz de tudo para que as pessoas fiquem contra a PM. Na minha opinião, isso é tudo um projeto de poder. Entre as ideias dos gigantes, estão lá a de desqualificar os valores, desqualificar a família, desqualificar a polícia, desqualificar tudo que faz parte, e a imprensa é grande patrocinadora disso também. Eu não estou dizendo que é só ela. Eu acho que são alguns jornalistas; não são todos.

[00:19:40] Entrevistadora: Ok! Qual é sua opinião sobre o porte de armas de fogo?

[00:19:46] Entrevistada: Eu já fui contra, mas hoje em dia eu sou a favor, porque eu acho que cada um tem que ter o direito de se defender. É muito perigoso quando só o Estado

tem armas e o cidadão não pode se defender contra o Estado. Então, eu sou a favor do porte de arma. Eu não teria, mas eu sou a favor de que as pessoas que queiram possam ter, desde que elas façam cursos, tenham o nome delas, seja tudo certinho. Eu digo assim: eu sou a favor do porte de arma.

[00:20:17] Entrevistadora: Beleza! E o casamento homoafetivo? O que você acha sobre e por quê?

[00:20:21] Entrevistada: É como eu te falei: eu sou a favor de liberdades individuais e liberdades econômicas. Então, eu acho que o que cada um faz da sua vida é problema dele. Eu sou a favor.

[00:20:34] Entrevistadora: E como você vê o papel das mulheres na contemporaneidade?

[00:20:38] Entrevistada: Eu não gosto do feminismo, porque é o que eu falei: tem muito radicalismo e muito fanatismo hoje em dia. Então, essas feministas de hoje em dia não me representam, esse bando de mulher com peito de fora, peluda. Isso, para mim, não é direito nenhum, entendeu? Então, eu sou contra essas feministas. Acho que a luta no passado foi bastante importante, mas eu acho que agora é a hora de acabar com isso de machismo e feminismo. Vamos partir para a segunda etapa; vamos seguir em frente!

[00:21:08] Entrevistadora: E como você encara a problemática do aborto?

[00:21:12] Entrevistada: Eu acho que é uma decisão individual também. É o que eu falei: liberdades individuais e liberdades econômicas. Eu não tenho nada a ver com isso, entendeu? Quem quer fazer, é problema dessa pessoa. Ela vai arcar com as consequências dessa decisão. Eu acho que eu não tenho direito de dizer o que é melhor para o outro. Se uma pessoa está em uma situação e quer fazer, então o problema é dela. Eu não tenho nada a ver com isso, entendeu!? Eu sou a favor de que cada um possa decidir o que é melhor para si.

[00:21:47] Entrevistadora: Qual é sua opinião sobre o país receber imigrantes de países com algum tipo de conflito?

[00:21:52] Entrevistada: Eu acho que deveriam ser aceitas apenas pessoas com algum tipo de qualificação, que pudessem agregar alguma coisa para o país, porque o Brasil ainda é um país que tem muita gente pobre. Eu acho que, primeiro, nós precisamos cuidar dos

nossos pobres, para, depois, cuidar dos outros pobres. Eu acho que enquanto nós não resolvermos nossos problemas internos, nós não temos o direito de trazer mais ninguém.

[00:22:18] **Entrevistadora:** Tá ok! E o que você acha da ideia de regular a mídia?

[00:22:22] **Entrevistada:** Totalmente contra!

[00:22:24] **Entrevistadora:** Por quê?

[00:22:26] **Entrevistada:** Porque essa regulamentação nunca vai ser isenta de nada. Vai ser sempre ideológica, pendendo para algum lado. Eu sou a favor assim: a pessoa faz o que ela quer, mas depois ela vai arcar com as consequências disso, quer elas sejam boas, quer elas sejam ruins. Eu acho que as pessoas podem ter a liberdade de fazer o que quiserem, mas depois vão ter que arcar com essas consequências. Foi o que eu falei: acabar com a impunidade, então se a pessoa fez alguma coisa que não está certa, ela vai ser punida por isso, então ela vai pensar dez vezes antes de fazer, né? É o que eu estou falando: eu acredito na capacidade do ser humano de discernir, de entender, de saber o que é melhor e o que não é melhor para ele. E eu acho que regular vai sempre ser pendente para ideologia dos reguladores; não vai ser isenta.

[00:23:22] **Entrevistadora:** Tá ótimo, Ana! São essas as perguntas. Você quer acrescentar mais alguma coisa?

[00:23:28] **Entrevistada:** Não. Espero que eu tenha ajudado.

[00:23:34] **Entrevistadora:** Nossa! Ajudou muito! Tá ótimo! Muito obrigada. Quando ficar pronto o projeto - provavelmente, vai ser só no começo do ano que vem – eu entro em contato com você novamente para te enviar, tudo bem?

[00:23:46] **Entrevistada:** Tá! Você está fazendo mestrado em quê?

[00:23:48] **Entrevistadora:** Eu estou fazendo mestrado em Jornalismo e Sociedade. Eu sou jornalista.

[00:23:55] **Entrevistada:** *Uhum!* Você mora onde? Em Brasília?

[00:23: 56] **Entrevistadora:** Eu moro em Brasília. Estudo na UnB e faço na Faculdade de Comunicação de lá. Me formei lá também. Mas o projeto ainda demora um pouquinho até fazer todas as entrevistas e, depois, analisar. Mas quando tiver algum resultado, eu te encaminho, tudo bem?

[00:24:14] Entrevistada: Tá ótimo, então.

[00:24:15] Entrevistadora: Muito obrigada!

[00:24:16] Entrevistada: De nada e um bom dia para você.

[00:24:18] Entrevistadora: Para você também. Tchau, tchau!

[00:24:20] Entrevistada: Tchau, tchau!

ANEXO J2 – Entrevistado 2: Bento

[00:00:25] Entrevistado: Alô!?

[00:00:26] Entrevistadora: Bento?

[00:00:28] Entrevistado: Ele!

[00:00:29] Entrevistadora: Aqui é a Mariana. Tudo bem?

[00:00:31] Entrevistado: Tudo bem!

[00:00:32] Entrevistadora: Você está podendo falar agora?

[00:00:39] Entrevistado: Alô?

[00:00:40] Entrevistadora: Oi? Você está me ouvindo?

[00:00:42] Entrevistado: Estou!

[00:00:44] Entrevistadora: Você pode falar?

[00:00:45] Entrevistado: Posso, posso.

[00:00:48] Entrevistadora: Ah, então está bom. Bom, eu vou começar a entrevista. Eu vou gravar, tudo bem? É para ficar mais fácil a transcrição depois. Mas o seu nome não vai aparecer em momento algum. A entrevista é anônima, pode ser?

[00:01:00] Entrevistado: Só um instante.

[00:01:01] Entrevistadora: Tudo bem.

[00:01:10] Entrevistado: Pronto! Alô? Pode falar.

[00:01:11] Entrevistadora: Oi? Pode começar?

[00:01:13] Entrevistado: Pode.

[00:01:15] Entrevistadora: Tá bom. Primeiro, eu vou fazer umas perguntas gerais, bem rápidas. Qual é o estado onde você mora?

[00:01:23] Entrevistado: Meu estado é Rio Grande do Norte.

[00:01:24] Entrevistadora: A sua idade?

[00:01:26] Entrevistado: Natal.

[00:01:27] Entrevistadora: Não! A idade.

[00:01:29] Entrevistado: A idade?

[00:01:30] Entrevistadora: É.

[00:01:31] Entrevistado: 23 anos.

[00:01:32] Entrevistadora: Beleza! A sua escolaridade? Pode ser completa ou cursando.

[00:01:35] Entrevistado: Ensino Médio cursado.

[00:01:41] Entrevistadora: Tá! Você tem dispositivos de acesso à internet em casa, como computador, celulares, tablet?

[00:01:45] Entrevistado: Tenho.

[00:01:47] Entrevistadora: Beleza! Com que frequência você acessa a internet, de qualquer lugar, tanto de casa, quanto do trabalho, faculdade?

[00:01:53] Entrevistado: Toda hora!

[00:01:55] Entrevistadora: Toda hora? Então, mais de uma vez por dia, né?

[00:01:58] Entrevistado: Com certeza!

[00:02:00] Entrevistadora: Ok! Com que frequência você acessa o Facebook?

[00:02:02] Entrevistado: Todos os dias. Acho que todas as horas também.

[00:02:07] Entrevistadora: E qual meio você mais utiliza para se manter informado: jornal, rádio, TV, site de notícias, Facebook, Twitter, blog?

[00:02:15] Entrevistado: Sites de notícias.

[00:02:17] Entrevistadora: Tá bom! Você é filiado ou simpatizante de algum partido político?

[00:02:21] Entrevistado: Até o momento, não.

[00:02:24] Entrevistadora: Tá bom! Com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política no Facebook?

[00:02:31] Entrevistado: A todo instante.

[00:02:32] Entrevistadora: Agora, eu vou passar para as questões políticas mais práticas. Por que você se interessa por temáticas políticas?

[00:02:41] Entrevistado: Porque eu acho que depende da gente pra poder ter uma sociedade mais igualitária, mais democrática, mais civil. Então, você tem que estar dentro desses parâmetros e tem que estar sabendo o que está acontecendo no meio político, para fiscalizar seus governos. Eu acho que é um trabalho, realmente, muito legal.

[00:03:11] Entrevistadora: E com que tipos de posicionamentos políticos você mais se identifica: direita, centro-direita, centro, esquerda ou centro-esquerda? E por quê?

[00:03:22] Entrevistado: Assim, eu não me ligo a lado, sabe? Nem a direita nem a esquerda. Eu sou uma pessoa, digamos assim, bem centrado nos bens sociais. Se os bens sociais estiverem com a direita, bem; se estiverem com a esquerda, bem. Sendo para o bem da sociedade, é o que vale.

[00:03:45] Entrevistadora: Tudo bem! E como você procura se informar sobre o cenário político do país?

[00:03:51] Entrevistado: Desculpa! O que sobre o cenário...?

[00:03:52] Entrevistadora: Sobre o cenário político do país.

[00:03:55] Entrevistado: Através de redes sociais, através de sites de notícias, através de (?).

[00:04:02] Entrevistadora: Qual é a sua opinião sobre a forma como as notícias de política são escritas?

[00:04:10] Entrevistado: Atualmente?

[00:04:11] Entrevistadora: Sim!

[00:04:13] Entrevistado: A forma...?

[00:04:15] Entrevistadora: A forma como as notícias... Você entendeu a pergunta?

[00:04:18] Entrevistado: Não, não.

[00:04:20] Entrevistadora: Qual é a sua opinião sobre a forma como as notícias sobre política são escritas?

[00:04:28] Entrevistado: Eu acho que elas não são muito claras para a sociedade.

[00:04:32] Entrevistadora: Como assim?

[00:04:34] Entrevistado: Elas deixam a desejar na transparência. Elas informam só aquilo que acham conveniente para as pessoas e deixam a desejar na transparência, do que está por trás de tudo o que envolve a política.

[00:04:49] Entrevistadora: E seus amigos e familiares concordam com os seus posicionamentos políticos? Como o seu envolvimento com política no Facebook se reflete na sua relação com as outras pessoas?

[00:05:01] Entrevistado: Alguns amigos, que são de direita, não acham muito bom. Os de esquerda, também não, por eu não ter uma posição certa, de direita ou de esquerda, entendeu? Aí, eles sempre se posicionam contra o argumento. No entanto, eu argumento aquilo que está sendo do momento.

[00:05:27] Entrevistadora: Mas você já teve problema com alguém, de brigar, de excluir do Facebook?

[00:05:36] Entrevistado: De discutir. De discutir, já!

[00:05:39] Entrevistadora: E se resolveu depois? Agora está tudo bem?

[00:05:43] Entrevistado: Graças a Deus! Assim, é porque a gente não pode levar para o lado pessoal, né? A gente tem que viver na paz, de acordo com o que tem no nosso patamar.

[00:05:57] Entrevistadora: Agora eu vou trazer algumas questões político-ideológicas. Como você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:06:06] Entrevistado: Em relação ao mercado?

[00:06:08] Entrevistadora: Sim!

[00:06:10] Entrevistado: Assim, eu trabalho com licitação. Qual é o seu nome?

[00:06:16] Entrevistadora: Mariana.

[00:06:17] Entrevistado: Mariana, eu trabalho com licitação. O ramo que eu trabalho não é muito ligado diretamente à política, mas tem ligações; digamos que são subligações. É uma coisa de registrar contas de um projeto, uma cotação, um orçamento, mas quem controla são os políticos que estão exercendo a função. Então, no meu ponto de vista, em

relação à sociedade junto ao governo, eu acho que o modo que eles utilizam para adquirir produtos é bem incoerente; não bate com o que a sociedade quer.

[00:07:10] Entrevistadora: Por que você acha isso?

[00:07:13] Entrevistado: Porque a licitação em si – digamos assim – é [inaudível] de gerar os cargos que o gerente tem – Secretário, auxiliar de escritório. Esses cargos que funcionam nessa área de escritório e trabalham com licitação dependem desse ramo de legislações. Eu acho que eu posso designar esse ramo como escritorial-administrativo. O mercado para este ramo, através de licitações, só beneficia as empresas. A sociedade não tem espaço. É isso o que eu tenho visto.

[00:08:10] Entrevistadora: E o que você pensa sobre o Estado garantir serviços gratuitos ao cidadão, como saúde e educação?

[00:08:20] Entrevistado: Acho bom! Acho bom e tudo mais.

[00:08:24] Entrevistadora: Por que você acha que é bom?

[00:08:30] Entrevistado: O Estado investir em saúde e educação é uma ótima medida, porque depende da... está me escutando?

[00:08:37] Entrevistadora: Estou!

[00:08:41] Entrevistado: Por causa da democracia, a gente depende do governo. Então, assim, é direito da gente e obrigação deles para com nós; só que eles não exercem com total qualidade, não é isso? Eles deixam a desejar.

[00:08:56] Entrevistadora: Então você acha que as escolas públicas e o SUS são uma boa medida a ser adotada pelo Estado?

[00:09:04] Entrevistadora: Com certeza!

[00:09:06] Entrevistadora: Ok! E como o governo deve inserir socialmente os cidadãos que estão marginalizados, na sua opinião?

[00:09:13] Entrevistado: Não entendi o que você quis dizer.

[00:09:15] Entrevistadora: Como o governo deve inserir na sociedade os cidadãos que estão marginalizados?

[00:09:22] Entrevistado: Como o governo deve inserir na sociedade os cidadãos que estão afastados?

[00:09:24] Entrevistadora: Sim!

[00:09:29] Entrevistado: A marginalização acontece devido à falta de educação, né? Eles devem agir com investimento em educação, investimento em segurança, investimento em saúde. É o que falta. Eles não têm que inserir ou arranjar um modo de fazer com que os marginais se incluam na sociedade, porque eles já existem. Mas, hoje em dia, a gente tem que ver um modo de realocar ou de readequar eles ou capacitá-los ou tentar fazer com que eles se mobilizem devido às suas condições sociais.

[00:10:22] Entrevistadora: E, na sua opinião também, o que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:10:25] Entrevistado: A sua condição financeira.

[00:10:32] Entrevistadora: Só as condições financeiras?

[00:10:35] Entrevistado: A falta de oportunidade. Deixa eu ver o que mais... Tem gente que, infelizmente, já nasce sem condições, com familiares que não têm muitas condições financeiras, então, provavelmente, ele vai ser pobre também.

[00:11:02] Entrevistadora: E como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais?

[00:11:08] Entrevistado: Como eu acho que o mérito individual influencia o quê?

[00:11:12] Entrevistadora: Influencia nas conquistas pessoais.

[00:11:21] Entrevistado: O mérito individual influencia...?

[00:11:23] Entrevistadora: Eu vou ler de novo para você, tá bom? A segunda parte da pergunta: Como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas sociais e o contexto social e político? Como essas três coisas influenciam nas conquistas das pessoas: o mérito, o contexto social e o contexto político?

[00:11:48] Entrevistado: O mérito já é uma conquista, né? Eu penso assim: para você merecer aquilo, você tem que passar por todo um processo de capacitação, de trabalho, de aprendizagem. Então, o mérito é um reconhecimento, no meu ponto de vista. Então, a partir do nosso reconhecimento, a gente vai ter novas conquistas, sociais e pessoais.

[00:12:31] **Entrevistadora:** Vou passar para próxima pergunta, tá bom?

[00:12:32] **Entrevistado:** Certo.

[00:12:33] **Entrevistadora:** O que você pensa sobre o Bolsa Família?

[00:12:39] **Entrevistado:** Acho bom. É um bom projeto.

[00:12:41] **Entrevistadora:** Por quê?

[00:12:42] **Entrevistado:** É um bom projeto, mas precisa ser analisado e fiscalizado.

[00:12:46] **Entrevistadora:** Por que você acha que é um bom projeto?

[00:12:51] **Entrevistado:** Porque ele dá oportunidades para quem não tem, para aquelas pessoas que, como a gente respondeu naquela outra pergunta, nascem sem condições financeiras. Se for um projeto analisado e fiscalizado, vai dar oportunidades para um pai, para uma mãe ou para uma pessoa que não tem a condição de se estabelecer financeiramente, porque hoje em dia tudo precisa de dinheiro. Infelizmente, o mundo vive assim. Não tem uma ação social do tipo “venha, meu filho, morar comigo, que eu vou lhe bancar, vou lhe dar um estudo”. Não tem! Isso não existe.

[00:13:35] **Entrevistadora:** E por que você acha que ele precisa ser melhorado? Foi esse o termo que você usou?

[00:13:41] **Entrevistado:** Eu disse que precisa ser fiscalizado.

[00:13:47] **Entrevistadora:** Desculpa! Eu me confundi.

[00:13:50] **Entrevistado:** Porque quem controla é o governo e, atualmente, o governo é corrupto, de um modo geral. Eu não estou citando “a” ou “b”. O governo, no geral, é corrupto.

[00:14:00] **Entrevistadora:** O Estado é corrupto?

[00:14:03] **Entrevistado:** O país. O país é corrupto. O Estado não, porque não é só o estado do Rio Grande do Norte que sofre com corrupção, não.

[00:14:11] **Entrevistadora:** Você não diria “Estado” por quê?

[00:14:18] **Entrevistado:** Porque não é só o Rio Grande do Norte que sofre com corrupção.

[00:14:20] **Entrevistadora:** Ah, sim! Sim. Eu estou falando do Estado como Estado Brasileiro. É isso o que você quis dizer?

[00:14:25] **Entrevistado:** Isso! Exatamente.

[00:14:29] **Entrevistadora:** A próxima pergunta é: como você enxerga as políticas de cotas raciais e por quê?

[00:14:34] **Entrevistado:** Como eu enxergo os políticos com cotas raciais?

[00:14:41] **Entrevistadora:** “As políticas”. As políticas de cotas raciais, aquelas políticas afirmativas de cotas raciais. E por quê?

[00:14:47] **Entrevistado:** Eu acho bom! Acho bom porque, infelizmente, a gente sofre esse preconceito de racismo, discriminação por cor, por raça, por sexualidade. Existe distinção; não tem nem como argumentar sobre isso, não. É bom pelo fato de dar oportunidade para quem não tem chance, para quem não tem.

[00:15:16] **Entrevistadora:** Você vai acrescentar mais alguma coisa ou eu posso passar para próxima?

[00:15:20] **Entrevistado:** Pode passar.

[00:15:21] **Entrevistadora:** A criminalidade é um problema causado, principalmente, por qual motivo, na sua opinião?

[00:15:28] **Entrevistado:** Pela falta de educação!

[00:15:33] **Entrevistadora:** Como o Estado deve reinserir na sociedade os detentos que já cumpriram suas penas?

[00:15:39] **Entrevistado:** Botando eles pra trabalhar dentro do presídio.

[00:15:47] **Entrevistadora:** Qual é a sua opinião sobre o trabalho executado pela polícia militar no país?

[00:15:51] **Entrevistado:** Deixa a desejar.

[00:15:54] **Entrevistadora:** Por quê?

[00:15:56] **Entrevistado:** Porque a corrupção também está neles.

[00:16:03] **Entrevistadora:** E qual é sua opinião sobre o porte de armas de fogo e por quê?

[00:16:10] Entrevistado: Acho válido, porque, hoje em dia, ninguém tá brincando, ninguém tá pra brincadeira. Cheguei no Rio de Janeiro no começo do ano... Se a pessoa olhar com a cara feia pra alguém... olhar com a cara feia, não... se a pessoa olhar com a cara normal pra alguém, ele já te olha com a cara feia, lhe excomungando, lhe xingando. Então, é difícil mesmo, né? Você não espera nunca que... Eu sou uma pessoa muito calma, graças a Deus, e fico com receio de certas atitudes da humanidade. Então, eu acho que segurança própria seria interessante.

[00:16:58] Entrevistadora: E qual é a sua opinião sobre o casamento homoafetivo e por quê?

[00:17:02] Entrevistado: Sou homossexual e acho válido também, porque cada um tem o direito de ser feliz.

[00:17:13] Entrevistadora: E você acha, então, que um casal homossexual deve ter direito de adotar uma criança e por quê?

[00:17:15] Entrevistado: Com certeza! Com certeza, porque são os héteros que abandonam as crianças, e não os homossexuais. A gente está querendo fazer o bem.

[00:17:26] Entrevistadora: E como você vê o papel das mulheres na contemporaneidade?

[00:17:29] Entrevistado: Atualmente?

[00:17:32] Entrevistadora: É!

[00:17:36] Entrevistado: Rapaz, eu acho muito feminista. Elas estão muito feministas.

[00:17:42] Entrevistadora: Mas como que você enxerga o papel delas dentro da sociedade hoje?

[00:17:47] Entrevistado: Essencial!

[00:17:50] Entrevistadora: Por quê?

[00:17:51] Entrevistado: O homem sem mulher... não é porque eu sou homossexual, mas homem sem mulher, ele... não sei nem como te dizer. O papel da mulher é essencial pelo fato que ela tem delicadeza, tem o sangue diferente do homem, tem o lado diferente do que o homem tem - um lado mais social, um lado mais humanitário. Então, eu acho que seria essencial.

[00:18:20] Entrevistadora: Beleza! E como você encara a problemática do aborto?

[00:18:37] Entrevistado: Dependendo da situação, eu sou contra; dependendo da situação, eu sou a favor.

[00:18:40] Entrevistadora: Em quais situações você é a favor?

[00:18:42] Entrevistado: Se a pessoa tiver com risco de vida e tiver que escolher entre ela e o bebê, ela teria o direito de escolher se queria ou não abortar. Digamos que se em um estupro a pessoa ficasse grávida, eu acho que ela teria direito de escolher, sim.

[00:19:12] Entrevistadora: E por que você é contra nos demais casos?

[00:19:16] Entrevistado: Porque é falta de humanidade! Não é humano a pessoa matar! Eu abomino o aborto. Eu acho que é desumano, como se diz, né?

[00:19:32] Entrevistadora: E o que você pensa quando escuta alguma história sobre uma mulher que foi assediada?

[00:19:35] Entrevistado: Que foi assediada?

[00:19:37] Entrevistadora: É!

[00:19:38] Entrevistado: Eu repudio.

[00:19:43] Entrevistadora: Repudia!? Por quê?

[00:19:45] Entrevistado: Porque é um abuso, né? É contra o direito pessoal da pessoa; é contra o direito da vida social; é contra a própria humanidade um ato desses!

[00:19:59] Entrevistadora: O que você acha da ideia de regular a mídia?

[00:20:01] Entrevistado: Regular a mídia?

[00:20:02] Entrevistadora: É!

[00:20:03] Entrevistado: O que você fala é que a mídia pode falar o que quiser?

[00:20:09] Entrevistadora: Não! De regular a mídia, assim como as Agências Reguladoras fazem com outros serviços, como telecomunicações, energia...

[00:20:22] Entrevistado: A mídia que tem que se regular, porque se começar a mexer na mídia é que vai virar uma palhaçada mesmo.

[00:20:33] **Entrevistadora:** E qual é a sua opinião sobre o país receber imigrantes dos países com algum tipo de conflito?

[00:20:39] **Entrevistado:** Rapaz, Brasil é que nem coração de mãe: sempre cabe mais um. Eu já tenho muitas amizades com pessoas de fora, graças a Deus. Todos me receberam muito bem, me convidaram para morar lá. Então, a única coisa que a gente tem que fazer é acolher.

[00:21:00] **Entrevistadora:** São essas as perguntas, Bento. Você quer acrescentar mais alguma coisa?

[00:21:10] **Entrevistado:** Eu queria saber o porquê dessa...

[00:21:12] **Entrevistadora:** É o meu projeto de mestrado. Eu estou...

[00:21:18] **Entrevistado:** Eu sei dessa parte. É um projeto de mestrado... Mas eu queria saber qual é a intenção.

[00:21:20] **Entrevistadora:** Eu estou tentando traçar um perfil dos usuários do Facebook com interesse em política, dos ativistas digitais. A minha pesquisa vem desde 2013, lá das manifestações das Jornadas de Junho, acompanhando todas as manifestações desse momento político que a gente está vivendo desde 2014. O meu recorte temporal é o segundo semestre de 2014, a época pré e pós eleições presidenciais. Aí, eu fiz um levantamento de notícias nos jornais – Folha de São Paulo, O Globo, Zero Hora e Estadão –, peguei as notícias com maior quantidade de curtidas e entrei em contato com as pessoas que comentaram nessas notícias, para desenvolver minha pesquisa.

[00:22:11] **Entrevistado:** Achei muito interessante! Eu acharia bom que o governo começasse a fazer isso, porque só a sociedade sabe o que necessita, né? Pesquisa é fundamental.

[00:22:26] **Entrevistadora:** A pesquisa ainda deve demorar um tempo para ficar pronta. Eu tenho até o começo do ano que vem para defender a dissertação de mestrado, mas quando eu tiver alguma coisa concluída, eu vou repassar pra você, tá bom?

[00:22:37] **Entrevistado:** Muito bem. Fico grato.

[00:22:40] **Entrevistadora:** Eu que agradeço pela participação. Você tem mais alguma coisa a acrescentar?

[00:22:47] Entrevistado: Não! No momento, não! Se você precisar conversar mais um pouco, pode me chamar.

[00:22:50] Entrevistadora: Tá bom! Muito obrigada.

[00:22:53] Entrevistado: Igualmente. Qual é o seu nome?

[00:22:55] Entrevistadora: É Mariana.

[00:22:59] Entrevistado: Até mais, Mariana.

[00:23:00] Entrevistadora: Até mais! Tchau, tchau!

ANEXO J3 – Entrevistada: Carla

[00:00:01] **Entrevistada:** Oi, Mariana. É você? Eu vi que você me ligou e estava retornando.

[00:00:06] **Entrevistadora:** É... deu ocupado de novo. E aí? Tudo bem?

[00:00:08] **Entrevistada:** Tudo bem!

[00:00:10] **Entrevistadora:** Você tem um tempinho agora?

[00:00:12] **Entrevistada:** Sim! Pode falar.

[00:00:14] **Entrevistadora:** Não é muito demorado, não. São 15 ou 20 minutinhos, tá bom?

[00:00:17] **Entrevistada:** Tá bom! Tranquilo.

[00:00:18] **Entrevistadora:** Eu vou fazer, primeiro, umas perguntas rápidas. A sua idade?

[00:00:24] **Entrevistada:** É 25.

[00:00:28] **Entrevistadora:** Escolaridade é mestrado, cursando, né?

[00:00:31] **Entrevistada:** Isso!

[00:00:32] **Entrevistadora:** Você tem dispositivo de acesso à internet em casa: computador, celular, tablet?

[00:00:35] **Entrevistada:** Sim, sim!

[00:00:36] **Entrevistadora:** Beleza! Com que frequência você acessa a internet, de qualquer lugar?

[00:00:43] **Entrevistada:** Ah, muito! Eu não sei com que frequência. Todos os dias.

[00:00:47] **Entrevistadora:** Mais de uma vez por dia?

[00:00:48] **Entrevistada:** Mais de uma vez por dia.

[00:00:50] **Entrevistadora:** Beleza! E com que frequência você acessa o Facebook?

[00:00:53] **Entrevistada:** Mais de uma vez por dia também.

[00:00:50] **Entrevistadora:** Qual meio você mais utiliza para se manter informada: jornal, rádio, TV, sites de notícias, Facebook, Twitter ou outros?

[00:01:03] **Entrevistada:** Site de notícias, Twitter também, Facebook também. São esses três.

[00:01:12] **Entrevistadora:** Tá bom! Você é filiada ou simpatizante de algum partido político? E qual?

[00:01:18] **Entrevistada:** Não. Não sou.

[00:01:20] **Entrevistadora:** Nem simpatizante?

[00:01:21] **Entrevistada:** Nem simpatizante.

[00:01:24] **Entrevistadora:** Com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política...

[00:01:27] **Entrevistada:** Oi? Desculpa! Não ouvi a última.

[00:01:30] **Entrevistadora:** Com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política no Facebook?

[00:01:35] **Entrevistada:** Difícil a pergunta. Eu acho que – sei lá – uma vez por semana.

[00:01:44] **Entrevistadora:** Uma vez por semana?

[00:01:46] **Entrevistada:** É! Acho que por aí. Não é uma coisa que eu compartilho sempre, mas...

[00:01:51] **Entrevistadora:** De vez em quando, né?

[00:01:52] **Entrevistada:** É, de vez em quando.

[00:01:53] **Entrevistadora:** Tá bom. Agora, eu vou passar para as questões políticas mais práticas. Por que você se interessa por temáticas políticas?

[00:02:01] **Entrevistada:** Bom, eu acho que para entender melhor e para poder contextualizar minha opinião, porque, como eu disse, eu não sou filiada a nenhum partido nem sou simpatizante. Eu tenho uma tendência mais esquerdista, mas eu gosto de comentar para ver o que as pessoas falam também sobre...

[00:02:24] **Entrevistadora:** Sobre o que?

[00:02:26] **Entrevistada:** Começa a chegar nas minhas notificações o que as pessoas comentaram. Aí, eu acho que pode haver um diálogo, entendeu?

[00:02:34] **Entrevistadora:** *Uhum!* Minha próxima pergunta era “com que tipo de posicionamento político você mais se identifica?”. Você disse que está mais à esquerda, né?

[00:02:42] **Entrevistada:** Isso!

[00:02:44] **Entrevistadora:** Mais centro-esquerda? Esquerda?

[00:02:45] **Entrevistada:** Centro-esquerda, centro-esquerda!

[00:02:47] **Entrevistadora:** E por quê?

[00:02:48] **Entrevistada:** Bom, eu me identifico com as pautas de esquerda, que não são só pautas econômicas; são pautas relacionadas também às políticas públicas, em relação às minorias etc. É mais esse viés. Eu me identifico com essas pautas e eu apoio essas pautas. Mas eu também não gosto do extremismo, porque, justamente, eu acho que quando a coisa fica muito extrema, a gente não consegue avançar, entende? Essa é a minha opinião.

[00:03:23] **Entrevistadora:** O que você chama de “extremismo”?

[00:03:24] **Entrevistada:** Às vezes, eu acho que tem uma esquerda que não quer dialogar com as pessoas que não concordam com ela; você quer excluir as pessoas que não concordam com você. Você tem que mostrar para elas por que aquilo seria melhor, entendeu?

[00:03:51] **Entrevistadora:** A ligação está cortando um pouquinho. Você pode repetir sua última frase?

[00:03:54] **Entrevistada:** Então, eu falei que eu chamo de extrema-esquerda a esquerda que exclui o resto da comunidade do diálogo. Apesar de eu me identificar com a pauta da esquerda, eu penso que a gente, para conseguir uma política cidadã, tem que estar aberto ao diálogo. Eu acho que quando a gente exclui os outros por não concordarem com a gente, fica difícil a gente construir alguma coisa junto, entendeu? [00:04:26 a 00:04:31] **cortou...** e, ao invés de a gente querer conversar com essas pessoas que não concordam com a gente, a esquerda [00:04:39 a 00:04:42] **cortou.**

[00:04:44] **Entrevistadora:** Como você procura se informar sobre o cenário político do país?

[00:04:47] **Entrevistada:** Bom, pela internet mesmo, em sites de acesso livre. Alguns sites colocam limites, tipo a *Folha*, que só pode ver dez matérias por dia, eu acho. É isso? Por mês, não sei.

[00:05:10] **Entrevistadora:** É por mês. São dez por mês.

[00:05:12] **Entrevistada:** É por mês. E pelo site, como Twitter. O que mais? Eu ia falar mais alguma coisa, mas eu me esqueci agora.

[00:05:29] **Entrevistadora:** Você procura blogs também?

[00:05:31] **Entrevistada:** Sim! Blogs! Tem aquele da *Socialista Morena*, que eu sigo ela também no Twitter. Enfim, tem alguns blogs que eu visito.

[00:05:45] **Entrevistadora:** Beleza! E qual é a sua opinião sobre a forma como as notícias sobre política são escritas?

[00:05:52] **Entrevistada:** Caramba! Essa pergunta é difícil. Então, depende da mídia, do veículo em que ela está sendo veiculada. Por exemplo: eu tenho tentando me informar, como eu falei, pelos blogs etc, mas também tem outros veículos que não são ligados aos veículos hegemônicos, como agências e rádios investigativas e tal. Então, eu acho que, nesses espaços, é de uma forma mais interessante, porque a gente consegue ver o contexto. Mas, na grande mídia em geral, eu acho que falta um pouco contextualizar as informações. Então, *acho bem sensacionalista a mídia hegemônica – Folha, Estadão, O Globo*. Mas aí eu procuro outras alternativas, sei lá. Agora, principalmente, imprensa internacional era o que eu estava lendo mais – *BBC, El Pais* e, aqui no Brasil, a *Pública* também. São sites que eu gosto de ler notícias sobre política, porque contextualizam mais a situação e outros sites, outros veículos, não fazem isso.

[00:07:21] **Entrevistadora:** Beleza! Seus amigos e familiares concordam com os seus posicionamentos?

[00:07:27] **Entrevistada:** Os meus amigos, sim, né? Estudaram na universidade pública, né? Então, tiveram o direcionamento da comunicação. É difícil que as pessoas que são reacionárias façam, eu acho. Mas na minha família, não. Na minha família, a galera é bem “reaça”, inclusive meu pai assina a *Veja* e concorda com tudo o que está escrito lá. É bem

típica classe média. Aí, é difícil conversar, mas a gente tenta. Os familiares, não, mas os amigos concordam com os meus posicionamentos.

[00:08:09] Entrevistadora: E como você acha que esse seu envolvimento com política no Facebook se reflete na sua relação com as outras pessoas, no geral?

[00:08:16] Entrevistada: Então, justamente, eu parei um pouco de comentar. Antes, eu comentava até mais. Mas eu parei um pouco de comentar, porque é o que eu falei que discordava da extrema esquerda. Também, eu acho que os extremos são assim: eles não querem dialogar. Então, eu ficava sem poder conversar com os amigos ou, então, com os pais, por exemplo, porque, como eu falei, eu sou centro-esquerda. Nas eleições que tiveram ano passado – eu não tenho orgulho de falar isso...

[00:08:55] Entrevistadora: Em 2014?

[00:08:56] Entrevistada: É, em 2014. Olha só: no primeiro turno, eu votei na...

[00:09:09] Entrevistadora: Na Marina?

[00:09:10] Entrevistada: Na Marina, não. Na...

[00:09:11] Entrevistadora: Na Luciana Genro?

[00:09:12] Entrevistada: Na Luciana Genro! Vive fugindo o nome dela. Eu ia falar “na candidata do PSOL”. E, no segundo turno, no Aécio. Eu me arrependi de ter feito isso, mas, no momento, fazia algum sentido para mim, entendeu?

[00:09:27] Entrevistadora: Por que fez sentido para você, à época?

[00:09:29] Entrevistada: Eu não sei exatamente assim, mas eu achava que... Ah, eu não sei. No contexto, a argumentação dele, para mim, foi melhor, entendeu? Mas, depois que as coisas foram passando, eu fui vendo que nada a ver o que eu estava pensando naquela época. Enfim! Mas, por ter feito isso, eu fui muito hostilizada pelos meus amigos, entendeu? E, agora, que eu adotei um posicionamento, por exemplo, contra o impeachment – porque eu acho que, realmente, é golpe, porque as coisas não são legítimas do jeito que estão acontecendo -, meus pais acham que eu sou “petralha”, entendeu? Então, eu acho muito difícil. Eu nem lembro qual foi a pergunta que você fez. Eu estou rodeando, mil vezes. Que pergunta você fez?

[00:10:17] Entrevistadora: Oi?

[00:10:19] Entrevistada: Qual foi a pergunta que você fez? Como isso influencia...?

[00:10:22] Entrevistadora: Como isso influencia nas suas relações com as pessoas, na sua interação?

[00:10:31] Entrevistada: Ah, então, prejudica um pouco, eu acho. Até por isso, eu deixo de comentar sobre política.

[00:10:38] Entrevistadora: Prejudica tanto para um lado quanto para o outro, né?

[00:10:40] Entrevistada: Exatamente! Eu acho que começa a criar alguns rótulos e as pessoas, normalmente, pessoalizam muito, né? “Pessoalizam” porque é só um lado da pessoa. Enfim, essa é a minha opinião.

[00:10:56] Entrevistadora: Beleza! Agora, eu vou passar para as questões político-ideológicas. Como você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:11:07] Entrevistada: Eu acho que devem haver políticas de subsídios, mas em determinados meios. Por exemplo, agora foi extinto o Ministério da Cultura, né? Aí, muitas pessoas ficam falando: “Ah, mas se a cultura – os direitistas – fosse realmente boa, não precisava de incentivo do Estado”, como se isso pudesse ser tipo um mercado também – a gente até fala Mercado Cultural e tal. Mas eu acho que a gente, no Brasil, não tem esse hábito de cultura de valorizar o que é nosso. Então, eu acho que precisa de incentivo. Então, aí o Estado está terceirizando para o mercado. Da mesma forma, precisa de...

[00:12:06] Entrevistadora: Precisa de quê?

[00:12:09] Entrevistada: Precisa de incentivo, para subsidiar os agricultores de pequeno porte ou, então, de alimentação de produtos orgânicos, por exemplo. Então, eu acho que é válida essa intervenção, mas não toda, porque também não acho que a gente deva ficar completamente dependente do Estado, ou seja, em cima do muro. Eu sou diplomática. Deu para entender mais ou menos?

[00:12:40] Entrevistadora: Deu para entender, sim. E o que você pensa sobre o Estado garantir serviços gratuitos aos cidadãos, como saúde e educação?

[00:12:49] Entrevistada: Ah, sim! Concordo, porque eu acho que são direitos básicos, direitos que estão na Constituição, então todos têm de ter isso, né? Não tem como colocar isso sob a responsabilidade da pessoa. Tem que ser provido pelo Estado, sim.

[00:13:07] **Entrevistadora:** Beleza! E, para você, como o governo deve inserir socialmente os cidadãos que estão marginalizados?

[00:13:14] **Entrevistada:** Nossa! Essa pergunta é muito complicada. Ai, meu Deus! Eu não sei responder essa pergunta, gente.

[00:13:25] **Entrevistadora:** Você quer pular?

[00:13:26] **Entrevistada:** Quero pular. Essa pergunta é de candidato a presidente. Eu não sei. Pode pular?

[00:13:33] **Entrevistadora:** Pode pular!

[00:13:34] **Entrevistada:** Ah tá! Desculpa? É que, realmente...

[00:13:39] **Entrevistadora:** Tudo bem. Próxima pergunta: na sua opinião, o que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:13:42] **Entrevistada:** Bom, eu acho que, no nosso país – ou na maioria dos países – é a falta de condições estruturais mesmo. Aqui, no Brasil, a gente veio de um sistema escravocrata etc – tanto que a gente vê que as pessoas mais pobres são, normalmente, as pessoas negras. Então, acho que tem todo um contexto histórico, um contexto estrutural, social. Não acredito na tal da meritocracia. Acho que ela não é válida nesses aspectos que a gente vive. Talvez no mundo ideal, sim, mas a gente não vive no mundo ideal, não é?

[00:14:31] **Entrevistadora:** Essa era a minha próxima pergunta: como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais? E como o contexto social e político influenciam? Acho que você já respondeu.

[00:14:45] **Entrevistada:** Acho que eu já respondi, mais ou menos, né? Dá para englobar as duas perguntas naquela resposta?

[00:14:51] **Entrevistadora:** Dá, sim. E o que você pensa sobre o Bolsa Família?

[00:14:56] **Entrevistada:** Acho que é necessário...

[00:14:58] **Entrevistadora:** Alô?

[00:15:04] **Entrevistada:** Oi? Você está me ouvindo?

[00:15:06] **Entrevistadora:** Estou. É porque, de vez em quando, corta um pouco a ligação.

[00:15:11] Entrevistada: Eu acho necessário, porém tem que ser bem – como se diz? – fiscalizado e ter...

[00:15:28] Entrevistadora: Ter o quê?

[00:15:29] Entrevistada: Eu estou falando de gente que não precisava e recebe várias e também crianças que não estavam na escola. Então, tem que ser de uma forma efetiva, porque... Eu acho que muitos programas, no Brasil, são programas bons, mas não acontecem de forma efetiva. Eu acho que existe esse problema de forma geral – não só em relação ao Bolsa Família -, mas em relação a várias coisas.

[00:15:57] Entrevistadora: Quais as demais?

[00:16:58] Entrevistada: Como, por exemplo, o SUS. Eu estava conversando com uma amiga minha da Farmácia e ela disse que é um programa perfeito, mas não é efetivo na prática, entende? Ele é perfeito teoricamente, a forma como ele deveria funcionar é perfeita, mas, por questões de desvio de recursos ou questões burocráticas, ele acaba se tornando um programa ruim; não pela ideia em si, não por falta de planejamento, mas como ele é colocado em prática.

[00:16:28] Entrevistadora: E como você enxerga as políticas de cotas raciais?

[00:16:34] Entrevistada: Eu acho que as pessoas que criticam não entenderam ainda – não estou chamando elas de burras – para que servem as cotas, porque os argumentos contrários são sempre os mesmos: dizem que, na verdade, é mais discriminação; que deveriam ter cotas só sociais, já que é em relação às pessoas que não tiveram oportunidades. Elas não entendem o conceito de representatividade, que eu acho que é o principal motivo pelo qual elas existem, que é você poder ver uma pessoa entrando dentro da universidade e não achar que ela é faxineira, por exemplo. Conseguir vê-la na sala de aula: eu acho que tem mais a ver com isso. As pessoas não entenderam ainda.

[00:17:27] Entrevistadora: E, na sua opinião, a criminalidade é um problema causado principalmente por qual motivo?

[00:17:35] Entrevistada: Desigualdade social!

[00:17:37] Entrevistadora: E como você acredita que o Estado deve combater a criminalidade?

[00:17:41] **Entrevistada:** Então, com esses programas de políticas públicas, né? Por exemplo, a própria democratização do acesso à educação, à cultura, Bolsa Família, as cotas mesmo. Eu acho que tem tudo a ver com isso.

[00:18:05] **Entrevistadora:** E como que você acha que o Estado deve reinserir na sociedade os detentos que já cumpriram suas penas?

[00:18:17] **Entrevistada:** É muito difícil. Eu não sei responder essa pergunta, não.

[00:18:22] **Entrevistadora:** Nem uma ideia?

[00:18:23] **Entrevistada:** Ai! Eu não sei. Eu acho que, nas cadeias... algumas cadeias têm cursos etc. Eu acho que talvez podia ter um agenciamento.

[00:18:37] **Entrevistadora:** Inclusive, aqui em Brasília tem.

[00:18:39] **Entrevistada:** Ah é? Pois é! Espera aí. Só um minuto. Oi?

[00:18:47] **Entrevistadora:** Oi!

[00:18:48] **Entrevistada:** Então, além dessas oficinas de trabalho dentro das penitenciárias, podia haver um agenciamento, para quando os detentos saíssem já saíssem empregados ou com alguma perspectiva de emprego.

[00:19:10] **Entrevistadora:** Beleza! Deixa eu ver a próxima. Qual é sua opinião sobre o porte de armas de fogo? E por quê?

[00:19:16] **Entrevistada:** Ah, eu sou contra, porque eu acho que isso incentiva aquela máquina de fazer justiça com as próprias mãos e eu não acho isso certo, porque a gente tem o sistema jurídico para julgar as pessoas. A gente é civilizado; a gente não é animal. Então, eu acho que porte de arma facilita isso e eu não concordo com isso.

[00:19:48] **Entrevistadora:** E o que você acha sobre o casamento homoafetivo?

[00:19:53] **Entrevistada:** Acho que as pessoas têm que fazer o que elas quiserem. Eu já acho que casamento é uma ideia errada, entende? Mas se as pessoas quiserem casar, elas podem casar com quem elas quiserem.

[00:20:10] **Entrevistadora:** Por que você acha que casamento é uma ideia errada?

[00:20:12] **Entrevistada:** Porque é uma instituição meio falida já, o casamento. Porque eu acho que é uma ideia que vem de muito tempo e a gente está – pelo menos, a nossa Pós-

Modernidade, ou sei lá como chamam esse tempo – vendo que não está dando certo, né? As pessoas estão se separando e estão formando outros tipos de relações. Mas eu acho que, se as pessoas querem casar, independente do sexo, que façam. Não tem problema, não. Eu não tenho problema com isso.

[00:20:55] Entrevistadora: Então você acha que um casal homossexual deve ter direito de adotar uma criança?

[00:20:59] Entrevistada: Sim!

[00:21:01] Entrevistadora: E como você vê o papel das mulheres na contemporaneidade?

[00:21:07] Entrevistada: Eu acho que a gente está passando, agora, por uma “terceira onda feminista”, né? E as mulheres estão ganhando espaço, um espaço que já era de direito delas, mas que elas não tinham. Isso influencia nas pautas políticas também e nas formas de gerir e enxergar o mundo também, de alguma forma. Eu não sei, mas eu acho que é por aí. Muitas vezes, não se pensava em algumas coisas e, agora, estão se pensando, porque as mulheres estão mais na vida pública, mais nas universidades, participando mais das coisas.

[00:21:46] Entrevistadora: E como você encara a problemática do aborto?

[00:21:51] Entrevistada: Eu acho que, independente de questões religiosas, é um tema de saúde pública, né? Porque várias mulheres morrem por causa de aborto, então acho que tem que ser levado como um problema de saúde pública; não como um problema religioso ou nada disso.

[00:22:15] Entrevistadora: E o que você pensa quando você escuta alguma história sobre alguma mulher que foi assediada?

[00:22:20] Entrevistada: Eu penso que a gente tem que melhorar muito, porque, muitas vezes, os homens assediam e eles nem sabem o que estão fazendo. É justamente aquilo que eu estava falando no começo: não é ter raiva do outro porque tem um posicionamento diferente do seu, mas, nesse caso, é um posicionamento errado, então você tem que conversar, tentar... Às vezes, a gente fica pensando que as pessoas são monstros, mas tem todo um contexto também. A gente tem que pensar que a pessoa foi criada numa sociedade machista, com pai machista etc etc, e às vezes reproduz aquilo. Claro que eu fico com raiva do assediador, quando alguma mulher fala que foi assediada, mas dá mais força para a

gente continuar com o nosso discurso feminista e dialogar com os homens e com as mulheres que ainda não participam dele.

[00:23:32] Entrevistadora: Beleza! E qual é sua opinião sobre o país receber imigrantes de países com algum tipo de conflito?

[00:24:38] Entrevistada: Eu acho que é válido também, porque, no mundo que a gente está, a gente precisa se ajudar, né? Eu sou meio budista, aí eu acho que essa coisa de fronteira é uma coisa... Precisa ter, como eu falei, organização e planejamento, para essas coisas darem certo. Não precisa ser oba-oba, mas para ajudar outras pessoas. Eu penso assim! A gente vive em comunidade, né?

[00:24:15] Entrevistadora: E o que você acha da regulação da mídia?

[00:24:19] Entrevistada: Acho certo, porque a gente sabe que aqui, no Brasil, muitos políticos são donos de empresas de comunicação, então isso influencia bastante na linha editorial dos veículos. E, também, em relação à Internet... a questão da democratização da Internet e da Comunicação, como um todo, para a gente poder ter outros veículos e outras mídias e para que as pessoas possam ser produtoras também e não ficarem só recebendo e tal. Então, eu acho que a regulamentação ia ajudar em tudo isso, principalmente na democratização da comunicação.

[00:25:04] Entrevistadora: São essas as perguntas. Você tem mais alguma coisa a dizer?

[00:25:09] Entrevistada: Não, não! Eu só pulei uma, né? Desculpa!? Não vai atrapalhar o seu trabalho?

[00:25:14] Entrevistadora: Não, não vai, não. Você quer voltar nela?

[00:25:16] Entrevistada: Não, não quero, não.

[00:25:18] Entrevistadora: Então, está bom!

[00:25:20] Entrevistada: Então tá! Boa sorte. É sobre o quê? É seu mestrado?

[00:25:21] Entrevistadora: É uma dissertação. Na verdade, a minha proposta inicial era traçar um perfil do público do Facebook que comenta, curte e compartilha notícias. Aí, eu fiz um levantamento, separei oito notícias de quatro jornais. Aí, eu comecei a entrar em contato com todas as pessoas.

[00:25:52] Entrevistada: Nossa! Que trabalhadeira, hein!?

[00:25:53] Entrevistadora: É! Mas não são todas mesmo. Primeiro, eu fiz umas planilhas do Excel, para comparar as pessoas que estavam comentando em duas ou mais notícias. Como a responsividade é muito baixa, eu comecei a mandar para todo mundo, porque eu preciso de poucas pessoas, mas, mesmo assim, elas não são muito ativas. Isso já diz muito para a minha pesquisa, na verdade, porque já mostra que as pessoas são ativistas digitais, mas até certo ponto.

[00:26:25] Entrevistada: Entendi!

[00:26:26] Entrevistadora: É mais nesse sentido!

[00:26:28] Entrevistada: Boa sorte para você.

[00:26:29] Entrevistadora: Obrigada! Para você também.

[00:26:30] Entrevistada: Então tá. Beijo.

[00:26:32] Entrevistadora: Beijo! Até mais.

[00:26:33] Entrevistada: Tchau!

[00:26:34] Entrevistadora: Tchau, tchau!

ANEXO J4 – Entrevistado: Dênis

[00:00:09] Entrevistadora: Alô?

[00:00:10] Entrevistado: Alô!

[00:00:11] Entrevistadora: Dênis?

[00:00:14] Entrevistado: Diga.

[00:00:15] Entrevistadora: Oi! Aqui é Mariana. Tudo bem?

[00:00:18] Entrevistado: Oi. Boa noite!

[00:00:19] Entrevistadora: Boa noite! Você está me ouvindo direitinho?

[00:00:23] Entrevistado: Estou, estou!

[00:00:24] Entrevistadora: Você pode falar agora?

[00:00:25] Entrevistado: Posso.

[00:00:27] Entrevistadora: Então, tá bom! Eu vou gravar a entrevista, só para facilitar a transcrição depois, mas o seu nome não vai aparecer em momento algum, tá bom? É anônima, tudo bem?

[00:00:44] Entrevistado: Tudo! Mas qual é o objetivo da sua entrevista?

[00:00:45] Entrevistadora: É para um projeto de mestrado, para a minha dissertação de mestrado. Eu estou tentando traçar o perfil das pessoas que curtem, comentam e compartilham notícias sobre política no Facebook, para tentar entender melhor como é o ativismo digital dessas pessoas, dentro e fora da internet.

[00:01:06] Entrevistado: Tá certo!

[00:01:07] Entrevistadora: Eu vou começar com algumas perguntas gerais. Em que estado você mora?

[00:01:09] Entrevistado: Minas Gerais.

[00:01:11] Entrevistadora: Qual é a sua idade?

[00:01:15] Entrevistado: Eu tenho 36 anos.

[00:01:17] **Entrevistadora:** Escolaridade? Pode ser completa ou cursando.

[00:01:22] **Entrevistado:** Terceiro grau completo.

[00:01:24] **Entrevistadora:** Você tem dispositivos de acesso à internet em casa (computadores, celulares, tablets)?

[00:01:31] **Entrevistado:** Tenho.

[00:01:32] **Entrevistadora:** Tem, certo?

[00:01:33] **Entrevistado:** Certo!

[00:01:34] **Entrevistadora:** Com que frequência você acessa a internet, de qualquer lugar?

[00:01:38] **Entrevistado:** Em qualquer lugar que tenha acesso à internet, eu vivo com Internet ligada.

[00:01:48] **Entrevistadora:** Então, é mais de uma vez por dia, né?

[00:01:51] **Entrevistado:** Acho que 24 horas por dia, pelo menos.

[00:01:52] **Entrevistadora:** Então, tá bom. E com que frequência você acessa o Facebook?

[00:01:58] **Entrevistado:** O Facebook, eu também sou ligado direto.

[00:02:04] **Entrevistadora:** Qual meio você mais utiliza para se manter informada: jornal, rádio, TV, sites de notícias, Facebook, Twitter, blog ou outros?

[00:02:16] **Entrevistado:** Geralmente, quando eu me levanto, eu ligo a TV e boto no jornal. Depois, eu saio e tomo café. Então, quando eu não estou na estrada, viajando, visitando cliente, eu estou com acesso à internet. E só coloco no rádio, algum programa, sites. Na hora do almoço, eu também consigo acessar um jornal. Durante a noite também, eu costumo ver jornais.

[00:02:38] **Entrevistadora:** Então, você usa mais a televisão, o rádio e o jornal impresso mesmo? Ou os portais de notícias?

[00:02:47] **Entrevistado:** Não! Os sites.

[00:02:48] **Entrevistadora:** Ah tá! Os sites de notícias. Você é filiado ou simpatizante de algum partido político? Qual?

[00:02:55] **Entrevistado:** Não. Eu não sou filiado.

[00:02:59] **Entrevistadora:** E nem é simpatizante?

[00:03:02] **Entrevistado:** Não. Também não.

[00:03:05] **Entrevistadora:** Com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política no Facebook?

[00:03:10] **Entrevistado:** Ah, pelo menos, de umas três a cinco notícias por dia.

[00:03:16] **Entrevistadora:** Por dia?

[00:03:18] **Entrevistado:** É.

[00:03:20] **Entrevistadora:** É frequente, então, né? Bem frequente. Agora, eu vou passar para as questões políticas mais práticas. Por que você se interessa por temáticas políticas?

[00:03:30] **Entrevistado:** Porque é desleal o modo como a política é tratada no Brasil e pelo seu povo...

[00:03:36] **Entrevistadora:** Por que o quê? Desculpa! A ligação cortou um pouco.

[00:03:38] **Entrevistado:** Porque é desleal o modo como a política é tratada no país, pelo seu povo, entendeu? Eu acho que o problema é conquistar e lutar pelo o que já faz.

[00:03:51] **Entrevistadora:** E com que tipos de posicionamentos políticos você mais se identifica: direita, centro-direita, centro, esquerda, centro-esquerda? E por quê?

[00:04:03] **Entrevistado:** Olha, hoje, no país, a gente vê que não tem uma política central, uma política de esquerda ou uma política de direita, porque a gente vê que está todo mundo envolvido nesse mar de lama, né? A gente vê que todos os partidos, “a”, “b” ou “c” estão envolvidos, mas é óbvio que um partido ou outro se destaca no meio da corrupção. Então, a gente fica indignado com o que a gente vê. Eu não tenho posicionamento nenhum. Eu só não sou a favor do comunismo! Eu sou a favor da democracia; eu sou a favor do que está na Constituição, entendeu?

[00:04:47] **Entrevistadora:** E como você procura se informar sobre o cenário político do país? Do mesmo jeito que você acessa as notícias ou você procura mais algum canal, como blogs?

[00:05:00] Entrevistado: Não. Na verdade, eu tenho acesso de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Além de eu viajar muito pelo país, eu tenho contato comercial no Sul, em Santa Catarina, eu tenho contato em São Paulo, Minas Gerais. Eu tenho amigos do estado do Pará, como do Maranhão, Rondônia, Mato Grosso, Amazonas. Então, através disso daí, a gente vai sabendo o que está acontecendo. Além de amigos que a gente conversa no dia a dia, para saber como anda a política e o mercado, a gente tem acesso à mídia. Mas a mídia, a gente não pode ouvir 100% o que ela fala. Não pode acreditar na mídia. Tudo o que eles falam não tem coerência.

[00:06:18] Entrevistadora: Oi. Alô?

[00:06:20] Entrevistado: Através da informação, a gente tem outros contatos, como empresários, com autônomo. Eu procuro conversar, quando eu viajo, com desde uma pessoa que tem um cargo mais baixo até com o do mais alto da empresa, entendeu? É curiosidade mesmo, para saber o que está acontecendo com a população. Não tem nada demais, não.

[00:06:46] Entrevistadora: E qual é a sua opinião sobre a forma como as notícias sobre política são escritas?

[00:06:53] Entrevistado: Como eu te disse, a gente não pode acreditar totalmente só na mídia, né? A mídia é tão corrupta quanto a política hoje. Tudo é comprado, né? Então, é assim: a gente tem alguns pontos e procura saber se, de fato, tem fundamento. Aconteceu há 10 dias, a história daquela menina que foi estuprada. Até agora, a mídia deu uma porrada de coisas, mas o fundamento mesmo aconteceu o seguinte: o órgão de Corpo e Delito diz que ela não foi violentada. Mas ninguém mostra se foi ou não. Na política, também acontece isso. É muita coisa comprada. A gente vê o exemplo do Maranhão, do Pará. A gente sabe o que acontece naquelas regiões, mas a TV, os jornais, os sites, eles querem mostrar outra coisa. Então, às vezes, o povo brasileiro do interior do Brasil que é muito velho, eles não têm informação como de fato deveria ser transmitida. Então, muita gente acha... 90% da população acredita no que a TV mostra. O pessoal não sabe o que acontece de verdade no País, entendeu?

[00:08:27] Entrevistadora: Entendi! E os seus amigos e familiares concordam com os seus posicionamentos? Como o seu envolvimento com política no Facebook se reflete na sua relação com as outras pessoas?

[00:08:40] Entrevistado: Eu, particularmente, gosto muito de falar de política, apesar que eu não tenho uma formação acadêmica para isso, mas isso não é problema nosso, porque nós tivemos um ex-presidente e uma ex-presidenta – como ela gosta de falar -, todos os dois mais analfabetos que não sabem nem conversar, né? Então, com relação à política, qualquer um pode falar de política, desde que tenha coerência. A família da minha vó também é muito ligada nisso daí, entendeu? Eles têm professora, um trabalho puxado. Tenho uns irmãos que moram fora do estado. Eu tenho família para todo lado também. Então, a gente acaba conversando para saber o que está acontecendo. A gente tem que entender que, hoje, o país não consegue sair do lugar que ele está, entendeu? Então, a gente acaba se dando bem com relação a isso daí. Eu acho que um ou outro se interessa pelo assunto no seu nicho de amizade, no trabalho, no seu bairro, e acaba falando de política. Então, eu acho que está na boca do povo. A gente quer falar sobre isso, procurar entender o que vai ser e o que vai acontecer.

[00:10:02] Entrevistadora: Então você nunca chegou a discutir com ninguém, a ter problema com ninguém no Facebook por causa de política?

[00:10:10] Entrevistado: Olha, eu já tive problema... eu não digo problema; foi uma falta de compatibilidade, porque chegou a opinião, isso há uns dois ou três anos... eu tinha dado minha opinião sobre o que está acontecendo no país hoje. A professora, que é uma amiga minha, discordou da minha opinião. Ela discordou e me excluiu do Facebook. Tudo bem! Eu nunca mais falei sobre isso também.

[00:10:44] Entrevistadora: Vocês nunca mais se falaram?

[00:10:46] Entrevistado: Não nos falamos mais. Era uma pessoa que era até gente da minha. Mas foi na emoção só porque eu falei de um fato de um deputado de Minas Gerais que aconteceu agora, tanto no governo Dilma, no governo Lula. Então, eu acho assim: política, você não pode achar, senão você vai se ofender por qualquer tipo de coisa. Você tem que plantar para você colher. O que aconteceu lá atrás? Aconteceu que o governo do Fernando Henrique não foi bom, mas ele teve um projeto, mas faltou apoio a longo prazo. Se você não cuidar daquela plantação, para que ela possa renovar seus frutos, o que vai acontecer? Vai acabar e acabou. Política acabou! Não tem grana, não tem projeto. Aconteceu que nós estamos desse jeito que o país está hoje. O povo está descredenciado!

[00:11:51] Entrevistadora: Agora, Dênis, eu vou passar para algumas questões político-ideológicas. Como que você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:11:58] Entrevistado: Eu tenho acesso a um monte de lugar, como eu te falei. Eu tenho acesso ao Sul, São Paulo, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Amazônia. Eu trabalho com londrinos de construção civil, entendeu? Então, nós estamos sofrendo horrores. E eu tenho amigos que chegaram no meio do caminho e fecharam as portas, porque é muita burocracia, a carga tributária sufoca, o retorno é pouco, a fiscalização é muita. Os caras todos fecharam as portas porque estavam trabalhando para sustentar só aluguel. É pouco, entendeu? Tem muita gente no meu negócio que é rico, que tem dinheiro, mas estão atolados em dívidas. Os caras têm dinheiro, mas tem que comprar cotas e foi diminuído ali um quarto da produção para manter. Aí, falam: “vamos esperar”. Agora, aconteceu que nós estamos chegando na etapa má da resseção que é como a gente fala “tirando do almoço para comer na janta”, porque todo mundo já fechou. E se não melhorar, até o final do ano, vão acabar de fechar. O país vai entrar em uma resseção muito maior do que a que está em vigor, porque aquelas empresas que fecharam no ano passado e aqueles funcionários que acabaram de receber seu seguro-desemprego, essas empresas não estão mais pagando. Não tem dinheiro. Nós vamos entrar nos acordos dos desesperados e não sei o quê. Vai para o crime já.

[00:14:02] Entrevistadora: Mas você acha que o Estado tem que atuar em relação ao mercado, tem que interferir, ou você acha que o mercado tem que ser livre?

[00:14:16] Entrevistado: O Estado tem que interferir da mesma forma que interferiu na Petrobrás. O Brasil é um dos poucos países que a rede de combustível não segue o mercado internacional. Isso aí acabou com o país. Eu ia dar graças a Deus se for privatizada uma companhia, como a Vale do Rio Doce que fechou, acho, 300% e está funcionando, tem gente aqui agora. Agora, a Petrobras seguia o Estado; o Estado arrebentou e aconteceu o que aconteceu. Essas grandes obras, esses canteiros de obras que ocorrem no Belo Monte, que os mesmos que estão na Lava-Jato estão lá dentro para roubar. O povo não tem noção do dinheiro jogado fora lá. Jogado fora, não; foi desviado mesmo! Eles não têm noção. Na hora que cair uma Lava-Jato da vida lá dentro – que já está lá dentro, começando, mas está no começo ainda, porque as operações são por parte, mas vai chegar lá -, é um buraco muito fundo. Mas o mercado brasileiro levou tudo do

governo, recebe do governo. Você não tem confiança no mercado, então como que você vai investir se você não sabe o que vai acontecer amanhã com o Banco Central, o que vai acontecer com o Mercado, em geral? Tem umas pessoas que acham que participando de consórcio, quem tem dinheiro, simplesmente sai e compra as coisas, e vai embora para a Europa e vai embora para os Estados Unidos também.

[00:16:01] Entrevistadora: E o que você pensa sobre o Estado garantir serviços gratuitos para os cidadãos, como saúde e educação?

[00:16:08] Entrevistado: Saúde e educação são coisas que não funcionam. Hoje, o país, para você ter uma ideia, nem plano de saúde funciona. Ele não respeita ninguém, entendeu? Graças a Deus, eu tenho condição de ter um plano de saúde. Se eu não pego um plano de saúde com preço maneiro, o jeito é roubar, é empurrar com a barriga, porque eles cobram um preço absurdo. Então, quem depende do SUS é punido. Eu moro ali na saída de BH para quem vai para Brasília. Uma vizinha passou mal lá e ela não tem plano de saúde, ela quase morreu. Ela foi levada às pressas para o hospital que ficava 25 quilômetros de lá e foi por causa de um político. Não tem nenhum hospital que tem médico de plantão nem médico no final de semana.

[00:17:26] Entrevistadora: Nem o hospital público tem médico de plantão?

[00:17:30] Entrevistado: Nem hospital público! Assim que ela chegou lá, sabe o que a ambulância faz? Traz a mulher, pegou a mulher pelo braço, leva não-sei-quem para ali. Então, igual acontece ali, acontece em todo lugar. A saúde do país está ferrada, está ferrada. Saúde, educação, segurança, essas prioridades que tinham que existir, não tem. Se você compra um carro para viajar, se você não passar com o carro no pedaço que tem segurança, você não tem. Até os empresários que transportam a soja e qualquer tipo de produto, se ele cai em um ponto desse daí, ele está ferrado. O país não tem nada; o país está sucateado. Dinheiro tem. Você pode ter certeza que dinheiro tem, mas eu gasto com o meu, né? Isso é como todos. Ninguém sabe para onde foi.

[00:18:36] Entrevistadora: E como que você acha que o governo deve inserir socialmente os cidadãos marginalizados?

[00:18:45] Entrevistado: Essa é uma questão difícil, porque o governo e a justiça apoiam os marginais.

[00:18:57] Entrevistadora: Eles o quê?

[00:18:58] Entrevistado: Apoiam os marginais, porque os nossos políticos não servem de exemplo para ninguém. Eu não vejo algum político – posso até estar falando uma bobagem – servindo de exemplo para ninguém. Eu acho que para uma pessoa ser vereador de uma cidade, ele tinha que ter, no mínimo, no mínimo, se for uma cidade pequena, o segundo grau. “Ah, fulano quer ser prefeito?”, “Ah, então você precisa ter formação acadêmica”. “Deputado?”, “Então, você tem que ter dois cursos superiores”. E daí em diante, senão fica difícil. Nós vamos nos espelhar em quem? Nós estamos nos espelhando hoje em marginais. Políticos, hoje, a maioria é mau. E a população carcerária do Brasil, hoje, eles têm aquele Auxílio Reclusão, né? O cara vai assaltar a padaria, e está um pai de família, fazendo a compra para o dia, que toma um tiro no meio da cara e morre e o que vai acontecer? A justiça vai resguardar a família do assassino que está preso lá. E a família de quem morreu, como que fica? Então, está tudo errado! Um prisioneiro desse daí... faz uma prisão no meio do mar e só sai para trabalhar e não tem conversa fiada, não. “Você está preso, amigo? Então, você vai quebrar pedra, mas você vai trabalhar”. Tem que trabalhar. Não tem segurança. Acontece uma tragédia aí que você pega e só tem morte, mas, agora, tem privilégio na hora que você sair.

[00:20:52] Entrevistadora: E, para você, o que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:20:58] Entrevistado: O que leva uma pessoa a ser...? Eu acho que ninguém é pobre por opção, né? Todo mundo quer morar bem, quer ter uma escola legal para os filhos, quer uma creche. Todo mundo tem que trabalhar, né? Uma mãe que é certa vai querer um tempo para cuidar do seu filho, mas depois ela quer trabalhar. Ela quer ter segurança de deixar o filho em algum local. Creches: não tem creches. Você assiste televisão e você vê a meninada sendo transportada igual porco, um perigo. Tem uns que não têm nem como ir para a escola. Chega lá, não tem o que comer. Então, já está tudo errado. Não tem dinheiro para educação, não tem dinheiro para saúde. É a estrutura: tem que ter uma base para aquilo, coisa que o país não tem. Todo mundo só quer saber de festeiro; ninguém quer saber de dividir. O país é egoísta, né? Eu fiz um comentário no Facebook a respeito da obra de lá de São Francisco. A situação está precária ali e a obra não chegou a 20% e o que está pronto está destruído. Então, deixa o povo falar. Uma construção daquela rachar, não tem esperança, não. Não tem água para uma mulher, coitada, que tem que pegar dois

baldes e andar quatro quilômetros por conta da água, que tem que pegar do poço para fazer comida, né? Então, são essas coisas. Não tem o básico. Sem o básico, não tem progresso.

[00:22:42] Entrevistadora: E como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais? E o contexto social e político?

[00:22:52] Entrevistado: O mérito individual é uma coisa de sorte. Eu acho que, se você tem um grupo de 100 pessoas, eu acho que umas 20 vão querer se desviar, vão querer vida boa, vão querer aproveitar a bolsa do filho, partir para outros meios de vida que não são legais, entendeu? Você pode ter certeza que 80% desse grupo vai trabalhar, vai fazer por onde, vai levantar cedo e vai fazer acontecer. Mas as festas não chegam porque as oportunidades são poucas. Mas vai que, naquele meio, dois ou três dão sorte de se dar bem na vida. Se dar bem na vida, hoje, é muito difícil, porque a concorrência é grande. Tem muita gente com vontade de propagar, muita gente inteligente. Os que têm acesso ao estudo conseguem se sobressair no mercado. É como eu te falo: tem muita gente procurando oportunidade, mas não tem. Mas alguém, às vezes, vai brilhar no meio disso daí, tem que brilhar, né?

[00:24:12] Entrevistadora: E o que você pensa sobre o Bolsa Família?

[00:24:16] Entrevistado: Eu acredito que o Bolsa Família é um dos casos mais difíceis de lidar, como todas as bolsas do país. Para mim, tem que ter uma fiscalização geral, pesada, em um programa desse daí. Bolsa Família se tornou compra de votos.

[00:24:34] Entrevistadora: Bolsa Família se tornou o quê?

[00:24:37] Entrevistado: Compra de votos. Isso aí é compra de votos. Eu acredito que 60% é de gente que não precisa de Bolsa Família, são beneficiários fantasmas, sabe? Eu sei que tem muito, porque Bolsa Família tem em todo lugar. Não adianta falar que é só no Nordeste, não. Se você procurar em qualquer lugar - dentro de Belo Horizonte, São Paulo, Mato Grosso, Curitiba - tem muita gente que recebe Bolsa Família e tem casa própria, tem carro, tem emprego, entendeu? Tem que fiscalizar, fazer uma fiscalização geral. Tem que ter um jeito de fazer isso daí, porque, vai em Belo Horizonte que você vai encontrar muita “maracutaia”. Eu não sou a favor do jeito que está de jeito nenhum!

[00:25:38] Entrevistadora: E como que você enxerga as políticas de cotas raciais?

[00:25:44] Entrevistado: Sobre cotas raciais, eu falo que todo mundo é igual. Eu não tenho preconceito com negro, com homossexual, com nada. Tenho preconceito com nada porque na hora que a gente morrer vai todo homem para o mesmo lugar. Eu acho ignorância da parte de quem é racista, né? Mas eu acho quem tem cota, ele é racista também, entendeu? Tem negro que não gosta de negro; tem homossexual que não gosta de homossexual; tem branco que não gosta de branco; e vai por aí. Acho que cotas raciais é um caso a se estudar, porque eu não sou preconceituoso, mas tem gente que é. Acho que não necessita esse negócio de cota racial, porque eu vejo que todo mundo é igual, todo mundo é capaz.

[00:26:37] Entrevistadora: Você acha que não precisava, então, certo?

[00:26:41] Entrevistado: Eu não sei! Quer queira, quer você não, o Brasil é muito grande e tem muita diferença de raça, entende? Tem muita gente da Europa... Brasil tem gente de todo o mundo. A vida aqui é grande e vasta, né? Mas eu não sei. Acho que tem que ser feito por uma instituição maior, a nível de Brasil, né? Igual você está fazendo essa entrevista aqui e depois os seus colegas também vão fazer e vão tirar um percentual e chegar a uma conclusão sobre isso, né? Eu, Dênis, acho que não necessita, porque eu vejo que todo mundo é igual. Agora, tem gente que tem preconceito, né? O próprio reitor de universidade, os próprios professores, então vai depender.

[00:27:33] Entrevistadora: E, na sua opinião, a criminalidade é um problema causado, principalmente, por qual motivo?

[00:27:41] Entrevistado: Pelo próprio governo, né? É como eu te falei: sem base, não tem como ter progresso. E o crime está envolvido em vários setores: é falta de educação; é falta de estrutura; é uma fronteira que fica aberta, facilitando a entrada e saída; é falta de escola; é falta de oportunidade também - igual eu te falei: naquele grupo de 100 pessoas, 20 vão escolher o caminho mais fácil. Se eles tivessem oportunidade, talvez eles baixariam, sabe? “Eu vou arrumar um trabalho que me dê uma recompensa”. Então, eu acho que o governo está nessa pose central disso daí. O Governo e a Justiça caminham juntos nessa questão de criminalidade no país. Eu acho que a nossa Justiça também está muito atrasada. Muita coisa precisava mudar nisso daí. Mas os caras também não querem. É conveniente para eles. Tudo o que a gente passa hoje - você pode acreditar -, esse processo todinho, é conveniente para quem manda, para quem tem o poder, entendeu? Então, isso aí é

conveniente. O pessoal precisa saber que é dinheiro e poder, só isso. Não quer saber de olhar pela população, não.

[00:29:22] Entrevistadora: E como que você acha que o Estado deve combater a criminalidade?

[00:29:28] Entrevistado: É justamente isso: oportunidades e raízes, né? É ensinando, mostrando, dando oportunidades, combatendo o crime nas fronteiras. A Justiça vai entrar com a parte de mudar as leis, porque o cara tem que saber que se ele roubar uma galinha, ele pode ficar dois anos na cadeia e dois anos na cadeia é uma vida. O cara, se for roubar um carro forte, vai ficar 30 anos na cadeia, sem direito a sair e lá ele tem que trabalhar para se sustentar. Mas, hoje, o cara vai preso... É como eu te falei: o bandido tem regalias maiores do que quem anda certo; não tem prisão; quando o cara está lá, ele tem a recompensa porque a esposa dele leva uma bolsa. É tudo muito conveniente para quem faz o mal, né? Então, o brasileiro tem que ter a cabeça muito boa, porque esse país vai acabar numa guerra civil. Isso aí é fato.

[00:30:40] Entrevistadora: E qual é a sua opinião sobre o trabalho executado pela polícia militar no país?

[00:30:47] Entrevistado: A polícia militar, coitados! Eles têm lá os dinheiros e ganham pouco. Eles combatem o crime com as armas que eles não conseguem acompanhar os bandidos, porque os bandidos são muito mais bem equipados que a polícia militar, do que a polícia civil, dependendo do caso, do que a Polícia Federal. Os caras vão maquiados mesmo; não vão para brincar, não! Eles chegam em uma cidade de um interior de um lugar qualquer aí com fuzil, vão lá com o que tiver lá e bota a polícia para correr. Então, os caras são heróis de ir para um morro desses daí; ganham pouco, aí mudam o curso de vida no meio do caminho e vai para a corrupção, para o mundo do tráfico, vai para um grupo de extermínio. Eu acredito que, se houvesse preparo, de fato, de todas as polícias, e não fosse só para decorar, seria igual nos Estados Unidos, que quando eles prendem o bandido e conseguem resolver o crime, eles são condecorados pelo próprio governo e pela própria população. Até nisso o confronto é diferente, né? Então, é um atraso.

[00:32:17] Entrevistadora: Beleza! E qual é a sua opinião... Ai, desculpa! Estou repetindo. Como você acha que o Estado deve reinserir na sociedade os detentos que já cumpriram suas penas?

[00:32:29] Entrevistado: Aí nós vamos voltar lá para o lado da educação, né? O cara quando vai para a prisão, se ele chegar lá bonzinho, sai de lá um marginal formando, né? Lá ele tem acesso a celular, ele trabalha lá dentro. O PCC – que é o Primeiro Comando da Capital de São Paulo – os caras estão todos presos! Eles estão dentro da penitenciária lá comandando o Estado de São Paulo. Eles mandam sequestrar, eles fazem o tráfico, entendeu? Então, tudo tem que partir da educação e valores familiar. Eles vão crescer formando uma mentalidade, sabendo o que é certo e o que é errado, tendo oportunidade de estudar, sem o resto da família sofrendo, mas ninguém quer. O cidadão brasileiro, ele tem o Congresso, né? Então, tem muita gente que se resolve com isso daí, aí vai lá para dentro e acaba de ferrar tudo; alguns conseguem se sobressair, conseguem entender que a prisão foi feita para ele cumprir e depois ele volta para a sociedade bem. Agora, é difícil falar. Hoje, é bastante difícil falar da situação carcerária de hoje em dia.

[00:34:00] Entrevistadora: E qual é a sua opinião sobre o porte de armas de fogo?

[00:34:05] Entrevistado: O porte de arma de fogo... O governo desarmou a população de bem e... Porque quem anda armado e quer, porque acha que isso é normal, está armado; eles não desarmaram. Eles só estão mais pacientes. E aquele senhor ou aquela senhora de bem que está desarmado. Como diz a gíria deles, “eles metem o pente mesmo e vê qual que é”. Eu acho que, se a população realmente quisesse ter uma arma em casa ou uma arma na fazenda, ia ter que ser de difícil acesso. Só para população que tem cabeça de gado, tem família etc etc etc. Eu acho que tinha que liberar assim: tipo uma carteira de motorista, que você tem que ir lá, fazer um exame psicológico, fazer exame disso e exame daquilo, provar que você é uma pessoa de bem e que você tem condição de ter uma arma na sua casa, na sua fazenda ou na sua empresa. Eu acho que, com isso daí, ajudaria bem também, entendeu? Porque o ser humano é capaz de andar armado - um ser humano que tem um estado psíquico bom, equilibrado – do que ele andar desarmado e ficar à mercê da bandidagem. Não que ela vá sair metendo bala e trocando tiro, não. Você tem que saber o direito; você tem que ter regra para tudo, né? É igual quando você pega um carro: você tem que ter regras para dirigir o carro. A mesma coisa é usar uma arma de fogo.

[00:35:51] Entrevistadora: Beleza! E o que você acha sobre casamento homoafetivo, Dênis?

[00:35:58] Entrevistado: Eu respeito, só que eu acho que tem horas - como o hétero também - que eles pegam pesado em desrespeitar certo ambientes que não são propícios para isso. A gente está andando na rua e vê uma mulher beijando outra mulher ou um homem beijando outro homem... Eu entendo que eu tenho que respeitar ele, mas se fosse um pai de família e tivesse com uma criança de sete anos e tivesse andando e tem um cara beijando outro cara, e filho pergunta “papai, o que é isso?”. Que diabos eu vou dizer para ele? Então, eu vejo que cada coisa ao seu tempo e cada coisa no seu lugar, entendeu? “É só xaveco!”. Que situação, né? Senão vão crescer as nossas crianças achando tudo normal. Beleza, eu posso ter um filho ou uma filha com essa opção, mas eu não quero que isso aconteça. Tem que ser do momento que seja natural, que a cabeça dessa criança foi se desenvolvendo e ela queira optar por isso, e não que seja forçada a fazer isso. Você tem aí a Parada Gay, de São Paulo. Parece que deu milhões de pessoas lá, né? Aí tem a Parada Gay como se fosse... Uma parte da população que queira fazer a passeata, pacificamente, para dizer “o governo está fazendo isso”, não vai quase ninguém, mas em uma Parada Gay vai, entendeu? Eu acho que o pessoal precisa criar mais... porque o brasileiro, nós temos que entender que nós estamos muito para trás de uma Europa da vida, nós estamos muito atrás de um Estados Unidos da vida. As pessoas ali estão na nossa frente para mais de 500 anos. Quer queira quer não, nós temos um povo atrasado, então não adianta colocar o carro na frente dos bois, entendeu? Então, temos que ir com calma em relação a isso daí, para não atrapalhar a coisa aí. É igual ao que eu te falei: eu não sou contra, mas tudo tem que ter o seu lugar e tem que ter a sua hora. Não vamos misturar as coisas, porque eu acho que a maioria do povo ainda não está preparado para isso. Agora, tem que ter respeito. Não é chegar e “escrachar”. É respeito de todos os lados, até dos heterossexuais também, de todo lugar.

[00:38:46] Entrevistadora: E você acha que um casal homossexual deve ter direito a adotar uma criança?

[00:38:49] Entrevistado: Tem que ser feita uma entrevista bem rigorosa, para saber se, de fato, qualquer pessoa tem condição; não é só o casal homossexual, não. O responsável para essa entrevista chega e fala “você tem condições?” e tenta vê se o cara tem. Mas não tem problema, não! A gente vê tanta mãe criando um filho no seio de outra mãe, né? O que tem isso aí?

[00:39:21] Entrevistadora: E como você enxerga o papel das mulheres na atualidade?

[00:39:28] Entrevistado: Como que é? Eu não entendi!

[00:39:29] Entrevistadora: Como você enxerga o papel das mulheres na atualidade, o papel social das mulheres hoje?

[00:39:37] Entrevistado: Eu acho que está pau-a-pau, sabe? Eu não vejo esse sexo frágil, não. Em questão de força, é claro, tem serviços braçais que é claro que uma mulher não consegue, porque é um sexo mais frágil; é fato isso aí! Mas em capacidade, em responsabilidade, que falar que há diferença é um ignorante. Tem mais a ver, não.

[00:40:12] Entrevistadora: E como você encara a problemática do aborto?

[00:40:18] Entrevistado: Essa questão do aborto é difícil. Quando houver o estupro – quando não há consentimento – eu acho que deveria fazer um estudo e dar a opção para a mulher. Hoje em dia há vários meios de se medir essa situação. E a adolescente tem que ser informada do serviço e saber tudo o que acontece, para não ter uma gravidez indesejada. Esses dias mesmo a mulher de um compadre ficou grávida e a menina tem 30 anos. Eu falei para ele: “Cara, ela precisa ver. Hoje em dia está tudo aí”. A pessoa não toma o anticoncepcional, a pessoa não se preserva, aí vai acontecer uma tragédia depois, por causa de uma bobagem danada. Mas eu penso assim: no caso de estupro, eu acho que a justiça deveria estudar para relevar porque a pessoa não quer, porque ela fica traumatizada quando acontece o estupro. Então, não é brincadeira, não.

[00:41:38] Entrevistadora: E o que você pensa quando escuta alguma história sobre uma mulher que foi assediada?

[00:41:45] Entrevistado: Olha, depende do assédio, né? Às vezes, a gente tem que ver... Depende do assédio! O que causou esse assédio, onde ela estava, o que ela fez, o que aconteceu antes disso daí? Isso tudo tem que ser conversado, né? Igual a esse caso que aconteceu no Rio de Janeiro: era uma adolescente de 16 anos, mas a gente viu que, na semana passada, uma criança de dez anos roubou um carro numa porta de hotel em São Paulo, trocou tiro com a polícia, fez e aconteceu e estava um bandido profissional, né? Eu liguei ontem a televisão e o perseguido estava falando; ele usava gírias de um bandido profissional mesmo, com dez anos de idade. Essa menina de 16 anos, ela não é uma menina que... A gente procura saber o que, de fato, aconteceu, mas ela é uma menina que

vivia no meio do Comando Vermelho, usava as redes sociais para fazer apologia às drogas e às armas - Polícia Militar e a Polícia Civil tem provas de que ela, com 16 anos, fazia isso. Eu ouvi uma gravação de uma amiga dela, falando que ela já era acostumada a fazer esse tipo de coisa, entendeu? Dessa vez pode ter ocorrido um estupro de verdade mesmo, sem o consentimento dela até determinado ponto, mas ela que provocou tudo isso daí. Acredito que se ela fosse uma pessoa que estivesse estudando, estivesse trabalhando, seria difícil de acontecer isso com ela. Mas podia acontecer isso com outra pessoa também. Mas que ela provocou isso mesmo, ela provocou. Eu acho muito difícil uma pessoa que... A gente vê várias mulheres com a formação mental boa, que são acostumadas com a vida, mulheres experientes, que, quando são estupradas, não conseguem sair do quarto, não conseguem nos primeiros dias sentir o cheiro de homem. Elas precisam fazer tratamento psicológico, tratamento psiquiátrico, para elas voltarem para a sociedade. Eu vi essa menina de 16 anos, na semana seguinte, dando entrevista atrás de entrevistas, conversando - como se diz - na boa, entendeu? Então, eu sei não. Aquela situação ali está muito estranha, viu? Muito estranha mesmo!

[00:44:43] Entrevistadora: E qual é a sua opinião sobre o país receber imigrantes de países com algum tipo de conflito?

[00:44:51] Entrevistado: Eu acho que o Brasil não tem condição para isso, sabe? O Brasil deveria estar mandando o povo embora, porque nós estamos vivendo em um conflito aqui... Eu já te falei que eu não sei como o país não está numa guerra civil ou num conflito mais amplo. Isso aqui era para ser um Líbano da vida! Isso aqui era para estar em guerra, por causa do tanto de desrespeito dos políticos com o povo! Os nosso últimos governantes se espelhavam em Venezuela, em Cuba, em Bolívia. Aqui, no Peru, vai ver o que esses caras estão passando hoje. O povo da Venezuela não tem condições de comer, estão passando fome. Então, é difícil.

[00:45:57] Entrevistadora: E, agora, a última pergunta, Dênis: o que você acha sobre a ideia de regular a mídia?

[00:46:05] Entrevistado: Como “regular a mídia”? O que você quer dizer com isso?

[00:46:08] Entrevistadora: Você acha que a mídia deve ser regulada, assim como acontece com outros serviços, como, por exemplo, telecomunicações, energia elétrica?

[00:46:22] **Entrevistado:** Não, não estou entendendo o que você está falando, não. Você está falando de censurar?

[00:46:26] **Entrevistadora:** Não, não! Não é censurar. É se ela deve ser regulada e se deve existir algum tipo de regulação da mídia, assim como existem as Agências Reguladoras, para regular os serviços de telecomunicações, de energia elétrica.

[00:46:42] **Entrevistado:** Seria uma ouvidoria para a mídia, né? É isso o que você quer falar?

[00:46:47] **Entrevistadora:** Na verdade, é se deve haver algum tipo de regulação ou se ela deve atuar livremente, como acontece hoje.

[00:46:55] **Entrevistado:** Hoje acontece livremente, né? É como eu te falei, lá no começo da nossa conversa: a mídia bota o que ela quer; cada canal tem o seu intuito – Record é um canal evangélico; a Bandeirantes é um canal de esportes, mas também tem um lado de evangelização; o SBT é um canal mais livre, que parece que não tem rabo preso com ninguém; mas a Globo, ela é manipuladora, como a Record também é. Eu assisto à Rede Globo, mas sempre com o pé atrás, sabe? Eu assisto toda aquela informação com muita atenção para saber, porque se você for ver a Globo, como esse povo faz... Eles colocam o cantor que eles querem para fazer sucesso; eles botam um jornalista, o cara vira estrela; eles põem um político lá, que, às vezes, não sabe nem da política, né? Então, deveria ter uma regulamentação, sim, acredito que sim, mas não assim de festeira, mas do tipo: “essa informação aqui não é boa, não, do ponto de vista da verdade. Você vai tomar uma multa de dez milhões de reais, por causa disso”, para parar de manipular o povo, entendeu? Acho que seria uma boa a regulamentação da mídia, mas da mídia em geral - TV aberta, canal fechado, sites, rádios, tudo que trabalha com informação e mídia.

[00:48:45] **Entrevistadora:** Beleza! São essas as perguntas, Dênis. Você tem mais alguma coisa a acrescentar?

[00:48:54] **Entrevistado:** Não! Acho que nós já discutimos o básico aqui. Eu acho que eu posso ter contribuído para o seu TCC.

[00:49:00] **Entrevistadora:** *Uhum!* Tem bastante material. Então, tá bom! É isso! A pesquisa ainda deve demorar um tempo para ficar pronta, provavelmente até o fim do ano

ou começo do ano que vem, mas quando tiver alguma coisa já, eu repasso para você, tá bom?

[00:49:17] Entrevistado: Beleza! Boa sorte para você.

[00:49:19] Entrevistadora: Obrigada! Muito obrigada pela participação. Boa noite.

[00:49:23] Entrevistado: Beleza! Boa noite também.

[00:49:27] Entrevistadora: Tchau, tchau.

ANEXO J5 – Entrevistada: Ester

[00:00:21] Entrevistada: Alô!

[00:00:22] Entrevistadora: Ester? Alô?

[00:00:24] Entrevistada: Quer falar com ela?

[00:00:26] Entrevistadora: Sim, sim. Por favor!

[00:00:28] Entrevistada: Você quer falar com a Ester?

[00:00:30] Entrevistadora: Quero! É a Mariana, da entrevista.

[00:00:33] Entrevistada: Só um momento.

[00:00:34] Entrevistadora: Obrigada!

[00:00:41] Entrevistada: Oi?

[00:00:42] Entrevistadora: Oi. Ester?

[00:00:43] Entrevistada: Isso!

[00:00:44] Entrevistadora: Aqui é a Mariana. Tudo bem?

[00:00:46] Entrevistada: Tudo bom!

[00:00:47] Entrevistadora: Você pode falar agora?

[00:00:48] Entrevistada: Posso. Posso, sim!

[00:00:49] Entrevistadora: Então, tá bom! Eu vou começar a entrevista por umas perguntas gerais. Eu vou gravar a entrevista, para facilitar a transcrição depois, mas o seu nome não vai aparecer em momento algum, tá bom? É anônima.

[00:01:01] Entrevistada: Tá bom!

[00:01:02] Entrevistadora: Qual é o Estado que você mora?

[00:01:04] Entrevistada: Rio de Janeiro.

[00:01:05] Entrevistadora: Rio de Janeiro?

[00:01:06] Entrevistada: *Aham!*

[00:01:07] Entrevistadora: Qual é a sua idade?

[00:01:09] Entrevistada: É 34.

[00:01:10] Entrevistadora: Escolaridade: completa ou cursando?

[00:01:13] Entrevistada: Ainda estou cursando.

[00:01:14] Entrevistadora: Cursando o quê?

[00:01:15] Entrevistada: Administração Pública.

[00:01:17] Entrevistadora: Ah, sim! E você tem dispositivos de acesso à internet em casa?

[00:01:22] Entrevistada: Aham!

[00:01:26] Entrevistadora: Beleza! Com que frequência você acessa a internet? Pode ser de qualquer lugar.

[00:01:29] Entrevistada: Eu não entendi. Você pode repetir?

[00:01:30] Entrevistadora: Com que frequência você acessa a Internet?

[00:01:32] Entrevistada: Ah, desculpa! O tempo todo.

[00:01:34] Entrevistadora: “O tempo todo”. Beleza! E com que frequência você acessa o Facebook?

[00:01:40] Entrevistada: Também!

[00:01:42] Entrevistadora: E qual é o meio que você mais utiliza para se manter informada: jornal, rádio, TV, site de notícias, Facebook, Twitter, outros?

[00:01:53] Entrevistada: Geralmente, a TV.

[00:01:54] Entrevistadora: TV?

[00:01:55] Entrevistada: TV e Facebook.

[00:01:57] Entrevistadora: E você é filiada ou simpatizante de algum partido político?

[00:02:01] Entrevistada: Sim!

[00:02:02] Entrevistadora: Qual?

[00:02:03] Entrevistada: PSDB.

[00:02:04] Entrevistadora: E com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre Política no Facebook?

[00:02:11] Entrevistada: Todo dia!

[00:02:12] Entrevistadora: Voltando na questão anterior, você é filiado ou você é simpatizante?

[00:02:18] Entrevistada: Olha, eu preenchi a minha filiação há uns anos atrás, quando eu morava em Minas. Eu não sei se está concluída; eu não procurei saber. Eu preenchi a ficha e entreguei. Foi até na época que um amigo nosso era candidato. Mas eu não sei se foi concluída a filiação.

[00:02:36] Entrevistadora: Mas, de qualquer maneira, você ainda é simpatizante do mesmo partido?

[00:02:39] Entrevistada: Sim!

[00:02:40] Entrevistadora: Beleza! Agora, eu vou fazer algumas perguntas políticas mais práticas. Por que você se interessa por temáticas políticas?

[00:02:47] Entrevistada: Por quê?

[00:02:49] Entrevistadora: É, por quê?

[00:02:50] Entrevistada: Porque envolve tudo da nossa vida, tudo o que a gente está diretamente ligado. São as decisões que estão afetando diretamente o nosso bolso. Tudo é motivado pela política, né?

[00:03:04] Entrevistadora: E com que tipos de posicionamentos políticos você mais se identifica: direita, centro-direita, centro, esquerda, centro-esquerda? E por quê?

[00:03:11] Entrevistada: Estou mais para centro-direita.

[00:03:13] Entrevistadora: Por quê?

[00:03:16] Entrevistada: Porque eu acho que precisa de um pouco de ordem e também pela questão do mercado mais liberal, liberação econômica...

[00:03:26] Entrevistadora: Beleza! Como você procura se informar sobre o cenário político do país? Da mesma forma que você acessa as notícias ou muda alguma coisa?

[00:03:34] **Entrevistada:** É! Enquanto eu estou em casa, a *Globo News* fica ligada o dia inteiro ou *Band News*. E estou no Facebook também, vendo todas as matérias do *Estadão*, *O Globo*. Eu estou sempre ligada. Então, é tanto internet quanto TV. Se eu estou fazendo alguma coisa, a TV, então eu estou ouvindo as notícias. Se eu estou parada, eu estou acessando a Internet.

[00:03:54] **Entrevistadora:** E você procura blogs também?

[00:03:55] **Entrevistada:** Às vezes!

[00:03:59] **Entrevistadora:** Beleza! E qual é a sua opinião sobre a forma como as notícias sobre política são escritas?

[00:04:06] **Entrevistada:** É bem complicado, porque é bem tendencioso, tanto para um lado quanto para o outro.

[00:04:11] **Entrevistadora:** Por que você acha que é bem tendencioso?

[00:04:12] **Entrevistada:** No fundo, você não vê isenção por parte do jornalista. Principalmente, se você acompanha o mesmo programa sempre, você acaba vendo que um tende para um lado, outro tende para o outro. E acaba, muitas vezes, transparecendo a opinião dele, podendo até influenciar a opinião dos outros.

[00:04:34] **Entrevistadora:** E os seus amigos e familiares concordam com os seus posicionamentos? Como o seu envolvimento com política no Facebook se reflete na sua relação com as outras pessoas?

[00:04:43] **Entrevistada:** Olha, dos familiares, 90%, sim. Amigos, também. Alguns divergem, sim, mas é um grupo bem específico.

[00:04:57] **Entrevistadora:** Você já teve algum tipo de problema, de discutir no Facebook ou de excluir amigo ou amigo te excluir?

[00:05:03] **Entrevistada:** Não! Eu, não. Eu discutia muito em um grupo local daqui, do meu município. Eles até discutiam, mas agora a gente também não está muito mais, não.

[00:05:21] **Entrevistadora:** Beleza! Eu vou passar para as questões político-ideológicas. A primeira, você já falou um pouquinho, mas eu queria saber mais. Como você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:05:34] **Entrevistada:** O mínimo possível.

[00:05:35] Entrevistadora: O mínimo possível? Por quê?

[00:05:38] Entrevistada: Porque eu acho que o mercado se autorregula. O Estado, interferindo, acaba prejudicando – como eu vou dizer? – determinados negócios que poderiam ser concluídos. O Estado, interferindo, acaba prejudicando até a qualidade dos serviços, os lucros. O caso da Petrobrás é um, né? Eu moro em uma área totalmente afetada pela corrupção da política. Se não tivesse, talvez, tanta interferência do Estado na empresa, se tivesse um mercado mais aberto, se não fosse do Estado, talvez não tivesse acontecendo. Por exemplo, meu marido é funcionário público do Município de Macaé, que está sofrendo com isso. O Município do Rio, os funcionários do Estado do Rio, todos estão sofrendo. Tudo por causa da interferência do Estado.

[00:06:36] Entrevistadora: E o que você pensa sobre o Estado garantir serviços gratuitos aos cidadãos, como saúde e educação?

[00:06:43] Entrevistada: Eu também acho que tem que ser o básico. No geral, se você deixar para o Estado o básico de saúde e segurança, o resto eu acho que pode ficar por conta do cidadão. Isso diminuiriam até os seus impostos.

[00:07:03] Entrevistadora: E como você acha que o governo deve inserir socialmente os cidadãos que estão marginalizados?

[00:07:06] Entrevistada: Através de programas sociais, sendo que não exatamente do jeito que é feito, que dá margem para muita fraude.

[00:07:15] Entrevistadora: Como assim?

[00:07:17] Entrevistada: Por exemplo, o principal, o Bolsa Família – já existia antes; ele só foi copiadinho, né? Ele eu acho que é válido. Eu não sou contra, como muita gente que segue a minha linha, que é contra. Eu não sou contra, mas eu acho que tem que ser limitado a determinadas pessoas e ao tempo também, porque eu vejo pessoas comentando que os pais só vão dar vacina por causa do Bolsa Família – eu acho até o ponto positivo, apesar de achar uma irresponsabilidade dos pais. Por isso, é uma limitação, porque a pessoa se acomoda, como eu vejo casos também...

[00:07:57] Entrevistadora: Você conhece gente que recebe?

[00:07:59] **Entrevistada:** ... de pessoas que não trabalham, o marido trabalho, e ela recebe Bolsa Família e fica em casa querendo aquele pouquinho e se contenta com aquele pouquinho.

[00:08:07] **Entrevistadora:** E, na sua opinião, o que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:08:12] **Entrevistada:** Ah, diversos fatores, desde o meio, até a própria educação. Falta de força de vontade também ajuda. Eu acho que vai de cada um também, mas o meio influencia muito.

[00:08:32] **Entrevistadora:** Beleza! E como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais? E o contexto social e político?

[00:08:36] **Entrevistada:** Se você pudesse explicar de novo, porque tem um pessoal conversando aqui do lado, aí eu não entendi a sua pergunta. Perdão!?

[00:08:48] **Entrevistadora:** É mais ou menos o mesmo sentido da anterior. Como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais? E o contexto social e político?

[00:08:57] **Entrevistada:** Ah sim! Que influencia, influencia, sim, mas, juntando uma série de fatores, dá para a pessoa progredir.

[00:09:06] **Entrevistadora:** Beleza! E como você enxerga as políticas de cotas raciais?

[00:09:12] **Entrevistada:** Olha, eu não sou a favor, não.

[00:09:15] **Entrevistadora:** Por quê?

[00:09:16] **Entrevistada:** Porque eu acho que não traz benefício nenhum. Acho desigual.

[00:09:22] **Entrevistadora:** Acha o quê? Não entendi!

[00:09:24] **Entrevistada:** Eu, por exemplo, tenho um filho que é afrodescendente e ele nunca participou de cotas. Eu fiz escola pública e fiz vestibular pelo meio normal – não teve cota, porque eu acho que capacidade para passar eu tenho. Eu não preciso de cota para isso.

[00:09:45] **Entrevistadora:** Na sua opinião, a criminalidade é um problema causado, principalmente, por qual motivo?

[00:09:51] Entrevistada: Repete de novo? Meu filho está falando perto de mim. Ele também não usou cotas, o que está aqui do meu lado.

[00:10:01] Entrevistadora: Entendi! A criminalidade é um problema causado, principalmente, por qual motivo, na sua opinião?

[00:10:05] Entrevistada: É falta de educação. Eu digo porque eu moro em uma cidade pequena, onde tem muitas pessoas... as classes se misturam muito e eu vejo que tem meninos que não estão nem aí, realmente! É rua o dia inteiro. Tem um que vai para a minha casa o dia inteiro.

[00:10:23] Entrevistadora: Você tem filhos? Dois filhos?

[00:10:27] Entrevistada: Tenho três filhos.

[00:10:28] Entrevistadora: Ah, são três filhos. É que você já citou dois.

[00:10:33] Entrevistada: É, são três: tenho a neném, um de nove e um de 17.

[00:10:43] Entrevistadora: E como você acha que o Estado deve combater essa criminalidade?

[00:10:46] Entrevistada: Eu acho que com educação, do primeiro ao básico. Punição eu acho que também ajuda: leis mais severas também são importantes, porque está complicado! Não é só botar na cadeia e pronto, porque também não resolve nada. Eu acho que tem que seguir uma linha estilo Estados Unidos: tem que botar para trabalhar e educar. Os meninos devem estudar, os maiores devem aprender uma profissão, para ver se consegue reduzir, né?

[00:11:23] Entrevistadora: A minha próxima pergunta é mais ou menos por aí também: como você acha que o Estado deve reinserir na sociedade os detentos que já cumpriram suas penas?

[00:11:32] Entrevistada: Pois é! Durante o cumprimento, eu acho que eles têm que ter uma qualificação. Não adianta só ficar lá tomando banho de sol e tramando outras coisas lá dentro. Então, educação! Tudo se resume à educação!

[00:11:47] Entrevistadora: Beleza! E qual é a sua opinião sobre o trabalho executado pela polícia militar no país?

[00:11:52] **Entrevistada:** É complicado também! Apesar de eu achar que tem que haver uma repressão, tem que haver uma política também para qualificar melhor os policiais, porque eu vejo um abuso muito grande de autoridade por parte, principalmente, dos militares. Eu já morei no Estado da Bahia, já morei no Estado do Pará. É, principalmente, no Norte e no Nordeste.

[00:12:18] **Entrevistadora:** Seu marido é militar ou você?

[00:12:21] **Entrevistada:** Não! Ele é guarda civil.

[00:12:22] **Entrevistadora:** Ah tá! Porque você citou que morou em vários lugares...

[00:12:29] **Entrevistada:** Mas a Segurança Pública é toda composta por militares, alguns serviços.

[00:12:34] **Entrevistadora:** Eu vou para a próxima, então: qual é sua opinião sobre o porte de armas de fogo? E por quê?

[00:12:41] **Entrevistada:** Eu sou a favor.

[00:12:43] **Entrevistadora:** Por quê?

[00:12:44] **Entrevistada:** Porque eu acho que todo mundo tem direito a ter sua arma por defesa. Aliás, eu não sou a favor do porte; eu sou a favor da posse. Acho que ninguém pode sair portando arma por aí, não, mas na sua casa, na sua residência, na sua propriedade, sim.

[00:13:00] **Entrevistadora:** Beleza! Qual é a sua opinião sobre o casamento homoafetivo?

[00:13:06] **Entrevistada:** Eu não tenho nada contra, não. E só não sou a favor da adoção.

[00:13:11] **Entrevistadora:** Oi?

[00:13:12] **Entrevistada:** Não sou a favor da adoção.

[00:13:13] **Entrevistadora:** Ah, era a próxima pergunta. Por que você não é a favor?

[00:13:17] **Entrevistada:** Por enquanto, não. Eu acho que está mudando. Eu acho que ainda não é o momento. Não é que eu seja contra; é que eu acho que ainda não é o momento.

[00:13:25] **Entrevistadora:** Mas por que você acha que ainda não é o momento?

[00:13:27] **Entrevistada:** Porque eu acho que agora é que as pessoas estão tendo uma consciência maior e melhor a respeito das diferenças, né? E até uma análise do próprio juiz, na hora de conceder a guarda – definitiva ou provisória, que seja – ainda tem um certo preconceito e, muitas vezes, as pessoas são levadas pelo preconceito na hora de tomar aquela decisão. Então, eu acho que tem que amadurecer mais a sociedade, para as pessoas serem mais bem recebidas. Até mesmo na escola: “Você tem pai e mãe?”, “Não! Eu tenho dois pais/duas mães”. Eu acho meio confuso ainda. Tem que amadurecer mais a sociedade.

[00:14:07] **Entrevistadora:** E como você enxerga...

[00:14:08] **Entrevistada:** Eu tenho duas amigas que são homossexuais, que têm uma menininha, que é uma flor de educada. São mães maravilhosas! A relação, em si, eu não tenho nada contra. Só acho que a sociedade tem que ir amadurecendo mais a ideia, sem essas imposições que eles tentam fazer.

[00:14:29] **Entrevistadora:** Como assim? Que imposições?

[00:14:30] **Entrevistada:** Como, por exemplo, essas cenas que a gente vê lá de São Paulo, na Paulista.

[00:14:37] **Entrevistadora:** Na Parada Gay?

[00:14:38] **Entrevistada:** É, na Parada Gay. Fazer isso, fazer aquilo, fazer aquilo outro... acho que não precisa disso.

[00:14:47] **Entrevistadora:** *Uhum!* Entendi!

[00:14:49] **Entrevistada:** Acaba marginalizando mais esse tipo de conduta.

[00:14:54] **Entrevistadora:** Beleza! Como você vê o papel das mulheres na atualidade?

[00:15:01] **Entrevistada:** Igual! Eu comecei a rir, porque eu não sou feminista, mas também não sou machista. Acho que todo mundo é igual.

[00:15:09] **Entrevistadora:** Beleza! Você queria acrescentar mais alguma coisa?

[00:15:15] **Entrevistada:** Não.

[00:15:17] **Entrevistadora:** É porque você, às vezes, demora um pouquinho para falar e eu te corto. E como você encara a problemática do aborto?

[00:15:22] **Entrevistada:** Eu sou contra!

[00:15:24] Entrevistadora: Por quê?

[00:15:26] Entrevistada: Porque eu acho que quando uma mulher diz “cada um tem o direito de saber o que faz do seu corpo”, mas você não está fazendo só com o seu corpo; também está fazendo com o corpo alheio. A partir do momento em que existe outra vida, eu acho que você já não tem o direito.

[00:15:40] Entrevistadora: Mas você é contra em todos os casos?

[00:15:42] Entrevistada: Não! Eu até que sou maleável em questão de estupro. Em um caso assim, eu até compreendo. Não sei se eu faria, mas eu compreendo.

[00:15:51] Entrevistadora: Beleza! E o que você pensa quando escuta alguma história sobre uma mulher que foi assediada?

[00:15:56] Entrevistada: Uma mulher o quê?

[00:15:58] Entrevistadora: Sobre uma mulher que foi assediada?

[00:16:01] Entrevistada: Eu acho que cada caso é um caso. Depende do tipo de assédio, onde foi o assédio, como foi o assédio.

[00:16:08] Entrevistadora: Como assim?

[00:16:09] Entrevistada: É, porque, como esse caso recente que aconteceu com a mocinha, todo mundo tem o direito de andar como quiser, a hora que quiser, como quiser - eu entendo isso! Mas eu tenho uma filhinha e eu sei que se ela sair com determinada roupa e para determinado lugar, ela vai correr determinado risco, como se eu deixar minha casa aberta, ela pode ser invadida, assaltada. Então, nesse ponto que eu disse que depende. Muitas vezes, não é porque a mulher está provocando, mas ela sabe o risco que está correndo.

[00:16:46] Entrevistadora: E qual é a sua opinião sobre o país receber imigrantes de países com algum tipo de conflito?

[00:16:52] Entrevistada: Eu sou favorável, total.

[00:16:54] Entrevistadora: Por quê?

[00:16:55] Entrevistada: Desde que haja um planejamento, porque senão acaba trazendo mais pessoas para passarem necessidades aqui, né? Desde que tenha estrutura e planejamento, eu acho muito legal. Acho que tem que ter, sim!

[00:17:09] Entrevistadora: E o que você acha sobre regular a mídia?

[00:17:13] Entrevistada: Contra, total!

[00:17:15] Entrevistadora: Por quê?

[00:17:17] Entrevistada: Direito de expressão! Todo mundo tem direito a dar sua opinião. Acho que não tem que ter regulação nenhuma.

[00:17:27] Entrevistadora: Assim como você acha com relação a outras coisas, né? Segue a mesma linha?

[00:17:32] Entrevistada: Oi?

[00:17:33] Entrevistadora: Segue a mesma linha do mercado, né?

[00:17:34] Entrevistada: *Aham!*

[00:17:37] Entrevistadora: Então, beleza! Ester, são essas as perguntas. Você tem mais alguma coisa a acrescentar?

[00:17:41] Entrevistada: Não, não. Só isso mesmo.

[00:17:43] Entrevistadora: Então tá! A pesquisa – eu te expliquei, né? – é para um projeto de mestrado e imagino que ela deva ficar pronta entre o fim do ano e o começo do ano que vem. Aí, quando eu tiver algum resultado, eu te repasso, tudo bem?

[00:17:58] Entrevistada: Ah, legal!

[00:18:00] Entrevistadora: Muito obrigada por participar!

[00:18:03] Entrevistada: Obrigada você! Boa noite. Tchau!

ANEXO J6 – Entrevistado: Fábio

[00:00:16] Entrevistado: Oi?

[00:00:17] Entrevistadora: Oi. Fábio?

[00:00:18] Entrevistado: Isso!

[00:00:20] Entrevistadora: É assim que se pronuncia?

[00:00:22] Entrevistado: É “Fábio”.

[00:00:23] Entrevistadora: “Fábio”. Aqui é a Mariana. Tudo bem?

[00:00:26] Entrevistado: Tudo!

[00:00:27] Entrevistadora: Desculpa o atraso para te ligar. É que eu estava fazendo outra entrevista, que se prolongou muito, aí não consegui falar com você. Mas você pode falar agora?

[00:00:36] Entrevistado: Posso! Posso, sim.

[00:00:38] Entrevistadora: Então, tá bom! Eu vou começar. A entrevista é anônima, mas eu vou gravar só para facilitar a transcrição depois, tá bom? Mas o seu nome não vai aparecer em momento algum.

[00:00:50] Entrevistado: Tá!

[00:00:51] Entrevistadora: Eu vou começar por algumas perguntas gerais, bem rápidas. Qual é o Estado onde você mora?

[00:00:58] Entrevistado: É Mato Grosso do Sul.

[00:00:59] Entrevistadora: Qual é a sua idade?

[00:01:02] Entrevistado: 39 anos.

[00:01:03] Entrevistadora: A sua escolaridade? Pode ser completa ou cursando.

[00:01:07] Entrevistado: Estou cursando Relações Internacionais.

[00:01:09] Entrevistadora: Beleza! Você tem dispositivos de acesso à internet em casa?

[00:01:15] Entrevistado: Tenho, sim.

[00:01:17] **Entrevistadora:** Com que frequência você acessa a internet?

[00:01:20] **Entrevistado:** Ah, quase que direto eu fico conectado, né?

[00:01:23] **Entrevistadora:** Então é mais de uma vez por dia?

[00:01:26] **Entrevistado:** Sim!

[00:01:27] **Entrevistadora:** E com que frequência você acessa o Facebook?

[00:01:29] **Entrevistado:** Ah, demais! Em torno de duas ou três horas por dia.

[00:01:39] **Entrevistadora:** Duas ou três horas diretas ou ao longo do dia todo?

[00:01:43] **Entrevistado:** Fica ligado! Ao longo do dia todo.

[00:01:48] **Entrevistadora:** Beleza! E qual é o meio que você mais utiliza para se manter informado: jornal, rádio, TV, site de notícias, Facebook, Twitter ou outros?

[00:02:00] **Entrevistado:** No Facebook, eu consigo agregar todos os jornais que eu gosto, né?

[00:02:06] **Entrevistadora:** Quais são eles?

[00:02:07] **Entrevistado:** Quais são eles?

[00:02:09] **Entrevistadora:** É!

[00:02:10] **Entrevistado:** Eu vejo muito a *IstoÉ*, *Sputnik*, *BBC*, *Band News*, a *Veja*, o local – *Campo Grande News*. E tem uns outros também: o *Valor Econômico* e a *Globo News*.

[00:02:48] **Entrevistadora:** Ok! Você assiste a *Globo News* também ou você acompanha mais pelo Facebook?

[00:02:53] **Entrevistado:** Acompanho mais pelo Facebook.

[00:02:57] **Entrevistadora:** Então, tá bom! Você é filiado ou simpatizante de algum partido político?

[00:03:03] **Entrevistado:** Eu não sou filiado. Sou, por enquanto, simpatizante do DEM.

[00:03:11] **Entrevistadora:** Só do DEM?

[00:03:13] **Entrevistado:** Do DEM e do Partido Verde.

[00:03:17] **Entrevistadora:** Beleza! E com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política no Facebook?

[00:03:24] **Entrevistado:** Ah, basicamente, faço todo dia agora.

[00:03:29] **Entrevistadora:** Ok! Agora, eu vou pular para as questões políticas mais práticas.

[00:03:33] **Entrevistado:** Tá ok!

[00:03:34] **Entrevistadora:** Por que você se interessa pelas temáticas políticas?

[00:03:41] **Entrevistado:** Eu comecei a me interessar desde 2007, quando eu fazia curso de Direito, e a matéria de Ciências Políticas me despertou, né?

[00:03:48] **Entrevistadora:** 2000 e? Qual é o ano?

[00:03:50] **Entrevistado:** E sete.

[00:03:51] **Entrevistadora:** 2007!

[00:03:53] **Entrevistado:** Isso! Na verdade, 2006. Aí, eu fui fazendo a matéria e fui conhecendo. Antes, o meu viés ideológico era PSDB. Aí, eu fui amadurecendo e conhecendo mais o Partido Liberal e, hoje, eu sou Partido Liberal.

[00:04:15] **Entrevistadora:** E com que tipo de posicionamento político você mais se identifica: direita, centro-direita, centro, esquerda, centro-esquerda? E por quê?

[00:04:26] **Entrevistado:** Eu me identifico mais como “conservador-liberal”.

[00:04:32] **Entrevistadora:** Beleza! E como você procura se informar sobre o cenário político do país? Pelo Facebook também?

[00:04:38] **Entrevistado:** Também! Pelo Facebook e pelos principais jornais, ou seja, *Jornal Nacional*, *Jornal do SBT* ou a *Band – Band News*.

[00:04:50] **Entrevistadora:** Pela televisão também, então, né?

[00:04:52] **Entrevistado:** Televisão também.

[00:04:55] **Entrevistadora:** Qual é a sua opinião sobre a forma como as notícias sobre política são escritas?

[00:05:04] **Entrevistado:** Estamos em um momento de transição, né? Eu acho que as pesquisas de opinião são muito polarizadas, entre dois partidos – PSDB e PT. Hoje, eu acredito que o PT tem uma dimensão maior, teve uma amplitude muito maior, teve um apoio muito maior, mas...

[00:05:32] **Entrevistadora:** Mas um apoio dentro da mídia? Ou não?

[00:05:37] **Entrevistado:** Dentro da mídia, dentro da mídia.

[00:05:39] **Entrevistadora:** Como assim?

[00:05:40] **Entrevistado:** Tem total apoio da mídia! Porque ela teve um processo de construção com verbas públicas e bem direcionado. Você pode ver hoje a programação de novelas, a programação de matérias de jornais, é sempre voltado com um viés social, é um viés mais de esquerda, totalmente mais de esquerda. Então, por exemplo, se você pegar uma novela mais antiga, você vai ver que é uma luta de classe – proletariado, pessoas mais humildes, rurais, reforma agrária contra coronéis. Eu acho... eu acho, não! Eu tenho certeza que ela tem um viés mais de esquerda. Se você pegar, por exemplo, um programa novo, como o episódio do *Fantástico* que se chama *Click*, você vai ver que tem muito mais também um conceito mais social, mais ideológico na formulação das coisas.

[00:06:52] **Entrevistadora:** Beleza! E os seus amigos e familiares concordam com esses seus posicionamentos? Como que seu envolvimento com política no Facebook se reflete na relação com as outras pessoas?

[00:07:05] **Entrevistado:** Antigamente, eu tinha uns atritos com meu pai. A minha mãe é um pouco neutra, mas meu pai era de esquerda. Hoje, ele me dá mais razão, muito mais razão.

[00:07:16] **Entrevistadora:** E os seus amigos?

[00:07:18] **Entrevistado:** Eu tenho um grupo que a gente pensa muito igual, mas eu também divirjo muito com o pessoal da minha faculdade.

[00:07:30] **Entrevistadora:** E você já teve algum problema, alguma discussão com eles, por causa disso?

[00:07:34] **Entrevistado:** Já! Já tive!

[00:07:37] **Entrevistadora:** Na Facebook ou fora dele?

[00:07:39] **Entrevistado:** No Facebook é quase que direto!

[00:07:43] **Entrevistadora:** E pessoalmente também?

[00:07:46] **Entrevistado:** É, especialmente.

[00:07:47] **Entrevistadora:** Não! Pessoalmente também?

[00:07:50] **Entrevistado:** Ah, sim! Sim!

[00:07:51] **Entrevistadora:** E já chegou a acontecer de um excluir o outro por alguma divergência política ou não?

[00:07:57] **Entrevistado:** Já! Já, já chegou. Eu já tive que excluir, bloquear, por causa que a pessoa parte para a ofensa pessoal. E também eu divergi da opinião, sem ofender a pessoa, e a pessoa não aceitou e me excluiu.

[00:08:13] **Entrevistadora:** Beleza! Agora, eu vou fazer algumas questões político-ideológicas. Como que você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:08:25] **Entrevistado:** Eu acredito que ele deva construir um sistema de desenvolvimento, de gerar empregos e conciliar a classe empresarial, rural e as classes desfavorecidas, para que elas trabalhem unidas, dependendo uma da outra. E intrometendo o menos possível.

[00:08:48] **Entrevistadora:** E o que você pensa sobre o Estado garantir serviços gratuitos aos cidadãos, como saúde e educação?

[00:08:56] **Entrevistado:** Bom, se tem uma carga tributária que favorece isso – uma carga tributária alta –, ele deve, sim, proporcionar isso. Agora, eu não acho justo, por exemplo, o seguinte: a gente ter uma carga tributária de 40% do que a gente produz e não ter saúde, não ter segurança. Se a gente quiser saúde, a gente tem que fazer um plano privado. Para ter segurança, a gente tem que fazer seguro de um monte de coisa – seguro residencial, seguro de carro. Por exemplo, se você quer que um filho passe no vestibular federal, que é muito concorrido, você tem que pagar pré-vestibular ou, às vezes, você tem que dar formação em uma escola privada, que é muito mais caro. A escola pública deixa muito a desejar. E é isso!

[00:10:02] **Entrevistadora:** Entendi! E como que você acha que o governo deve inserir socialmente aqueles cidadãos que estão marginalizados?

[00:10:11] Entrevistado: Então, as coisas hoje mudaram muito, né?

[00:10:18] Entrevistadora: Como assim?

[00:10:20] Entrevistado: Por exemplo, as pessoas ficaram muito mais dependentes do Estado, né? Às vezes, elas sonham, idealizam que o Estado pode proporcionar inúmeras coisas a elas, mas esquecem que vai ficar muito mais caro para o contribuinte e que é praticamente impossível sustentar quase todas as demandas sociais. Então, uma pessoa que pode ganhar 800 reais trabalhando em um serviço básico prefere, às vezes, ficar em casa, recebendo 200 reais do Bolsa Família e não ganhar os 800 reais. Então, gerou isso: as pessoas se tornaram dependentes do Estado. Essa questão de responsabilidade também é de onerar o Estado, para que as pessoas possam tirar riquezas entre eles.

[00:11:14] Entrevistadora: Mas você fala “as pessoas”, no geral ou a parcela mais pobre da população?

[00:11:21] Entrevistado: Por exemplo, se você pegar a classe média e a classe alta, a classe média faz muito mais inclusão social do que o Governo, porque ela deixa de ir para a fila do SUS, deixa de usar a escola pública e dá lugar para os menos favorecidos, entendeu? E ele não cobra. Quem cobra mais posicionamento hoje do governo é a classe média. Não é o pobre necessitado, o que está mais lá embaixo. Quem cobra mais do governo é a classe média, que paga mais impostos. Mas eu acho que deveria, ao invés de pagar Bolsa Família por exemplo, investir em creche, investir em ensino fundamental, em ensino médio, em tempo integral. Para quê? Para que as pessoas, os jovens, tenham condições melhores de vida.

[00:12:24] Entrevistadora: E, na sua opinião, o que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:12:31] Entrevistado: Olha, existem vários fatores. Por exemplo, eu conheço gente que é pobre, mas vive de uma forma digna – guarda seu salário, investe seu salário, comprou uma casa, não vive mais de aluguel. Eu conheço gente de classe média que vive mal – emprega mal seu salário, gasta demais com coisas supérfluas. Varia de pessoa. Se a gente só ficar atrelado a desigualdades sociais, a gente vai gerar mais dependência. Eu acho que as pessoas têm que ter o senso de contribuir para o país, contribuir para o outro. Aquele que não precisa não viva embaixo do Estado.

[00:13:26] Entrevistadora: Oi? A ligação está cortando um pouquinho. Você pode repetir só a última frase, por favor?

[00:13:32] Entrevistado: Por exemplo, a pessoa que depende mais do Estado, que está se aperfeiçoando, que crie condições de ter uma moradia, que ele invista no seu filho, que ele possa dar um bom estudo para o filho, cobre do Governo uma boa faculdade, mais vagas na faculdade, para que ele possa ter um bom salário. Quanto mais você puxar para baixo, melhor fica para todo mundo. Não adianta a gente ter riqueza e eu viver bem, sendo que eu não posso sair na rua, porque eu posso ser assaltado ou posso ser morto, entendeu? É mais ou menos assim que eu penso.

[00:14:15] Entrevistadora: E como que você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais? E o contexto social e político como influenciam?

[00:14:31] Entrevistado: No decorrer da vida da pessoa, ela tem que buscar melhorar. Se ela melhora, se ela tem condições de fazer determinadas atividades, ela vai conquistando seu espaço. Por exemplo, quando eu comecei, eu trabalhava de servente. Eu fui estudando, fiz uma faculdade, estou fazendo a outra, fiz cursos, passei, fui melhorando. Agora, se eu ficasse só naquele trabalho, na construção civil, junto com meu pai, eu não teria melhorado de vida. Então, eu acho assim: a meritocracia existe? Existe! Ela exige que você se aperfeiçoe, porque a cultura da igualdade nunca vai nivelar as pessoas de baixo para cima; ela vai nivelar de cima para baixo. A tendência dela é deixar as pessoas mais abaixo; nunca nivelar todas as pessoas que estão em baixo para cima. Então, não tem como você levar todas as pessoas para a parte de cima, porque é muita gente. Então, se as pessoas não se aperfeiçoarem, não estudam e não se qualificam, não vai ter jeito. A vida é dura, é cruel, mas fazer o quê? Cada um tem que procurar um jeito de melhorar.

[00:15:50] Entrevistadora: E o contexto social e político? Você acha que está relacionado, então?

[00:15:55] Entrevistado: Contexto social e político?

[00:15:57] Entrevistadora: É! Para as conquistas da pessoa.

[00:16:09] Entrevistado: Hoje, tem muita oportunidade. Tem muita oportunidade para a pessoa. Com uma economia sólida, muito dinheiro, é bom para todos, e aqueles que estão qualificados vão conquistar seu espaço. Agora, está decaindo as ofertas de trabalho, a

economia está desacelerando, mais desemprego e a inflação voltando, então a questão, hoje, já começa a mudar tudo. Fica uma situação pior, não muito favorável e vai aumentar a desigualdade social.

[00:17:08] Entrevistadora: E o que você pensa sobre o Bolsa Família?

[00:17:11] Entrevistado: Bolsa Família? Sinceramente, eu acho que deveria existir um fundo social para as pessoas necessitadas, por exemplo, uma pessoa viúva, um órfão, uma pessoa que ficou nessa situação porque não teve essa opção. Agora, se os problemas sociais começarem a gerar dependência e aumentarem cada vez mais, então não está servindo, para ajudar as pessoas. Estão criando dependentes.

[00:17:52] Entrevistadora: E como é que você enxerga as políticas de cotas raciais?

[00:17:57] Entrevistado: “Cotas raciais”. Primeiramente, eu não acredito nesse negócio de raça. Para mim, existe ser humano. Eu sei que o Brasil teve problemas com os africanos, que vieram e foram marginalizados; também teve a escravatura e coisa e tal, que isso gerou um problema social; que aqui tinha oligarquia; enfim, gerou esse acúmulo de pessoas mais desfavorecidas. Mas, hoje, eu tenho outra visão sobre cotas. Para ficar um ideal mais justo: favorecer 50% do setor público, para quem vem da escola pública, e 50% para o setor privado. Eu acabaria com cotas raciais. Eu não acredito nesse negócio de raça. Ninguém é menos ou mais que o outro por causa da cor da pele.

[00:19:15] Entrevistadora: Beleza! E, na sua opinião, a criminalidade é um problema causado, principalmente, por qual motivo?

[00:19:27] Entrevistado: Formação familiar, cultural, religiosa e ética.

[00:19:37] Entrevistadora: Você pode me explicar melhor?

[00:19:39] Entrevistado: Familiar é quando você tem os seus valores, de pai e mãe, e irmã e irmão. Não garante que você vá ser uma boa pessoa - isso é diferente -, mas influencia em como as pessoas encaram seus problemas. Um supera, outro não supera, outros vão buscar outros meios. Religioso: você ter uma religião ajuda muito você a pensar que você pode fazer o mal para a pessoa e isso vai prejudicar o outro. Questão de leis: se tem leis severas, vai diminuir o crime, não vai favorecer o crime. Por exemplo, a pessoa mata, rouba e vai para a cadeia e lá ele tem um salário para ajudar a família. E aquela família que ficou sem o pai e sem a mãe ou que teve um irmão morto por causa de um

celular? Então, eu acho muito errado. Eu acho que o preso, quando ele é preso e condenado, tem de pagar e tem que produzir e tem que ter empresas em que ele possa trabalhar, gerar seu sustento e também ajudar sua família lá fora. A progressão social – “social” no sentido de socializar, de voltar ao convívio social, sem ser uma ameaça para a população, no contexto deles.

[00:21:14] Entrevistadora: A minha próxima pergunta era, justamente, essa: como você acha que o Estado deve reinserir na sociedade os detentos que já cumpriram suas penas?

[00:21:25] Entrevistado: Eu acho difícil cadeia, hoje, recuperar alguém. Depende muito do esforço de cada um, detento. A cadeia hoje incentiva mais o crime e joga a pessoa mais no crime. Tem que reformar todo o Direito Penal e também todo o Sistema Prisional. Tem que mudar radicalmente.

[00:21:46] Entrevistadora: Mudar como?

[00:21:49] Entrevistado: Mudar! Ter profissão, ter estudo...

[00:21:52] Entrevistadora: Dentro das prisões?

[00:21:55] Entrevistado: Isso! Exatamente! Dentro dos presídios tem que ter essa cultura de trabalhar, sustentar e gerar ali e se reintegrar, e não ficar confinado lá com uma sentença de privação de liberdade. Somente isso não resolve.

[00:22:12] Entrevistadora: E como que você considera que o Estado deve combater a criminalidade?

[00:22:21] Entrevistado: O Estado tem que combater a criminalidade, por exemplo, nas escolas: formar opiniões, divulgar, levar jovens para conhecer presídios e ver como é, e não promover ou falar que a pessoa que vai ser presa, pode ser regenerar e que tem a segunda e terceira chance. Não! Tem que colocar medo mesmo na criança e falar “Ó, o crime não compensa. Você pode ser morto, você pode matar alguém, você pode acabar com a sua vida”. Sem ter essa cultura dos Direitos Humanos de proteger o ladrão. Ele vai para lá e vai ter que pagar a pena dele!

[00:23:10] Entrevistadora: E qual é a sua opinião sobre o trabalho executado pela polícia militar no país?

[00:23:14] Entrevistado: Eu acho que a polícia, hoje, é muito mais vítima da sociedade do que o próprio ladrão.

[00:23:25] Entrevistadora: Como assim?

[00:23:24] Entrevistado: Eu conheço o trabalho da polícia - já trabalhei com alguns. Eles são marginalizados, só são chamados para conflitos (apesar de ser a função deles), ganham mal e o Direito promove a marginalização da polícia militar. Eu acho que a polícia tem que reavivar de novo, com suas características pautadas na lei, de uma forma que venha a coibir o crime realmente e que ela possa ter o suporte da justiça para isso, sem que eles esqueçam do direito das pessoas e do cidadão. A gente tem que parar com essa cultura de marginalizar a polícia no país, que hoje está demais.

[00:24:26] Entrevistadora: Por que você acha que “está demais”?

[00:24:28] Entrevistado: Porque, hoje, o policial não pode nem prender o ladrão, não pode fazer mais nada. A sociedade é dependente da mídia e contra o bandido. Hoje, ela é contra o policial. O estuprador, o bandido, o traficante, o ladrão, o menor infrator, têm muito mais voz que o policial.

[00:25:03] Entrevistadora: E qual é a sua opinião sobre o porte de armas de fogo?

[00:25:08] Entrevistado: O direito de legítima defesa é um direito natural de qualquer pessoa, desde o começo do mundo. Ele é até bíblico, religioso. Em muitos países, eles têm armas em casa e o índice é muito baixo de acidentes com arma. Países subdesenvolvidos, onde o governo é totalitário, onde ele promove desarmamento, são países muito mais violentos. Todos os governos de países que promoveram o desarmamento são violentos e os índices criminais aumentam muito; um exemplo é o Brasil.

[00:26:01] Entrevistadora: E o que você acha sobre o casamento homoafetivo?

[00:26:06] Entrevistado: “Casamento homoafetivo”? Eu não tenho nada contra, não. Eu acho que união estável é garantida para qualquer pessoa, só que eu acho o seguinte: a partir do momento em que se ganha um direito, não se pode extrapolar.

[00:26:26] Entrevistadora: Como assim?

[00:26:33] Entrevistado: Você não pode extrapolar. Você pode ter união de três, quatro pessoas juntas. Então, eu já acho que é uma evolução muito moderna, muito avançada. Não

sei se tem algum propósito, do cuidar do social, se tem amor. Eu tenho uma visão conservadora, então eu não consigo assimilar isso, entendeu?

[00:26:55] Entrevistadora: Entendi! E você acha que... Ai, desculpa! Eu te interrompi. Pode falar.

[00:26:59] Entrevistado: Pode falar, pode falar.

[00:27:00] Entrevistadora: A próxima pergunta, então: você acha que um casal homossexual deve ter direito de adotar uma criança?

[00:27:12] Entrevistado: Não!

[00:27:13] Entrevistadora: Não?

[00:27:14] Entrevistado: Não!

[00:27:15] Entrevistadora: Por quê?

[00:27:16] Entrevistado: Porque não! Já é comprovado cientificamente na Europa que casais que adotaram crianças, a criança, o adolescente, depois de formados, têm problemas sérios. Toda pessoa, mesmo que for adotado por um casal de homem e mulher, sempre quer saber de onde ele veio. Ele deseja isso! Então, há conflitos pessoais que geram essa desunião. Não é decorrente do preconceito, não. É da própria pessoa mesmo. Ele quer! É natural ele querer saber de onde ele veio, quais são suas raízes, o que levou ele a nascer. Ele quer saber de onde ele veio. A sua existência está em jogo. Então, eu acho que pode ajudar, momentaneamente, no contexto social? Ajuda a criar uma criança que está abandonada, que está em um abrigo, em uma creche? Ajuda, mas é um paliativo, entendeu? Não é um negócio de como deveria ser.

[00:28:30] Entrevistadora: Você acha, então, que casais heterossexuais também não devem adotar?

[00:28:38] Entrevistado: Casais héteros? Não! Devem! Nunca vai ser perfeito. Nem hétero, nem homo. Então, assim: é uma ajuda, é uma contribuição social que a pessoa faz, de desenvolver o amor e a gratidão de pessoas que querem ajudar o próximo, entendeu? Mas nunca vai ser igual a uma família de onde a pessoa nasceu. “Eu saí daquele lugar. Meu pai e minha mãe são aqueles”. Nunca vai ser igual, tanto de casal normal (homem e

mulher), como homoafetivos também. Então, hoje em dia tem essa problemática, né? É normal, é natural. Eles querem saber dos genitores, né?

[00:29:30] Entrevistadora: E como você vê o papel das mulheres na atualidade?

[00:29:35] Entrevistado: “Papel da mulher na atualidade”. Eu vejo que teve grande avanços. A mulher conseguiu muito espaço, muitas ocupam cargos públicos hoje bons, ganham bem. A questão da mulher é mais cultural, né? Nas classes mais baixas, tem um pouco de índice de violência, muito mais que as classes altas. A mulher, hoje, tem um espaço muito grande. Eu acho que não está muito além, muito desfavorável a mulher, não. Hoje, a mulher tem dificuldades, mas o homem também tem dificuldades. Acho que, hoje, está mais igual; está mais igual. Eu acho que as mulheres têm mais obrigações, porque, às vezes, elas ficam com a obrigação de cuidar dos filhos. E como tem que cuidar dos filhos, aí acaba pesando mais, porque, às vezes, atrapalha. Então, tem muito mais obrigação do que o homem, porque o homem só trabalha; ele não cuida do filho. Mas eu acho que a mulher tem essa responsabilidade a mais.

[00:31:06] Entrevistadora: Você tem filhos?

[00:31:08] Entrevistado: Tenho!

[00:31:09] Entrevistadora: E você é casado?

[00:31:10] Entrevistado: Sou.

[00:31:12] Entrevistadora: Quantos filhos você tem?

[00:31:16] Entrevistado: Só um.

[00:31:18] Entrevistadora: E sua mulher trabalha?

[00:31:21] Entrevistado: Trabalha também.

[00:31:22] Entrevistadora: Oi? Eu não ouvi. Desculpa!

[00:31:23] Entrevistado: Trabalha também.

[00:31:25] Entrevistadora: Ah, sim! Os dois trabalham.

[00:31:28] Entrevistado: Hoje, ela ganha mais que eu – para você ver como as coisas estão modernas. Estudou mais do que eu, né? Aproveitou mais a chance.

[00:31:38] Entrevistadora: Então, eu vou passar para a próxima pergunta, tudo bem?

[00:31:43] Entrevistado: Tá bom!

[00:31:44] Entrevistadora: Como você encara a problemática do aborto?

[00:31:50] Entrevistado: Eu acho que vai ferir um direito impensável. Tem que garantir o direito do nascituro; não importa se ele nasceu de uma forma discriminada! Não é porque a pessoa quer. Eu acho que tem que traçar um perfil, porque não é só uma questão de “Ah, eu não gosto! Eu não quero ter esse filho!”. Isso é uma questão também psicológica. Acho que nenhuma mulher deseja fazer aborto. É uma coisa muito traumática. Se você ver um vídeo de um feto sendo cortado e depois jogado em qualquer lugar... é marcante isso, né? Tem casos que são muito graves, como o de estupro, quando tem chance de a pessoa nascer deficiente com forma cefálica não favorável ou quando a mulher corre risco de vida na gravidez, mas isso é uma questão muito... Envolve também o casal decidir se quer, né? Eu penso, então, que depende de duas pessoas ou, às vezes, de uma sozinha também, né? É uma atitude pessoal de cada pessoa envolvida.

[00:33:28] Entrevistadora: E o que você pensa quando escuta alguma história sobre uma mulher que foi assediada?

[00:22:38] Entrevistado: No Brasil, na cultura ocidental, isso é um pouco mais problemático. As pessoas não têm muito respeito, sendo mulher nem sendo homem. Não se respeita muito o espaço do outro. Essa cultura banalizou a mulher de um jeito, como um objeto sexual. Então, isso precisa ser revisto: a questão de música, de relacionamento. As coisas têm que ser pautadas no respeito.

[00:34:14] Entrevistadora: E qual é a sua opinião sobre o país receber imigrantes de países com algum tipo de conflito?

[00:34:23] Entrevistado: Eu acho uma problemática, porque... Eu assisto a muito vídeos de blogs da França e os conflitos sociais gerados lá com os muçulmanos entrando no Continente Europeu. Eu acho assim: quando a pessoa sai do seu país para entrar no outro, ela não pode impor sua cultura no outro; ele tem que ser receptivo. Se eu for para o Oriente Médio, eu já sei que lá eu não posso andar com a Bíblia na mão, porque eu posso ser executado e enforcado na praça. Eu não posso divulgar minha religião...

[00:35:38] Entrevistadora: Alô? Oi! A ligação caiu.

[00:35:40] Entrevistado: Ah tá!

[00:35:43] **Entrevistadora:** Você estava falando sobre o país receber imigrantes de países em conflito.

[00:35:49] **Entrevistado:** Isso! Eu acho que toda vez que um país abre as portas para um imigrante, ele tem que se adaptar à cultura. Ele pode levar sua cultura, sua religião, sua personalidade, mas ele tem que respeitar a cultura que ele também se adentrou, onde ele está lá, porque a gente nota que os países do Oriente Médio são fechados para o Ocidente. Eles não querem muito se misturar com o Ocidente, então, quando a pessoa vai para um país - seja da Europa ou o Brasil -, ele vai ter um choque cultural. Ele só vai ter que se adaptar. É uma questão de se adaptar e não impor a sua cultura em outro solo, em outra nação, em outro país.

[00:36:43] **Entrevistadora:** Agora, eu vou passar para a última pergunta, que é: o que você acha sobre regular a mídia?

[00:36:49] **Entrevistado:** Regular a mídia?

[00:36:50] **Entrevistadora:** É!

[00:36:51] **Entrevistado:** É um problema sério isso daí.

[00:36:53] **Entrevistadora:** Por quê?

[00:36:54] **Entrevistado:** Eu acho que não deve regular a mídia, não. Eu acho assim: a gente tem cibernéticos, mas é no campo do Direito Penal, o direito do contraditório. Agora, o Estado, em si, querer regular a mídia, eu acho muito perigoso.

[00:37:23] **Entrevistadora:** Por que você acha muito perigoso?

[00:37:24] **Entrevistado:** Porque tira a liberdade do cidadão, tira a liberdade do pensamento. A partir do momento em que todo mundo pensa igual, aí já não é liberdade, né?

[00:37:36] **Entrevistadora:** Mas você acha que seria conduzido de forma a fazer todo mundo pensar igual, seguir uma mesma linha?

[00:37:41] **Entrevistado:** Isso! Exatamente! Ia prejudicar muito a liberdade.

[00:37:51] **Entrevistadora:** Bom, é isso! Você tem mais alguma coisa a acrescentar?

[00:37:54] **Entrevistado:** Eu acredito que não!

[00:37:57] Entrevistadora: Então, tá bom. Eram essas as minhas perguntas.

[00:38:01] Entrevistado: Eu espero ter ajudado.

[00:38:02] Entrevistadora: Ajudou, sim, com certeza! Muito obrigada por ter aceitado participar. A pesquisa deve ficar pronta para o fim do ano ou, então, no começo do ano que vem. Quando eu tiver alguma coisa já concreta, eu entro em contato com você novamente para te passar, tá bom?

[00:38:19] Entrevistado: Tá ok! Você só não vai divulgar o nome, né?

[00:38:21] Entrevistadora: Não, não! Os nomes não vão aparecer. Não precisa se preocupar, tá bom?

[00:38:27] Entrevistado: Tá ok, então.

[00:38:28] Entrevistadora: Muito obrigada!

[00:38:29] Entrevistado: De nada!

[00:38:30] Entrevistadora: Boa noite!

[00:38:32] Entrevistado: Boa noite. Tchau, tchau!

[00:38:33] Entrevistadora: Tchau, tchau!

ANEXO J7 – Entrevistada: Gina

[00:00:10] Entrevistada: Alô!

[00:00:11] Entrevistadora: Alô! Gina?

[00:00:12] Entrevistada: Oi!

[00:00:13] Entrevistadora: Oi! Aqui é a Mariana. Tudo bem?

[00:00:15] Entrevistada: Tudo!

[00:00:17] Entrevistadora: Você pode falar agora?

[00:00:19] Entrevistada: Posso! É que eu estava dormindo, mas já acordei.

[00:00:25] Entrevistadora: Ai, desculpa!

[00:00:28] Entrevistada: Não, eu já estava... Acabei de acordar.

[00:00:29] Entrevistadora: Ah, então, tá bom! Você tem mesmo tempo para a entrevista agora?

[00:00:34] Entrevistada: Tenho!

[00:00:35] Entrevistadora: Então, tá bom! Eu vou começar a entrevista. Eu vou gravar, só para facilitar a transcrição depois para o trabalho, mas ela é anônima, tá bom? Seu nome não vai aparecer em momento algum.

[00:00:50] Entrevistada: Tá! Tá bom.

[00:00:51] Entrevistadora: Vou começar com algumas perguntas gerais, rapidinhas. Qual é o Estado onde você mora?

[00:00:57] Entrevistada: É Rio de Janeiro.

[00:00:58] Entrevistadora: Qual é a sua idade?

[00:01:01] Entrevistada: 22 anos. Acabei de fazer.

[00:01:05] Entrevistadora: Escolaridade? Pode ser completa ou cursando.

[00:01:13] Entrevistada: Cursando.

[00:01:12] Entrevistadora: Você está cursando o quê?

[00:01:15] Entrevistada: Medicina veterinária.

[00:01:16] Entrevistadora: Você tem dispositivos de acesso à internet em casa?

[00:01:20] Entrevistada: Sim!

[00:01:22] Entrevistadora: E com que frequência você acessa a internet? Pode ser de qualquer lugar.

[00:01:29] Entrevistada: Em todo lugar, entre as aulas...

[00:01:34] Entrevistadora: Mais de uma vez por dia?

[00:01:37] Entrevistada: É, mais de uma vez por dia.

[00:01:38] Entrevistadora: Beleza! E com que frequência você acessa o Facebook?

[00:01:49] Entrevistada: Face? Sei lá! Pode colocar umas duas ou três vezes por dia.

[00:01:50] Entrevistadora: Tá! E qual é o meio que você mais utiliza para se manter informada? Pode ser jornal, rádio, TV, sites de notícias, Facebook, Twitter ou outros.

[00:02:02] Entrevistada: Sites.

[00:02:04] Entrevistadora: Sites de notícias?

[00:02:06] Entrevistada: É!

[00:02:10] Entrevistadora: Beleza! E você é filiada ou simpatizante de algum partido político?

[00:02:16] Entrevistada: Sim!

[00:02:18] Entrevistadora: Você é filiada ou simpatizante?

[00:02:20] Entrevistada: Não! Simpatizante.

[00:02:21] Entrevistadora: Ah tá! De qual?

[00:02:22] Entrevistada: Do PT.

[00:02:24] Entrevistadora: E com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política no Facebook.

[00:02:30] Entrevistada: Olha, é bastante! Agora, menos, mas eu estava em uma época...

[00:02:39] **Entrevistadora:** Bastante é mais de uma vez por semana, mais de uma vez por dia?

[00:02:43] **Entrevistada:** É. Quando o assunto estava mais em pauta, era até mais de uma vez por dia. Agora é uma vez por semana.

[00:02:53] **Entrevistadora:** Uma vez por semana?

[00:02:54] **Entrevistada:** *Aham!*

[00:02:55] **Entrevistadora:** Tá bom! Agora, eu vou passar para algumas questões políticas mais práticas, tá bom? Por que você se interessa pelas temáticas políticas?

[00:03:06] **Entrevistada:** Eu não sei. Eu não consigo explicar.

[00:03:12] **Entrevistadora:** Você pode falar um pouquinho mais alto, Gina, por favor?

[00:03:16] **Entrevistada:** Oi?

[00:03:17] **Entrevistadora:** Você pode falar um pouquinho mais alto? É que a ligação está baixa. Eu não estou conseguindo te ouvir direito.

[00:03:21] **Entrevistada:** Ah tá!

[00:03:22] **Entrevistadora:** Obrigada!

[00:03:23] **Entrevistada:** Eu não sei o porquê. Eu sempre me interessei pela política. É um assunto muito interessante para mim. Eu não sei explicar por quê. Eu acho que eu me importo com as pessoas que não estão próximas de mim, entendeu?

[00:03:48] **Entrevistadora:** Mas você conversa sobre política também no seu círculo de amigos, com seus familiares?

[00:03:53] **Entrevistada:** *Aham!* Sim!

[00:03:54] **Entrevistadora:** E na faculdade também?

[00:03:56] **Entrevistada:** É, também.

[00:03:58] **Entrevistadora:** Beleza! E com que tipos de posicionamentos políticos você mais se identifica: direita, centro-direita, centro, esquerda, centro-esquerda?

[00:04:06] **Entrevistada:** Mais com a esquerda.

[00:04:10] **Entrevistadora:** Beleza! Por quê?

[00:04:11] **Entrevistada:** Então, eu acho que na ideia é uma coisa mais bonita, mais igualitária. É claro que não tem como ver essa esquerda hoje em dia, mas acho que é uma ideia que beneficia todas as classes. E isso é importante para mim.

[00:04:35] **Entrevistadora:** Por que você acha que não tem como viver só de esquerda hoje em dia?

[00:04:41] **Entrevistada:** Porque – às vezes, eu não sei bem – a gente sempre liga a direita ao capitalismo e a gente vive disso, basicamente. A gente é muito dependente do capitalismo; trabalha para isso e tal.

[00:04:58] **Entrevistadora:** Entendi! E como você procura se informar sobre o cenário político do país?

[00:05:06] **Entrevistada:** Eu entro em sites, procuro não ver televisão muito – eu não vejo, na verdade; não vejo nada daquela época por televisão – e eu converso com os amigos.

[00:05:20] **Entrevistadora:** De qual época você está falando: do impeachment, da votação?

[00:05:25] **Entrevistada:** Não, a votação eu acompanhei – só a votação e mais nada.

[00:05:31] **Entrevistadora:** São duas perguntas, desmembrando essa sua resposta. Primeiro: quais são os sites que você acessa?

[00:05:43] **Entrevistada:** É *MSN*, *GI* – deixa eu ver mais qual. Ah, eu não lembro agora.

[00:05:55] **Entrevistadora:** Você acessa algum blog? Tem algum blog que você gosta de ler ou alguma página do Facebook mesmo sobre política que você segue?

[00:06:04] **Entrevistada:** Tem! Tem um deputado federal que é do PT, mas eu não lembro o nome dele.

[00:06:14] **Entrevistadora:** Ele é do Rio?

[00:06:16] **Entrevistada:** Não! Eu acho que ele é de São Paulo.

[00:06:23] **Entrevistadora:** Deixa eu ver qual era a outra pergunta que eu ia fazer. Eu esqueci! Eu vou passar para a próxima, então.

[00:06:35] **Entrevistada:** Tá!

[00:06:36] **Entrevistadora:** Qual é a sua opinião sobre a forma como as notícias sobre política são escritas?

[00:06:42] **Entrevistada:** Ah, eu acho que é muito sensacionalismo, né? E a realidade não é aquilo que pode ser visto, então não é confiável tudo o que se pode ver.

[00:06:59] **Entrevistadora:** Eu lembrei qual era a outra pergunta. Você comentou que você não assiste mais televisão, por quê?

[00:07:08] **Entrevistada:** Porque as principais mídias têm um direcionamento para um lado, que é o que eu não concordo, entende? Então, se eu vir aquilo, é uma coisa que eu não concordo, então não tem por que eu ver.

[00:07:28] **Entrevistadora:** E os seus amigos e familiares concordam com seus posicionamentos?

[00:07:34] **Entrevistada:** Não!

[00:07:35] **Entrevistadora:** Não?

[00:07:36] **Entrevistada:** Ninguém!

[00:07:37] **Entrevistadora:** Como que você acha que seu envolvimento com política no Facebook se reflete na sua relação com as outras pessoas?

[00:07:46] **Entrevistada:** Eu, antigamente, pensava: “não sei se vou compartilhar ou não, porque de repente as pessoas não gostem”. Mas acho que as pessoas que se interessam por política também gostam e dá para criar boas discussões sobre isso, fora da internet, com os meus amigos e as pessoas próximas a mim.

[00:08:17] **Entrevistadora:** Você, então, debate sobre política também dentro do Facebook?

[00:08:21] **Entrevistada:** *Aham!*

[00:08:23] **Entrevistadora:** E fora?

[00:08:24] **Entrevistada:** Também!

[00:08:26] **Entrevistadora:** Você já teve algum tipo de problema com os seus familiares ou com seus amigos? Você já discutiu com eles por Facebook ou até pessoalmente?

[00:08:31] **Entrevistada:** Não, não, não! Eu estou falando de discutir como conversar.

[00:08:42] **Entrevistadora:** *Aham!* Só diálogo mesmo, né?

[00:08:43] **Entrevistada:** É! Mas com a família, como todo mundo não tem o mesmo pensamento, a gente nem conversa mais.

[00:08:53] **Entrevistadora:** Então, beleza! Mas nunca teve nada de um excluir o outro ou nada mais grave?

[00:08:58] **Entrevistada:** Não! Mas eu conheço gente que já teve: o irmão excluiu o meu amigo.

[00:09:05] **Entrevistadora:** O seu irmão excluiu?

[00:09:07] **Entrevistada:** Não!

[00:09:08] **Entrevistadora:** O irmão do amigo?

[00:09:09] **Entrevistada:** O irmão do meu amigo excluiu ele.

[00:09:12] **Entrevistadora:** É, isso acontece mesmo! Agora, eu vou fazer umas questões político-ideológicas. Como você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:09:27] **Entrevistada:** Eu não entendi direito. “Mercado”, como um todo?

[00:09:36] **Entrevistadora:** Sim! O mercado como um todo. Você acha que o Estado deve deixar o mercado mais livre, o mercado deve se autorregular, ou o Estado tem que impor algum tipo de regulação ao mercado, controlar e ajudar quando necessário?

[00:09:55] **Entrevistada:** Ah tá! Entendi. Eu acho que é importante o Estado fazer esse controle, porém não criando regras como as que acontecem aqui no Brasil. Eu não sei, mas a gente é um péssimo caso à parte, né? Não é pareado com o que acontece em outros países, por isso tem muita inflação e muitas coisas com as quais eu não concordo.

[00:10:23] **Entrevistadora:** E o que você acha sobre o Estado garantir serviços gratuitos aos cidadãos, como Saúde e Educação, por exemplo?

[00:10:30] **Entrevistada:** Ah, eu acho ótimo.

[00:10:31] **Entrevistadora:** Por quê?

[00:10:35] **Entrevistada:** Porque ele existe e a gente vota em alguém e a gente paga imposto. É uma forma de retribuir isso para gente.

[00:10:52] Entrevistadora: Entendi! E, para você, como o governo deve inserir socialmente aqueles cidadãos que estão marginalizados?

[00:11:02] Entrevistada: Primeiramente, através de acesso à escola pública; à universidade; meios de transporte, para que isso aconteça; essa ideia também de Pronatec, cursos técnicos. Fazer uma integração das pessoas que moram longe com o mercado de trabalho com a escolaridade, tanto ensino médio quanto superior.

[00:11:37] Entrevistadora: Na sua opinião, o que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:11:45] Entrevistada: A condição financeira dela e não ter muito acesso à cultura, ao aprendizado, à educação.

[00:11:57] Entrevistadora: Beleza! Como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais? E o contexto social e político como influenciam nas conquistas pessoais?

[00:12:10] Entrevistada: Então, o mérito vai ser sempre dela porque depende dela, né? Tipo assim: se ela trabalhar muito, vai conseguir bastante coisa. Porém, se você mora em um lugar que tem mais oportunidade de trabalho, sua família tem oportunidade de te ajudar e se ela tem mais acesso à informação, aí vai ser mais favorecida essa pessoa. Agora, morando em um lugar distante e sendo pobre, ela não tem essas oportunidades, entende? E, na minha opinião, é importante que o governo assegure isso.

[00:12:56] Entrevistadora: Beleza! E o que você pensa sobre o Bolsa Família?

[00:13:01] Entrevistada: Então, eu não concordo muito, porém, é como cota para universidade: é uma coisa importante nesse momento.

[00:13:14] Entrevistadora: Por que você não concorda muito?

[00:13:16] Entrevistada: Porque eu não sei. Na verdade, eu concordo! Está pensando nos mais pobres, né? A cota que é assim como eu falei. Mas a Bolsa pode continuar.

[00:13:31] Entrevistadora: A minha próxima pergunta é exatamente sobre as cotas. Como você enxerga as políticas de cotas raciais e por quê?

[00:13:38] Entrevistada: É isso que eu falei sobre as cotas.

[00:13:42] Entrevistadora: Você acha que é necessário nesse momento, mas você discorda?

[00:13:48] Entrevistada: É assim: eu discordo em relação a diferenciar o estudo no ensino particular. Por exemplo, a pessoa que estuda no colégio público ganha 100 pontos a mais do que quem estuda no particular. Isso está parecendo que ela tem alguma deficiência no seu conhecimento. Isso, em tese, não deveria acontecer, porque o governo deveria ser exemplo e a educação de colégio público deveria ser a melhor. Porém, atualmente, a gente sabe que não é nenhuma coisa. Então, eu concordo agora com cotas, mas se tiver algum bom colégio, eu não concordo.

[00:14:27] Entrevistadora: E a mesma coisa para o Bolsa Família, certo?

[00:14:32] Entrevistada: Não! Bolsa Família pode continuar.

[00:14:36] Entrevistadora: Então, tá bom! E, para você, a criminalidade é um problema causado principalmente por qual motivo?

[00:14:46] Entrevistada: Educação, falta de educação.

[00:14:51] Entrevistadora: Falta de Educação e algo mais?

[00:14:57] Entrevistada: É, não sei. Falta de acesso à informação também, que também é educação.

[00:15:06] Entrevistadora: E como você acha que o Estado deve combater a criminalidade?

[00:15:13] Entrevistada: Justamente isso: proporcionando alternativas para aquela pessoa que já tem tudo para seguir um caminho ruim. Pode ser de várias formas: educação, esporte, família.

[00:15:34] Entrevistadora: E como você acha que o Estado deve reinserir na sociedade os detentos que já cumpriram suas penas?

[00:15:43] Entrevistada: Tratando como uma pessoa normal, porque é isso que eles vão ser, perante o Direito. Oferecendo trabalho, cursos. Não tem por quê diferenciar nada.

[00:16:06] Entrevistadora: Qual é a sua opinião sobre o trabalho executado pela polícia militar no país?

[00:16:14] Entrevistada: No país, eu não sei, mas no Rio eu acho que eles têm uma péssima atuação.

[00:16:21] Entrevistadora: Por quê?

[00:16:24] Entrevistada: Eu não sei nos outros lugares, mas, aqui, eles têm muito envolvimento com o tráfico mesmo. É muita milícia. Então, a gente nunca está se sentindo completamente seguro e a gente também não pode confiar na polícia daqui, porque ela é bem corrompida. É claro que, se precisar, a gente chama, mas nunca é eficaz.

[00:16:51] Entrevistadora: Você mora no Rio capital mesmo?

[00:16:55] Entrevistada: Sim! Durante o final de semana, sim. Durante a semana, eu venho aqui para um lugar como se fosse o interior, né?

[00:17:05] Entrevistadora: Ah, sim! Você estuda no interior, então?

[00:17:09] Entrevistada: É!

[00:17:10] Entrevistadora: Entendi! E o que você acha sobre o porte de armas de fogo?

[00:17:18] Entrevistada: Eu acho que eu sou contra!

[00:17:23] Entrevistadora: Você é contra? Por que você é contra?

[00:17:26] Entrevistada: Porque nem todo mundo tem a consciência de quando usar ou não, entende? Se for assim, pode ser que uma pessoa com raiva vai lá e usa.

[00:17:41] Entrevistadora: E o que você acha sobre casamento homoafetivo?

[00:17:51] Entrevistada: Eu nunca parei para pensar sobre isso, mas, por mim, eu aceito, entende? Não é o que eu sigo, mas aceito.

[00:18:08] Entrevistadora: E por que você aceita?

[00:18:11] Entrevistada: Justamente para a gente poder viver em harmonia, entende?

[00:18:17] Entrevistadora: E você acha que um casal homossexual deve ter direito a adotar uma criança?

[00:18:23] Entrevistada: Sim!

[00:18:24] Entrevistadora: Por quê?

[00:18:27] Entrevistada: Porque é a opção da vida dele, né? Então, eu não deveria interferir.

[00:18:33] Entrevistadora: Por que é o quê?

[00:18:36] **Entrevistada:** É a opção que ele seguiu para a vida dele, então eu não deveria interferir.

[00:18:41] **Entrevistadora:** E você acha que para a criança é tudo bem também? Você acha que é uma coisa boa para a criança ou você acha que seria uma coisa ruim?

[00:18:46] **Entrevistada:** Acho que sim! Acho que seria bom, porque ele devia estar em uma situação pior – não que seja ruim, mas poderia estar ruim.

[00:18:58] **Entrevistadora:** E como você enxerga o papel das mulheres na atualidade?

[00:19:03] **Entrevistada:** Eu acho de extrema importância.

[00:19:07] **Entrevistadora:** Por quê?

[00:19:10] **Entrevistada:** Porque a gente tem uma visão, um jeito de fazer as coisas diferente dos homens. Somos mais atenciosas, mais detalhistas. E eu vejo que, com isso, a gente vai ganhando espaço.

[00:19:29] **Entrevistadora:** Você disse que vê que “a gente vai ganhando espaço”. Você acha que a gente tem espaço já ou que ainda não existe equidade de gênero?

[00:19:40] **Entrevistada:** Não, ainda não existe, mas já melhorou bastante.

[00:19:48] **Entrevistadora:** Ainda existe desigualdade de gênero, é isso?

[00:19:54] **Entrevistada:** É porque eu ainda não sei sobre o mercado de trabalho, porque eu não trabalho, mas acredito que exista.

[00:20:02] **Entrevistadora:** Entendi! E como você encara a problemática do aborto?

[00:20:07] **Entrevistada:** Ah, eu sou contra.

[00:20:09] **Entrevistadora:** Por quê?

[00:20:10] **Entrevistada:** Eu sou contra porque a pessoa foi consciente no momento que ela estava fazendo, então ela deveria ser responsável por aquilo que ela implantou, entende?

[00:20:25] **Entrevistadora:** Mas você é contra em todas as situações?

[00:20:28] **Entrevistada:** Não! No caso de estupro, tudo bem, porque ela justamente não estava consentindo.

[00:20:37] **Entrevistadora:** E o que você pensa quando escuta alguma história de alguma mulher que foi assediada?

[00:20:44] **Entrevistada:** Eu fico pasma! Fico imaginando que poderia ter sido comigo!

[00:20:50] **Entrevistadora:** Por que você fica pasma? Foi “pasma” que você falou, né?

[00:20:57] **Entrevistada:** Porque muita gente acha isso comum e eu não acho. Eu fico meio surpresa por eles interferirem no espaço da mulher como se fosse uma coisa normal.

[00:21:13] **Entrevistadora:** E qual é sua opinião sobre o país receber imigrantes de países com algum tipo de conflito?

[00:21:20] **Entrevistada:** Eu não vejo problema algum.

[00:21:22] **Entrevistadora:** Por quê?

[00:21:25] **Entrevistada:** Porque a gente precisa ser solidário. Não tem problema receber gente.

[00:21:33] **Entrevistadora:** Beleza! Agora, a minha última pergunta: o que você acha da ideia de regular a mídia? Você acha que a mídia deve ser regulada pelo Estado ou não?

[00:21:45] **Entrevistada:** Isso, com certeza, não!

[00:21:48] **Entrevistadora:** Por quê?

[00:21:51] **Entrevistada:** Porque a mídia não sendo monitorada pelo Estado, cada um vai poder dizer sua opinião. Então, quem assiste vai poder ver divergentes visões sobre o mesmo assunto, não aquele mesmo, batido.

[00:22:10] **Entrevistadora:** Mas não é monitorada; é regulada, assim como acontece com outros serviços, como energia elétrica, telecomunicações. Você acha que não deve acontecer? Não deve ter uma agência reguladora da mídia?

[00:22:33] **Entrevistada:** Eu acho que eu entendi errado. Não é de tipo o que pode passar, não, né?

[00:22:37] **Entrevistadora:** Não, não! Não é de censura. É só de regular. Assim como existe a Agência Nacional da Água, a Agência Nacional de Telecomunicações.

[00:22:47] **Entrevistada:** Ah tá! Então tá. Senão vai ficar que nem Cuba e se acaba a televisão.

[00:22:57] Entrevistadora: Então, é isso! São essas as minhas perguntas. Você tem mais alguma coisa a acrescentar?

[00:23:02] Entrevistada: Não! Falei bastante!

[00:23:06] Entrevistadora: Falou bastante, sim. Então, é isso, Gina. Muito obrigada por aceitar colaborar. A pesquisa ainda deve demorar um tempinho para ficar pronta - deve ser no fim desse ano ou começo do ano que vem -, mas quando tiver algum resultado concreto, eu entro em contato com você de novo, tá bom?

[00:23:28] Entrevistada: Tá! Tá bom, então. Obrigada!

[00:23:31] Entrevistadora: Eu que agradeço. Boa noite!

[00:23:34] Entrevistada: Boa noite!

[00:23:35] Entrevistadora: Tchau, tchau!

ANEXO J8 – Entrevistado: Hugo

[00:00:04] Entrevistadora: Alô?

[00:00:05] Entrevistado: Oi?

[00:00:06] Entrevistadora: Oi. Você já pode falar?

[00:00:07] Entrevistado: Já, sim.

[00:00:09] Entrevistadora: Eu vou começar, Hugo, com umas perguntas gerais, que são bem rápidas. Qual é a sua idade?

[00:00:16] Entrevistado: 26.

[00:00:19] Entrevistadora: O Estado em que você mora é DF, certo?

[00:00:21] Entrevistado: Exato!

[00:00:22] Entrevistadora: Sua escolaridade (completa ou cursando)?

[00:00:25] Entrevistado: Cursando o Ensino Superior.

[00:00:28] Entrevistadora: Você tem dispositivos de acesso à internet em casa?

[00:00:32] Entrevistado: Tenho.

[00:00:33] Entrevistadora: Com que frequência você acessa a internet? Pode ser de qualquer lugar.

[00:00:38] Entrevistado: Acho que o tempo inteiro. Acho que é 23 horas por dia. 23 horas, não, porque tem as horas de sono. Vamos botar aí 20 horas por dia (durmo 4).

[00:00:49] Entrevistadora: E com que frequência você acessa o Facebook?

[00:00:53] Entrevistado: É bastante também, bastante grande a frequência, tanto no celular quanto no computador.

[00:00:58] Entrevistadora: Tá! E qual é o meio que você mais utiliza para se manter informado: jornal, rádio, TV, site de notícias, Facebook, Twitter ou outros?

[00:01:08] Entrevistado: Olha, a internet, né? O jornal televisivo, eu não costumo assistir, e nem revista. É mais internet mesmo.

[00:01:18] **Entrevistadora:** Na internet, é sites, blogs, Facebook, Twitter, outra mídia social?

[00:01:24] **Entrevistado:** É site. Blogs também. Tem uma página no Facebook, o *Sensacionalista*, onde a gente também publica umas coisas.

[00:01:31] **Entrevistadora:** Ah sim! E você é filiado ou simpatizante de algum partido político?

[00:01:36] **Entrevistado:** Não.

[00:01:38] **Entrevistadora:** Nem filiado nem simpatizante?

[00:01:40] **Entrevistado:** Não.

[00:01:41] **Entrevistadora:** Beleza! Com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política no Facebook?

[00:01:47] **Entrevistado:** Antigamente, era mais frequente. Agora, eu acho que já deu no saco, né? Eu não faço mais; é bem pouco. Agora, é com muita pouca frequência, mas antes era bem mais, principalmente antes da Copa, naquele período de turbulência na política.

[00:02:04] **Entrevistadora:** O que você define como “bem mais, antigamente” e como “pouco, hoje”?

[00:02:12] **Entrevistado:** Sempre que a gente via uma notícia que era – como posso dizer? – condizente com o que a gente pensa, a gente compartilhava.

[00:02:22] **Entrevistadora:** Mas era todo dia?

[00:02:23] **Entrevistado:** Era! Todo dia, toda hora. Agora, mesmo que eu ache alguma coisa interessante, eu procuro não compartilhar, não, e nem comentar.

[00:02:31] **Entrevistadora:** Nem comentar também?

[00:02:32] **Entrevistado:** Nem comentar! Hoje, eu compartilho e comento de vez em quando. Não vejo necessidade. Antes, toda vez que eu via alguma coisa, eu compartilhava, comentava.

[00:02:43] **Entrevistadora:** Entendi! Agora, eu vou passar para as questões políticas mais práticas.

[00:02:47] **Entrevistado:** Ok!

[00:02:48] Entrevistadora: Por que você se interessa por temáticas políticas?

[00:02:53] Entrevistado: Ah, eu acho importante, né? A gente diz que política não se discute, mas, na verdade, eu acho que se discute, sim. Se política não se discute, vai discutir o quê?

[00:03:02] Entrevistadora: É verdade! E por que você acha que se discute?

[00:03:07] Entrevistado: Porque política é uma forma de instinto, de razão social, né? Se não procurar uma melhor forma de estruturação social, as coisas não vão bem.

[00:03:25] Entrevistadora: *Uhum!* Com que tipo de posicionamento políticos você mais se identifica: direita, centro-direita, centro, esquerda, centro-esquerda?

[00:03:41] Entrevistado: Acho que centro-esquerda.

[00:03:43] Entrevistadora: Por quê?

[00:03:45] Entrevistado: Porque eu acho que, embora eu goste dos outros, algumas conquistas da esquerda são bastante importantes para a nossa sociedade, né? Por exemplo, as universidades, postos de saúde, direitos trabalhistas. Essas conquistas a favor das minorias eu acho muito importante, embora a gente viva num sistema capitalista, né? Eu não acho que a culpa maior é do capitalismo ou do socialismo. Eu acho que a sociedade definhou por causa de nós mesmos. Eu acho que o sistema funcionaria muito bem se não fosse o fator humano.

[00:04:26] Entrevistadora: Por que você acha isso?

[00:04:28] Entrevistado: Porque são sistemas – tanto o capitalismo quanto o socialismo – que não foram construídos para falhar, eles não foram estruturados para falhar. O que falhou foi culpa nossa: corrupção, egoísmo, patriotismo, nacionalismo, essas coisas.

[00:04:52] Entrevistadora: E como que você procura se informar sobre o cenário político do país? Também é pela internet?

[00:04:58] Entrevistado: É, pela internet também.

[00:05:00] Entrevistadora: Você usa o Facebook também ou você usa mais os portais de notícias?

[00:05:06] Entrevistado: Acho que é mais o *terra.com*, o *globo.com* e o Facebook. São esses os que eu leio mais.

[00:05:10] Entrevistadora: Beleza! E qual é a sua opinião sobre a forma como as notícias sobre política são escritas?

[00:05:17] Entrevistado: Eu acho que, dependendo do meio de comunicação, elas são bem manipuladas. Não é manipulada de forma escancarada, mas são bem tendenciosas. Então, para fazer a leitura nesse tipo de reportagem, é preciso ter um senso crítico apurado, para saber filtrar.

[00:05:38] Entrevistadora: E o seus amigos, seus familiares concordam com os seus posicionamentos?

[00:05:40] Entrevistado: A maioria dos meus amigos, sim. Alguns familiares, não. É mais aquela questão de ser conservador com a esquerda. Eles acabam tendendo a ser um pouco mais da direita.

[00:05:51] Entrevistadora: E como você acha que esse seu envolvimento com política no Facebook se reflete na sua relação com as outras pessoas? Você já teve algum problema ou é uma coisa positiva? Sempre gera bastante debate?

[00:06:01] Entrevistado: Naquela época que eu te falei que eu compartilhava mais, eu também discutia mais, então, conseqüentemente, perdia mais amigos. Eu sempre fazia novos amigos também que pensavam da mesma maneira. Mas hoje, não! Hoje tanto faz! Eu procuro nem discutir mais com as pessoas.

[00:06:19] Entrevistadora: Essa época foi antes da Copa? Foi isso?

[00:06:21] Entrevistado: Antes da Copa!

[00:06:25] Entrevistadora: Antes da Copa e antes das eleições. Foi em 2014?

[00:06:29] Entrevistado: Exato! Foi exatamente nessa data.

[00:06:33] Entrevistadora: Agora, eu vou fazer algumas perguntas político-ideológicas. Como você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:06:16] Entrevistado: Como o Estado deve atuar em relação ao mercado? A parte de livre mercado, essas coisas?

[00:06:51] Entrevistadora: Oi?

[00:06:53] Entrevistado: Você está falando de livre mercado, essas coisas?

[00:06:54] Entrevistadora: É! Se você acha que deve existir livre mercado, se você acha que deve existir regulação, essas coisas.

[00:07:00] Entrevistado: Eu acho que uma regulamentação é necessária, para não sair fora do controle. Mas como eu não entendo muito disso, vou partir daquela opinião: eu acho que o sistema capitalista funcionaria muito bem se as pessoas também funcionassem.

[00:07:19] Entrevistadora: Beleza!

[00:07:20] Entrevistado: Se as pessoas colaborassem.

[00:07:23] Entrevistadora: E o que você pensa sobre o Estado garantir serviços gratuitos ao cidadão, como saúde e educação?

[00:07:31] Entrevistado: Ah, eu acho importante, porque é aquela questão da meritocracia: isso não existe. Então, eu acho que é papel do Estado cuidar do cidadão. Eu não estou falando de dar esmola ou dar coisa de graça; eu estou falando de tornar as pessoas autossuficientes. Eu acho que é função do Estado.

[00:07:51] Entrevistadora: E como você acha que o governo deve inserir socialmente os cidadãos que estão marginalizados?

[00:07:58] Entrevistado: Eu acho que através de políticas inclusivas, por exemplo, o ProUni, o FIES, programa de educação, essas coisas.

[00:08:12] Entrevistadora: Entendi!

[00:08:13] Entrevistado: Educação, para mim, é a melhor maneira. Acesso à universidade e à escola, para mim, é o mais importante.

[00:08:18] Entrevistadora: E, na sua opinião, o que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:08:27] Entrevistado: Teoricamente, é o estado que ela partiu, a condição que ela nasceu, a família. Mas eu acho que o Estado tem muita culpa nisso, porque a questão da economia, dos nossos impostos... Por exemplo, agora com essa crise que a gente tá tendo, eu vi muita gente passar de classe média para baixa e de classe alta para média e muito

provavelmente muita gente perdeu casa, perdeu o negócio que tinha. A minha mãe tinha um restaurante na Feira do Importados e já não tem mais; ela fechou.

[00:09:10] Entrevistadora: Onde sua mãe tinha um restaurante?

[00:09:12] Entrevistado: Na Feira dos Importados.

[00:09:15] Entrevistadora: Ah, é? E ela fechou?

[00:09:16] Entrevistado: Fechou, por causa da crise.

[00:09:18] Entrevistadora: Mas é recente isso?

[00:09:20] Entrevistado: É recente, é bem recente, agora.

[00:09:24] Entrevistadora: Oh! Que droga! E agora ela está fazendo o quê?

[00:09:27] Entrevistado: Ela está em casa. Ela vendeu o restaurante e está em casa.

[00:09:30] Entrevistadora: Ah, ela conseguiu vender.

[00:09:33] Entrevistado: Ela ainda está vendo o que vai fazer. Não entrei em contato com ela ainda, para saber direito.

[00:09:38] Entrevistadora: Você não mora com ela?

[00:09:40] Entrevistado: Não! Eu moro com o meu pai.

[00:09:43] Entrevistadora: Beleza! Justamente a questão que você estava falando sobre meritocracia: como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais? E o contexto social e político como influenciam?

[00:10:02] Entrevistado: Eu não entendi muito sua pergunta.

[00:10:04] Entrevistadora: Como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais, nas conquistas individuais da pessoa? E como o contexto social e político influenciam nessas conquistas também?

[00:10:19] Entrevistado: Eu acho que, embora a pessoa seja muito esforçada, não é o principal, não. O esforço pode até levar alguém a algum lugar, mas não é regra para todo mundo. Por exemplo: tem gente que trabalha 12 horas por dia e ganha menos que um cara que trabalha seis. Eu acho que é isso.

[00:10:45] **Entrevistadora:** Então, você acha que depende do contexto social e político mais do que do mérito individual?

[00:10:52] **Entrevistado:** É, depende. Sim!

[00:10:54] **Entrevistadora:** Beleza!

[00:10:55] **Entrevistado:** Embora seja importante também o cara ter um certo esforço.

[00:11:01] **Entrevistadora:** E o que você pensa sobre o Bolsa Família?

[00:11:05] **Entrevistado:** Eu acho importante! Ao contrário do que a maioria das pessoas aparentemente pensa, eu acho importante. Mesmo que seja pouco, um trocadinho para aquela família já é muita coisa; já garante um arroz, um feijão. Quando eu estudava na Escola Classe, eu recebia Bolsa Escola e ajudava “pra caramba”!

[00:11:26] **Entrevistadora:** Você estudava na Escola Classe onde?

[00:11:29] **Entrevistado:** Da Ceilândia. Escola Classe 02, alguma coisa assim.

[00:11:35] **Entrevistadora:** Mas você estudava o dia inteiro?

[00:11:37] **Entrevistado:** Não! Era só à tarde.

[00:11:38] **Entrevistadora:** Só à tarde?

[00:11:40] **Entrevistado:** *Aham!*

[00:11:41] **Entrevistadora:** E você recebia Bolsa Escola?

[00:11:42] **Entrevistado:** Recebia!

[00:11:43] **Entrevistadora:** E isso ajudava muito você e sua família?

[00:11:46] **Entrevistado:** Demais! São quatro irmãos – incluindo eu – e ajudava bastante, porque se fosse comprar esse tanto de material naquele tempo... E meu pai ainda não era advogado, então a situação era muito pior. Ele trabalha no escritório de secretário, com salário baixo, para comprar aquilo tudo.

[00:12:10] **Entrevistadora:** Todos vocês moram com ele?

[00:12:11] **Entrevistado:** Sim!

[00:12:13] **Entrevistadora:** Você é o mais velho, o mais novo?

[00:12:16] **Entrevistado:** O segundo mais velho.

[00:12:21] Entrevistadora: Então, beleza! Eles também estão fazendo faculdade?

[00:12:26] Entrevistado: A minha irmã mais nova terminou Direito e já até pegou a carteirinha na OAB também.

[00:12:31] Entrevistadora: Ah, que legal! Parabéns para ela.

[00:12:35] Entrevistado: Eu estou cursando Psicologia e meus outros dois irmãos não estudam; só trabalham. Um é brigadista e o outro trabalha aqui na Feira.

[00:12:44] Entrevistadora: Beleza! E o que você pensa sobre as políticas de cotas raciais?

[00:12:52] Entrevistado: Acho a mesma coisa, né? Acho importante! É aquela questão de incluir as minorias no... Me deu um branco agora. Mas é importante, porque, por mais que existam algumas pessoas que acham que não existe essa parada do negro ter menos oportunidade, mas existe. Eu acho importante.

[00:13:24] Entrevistadora: Eu não entendi muito bem o porquê de você achar importante. Você pode me explicar um pouquinho melhor?

[00:13:29] Entrevistado: Por causa daquele negócio que eu te falei de que existe do negro ter menos oportunidade, devido a sua condição financeira, que geralmente é mais pobre. Então, como ele tem menos acesso à educação, eles precisam ter uma facilidade para obter o ensino superior.

[00:13:51] Entrevistadora: E, na sua opinião, a criminalidade é um problema causando principalmente por qual motivo?

[00:14:00] Entrevistado: Eu acho que é pela falta de oportunidade, tanto de educação quanto de emprego.

[00:14:13] Entrevistadora: E como você acredita que o Estado deve combater a criminalidade?

[00:14:20] Entrevistado: Com políticas sociais e práticas sociais: inclusão à escola, essas coisas, para ficar mais fácil de a pessoa sair desses lugares, entendeu?

[00:14:32] Entrevistadora: Entendi!

[00:14:36] Entrevistado: Eu acho que isso resolveria, não completamente, mas boa parte do problema, porque o cara nasce pobre na favela e, para ele, só tem um caminho; ele não vê outro caminho.

[00:14:51] Entrevistadora: E, para você, como o Estado deve reinserir na sociedade os detentos que já cumpriram pena?

[00:14:59] Entrevistado: Quando se fala em detentos, é complicado, porque um detento não é igual ao outro; cada um tem a sua particularidade e os seus problemas próprios. Então, eu acho que precisa de uma política de reintegração mais completa. Eu acho que a que a gente tem hoje não dá conta. É igual eu falei: um detento não é igual ao outro. Se um cara vai para a rua e consegue se ressocializar, isso não significa que o outro vá conseguir. Por isso tem muitos casos de reincidência de gente que vai para a rua e volta a cometer crimes, porque não funcionou o sistema de reintegração.

[00:15:38] Entrevistadora: Beleza! E qual é a sua opinião sobre o trabalho executado pela política militar no país?

[00:15:48] Entrevistado: Eu acho que, embora eles tenham uma política de “servir e proteger” – é algo assim –, isso não funciona, não. Eu acho que, por ela, a própria polícia precisa de uma reformulação.

[00:16:05] Entrevistadora: Por que você acha que não funciona?

[00:16:08] Entrevistado: É porque, como eles são militares, eles, geralmente, têm o treinamento para serem agressivos, para serem autoritários, e eu acho que isso já passou. Eu acho que, na sociedade em que a gente vive hoje, ser autoritário e agressivo já não funciona.

[00:16:23] Entrevistadora: E qual é a sua opinião sobre o porte de armas de fogo?

[00:16:28] Entrevistado: Eu acho que deve continuar sendo regulamentado, e não liberado, regulamentado; porque, embora possa servir como proteção, acidentes também acontecem, né? Então, é melhor evitar.

[00:16:43] Entrevistadora: Mas você acha que as pessoas podem usar, então?

[00:16:48] Entrevistado: Depende! Advogados criminais, pessoas que realmente precisam.

[00:16:55] **Entrevistadora:** *Uhum!* Não o cidadão comum?

[00:16:57] **Entrevistado:** Não o cidadão comum.

[00:16:59] **Entrevistadora:** E o casamento homoafetivo, o que você pensa sobre?

[00:17:03] **Entrevistado:** Eu acho que o que a pessoa faz da vida dela só diz respeito a ela. Se ela gosta da pessoa do mesmo sexo que o dela, bom para ela. Acho que ninguém tem o direito e nem deve ficar tentando mudar isso.

[00:17:19] **Entrevistadora:** E você acha que um casal homossexual deve ter o direito de adotar uma criança? Alô?

[00:17:31] **Entrevistado:** Alô?

[00:17:32] **Entrevistadora:** Oi. Você ouviu a pergunta?

[00:17:33] **Entrevistado:** Ouvi! Eu acho que com certeza, por que não? Eu acho que sim.

[00:17:39] **Entrevistadora:** Por que você acha que sim?

[00:17:42] **Entrevistado:** Por que o que difere um casal homossexual de um casal hétero, além das partes genitais? Por que não deveria poder adotar? Para mim, essa é a questão.

[00:17:58] **Entrevistadora:** Como você enxerga o papel das mulheres na atualidade?

[00:18:05] **Entrevistado:** O papel das mulheres? Eu não sei se eu entendi a pergunta, mas eu acho que, no contexto social, elas vêm crescendo. Antes elas não podiam trabalhar, não podiam fazer um monte de coisa – até votar. Até a presença no ensino superior, que antes as mulheres eram bem menores, já ultrapassou a presença dos homens. As mulheres têm uma aparição maior no ensino superior do que os homens.

[00:18:46] **Entrevistadora:** E como você encara a problemática do aborto?

[00:18:52] **Entrevistado:** Eu acho isso uma questão muito delicada de se discutir. “Quando a vida começa?”, essa é a questão. Então, por isso eu acho delicado discutir e prefiro me manter neutro, por enquanto. Eu não tenho uma opinião que eu possa defender; embora, antes, eu defendesse a questão do aborto, porque a mulher é a dona do corpo, então ela toma as decisões; embora também tem essa outra questão da vida. Então, é muito complicado. Precisa se discutir.

[00:19:21] Entrevistadora: Tudo bem! E o que você pensa quando escuta alguma história sobre alguma mulher que foi assediada?

[00:19:28] Entrevistado: Eu penso no contexto, do tipo: o que realmente aconteceu, né? Existem algumas correntes pós-modernas do feminismo que eu meio que rejeito, embora eu apoie a causa. Por exemplo: uma vez eu vi uma mulher falando que se um homem olhar para ela numa parada de ônibus, já é assédio. Eu não concordo com isso! Eu olho. Não chego a ser babaca de ficar assoviando ou de ficar encarando a ponto de intimidar – aí, sim, seria assédio, que é intimidar. Mas só pelo fato de olhar, eu acho que não significa nada, até porque como as pessoas conhecem as outras? Olhando, né? Eu acho! Eu não sei.

[00:20:17] Entrevistadora: Beleza! E qual é a sua opinião sobre o país receber imigrantes de outros países com algum tipo de conflito?

[00:20:26] Entrevistado: Ah, eu acho importante! É tão importante – acolher essas pessoas – para a vida delas quanto para as nossas. A gente pode gerar emprego para essas pessoas, né? Por exemplo, tem fábricas que sofrem com carência de funcionários para trabalhar, porque o horário é muito puxado e o salário é muito pouco, mas para essas pessoas que vêm de fora e estão sem empregos, isso pode ser bom. Então, eu acho que é importante para essas pessoas.

[00:21:06] Entrevistadora: E o que você acha sobre regular a mídia?

[00:21:13] Entrevistado: Eu acho que não deveria ser feito, né? Eu não sei se é feito.

[00:21:16] Entrevistadora: Não, não é feito.

[00:21:18] Entrevistado: Mas eu acho que não deveria ser feito, porque a mídia é uma maneira de informar o cidadão e se for regulado e manipular, então...

[00:21:28] Entrevistadora: Não é regular no sentido de manipular. É regular no sentido de estabelecer regras, assim como é feito com outros serviços, como energia elétrica, telecomunicações, que têm as agências reguladoras.

[00:21:43] Entrevistado: Ah tá! Eu acho que depende. Até onde vão essas regras?

[00:21:52] Entrevistadora: Depende da maneira como é feito, né?

[00:21:53] Entrevistado: É, depende!

[00:21:53] Entrevistadora: Por quê?

[00:21:58] Entrevistado: Porque dependendo da maneira como é feito, pode até ser usado para manipular, como eu te falei. Então, eu acho que deve ter um nível aceitável de regulamentação.

[00:22:15] Entrevistadora: *Uhum!* Entendi! Beleza, Hugo. São essas as perguntas. Você quer acrescentar mais alguma coisa?

[00:22:22] Entrevistado: Não, não! Eu acho que não!

[00:22:24] Entrevistadora: Obrigada por ter participado.

[00:22:27] Entrevistado: Então, tá bom. Obrigado você. Qualquer coisa, pode ligar.

[00:22:29] Entrevistadora: Tá bom! Muito obrigada.

[00:22:31] Entrevistado: Até mais!

[00:22:32] Entrevistadora: Até mais. Bom dia.

[00:22:34] Entrevistado: Para você também.

[00:22:35] Entrevistadora: Tchau, tchau!

[00:22:36] Entrevistado: Tchau!

ANEXO J9 – Entrevistada: Ivana

[00:00:03] Entrevistada: Alô?

[00:00:04] Entrevistadora: Ivana?

[00:00:05] Entrevistada: Sim.

[00:00:06] Entrevistadora: Aqui é a Mariana, da entrevista. Tudo bem?

[00:00:09] Entrevistada: Oi, Mariana. Tudo bem!

[00:00:11] Entrevistadora: Você pode falar agora?

[00:00:12] Entrevistada: Posso, sim. Rapidinho, tá? É porque eu tenho audiência agora, 1h30, mas eu posso.

[00:00:17] Entrevistadora: Tudo bem! É rápido, sim. São uns 15 ou 20 minutos, tá bom?

[00:00:22] Entrevistada: Tá ok!

[00:00:23] Entrevistadora: Eu vou começar por umas perguntas gerais. Qual é o estado onde você mora?

[00:00:28] Entrevistada: Ceará.

[00:00:30] Entrevistadora: A sua idade, Ivana?

[00:00:32] Entrevistada: 33.

[00:00:33] Entrevistadora: Escolaridade? Pode ser completa ou cursando.

[00:00:37] Entrevistada: Pós-graduação completa.

[00:00:41] Entrevistadora: Você tem dispositivos de acesso à internet em casa?

[00:00:45] Entrevistada: Sim!

[00:00:46] Entrevistadora: Com que frequência você acessa a internet? Pode ser de qualquer lugar.

[00:00:50] Entrevistada: Todos os dias

[00:00:51] Entrevistadora: Mais de uma vez por dia?

[00:00:54] Entrevistada: Sim. Mais de uma vez.

[00:00:58] **Entrevistadora:** E com que frequência você acessa o Facebook?

[00:01:00] **Entrevistada:** Diariamente também.

[00:01:02] **Entrevistadora:** Mais de uma vez também por dia?

[00:01:04] **Entrevistada:** Sim. Mais de uma vez.

[00:01:07] **Entrevistadora:** E qual meio você mais utiliza para se manter informado: jornal, rádio, TV, site de notícias, Facebook, Twitter, outros?

[00:01:15] **Entrevistada:** Jornal.

[00:01:17] **Entrevistadora:** Jornal impresso mesmo?

[00:01:19] **Entrevistada:** Não! Online!

[00:01:21] **Entrevistadora:** Sites de notícias, então, né?

[00:01:23] **Entrevistada:** É! Exato!

[00:01:26] **Entrevistadora:** E você é filiada ou simpatizante de algum partido político?

[00:01:29] **Entrevistada:** Nenhum!

[00:01:31] **Entrevistadora:** Nem filiada nem simpatizante?

[00:01:34] **Entrevistada:** Nem simpatizante. Por mim, não existiriam mais partidos políticos.

[00:01:37] **Entrevistadora:** E com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política no Facebook?

[00:01:43] **Entrevistada:** Agora, tenho dado uma parada em estar comentando, porque eu estou muito chateada com a atual situação do Brasil. Então, eu não tenho nem me envolvido mais com isso.

[00:01:58] **Entrevistadora:** Mas você compartilhava com frequência antes?

[00:02:03] **Entrevistada:** É. Na época da eleições, como eu era anti-PMDB e PSDB, eu fiz uma campanha para a Dilma (e não para o PT), porque, para mim, ela era a menos mau, entendeu? Mas isso naquela época; hoje em dia, não mais!

[00:02:22] **Entrevistadora:** Você disse que, por você, não existiriam mais partidos políticos. Por quê, Ivana?

[00:02:28] Entrevistada: Porque eu acho que o grande problema, hoje, no Brasil, é exatamente esse. Os partidos políticos precisam se manter, precisam de dinheiro para manterem as campanhas milionárias deles e aí começa a corrupção daí, porque eles precisam de dinheiro, precisam de uma mídia maior. Se fosse uma pessoa independente, sem precisar de partido nem aliança, ela ia ter que fazer o nome dela por ela, procurar alianças, tirando dinheiro talvez do próprio bolso ou procurando outros meios de financiar uma campanha política, que não que fosse tirando dos cofres públicos e grandes empresas, para depois todas as empresas irem atrás da fatia delas. “Uma mão lava a outra”, é mais ou menos isso.

[00:03:26] Entrevistadora: Você disse também que você está muito triste com a atual situação do País. Por quê?

[00:03:31] Entrevistada: Sim! Porque a gente está afundado em corrupção - eu não vejo, sinceramente, uma forma de melhorar isso -, os partidos continuam todos da mesma forma. Eu vejo uma melhora em relação, pelo menos, a pessoas que estão envolvidas, porque estão tendo uma pequena punição. Mas a gente sabe que, aqui, no Brasil, eles têm dinheiro, não vão ficar muito tempo. Tudo começa pela prisão – que é prisão domiciliar. Eles não estão realmente pagando como deveriam. Então, isso está me deixando muito frustrada de estar acompanhando o cenário político atual.

[00:04:13] Entrevistadora: Agora, eu vou fazer umas perguntas mais práticas. Por que você se interessa por temáticas políticas?

[00:04:22] Entrevistada: Na verdade, eu não me interessso. Eu detesto política! Mas como eu preciso ver mudanças efetivas no Brasil, eu preciso estar por dentro, pelo menos, das pessoas que estão se candidatando, em quem eu vou colocar no poder. Mas eu não gosto de política!

[00:04:42] Entrevistadora: Por que você não gosta?

[00:04:44] Entrevistada: Porque é todo mundo sujo. Entra uma pessoa nova, que quer modificar um pensamento, ela tem que se envolver naquela coisa suja para poder se sobressair. Para mim, isso é terrível, é terrível! Aí, volto de novo ao lance dos partidos políticos: ali dentro tem que estar sempre atrás de aliados e, para isso, você vai se vendendo. Então, eu detesto política!

[00:05:11] Entrevistadora: E com que tipo de posicionamentos políticos você mais se identifica, Ivana: esquerda, centro-esquerda, centro, centro-direita, direita?

[00:05:20] Entrevistada: Olha, eu sempre fui um pouco mais voltada para a esquerda, na parte social, das pessoas mais pobres. Mas, pelo amor de Deus, não me vincule a PT, porque eu tenho nojo de partido político. Mas por causa do pensamento de ajudar o próximo, de ajudar aquele que precisa mais, de tentar nivelar a condição social das pessoas que vivem no Brasil, então eu sou mais para um comunismo do que para o capitalismo.

[00:05:57] Entrevistadora: Beleza! Não precisa se preocupar, não. A pesquisa é qualitativa, então a gente vai fazer uma análise das respostas como um todo, uma análise detalhada. Vai ficar muito mais ligado ao posicionamento político nesse sentido de direita-esquerda do que a partidos, tá bom?

[00:06:16] Entrevistada: Certo. Beleza!

[00:06:19] Entrevistadora: E como você procura se informar sobre o cenário político do país?

[00:06:23] Entrevistada: Lendo, né? Eu evito assistir o jornal, porque na minha casa não tem TV a cabo, então eu fico quase que obrigada a assistir a Globo e eu acho que a Globo não consegue deixar de se envolver; ela sempre é mais para um partido. E eu acho que para você comentar sobre política, você tem que ser um pouco mais... não pode se envolver muito, entendeu? Então, às vezes eu coloco no canal 5, para poder assistir.

[00:07:03] Entrevistadora: Qual é o canal 5?

[00:07:05] Entrevistada: É a RedeTV? Não. Eu não lembro agora, mas é um que eu gosto de assistir às vezes alguns posicionamentos deles. Eu evito assistir a Globo, entendeu?

[00:07:20] Entrevistadora: E qual é a sua opinião sobre a forma como as notícias sobre política são escritas, as notícias que você lê?

[00:07:28] Entrevistada: Eu acho que elas não são imparciais, muitas vezes. Eu acho que o jornalismo tem que compreender que ele tem que conseguir passar o que está acontecendo do modo que está acontecendo, sem querer “puxar um pouco da sardinha” – como se diz – de “x” ou “y”. Tem que ser nu e cru o que está acontecendo e o que está sendo descoberto com essas novas investigações. Eu acho que tem que ser mais dessa forma.

[00:08:02] Entrevistadora: E os seus amigos e familiares concordam com os seus posicionamentos?

[00:08:07] Entrevistada: Não muito! Não muito. Eles estão bem revoltados e, agora, estão mais para a parte capitalista do caso. “Ah, a gente não pode salvar o mundo, então que bote uma pessoa que seja menos mau e que melhore nossa condição de vida”. Eles não estão batendo muito comigo, não.

[00:08:35] Entrevistadora: Como você acha que esse seu envolvimento com política no Facebook se reflete na sua relação com as outras pessoas? Isso é positivo? É negativo? Você já teve problemas ou, então, você já fez amigos por causa disso?

[00:08:49] Entrevistada: Eu nunca desfiz amigos por conta de política, porque eu consigo respeitar a opinião dos outros, mas eu lembro que, na época da campanha, houve um problema muito grande dentro da minha própria família, porque tinha aquelas pessoas que eram mais voltadas para a campanha do Aécio, porque tinha familiares que eram médicos ele estava dando mais suporte para essa categoria. Aí, no começo, bateram de frente, mas eu tentava não me envolver. Então, eu sempre tento respeitar a opinião do outro para não haver afronta. Às vezes tinha aquela discussão, mas quando eu via que ia para um viés que talvez fosse dar um problema com a amizade, eu mesma parava, porque eu sei que eu não vou mudar a opinião de ninguém.

[00:09:45] Entrevistadora: É bom você falar sobre esse período especificamente porque esse é o meu recorte temporal da pesquisa. Então, é com essa época que eu vou trabalhar mesmo: a campanha de 2014. Você é advogada, Ivana?

[00:10:00] Entrevistada: Sou advogada!

[00:10:04] Entrevistadora: Agora, eu vou passar para algumas questões político-ideológicas, tá bom? Como você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:10:16] Entrevistada: Eu acho que precisa ter uma mudança enérgica e urgente, porque, no mercado atual, se for pela parte econômica, o Brasil realmente está afundado em uma crise. Mas nós já passamos por outras e conseguimos sair. Mas o que eu acho é que tem que punir essa corrupção que sempre houve, mas que pela primeira vez na história está sendo, realmente, colocada para todo mundo saber. Então, tem que haver uma punição efetiva para talvez inibir outras pessoas que estão no cenário político, para que não venham

a fazer isso reiteradamente, entendeu? Eu acho que tem que ter uma punição, eu acho que tem que ser mais enérgico. A gente tem que parar de pensar: “eu estou no poder e eu tenho que livrar o fulano porque ele era do meu partido, ele traz coligação”. Não! Se fez, pune e pronto. Eu acho que tem que ser assim.

[00:11:21] Entrevistadora: E o que você pensa sobre o Estado garantir serviços gratuitos aos cidadãos, como saúde e educação, por exemplo?

[00:11:28] Entrevistada: Eu nunca tinha saído do Brasil, aí em 98, quando eu tinha 15 anos, fui para os Estados Unidos, então eu não tinha uma visão geral sobre como é viver fora. Ano passado, eu passei 28 dias na Europa e você vê completamente a diferença. Lá você tem o transporte público de qualidade. Eu, graças a Deus, não precisei de atendimento de hospitais, mas você vê que tem e que funciona. Aqui nada funciona! Os hospitais, pelo menos aqui na minha cidade, Fortaleza... A segurança pública está um caos, é gente morrendo toda hora, o Comando Vermelho e o PCC estão dominando a cidade. Eu acho que, em relação a prover coisas públicas, tem que ter, porque se eles estão arrecadando impostos e têm dinheiro para roubar, por que não tem dinheiro para investir na saúde e na educação e na segurança pública da gente? Tem que ter um meio de fazer isso! Se parar de roubar, eu acho que eles conseguem. Eu acho que tem que fazer!

[00:12:50] Entrevistadora: E como você acha que o governo deve inserir socialmente os cidadãos que estão marginalizados?

[00:12:57] Entrevistada: Eita! É uma pergunta bem complicada. Eu sei que todo mundo merece uma segunda chance, mas eu tenho visto que as pessoas não estão valorizando isso e talvez a volta da cadeia... Eu não sei o que está acontecendo entre a prisão e ir para um presídio cumprir a pena e não cumpre a pena completa, retorna à sociedade e está retornando pior. Eu vejo programas de governo que pegam uma porcentagem desse pessoal que sai, as empresas são obrigadas a incluí-los no seu quadro de pessoal. Eu acho ousado, mas eu não sei se seria essa a solução, porque não está dando jeito. As pessoas não estão conseguindo pegar aquela segunda chance e realmente recomeçar a vida. Eu estou mais para o lado de quem não sabe muito bem o que pensar sobre isso.

[00:14:03] Entrevistadora: E aquelas pessoas que são mais pobres, como você acha que o Estado deve agir para inserir elas no contexto social, econômico, de forma mais igualitária?

[00:14:19] Entrevistada: Primeiro: eu acho que esses programas sociais deveriam possuir período – Bolsa Família, Bolsa Gás. “Nós estamos dando essa oportunidade para você para poder melhorar de vida. Eu vou inseri-los no programa de...”. Faz um estudo! Eu nunca sentei a fundo para saber um tempo que seria razoável, mas um exemplo: “por três anos, nós vamos te dar o benefício. Nós vamos dar meios, não só dinheiro, mas também profissionalização” – que já tem, eu acho; até o Pronatec já existe. As pessoas, na verdade, estão pegando esse benefício para estar usando como bengala. Não está funcionando como realmente deveria ser e eu acho que isso tem que ser estudado. Hoje, eu vejo a população mais pobre tendo um pouco de incentivo, de retorno, mas não está sendo efetivo para elas conseguirem sair de onde elas estão. Não sei se é porque o modo que elas pensam não vai mudar ou o modo como está sendo incluído no dia a dia delas não está sendo passado de uma forma que elas peguem isso como oportunidade, e não como algo que vai ser para sempre. Eu acho que precisa, mas não da forma que está acontecendo.

[00:15:59] Entrevistadora: Entendi! E, na sua opinião, o que leva uma pessoa a ser pobre, Ivana?

[00:16:07] Entrevistada: O que leva uma pessoa a ser pobre? As oportunidades! Eu acho que não surgem e as pessoas também não vão atrás das coisas – preferem ir por outros meios. E eu acho que a pobreza está ligada, conseqüentemente, à receita que ela ganha, para poder estar melhorando de vida e melhorar a família. Eu acho que é isso.

[00:16:31] Entrevistadora: Beleza! E como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais? E o contexto social e político como influenciam nas conquistas pessoais?

[00:16:45] Entrevistada: Político: quando você está no meio da política, você tem aquela visibilidade, querendo ou não; se você souber fazer as coisas, você vai ter um nome mais marcado e talvez, se você fizer as coisas como a população quer que seja feita, você vai ter uma abertura maior da sua imagem. Então, talvez quando você saia da política, dependendo do modo como você sai, você vai conseguir ter mais oportunidades de negócios, porque sua imagem vai estar mais trabalhada. Eu acho que é mais nesse sentido.

[00:17:29] Entrevistadora: Você já falou um pouquinho, mas foi muito breve, então, eu queria saber o que você pensa sobre o Bolsa Família?

[00:17:37] Entrevistada: Eu acho que é um programa que é louvável, que é necessário para as pessoas saírem, realmente, da miséria em si, mas eu acho que deveria haver um estudo, dentro dele, para que as pessoas não ficassem dependente de um Bolsa Família, que ele fosse incluído como uma melhoria de vida e a pessoa, depois de um certo tempo, conseguisse sair sozinha e melhorar. “Eu passei já para outra pessoa”. Que o programa não ficasse numa mesma família, porque a gente sabe que quando, às vezes, você dar dinheiro, a pessoa fica viciada e não vai atrás de outras coisas. Eu acho que é mais nesse sentido também.

[00:18:29] Entrevistadora: E como você enxerga as políticas de cotas raciais?

[00:18:34] Entrevistada: Como assim? Eu não entendi a pergunta.

[00:18:37] Entrevistadora: O que você pensa sobre as políticas afirmativas de cotas?

[00:18:43] Entrevistada: Ah, tá certo! “Políticas de cotas”. Eu acho que já é um preconceito que eles mesmo colocam. Eu sei que o preto vai ser marginalizado talvez pelo resto da vida, discriminado, e nem sempre tem uma oportunidade como as pessoas que não são negras têm. Mas eu acho que quando colocam a cota em si, já é uma discriminação que o próprio governo está fazendo com o negro. Por que eles não melhoram os estudos de todo o nível e dá a chance de eles conseguirem subir na vida, sem ser por cota? Eu mesmo tenho um caso na minha família: meu irmão é concursado e várias vezes ele já passou em concursos que ele queria, em concursos altos, e não consegue entrar porque tem a cota dos negros, tem a cota dos deficientes físicos. Aí, uma pessoa que também está tentando ganhar a vida não consegue porque vem outras e têm prioridade sobre ele. Eu não acho justo da forma como está sendo colocado.

[00:20:03] Entrevistadora: E, para você, a criminalidade é um problema causado, principalmente, por qual motivo?

[00:20:10] Entrevistada: Marginalidade, a pobreza e eu acho que a lei. Para mim, como advogada, eu vejo que a lei está muito branda. Você recebe uma pena, aí tem a degradação da pena – às vezes, você não cumpre nem a metade. A pessoa está dentro da prisão e a família ganha incentivo do governo, porque a pessoa está lá dentro. Então, eu não entendo muito bem o que leva a isso. Eu, se não estiver trabalhando, não tenho incentivo do

governo porque estou desempregada, mas se eu roubar e entrar em um presídio, minha família vai ganhar um salário mínimo, porque eu estou lá. Então, eu não consigo entender.

[00:21:03] Entrevistadora: E como você acha que... Ai, desculpa! Essa você já respondeu. Vou pular. Qual é a sua opinião sobre o trabalho executado pela polícia militar no país?

[00:21:17] Entrevistada: Eu acho que eles são mal treinados, não têm recursos (valores de salário), eles não se sentem com vontade de trabalhar (porque é um valor muito abaixo) e eu acho que tem que ter uma mudança muito efetiva em relação a isso. Estão completamente... colete vencido, bala que não presta, capacitação eles não têm, entram de qualquer jeito, começam a ficar acima do peso e a profissão deles, em princípio, precisa que eles corram ou estejam mais... Eu acho que é completamente defasado o sistema da polícia aqui no Brasil!

[00:22:13] Entrevistadora: Você colocou suas críticas em relação à forma como os detentos são tratados – na verdade, em como que o Estado age em relação a eles. Eu queria saber como você acha que o Estado deve combater a criminalidade.

[00:22:34] Entrevistada: Mariana, eu juro que eu não sei mais como pode ser feito, porque já está tão enraizado. Como eu te disse, talvez só uma mudança realmente na lei, que as pessoas tivessem medo de entrar na cadeia, porque lá eles iriam cumprir a pena até o final. Então, ficariam tanto tempo lá dentro que, para eles, eles iriam pensar: “eu vou passar metade da minha vida na cadeira, então eu prefiro não cometer nenhum crime”. Eu acho que só a mudança na lei. Construção de mais presídios? Não acho que seja a solução, porque só está aumentando o recebimento de mais presos e eu acho que não é uma lei de oferta e demanda. Eu acho que seria, realmente, tentar coibir que ele tivesse esse tipo de ação, para ter medo, respeitar a polícia, respeitar o Estado, as leis e não cometer mais crimes. Eu acho que seria uma mudança nesse sentido.

[00:22:37] Entrevistadora: Beleza! E qual sua opinião sobre o porte de armas de fogo?

[00:23:43] Entrevistada: Eu sou contra. Eu sou contra, porque eu acho que iria virar um transtorno a céu aberto. Mas eu já tive vontade de comprar uma arma, porque eu me sinto completamente desprotegida. Como eu lhe disse: a polícia não é treinada para poder agir com efetividade quando as coisas estão acontecendo. Eu paro em um sinal e fico com

medo do que vai acontecer, mas eu também sei que se eu andar armada e não souber usar a arma ou não tiver expertise para manuseá-la, eu vou morrer do mesmo jeito. Então, eu acho que isso não é a solução.

[00:24:26] Entrevistadora: E o que você acha sobre casamento homoafetivo?

[00:24:31] Entrevistada: Eu acho tudo, até porque eu sou lésbica, quase casada com a minha companheira – ela mora na minha casa, com a minha família. Eu acho que é normal. É uma coisa normal.

[00:24:49] Entrevistadora: Vocês moram juntas com a sua família também?

[00:24:52] Entrevistada: Sim! Moramos eu, ela, minha mãe. Meu irmão é concursado, aí mora em Brasília.

[00:24:59] Entrevistadora: Ah, ele mora aqui?

[00:25:01] Entrevistada: É! E a gente vai agora, dia 23, dia 24, sexta-feira próxima, para o casamento.

[00:25:04] Entrevistadora: Casamento dele?

[00:25:10] Entrevistada: Não! Dele, não. De um amigo nosso que é europeu e casou com uma menina daí, concursada.

[00:25:17] Entrevistadora: Eles são concursados de onde, seu irmão e seu amigo?

[00:25:23] Entrevistada: Meu irmão é do MPU e ela eu não sei de onde é. Não sei, não. Mas o casamento vai ser no Lago, em um hotel.

[00:25:32] Entrevistadora: Que legal!

[00:25:33] Entrevistada: Então, eu acho normal. Eu acho que as pessoas deveriam quebrar esse tipo de tabu. Por exemplo, minha mãe tem 63 anos. Para ela, no começo, realmente foi um choque, mas eu nunca menti para ela, sempre tentei desmistificar que o homossexual é aquela coisa de propagação de doença, libertinagem. Eu mesma namorei, antes da que eu estou hoje, 10 anos com a mesma pessoa; e, agora, já estou há dois anos com essa, e a gente está pretendendo casar. Mas sempre respeitando: não vamos ficar beijando em público, mas porque eu também não faria isso se estivesse com um homem – um beijo de língua. Mas selinho, se eu estiver com vontade, eu dou. Aí, se alguém vier reclamar, aí a gente vai, realmente, para as vias judiciais, porque eu acho que respeito é

bom em todas as áreas, né? Eu respeito o próximo e também exijo que tenham respeito comigo.

[00:26:40] Entrevistadora: Já aconteceu de reclamarem com vocês?

[00:26:46] Entrevistada: Graças a Deus, nunca! Nunca! Graças a Deus! Porque, como eu lhe disse, eu sempre respeitei. Mas, assim, eu também não deixo de andar de mãos dadas – eu ando; um selinho, se eu estiver com vontade, eu dou. Mas eu sempre respeitei minha família, meus amigos, as pessoas de fora. Mas às vezes chega o machismo: “ah, você é lésbica porque nunca...”. Você está gravando isso, não, né?

[00:27:15] Entrevistadora: Oi?

[00:27:16] Entrevistada: Você está gravando a ligação?

[00:27:17] Entrevistadora: Eu estou gravando. Eu não te falei, não, né? Eu estou gravando, mas eu não vou usar a gravação, não. É só para eu conseguir pegar depois os trechos que eu preciso.

[00:27:29] Entrevistada: Tudo bem! É porque eu ia falar palavras mais... Então, deixa para lá. Mas existe o machismo, entendeu? Existe, existe!

[00:27:38] Entrevistadora: Minha próxima pergunta era: “o que você acha de um casal homossexual ter direito a adotar uma criança?”.

[00:27:47] Entrevistada: Eu acho que é uma coisa normal.

[00:27:52] Entrevistadora: E vocês pensam em adotar?

[00:27:53] Entrevistada: Mariana, eu não penso! Não penso! Se fosse para ter, eu queria ter um filho meu, gerado por mim ou por ela. Mas, nas minhas condições financeiras, eu não tenho coragem de colocar uma criança no mundo, com o valor de salário que eu ganho, com o dela, com o mundo do jeito que está e o Brasil. Ela já disse que se fosse para ter filho, ela não gostaria de ter um filho criado no Brasil, com as condições que nós possuímos. Então, talvez daqui a mais um grande tempo, se eu tiver melhor de dinheiro e puder dar uma condição melhor para uma criança, eu adote, mas hoje eu não penso em adoção. Mas eu acho que é uma coisa normal. Se o casal conseguir demonstrar as mesmas coisas que um casal hétero – consiga mostrar a um juiz que tem condição, que a família vai receber, que tem dinheiro, que pode dar amor -, eu acho uma coisa normal.

[00:29:00] Entrevistadora: Como que é aí? Vocês enfrentam muito preconceito no Ceará ou não?

[00:29:06] Entrevistada: Sim! Sim! O machismo aqui é muito forte.

[00:29:13] Entrevistadora: Isso eu já ouvi falar mesmo, que aí é bem machista. Eu sou gaúcha. Lá também o negócio é complicado.

[00:29:22] Entrevistada: Também lá?

[00:29:23] Entrevistadora: Muito! Nossa! Lá os homens são muito, muito, muito machistas e as mulheres também.

[00:29:30] Entrevistada: Aqui, eu enfrento essas brincadeiras, de próprios amigos: “você é assim porque nunca conheceu um homem de verdade”.

[00:29:33] Entrevistadora: Entre os amigos também?

[00:29:43] Entrevistada: Também. Às vezes, brincam; aí eu digo: “isso não é brincadeira”. Mas também amigas mulheres dizem: “você gosta de mulher porque nunca transou com um homem”. Aí, eu comecei a responder à altura: “então, talvez você não goste de mulher porque você nunca transou com mulher”. Aí, pronto! Depois que eu dei essa resposta, eles começaram a parar, porque viram que os argumentos deles nada tinham a ver com você gostar, ter nascido assim ou não. Aí, eles começaram a parar mais. Mas tem muito.

[00:30:23] Entrevistadora: Bom, vou passar para a próxima pergunta, então, Ivana. Como você enxerga o papel das mulheres atualmente – o papel das mulheres na sociedade?

[00:30:35] Entrevistada: Está uma onda muito feminista no país. Eu, inclusive, tocava em uma banda formada só por mulheres, que a gente lutava por direitos igualitários entre mulheres. Mas quando começou a passar muito para essa parte do feminismo enraizado, eu saí. Eu acho assim: é uma luta diária, constante, porque, mesmo sendo talvez maioria na população, as pessoas não nos enxergam como tendo os mesmos referenciais e qualidades de um homem. Mas eu não concordo talvez com a forma que a luta esteja sendo realizada. Eu quero igualdade; quero, sim, mas eu não quero ser igual ao machismo, entendeu?

[00:31:34] Entrevistadora: Entendi!

[00:31:36] Entrevistada: É isso que eu não quero que haja dentro da gente, mas eu luto, sim, pela igualdade. Na minha profissão, as pessoas falam “ah, mas você é mulher e advogada?”. Acham que eu tenho que conversar com o juiz de decote, para o juiz ficar olhando para os meus seios. Eu: “não, ele não precisa olhar para os meus seios; ele precisa olhar para os meus argumentos, para o que eu tenho a dizer e para o direito da pessoa que eu estou defendendo”. Então, eu acho que é mais isso: você lutar pela igualdade.

[00:32:08] Entrevistadora: E como você encara a problemática do aborto?

[00:32:13] Entrevistada: Eu sou cristã, sou católica. Como na lei já existem duas formas de você poder abortar – quando você é estuprada (porque eu acho que ninguém é obrigado a gerar um filho de uma relação sexual que você não queria, de um crime) e no caso anencefalia (sabe que o filho já vai nascer praticamente morto; então, eu acho que a mulher não é obrigada a gerar um filho no ventre até o final da gestação)... Mas eu sou contra o aborto, porque eu acho que tem várias outras formas de você se prevenir (anticoncepcionais, camisinha); enfim, você consegue se prevenir. E eu não acho que “porque o corpo é meu, eu faço dele o que eu quiser”. Não! Eu não vou contra a ciência, não. É só uma questão de lógica: se você tem como se prevenir de uma coisa, eu acho que você não está sendo justo com você mesmo de estar tendo relações sexuais e colocando uma vida fora. Então, eu sou contra o aborto nesses casos. Nesses outros dois que eu te falei... Mas, assim, eu também respeito, entendeu? Se uma amiga minha – como uma já chegou: “Ivana, se um dia eu tiver uma gravidez sem ter sido planejada, eu quero que você vá comigo”. “Me desculpe, mas meus princípios vão contra isso. Eu lhe apoio, assim: quer fazer? Faça! Mas não pense que eu vou com você para segurar sua mão, para ver você tirando uma vida”. Isso não! Mas eu respeito a opinião de todo mundo.

[00:34:06] Entrevistadora: E o que você pensa quando escuta alguma história sobre uma mulher que foi assediada?

[00:34:13] Entrevistada: Eu tenho nojo, né? Acho que, realmente, precisa haver uma lei mais efetiva. Eu não sei o que tem que existir, porque homem, no geral, é um bicho nojento, é carne. Eu acho que você tem que respeitar as pessoas. Eu não estou andando na rua para um cara virar para mim e “bicha gostosa”. Isso é um insulto para mim! Então, eu acho que é nojento. Eu acho que as pessoas deveriam parar para pensar melhor nas suas atitudes. Eu acho que é isso.

[00:35:00] Entrevistadora: E qual sua opinião sobre o país receber imigrantes de países com algum tipo de conflito?

[00:35:08] Entrevistada: Tipo a Europa que está recebendo os sírios?

[00:35:12] Entrevistadora: Exatamente!

[00:35:15] Entrevistada: Mariana, é uma briga constante minha com a minha companheira. Eu sou a favor que eles recebam, até o momento em que não vá de encontro com a economia deles e aos princípios. Ela é completamente contra, porque diz que no meio desses sírios vão muitos árabes e ela morou na Alemanha durante um ano e diz que os árabes jamais vão conseguir se adequar à cultura deles lá e isso gera um conflito enorme. Mas eu vou ser sempre do lado humano e se tem uma pessoa que está no meio de uma guerra, que ela não causou, que ela não tem culpa nenhuma, que a família dela está se acabando, eu não consigo dizer “feche a fronteira e ninguém passe para cá”. Mas eu acho que precisa realmente haver uma ordem, porque vai chegar uma hora que vai ter um colapso na Europa (no caso, porque eles estão indo para lá) e vai misturar muita cultura e eu acho que isso não vai dar certo. Mas eu sei que lá tem dinheiro para receber, tem condições e tem locais que são inabitáveis, que podem estar fazendo um centro para recebê-los. Mas que também pensem em não só estar recebendo, mas o que eles vão fazer daqui para frente, depois que se instalarem lá, porque o idioma é muito difícil, a cultura é bem diferente, para não causar um problema mais para frente, um choque cultural entre eles. Eu acho isso.

[00:37:00] Entrevistadora: E aqui no Brasil? Você acha que seria válido o Brasil receber também? Não necessariamente só gente de países com conflitos, mas, por exemplo, que passaram por alguma catástrofe natural, como a gente recebeu os haitianos.

[00:37:14] Entrevistada: Mariana, eu acho que tem que receber. Mas pensando de uma forma bem prática: se a gente não está tendo condições de cuidar dos que já moram aqui, como é que eu vou abrir as fronteiras para receber mais pessoas e trazer mais um peso para o Brasil? Eu acho que, primeiro, a gente tem que pensar em melhorar as condições de vida de quem está aqui (saúde, educação, segurança). Depois que eu puder oferecer algo melhor para os daqui, eu penso nos de fora. Eu acho isso: senão vir para ficar fadados a talvez não conseguir emprego, porque daí começa a marginalização.

[00:37:59] Entrevistadora: E o que acha sobre a ideia de regular a mídia?

[00:38:05] Entrevistada: Eu não tenho muito como opinar. Eu não conheço. Eu desconheço a regulamentação, então eu não tenho muito como opinar.

[00:38:14] Entrevistadora: Mas você acha que... Você conhece os trabalhos das Agências Reguladoras, né?

[00:38:21] Entrevistada: Sim!

[00:39:26] Entrevistadora: Você acha que deveria existir algo nesse sentido para a mídia, para regular os trabalhos dos veículos de comunicação no Brasil?

[00:38:34] Entrevistada: Tipo de ter cuidado no que posta, no que publica? Seria nesse sentido?

[00:38:42] Entrevistadora: É! Seria mais para não permitir que a coisa fosse livre, assim como é hoje, mas não no sentido de censurar, só no sentido de colocar regras.

[00:38:53] Entrevistada: Eu acho que tudo na vida tem que ter regras. Se sentassem com grandes líderes dessas agências, de pessoas do meio do jornalismo, talvez entrassem em um consenso. Mas, realmente, jamais voltar para a época da censura e da ditadura, porque eu acho que a pessoa tem que ser livre para se expressar. É um dos princípios da Constituição Federal, né? Eu não quero em nenhum momento retroagir, pelo amor de Deus!

[00:39:24] Entrevistadora: Bom, as minhas perguntas são essas, mas como você comentou que na sua família você já teve divergências com familiares que são médicos, eu queria saber o que você acha do Mais Médicos.

[00:39:42] Entrevistada: Assim, Mariana, eu não consigo me aprofundar muito na questão, porque eu, realmente, nunca parei para estudar sobre o assunto. Tudo o que eu sei é que foram cotados os médicos de Cuba para poderem atender as demandas de alguns lugares mais afastados do Brasil, que os próprios médicos daqui não quiseram assumir os postos. Se realmente é isso, eu acho que é válido, porque todas as pessoas, de todas as localidades – sejam elas as mais distantes e precárias – têm que ter disponibilidade de saúde. Se for por isso, eu concordo! Mas já ouvi também outro viés, que era um acordo econômico com Cuba para estar mandando dinheiro para lá. Se for para isso, eu já não concordo, então; eu discordo completamente, porque é como eu lhe disse: se a gente não

tem dinheiro para manter as nossas coisas aqui, como é que eu vou estar mantendo outro país. Eu realmente não tenho uma posição fechada sobre o assunto, porque eu nunca parei para estudar a fundo. Mas, se for uma posição, é isso; se for outra, já discordo completamente. O que eu posso ajudar é nisso.

[00:41:11] Entrevistadora: Beleza, Ivana. Você tem mais alguma coisa a acrescentar?

[00:41:16] Entrevistada: Não! Eu já falei tudo o que tinha para te ajudar.

[00:41:20] Entrevistadora: É verdade! Você tinha perguntado sobre a gravação... eu esqueci de te falar no começo: eu estou gravando a entrevista, mas é só porque depois eu preciso escrever e para não ficar anotando tudo, eu estou gravando. Mas ela não vai ser usada toda, como eu te expliquei antes. Eu vou pegar só os pontos principais e comparar com as demais entrevistas.

[00:41:42] Entrevistada: Tudo bem! Tudo bem!

[00:41:45] Entrevistadora: Então, é isso! Quando o trabalho ficar pronto, que deve ser no fim do ano ou começo do ano que vem, eu entro em contato com você novamente só para te passar, para te mostrar o resultado, tá bom?

[00:41:56] Entrevistada: Ah, tudo bem! Agradeço, Mariana, e desejo boa sorte no seu trabalho, na sua vida e que saia tudo como você está planejando.

[00:42:05] Entrevistadora: Muito obrigada! Obrigada por participar.

[00:42:09] Entrevistada: Que é isso?! Eu que agradeço!

[00:42:11] Entrevistadora: Tchau, tchau! Bom dia.

[00:42:12] Entrevistada: Para você também. Tchau!

ANEXO J10 – Entrevistado: Jorge

[00:00:03] Entrevistado: Alô.

[00:00:04] Entrevistadora: Alô. Jorge?

[00:00:05] Entrevistado: Oi!

[00:00:06] Entrevistadora: Oi! Aqui é a Mariana, da entrevista. Tudo bem?

[00:00:08] Entrevistado: Oi. Tudo bom?

[00:00:09] Entrevistadora: Você pode falar agora?

[00:00:11] Entrevistado: Claro! Eu posso, sim.

[00:00:13] Entrevistadora: Jorge, é o seguinte: você viu a proposta da entrevista, né? Eu vou gravar, só para facilitar a transcrição depois, mas o seu nome não vai aparecer em momento algum. É anônima, tá bom?

[00:00:27] Entrevistado: Tá bom! Tudo bem.

[00:00:29] Entrevistadora: Eu vou fazer umas perguntas gerais, bem rápidas, primeiro. Em que estado você mora, Jorge?

[00:00:35] Entrevistado: Rio de Janeiro.

[00:00:36] Entrevistadora: Qual é a sua idade?

[00:00:38] Entrevistado: 18 anos.

[00:00:40] Entrevistadora: A sua escolaridade – completa ou cursando?

[00:00:44] Entrevistado: Cursando o ensino superior.

[00:00:46] Entrevistadora: O que você faz, Jorge, no ensino superior?

[00:00:49] Entrevistado: Faço Ciências Políticas.

[00:00:51] Entrevistadora: Beleza! Você tem dispositivos de acesso à internet em casa?

[00:00:56] Entrevistado: Sim! Tenho celular e notebook.

[00:00:59] Entrevistadora: E com que frequência você acessa a internet?

[00:01:03] Entrevistado: Ah, é todo dia!

[00:01:05] Entrevistadora: Mais de uma vez por dia?

[00:01:07] Entrevistado: Sim! Sei lá, toda hora, digamos assim.

[00:01:13] Entrevistadora: Beleza! Com que frequência você acessa o Facebook?

[00:01:17] Entrevistado: O Facebook também é todo dia, mas com um pouco menos de frequência.

[00:01:23] Entrevistadora: Não é toda hora, como a internet, né?

[00:01:27] Entrevistado: É!

[00:01:28] Entrevistadora: Beleza! E qual é o meio que você mais utiliza para se manter informado: jornal, rádio, TV, site de notícias, Facebook, Twitter, nenhum desses ou outros?

[00:01:40] Entrevistado: São dois, na verdade: televisão e sites de notícias.

[00:01:46] Entrevistadora: E você é filiado ou simpatizante de algum partido político, Jorge?

[00:01:51] Entrevistado: Não! Não sou!

[00:01:54] Entrevistadora: Nem filiado e nem simpatizante?

[00:01:55] Entrevistado: Eu sou simpatizante, mas não filiado.

[00:01:58] Entrevistadora: Você é simpatizante de qual ou de quais?

[00:02:01] Entrevistado: Me simpatizo com o PSOL e com Rede.

[00:02:06] Entrevistadora: Beleza! E com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política no Facebook?

[00:02:11] Entrevistado: Olha, comentar, eu não comento, mas compartilhar, eu diria que são umas duas vezes por mês. Eu também não compartilho tanto.

[00:02:28] Entrevistadora: Mas compartilha, pelo menos, mais de uma vez por mês. É isso?

[00:02:33] Entrevistado: Sim! Sim!

[00:02:35] Entrevistadora: Agora, eu vou passar para questões políticas mais práticas. Por que você se interessa por temáticas políticas?

[00:02:45] **Entrevistado:** Ah, eu acho que é importante a gente conhecer as propostas dos deputados no dia a dia. Principalmente isso: saber o que acontece, o que está sendo discutido, o que está sendo aprovado ou não.

[00:03:06] **Entrevistadora:** E com que tipo de posicionamentos políticos você mais se identifica: esquerda, centro-esquerda, centro, centro-direita, direita?

[00:03:15] **Entrevistado:** Esquerda!

[00:03:16] **Entrevistadora:** Esquerda? Por quê?

[00:03:24] **Entrevistado:** Alô?

[00:03:25] **Entrevistadora:** Oi? Você escutou?

[00:03:27] **Entrevistado:** Oi! Não, eu não escutei.

[00:03:29] **Entrevistadora:** Ah tá! Acho que deu uma falha na ligação. Você disse que se identifica mais com a esquerda. Eu queria saber o porquê.

[00:03:36] **Entrevistado:** Ah, sim! Eu acho que, no nosso país, quem se importa mais com as questões sociais é a esquerda. Eu não vejo a direita se preocupando muito com isso. No nosso país, pelo menos.

[00:03:49] **Entrevistadora:** E como você procura se informar sobre o cenário político do país, Jorge?

[00:03:54] **Entrevistado:** Certo! Também pelos jornais, mas é mais por sites de notícias ou até pelo Facebook dos partidos, dos deputados.

[00:04:09] **Entrevistadora:** Você segue no Facebook partidos e deputados, páginas?

[00:04:14] **Entrevistado:** Sim! Eu sigo alguns, sim.

[00:04:18] **Entrevistadora:** Dos partidos com os quais você simpatiza e mais algum?

[00:04:23] **Entrevistado:** Sim! Eu também sigo deputados do PCdoB e do PT.

[00:04:34] **Entrevistadora:** Ok! E quais são os sites de notícias que você costuma acessar?

[00:04:38] **Entrevistado:** O que eu mais acesso é o *GI*, o *globo.com*, mas eu também acesso o *Jornal Extra*, o *Huffington Post*.

[00:04:55] **Entrevistadora:** E você procura também canais da mídia alternativa ou você fica mais na mídia tradicional mesmo?

[00:05:02] **Entrevistado:** Não! Eu também procuro *Mídia Ninja* e também tem algumas outras páginas que não me veem à cabeça o nome. Mas a maioria é por Facebook mesmo.

[00:05:14] **Entrevistadora:** Tá! Tudo bem. E seus amigos/familiares concordam com os seus posicionamentos, Jorge? Como o seu envolvimento com política no Facebook se reflete na sua relação com outras pessoas?

[00:05:26] **Entrevistado:** Olha, em geral, os familiares não concordam muito, mas os amigos, sim, de uma forma geral.

[00:05:36] **Entrevistadora:** Os familiares não concordam por quê? Você consegue explicar?

[00:05:45] **Entrevistado:** Eu diria que é mais uma recusa em ouvir propostas de determinados partidos, sabe? Não é nem pelas propostas em si.

[00:05:58] **Entrevistadora:** E você já chegou a ter problemas dentro da rede social, como discussões, debates que ficaram mais acalorados, com seus familiares ou até mesmo com amigos e conhecidos?

[00:06:14] **Entrevistado:** Com os amigos, não, mas com os familiares eu já tive alguns, sim. Mas eu procuro evitar.

[00:06:20] **Entrevistadora:** E fora do Facebook, já aconteceu também?

[00:06:23] **Entrevistado:** Sim! Acontece, sim. Eu procuro evitar, mas acontece.

[00:06:29] **Entrevistadora:** Jorge, agora eu vou fazer algumas perguntas político-ideológicas. Como você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:06:39] **Entrevistado:** Em relação ao mercado?

[00:06:40] **Entrevistadora:** Isso!

[00:06:43] **Entrevistado:** Eu acho que ele tem que regular o mercado, tem que colocar algumas regras a serem seguidas, para não dar total liberdade para ele, porque eu acho isso volta de maneira negativa para a população.

[00:06:58] Entrevistadora: E o que você pensa sobre o Estado garantir serviços gratuitos aos cidadãos, como saúde e educação?

[00:07:05] Entrevistado: Eu acho que a questão básica tem que ser atendida, sim. Mas também tem que ser uma coisa com qualidade.

[00:07:14] Entrevistadora: Você pode me explicar um pouquinho melhor?

[00:07:22] Entrevistado: Por exemplo, o SUS. Tem algumas pessoas que criticam o SUS por muita falta de produto, essas coisas. Eu concordo com as críticas, mas tem algumas críticas que vão mais em direção ao “então, não precisa ter SUS” e eu não acredito nisso. Eu acho que precisa ter. É a mesma coisa quanto à privatização tanta de universidade quanto de outras escolas: eu não acredito que essa seja a solução.

[00:07:51] Entrevistadora: Você acredita que a solução seja qual?

[00:07:57] Entrevistado: Bom, eu acho que tem que ter, sim, uma... Só dá para ter uma melhora com a melhora da economia e a melhora na economia, o que eu vejo nesse momento, é o aumento de algum tipo de imposto e corte de gastos e isso se voltar também para investimentos em educação e saúde.

[00:08:24] Entrevistadora: Ok! E como você acredita que o governo deve inserir socialmente os cidadãos que estão marginalizados na sociedade?

[00:08:35] Entrevistado: Marginalizados em questão econômica ou social?

[00:08:38] Entrevistadora: Marginalizados nos dois sentidos.

[00:08:44] Entrevistado: Certo! Em questão social, para minorias LGBTs, mulheres e negros, eu acho que tem que ter políticas de inclusão no sentido de leis específicas, para poder contabilizar os crimes que acontecem e envolvem essas situações e tem que ter também um tipo de ensino público voltado para isso também, com inclusão ou de alguma matéria ou de alguma coisa na educação, para que se possa ser discutido isso.

[00:09:25] Entrevistadora: Desde a educação básica ou no ensino superior?

[00:09:31] Entrevistado: Desde a educação básica! E, para as minorias econômicas, eu acho que as cotas são essenciais, tanto para concurso público quanto para ingresso em faculdade, essas coisas. E eu também sou a favor dos programas de distribuição de renda.

[00:09:52] Entrevistadora: Eles estão na sequência do roteiro de perguntas. A gente vai chegar lá. Primeiro: na sua opinião, o que leva uma pessoa a ser pobre, Jorge?

[00:10:08] Entrevistado: Bom, falta de oportunidades, com certeza – diz ser pobre no nosso país, né? -; eu acho que o ensino público não é muito bom e tentam complementar isso com ações afirmativas, que eu acho que acabam não dando muito certo, porque a educação básica já não é tão boa; eu acho que também tem a questão de preconceito no mercado de trabalho; e também entra uma questão de sorte. Mas acho que é, principalmente, a questão das oportunidades.

[00:10:56] Entrevistadora: Você é a primeira pessoa que cita essa questão do preconceito, sabia?

[00:11:00] Entrevistado: É?

[00:11:02] Entrevistadora: Isso é uma observação muito válida, que está bastante presente. Vou passar para a próxima, então. Como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais? E o contexto social e político?

[00:11:20] Entrevistado: Como o mérito pessoal e o contexto...?

[00:11:23] Entrevistadora: São essas três vertentes: como que o mérito individual, o contexto social e o contexto político influenciam nas conquistas pessoais?

[00:11:36] Entrevistado: Certo! Por mérito pessoal, você quer dizer que é o esforço que a pessoa tem?

[00:11:43] Entrevistadora: É! Exatamente!

[00:11:46] Entrevistado: Certo! Eu acho que o mérito pessoal tem o seu valor, sim, mas não acho que isso seja – como posso falar? – o diferencial para a pessoa ser inserida no mercado de trabalho. O contexto social, eu acho que, na verdade, é o que mais influencia.

[00:12:09] Entrevistadora: Por quê?

[00:12:10] Entrevistado: Pelas questões que eu falei antes: se a pessoa é pobre, eu acho que ela vai ter mais dificuldade, tanto por preconceito quanto por falta de oportunidade em questão de educação, sabe? E o contexto político... O contexto político você quer dizer a maneira específica e ideológica dos partidos?

[00:12:35] Entrevistadora: Eu quero dizer, na verdade, a conjuntura política – quem está no governo, quem não está, tanto no governo dos municípios, dos estados e o federal também, como um todo. É uma questão bem ampla, aí você pode responder no sentido que você achar mais adequado.

[00:13:00] Entrevistado: Certo! Eu vou falar de uma maneira geral, porque de uma maneira específica é bem difícil. Eu acredito que, no nosso país, pelo menos, se tiver alguns partidos mais relacionados às questões sociais... já é uma dificuldade de ter essa melhor inclusão das camadas mais marginalizadas, mas eu acho que tem mais possibilidade de acontecer do que com o governo que não levanta essas bandeiras, sabe?

[00:13:44] Entrevistadora: A próxima era, justamente, aquilo que você tinha começado a falar antes, que é: o que você pensa sobre o Bolsa Família?

[00:13:54] Entrevistado: Eu sou a favor. Acho muito necessário. Tem as críticas por causa das questões de fraude e tal, mas eu acho que isso não desqualifica o projeto, como um todo.

[00:14:07] Entrevistadora: Por que você acha que é necessário?

[00:14:11] Entrevistado: Porque a distribuição de renda, na verdade, é uma ajuda básica para viver. O Bolsa Família é uma ajuda básica que a pessoa tem que ter. Tem os pré-requisitos para a pessoa poder receber o benefício – os filhos têm que estar estudando, têm que ter tal idade, a pessoa tem que estar trabalhando. E é mais uma ajuda, né?

[00:14:33] Entrevistadora: E como você enxerga as políticas de cotas raciais?

[00:14:39] Entrevistado: As cotas raciais?

[00:14:40] Entrevistadora: Sim!

[00:14:43] Entrevistado: Olha, eu vou te falar que eu era a favor, mas, ultimamente, eu estou meio de dúvida. Eu não teria como responder muito bem essa questão.

[00:14:55] Entrevistadora: Mas você pode me explicar por que você era a favor e por que agora você está repensando?

[00:15:02] Entrevistado: Sim! Eu era a favor porque eu acredito que as questões das cotas não é uma questão de mérito; é uma questão de que não existe muitas pessoas negras tanto na faculdade quanto no mercado de trabalho, então eu era a favor. Mas eu não consigo

mais não ver como que isso, na verdade, acaba beneficiando só as pessoas negras de alta renda, que já não estão excluídas. As pessoas negras de alta renda já têm condição de estudar e de serem incluídas de alguma forma. E eu acredito em outras formas de combate à discriminação, principalmente pela educação.

[00:15:47] Entrevistadora: Você estuda em universidade pública, Jorge?

[00:15:50] Entrevistado: Sim, em universidade pública.

[00:15:52] Entrevistadora: Qual?

[00:15:53] Entrevistado: UniRio.

[00:15:54] Entrevistadora: E na UniRio você não consegue ver que as políticas de cotas raciais estão abrangendo os estudantes de baixa renda?

[00:16:07] Entrevistado: Eu não consigo ver abrangendo estudantes negros de baixa renda. Estudantes de baixa renda, no geral, sim, mas, mesmo assim, ainda não são tantos os que estão incluídos.

[00:26:19] Entrevistadora: Entendi! É interessante isso. A criminalidade, na sua opinião, é um problema causado, principalmente, por qual motivo?

[00:16:30] Entrevistado: A criminalidade? Certo! Eu acho que são duas questões principais. A principal é a falta de inclusão no mercado de trabalho, principalmente por causa da educação. Mas também tem, eu acho, uma questão moral, mas, no âmbito da política, não dá para discutir a questão moral; tem que discutir a questão da inclusão.

[00:17:04] Entrevistadora: Ok! E, para você, como o Estado deve combater a criminalidade?

[00:17:15] Entrevistado: Eu acho que para prevenção seria a melhora na educação, de uma forma geral, que é uma coisa bem complicada, principalmente por questões de verba. E, para o crime que já existe, seria também uma melhora no sistema prisional – que também é uma complicação, por questão de verba – para as prisões ficarem preparadas tanto para receber o número de presos que já recebem quanto para tentar reinserir essas pessoas, né?

[00:17:55] Entrevistadora: É, justamente, a questão seguinte, que é: como você acha que o Estado deve reinserir na sociedade os detentos que já cumpriram suas penas?

[00:18:04] Entrevistado: Eu acho que, para tratar dessas questões, primeiro tem que tratar da questão da superlotação dos presídios. Depois disso, eu acho que daria para incluir tanto a questão de se o preso quiser trabalhar – dentro ou fora do presídio, dependendo do histórico dele e do crime que ele cometeu – e também estudar, ter a possibilidade de eles conseguirem estudar lá ou, senão, a obrigatoriedade. Mas, a princípio, a oportunidade.

[00:18:39] Entrevistadora: Qual sua opinião sobre o trabalho executado pela polícia militar no país?

[00:18:48] Entrevistado: Pelo o que eu já estudei sobre a polícia militar, eu acho que a questão da militarização é meio que um treinamento para guerra. Não acho que seja necessário para lidar de questões civis. Não que eu não ache que tem que não existir uma polícia. Eu acho que tem que ser, mas tem que ser treinada de um outro tipo, porque senão acontecem alguns crimes e esse tanto de morte que a gente vê por aí.

[00:19:26] Entrevistadora: E sobre o porte de armas de fogo, o que você acha?

[00:19:32] Entrevistado: Eu acho que quanto menos armas, melhor. Não acho que garante defesa, não.

[00:19:41] Entrevistadora: Então, você é contra?

[00:19:43] Entrevistado: Sim, sou contra.

[00:19:46] Entrevistadora: Porque não garante a defesa, né?

[00:19:48] Entrevistado: É!

[00:19:50] Entrevistadora: E o casamento homoafetivo, o que você pensa sobre?

[00:19:57] Entrevistado: Ah, eu sou a favor.

[00:19:59] Entrevistadora: Por quê?

[00:20:03] Entrevistado: Porque eu acho que o Estado não tem que interferir na vida privada das pessoas. Não tem por que negar isso.

[00:20:10] Entrevistadora: E você acha, então, que um casal homossexual deve ter direito a adotar uma criança?

[00:20:15] Entrevistado: Com certeza! Os mesmos direitos do heterossexual.

[00:20:19] Entrevistadora: Por quê?

[00:20:23] Entrevistado: Porque diferentes sexualidades não impedem diferentes direitos políticos. São indivíduos da mesma maneira, são cidadãos da mesma maneira.

[00:20:33] Entrevistadora: E como você vê o papel das mulheres na contemporaneidade?

[00:20:40] Entrevistado: É um contexto machista o que a gente vive. Eu acho que muito do preconceito com o homossexual é da questão do machismo – por isso, eu acredito que seja uma luta conjunta. Mas, ao mesmo tempo, eu acho que os direitos políticos das mulheres têm melhorado em algum nível. Tem a questão da criação da Lei do Feminicídio, que eu acho que isso ajuda a, pelo menos, fazer pesquisa, a ter mais dados, para utopicamente a educação conseguir incluir o debate de gênero.

[00:21:24] Entrevistadora: E como você encara a problemática do aborto?

[00:21:31] Entrevistado: Eu acho que quem quer abortar já vai abortar, na clandestinidade. O papel do Estado, primeiro, teria que ser de não considerar criminosas as mulheres que fazem o aborto e, depois, garantir o aborto para as pessoas que quiserem, porque elas, geralmente, vão fazer aborto em clínicas clandestinas e acabam sendo violentadas ou mortas.

[00:22:05] Entrevistadora: E o que você pensa, Jorge, quando escuta alguma história sobre uma mulher que foi assediada?

[00:22:13] Entrevistado: Ai, é horrível! É uma coisa horrível! Eu acho que é ligada com a coisa da mulher na contemporaneidade, que você perguntou: é uma questão de educação que tem cuidar tanto dos homens quanto as mulheres, mas principalmente os homens, né?

[00:22:30] Entrevistadora: Como assim?

[00:22:33] Entrevistado: Porque, para a mulher ser assediada, precisa-se de um homem que assedie ela, sabe? Do mesmo jeito, para a mulher ser estuprada, precisa de um estuprador, de um homem estuprador – não que não aconteça de mulheres estuprarem, mas acontece que muito menos frequência, muito menos mesmo!

[00:22:55] Entrevistadora: E qual é sua opinião sobre o país receber imigrantes de países com algum tipo de conflito ou que sofreram com alguma tragédia natural, alguma catástrofe?

[00:22:06] **Entrevistado:** Eu acho que o Brasil tem capacidade de prover tanto educação quanto saúde para essas pessoas, mas é o nosso nível de educação e de saúde.

[00:23:21] **Entrevistadora:** Então, você acha que tudo bem o Brasil receber essas pessoas?

[00:23:25] **Entrevistado:** Sim.

[00:23:26] **Entrevistadora:** Beleza! E, por fim, Jorge, o que acha da regulação da mídia? Você acha que a mídia deve ser regulada ou não? Por quê?

[00:23:36] **Entrevistado:** Eu nunca pensei nessa questão. O que seria, exatamente, a regulação da mídia?

[00:23:44] **Entrevistadora:** Regular a mídia é muito diferente de impor censura; é fazer como acontece com vários outros serviços hoje. Por exemplo, existe agência reguladora para regular serviços de telecomunicações, serviços de energia elétrica, tem a Ancine – que regula a indústria do cinema e fomenta também -, tem a Ana – que é a agência que regula as águas. É nesse sentido. Não é no sentido de censura.

[00:24:22] **Entrevistado:** Desde que não seja nesse sentido de censura autoritária, eu acho que, sim, daria para criar uma agência reguladora da mídia, sim; juntando todas essas leis que a gente já tem e sobre essa questão de que possa envolver normas mais específicas.

[00:24:53] **Entrevistadora:** Beleza! Eram essas as perguntas. Você tem mais alguma coisa a acrescentar?

[00:24:59] **Entrevistado:** Ah, não! Obrigado por ter me deixado participar. Eu gostei!

[00:25:02] **Entrevistadora:** Eu que agradeço por ter se oferecido, por você se dispor a participar. Jorge, a pesquisa é minha dissertação de mestrado – a parte da metodologia. Eu estou no terceiro semestre do mestrado. Devo apresentar, fazer a defesa, no fim desse ano ou no começo do ano que vem. Aí, quando eu tiver uma coisa concreta já, eu vou repassar para você e para as demais pessoas que participaram. Eu entro em contato de novo para você ver o trabalho final, tá bom?

[00:25:32] **Entrevistado:** Tá bom! Me manda, sim. Estou interessado em ler.

[00:25:36] **Entrevistadora:** Beleza! Pode deixar. Muito obrigada pela participação.

[00:25:41] **Entrevistado:** De nada! Bom dia!

ANEXO J11 – Entrevistado: Léo

[00:00:07] Entrevistado: Alô?

[00:00:08] Entrevistadora: Alô! Léo?

[00:00:09] Entrevistado: Sim.

[00:00:12] Entrevistadora: Aqui é a Mariana, da entrevista para o mestrado. Tudo bem?

[00:00:15] Entrevistado: Tudo!

[00:00:17] Entrevistadora: Você pode falar agora?

[00:00:19] Entrevistado: Eu estou um pouco gripado, mas acho que, sim. Posso!

[00:00:21] Entrevistadora: Oi? Você está ouvindo?

[00:00:25] Entrevistado: Sim, sim! Você está ouvindo bem aí?

[00:00:27] Entrevistadora: Estou, estou! Estou ouvindo bem. E você?

[00:00:31] Entrevistado: Sim! Está ok!

[00:00:32] Entrevistadora: Então, tá bom! A gente pode começar?

[00:00:37] Entrevistado: Pode!

[00:00:38] Entrevistadora: Olha só: eu vou gravar a entrevista, só para facilitar a transcrição depois para o trabalho, mas a entrevista é anônima, tá bom? Seu nome não vai aparecer em momento algum.

[00:00:49] Entrevistado: Tá ok!

[00:00:51] Entrevistadora: Vou fazer algumas perguntas gerais primeiro. Qual é o estado onde você mora?

[00:00:58] Entrevistado: É Ceará.

[00:00:59] Entrevistadora: E a sua idade?

[00:01:02] Entrevistado: 22.

[00:01:03] Entrevistadora: Sua escolaridade? Pode ser completa ou cursando.

[00:01:07] **Entrevistado:** Eu faço ensino superior. Eu faço Gestão de Políticas Públicas, na UFC.

[00:01:14] **Entrevistadora:** Beleza! E você tem dispositivos de acesso à internet em casa?

[00:01:18] **Entrevistado:** Tenho.

[00:01:20] **Entrevistadora:** E com que frequência você acessa a internet?

[00:01:24] **Entrevistado:** Todos os dias.

[00:01:25] **Entrevistadora:** Mais de uma vez por dia?

[00:01:27] **Entrevistado:** Sim.

[00:01:29] **Entrevistadora:** O seu nome é “Léo” ou “Leo”?

[00:01:33] **Entrevistado:** Léo!

[00:01:35] **Entrevistadora:** Tá bom! É só para eu saber a pronúncia. E com que frequência você acessa o Facebook?

[00:01:42] **Entrevistado:** Nossa! Eu acho que umas sete vezes por dia, ou mais.

[00:01:49] **Entrevistadora:** Mais de uma vez por dia também, né? São várias vezes ao dia.

[00:01:52] **Entrevistado:** Sim. Várias vezes!

[00:01:54] **Entrevistadora:** Então, tá bom. E qual é o meio que você mais utiliza para se manter informado: jornal, rádio, TV, site de notícias, Facebook, Twitter, ou algum outro?

[00:02:08] **Entrevistado:** Então, acho que, atualmente, é o Facebook mesmo. É o que eu mais acesso para ter informações; às vezes, o Twitter; e raramente TV.

[00:02:22] **Entrevistadora:** O Twitter você também não usa? Raramente, TV? E rádio você não usa?

[00:02:24] **Entrevistado:** Não.

[00:02:25] **Entrevistadora:** Site de notícia você acessa ou algum blog?

[00:02:30] **Entrevistado:** Os sites que eu acesso, normalmente, são dos links que aparecem no feed do Facebook.

[00:02:38] **Entrevistadora:** Beleza! E você é filiado ou simpatizante de algum partido político?

[00:02:44] Entrevistado: Então, na época das eleições, em 2014, eu tinha mais simpatia com o PSOL, mas – sei lá – com o tempo, eu olho com outros olhos, porque a minha perspectiva de política também aumentou nos últimos anos. Mas, dos vários tipos, o que eu mais me identifico é o PSOL.

[00:03:10] Entrevistadora: Mais o PSOL, né?

[00:03:11] Entrevistado: *Aham!*

[00:03:13] Entrevistadora: Por quê?

[00:03:16] Entrevistado: Porque o atual cenário político e financeiro está bem complicado, né? Mas devido eu fazer Gestão de Políticas Públicas, eu meio que acho eles, hoje, meio radicais. Informalmente, eles votaram contra o Plano Real. Não bate muito com a realidade, sabe? Eu acredito que os deputados do partido são, atualmente, os mais corretos, que realmente lutam pelo povo. Eu não sei se eu poderia falar mais...

[00:04:04] Entrevistadora: Oi? Eu não ouvi o que você falou por último.

[00:04:10] Entrevistado: Eu poderia falar mais coisas, mas eu acho...

[00:04:14] Entrevistadora: Eu posso passar para a próxima, então?

[00:04:17] Entrevistado: Sim!

[00:04:18] Entrevistadora: Então, tá! Com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política no Facebook?

[00:04:23] Entrevistado: Antigamente, eu comentava mais, mas, atualmente, eu evito até de ler os comentários, porque é muita besteira e eu me ofendo um pouquinho com o que eu vejo. Mas ano passado e em 2014, eu sempre estava lá comentando, sempre que eu via alguma notícia que me interessava. Não era diariamente que eu comentava. Era – sei lá – uns três dias na semana.

[00:04:54] Entrevistadora: Você comentava tanto em páginas do Facebook de notícias e você comentava com seus amigos também, é isso?

[00:05:04] Entrevistado: Também na roda de amigos, na faculdade. Mas, pela internet mesmo, era Twitter e Facebook. Quando era para notícias e tinha que comentar, era basicamente ali.

[00:05:21] Entrevistadora: Eu vou fazer agora umas questões políticas mais práticas. Por que você se interessa por temáticas políticas?

[00:05:30] Entrevistado: Porque eu acho que é algo pessoal. Eu tenho minha formação acadêmica totalmente voltada para isso: a minha área de conhecimento é praticada por política. E eu tenho muito interesse, desde a adolescência. A matéria que eu mais tinha mais afinidade no Ensino Médio era sociologia – essa parte mais humana. E, atualmente, política é algo necessário, né? Não é algo que eu queria só ter noção, sabe? Mas é algo necessário para você saber. E eu tenho bastante interesse.

[00:06:14] Entrevistadora: Com que tipo de posicionamentos políticos você mais se identifica: esquerda, centro-esquerda, centro, centro-direita, direita? E por quê?

[00:06:26] Entrevistado: Então, por conta do momento político, é uma coisa que eu não entendo, mas eu tenho uma visão bem mais de esquerda. É mais pela questão do mundo em que a gente vive, pelos ideais que eu defendo – no caso, eu defendo um governo mais associativo, voltado para o povo e feito para ele. A bandeira da esquerda é essa: lutar pelo povo e, realmente, defender o povo. Minha visão é mais voltada para isso, só que, realmente, fazer opinião política cliva para quem, realmente, participa dela e, teoricamente, na nossa democracia – como diz na Constituição: “todo poder emana do povo”, mas cadê esse poder, realmente? E também outras questões políticas, econômicas etc.

[00:07:32] Entrevistadora: Beleza! E como você procura se informar sobre o cenário político do país? Também é mais pelo Facebook ou tem algum outro meio?

[00:07:42] Entrevistado: Então, por vários professores, tem grupo no Facebook do curso, os professores postam vários artigos. Também eu leio de vez em quando blogs, sites, portais. Eu tento ter uma leitura mais distanciada, sabe? Eu evito ler muito desses grandes portais, porque eu também fiz jornalismo e eu tenho um conhecimento...

[00:08:06] Entrevistadora: Você fez jornalismo também?

[00:08:08] Entrevistado: Sim! Eu fiz só três semestres. Então, eu também tenho muito interesse nessa questão da Comunicação. Inclusive, eu tenho um grupo de estudos na nossa faculdade que relaciona Comunicação e Políticas Públicas.

[00:08:23] Entrevistadora: Ah, que interessante!

[00:08:25] **Entrevistado:** Sim! Eu quero muito fazer meu mestrado voltado para essa linha. Enfim, tem que identificar da melhor maneira possível as informações, porque, enfim, não dá para ficar só em uma visão antiga e tal. Mas também é aquela coisa:...

[00:08:45] **Entrevistadora:** A minha... Ai, te interrompi. Pode falar.

[00:08:53] **Entrevistado:** Não, não! Eu estou falando muito rápido? Você está entendendo bem?

[00:08:54] **Entrevistadora:** Estou! Estou entendo, sim. É que a próxima pergunta era, justamente, essa que você estava comentando antes, que é: qual é a sua opinião sobre a forma como as notícias sobre política são escritas? Você já começou a falar um pouquinho, que você evita ler de grandes meios.

[00:09:09] **Entrevistado:** A nossa mídia, não só a mídia, porque tem certos jornalistas que... teoricamente, a nossa mídia brasileira – não precisa nem comentar – é muito ruim, sabe? Eu fico bastante nessa questão do debate sobre uma nova mídia, uma mídia que realmente... porque eu fico passado quando eu estou vendo telejornais, principalmente a Globo. O meu pai só assiste Globo e eu fico... Quando, por exemplo, teve a questão do golpe teve uma tática assumida de impor responsabilidades com o Governo Temer. Teve toda essa questão de... Sério! Eu tenho muito nojo da nossa mídia.

[00:09:57] **Entrevistadora:** É mesmo. Eu concordo com você.

[00:10:01] **Entrevistado:** Porque, se eu tivesse que trabalhar, seguindo carreira, pelo atual cenário político-administrativo do Brasil, eu ia ter que seguir a linha editorial do meio. E eu também não me via muito como jornalista, no meio da rua etc. Mas é, basicamente, isso. Eu também evito muito por questões de... Antigamente, eu tinha aquela visão de que jornalista é bonzinho.

[00:10:34] **Entrevistadora:** Você tinha o quê?

[00:10:39] **Entrevistado:** Eu olhava alguns blogs governistas como se fossem bonzinhos, mas esses e outros blogs tentam sempre ganhar a dianteira. Quando o PT ainda era governo... Eu também sou bastante contra... Nem PSDB nem PT! São todos metidos com política. Eu acho que é, basicamente, isso. Tem mais coisas. Dá para falar mais.

[00:11:09] **Entrevistadora:** É nesse sentido mesmo. Eu estou fazendo a entrevista com várias pessoas que comentaram em notícias em 2014 da *Folha de São Paulo*, *O Globo*,

Zero Hora e Estadão. O número de gente mais à esquerda é muito baixo. As pessoas são direita, extrema direita, bem radicais mesmo, super conservadores. É uma coisa que fica bem nítida: são esses os leitores que acessam a mídia hegemônica que está lá, e eles reproduzem exatamente essas mesmas ideias. Acho que o trabalho vai refletir bastante isso.

[00:11:49] Entrevistado: Também tem essa questão da... muita gente das exatas, engenheiros, não têm conhecimento e nem participam dos debates, enquanto as humanas têm. Eu não duvido da capacidade matemática que essas pessoas têm, mas eu, que estudo política... Política é algo que não importa, sabe? Eles têm tanto conhecimento quanto essa galera que estuda para caralho!

[00:12:26] Entrevistadora: Eu achei que o pessoal tem mesmo uma preocupação social bem menor que o pessoal de humanas. Isso também fica bem claro nas entrevistas que eu estou fazendo. Mas vou passar para a próxima pergunta, tá bom?

[00:12:39] Entrevistado: Tá ok!

[00:12:41] Entrevistadora: Os seus amigos e os seus familiares concordam com os seus posicionamentos? Como o seu envolvimento com política no Facebook se reflete na sua relação com as outras pessoas?

[00:12:55] Entrevistado: No meu ambiente universitário, os meus amigos têm uma visão muito semelhante à minha. Mas na minha família, eles não têm, porque as áreas de conhecimento daqui de casa são diversas e ninguém tem o acesso que eu tenho aos debates políticos e é bem senso comum, sabe? E em casa se reflete mais, porque eu já tive várias discussões aqui em casa por conta de machismo, homofobia, por essas questões. Já tive bastante embate por isso. Normalmente, no meu bairro – eu não moro em Fortaleza; moro em uma cidade metropolitana – o senso comum é bastante forte... Mas, com o passar dos tempos, eu aprendi a lidar melhor com isso, conviver melhor com outras ideias. Eu tento convencer para o meu lado e eu tento fazer o debate saudável, mas é aquela coisa: quando você vê alguma violação dos direitos humanos, é bem difícil de ficar calado.

[00:14:10] Entrevistadora: É, é verdade! Mas você já teve algum problema de brigar mais sério com amigos no Facebook ou na vida real mesmo, ou com familiares? Ou só discussão e debate e ficou tudo bem?

[00:14:25] Entrevistado: Então, eu levo o debate mais a sério com os meus familiares, principalmente com meu irmão. Eu evito ter um embate mais forte com pessoas que eu não tenho uma empatia tão grande, porque é aquela coisa: se eu for realmente brigar com uma pessoa, aí vai se tornar uma coisa mais séria, então eu vou deixar para lá ao invés de deixar de falar com a pessoa para o resto da vida. Mas eu já tive muitas discussões na faculdade, principalmente agora que eu estou fazendo algumas cadeiras na Faculdade de Direito e lá é uma coisa extremamente “reaça”. Mas é mais questão acadêmica e a gente tem que ter maturidade de entender que não vai para o lado pessoal. Mas eu nunca tive, realmente, uma briga de, realmente, deixar de falar com a pessoa. Normalmente, a pessoa que se afasta de mim; normalmente, eu que sou excluído pela outra pessoa. Mas eu fico de boa!

[00:15:28] Entrevistadora: Então, tá bom. Eu vou passar, agora, para as questões político-ideológicas. Como você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:15:41] Entrevistado: Então, essa questão de economia... Eu acredito que o Estado, realmente, deva intervir na economia, porque é aquela coisa: atualmente, as perspectivas são muito liberais, acha que o mercado vai ficar tudo bem se liberar o mercado, a desigual... Mas é aquela coisa: são humanos também... Eu acredito que o Estado, realmente, deve intervir no mercado porque não dá para confiar, sabe? Não dá para confiar totalmente no mercado, porque a gente vê a desgraça que é, a exploração. Eu moro em Maracanaú, uma cidade que é um polo industrial, e eu sempre, quando estou andando por ela, me questiono: “eu moro em Maracanaú porque é uma das cidade mais rica do Estado do Ceará, mas rica para quem?”. A população, em si, é bastante carente, vive com um salário mínimo e a situação dela só piora, porque tem lugares aqui que são extremamente poluídos, até o povo brinca que “o metrô passa, a poeira levanta”. Eu até brinco: “quando você chegar em um lugar com cheiro de câncer, pode ter certeza que você chegou em Maracanaú”. Então, eu acredito que o Estado, realmente, deve intervir pelo bem da população, porque o mercado, em si, só quer saber do lucro e não importa a maneira como ele vai conseguir. E, realmente, tem que ter alguma intervenção, eu acho.

[00:17:27] Entrevistadora: E o que você pensa sobre o Estado garantir serviços gratuitos aos cidadãos, como saúde e educação, por exemplo?

[00:17:35] Entrevistado: Então, atualmente, o Brasil, devido à extrema pobreza dos seus cidadãos, devido à formação brasileira, essa noção de Estado Social, realmente, é

necessária, por causa do nosso contexto social. Se a gente for deixar as pessoas por conta própria, de acordo com o que cada uma delas têm, seria péssimo e isso ia ferir totalmente a questão dos Direitos Humanos, porque eles não teriam condições de pagar, realmente, pelos serviços. Eu acredito que o Estado, realmente, deve garantir saúde e educação, duas coisas básicas para ter o desenvolvimento das pessoas. Mas é aquela coisa: no atual sistema, isso é bem difícil e são feitos de formas tão ruins. Mas eu acredito que, realmente, o Estado deve manter esses serviços.

[00:18:49] Entrevistadora: Para você, como o governo deve inserir socialmente os cidadãos que estão marginalizados na sociedade?

[00:18:58] Entrevistado: Então, é aquela coisa...

[00:19:00] Entrevistadora: Você está ouvindo esse barulho, uma interferência na ligação?

[00:19:03] Entrevistado: Não! Tá ok!

[00:19:09] Entrevistadora: Ah, então tá!

[00:19:10] Entrevistado: Então, como eu faço Gestão de Políticas Públicas, eu acredito que, nessa questão da marginalização, o Estado deve intervir na raiz e não nas intermediárias. Eu acho que tem que intervir naqueles problemas que, normalmente, vem do contexto econômico. É aquela coisa: o que leva a alguém a se tornar marginal para sobreviver? Lógico que existem casos e casos, mas, no geral, são pessoas decorrentes de contextos econômicos de extrema miséria e, normalmente, as pessoas se acusam. As pessoas marginalizadas não têm nenhuma noção do contexto, portanto, elas não têm nenhuma empatia pelo outro. Realmente, tem que combater o mal pela raiz, para que não seja necessário ter políticas que só façam a sociedade mais carente, normalmente, a população negra, né? A minha posição é essa: tem que intervir, mas na raiz e não no imediato.

[00:20:13] Entrevistadora: Mas o que você considera “intervir na raiz”?

[00:20:18] Entrevistado: É investir em educação, em políticas de distribuição de renda e essas políticas mais afirmativas no âmbito econômico.

[00:20:41] Entrevistadora: E, na sua opinião, o que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:20:46] Entrevistado: O que leva alguém a ser pobre é, basicamente, a estrutura da sociedade. Ninguém tem culpa de ter nascido pobre, de ser pobre. De onde se tira a riqueza? A riqueza vem desde a época do...

[00:21:14] Entrevistadora: Desde a época do quê?

[00:21:19] Entrevistado: Desde 1500, da divisão em Capitanias Hereditárias é de onde vem a riqueza. Enfim, a pobreza vem dessa extrema desigualdade que é a nossa sociedade, a brasileira. Desigualdade social, entre rico e pobre... Porque é aquela coisa: para existir rico... É basicamente isso. É meio difícil de falar porque cada pergunta tem um contexto gigantesco.

[00:21:54] Entrevistadora: É! Mas a ideia é essa mesmo: que você vá desenvolvendo, seguindo o caminho que você quiser na resposta, porque elas são semiabertas as perguntas. E como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais? E o contexto social e político?

[00:22:17] Entrevistado: Então, essa questão do mérito é bem difícil, porque como é que alguém que só teve acesso à educação de qualidade...? Eu não acredito muito nessa questão do mérito, em uma sociedade meritocrática, porque, para existir mérito, todos deveriam ser iguais. E em uma sociedade onde uma desigualdade está aí, eu não acredito muito nessa questão do mérito, porque quem muitos têm grande facilidade e quem não tem nada tem que batalhar. E eu não acredito nessa historinha da meritocracia, porque não dá para existir essa lógica meritocrática em uma sociedade extremamente desigual.

[00:23:07] Entrevistadora: Tá bom! E o que você pensa sobre o Bolsa Família?

[00:23:12] Entrevistado: Recentemente, eu andei lendo várias coisas sobre ele. Ele é um bom programa porque ele dá alívio para quem, normalmente, não tem nada. Eu li uma entrevista que uma usuária falou que foi a primeira vez que o Estado a viu. Muita gente julga o programa – eu estava conversando com o meu irmão – devido a ele ter algumas confusões. Algumas pessoas, realmente, não são o público alvo do programa e acabam recebendo. As críticas aos programas deveriam ser mais pelo aumento da fiscalização. Mas, na minha visão geral, eu acho que é um programa muito bom e que ajuda esse pessoal com aumento da renda e dá um alívio para que a pessoa que, realmente, não tem

nada consiga ter um pouco mais de força para também irem atrás dos sonhos dela. Eu acho que...

[00:24:33] **Entrevistadora:** Pode completar. Pode continuar.

[00:24:36] **Entrevistado:** Não, não! Ok!

[00:24:40] **Entrevistadora:** É porque você deu um tempinho, aí achei que você tinha terminado. Desculpa?!

[00:24:45] **Entrevistado:** Tudo bem!

[00:24:45] **Entrevistadora:** E as políticas de cotas raciais, o que você acha sobre?

[00:24:51] **Entrevistado:** Devido ao processo histórico no Brasil e à desigualdade, eu realmente acho que são boas, afinal, eu entrei na universidade federal através de cotas. Ela deu um alívio, ela meio que salvou essa geração que não teve acesso... Se não fosse por ela, eu não teria entrado na universidade. Eu acho que ela foi uma medida boa, mas não é o ideal, porque o ideal, realmente, seria a raiz, o sistema educacional que preste. Eu achei ela ótima porque ela deu oportunidade a quem não teria acesso à educação superior pública. Acho que eu enrolei um pouco, mas acho que deu para entender, né?

[00:25:55] **Entrevistadora:** Deu para entender, sim. Você entrou por cotas, então?

[00:25:58] **Entrevistado:** Sim!

[00:26:00] **Entrevistadora:** Você é a primeira pessoa que eu entrevisto que entrou por cotas. Todas as pessoas que eu entrevistei tinham nível superior. Você pode me contar um pouco mais sobre a sua experiência, sobre como as outras pessoas dentro da universidade encaram isso (não, necessariamente, no seu curso, porque eu acho seu curso é um pouco diferente)?

[00:26:19] **Entrevistado:** A galera é muito... eles são muito lindos. Eu acho que as melhores pessoas da UFC estão no meu curso. Brincadeira! Normalmente, nos cursos do Centro de Biologia da UFC - são os cursos de medicina - a galera tem muito preconceito com os cotistas. Normalmente, dentro desses cursos tem muita gente de classe alta e tem aqueles preconceitos de classe etc. Mas a minha experiência, no meu local, tem sido ok. Eu vi uma pesquisa que demonstrou que o desempenho dos cotista é superior ao do concorrente. Enfim, é mais, realmente, uma questão de preconceito, social, de classe.

[00:27:18] **Entrevistadora:** Beleza! Seu irmão também está na faculdade? Você contou que você tem um irmão. Ele faz o quê?

[00:27:27] **Entrevistado:** Eu tenho duas irmãs e um irmão e ele faz engenharia elétrica.

[00:24:32] **Entrevistadora:** Todos eles?

[00:27:34] **Entrevistado:** Não! Só o meu irmão. A minha irmã mais nova faz gastronomia e a minha irmã mais velha está concluindo serviço social.

[00:27:42] **Entrevistadora:** Ah, legal! E todos eles entraram na universidade por cotas também ou só você?

[00:27:49] **Entrevistado:** A minha irmã mais nova entrou por cotas também, agora, em gastronomia, mas meu irmão mais velho estuda em universidade particular. Ele não entrou por cotas porque usa o Fies.

[00:28:09] **Entrevistadora:** Beleza! E agora eu vou fazer mais uma pergunta, voltada para a criminalidade. Você acha que a criminalidade é um problema causado, principalmente, por qual motivo?

[00:28:24] **Entrevistado:** Desigualdade social, totalmente! Se a gente for olhar pelo âmbito da política, existem vítimas que acabam tornando ineficientes algumas políticas. Mas se for definir em poucas palavras, é a desigualdade social e econômica, total.

[00:28:58] **Entrevistadora:** E como você acha, Benjamin, que o Estado deve combater a criminalidade?

[00:29:05] **Entrevistado:** Primeiramente, mudando a visão econômica. É uma coisa que me divide bastante, porque eu faço esse curso, Gestão de Políticas Públicas, que pensa exatamente essas ações do Estado para combater os problemas que são esses. Pode repetir a pergunta?

[00:29:39] **Entrevistadora:** Como você acha que o Estado deve combater a criminalidade?

[00:29:47] **Entrevistado:** Totalmente por políticas públicas que, realmente, ajam na raiz para que essas pessoas tenham acesso a outras coisas. Também investimento em cultura e combate à corrupção, para que, realmente, tenha...

[00:30:08] **Entrevistadora:** Combate à corrupção, é isso?

[00:30:09] Entrevistado: Exato! Eu acho! São tantos problemas. Corrupção é um dos fatores. O Estado faz, no papel, as políticas serem excelentes, mas os caminhos que elas seguem têm vários fatores que acabam... Um fator muito grave no Brasil é a corrupção, que está em todos os ambientes sociais, e a política é um reflexo disso, da corrupção brasileira e do jeitinho brasileiro.

[00:30:49] Entrevistadora: O que você pensa sobre o trabalho executado pela polícia militar no Brasil?

[00:30:56] Entrevistado: Eu sou contra a militarização da polícia. Eu não conheço muito bem e eu nunca estudei a fundo essa questão da polícia militar, mas pelo o que vejo – pela questão da militância, análise dos jornais – é ela sendo usada pelo Estado para combater o avanço social. As notícias que eu mais vejo falam, exatamente, isso. A minha visão é, basicamente, essa: ela só serve para manter o status quo do Estado e combate opressivo dos avanços sociais.

[00:31:47] Entrevistadora: E o que você pensa sobre o porte de armas de fogo?

[00:31:54] Entrevistado: Então, eu acho péssimo, porque eu não acho a sociedade em si preparada para lidar com essa questão. Se houver, realmente, a liberação, só vai haver mais mortes. Inclusive, aqui em Maracanaú, a Guarda Municipal foi a primeira guarda do Estado do Ceará a receber a legalidade do porte de arma. Eu estava até comentando que lamentação demais, porque eu acredito que eles não tiveram treinamento suficiente para lidar com arma de fogo e isso só vai causar mais mortes. E eu acho péssimo por conta do contexto brasileiro, porque ainda não estamos preparados. Essas políticas de liberação de armas, normalmente, vêm de outros contextos totalmente diferentes do brasileiro. Querem implantar uma coisa que deu certo lá que não cabe aqui. Para mim, só vai gerar mais morte e mais violência. Realmente, não se deve combater violência com mais violência!

[00:33:13] Entrevistadora: A Guarda Municipal daí foi a primeira a receber liberação para usar?

[00:33:19] Entrevistado: Exato! Aqui no Ceará. Eu não sei se no contexto nacional existe outra cidade, mas aqui no Ceará foi Maracanaú.

[00:33:26] Entrevistadora: Quando foi que eles receberam?

[00:33:29] Entrevistado: Acho que está com duas semanas. Eu vi a notícia no Facebook. A Prefeitura faz o post patrocinado, falando: “marco histórico em Maracanaú”. Eu fiquei muito triste, porque como é que alguém fala que isso é um marco histórico, sendo que só vai gerar mais mortes? Eu conheço algumas guardas municipais que são extremamente descontroladas. Isso é o pai do meu cunhado: o cara invadiu a casa dele, deu um tiro e fez horrores, sabe? Eles não têm preparo. Isso só vai gerar mais mortes. Enfim, é a pena de morte, né?

[00:34:07] Entrevistadora: Mas eles receberam algum curso ou não, só receberam as armas?

[00:34:14] Entrevistado: Eu não sei, exatamente, se receberam curso. Estou me baseando, basicamente, na minha questão que você me deu. Eu não estive, realmente, me aprofundando nessa questão – se teve curso ou não – mas eu acredito, de qualquer forma, que isso vá indevidamente, por conta do papel que é o excesso para pressionar a Guarda Municipal.

[00:34:42] Entrevistadora: E o que você acha sobre casamento homoafetivo?

[00:34:48] Entrevistado: Então, eu acho isso maravilhoso! Foi o Supremo Tribunal Federal que gerou isso. Sabe? É amor e toda forma de amor... É um direito, direito básico. É algo maravilhoso, sabe? É um direito que todos devem ter, não importa a sua sexualidade. É um direito e deve ser cumprido, totalmente.

[00:35:16] Entrevistadora: E o que você pensa sobre um casal homossexual ter direito a adotar uma criança?

[00:35:23] Entrevistado: É a mesma questão. É uma família. Se existir amor ali... Como cada ser humano tem o desejo de formar uma família, então isso só vai... É amor, sabe? Eu vejo como uma família. Não existe por que negar isso, porque não vai afetar em nada a formação da criança. Eu sou a favor. Tem gente que é contra, mas é mais questão de preconceito. E, para mim, eu não vejo que é diferente, nada, nada. Não tem o porquê de negar isso.

[00:36:08] Entrevistadora: E como você enxerga o papel das mulheres na contemporaneidade?

[00:36:16] Entrevistado: Eu acredito que a mulher, realmente, precisa estar mais presente nas questões políticas. Realmente tem uma igualdade de gênero. Que a mulher tenha mais protagonismo, mais decisões políticas em todos os âmbitos da sociedade.

[00:36:45] Entrevistadora: E como você encara a problemática do aborto?

[00:36:49] Entrevistado: Então, quando eu era mais jovem, eu era meio que contra por conta dos direitos da criança que estava ali sendo gerada, mas hoje eu vejo mais com um olhar de problema social. Querendo ou não, o aborto é uma realidade, que sempre vai acontecer. É uma questão de saúde pública. Normalmente, as maiores vítimas do aborto são as mulheres pobres, que acabam abortando em clínicas clandestinas. É mais uma questão de saúde pública, para que as pessoas mais carentes, que não têm acesso a clínicas – porque, normalmente, quem tem condições paga uma clínica ok e aborta. É aquela coisa: você não pode impedir algo que, querendo ou não, vai acontecer. É mais uma questão de saúde pública, então por isso eu sou a favor da legalização. Isso não vai aumentar o histórico de aborto, porque se, atualmente, que não é liberado já existe. Isso não vai mudar. Então, é mais a questão da vontade da mulher, porque, além disso, é o corpo da mulher ali e o futuro de alguém, de uma criança, e está nas mãos daquela mãe. Então, é uma decisão, totalmente, da mulher. Vou parar de falar, porque eu não sou mulher e eu não sei o que é, exatamente, ser mulher. Mas a minha opinião é basicamente essa.

[00:38:31] Entrevistadora: O que você pensa quando você escuta alguma história sobre uma mulher que foi assediada?

[00:38:41] Entrevistado: Ontem mesmo, eu li um caso que aconteceu aqui na UFCE do que duas pessoas da limpeza fizeram com uma garota.

[00:38:51] Entrevistadora: Era o quê? Eu não escutei. Desculpa!

[00:38:54] Entrevistado: Antes de ontem teve um caso nosso que um dos faxineiros da universidade assediou uma aluna. Eu acho isso péssimo, porque assédio não é algo legal e, realmente, deve ser combatido. Não é legal.

[00:39:47] Entrevistadora: E como foi a repercussão do caso?

[00:39:50] Entrevistado: Por incrível que pareça, gerou um rápido reconhecimento pela reitoria, direção da UFC, e eles tomaram algumas medidas contra isso, e, realmente, foi bem rápido. Normalmente, quando eu escuto casos de assédio, a mulher fica como “a

louca”, “a doida”. Isso foi ótimo, porque ela, realmente, foi ouvida e foi bom porque ela fez um *post* no fórum do Campus do ITB, falando para as mulheres não se calarem nessa questão do assédio. Isso deu forças para várias garotas da universidade gritarem para todos ouvirem e para que casos como esses não se repitam.

[00:40:48] Entrevistadora: Foi rápido mesmo, né? Foi ontem, né?

[00:40:50] Entrevistado: Isso! Ontem mesmo a direção tomou uma medida. Eu não sei exatamente o que eles fizeram com a pessoa que assediou a moça, mas teve reunião e teve um grande “auê” na universidade por conta disso.

[00:41:06] Entrevistadora: Mas chegou a ser um estupro?

[00:41:09] Entrevistado: Não, não! Foi mais questão de assédio. Ele entrou no banheiro perguntando “e aí, gatinha?”, coisa assim. Eu não sei, exatamente, quais foram as palavras, mas ele chegou ao extremo de entrar no banheiro feminino. Ela começou a gritar com ele. Ele meio que ameaçou ela, “é para você ficar caladinha, viu?”, porém ela não ficou calada e ele se lascou.

[00:41:34] Entrevistadora: Que bom! E qual é a sua opinião, Léo, sobre o país receber imigrantes de países com algum tipo de conflito ou que estejam passando por alguma catástrofe natural?

[00:41:50] Entrevistado: Eu não tenho uma opinião ainda totalmente formada, porque se a gente for olhar o papel do atual Estado, que é indiferente à sua população... Mas eu acredito, com um viés mais positivo, que tem a questão econômica, mas vamos receber. São pessoas, são humanos e elas têm direito a ter uma vida digna. Vamos dar uma oportunidade. Tem que olhar essa questão econômica, para saber se vai ser bom, se vai ser positivo. Mas se for olhar essas questões de Direitos Humanos, elas têm direito de ter um convívio, direito a uma dignidade, a uma vida digna.

[00:42:46] Entrevistadora: E o que acha da proposta de regular a mídia?

[00:42:51] Entrevistado: Excelente! Maravilhoso, porque a atual mídia faz... não tirando essa questão da Democracia, porque a mídia é considerada o quarto poder. Não existe um controle sobre essa mídia. São sete famílias quem controlam – ou são seis.

[00:43:13] Entrevistadora: São seis, são seis.

[00:43:22] Entrevistado: São seis, né? Principalmente para se ter uma maior pluralidade de ideias. Excelente! Eu sou totalmente a favor, para que as pessoas, realmente, tenham direito à informação, porque a opinião pública é formada, basicamente, pelo o que a mídia dita. Então, realmente para essa questão da democracia. Eu acho ótimo!

[00:43:51] Entrevistadora: Você foi a primeira pessoa que vincula regular a mídia com democracia, dentre as pessoas que eu entrevistei. As pessoas têm muita dificuldade de entender o que é regular a mídia. Eu percebi isso.

[00:44:10] Entrevistado: É, claramente, uma questão de democracia.

[00:44:14] Entrevistadora: Com certeza! As perguntas são essas. Você tem mais alguma coisa a acrescentar?

[00:44:20] Entrevistado: Esse trabalho vai ser finalizado mais ou menos quando? Eu quero muito ler.

[00:44:25] Entrevistadora: Pode deixar! Eu ia falar isso no final: eu vou terminar e devo defender a dissertação no fim desse ano – em dezembro – ou no máximo no começo do ano que vem – até março, que é o prazo final. Aí, assim que eu tiver tudo fechado, assim que eu tiver acabado mesmo, depois que passar pela banca, eu vou reencaminhar para todo mundo que participou das entrevistas.

[00:44:52] Entrevistado: Eu quero muito ler, porque eu tenho muito interesse nessa questão da comunicação. Apesar de eu ter saído do jornalismo, o meu amor pela comunicação não saiu e isso vai agregando tudo.

[00:45:02] Entrevistadora: Por que você saiu do jornalismo, além do que você me contou?

[00:45:09] Entrevistado: Eu me via exercendo o jornalismo. Eu estudava em uma faculdade particular que ela não dava acesso à carreira acadêmica, para quem quisesse crescer. Era muito voltado para o mercado. Eu tive a oportunidade de passar na UFC para Gestão de Políticas Públicas. Inclusive, eu tive oportunidade de mudar para Jornalismo dentro da UFC, mas acabei: “vou continuar fazendo esse curso”, porque Jornalismo não dá um protagonismo maior nessas questões de decisões do Estado e eu queria estar mais ativo mesmo. Quando eu vi que abriu esse curso, que era Gestão de Políticas Públicas, eu: “nossa, é isso mesmo! Eu quero!”. E não me arrependo de forma alguma, porque eu estou

tentando pegar tudo o que eu posso de Comunicação e Gestão Pública e eu estou com trabalhos, em grupos de estudos. E onde eu trabalho tem totalmente a ver com política e comunicação, então eu quero muito ler.

[00:46:20] **Entrevistadora:** Pode deixar que eu te encaminho. O seu curso deve ser muito interessante, né? Na UnB tem também, mas é novo.

[00:46:30] **Entrevistado:** É, muito novo! Você é de Brasília, né?

[00:46:32] **Entrevistadora:** Sim! Eu faço mestrado na UnB e fiz a graduação lá também, em Jornalismo.

[00:46:40] **Entrevistado:** Exato! O curso de Gestão de Políticas Públicas é muito antigo mesmo em outros estados.

[00:46:50] **Entrevistadora:** Ah, aqui é antigo o curso? Eu não sabia!

[00:46:54] **Entrevistado:** Tipo, eu não sei. Eu acho que ele é recente aí, mas tem em várias universidades. Aqui, no Ceará, o curso abriu ano passado. Eu faço parte da primeira turma.

[00:47:03] **Entrevistadora:** Nossa! Que sensacional!

[00:47:07] **Entrevistado:** Exato! A profissão ainda não é regulamentada. Esse reconhecimento também não é grande.

[00:74:19] **Entrevistadora:** Jornalismo está na mesma também, né?

[00:47:23] **Entrevistado:** Só que no caso do Sudeste, o curso de Políticas Públicas é bem avançado. Ele é tão assim que a nota de corte dele na USP é tão alta quanto cursos de Direito.

[00:47:38] **Entrevistadora:** Que legal! Mas é porque, de fato, é um curso muito importante.

[00:47:45] **Entrevistado:** Exato, muito importante! E por isso que... Inclusive, eu tenho tentando... É porque muita gente ainda não sabe que esse curso existe aqui, no Ceará. E uma das... Eu tentado com uma tenho uma colega jornalista da parte de Comunicação da UFC, para ela mandar pautas das redações, para aproveitar o atual cenário do estado, porque meu curso vai investir bastante para o futuro político local daqui. Ele é muito recente – acho que está com 30 anos de Brasil. Porque a Administração Pública brasileira,

com todas reformas... Realmente, é preciso ter acesso ali de uma forma democrática, pessoas que entrem ali seja, realmente, capacitadas para administrar e que seja de acordo com a formação. O que falta bastante são bons gestores, além de outras “zilhões” de coisas.

[00:48:48] Entrevistadora: Com certeza! Quando você se formar e a sua turma se formar, o mercado de trabalho vai estar excelente para vocês, né? Espero... dependendo de como as coisas andem com esse novo governo.

[00:49:06] Entrevistado: Exato! Eu não tenho muita esperança nesse novo governo.

[00:49:10] Entrevistadora: É, eu também não. Mas a tendência é que seja um curso muito procura, muito visado?

[00:49:19] Entrevistado: Exato!

[00:49:22] Entrevistadora: Léo, eu queria te agradecer por ter aceitado participar e, de todas as pessoas que eu entrevistei, você é a que tem o posicionamento mais alinhado com o meu. É um alívio ouvir as suas opiniões, porque eu tenho que ouvir cada coisa que eu acho horrível.

[00:49:41] Entrevistado: Imagino que você tem visto muita coisa de Bolsonaro e... Realmente, você deve estar sofrendo um pouquinho!

[00:49:50] Entrevistadora: Nossa! Tem umas pessoas que tem de foto de capa no Facebook... várias pessoas têm a bandeira do Brasil, que são as pessoas que estavam de verde e amarelo nas manifestações e tem até gente segurando arma, sabe?

[00:50:10] Entrevistado: É muita inveja. Imagina quem mete as caras nessas coisas, mas eu acho que, devo tanto... você acaba se acostumando com isso e... Mas eu acho que hoje eu estou mais forte em relação a essas adversidades, não que eu seja um extremista. Você ficou sabendo da questão aqui do Ceará, que teve confronto direto entre bolsonetes e a galera mais de esquerda?

[00:50:42] Entrevistadora: Sério!? Quando isso?

[00:50:43] Entrevistado: Eles marcaram. Foi mês passado. Estava uma briga muito forte entre seguidores do Bolsonaro e a galera que é mais de esquerda.

[00:50:57] Entrevistadora: Tem muito seguidor do Bolsonaro aí?

[00:50:59] Entrevistado: Então, está tão séria a situação aqui, que eles estão marcando “rolezinho” dentro da universidade, no Centro Comunitário da UFC.

[00:51:06] Entrevistadora: Os “bolsomineons”?

[00:51:09] Entrevistado: É! Isso aconteceu porque um cara, estudante, policial militar, chegou com uma blusa do Bolsonaro e começou a mexer com a galera. Aí, rolou um “escracho” louco. Rolou um vídeo de muita gente “escrachando” ele e tal. Aí, começaram esses “rolezinhos”, que foi a galera da área apoiando esse cara. Aí, está rolando essas coisas, da galera marcando “Rolezinho de Inês Brasil versus Rolezinho do Bolsonaro”. E realmente...

[00:51:44] Entrevistadora: Alô?

[00:52:03] Entrevistado: A ligação caiu sem querer.

[00:52:05] Entrevistadora: Caiu! A ligação caiu. Sim, você estava...

[00:52:08] Entrevistado: Então, acho que é basicamente isso, né?

[00:52:09] Entrevistadora: É! Mas eu não ouvi falar dessa história, não. Pelo menos, eu não vi nada. Não chegou até aqui. Mas o confronto é físico mesmo? As pessoas chegam a brigar?

[00:52:21] Entrevistado: Não! Foi mais... Não, não chegam a brigar. É bem controlado, na medida.

[00:52:27] Entrevistadora: Aqui, em Brasília, botaram muro quando teve as eleições. Botaram muro na Esplanada. Eu estava lá, inclusive. Eu estava morrendo de medo. O policiamento era gigantesco e aquele muro estava lá, dividindo todo mundo. E o pessoal mais da direita é bastante agressivo, né? Eles vêm a gente na rua, aí xingam. É uma relação difícil mesmo.

[00:52:54] Entrevistado: Exato! Isso é bastante preocupante, porque a galera não tem maturidade suficiente para lidar com essas questões sem levar para o lado pessoal, apesar que política é uma coisa bastante pessoal porque mexe com todas as partes. Precisa de maturidade para lidar com essa questão sem partir para a agressão. É verdade que dá muita raiva, um descontrole, mas você, realmente, precisa ter controle sobre suas emoções, respirar fundo e...

[00:53:26] Entrevistadora: E ouvir, né?

[00:53:27] Entrevistado: Exato!

[00:53:28] Entrevistadora: E também não dá para se estressar muito, porque do jeito que as coisas estão, a gente vai viver irritado.

[00:53:36] Entrevistado: Exato!

[00:53:37] Entrevistadora: Mas, então, tá bom! É isso a entrevista. Você quer acrescentar algo mais?

[00:53:41] Entrevistado: Não, não! Acho que é isso!

[00:53:43] Entrevistadora: Então, tá! Pode deixar que quando estiver pronta, eu vou mandar para você, sim. Só vai demorar um pouquinho, porque só vai ficar pronta no fim do mestrado, tá bom?

[00:53:53] Entrevistado: Só mais uma coisa: qual é a metodologia que você está utilizando?

[00:53:58] Entrevistadora: O meu mestrado é em Jornalismo e ele é na linha de pesquisa de Jornalismo e Sociedade. Aí, como metodologia, eu propus fazer um levantamento de notícias, das notícias mais populares. Desde o início, eu queria trabalhar com Facebook e com política, mas não política da perspectiva dos jornais; política da perspectiva das pessoas mesmo, muito por causa da Jornada de Junho de 2013 e também porque as pessoas estão, aparentemente, muito mais engajadas politicamente – tem os ativistas digitais que estão muito mais no Facebook do que em outros ambientes, mas eles existem. Aí eu propus trabalhar com esse levantamento de notícias e, a partir disso, eu ia enviar questionários para as pessoas. Era uma triangulação metodológica, na verdade. Eu ia fazer tanto análise quantitativa quanto qualitativa, mas, como a taxa de resposta é muito pequena no Facebook (pouquíssima gente responde), eu tive que tirar os questionários. Isso foi uma proposta... quando eu fiz a qualificação, no meio do mestrado, o pessoal da banca disse “muito difícil que você consiga esse tanto de número de questionário que você quer”. Eu precisava de três mil questionários respondidos, sabe? Era um número muito alto. Aí, eu desisti de fazer essa parte quantitativa, e fiquei só com o levantamento (que é quantitativo também) e vou fazer uma pesquisa muito mais qualitativa, que vai ser a análise dessas entrevistas que eu estou fazendo.

[00:55:38] Entrevistado: Legal!

[00:55:39] Entrevistadora: Análise e contextualização, né?

[00:55:44] Entrevistado: Legal! Como agora eu estou iniciando a graduação – eu estou no terceiro semestre desse curso -, mas eu já estudei as questões das minorias sexuais, a questão das análises políticas de combate em Fortaleza. Eu achei bem legal. É, realmente, o que eu quero pesquisar e fazer mestrado. Eu só não sei se eu vou conseguir fazer doutorado, mas...

[00:56:15] Entrevistadora: Eu também tenho essa dúvida, principalmente agora. Mas os professores dizem que é assim mesmo: quando você está fazendo a sua pesquisa, você diz “eu nunca mais vou voltar aqui”. Quem está na graduação diz que nunca vai fazer mestrado; quem está no mestrado diz que nunca vai fazer doutorado; mas, no fim, quem, realmente, gosta sempre volta. E, pelo o que você disse, você tem interesse mesmo em fazer mestrado?

[00:56:20] Entrevistado: Exato! Esse terceiro semestre está horrível! Eu estou cheio de prova e com muito trabalho, mas vai dar certo.

[00:56:20] Entrevistadora: Fim de semestre é assim mesmo!

[00:56:21] Entrevistado: Exato!

[00:56:56] Entrevistadora: Então, tá bom!

[00:56:58] Entrevistado: Eu achei você muito gente fina.

[00:56:59] Entrevistadora: Oi?

[00:57:00] Entrevistado: Foi um prazer responder às suas questões, essa pesquisa, e que você tenha um bom trabalho.

[00:57:06] Entrevistadora: Oi? Eu não ouvi. Desculpa!

[00:57:11] Entrevistado: Eu disse que foi um prazer participar.

[00:57:14] Entrevistadora: Ah, sim! Foi um prazer também. Muito obrigada por ter participado. E, quando você precisar de alguma coisa, pode falar comigo. Estarei à disposição. E eu volto a entrar em contato para te mandar a pesquisa.

[00:57:28] Entrevistado: Tá ok!

[00:57:29] Entrevistadora: Obrigada! Bom fim de semana.

[00:57:32] Entrevistado: Tá bom! Para você também.

[00:57:34] Entrevistadora: Tchau, tchau!

ANEXO J12 – Entrevistado: Max

[00:00:14] Entrevistadora: Alô?

[00:00:15] Entrevistado: Alô!

[00:00:16] Entrevistadora: Oi. Max?

[00:00:18] Entrevistado: Sou eu. Boa noite!

[00:00:20] Entrevistadora: Boa noite! Você pode falar agora?

[00:00:22] Entrevistado: Claro!

[00:00:24] Entrevistadora: Tá bom, então.

[00:00:26] Entrevistado: Posso, sim.

[00:00:27] Entrevistadora: Você está ouvindo direitinho? Alô?

[00:00:34] Entrevistado: Você está me ouvindo bem?

[00:00:35] Entrevistadora: Eu estou. Estou ouvindo bem. E você?

[00:00:38] Entrevistado: Beleza! Você é a...?

[00:00:39] Entrevistadora: Mariana. Eu vou gravar a entrevista, só para facilitar a transcrição para o trabalho depois. Mas é anônima; seu nome não vai aparecer em nenhum momento, tá bom?

[00:00:53] Entrevistado: Tudo bem! Como é um hotel, pode haver alguma interrupção. Há problema?

[00:01:00] Entrevistadora: Não, não! Sem problemas.

[00:01:03] Entrevistado: É interrupção por alguns minutinhos.

[00:01:06] Entrevistadora: Tudo bem! Qualquer coisa, eu aguardo ou, se precisar, eu retorno para você também.

[00:01:11] Entrevistado: Tudo bem!

[00:01:14] Entrevistadora: Então, tá! Eu vou começar. Vou fazer algumas perguntas bem rápidas, primeiro, algumas perguntas gerais. Qual é o estado onde você mora, Max?

[00:01:22] **Entrevistado:** Santa Catarina, atualmente.

[00:01:26] **Entrevistadora:** E a sua idade?

[00:01:29] **Entrevistado:** 29 anos de idade.

[00:01:31] **Entrevistadora:** Sua escolaridade? Poder ser completa ou cursando.

[00:01:34] **Entrevistado:** Cursando o ensino superior. Incompleto.

[00:01:37] **Entrevistadora:** O que você faz?

[00:01:40] **Entrevistado:** Estou no curso de Direito.

[00:01:43] **Entrevistadora:** Beleza! E você tem dispositivos de acesso à internet em casa. Pode ser computador, celular, tablet.

[00:01:52] **Entrevistado:** Sim! Computador, dispositivo móvel também.

[00:02:00] **Entrevistadora:** Beleza! E com que frequência você acessa a internet – de qualquer lugar: pode ser de casa, trabalho etc?

[00:02:07] **Entrevistado:** Acho que todos os dias.

[00:02:10] **Entrevistadora:** Todos os dias? E o Facebook, com que frequência?

[00:02:15] **Entrevistado:** Acho que todos os dias também.

[00:02:19] **Entrevistadora:** Tá bom! É mais de uma vez por dia?

[00:02:22] **Entrevistado:** Uma só vez por dia, pelo notebook. Mas, pelo telefone, é provavelmente mais vezes, umas duas ou três vezes.

[00:02:34] **Entrevistadora:** Ah tá! Ok! E qual é o meio que você mais utiliza para se manter informado: jornal, rádio, TV, site de notícias, Facebook, Twitter, algum outro?

[00:02:46] **Entrevistado:** Geralmente, o jornal das notícias estaduais; às vezes, entro em alguma página de algum órgão federal.

[00:03:02] **Entrevistadora:** As notícias estaduais são por sites de notícias ou pelo jornal impresso ou por rádio e tevê?

[00:03:08] **Entrevistado:** Via internet. Às vezes, pelo Facebook; às vezes, no site especificamente.

[00:03:20] **Entrevistadora:** É mais pelos sites, então, do que pelo Facebook, por exemplo?

[00:03:24] **Entrevistado:** *Aham!* É porque no Facebook eu costumo a curtir algumas páginas. Então, de um ano para cá, eu acho que eu tenho acompanhado as notícias pelo Facebook, salvo algumas vezes em que eu tenho que ir diretamente a algum site específico. Mas o Facebook tem sido um meio bastante acessível também.

[00:03:49] **Entrevistadora:** Tá bom! E você é filiado ou simpatizante de algum partido político, Max?

[00:03:57] **Entrevistado:** Algum partido político? Eu acho que talvez o que me represente no momento seria o PSDB.

[00:04:10] **Entrevistadora:** Mas você não é filiado? Você é só simpatizante?

[00:04:12] **Entrevistado:** É, simpatizante! Filiação, não. Só no momento de votar mesmo, como tem um partido e a gente tem que votar em um partido ou uma chapa, então acaba sendo o PSDB.

[00:04:30] **Entrevistadora:** E com que frequência você... Você quer falar mais alguma coisa ou posso passar para a próxima?

[00:04:38] **Entrevistado:** Pode, pode. Pode pular! Como você quiser.

[00:04:39] **Entrevistadora:** Tá bom! Com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política no Facebook?

[00:04:49] **Entrevistado:** Cotidianamente! Quando é alguma informação interessante de compartilhar com os amigos ou expressar o que eu penso, é cotidianamente. Agora, quando as coisas estão evidentes, aí acabo não compartilhando. Mas se há alguma coisa importante, é frequentemente.

[00:05:19] **Entrevistadora:** Agora, eu vou fazer algumas perguntas políticas mais práticas. Por que você se interessa por temáticas políticas?

[00:05:30] **Entrevistado:** O brasileiro não gosta muito de votar, de escolher uma pessoa para representar ele, mas ele se sente pressionado pelo simples fato de o voto ser obrigatório, aí ele tem que exercer sua cidadania. Mas eu acho que é muito mais do que isso: a gente tem que participar da política e procurar entender também e gostar de política

– que é uma coisa muito chata, mas a gente tem que gostar. Então, eu acho que é interessante.

[00:06:12] Entrevistadora: E com que tipo de posicionamentos políticos você mais se identifica: direta, centro-direita, centro, esquerda, centro-esquerda? E por quê?

[00:06:25] Entrevistado: Eu acho que a democracia é, como diz o autor Montesquieu, são pesos e contrapesos, então há momentos que eu sou de direita e há momentos que eu sou de esquerda e há momentos que eu sou de centro. Então, vai depender do momento em que se encontra o país, entende? Hoje, nós vemos uma tendência de as pessoas serem de centro, porque as pessoas estão um pouco divididas, não sabem se são de direita ou de esquerda, se é o governo ou se é a esquerda que está com a razão. Mas, na verdade, eu acho que ser de centro não resolve muito. A gente tem que tomar uma posição: ou direita ou esquerda. Depende, né? Quando o governo está bom, eu sou a favor do governo; quando o governo está ruim, eu sou de esquerda.

[00:07:24] Entrevistadora: Beleza! E como você procura se informar sobre o cenário político do país? Da mesma forma como você procura se informar sobre os demais assuntos, pelo Facebook, sites de notícias?

[00:07:35] Entrevistado: Pelo Facebook, eu venho sendo informado também na universidade – eu sei que nem todo mundo tem acesso às universidades, mas eu tenho sido informado na universidade -, nos sites.

[00:07:54] Entrevistadora: No site da própria universidade?

[00:07:56] Entrevistado: Não! Pelos professores, pelos educadores, pelos mestres, pelos doutores, pelos professores do corpo docente, né? Então, acho que, a partir do momento em que a gente ingressa na universidade, a gente acaba se interessando um pouco mais por política, sendo que, na verdade, as pessoas estão desacreditadas do cenário político. Ninguém acredita muito nas instituições públicas, quiçá nos partidos políticos, nas pessoas públicas, nas pessoas que são representantes do povo. Mas é assim: o povo elege, então se ele elege o pior, vai ser representado pelo pior; se elege o melhor, vai ser representado pelo melhor. Enfim, o que é melhor e o que que é pior, né?

[00:08:45] Entrevistadora: E quais são os sites que você gosta de acessar?

[00:08:49] Entrevistado: Eu acho interessante o site do Senado Federal, acho interessante o Conselho Nacional da Justiça e acho interessante o site do Supremo Tribunal Federal. Às vezes, acesso também o site do Tribunal de Justiça Catarinense e demais tribunais, quando tem alguma coisa para pesquisar, um assunto relevante na área jurídica.

[00:09:17] Entrevistadora: São todos mais voltados para a sua área, né? E site de notícias, qual você costuma acessar?

[00:09:22] Entrevistado: Sites de notícias? O local (*Diário Catarinense*), e o que mais? Eu não sei se são confiáveis. *O Globo*. Não sei! Enfim, tem uns sites que não têm muitas informações ou têm informações que não são muito precisas, então não tem um específico que tenha tanta credibilidade, a não ser o do *Senado Federal*. Mas algum site assim, eu não tenho um nome para te falar, não.

[00:10:06] Entrevistadora: Tudo bem! Você acessa vários, então, né? Minha próxima questão era, justamente, essa: qual é a sua opinião sobre a forma como as notícias sobre política são escritas?

[00:10:17] Entrevistado: Ah, eu gosto do trabalho dos jornalistas. Sendo a informação errada ou não, isso é uma questão popular, o povo tem que saber interpretar a notícia, né? Até porque o jornalista não está com toda razão; ele está ali para mostrar as diferentes formas de se enxergar a coisa, mesmo que, às vezes, seja um pouco sensacionalista; às vezes, um pouco distorcida; às vezes, um pouco errôneas, no campo da escrita, dos termos. Mas eu acho que a informação é importante, independente se é “papagaiada” (site de fofoca) ou se é uma informação mais precisa, mais técnica, mais jurídica. Depende da pessoa, né? Eu acho que tem gosto para tudo e a gente tem que saber respeitar as pessoas também.

[00:11:17] Entrevistadora: E os seu amigos e familiares concordam com os seus posicionamentos políticos? Como o seu envolvimento com política no Facebook se reflete na sua relação com as outras pessoas?

[00:11:29] Entrevistado: Eu acho que, na verdade, as pessoas não sabem muito bem interpretar quem está certo ou quem está errado. Mas, geralmente, as pessoas confiam na notícia, né? Então, a gente compartilha as notícias, as informações, a forma de entender aquela coisa, e as pessoas que são mais próximas acabam nos apoiando em relação ao que

nós somos, a nossa conduta perante à sociedade, porque, às vezes, a informação eles nem entendem muito, mas acompanham por ser compartilhado por uma pessoa que eles conhecem, do círculo familiar. Mas não sei te dizer o que eles pensam, né? Eu sei te informar o que eu penso.

[00:12:19] Entrevistadora: Mas você nunca teve problema com ninguém, discussões no Facebook ou mesmo forma do ambiente da internet?

[00:12:29] Entrevistado: Não!

[00:12:31] Entrevistadora: Você nunca teve problemas?

[00:12:33] Entrevistado: Às vezes, quando eu acho uma publicação interessante, eu comento e eu não teria nenhum problema em expressar minha indignação ou alguma coisa, como cidadão, diante de algum fato ou alguma situação. E também, fora do ambiente virtual, a gente costuma ter ideologias, teses, concepções próprias. Cada pessoa tem sua forma de enxergar o mundo e tem que defender o que pensa e respeitar o que a outra pessoa pensa. Então, nesse campo do pensar intelectual, a gente sempre diverge de alguma pessoa, sempre vai estar discordando ou nem sempre vai estar em consonância com todas as pessoas. Ainda bem que as pessoas são diferentes, que as pessoas pensam de forma diferente, mas que seja o fim de todos o bem de todos.

[00:13:39] Entrevistadora: Eu vou passar, agora, para as questões político-ideológicas. Pode ser?

[00:13:44] Entrevistado: Certo!

[00:13:44] Entrevistadora: Como você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:13:52] Entrevistado: Em relação ao mercado? Eu entendo deve ser um regulador, atuar como regulador. Só tem que intervir no mercado quando houver disparidades no campo econômico, formação de cartéis, enfim. Há leis que regem melhor essas relações do Estado como regulador do mercado. Na verdade, eu acho que ele deve ser interventor nos momentos em que são necessários e regulador, de uma forma geral, entende?

[00:14:41] Entrevistadora: Beleza! E o que você pensa, Max, sobre o Estado garantir serviços gratuitos aos cidadãos, como saúde e educação, por exemplo?

[00:14:50] Entrevistado: Eu acho que é essencial! Para a gente ter um Estado forte, tem que garantir os direitos fundamentais e individuais das pessoas. A medida desse direito... se esse direito for desproporcional, você vê essa esfera fundamental-individual permitida, daí eu acho que o Estado tem que intervir da melhor forma para regular esses direitos, entendeu?

[00:15:19] Entrevistadora: Entendo!

[00:15:20] Entrevistado: Eu acho essencial. A educação e a saúde eu acho fundamental, são básicos.

[00:15:29] Entrevistadora: E, na sua opinião, como o governo deve inserir socialmente os cidadãos que estão marginalizados?

[00:15:39] Entrevistado: É um processo histórico, é um processo cultural, é um processo familiar. Eu acho que, de alguma forma, o Estado tem que inserir essas pessoas marginalizadas ou à margem da sociedade, com programas sociais ou com apoio psicológico, apoio educacional, apoio de qualificação, enfim. Acho que o Estado tem que saber ter os olhos para as pessoas que são menos abastadas e para as pessoas que possuem mais bens e posses e questões financeiras melhores do que outras. Então, tem que procurar a medida da desigualdade das pessoas, como Ruy Barbosa almejava, e tratar os desiguais na forma desigual.

[00:16:42] Entrevistadora: E, na sua opinião, Max, o que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:16:50] Entrevistado: Eu acho que a pobreza maior é a pobreza de espírito, mas o que leva uma pessoa a ser pobre? São questões econômicas. Às vezes, o país é pobre. O Brasil é pobre, pobre de espírito e pobre na sua carência. As pessoas são carentes, as pessoas não têm muita educação, as pessoas não têm muito entendimento político, então as pessoas não são muito bem representadas. Então, acaba sendo a pobreza nesse sentido real também, não só financeiro! Mas o que leva uma pessoa a ser pobre? Basicamente, são as condições em que ela vive, as oportunidades que lhes são oferecidas e as escolhas que ela toma.

[00:17:35] Entrevistadora: E como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais? E o contexto social e político como influenciam também?

[00:17:44] Entrevistado: O mérito individual é de cada um, né? É aquela pessoa que luta, que almeja, que batalha, que sonha. O sonho é sempre importante e realizar é quando você busca. Então, aí está o mérito individual. E como reflete nas questões políticas?

[00:18:06] Entrevistadora: Não! Como o contexto social e o político influenciam também no mérito da pessoa?

[00:18:15] Entrevistado: O contexto social e político? No contexto social, eu acho que aquela pessoa que tem seu mérito individual e faz algum bem para a sociedade, ajuda alguém, proporciona emprego para outras pessoas, ela toca no contexto social. Acaba influenciando outras pessoas, gerando emprego e fazendo um papel social. Como influencia nas questões políticas? Eu acho que o mérito individual acaba sendo bom para a sociedade, para o social e para as questões políticas também, que dependem de um desenvolvimento de um país. Então, uma pessoa que tem uma empresa, que proporciona emprego, enfim. Eu acho que tudo é uma convergência de questões.

[00:19:21] Entrevistadora: E o que você pensa sobre o Bolsa Família?

[00:19:25] Entrevistado: Eu acho que o Bolsa Família, à medida que ajuda pessoas carentes que, realmente, não têm muito acesso à educação, saneamento básico e informação, é interessante, mas proporcionar meios para elas progredirem e saírem dessa questão de subsistência é o fundamental. O fundamental é você acompanhar a pessoa no programa e, à medida em que ela puder se libertar desse subdesenvolvimento, e passar esse programa adiante para outra pessoa que tenha mais necessidade, até o momento em que esse programa não venha a existir, porque aí ele deu seu fim e cumpriu o seu papel. Enquanto existir o Bolsa Família é porque, realmente, as famílias são carentes e o Estado está quebrado, o Estado está ferrado.

[00:20:28] Entrevistadora: E as políticas de cotas raciais como você enxerga?

[00:20:32] Entrevistado: Eu acho que a pessoa que se autodeclara hipossuficiente no campo financeiro ou se ela entende que teve uma segregação quanto ao índio, ao negro, ao branco, ao mulato, ao rico, ao preto, ao pobre... a pessoa que se autodeclara, se ela se sente no direito de ter cotas e, por algum motivo histórico ela necessite disso e a lei venha a contribuir, por que não, né? Eu acho que as cotas deveriam ser para todo mundo. Teve um país que institucionalizou a cota geral: ninguém precisa pagar para estudar, nem precisa

pagar para... Eu acho que deveria ser assim! Mas é um país desenvolvido, né? Como nosso país é carente, as pessoas brigam até por um prato de comida, então por que não vão brigar por cotas estudantis ou isenção social de algum gênero ou etnia?

[00:21:53] Entrevistadora: E a criminalidade, você acha que é um problema causado por qual motivo, principalmente?

[00:21:59] Entrevistado: Desculpa! Eu não entendi a pergunta.

[00:22:03] Entrevistadora: A criminalidade, você acha que é causada, principalmente, por qual motivo?

[00:22:08] Entrevistado: Eu acho que a criminalidade é um motivo político, é um motivo capitalista e é um motivo de um processo social-histórico de desenvolvimento que é normal. O nosso país está se desenvolvendo, está engatinhando em vista de outros países desenvolvidos. Então, a criminalidade reflete o que o país tem para oferecer para o mundo. Se é um país desenvolvido... por exemplo, teve países que fecharam as penitenciárias, porque não havia apenados, pessoas para serem presas. São países desenvolvidos. Agora, se nosso país tem muita criminalidade, é porque, normalmente, são traços culturais, são traços sociais e que, enfim, a gente tem que tentar amenizar, dar oportunidades para as pessoas escolherem outros caminhos e, realmente, não necessitar levar o que é do outro e conseguir por próprios méritos.

[00:23:24] Entrevistadora: E como você acha que o Estado deve combater essa criminalidade?

[00:23:30] Entrevistado: O Estado deve ser braço forte. O Estado tem que, realmente, fazer o uso do monopólio legítimo da força, do uso da força, institucionalizada e regulada - sem excessos. Só que, na verdade, o combate é a prevenção. Para combater a criminalidade, você deve prevenir a criminalidade com mais educação. Educando mais, educando melhor as futuras gerações, você consegue minimizar o impacto social futuro referente à criminalidade, então você consegue de alguma forma, com papel programático, tentar equilibrar essa questão criminal aí.

[00:24:29] Entrevistadora: E como você acha que o Estado deve reinserir os detentos que já cumpriram suas penas, na sociedade?

[00:24:38] Entrevistado: O Estado deve proporcionar cursos de formação, de qualificação, enquanto eles cumprem pena, para que, quando eles realmente saiam de lá, saiam com alguma profissão ou como pessoas que possam trabalhar no mercado e não ter nenhuma discriminação após o cumprimento das suas penas. Mas não é o que se vê, porque elas acabam saindo de lá piores e, às vezes, o delinquente não consegue superar a delinquência, então ele vai se tornar um problema social: ele vai piorar ou ele vai piorar ou piorar o ambiente em que ele vive. Então, de alguma forma tem que ser feito algo para minimizar esses impactos, para quando ele retornar à sociedade, ele retornar de uma forma que seja um recomeço a ser inserido no corpo social, de uma forma diferente, o que é muito difícil acontecer, mas é o único caminho.

[00:25:52] Entrevistadora: E o trabalho da polícia militar no país, o que você acha sobre?

[00:25:59] Entrevistado: Eu acho muito importante! A polícia militar é uma instituição que defende o cidadão e está na defesa da Democracia. E eu acho que está na defesa também do equilíbrio das instituições políticas. Então, eu acho que eles deveriam ser mais bem remunerados, porque a gente entende que, para ser policial militar, é uma questão de honra ou de mérito familiar às vezes, porque, pelo o que eles recebem, não é muito justo com o policial diante dessa criminalidade colocar em risco sua vida por um salário que não é compatível, não ajuda muito e o coloca em risco todos os dias para defender a sociedade. Então, eu acho que o policial militar, na nossa sociedade brasileira, é fundamental. Sem a polícia militar seria um caos, seria o fim.

[00:27:07] Entrevistadora: E o que você acha sobre o porte de armas de fogo?

[00:27:13] Entrevistado: Eu acho que deve ser permitido para pessoas que passem por uma sequência de avaliações psicológicas e de realmente poder portar uma arma de fogo. Eu não concordo muito o civil portar uma arma de fogo ou transportá-la, se locomover com ela, porque não há necessidade, né? As armas foram, basicamente, construídas para fazer guerra e o nosso intuito é a paz. Mas eu concordo que, em defesa da sua propriedade, em defesa do seu comércio ou da sua empresa, acho que ter uma arma de fogo na sua empresa, no seu comércio ou na sua casa, se você é uma pessoa que teve um treinamento, uma pessoa que passou por testes e exames e tem uma coerência, um nível de compreensão da potencialidade que é uma arma de fogo - que ela pode tanto proteger uma família, proteger uma empresa, proteger uma pessoa, quanto tirar uma vida de pessoas inocentes...

Então, se a pessoa comprovar e responder por cada projétil desferido e, de alguma forma, ela tiver como se defender, por que não, né? Só que eu votei no estatuto do desarmamento, então eu continuo com essa ideologia de que, realmente, as armas não devem ser liberadas a todo e qualquer sujeito.

[00:29:08] Entrevistadora: Mas você acha que uma vez que uma pessoa comum tenha treinamento, pode usar?

[00:29:19] Entrevistado: Se ela comprovar, perante às instituições - Polícia Federal, órgãos competentes - que ela pode ter uma arma de fogo dentro da sua empresa, dentro da sua casa, eu acho que é possível, sim. Diante do quadro social, liberar para todo e qualquer civil, eu sou contrário; eu não sou a favor.

[00:29:48] Entrevistadora: Você disse que você acha que deveria ter cursos para isso, para a pessoa aprender a manusear. Você acha que esses cursos deveriam ser ministrados pelo próprio Estado, pela polícia?

[00:30:04] Entrevistado: Tem cursos de formação, na verdade. Eu acho que esses cursos devem ser fiscalizados pela Polícia Federal, pelas instituições. Além desses cursos de formação, se a pessoa for uma pessoa idônea e correta, por que não fazer um curso com a Polícia Militar, para aprender como agir e como defender a sua propriedade e como defender a sua família e como defender a sua empresa. Por que não? Mas isso daí eu entendo que é para pessoas que trabalham com segurança pública ou com a segurança privada. Então, realmente, ela tem que passar por muitos processos e competências, pessoas que realmente vão habilitar ela psicologicamente e se ela está qualificada para ter o porte de uma arma de fogo ou até mesmo transportar, que é o papel de requisição com a Polícia Federal ou com as instituições para você poder transportar ou ter uma arma de fogo. Eu acho que já tem leis que tratam da matéria. Eu acho que não é o caso de liberar arma de fogo para toda e qualquer pessoa, não.

[00:31:25] Entrevistadora: Beleza! E o casamento homoafetivo, o que você acha sobre?

[00:31:32] Entrevistado: Eu acho que já foi equiparado à união estável ao artigo 226, parágrafo terceiro - se eu não me engano - da Constituição Federal, então as pessoas têm direitos. Até mesmo os cartórios não podem se negar à conversão da união estável em casamento ou até a adoção por casais homoafetivos. Eu acho que é um avanço social e que

as relações se desdobram e que a gente tem que respeitar a dignidade e a vontade das pessoas. Eu acho que é normal! É mais um passo em evolução social!

[00:32:16] Entrevistadora: Você já começou a entrar um pouco na minha próxima pergunta, que é: o que você acha de um casal homossexual ter direito a adotar uma criança?

[00:32:27] Entrevistado: Eu acho que é bom. As crianças precisam ser adotadas, e eu acho que é independente do casal ser homossexual ou heterossexual. A questão é familiar, né? Se constituem uma família, se for gerar um entendimento para aquela criança, um desenvolvimento digno, eu acho que elas devem ser adotadas. As famílias são respeitadas hoje em dia. A família monoparental, os casais homossexuais ou homoafetivos, heterossexuais, de qualquer gênero que adotarem uma criança, que provarem a capacidade de proporcionar para ela uma vida digna... O Estado não faz as vezes e os pais às vezes abandonam a criança, então por que não fazer as vezes as pessoas de qualquer gênero, provada a sua capacidade de adotar? Não vejo nenhum problema.

[00:33:30] Entrevistadora: E como você encara o papel das mulheres na contemporaneidade?

[00:33:35] Entrevistado: Eu acho que as mulheres há pouco tempo estão inseridas na política, há pouco tempo começaram a votar - se eu não me engano, na Finlândia foi onde a primeira mulher votou -, então eu acho que as mulheres deveriam se envolver mais no política. Eu acho que as mulheres deveriam se envolver mais em tudo e em qualquer papel social, inclusive eu vejo pouco deputados ou senadores, então eu acho que a mulher tem que participar mais da vida política. É fundamental ela estar nas diretrizes, sem aquele processo histórico de quando o homem arrastava a mulher pelo cabelo, no tempo das cavernas. Eu acho que isso já não existe mais faz muito tempo, então a mulher tem que provar a cada dia e demonstrar para esse tipo de machista, que só pensa que o homem que tem que estar na política e não a mulher. Então, a mulher tem sempre que demonstrar isso, porque ainda há muito machismo e há muito preconceito, com a mulher no futebol, enfim, com a mulher em vários papéis. Eu acho que a mulher tem que, realmente, mostrar e dar a sua contribuição social, como uma pessoa qualquer, enfim, seja qual for o gênero, seja qual for a opção sexual que essa pessoa se autodeclare. Não só a mulher, eu acho que as pessoas

têm que ter o direito. Até o índio, se ele quiser virar político, eu acho que ele tem que ser político também.

[00:35:37] Entrevistadora: E como você enxerga a problemática do aborto?

[00:35:42] Entrevistado: Eu acho que o aborto, no caso de estupro, a mulher tem que ter que escolher. Não precisa ter uma criança se ela foi estuprada, se foi contra a vontade dela. Eu acho que, inicialmente, pode ser, em casos de poucas semanas de gestação. Eu acho que, nesse caso, foi uma violação, primeiramente, da mulher, foi um crime contra a mulher. Então, eu acho que, no caso de estupro, o aborto tem que ser viável para a mulher. E no caso de uma mulher que não tenha a sua gravidez por causa de questões financeiras - ela não queira ter -, eu acho que punir uma mulher que aborta como crime, punibilizar ou sancionar, recair sob essa pessoa uma pena por ela abortar, eu acho que é demais, senão ela vai acabar abortando ilegalmente - que é o que acontece - e a mulher vai morrer. A mulher vai morrer porque a lei diz que aborto é crime e ela quer abortar e não tem ajuda de médicos, não respeitam o procedimento. Acaba morrendo a pessoa, que é uma mulher, que tem a sua dignidade também e aquela vida que está surgindo ali. Então, é uma questão muito emblemática. Tem que analisar cada caso, se realmente a pessoa abortou porque não tinha condições financeiras ou psicológicas ou se era um crime mesmo. Tudo tem que se vê o papel do juiz; é o juiz quem tem que analisar o caso e aplicar a pena, se for o caso.

[00:37:53] Entrevistadora: E o que você pensa quando você escuta alguma história sobre uma mulher que foi assediada?

[00:38:00] Entrevistado: As mulheres são assediadas todos os dias, com comentários ou com gestos. Então, eu acho que ela tem que procurar os órgãos públicos - polícia civil ou militar -, fazer uma ocorrência e levar a pessoa a juízo e demonstrar e provar que a pessoa, realmente, assediou ela, que isso seja constituído como uma prova, apesar de o assédio ser psicológico, enfim. Se for demonstrado que ela, realmente, foi assediada, ela poderia ser indenizada, enfim, mexer no bolso dessa pessoa e ter uma indenização, para que essa pessoa seja de alguma forma punida, para que não faça isso mais com, eventualmente, outras pessoas. Então, tudo é uma questão de provas e questão ética também. Se a pessoa não tem ética, se ela comete um assédio e não é correspondida, aí, realmente, ela pisou em ovos, então tem que responder pelos atos.

[00:39:24] Entrevistadora: E qual é sua opinião sobre o país receber imigrantes de outros países que estejam vivendo com algum tipo de conflito ou tenham passado por alguma catástrofe natural?

[00:39:37] Entrevistado: Eu acho interessante o papel brasileiro de querer receber essas pessoas, pessoas que vieram do Haiti, pessoas que são refugiados de outros países em guerra. Eu acho interessante! O Brasil é uma pluralidade de etnia, então a formação do povo brasileiro passou por essas origens dessas pessoas que vêm de outros países em conflito ou que passaram por problemas - terremoto, tsunamis. Então, acho que o Brasil tem que receber bem essas pessoas e proporcionar para elas todo o meio e o acesso à dignidade, à educação, ao trabalho, à formação. Se a gente proporciona que essas pessoas venham até o Brasil, vamos tratá-las como dignidade, vamos tratá-las melhor.

[00:40:55] Entrevistadora: E, agora, eu vou fazer a última pergunta de todas, Max, que é: o que pensa sobre a proposta de o Estado regular a mídia?

[00:41:07] Entrevistado: Eu acho uma proposta sem pé nem cabeça, porque a informação é um direito que a pessoa tem e que não pode ser restringida ou limitada. O acesso à informação é um marco, é uma evolução da sociedade. Seria um retrocesso você limitar a informação ou restringir a informação por meio do governo ou por meios institucionais. Então, eu acho um absurdo, eu acho uma barbárie. Eu acho que é um retrocesso você delimitar o campo da informação, por parte do Estado ou por parte do governo que esteja transitoriamente passando pelos cargos públicos ou pelas instituições públicas. Eu acho um retrocesso social você, de alguma forma, elaborar um projeto de lei desses e submeter ao povo, um povo ignorante que é capaz de votar até contra os seus ideais, não por maldade, mas, simplesmente, por ingenuidade. Então, eu acho um retrocesso social.

[00:42:37] Entrevistadora: São essas as perguntas. Você tem mais alguma coisa a acrescentar?

[00:42:45] Entrevistado: Não! Eu quero agradecer a oportunidade.

[00:42:50] Entrevistadora: Eu que agradeço por você ter se disponibilizado a participar e peço desculpas por toda a confusão ontem e no outro dia, que eu não pude te ligar também.

[00:43:01] Entrevistado: Sem problemas! Não há necessidade de pedir desculpas. Eu que agradeço a oportunidade de expressar o que eu penso e estou à disposição. Se você de alguma forma se sentiu retribuída com a pesquisa...

[00:43:26] Entrevistadora: Com certeza! Vai ser muito útil sua participação. A pesquisa ainda deve demorar um tempo para ficar pronta. Provavelmente, eu vou defender a dissertação de mestrado no fim do ano ou no começo do ano que vem - até março, que é o prazo. Mas depois que eu tiver ela concluída, eu vou repassar para você, tá bom?

[00:43:46] Entrevistado: Claro! Se você puder...

[00:43:46] Entrevistadora: Eu entro em contato de novo e aí eu te mando.

[00:43:48] Entrevistado: Será um prazer ver sua vitória, ver o seu mérito, se refletindo no corpo social. Então, vai ser um prazer, realmente.

[00:44:05] Entrevistadora: Obrigada, Max! Obrigada por ter participado. E eu entro em contato com você para te mandar, ok?

[00:44:13] Entrevistado: De nada! Tenha uma ótima noite e espero ter contribuído de alguma forma. Boa noite!

[00:44:18] Entrevistadora: Boa noite. Bom trabalho! E até mais.

[00:44:20] Entrevistado: Tchau, tchau!

[00:44:21] Entrevistadora: Tchau, tchau!

[00:44:22] Entrevistado: Boa noite!

ANEXO J13 – Entrevistada: Nádia

[00:00:10] Entrevistadora: Alô!?

[00:00:11] Entrevistada: Alô!

[00:00:12] Entrevistadora: Nádia?

[00:00:14] Entrevistada: É!

[00:00:15] Entrevistadora: Aqui é a Mariana, da entrevista de mestrado. Tudo bem?

[00:00:19] Entrevistada: Oi, Mariana. Está boa?

[00:00:21] Entrevistadora: Tudo bem, e você?

[00:00:24] Entrevistada: Também!

[00:00:25] Entrevistadora: Você pode falar agora?

[00:00:26] Entrevistada: Posso!

[00:00:28] Entrevistadora: Tá bom! Eu vou gravar a entrevista, só para facilitar a transcrição para o trabalho depois, mas é anônima; seu nome não vai aparecer, tá bom?

[00:00:38] Entrevistada: Tá bom, Mariana.

[00:00:40] Entrevistadora: Vou fazer umas perguntas gerais, rapidamente, para, depois, passar para as perguntas mesmo, tá bom?

[00:00:47] Entrevistada: Claro!

[00:00:48] Entrevistadora: Qual é o estado onde você mora?

[00:00:50] Entrevistada: Rio de Janeiro.

[00:00:51] Entrevistadora: A sua idade?

[00:00:54] Entrevistada: 51.

[00:00:56] Entrevistadora: Escolaridade? Pode ser completa ou cursando.

[00:01:00] Entrevistada: Completa, nível superior.

[00:01:02] Entrevistadora: Você é formada em quê?

[00:01:05] Entrevistada: Em turismo.

[00:01:06] **Entrevistadora:** Turismo?

[00:01:08] **Entrevistada:** *Uhum!*

[00:01:10] **Entrevistadora:** E você tem dispositivos de acesso à internet em casa?

[00:01:14] **Entrevistada:** Tenho!

[00:01:16] **Entrevistadora:** Com que frequência você acessa a internet? Pode ser de qualquer lugar: casa, trabalho e até da rua.

[00:01:22] **Entrevistada:** Eu acho que toda hora a gente acaba mandando um Whatsapp, e-mail. É toda hora!

[00:01:28] **Entrevistadora:** E o Facebook?

[00:01:29] **Entrevistada:** Toda hora também.

[00:01:33] **Entrevistadora:** Também toda hora?

[00:01:35] **Entrevistada:** Também! Acabo acessando no intervalo. Também. Como eu tenho acesso fácil pelo telefone, não é fácil, né?

[00:01:44] **Entrevistadora:** E qual é o meio que você mais utiliza para se manter informada: jornal, rádio, TV, site de notícias, Facebook, Twitter, outros?

[00:01:52] **Entrevistada:** TV, jornal (jornal de papel, eu quase não vejo mais), revista e TV.

[00:02:14] **Entrevistadora:** Quais são os jornais que você gosta de acessar, os portais de notícias e as revistas?

[00:02:19] **Entrevistada:** Eu gosto de ver o *Estadão*, *O Globo*... Eu vou variando. Às vezes, a mesma notícia do *Estadão*, o *Globo* dá outra coisa. Revista *Época*, *Veja*. Dependendo da notícia, eu busco em três ou quatro jornais.

[00:02:40] **Entrevistadora:** Beleza! E você é filiada ou simpatizante de algum partido político, Nádia?

[00:02:45] **Entrevistada:** Não! Nenhum!

[00:02:47] **Entrevistadora:** Nem filiada nem simpatizante?

[00:02:49] **Entrevistada:** Não! Eu sou a favor do Brasil.

[00:02:54] Entrevistadora: E com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política no Facebook?

[00:03:00] Entrevistada: Muita! O dia inteiro, praticamente. Eu não consigo mais não falar nada; é como se eu me omitisse de alguma coisa que eu acho errado. Como ficou tão fácil opinar agora e discutir, eu passo, praticamente, o dia inteiro. Aí, eu abro o Facebook e abro na página de algum jornal ou de alguém, aí eu vou ver os comentários (isso vira meio um vício), aí eu não consigo não falar nada; é como se estivesse omissa, é como se eu não fosse brasileira, é como se eu não fizesse parte. Então, eu não consigo.

[00:03:41] Entrevistadora: Aí, você comenta e compartilha mais de uma vez por dia?

[00:03:48] Entrevistada: Exatamente! Tem notícia que eu até evito de comentar, por exemplo a notícia do massacre de Orlando. É tão próximo da gente, porque a gente está lá toda hora, brasileiro, então, está toda hora lá em Orlando. Eu tenho amigos que moram lá. É uma coisa tão absurda que eu não consegui comentar nada ainda, mas eu já li todas as notícias. O estupro da menina aqui no Rio: eu fiquei muda. Tem coisas que te deixam muda de tão absurda, tão absurda...

[00:04:21] Entrevistadora: ... que você não sabe nem o que dizer, né?

[00:04:23] Entrevistada: Exatamente! Então, eu leio a notícia, mas não opino. Ai, dá vontade de xingar.

[00:04:34] Entrevistadora: Por causa desse episódio?

[00:04:38] Entrevistada: É, por conta da minha opinião. Fui chamada de “cozinha”. Porque é assim: se você não é a favor do PT, você é “cozinha”. Eu não sou a favor de nenhum político. Por mim, poderia prender todos e começar do zero.

[00:04:54] Entrevistadora: Mas você acha que não tem nenhum que se salva? Você não consegue pensar em algum?

[00:05:00] Entrevistada: Tem, tem alguns. Mas daqui a pouco a gente escuta notícia de que ele também está! Olha, tinha que colocar no Google, para qualquer um pegar o nome do político e... É muito difícil você olhar o nome dele e ele não estar envolvido com alguma coisa. Então, até pode ser que tenham alguns que não estejam envolvidos com nada, mas é muito difícil. É claro que eu me simpatizo com alguns políticos mineiros, ou do Rio Grande do Sul ou do Paraná mesmo, mas é muito difícil. Eu acho o Cristovam

Buarque maravilhoso. Ele não tem... A gente olha o cara e ele já foi de vários partidos; ele já trocou várias vezes de partido.

[00:05:54] Entrevistadora: É, ele tem um discurso muito bom mesmo, mas o governo dele...

[00:06:04] Entrevistada: Pois é! Mas você olha para o cara e ele já foi de diversos partidos. Eu adoro o Roberto Freire, mas ele também já foi de vários partidos, vários. Não tem uma pessoa que eu olhe hoje e fale “eu admiro”. O Caiado parece ser maravilhoso. E tem alguns novos, com algumas ideias maravilhosas e tal, mas é difícil. A gente está em uma situação difícil, o Brasil, politicamente. Eu tenho filha adolescente, eu tenho filhos pequenos, eu tenho sobrinhos adolescentes. A minha filha já se prepara para ir embora, né?

[00:06:42] Entrevistadora: A sua filha faz o quê? Ela é adolescente?

[00:06:44] Entrevistada: Vai embora! Ela é adolescente. Tem 16 anos.

[00:06:50] Entrevistadora: E ela já está na faculdade?

[00:06:53] Entrevistada: Não!

[00:06:54] Entrevistadora: Está no Ensino Médio ainda?

[00:06:56] Entrevistada: Faltam dois anos para ele ir embora. Está escolhendo o que vai fazer. Já está começando a fazer as provas internacionais, para ir embora. Eu botei ela em uma escola internacional para ela ter essa possibilidade. Ela não quer ficar aqui. Da família, algumas falam “ah, vou fazer Direito no Brasil”. Aqui, no Rio, só tem uma universidade que não dá número. Isso é muito pouco. As federais estão todas... Eu tenho sobrinhos nas federais e estão todas em greve. Eles não acabam, ficam anos lá. Eu tenho uma sobrinha que está sete anos na Federal do Rio de Janeiro e não consegue acabar. Então, ela tinha chegado para mim: “ah, vou fazer curso de Direito aqui, vou fazer na PUC e, depois, mestrado fora”, mas agora está querendo ir embora.

[00:07:51] Entrevistadora: E os seus outros filhos? São mais novos?

[00:07:55] Entrevistada: Oi?

[00:07:56] Entrevistadora: Seus outros filhos são crianças ainda?

[00:07:59] Entrevistada: Não, eu só tenho uma.

[00:08:01] Entrevistadora: Ah, só tem uma? Eu achei que tivesse mais que uma. E os outros são sobrinhos, né? Entendi!

[00:08:04] Entrevistada: É!

[00:08:07] Entrevistadora: Então tá! Eu vou fazer agora umas questões políticas mais práticas, tá bom?

[00:08:11] Entrevistada: Tá bom!

[00:08:12] Entrevistadora: Por que você se interessa por temáticas políticas? Eu sei que você já falou um pouquinho, mas eu queria ouvir um pouco mais.

[00:08:20] Entrevistada: Tá! Não tem como não ficar omissos com tudo o que está acontecendo, as passeatas, a política nojenta de corrupção. Não tem como ficar omissos. A partir da hora que você começa a entender um pouquinho, você não tem como mais ficar ali. Então, é como eu te falei: eu não tenho como não opinar em nada, como deixar para lá, como não ficar indignada, como não ficar incomodada, porque reflete na nossa vida, em tudo, em tudo que acontece. Eu trabalho com obras, então, hoje em dia, as pessoas estão entaladas, porque não conseguem mais acreditar na palavra desempenho, porque está tão na cara, tão desonesto; aí reflete no nosso cotidiano, no seu dia a dia, no seu porteiro, na pessoa que trabalha na sua casa. Está difícil!

[00:09:24] Entrevistadora: E com que tipo de posicionamentos políticos você mais se identifica: direita, centro-direita, centro, centro-esquerda, esquerda?

[00:09:33] Entrevistada: Direita! Infelizmente, eu ainda tenho uma tendência de curtir algumas páginas de petistas mesmo, mas é tão absurdo. Já que estão lá, eu nunca consigo concordar com nada do que eles colocam. Eu sempre vou para o lado da direita, infelizmente. Não é porque eu quero, não. Eu não tenho partido nenhum, mas eu não consigo concordar com nada que venha desses turrões, do PT. Não consigo!

[00:10:16] Entrevistadora: E como é que você procura se informar sobre o cenário político do país? Da mesma forma: pelos noticiários, pelos sites ou pelo Facebook também?

[00:10:26] Entrevistada: Da mesma forma: revistas, jornal. O jornal, eu vejo todos virtual, pela internet.

[00:10:35] **Entrevistadora:** Pelo Facebook você também segue alguma página? Ou você acessa algum blog?

[00:10:40] **Entrevistada:** No Facebook, eu tenho todas as revistas e todos os jornais e algumas páginas de jornalistas.

[00:10:50] **Entrevistadora:** Quais páginas, por exemplo?

[00:10:53] **Entrevistada:** O *Antagonista*, o *Estadão*, o *Estado*, *O Globo*, *Época*, *Veja*, *Boechat*, todos os jornalistas que têm uma página que soltam uma notícia ou uma coisa do tipo. Mas é uma coisa que me incomoda muito é ver quando eles te indicam alguma coisa muito de esquerda, tipo aquele Tico Santa Cruz ou outras pessoas. Eu vou descurtir, porque me faz mal. Eu até tento ver essas coisas no jornal. Jornalistas que a gente sabe que é completamente PT, que tem a foto da Dilma na casa dele mesmo, eu não consigo ver. Eu deixo de curtir! Eu também sigo alguns políticos, por exemplo: Caio Lavo. Ele está sempre comentando alguma coisa, sempre... Às vezes, ele fala comigo. E outros políticos são assim, vários políticos. Até aquele polêmico, que eu esqueci o nome; ele tem falado coisas ótimas, mas ele é da Bancada Evangélica, e isso também me dá um medo. É isso: eu tento ver a página, ver tudo, ler várias opiniões. É como eu te disse: quando eu estou com uma notícia que está me interessando, eu vou em todas as revistas, em vários sites, jornais, jornalistas. Aqui, no Rio, tinha um jornal - *Jornal do Brasil* - e eu lia muito. Era o jornal que eu assinava antes da coisa da internet. Então, quase todos os jornalistas do antigo *Jornal do Brasil* eu sigo. Eles escrevem, escrevem crônicas. E alguns de São Paulo também.

[00:12:53] **Entrevistadora:** Você ainda acompanha eles, então, né?

[00:12:55] **Entrevistada:** É! Aí, eu tento ver em várias coisas a notícia, porque cada um dá um.

[00:13:03] **Entrevistadora:** Uma visão diferente, né?

[00:13:05] **Entrevistada:** É! Eles focam de um jeito, dão opinião.

[00:13:12] **Entrevistadora:** Essa era, justamente, a minha próxima pergunta: o que você acha sobre a forma como as notícias sobre política são escritas?

[00:13:20] **Entrevistada:** Tem umas coisas que... A pessoa quando é ou muito rápido ou muito sem fundamento, que você vê que ali tem a opinião da pessoa, quando ela já está

saindo um pouco do que seria o bom... É para ganhar curtida? Eu já não acredito. Se já sai do foco daquilo que seria, já perde a credibilidade. É claro que hoje em dia tem muitos jovens, que fazem passeatas jovens e que são bacanas, né?

[00:14:14] Entrevistadora: E os seus amigos e familiares concordam com os seus posicionamentos? Eu queria entender...

[00:14:21] Entrevistada: Alguns e alguns não! Eu tenho sobrinhos que são radicais. Eles estudam em universidade federal, principalmente... Eu tenho percebido que alguns sobrinhos, em uma faixa de 20 pouco anos, que vêm de escola pública e que está em uma UniBan, eles tiveram uma educação completamente diferente. Eles estudaram, tiveram seu mérito, então eles têm uma tendência defender o que está errado, a defender o PT, a defender esse governo que estava, que está - porque o governo que está ainda é tudo um só; não mudou muita coisa. Então, eles têm uma tendência a defender isso, porque eles aprenderam muito com a escola. As passeatas que teve aqui no Rio, eu fui - essas com a bandeira do Brasil e não com a bandeira do PT, mas com a bandeira do Brasil. Eu fui! Você não via um jovem. Você via gente da minha idade, você via mais velhos ou você via alguma criança acompanhada dos pais. Você não via um jovem de 20, 20 poucos anos. É porque os jovens de 20 poucos anos cresceram na era PT, estudaram com a cartilha do PT. Então, eles se dão por satisfeitos e estão alheios a essas coisas. Os meus sobrinhos sabem... na minha família do interior... Eu tenho primos do interior de Minas que estão totalmente alheios, que tudo é “Fernando Henrique que privatizou, que não sei o quê, que não está certo”. Mas demonstrando o estrago que fizeram com a Petrobrás ou com o Brasil... Eu não acredito!

[00:16:11] Entrevistadora: Você falou dos seus familiares, seus sobrinhos. E os seus amigos também divergem de você ou estão mais alinhados?

[00:16:20] Entrevistada: Eles são pouco politizados. “Ah, eu não vejo isso. Eu não gosto. Me aborrece...”. Eu tenho amigos pouco que os filhos se mantêm atualizados, para saber o que está acontecendo, para dar uma olhada ou às vezes ver um pouquinho do político falando, acompanhar o que está acontecendo. Hoje em dia, é muito difícil alguém que não acompanha, mas os que não acompanham não querem saber, porque eles dizem “ah, isso me deixa mal, triste, então eu não quero opinar, não quero falar, não quero fazer nada”.

[00:17:05] **Entrevistadora:** Mas como você acha que esse envolvimento com política no Facebook se reflete na sua relação com as outras pessoas? Você acha que é positivo, gera debates ou já te trouxe problemas?

[00:17:19] **Entrevistada:** Eu acho que é positivo! Com meus amigos, quando eu falo uma coisa, muitos vão comigo. Com as pessoas que eu convivo, com o meu marido... Meu marido também, quando ele vai para o trabalho, ele escuta a notícia do rádio. Ele quase não lê, mas ele escuta, ele vai ouvindo, de manhã, quando vai para o trabalho. Então, ele está sempre bem informado. Ele é funcionário público federal concursado – olha que absurdo! Uma vez eu fui no trabalho dele e as pessoas eram todas a favor desse governo, porque parece que deu aumento para eles. Eu não consigo ver isso! Eu não consigo ficar a favor de uma coisa que me dá uma coisa, entendeu? Então, é assim: eu vejo que a pessoa não está muito... eu tento não tocar em assunto nenhum de política.

[00:18:26] **Entrevistadora:** *Aham!* Agora, Nádia, eu vou passar para umas perguntas político-ideológicas. Como você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:18:37] **Entrevistada:** O que? O Estado?

[00:18:41] **Entrevistadora:** É, o Estado. Você está me ouvindo direitinho ou está baixa a ligação?

[00:18:42] **Entrevistada:** Estou! Agora estou. Como o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:18:50] **Entrevistadora:** Isso!

[00:18:51] **Entrevistada:** Nossa! O Estado tem tudo a ver com o estado, né? É porque eu estou morando em um estado que, hoje em dia, está falido, está falido, está em descrédito total. Então, eu não sei. Economicamente?

[00:19:09] **Entrevistadora:** É, isso! O Estado brasileiro.

[00:19:13] **Entrevistada:** Ai, meu Deus! Vamos viajar, porque eu tenho passado pelo Ceará, passado pelo sertão, pelo sertão do Pernambuco, pelo sertão do Ceará. Ai, meu Deus! Eu tinha tudo isso na minha cabeça. Hoje em dia, não tenho quase definição, porque já está tão ruim; os aposentados não estão recebendo. Eu estou vendo as pessoas no supermercado, aqui no meu bairro, estão ali olhando e...

[00:19:42] Entrevistadora: Você mora na capital mesmo?

[00:19:47] Entrevistada: Eu moro! Eu moro em Botafogo. Tem uma favela pertinho de mim. Ao mesmo tempo em que eu moro em um bairro de escolas caríssimas, com 5 mil reais de mensalidade de escola alemã, escola britânica, é um bairro que também tem uma favela aqui do lado. Então, é muito complicado para o povo, para o pessoal que mora aqui. Então, o que eu vejo é que os aposentados aqui estão muito desanimados, comprando uma fruta, um pão, um negócio para hoje e para amanhã. Então, eu não estou vendo mais as pessoas comprando coisas, porque elas não têm mais dinheiro. E os empregados também! Aqui mesmo, no meu prédio, que tinha três porteiros, eu tenho funcionários, deputados, eu tenho a minha sogra... eu estou vendo que eles não estão comprando, eles não estão fazendo nada, que eles estão planejando vago. Então, está difícil! A primeira pessoa a ser atingida é quem paga essas pessoas. Eu estou vivendo em um estado falido aqui. Ao mesmo tempo em que você vai no Museu do Amanhã, novinho, bonito, tecnologia, lindo, lindo, você olha, para, e está caindo, a Baía de Guanabara está poluída. Eu não vou saber dar essa definição direitinha para você. E quando eu saio daqui e vou para São Paulo, para Campinas, que é a minha cidade, que eu vou ao shopping; o mercado lá, as empresas de lá, a indústria, tem coisas novas, tem o novo no mercado, é mais barato, o custo de vida está menor.

[00:21:29] Entrevistadora: São Paulo é um estado muito rico, né?

[00:21:31] Entrevistada: É, é um estado rico. Campinas é a segunda cidade, depois de São Paulo. É um lugar rico, com cores, com plantas, com terra, com riqueza, com indústria. Aí, quando eu chego aqui no Rio, eu vejo a tristeza do pessoal comprando no supermercado, comprando no mais barato e olhando aqui e ali. Também tem aquela Zona do Prado, que vem para baixo do metrô. Você passa ali no supermercado para comprar um jantar e a pessoa está comprando pizza, nuggets, comida industrializada. Há um tempo atrás, comprava mamão papaia. O mamão grande, o mamão formosa, é muito mais baratinho que o mamão papaia, mas está tão caro. Um mamão custa 15 reais, o mamão formosa.

[00:22:33] Entrevistadora: Oi? Eu não entendi muito bem!

[00:22:34] Entrevistada: Você sabe a diferença entre o mamão papaia e o mamão formosa, né?

[00:22:38] Entrevistadora: Não! Eu não sei a diferença, não.

[00:22:41] Entrevistada: A diferença do papaia para o formosa, que é o grande, é que você comprava e era mais barato que o papaia, que é aquele que é pequeno, para tomar no café da manhã. Hoje em dia, o mamão está muito caro, então estou vendo as pessoas comprando uma caixa de nuggets, uma coisa industrializada, né? Não vamos comprar fruta. Então, eu não sei. Eu não sou a melhor pessoa para dizer.

[00:23:11] Entrevistadora: Mas tá bom! Eu vou passar para a próxima, pode ser?

[00:23:15] Entrevistada: Tá!

[00:23:17] Entrevistadora: O que você pensa sobre o Estado garantir serviços gratuitos aos cidadãos, como saúde e educação, por exemplo?

[00:23:25] Entrevistada: Tudo que nós precisávamos, mas é deficitário. Eu acho que tinha que ter. A gente paga os impostos. Tinha que melhorar tudo. A pessoa com saúde e educação, com escola...

[00:23:51] Entrevistadora: Você acha que tinha que ter?

[00:23:54] Entrevistada: Nossa! Ia melhorar! O Brasil ia ser outro. Daqui a 20 anos, a gente vai ver. Se tiver serviços de qualidade, o Brasil vai ser outro, o Brasil vai ser outra coisa, outra cabeça, outra mentalidade. Tudo que está acontecendo agora vai se refletir lá para 15, 20 anos.

[00:24:19] Entrevistadora: E, para você, como o governo deve inserir socialmente os cidadãos que estão marginalizados na sociedade?

[00:24:27] Entrevistada: Com trabalho, com educação. Para mim, é com educação. Educação, saúde e segurança, mas educação e saúde já salvariam. Uma pessoa que está com expectativa de nada, com educação e saúde, ele consegue, depois, um emprego, ter perspectiva de vida. Isso, sim, é o caminho de tudo.

[00:25:02] Entrevistadora: Na sua opinião, o que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:25:11] Entrevistada: A pessoa, às vezes, nasce pobre e não tem expectativa de nada, não tem a vontade de... Como eu já tive 20, 30 anos, eu sei o que é trabalhar duro para poder ter uma condição de vida melhor. Então, assim, às vezes, já vem isso de família. Então, a pessoa não quer crescer, não quer melhorar. Aqui, no Brasil, essa coisa de você

não conseguir trabalho... A expectativa de você ter um trabalho duradouro e um trabalho bom, você precisa se planejar. Com planejamento, você consegue fazer um ciclo. O que eu vejo é gente que tem três, quatro gerações... A minha mãe foi manicure e ficou desempregada, mas manicure, hoje em dia, tem emprego, tem como sobreviver. Hoje em dia, uma manicure consegue botar um filho na faculdade. É educação! A pessoa para sair da pobreza e progredir precisa de educação.

[00:26:32] Entrevistadora: E o que você acha... Oi? Pode falar!

[00:26:36] Entrevistada: Tem a capacidade de... Para a pessoa conseguir alguma coisa, ela tem que planejar. Tudo é planejamento. Então, tudo isso é educação. Tudo é educação!

[00:26:53] Entrevistadora: Como você acha, Nádia, que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais? E o contexto social e o contexto político como influenciam nessas conquistas? Se você não entendeu alguma pergunta, você pode me falar, que aí eu repito ou reformulo para explicar.

[00:27:19] Entrevistada: Tá! Mérito individual em que sentido?

[00:27:26] Entrevistadora: O mérito individual é o esforço da própria pessoa. Como você acha que isso influencia nas conquistas pessoais e como o contexto social e o contexto político em que essa pessoa vive influenciam nessas mesmas conquistas individuais?

[00:27:41] Entrevistada: É, justamente, a conquista. É a pessoa focar no que quer fazer, independente de como ela nasceu. Hoje em dia, os pais esperam que a escola eduque, mas a escola não educa. Quem educa é a família. Então, com essa coisa de a família estar muito desunida, e a pessoa quando está em uma idade de formação que não tem um objetivo, ela não segue, ela vai para o caminho mais fácil. Mérito individual é tudo, é o que a pessoa quer fazer. Ela vai, se ela for fazer, se ela se esforçar, algumas coisas vão ajudar e a pessoa vai em frente. E atrai outras coisas para ela nessa luta, nessa busca do que a pessoa quer. As pessoas precisam ter objetivos.

[00:29:05] Entrevistadora: Você terminou ou você quer acrescentar alguma coisa?

[00:29:09] Entrevistada: Pode perguntar outra. Pode ir para a próxima. Já está bom para você?

[00:29:13] Entrevistadora: Está ótimo! É que, às vezes, eu não sei se você terminou ou se você vai continuar e eu não quero te interromper.

[00:29:20] **Entrevistada:** No meio social, é o que eu falei no final: acaba atraindo para a vida dela, para a vida da pessoa, o que ela procura.

[00:29:34] **Entrevistadora:** Tudo bem! Deu para entender. E o que você acha sobre o Bolsa Família?

[00:29:41] **Entrevistada:** Bolsa Família? Eu achava absurdo quando começou, porque era muito dinheiro, era muita coisa. Depois que eu fui fazer um trabalho lá no sertão, no sertão mesmo, onde não tem luz, não tem luz mesmo, então eu vejo que o pai de família que perde o emprego, que volta para casa, não tem de onde tirar nada. Você olha em volta e não tem nada. Não tem como empreender. Não tem como fazer nada! Então, o Bolsa Família para essas pessoas, eu acho válido, é um incentivo, uma ajuda. É necessário! É para você alimentar para comover, para a pessoa sair para buscar alguma coisa, como o Bolsa Escola também. O que está errado é o jeito que é distribuído isso, mas o que eu vi lá, das pessoas que precisam mesmo, é uma coisa maravilhosa. Foi uma ideia que eu sei que foi da Ruth Cardoso, se eu não me engano, que foi implantado no PT depois direitinho, bonitinho, perfeito. Agora, eu não sei como está isso. Pelo o que eu vi, no último cadastro, alguém tinha comentado e eu vi uma notícia qualquer, tinha muita gente recebendo que nem era para receber, gente que já morreu. Mas é uma coisa necessária, no Brasil, para alguns estados do Brasil. É necessário isso!

[00:31:20] **Entrevistadora:** E para onde você foi? Você disse que foi para o sertão.

[00:31:23] **Entrevistada:** É, já tem três anos seguidos que a gente vai. A gente pega um trem ou lá de Campinas ou daqui. A gente chega em Juazeiro do Norte. Juazeiro é uma cidade lá do sertão do Ceará. A gente chega no Ceará, a gente aluga um carro e a gente foi para o sertão do Pernambuco e vai até o sertão do Piauí. Esse sertão do Piauí foi o que mais me impressionou. São municípios muito pequenos. Em época de eleição, eles têm um médico lá. Quando não tem eleição, eles têm uma salinha, que eles chamam de hospital, mas não tem ninguém. A escola... não tem escola! Não tem escola, não tem transporte escolar. As pessoas, quase todo mundo nesse lugar que a gente estava, recebe o Bolsa Família; é o que movimenta a cidadezinha, o município. No supermercado mais próximo onde eu fui, nesse sertão aí, é 80 quilômetros ou mais que isso. Onde eu fui é 300 quilômetros de Teresina. Eu andei em três estados. Uma vez que a gente foi, a gente passou pela estrada do Caribí e fomos para municípios e cidades muito pequenos. A gente

levou leite em pó, a gente já levou filtro, a gente já levou óculos escuros. As pessoas lá são quase todas cegas porque a iluminação é muito grande, porque é sertão mesmo, e algumas pessoas vão operar a catarata e ficam cegas. Aí, eles têm que ir em uma cidade mais próxima. Eles não têm capital próxima. Teresina é muito longe, é uns 300 quilômetros. Andamos em uma cidadezinha chamada Picos e outras cidades. Uma vez, a gente chegou em Teresina, passando por várias cidadezinhas ali próximas. Então, são cidades que você chega lá e fala “Meu Deus do céu! Esqueceram desse povo aqui”. Eles só foram ter luz de dois anos para cá, por causa de um programa chamado Luz para Todos.

[00:33:48] Entrevistadora: Sim, sim! Desde 2000 e pouquinho, né?

[00:33:50] Entrevistada: Oi?

[00:33:51] Entrevistadora: É desde 2000 e pouco que começaram a implementar...?

[00:33:55] Entrevistada: É, o programa! Mas lá só chegou há três anos.

[00:34:01] Entrevistadora: Nossa! É muito recente.

[00:34:03] Entrevistada: O governo fez uns programas bacanas, que atingiram muita gente de muitos lugares. É bacana! Eles dão muito valor, dão valor muito. Eles acham que é tudo desse governo agora e pelo fato do Lula ser um nordestino de lá.

[00:34:22] Entrevistadora: E você foi fazer o quê lá? Você foi ajudar eles mesmo?

[00:34:26] Entrevistada: É! Eu tenho umas amigas que trabalham com a igreja, então elas arrecadam coisas através da igreja católica e evangélica também, para levar. Estavam precisando de gente em julho, eu fui. Eu pago a minha passagem, alugo o carro e vou para ajudar a distribuir e ensinar. Era aquele caso das pessoas que estavam ficando com muito problema de saúde porque a água que era distribuída era de caminhão...

[00:34:53] Entrevistadora: Caminhão pipa?

[00:34:56] Entrevistada: Caminhão antigo! Então, a gente teve que levar filtro de água, porque eles não filtravam a água e ficavam muito doentes, porque bebiam água achando que era água boa do caminhão.

[00:35:05] Entrevistadora: Mas não era!?

[00:35:07] Entrevistada: Não era! Não era! É triste! É um lugar que você nota... Eu nem cheguei a ir para o Maranhão. Talvez, em um ano ou outro, a gente vai. Eu fico com dó

demais das pessoas que necessitam. O que mais me impressionou foi essa seca mesmo. Lá tem clima de deserto. Eu cheguei no topo daquela cidade, ali na Serra da Capivara.

[00:35:42] Entrevistadora: Oi?

[00:35:43] Entrevistada: Eu cheguei naquelas cidades, no topo da Serra da Capivara, por ali.

[00:35:51] Entrevistadora: Posso ir para a próxima pergunta?

[00:35:57] Entrevistada: Vamos! Pode ir.

[00:35:59] Entrevistadora: E o que você acha sobre as políticas de cotas raciais?

[00:36:04] Entrevistada: Acho um absurdo! Acho que não devia ter, porque você está só incentivando o racismo. Infelizmente, eu acho isso. Até conheço pessoas que acham bacana. “Ah, que legal!”, mas eu não acho!

[00:36:16] Entrevistadora: E por que você não acha legal?

[00:36:21] Entrevistada: Eu acho que você está incentivando o racismo e está privilegiando a pessoa e a outra, não. Tinha que ser igual para todo mundo!

[00:36:38] Entrevistadora: E você acha que a criminalidade é causada, principalmente, por qual motivo?

[00:36:46] Entrevistada: Pela falta de segurança e pela falta de impunidade!

[00:36:51] Entrevistadora: E como você acredita que o Estado deve combater essa criminalidade?

[00:37:01] Entrevistada: Primeiro o que o Estado deve fazer é remover os presidiários direitinho e escolher bem, porque os policiais... eu não confio na polícia de nenhum estado, nenhum do Brasil. A polícia já é corrupta. Então, tudo fica difícil. Não tem segurança! Quando não tem punição, a criminalidade só aumenta. As pessoas... às vezes não é nem por necessidade; é por falta de objetivo também.

[00:37:36] Entrevistadora: Eu ia perguntar, na sequência, qual é sua opinião sobre o trabalho executado pela polícia militar no país.

[00:37:47] **Entrevistada:** Meu Deus, é horrível! Eu tenho medo até de guarda de trânsito. Eu faço vigília para nunca ser parada em Lei Seca nem nada, para não ter nenhum problema, porque eu não gosto de ninguém. Não, mas não é tudo, entendeu?

[00:38:12] **Entrevistadora:** Você tem medo de polícia?

[00:38:15] **Entrevistada:** Eu tenho!

[00:38:16] **Entrevistadora:** Eu também tenho.

[00:38:20] **Entrevistada:** Eu tenho! Eu até tremo. Eu não sei te explicar o porquê. É por conta de corrupção, dessa coisa que a gente está vivendo que é tão violento, né?

[00:38:28] **Entrevistadora:** É! Mas você acha o trabalho, então...? Além de ter medo, o que mais você acha?

[00:38:39] **Entrevistada:** Eu acho que são corruptos. Eles são violentos, corruptos. Eu não sei explicar, mas eu tenho medo!

[00:38:57] **Entrevistadora:** E como o Estado deve reinserir na sociedade os detentos que já cumpriram suas penas?

[00:39:07] **Entrevistada:** Ai, meu Deus! Esse é um problema tão sério, né? É um problema tão sério porque, como eles vivem... eles não foram... como a cidade não tem prisões que educam, que dê consciência, as pessoas ficam lá, revoltados, marginalizados e maltratados. Quando eles saem, para recuperar, é muito difícil. É muito difícil! Eu não sei, mas acho que tinha que recuperar lá. Se a pessoa vai presa porque roubou alguma coisa, ela tinha que fazer um curso, fazer uma coisa lá. Tinha que ter uma coisa lá. Tinha que ser de outro jeito completamente diferente, porque do jeito que ele está, tem que ter tido uma estrutura muito boa, uma família muito boa. Às vezes, a pessoa vai presa, mas não é porque ela é bandida; é por outras coisas também. Então, eu acho tão assustador que eu acho que uma pessoa que sai de lá tem que ter tido um apoio psicológico, um tratamento, um trabalho ou um incentivo. Eu acho muito difícil!

[00:40:38] **Entrevistadora:** É uma questão delicada mesmo!

[00:40:42] **Entrevistada:** Eu fico mal! Nossa! Então, eu não sei.

[00:40:48] **Entrevistadora:** É engraçado porque essa pergunta as pessoas têm dificuldade de responder mesmo.

[00:40:53] Entrevistada: É, porque o que a gente pensa? A gente pensa assim: eu não posso falar para você “ah, eu não acredito na recuperação de uma pessoa que ficou 15 anos presa e eu não sei em que qualidade de prisão”, porque a gente sabe das prisões aqui do Brasil. Então, a pessoa que ficou presa por 10 anos, ela não pode ter aprendido coisa boa. Você pode ter entrado uma pessoa com algum caráter - eu não sei por que ela foi presa, então vamos botar uma coisa geral... Então, eu não sei como uma pessoa pode sair desse lugar. A gente vê como são essas prisões do Brasil! Então, tem que dar educação. Educação é tudo! Se não der educação... Nas prisões daqui, a pessoa tinha que trabalhar, tinha que ter oficina de arte, tinha que ter... É igual a gente ver nos filmes, aquelas prisões bonitas – nada daquelas torturam -, mas as que a pessoa trabalha, que a pessoa leia, faça uma faculdade, que ela tenha psicólogo e que tenha um tratamento, né? Eu ia falar assim: “Deus me livre! Eu nunca cheguei perto de uma pessoa em recuperação”. As pessoas gostam de falar isso, né? Sai da boca da gente, né? Então, é uma coisa muito difícil porque, até existe indulto de Natal, que a gente fica morrendo de medo, porque a gente... É assustador, porque a pessoa saiu e não voltou e, depois, comete barbaridades. A pessoa está tão assustada e não tem mais nada a perder na vida, né?

[00:42:36] Entrevistadora: É uma questão difícil mesmo! Bom, eu vou passar para a próxima.

[00:42:41] Entrevistada: Tá! Pode passar.

[00:42:41] Entrevistadora: Tem bastante a ver, agora, com os acontecimentos recentes - ele está bem em pauta o debate. Qual sua opinião sobre o porte de armas de fogo?

[00:42:55] Entrevistada: Pois é, Mariana! Você vê que coisa! É tão difícil isso também, né?

[00:43:00] Entrevistadora: É! As questões são bem polêmicas mesmo!

[00:43:03] Entrevistada: Pois é! Aqui, no Brasil, você só pode ter com licença. Qualquer cidadão não pode ter um porte de arma ou ter uma arma em casa para se defender, porque isso também pode virar um... Agora, você vê, agora, acabou de acontecer aquilo naquela boate, que o menino foi lá, comprou a arma, saiu e planejou, premeditou o acidente. Se bem que aqui também um bandido pode... é tão fácil comprar uma arma clandestina. É tão fácil quanto comprar um shampoo. É só você ter o dinheiro e saber procurar que você vai

comprar, principalmente aqui no Rio de Janeiro. Então, é tão complicado isso! Eu não sei também. Eu não sou a favor. Mas, ao mesmo tempo, você ter uma arma em casa pode causar uma tragédia, né? Então, eu sou neutra. Eu vou passar.

[00:44:01] Entrevistadora: Tudo bem! Tudo certo. E o casamento homoafetivo, o que você pensa sobre?

[00:44:08] Entrevistada: Ah, então, eu acho que se a pessoa quer... Eu acho que existe homem, mulher e homossexual. Ele não escolheu. Ele nasceu assim. É um problema genético; as pessoas não entendem isso. Deixa a pessoa ser feliz. Se minha filha chegar para mim e falar “mamãe, eu sou gay”, eu vou falar “minha filha, eu quero que você seja feliz”. É claro que eu vou sofrer porque tem tanto preconceito. Eu vou sofrer pelo sofrimento dela. Não tem que... A pessoa nasceu assim. Deixa a pessoa ser feliz. Ela não escolheu. É você, é você. Não tem que ter preconceito!

[00:45:03] Entrevistadora: Mas você acha que um casal homossexual deve ter direito a adotar uma criança, por exemplo?

[00:45:10] Entrevistada: Claro! Adota, dá uma casa, um trabalho. Eles podem adotar uma criança, podem ir na missa, podem ir onde eles quiserem. O importante é o amor, a educação.

[00:45:29] Entrevistadora: E como você vê o papel das mulheres na contemporaneidade?

[00:45:34] Entrevistada: Das mulheres? Hoje em dia?

[00:45:36] Entrevistadora: Isso!

[00:45:37] Entrevistada: Hoje em dia, as mulheres estão trocando a independência, que foi tão conquistada, por problemas de causa nenhuma.

[00:45:44] Entrevistadora: Por quê?

[00:45:45] Entrevistada: Estão trocando por causa nenhuma. Hoje em dia, as mulheres conquistaram tudo já. É claro, as mulheres queriam tudo, queriam ser executivas. Hoje em dia, eu estou vendo as coisas voltando; tem filho, volta, largam tudo para cuidar do filho, do marido, e acaba gostando. Mas eu não acho que a mulher está errada, não. Ela está certa em querer... Nós já provamos que nós podemos fazer tudo o que um homem faz, eu acho.

[00:46:31] Entrevistadora: Oi? Eu não escutei. Desculpa! Você pode repetir?

[00:46:36] Entrevistada: A mulher já provou para o mundo e para todos que a gente pode fazer qualquer coisa que o homem faz. Mulher dirige melhor que homem; mulher é melhor administradora. O homem é mais forte e ele tem um olhar diferente, mas a mulher é tão igual e para tudo. Pode ser dona de casa, pode ser executiva. Já provamos tudo! A gente não tem mais nada a provar, não é?

[00:47:13] Entrevistadora: E como você encara a problemática do aborto, Nádia?

[00:47:20] Entrevistada: Eu acho que cada um faz o que quer. Eu acho que quando um faz o que quer. Eu acho que não devia ser proibido, não. Eu acho assim: você quer ir no hospital fazer, eu acho que tem que ser liberado, porque é a vida dela, é o corpo da mulher. Essa é a minha opinião.

[00:47:49] Entrevistadora: É curioso porque a maioria das pessoas responde que é contra. Você é uma das poucas pessoas que respondeu que acha que a mulher tem o direito de fazer o que quiser com o próprio corpo.

[00:48:01] Entrevistada: Eu acho que os médicos, ginecologistas, quando for liberado, não tinha que esconder. Seria uma coisa tonta, assim como uma pessoa preconceituosa. Quando você engravida, no iníciozinho, é um monte de célula. É claro que eu não sou a favor da gravidez quando...

[00:48:28] Entrevistadora: Avançada, né?

[00:48:30] Entrevistada: É. Aí, eu já acho que é o risco para ela e para o menino que está formado. Mas, no iníciozinho, tem que ir no hospital, fazer lá sua opção. O corpo é dela! Ela quer? Não quer? Eu acho que só devia engravidar gente consciente, sabe? É tão importante ser mãe. É uma coisa tão linda, tão maravilhosa, mas é a mulher que tem que escolher. É o corpo dela, é a vida dela. Muda toda a vida da mulher, muda tudo. Muda o jeito de pensar, muda tudo. É uma dádiva de Deus. Então, eu acho que a mulher pode escolher, sim. Ela tem direito de escolher. Não devia ser nada proibido.

[00:49:10] Entrevistadora: Legal! Eu concordo com você.

[00:49:12] Entrevistada: Não é? Você não deve ser mãe ainda, né, Mariana?

[00:49:15] Entrevistadora: Não, não sou!

[00:49:17] Entrevistada: Nossa! No dia que você for, você vai ver como é bom, meu Deus do céu! Então, eu sou totalmente a favor do aborto, contando que não tenha ainda um feto ali. Hoje em dia, a gente sabe, porque a gente tem como acompanhar, tem como ver quando o cérebro começa a se formar. Tem como ver tudo. “Tem tantos meses”. Acho que devia ter um parâmetro: até tantos meses, você pode chegar no hospital e... São tantas mulheres que morrem, por conta da...

[00:49:52] Entrevistadora: É, justamente, isso! É um problema enorme de saúde pública.

[00:49:57] Entrevistada: É! Isso é um problema. A pessoa vai escondido, paga caro. Não devia nem ser escondido. Vai nesses lugares que não tem higiene.

[00:50:03] Entrevistadora: É perigoso, né?

[00:50:07] Entrevistada: Pois é! Essa é a opinião que eu tenho. Muita gente ia me odiar.

[00:50:13] Entrevistadora: Eu concordo com você, mas a maioria das pessoas responde que é contra. Eu fiquei bem surpresa. E quanto ao casamento homoafetivo, das pessoas que eu entrevistei até agora, não teve uma pessoa que se disse contra. Eu também achei isso bem interessante na pesquisa.

[00:50:32] Entrevistada: Isso é um marco! Sabe o que eu estava percebendo? Hoje em dia, quase todas as famílias têm homossexuais e isso faz com que as pessoas consigam ver que não há problema, que não é uma escolha. Eu tenho um amigo, trabalhei anos e anos com ele. Ele era filho único e ele falou: “Nádia, quando eu descobri que eu era gay, todo mundo já sabia. Eu sou filho único, então minha mãe não vai ter netos. Minha mãe tentava me arrumar namoradinha, me chamava, fazia festinha e eu nunca quis nada. Eu nasci assim”. Então, é uma coisa genética. Não é hormonal. É muito simples para ser hormonal, entendeu? É genético mesmo! Tem alguma coisa lá no feto, na hora da formação, que forma menino e menina, que fica no meio do caminho, sabe?

[00:51:21] Entrevistadora: Os pais dele aceitaram?

[00:51:26] Entrevistada: Aceitaram! Mas as famílias quase todas não aceitam. Agora, hoje em dia, está melhor, mas, antes, quando tinha um homossexual na família, a família não aceitava, né? Era discriminado. A pessoa tinha que matar um leão por dia para sobreviver, né?

[00:51:45] Entrevistadora: Hoje, já não é fácil; imagina antes...

[00:51:50] **Entrevistada:** Pois é! Eu estava lendo que o Brasil é o terceiro país mais homofóbico do mundo. Principalmente, com essa coisa de evangélicos e ainda tem gente olhando, vendo quem é, para fazer maldade, para matar.

[00:52:02] **Entrevistadora:** Para bater, né?

[00:52:07] **Entrevistada:** É, para bater, para fazer não sei o quê. Meu Deus! Que horror! A pessoa não tem culpa disso. Eu tenho uma irmã que fala assim: “é hormonal ou, às vezes, é só uma fase”. Não! É desde que a pessoa nasce, é genético. A pessoa não escolheu. Se fosse escolher, ela não ia escolher!

[00:52:28] **Entrevistadora:** É. Provavelmente, não, né? Porque é muito sofrido. A pessoa passa por muito preconceito.

[00:52:34] **Entrevistada:** É! Exatamente! Como é que você vai escolher alguma coisa que é contra a sua natureza? Eu sou mulher e eu não consigo viver com outra mulher, nem pensando. Não! É a minha natureza, não é?

[00:52:51] **Entrevistadora:** É! É difícil mesmo. Principalmente, depois do que aconteceu no fim de semana, né? A gente fica mais tocado ainda com a temática.

[00:53:00] **Entrevistada:** A gente fica chocado! Exatamente! As pessoas têm que aprender, é educação. Uma pessoa dessa é uma pessoa normal, que nem a gente. O pessoal que nunca conviveu acha que vai... Até nessas igrejas que um pastor desses botar na cabeça que tem cura, que tem não sei o quê. Isso é um absurdo!

[00:53:23] **Entrevistadora:** É verdade! Bom, a próxima pergunta é: o que você pensa quando escuta alguma história sobre uma mulher que foi assediada?

[00:53:39] **Entrevistada:** Olha, Mariana, você sabe que eu ainda fico horrorizada com um estupro, porque, por exemplo... Um pedófilo, para mim, é doente – uma pessoa que estupra uma criancinha. Agora, quando um cara estupra uma mulher na rua, eu fico horrorizada com essa coisa tão bárbara, com esse absurdo. E, hoje em dia, é tão fácil você se relacionar, tem tanta gente carente e você pode conquistar uma pessoa. Hoje em dia, eu acho tão fácil, tão mais fácil até que nos anos 60 e 70. Eu acho que, hoje em dia, é tudo mais fácil, porque é tudo tão mais liberado. Antigamente, tinha aquela coisa do pudor das mães com as filhas, com a mulher. Então, nem sempre foi tão liberado, sem a coisa do pudor, do medo, do ódio, daquela coisa de você estar ali e achar que está fazendo alguma

coisa errada, cometendo até um crime. Mas, hoje em dia, é tudo tão liberal, tão normal, tão natural. Então, uma pessoa assediar a outra sem a outra querer é uma coisa meio masoquista, é uma pessoa doente, né? Agora, se é só uma cantadinha e se ela disse não e você cai fora... Conquistar uma coisa é tão boa! Então, essas pessoas que tentam forçar alguma coisa é porque são doentes.

[00:55:12] Entrevistadora: *Aham!* Beleza! Eu já estou acabando, tá bom? Já eu te libero. São só mais duas. Qual é a sua opinião sobre o país receber imigrantes de países com algum tipo de conflito ou que passou por alguma catástrofe natural?

[00:55:28] Entrevistada: O que está acontecendo na Europa agora e até aqui no Brasil, né? Aqui, no Rio, você sabe que a gente tem bairros...? Eu estaciono atrás de uma igreja ali que um padre faz uma missa e todo o bairro ajuda. Ele fez umas casinhas na igreja. Tem sírios, tem africanos, tem venezuelanos - tem muitos venezuelanos que vêm para cá, né? Então, eu acho tão legal isso! A ONU devia falar: “agora, você tem cota”, principalmente, na Europa, onde tem aquelas pessoas nas fronteiras que estão esperando. Então, e a ONU devia organizar isso e falar assim: “Itália, você recebe tanto; Alemanha: tanto; Bélgica: tanto; França: tanto; Inglaterra: tanto”. Eu acho um absurdo! Tinha que receber. Tinha que dar um jeito. É que nem a casa da gente: um parente, a casa dele inundou e ele está sem lar; você não vai levar para a sua casa? Eu acho que devia receber, sim. Eu acho um absurdo o país que tranca tudo, que esconde. Isso é o comandante. Às vezes, não é nem a pessoa que está ali naquela hora que recebe ou não. Eu acho um absurdo. Eu não sei o que as pessoas estão respondendo disso, Mariana?

[00:57:03] Entrevistadora: O que as pessoas estão respondendo?

[00:57:07] Entrevistada: É!

[00:57:08] Entrevistadora: Acho que está meio dividido. Tem gente que diz que, no caso do Brasil, não dá para receber, porque acham que o Brasil não está em condições de receber; e tem gente que diz que tem que receber de qualquer forma, porque tem espaço, porque as pessoas que estão chegando estão em condições piores. Está divididinho!

[00:57:29] Entrevistada: Eu acho, Mariana, que tem que ter um controle. Tem que ter um controle, para demonstrar que você está ajudando, porque quando você recebe um imigrante desse que vem de um país de guerra - eu estava vendo outro dia -, você tem que

dar condições, você tem que ajudar, tem que bancar. Só que como o Brasil está em uma situação difícil, mas o Brasil é um país rico, a gente pode! Se a gente não pode ajudar com dinheiro, a gente pode ajudar com terra. A gente tem tanto lugar para plantar, tanta estrada para ser arrumada, tem tanta coisa para ser feita, tem tanta coisa que a gente pode fazer por um imigrante. O imigrante que chega lá em São Paulo, os haitianos que vieram, eu acho que é muito coisa para um lugar só, mas a gente tem tanta coisa para trabalho, tanta coisa para fazer. Eu sou filha de imigrante, então eu sei. Eu adoro ser brasileira, tenho o maior orgulho do meu país. Agora que está dando vergonha de ser brasileira por causa da corrupção, dessa coisa horrorosa. Mas tem que receber, sim.

[00:58:38] Entrevistadora: *Uhum!* E sobre regular a mídia, sobre a ideia de regular a mídia, o que você acha?

[00:58:44] Entrevistada: Eu acho um absurdo, Mariana. Eu acho um absurdo! Nem pensar! Isso daí virar ditadura.

[00:58:50] Entrevistadora: Por que você acha absurdo?

[00:58:53] Entrevistada: Porque a gente lutou tanto para ter um país livre, então regular a mídia ou fazer qualquer coisa que seja “você pode falar isso, mas não pode isso, não pode isso, não pode isso”, vira ditadura! Nem pensar!

[00:59:09] Entrevistadora: Uhum! São essas as perguntas, Nádia. Você tem mais alguma coisa a acrescentar?

[00:59:15] Entrevistada: Não, Mariana! Você já perguntou tudo.

[00:59:18] Entrevistadora: É, perguntei bastante! E, olha, eu tive que cortar muita coisa, porque meu orientador disse que estava grande. Tinha mais pergunta ainda. Mas então tá! Eu devo defender no fim do ano ou no começo do ano que vem. Mas assim que eu tiver alguma coisa concreta, já pronta do trabalho, eu vou entrar em contato de novo com você para te passar, tá bom?

[00:59:41] Entrevistada: Ai, que bom! Isso é de pós-graduação, né, Mariana?

[00:59:43] Entrevistadora: Sim! É mestrado!

[00:59:46] Entrevistada: É mestrado? Tá ótimo! Boa sorte, bom trabalho!

[00:59:50] Entrevistadora: Muito obrigada! Obrigada por ter se disposto a participar.

[00:59:54] Entrevistada: Imagina! Se precisar de qualquer coisa, se precisar de perguntar mais alguma coisa, me liga, tá?

[01:00:00] Entrevistadora: Tá bom! Muito obrigada!

[01:00:03] Entrevistada: Esse seu trabalho é muito legal. Você deve aprender muito.

[01:00:05] Entrevistadora: É bem interessante mesmo! Nossa, eu ouço muita coisa diferente, muita coisa que eu não imaginava!

[01:00:11] Entrevistada: Nossa! Que bom! Você está falando com gente de todos os Estados?

[01:00:15] Entrevistadora: De todo o país, de todos os lugares.

[01:00:17] Entrevistada: Ai, que bom! Boa sorte. Você está fazendo um trabalho lindo, Mariana.

[01:00:21] Entrevistadora: Obrigada, Nádia. Então, quando estiver pronto, eu te mando. Tchau, tchau. Beijo. Até mais.

[01:00:28] Entrevistada: Tchau! Beijo. Até mais. Tchau!

ANEXO J14 – Entrevistado: Oto

[00:00:01] Entrevistadora: Eu vou gravar, só para facilitar a transcrição depois, mas a entrevista é anônima, tá? Seu nome não vai aparecer em momento algum.

[00:00:06] Entrevistado: Ah, tudo bem!

[00:00:08] Entrevistadora: Eu vou fazer umas perguntas gerais, primeiro. O Estado onde você mora é Pará, certo?

[00:00:14] Entrevistado: Isso! Pará!

[00:00:15] Entrevistadora: Idade?

[00:00:17] Entrevistado: Tenho 22 anos.

[00:00:19] Entrevistadora: A sua escolaridade? Pode ser completa ou cursando.

[00:00:24] Entrevistado: Pós-graduação, cursando.

[00:00:28] Entrevistadora: Você faz o quê?

[00:00:30] Entrevistado: Faço pós-graduação em Educação para Relações Étnico-Raciais.

[00:00:34] Entrevistadora: Você se formou em quê?

[00:00:37] Entrevistado: Em Geografia, licenciatura em Geografia.

[00:00:39] Entrevistadora: E você tem dispositivos de acesso à internet em casa?

[00:00:43] Entrevistado: *Uhum!*

[00:00:44] Entrevistadora: Com que frequência você acessa a internet?

[00:00:48] Entrevistado: Todo dia!

[00:00:50] Entrevistadora: Mais de uma vez por dia?

[00:00:52] Entrevistado: Com certeza, mais de uma vez!

[00:00:55] Entrevistadora: E com que frequência você acessa o Facebook?

[00:00:58] Entrevistado: Facebook? Varia, mas, geralmente, mais de uma vez por dia.

[00:01:05] Entrevistadora: Beleza! E qual é o meio que você mais utiliza para se manter informado: jornal, rádio, TV, site de notícias, Facebook, Twitter, algum outro?

[00:01:16] **Entrevistado:** Geralmente, eu acesso o site da *Folha de S.Paulo* e os sites regionais daqui.

[00:01:23] **Entrevistadora:** De jornais locais, né?

[00:01:24] **Entrevistado:** É! De jornais locais. Tem um que se chama *Jornal Pessoal*, que é um jornal que não está ligado a nenhuma grande oligarquia do meu estado, entendeu? Então, é um jornal fora dos grandes veículos dominantes. Mas eu também faço muito a leitura a partir do Facebook. Eu vejo os principais veículos de comunicação - *UOL, Diário do Pará, UFM, Estadão* – postando no Facebook o link da matéria. Aí, eu vou lá, clico e leio já dentro do site do próprio jornal.

[00:02:11] **Entrevistadora:** Sei! Pela Facebook também. Oi? Desculpa!

[00:02:14] **Entrevistado:** Geralmente, eu leio o Facebook e o site dos jornais específicos.

[00:02:21] **Entrevistadora:** Beleza! E você é filiado ou simpatizante de algum partido político?

[00:02:26] **Entrevistado:** Não, não sou filiado.

[00:02:28] **Entrevistadora:** Nem simpatizante?

[00:02:31] **Entrevistado:** Geralmente - não é em todos os casos -, eu me simpatizo muito com o PSOL e mais, atualmente, com a Rede, em alguns aspectos, mas não em todos.

[00:02:44] **Entrevistadora:** E com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política no Facebook?

[00:02:50] **Entrevistado:** É quase que todo dia também, porque eu gosto muito. Como eu fiz Geografia e eu também gosto muito de comunicação etc., eu gosto tanto de estar postando os links que eu acabei de ler, como também críticas de matérias prontas no meu próprio Facebook.

[00:03:12] **Entrevistadora:** É você mesmo que escreve?

[00:03:15] **Entrevistado:** É!

[00:03:17] **Entrevistadora:** Você faz suas próprias análises sobre as situações, é isso?

[00:03:20] **Entrevistado:** É, isso mesmo! Por exemplo, hoje estava tendo o Conselho de Ética, que aprovou o relatório da cassação do Eduardo Cunha. Aí, eu não precisei de

nenhum jornal para me manifestar, não. Eu mesmo escrevi o que estava acontecendo, porque eu estava acompanhando ao vivo, via TV, no caso. Geralmente, eu faço isso! E comentários, eu, geralmente, comento nos grandes sites de notícias do Facebook quando eu vejo que a notícia acabou de ser publicada, porque quando já passou muito tempo, de certa forma, ninguém mais vai ler os comentários. Já vai ter muito comentário lá e o povo não vai nem abrir, então nem precisa comentar.

[00:04:05] Entrevistadora: E por que você se interessa por temáticas políticas, Oto?

[00:04:11] Entrevistado: Eu me interessou porque, de certa forma, ela nos influencia no cotidiano e também para me manter informado, até porque eu sou professor de Geografia, então você tem que estar muito ligado no que está acontecendo contemporaneamente no país, numa escala de tempo bem cotidiana mesmo. Isso é muito importante porque me ajuda no conteúdo das aulas, para debater etc. E também como cidadão mesmo. Eu acho muito importante porque a gente acaba tendo mais conteúdo para ter argumentos para tomar uma posição, porque senão a gente fica numa coisa muito virtual e não sabendo treinar os argumentos de uma forma mais eficaz, digamos assim. Eu acho muito importante.

[00:05:13] Entrevistadora: Onde você dá aula?

[00:05:15] Entrevistado: Eu dou aula em uma escola particular, chamada AID. Eu acabei de me formar.

[00:05:19] Entrevistadora: É daí mesmo, né?

[00:05:21] Entrevistado: É aqui mesmo, em Belém.

[00:05:23] Entrevistadora: Você acabou de quê? De se formar?

[00:05:26] Entrevistado: É, acabei de me formar.

[00:05:29] Entrevistadora: Aí você já está dando aula e já entrou em uma pós também?

[00:05:33] Entrevistado: Isso! Entrei em uma pós!

[00:05:35] Entrevistadora: Você está fazendo pós-especialização ou você está fazendo mestrado?

[00:05:40] Entrevistado: Especialização! E eu estou fazendo uma outra graduação também. Eu esqueci de falar.

[00:05:46] **Entrevistadora:** O que você faz?

[00:05:47] **Entrevistado:** Estou fazendo Letras-Espanhol, na UFPA.

[00:05:52] **Entrevistadora:** E você está gostando?

[00:05:54] **Entrevistado:** *Uhum!* Está bem legal. Também está me ajudando muito porque a gente trabalhou essa coisa de análise de discurso. Isso me ajuda, de certa forma, nessa questão de geopolítica, porque é um descontruindo o discurso do outro.

[00:06:05] **Entrevistadora:** É mesmo!

[00:06:06] **Entrevistado:** É interessante!

[00:06:07] **Entrevistadora:** Análise de discurso é bem interessante. E com que tipo de posicionamentos políticos você mais se identifica: esquerda, centro-esquerda, centro, centro-direita, direita? E por quê?

[00:06:21] **Entrevistado:** Eu estava até vendo isso, ultimamente: eu acho que varia, de acordo com os temas. Em alguns temas, eu sou, digamos assim, uma esquerda mais à esquerda ou mais radical, e outros temas, nem tanto. Temas como, por exemplo, economia, eu me posiciono mais a centro-esquerda; temas como, por exemplo, aborto, eu sou, geralmente, esquerda mais radical. Então, varia muito. Eu procuro manter o discernimento e não me jogar muito para uma esquerda mais radical, mas confesso que em alguns temas eu acabo sendo esquerda demais. O porquê de eu ser esquerda é porque, de certa forma... Na minha família tem uma tradição de pluralidade política muito grande. Tenho muitos parentes que são filiados ao DEM, que é um partido que as pessoas, geralmente, conduzem para a direita; tem também gente também que já foram filiadas ao PT. De certa forma, eu cresci nesse meio, de todo mundo discutindo. Então, eu fui crescendo e querendo não ser tão influenciado por nenhum dos lados, apesar que isso foi inevitável, né? É inevitável! Você acaba sendo influenciado de alguma forma quando você é pequeno. Mas eu tento manter o discernimento de não ser levado pela maré. Eu percebi que a esquerda trata dos temas de um modo muito mais coletivo e tenta ver o social como algo primordial, enquanto a direita preza muito pelo individualismo e um certo radicalismo econômico - o que, para mim, não parece o mais correto - e também tem algumas coisas relacionadas ao fascismo, apesar que a esquerda... É por isso que eu tenho medo da esquerda radical, porque ela também carrega algumas coisas do fascismo. Mas na direita, sobretudo, está

mais presente. É, principalmente, por essas questões mais sociais e mais coletivas. Para mim, agrada muito mais.

[00:08:45] Entrevistadora: Qual é sua opinião sobre a forma como as notícias sobre política são escritas? Só para eu confirmar: os canais que você usa para se manter informado são os menos que você procura para se informar sobre o cenário político ou varia alguma coisa?

[00:09:05] Entrevistado: Como é? Eu não entendi!

[00:09:06] Entrevistadora: Você falou, antes, sobre os canais que você usa para se manter informado, certo?

[00:09:11] Entrevistado: Certo!

[00:09:12] Entrevistadora: Eles são os mesmos que você utiliza para ficar sabendo sobre o cenário político do país ou tem mais alguma coisa? Você, por exemplo, procura alguma coisa na mídia alternativa, em blogs ou você fica mais na mídia hegemônica mesmo?

[00:09:28] Entrevistado: Pois é! Ultimamente, eu tenho ficado bastante na mídia hegemônica. O que mais me permite sair é, justamente, o que eu citei, que é do Lúcio Flávio Pinto, que se chama *Jornal Pessoal*. É um jornalzinho de cinco reais e só vende em banca de revista; não vende nem em supermercado, nem nada.

[00:09:48] Entrevistadora: Você compra ele impresso mesmo?

[00:09:51] Entrevistado: Sim! E ele tem um blog também na internet, que as pessoas leem, mas o jornal é bem mais completo. É um modelo de jornal bem interessante. O que eu uso mais é ele. Eu uso outros também. Eu vi a revista *Fórum*, por exemplo – ela tem um blog também. Eu vejo que é um tipo de revista que tem uma guinada à esquerda muito forte, então eu fico meio com receio de ser influenciado demais. Aí, eu acabo apostando mais na *Folha de S.Paulo*, porque, ainda que seja um jornal que tenha uns posicionamentos editoriais, ele ainda preza por uma certa pluralidade. Então, geralmente, ele é o que eu mais uso, porque lá tem os blogueiros, os colunistas também. Eu gosto mais do estilo como eles botam a matéria com o contra-argumento também, quando é relacionado com algum tema da política. Geralmente, são jornais hegemônicos, mas também tem alguns, em menor número, que são esses jornais que tem fora do eixo também.

[00:11:16] **Entrevistadora:** E o que você acha sobre a forma como as notícias sobre políticas são escritas?

[00:11:22] **Entrevistado:** Varia muito, porque todas as pessoas que escrevem querem, de certa forma, influenciar, né? Então, varia muito. Tem um site que eu gosto muito de ler que chama *Pragmatismo Político*. Ele é bem interessante, mas ele tem um posicionamento claro quanto à política. De certa forma, ele tenta te levar a uma tendência de pensar de uma maneira, enquanto que a *Veja*, por exemplo, tenta te passar de uma outra maneira. Mas você pergunta na questão da forma, como estão escritos?

[00:12:07] **Entrevistadora:** Não! É bem nesse sentido que você está me explicando mesmo: se você acha que eles são tendenciosos para um lado ou para outro, os que você acompanha. Você falou que gosta de ler a *Folha* porque você acha que ela é mais plural. Você não sente, então, que na *Folha* eles tendem mais para um lado?

[00:12:27] **Entrevistado:** A *Folha*, quanto ao editorial, geralmente, tende mais para um lado, que é a direita, mas ela ainda congrega alguns colunistas que têm uns posicionamentos que, de certa forma, me estimam. Tem alguns lá como o Vladimir Safatle - eu não sei falar o nome dele. É um jornal que, de certa forma, eu vejo que é muito mais plural. Eu não fico esperando, seja o jornal que for, que ele não tente me influenciar. Todos os jornalistas que escrevem os editoriais vão tentar influenciar para um lado. É por isso que também eu tento ler em todas as vertentes, digamos assim. Mas se for regionalizar para dentro do Pará, isso é muito mais evidente, porque um jornal é comandado, basicamente, pelo PSDB e o outro jornal é comandado pelo PMDB, pelo Jader Barbalho - talvez seja mais conhecido assim para você. Então, você tem que ler os dois e tentar ter um discernimento. Muitas vezes, pelo conteúdo dos dois, você não consegue ter; você acaba se filiando a um dos dois lados em dado momento. É muito complicado! Mas, enfim, em termos regionais, é bem ruim porque os jornais são muito tendenciosos. Mas, por exemplo, eu vejo na *Folha de S.Paulo* e alguma coisa na *Carta Capital*, jornais melhores, porque congregam, de certa forma, maior pluralidade de ideias e de opiniões. Isso eu acho bom! É muito melhor do que só uma vertente falando ou só a esquerda falando da direita.

[00:14:21] **Entrevistadora:** Beleza! Você falou um pouco sobre a sua família, que tem gente de diversos partidos - você citou dois. Eu queria saber como é essa sua relação e

como o seu envolvimento com política no Facebook se reflete na sua relação com as outras pessoas? Seus amigos e familiares concordam com os seus posicionamentos?

[00:14:43] Entrevistado: Pois é! Partes deles, sim; a outra parte, nem tanto. Mas, de certa forma, eles me consideram um tanto moderado. Não sei por que; talvez porque eu falo assim, devagar. Mas eles me consideram moderado e, de certa forma, a gente não entra em conflito. Até quando é uma discussão ríspida no Facebook, eu tento sempre falar de forma educada, começando com “boa tarde”, porque eu sei como todo mundo está se sentindo em meio a todas essas discussões. Eu não gosto de cair naquele “fla x flu político”, de “você está de um lado e eu estou de outro”. A gente tem que buscar, sei lá, o mínimo de entendimento. Eu tenho um primo que é ultradireita, digamos assim.

[00:15:37] Entrevistadora: Bolsonarista ou não tanto?

[00:15:38] Entrevistado: É! Muito Bolsonaro. Até mais Bolsonaro que o próprio Bolsonaro. Mas ele, quando vai conversar com as pessoas da família, ele fala de forma ríspida. Ele excluiu o pessoal do Facebook etc, mas comigo, por outro lado, ele, pelo menos, tenta conversar. Às vezes, ele até aceita algumas coisas. Por exemplo, eu fui conversar com ele sobre essa questão da cultura do estupro. Eu concordo, de fato. Eu acho que a nossa sociedade induz ao hábito de que a mulher é sempre subjugada. Isso passa para o estupro nessa questão de machismo. Eu expliquei para ele e ele ouviu numa boa; me surpreendi! Não sei também se foi por causa dos acontecimentos e por isso ele ficou mais calado. Mas ele veio, conversou e até mudou de opinião em algumas coisas. Na minha família tem muita discussão sobre isso, mas as pessoas geralmente estão tentando deixar isso para depois. A questão do Bolsa Família também dava muito problema. Começava um a discutir com o outro e tal. Mas também não é aquela coisa extrema de deixar de se falar. Um exclui o outro no Facebook, mas...

[00:17:01] Entrevistadora: Entre família mesmo?

[00:17:03] Entrevistado: É! Entre família mesmo. Mas são sempre coisas pontuais. Talvez até eu já tenha exagerado, porque o que aconteceu? Recentemente, aqui, no Pará, em Belém, morreu um dos grandes pensantes - vamos dizer assim - do AI-5, Jarbas Passarinho. Esse meu primo faz parte de um partido também, que se chama PP, Partido Progressista.

[00:17:33] Entrevistadora: Ele é do PT, o seu primo?

[00:17:36] Entrevistado: Não! Ele é do PP, Partido Progressista.

[00:17:41] Entrevistadora: O seu primo, que você disse que é ultradireita, é do PP, certo?

[00:17:43] Entrevistado: Isso mesmo! Aí, ele super defendeu esse cara, porque ele chegou a conhecer, foi ele que o levou para o partido e não sei o quê. Aí, o pessoal começou a falar mal, que ele compactuava com tortura, que foi um dos grandes pensadores do AI-5, apoiou o golpe daqui do Pará. Isso deu um certo problema porque também envolvia morte, né? E como ele gostava muito do cara, ele acabou excluindo algumas pessoas, mas a mim ele não excluiu. Pelo menos, eu boto no meu Facebook, justamente, para achá-lo. Estava tudo de forma muito extrema, falando coisas como “hoje o inferno está em festas e não sei o quê”. Eu preferi falar mais do que ele fez mesmo na vida política dele.

[00:18:47] Entrevistadora: E com os seus amigos como que é a relação?

[00:18:51] Entrevistado: Com os meus amigos, de certa forma, também é boa, justamente, porque a gente discute política de forma mais moderada. Eu consigo chegar até eles para conversar. Eu faço parte do movimento Hip Hop, então eu tenho espaço para conversar com muita gente. Por muito do conteúdo do Hip Hop ser machista ou ter o conteúdo populista, pelo menos, aqui em Belém. Claro que tem gente que pensa de forma crítica a sociedade, mas, aqui, em Belém, ainda tem algumas pessoas com pensamentos muito conservadores em relação ao Hip Hop. Mas por eu estar lá, eles vêm conversar mais comigo, pelo menos ouvem. Quando eles vêm conversar comigo no Facebook, eles não chegam rechaçantes. Eles não botam as ideias porque eles sabem desse meu jeito mais tranquilo que eu tento ser. Claro que sempre tem discussão...

[00:20:08] Entrevistadora: Esses seus amigos são do Hip Hop?

[00:20:09] Entrevistado: É! Isso! Do Hip Hop e outros também, né? Gente que era contra, gente que era a favor da Dilma, gente que não era nem um nem outro, gente que era racista... Sempre tem muita discussão, mas eu nunca cheguei a deixar de ser amigo de ninguém por causa disso. Eu já deixei de falar, por um bom tempo, mas depois você reencontra e o tema é outro, aí a gente continua a amizade. Mas deixar de falar mesmo,

ainda não. Eu já vi muitos deles me falando que por eu ser mais moderado em algumas coisas isso ajuda. Para mim, às vezes atrapalha, sei lá.

[00:20:56] Entrevistadora: Beleza! Agora, eu vou passar para umas perguntas político-ideológicas, tá bom?

[00:21:01] Entrevistado: Pode ser! Se eu puder responder, eu respondo.

[00:21:04] Entrevistadora: É só você dizer o que você pensa. Se você quiser pular alguma, não tem problema. Como você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:21:15] Entrevistado: Como o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:21:20] Entrevistadora: Isso!

[00:21:23] Entrevistado: Essa é difícil, né?

[00:21:27] Entrevistadora: É! Essas são mais difíceis mesmo.

[00:21:30] Entrevistado: Porque a gente fica no plano de como a gente acha que deve ser e do como as coisas realmente são. Aqui no Pará, por exemplo, o Estado atuaria de maneira fundamental em alguns setores produtivos não hegemônicos, como, por exemplo, as pessoas extrativistas, porque isso ajudaria a floresta a se desenvolver sem muito desmatamento e também traria uma certa renda para a nossa região. Mas ainda que eu pense assim, o Estado daqui atua em outras frentes também, principalmente abrindo o terreno para que empresas de fora venham para a Amazônia ou até mesmo empresas de outras regiões. Tá ouvindo?

[00:22:36] Entrevistadora: Oi? Pode falar.

[00:22:38] Entrevistado: Ah tá! Pensei que tinha caído.

[00:22:39] Entrevistadora: Não! Estou ouvindo.

[00:22:42] Entrevistado: Então, por exemplo, tem algumas coisas que o Estado faz em relação à economia, principalmente aqui na Amazônia - que é a minha realidade - que atrai algumas empresas, às vezes até de capital estrangeiro, para tornar isso em uma zona de empregos. Mas, ao mesmo tempo, não vem acompanhado de uma certa racionalidade ambiental. Então, eu fico sem saber o que pensar. As pessoas querem o melhor, mas para a gente construir um mundo melhor, uma economia solidária etc... eu sei que as pessoas

ainda estão sofrendo no plano do cotidiano. É imediato! As pessoas precisam de empregos “para ontem”. Então, eu ainda fico com bastante dúvida quanto a isso. Talvez precisaria me aprofundar muito mais em algumas leituras, porque é algo muito complicado, é algo muito complexo. Tem algumas coisas do Estado que, de certa forma, essa atuação melhoraria a vida de muitas pessoas da nossa região, mas eu também vejo o outro lado, das coisas que já foram feitas e se não fosse ele não existiria, por exemplo, para abrir terreno para que a infraestrutura seja melhor para as empresas, tanto privada quanto estatal. Então, ainda é um assunto que eu consideraria muito complexo para eu responder. Porém, eu acho que o Estado é fundamental. Eu não acredito no Estado mínimo, por exemplo, nem em uma certa anarquia do mercado, com o mercado mandando em tudo e sendo protagonista na maioria das coisas. Eu não vejo isso como algo que vai dar certo, entendeu? Em alguns casos específicos, eu acharia que ia dar certo. Em plano mais macro, em plano mais nacional, talvez daria certo. Por isso que eu digo que me dá uma dúvida muito grande quanto a certos temas. Ao mesmo tempo, eu acho que o inchaço do Estado não é também uma saída. Eu acho que só com políticas mais bem elaboradas, o que também é pedir demais para os nossos políticos.

[00:25:43] Entrevistadora: Mas é uma questão complicada mesmo essa.

[00:25:47] Entrevistado: É! Principalmente aqui na Amazônia, porque a gente fica entre paradigmas constantes.

[00:25:56] Entrevistadora: É muito complicado aí, o que fazem com a região, com a Amazônia, especificamente, né?

[00:26:04] Entrevistado: Sim, porque aqui essa ideia de Estado forte... aqui na Amazônia, o Estado, a máquina governamental é muito forte, só que quem controla essa máquina governamental são as oligarquias. As oligarquias, de certa forma, não estão preocupadas com algum tipo de economia mais ligada ao social etc.; está mais ligada a abrir estrada, para que o escoamento da produção, principalmente mineral, se dê de forma mais depressa e outras coisas mais. Isso é complicado, porque é você acabar concordando com um super Estado sem tanta perspectiva, principalmente dos governos estaduais. O governo federal, por exemplo, vem aqui e, de certa forma, ainda trata nosso território como interesse federal, em que ele pode mandar e desmandar sem ver as peculiaridades da região - a questão da população indígena e em relação a uma série de outras questões que

acontecem aqui. Então, aqui é muito complicado ter uma ideia de como o Estado deveria atuar na economia. É uma coisa que, para mim, ainda parece muito complexo para eu dar uma posição firme e achar que eu estaria certo.

[00:27:40] Entrevistadora: Beleza! Eu consegui entender, captar alguma coisa. E o que você pensa sobre o Estado garantir serviços gratuitos aos cidadãos, como saúde e educação, por exemplo?

[00:27:53] Entrevistado: Eu acho isso imprescindível, principalmente para um país como o nosso, com muita desigualdade social. Eu, por exemplo, sempre acabei utilizando as instituições públicas, durante toda a minha vida, desde o ensino infantil, depois o ensino básico, agora no ensino superior e na pós-graduação. Se eu não tivesse essa possibilidade, eu acho que a inserção seria muito pequena, certo?

[00:28:32] Entrevistadora: A sua pós, você também faz em instituição pública?

[00:28:35] Entrevistado: Isso! É lá no IFPA, no Instituto Federal do Pará, onde eu fiz Geografia também.

[00:28:40] Entrevistadora: Ah, que legal! Aqui você não tem opção de especialização em instituição pública. Mesmo na UnB, as especializações são pagas.

[00:28:49] Entrevistado: Ah é? Aqui, na verdade, você paga só a inscrição.

[00:28:58] Entrevistadora: Lá, para o mestrado e o doutorado, a gente paga a inscrição e não paga para cursar, mas as especializações na UnB são pagas e eu acho que são todas. Nunca ouvi falar de alguma que não seja - mas não é certeza.

[00:29:10] Entrevistado: Eu não sabia disso!

[00:29:15] Entrevistadora: É! É curioso, né? Ainda mais em uma universidade pública.

[00:29:18] Entrevistado: Eu não sei se isso tem alguma influência, mas, geralmente, as informações que chegam aqui para nós é que, como essa região é a que tem menos pessoas formadas e com pós-graduação, especialização, mestrado, doutorado, parece que os incentivos estavam começando a ficar maiores. Nem sei se vão continuar, mas estão começando a ficar maior por causa dessa defasagem. Eu não sei se tem alguma relação com isso também.

[00:29:50] Entrevistadora: É, eu não sei. Mas é muito bom vocês terem, né?

[00:29:54] **Entrevistado:** É! Inclusive, recentemente abriu um doutorado em geografia na minha área aqui. É o primeiro da região.

[00:30:06] **Entrevistadora:** Eu tenho muitos colegas do Norte e do Nordeste - eu sou da Comunicação, sou jornalista - que estão fazendo doutorado comigo, aqui, em Brasília - eu estou no mestrado, mas eles estão no doutorado já - porque não tem doutorado em Comunicação onde eles moravam, nem no Nordeste nem no Norte. Só tem o mestrado.

[00:30:32] **Entrevistado:** Pois é! É muito restrito, né? Da maioria dos meus professores, o doutorado ou o mestrado é sempre fora, tipo UFRJ ou é fora do país mesmo. Aqui na Amazônia mesmo é complicado isso. A gente tem um núcleo de estudos amazônicos que agora é que está com o movimento maior, digamos assim, mas ainda é muito precário quanto à formação continuada, em todas as áreas.

[00:31:08] **Entrevistadora:** Mas você estava falando sobre os serviços gratuitos aos cidadãos.

[00:31:15] **Entrevistado:** Pois é! Eu acho imprescindível, principalmente para a população que mora nas áreas mais periféricas ou não só essas. Para as pessoas que têm a renda *per capita* bem baixa é complicado depender de uma saúde particular, porque é muito cara. Eu não sei como está aí no seu estado, mas aqui em Belém é muito caro. Os hospitais da rede particular são poucos e ainda são caros, então é bastante complicado. Eu acho que é imprescindível que seja tudo público, porque você tem a possibilidade de fazer com que pessoas de algumas classes sociais mais baixas a estenderem cada vez mais. Eu não sei onde isso vai dar, mas eu acho isso melhor.

[00:32:16] **Entrevistadora:** Aqui também é tudo muito caro. É bem inacessível!

[00:32:21] **Entrevistado:** Pois é! Aqui tem *Unimed*, *Porto Dias* e tem uma que se chama *A Pedida*, mas a *A Pedida* é como se fosse um SUS, mas que tu pagas - as pessoas geralmente falam isso. É mais barato, mas também não é tão bom. Estava bem lotado em uma época.

[00:32:44] **Entrevistadora:** Eu vou passar para a próxima, tá bom?

[00:32:48] **Entrevistado:** Certo!

[00:32:50] **Entrevistadora:** Para você, como o governo deve inserir socialmente os cidadãos que estão marginalizados?

[00:32:57] **Entrevistado:** Os cidadãos que estão marginalizados?

[00:33:02] **Entrevistadora:** Isso! Os que estão marginalizados na sociedade.

[00:33:06] **Entrevistado:** Mas em que sentido? Criminal?

[00:33:09] **Entrevistadora:** Marginalizados no sentido social e econômico.

[00:33:15] **Entrevistado:** Ah tá! Vulnerabilidade como um todo? Eu acho que é, principalmente, a partir de educação, tipo dando oportunidades de educação, apesar de que não basta ter oportunidades de educação se você não tem toda uma base da economia familiar ou qualquer base estrutural. O governo, de certa forma, tem que fazer suas ações em várias frentes, mas, principalmente, a partir da educação. Eu acho que a partir da educação, ele pode averiguar diversas questões. Por exemplo, onde eu fiz a graduação em Geografia também é ensino médio e ensino técnico. O governo federal, basicamente, fazia assim: entrevistava os alunos, fazia alguns relatórios socioeconômicos e via o que cada um estava precisando, como, por exemplo, apoio do ponto de vista psicológico, algum apoio do ponto de vista de estrutura familiar mesmo, ou via algumas potencialidades do aluno, como, por exemplo, no caso do esporte e promovia ele dentro do esporte, com bolsas e ajudas diversas, para além da educação, mas partindo da instituição que é de educação, um instituto federal, mas abarcando outras coisas também. Eu ouvi muitas trajetórias que me deixavam esperançoso. Então, eu acho que o governo tem que atuar, principalmente, a partir da educação. Seria até contraditório eu dizer que não porque eu sou professor. Isso é uma questão muito complicada, porque educação ainda é algo muito vago, se você não tem algo mais objetivo para traçar. Só falar de educação de forma idealista também não resolve muita coisa, mas eu acredito ainda, idealista ou não, que a educação seja a principal forma que o governo tenha para atuar.

[00:35:50] **Entrevistadora:** Nessa pergunta, independente de posicionamento político, todo mundo respondeu no mesmo sentido, apontando, justamente, a educação como melhor saída.

[00:36:01] **Entrevistado:** Pois é! É isso o que me preocupa, porque é muito fácil.

[00:36:08] **Entrevistadora:** É muito fácil falar, né?

[00:36:11] **Entrevistado:** É, porque isso é a primeira coisa que vem à nossa cabeça.

[00:36:15] **Entrevistadora:** É verdade!

[00:36:17] Entrevistado: E, às vezes, a gente fala isso e esquece de outras coisas que envolvem a escola, envolvem o professor, envolvem a vida dos alunos também. Por exemplo, eu estudava em uma escola que era muito violenta e tinha alguns alunos que iam para a escola sem tomar café; e eu nem sei se iam almoçar depois. Aí eu fico pensando agora: não adianta ter uma escola boa, com professor bom, se o aluno vai sem tomar café da manhã.

[00:36:53] Entrevistadora: ...E não garantir o básico, que é a alimentação.

[00:36:56] Entrevistado: Educação por educação, só pensando de modo idealista, eu acho que também não resolveria muita coisa. Tem que ser mais objetivo mesmo nas coisas cotidianas.

[00:31:10] Entrevistadora: É verdade! E, na sua opinião, o que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:37:16] Entrevistado: O que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:37:18] Entrevistadora: Isso!

[00:37:20] Entrevistado: No sentido econômico?

[00:37:24] Entrevistadora: É, no sentido econômico. Exatamente!

[00:37:28] Entrevistado: Isso é uma...

[00:37:30] Entrevistadora: É uma pergunta bem abrangente. A maioria das perguntas na sequência são. Você pode falar o que você quiser.

[00:37:41] Entrevistado: Eu acho que o motivo é histórico mesmo do nosso país. De certa forma, algumas pessoas foram mais dominantes durante muito tempo e elas sempre estiveram no topo da pirâmide, enquanto as outras pessoas ficaram disputando os outros lugares da pirâmide. Então, eu acho que é fruto de toda uma herança histórica aqui dentro do meu estado, mas do Brasil, de uma forma geral. Por exemplo, como os negros foram inseridos depois da abolição, como eles foram inseridos na sociedade e no mercado? Eles já foram inseridos abaixo da pirâmide. Eu acho que esse passado vem durante os tempos e aí as pessoas pobres vão ser, geralmente, aqueles grupos, certos grupos que foram excluídos durante muito tempo, mesmo que aconteça exceções. Algumas pessoas podem ascender em determinado momento, mas eu acho que não é uma regra; são exceções.

Então, eu acho que a pobreza advém de fatores socioeconômicos e, principalmente, históricos. Acho que é isso. Essa pergunta parece que é bem óbvia, mas não é. Ela tem uma certa profundidade.

[00:39:25] Entrevistadora: Essa, sim, a resposta é bem variada.

[00:39:31] Entrevistado: Ah é? As pessoas têm diversas opiniões sobre o que causa a pobreza.

[00:39:36] Entrevistadora: Exatamente!

[00:39:38] Entrevistado: Eu com certeza não acho que seja uma questão de dinheiro. Eu vejo pessoas, por exemplo, que entram no ônibus, aqui na minha cidade, falando que a pessoa é pobre e está andando de ônibus porque ela não acredita em determinado seguimento da religião e não sei o quê. Com certeza, é mais do que isso.

[00:39:59] Entrevistadora: E o mérito individual como você acha que influencia nas conquistas pessoais? Na verdade, a pergunta se divide em três: como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais e como você acha que o contexto social e o contexto político influenciam nessas mesmas conquistas?

[00:40:21] Entrevistado: Eu acho que uma coisa está interligada à outra. A questão do mérito não pode ser vista de forma isolada de outras questões da sociedade. Eu acho que o mérito acaba sendo, de certa forma, uma atmosfera que proporciona a algumas pessoas conseguirem ter um mérito em determinadas ocasiões. Aqui, por exemplo, na realidade onde eu vivo - eu posso ler uma coisa ou outra, mas eu costumo sempre entender a partir do que eu vivo no dia a dia - tinha as pessoas que moram perto da minha casa que sempre tiveram de tudo (tiveram uma boa escola, uma série de coisas), porém, quando eu ia para a escola, eu via pessoas com mundos completamente diferentes, pessoas que eram muito mais inteligentes do que eu, que era fera em matemática. Eu tinha um colega que tirava 10 em todas. E ele morava sozinho com a mãe e mais alguns irmãos e, além de estudar, ele tinha que trabalhar e eram diversas coisas que aconteciam perto da casa dele - violência etc. Ao acabar o Ensino Médio, assim como eu, ao invés de ele tentar fazer o vestibular, ele foi tentar um outro emprego que pudesse ocupar o turno que outrora ele estudava. Então, a questão do mérito... Você está entendendo bem?

[00:42:20] Entrevistadora: Estou, estou, sim!

[00:42:22] **Entrevistado:** É porque eu estou tentando botar dentro da questão da meritocracia. Mas aí a questão do mérito é, de certa forma, relativizada, porque ele não teve outra escola. Eu tentava incentivar ele, mas não é uma questão puramente individual. Ele olhava outras coisas que aconteciam ao redor e, naquele momento, ele precisava, acima de tudo, trabalhar, porque a mãe dele estava doente e não podia mais passar as roupas dos outros trabalhando como empregada doméstica. Enquanto os colegas aqui da minha rua... Eu moro em um conjunto habitacional considerado de classe média, mas em volta dele estão pessoas de baixa renda. Essas pessoas que moravam na minha rua tinham uma condição melhor. Elas tinham, de certa forma, uma atmosfera social, cultural que proporcionava a elas outras coisas. Os meus colegas tentaram, por exemplo, fazer vestibular. Eles não passaram na universidade pública e vieram para a universidade particular porque eles têm condições de pagar. Acabando o ensino médio, eles continuaram no ensino superior particular e continuaram a sua formação e, hoje, já estão bem melhores, enquanto eu tinha esse colega que ainda está trabalhando - a mãe dele até já faleceu -, mora sozinho agora, tem até dinheiro etc. Já é uma outra ocasião, né? Como eu falei na outra questão, é claro que existem exceções, muitas exceções, tanto as que conseguem e isso tem que ser incentivado. Eu, como professor, tento incentivar isso sempre. Quando eu fazia estágio, o meu professor do estágio falava assim para mim (eu achava até ruim): olha, você está vendo todos esses alunos aqui na sala? Só um ou dois vai conseguir chegar no ensino superior que nem você. O resto vai virar ou caixa de supermercado ou não sei o quê. No começo, eu até não gostava quando ele falava assim porque achava que eles estavam desmerecendo, mas depois eu fui entender que era por causa de toda uma questão...

[00:42:19] **Entrevistadora:** ... muito maior, né?

[00:42:21] **Entrevistado:** Muito maior! E, às vezes, quando você não tem uma referência também da sua família, é bem complicado.

[00:45:34] **Entrevistadora:** Você estagiava em uma escola pública de periferia?

[00:45:40] **Entrevistado:** Essa, no caso, não era de periferia, porque ela ficava em uma das maiores avenidas daqui de Belém, mas era pública. Ela congrega vários bairros de periferia, mas ela não é na periferia.

[00:45:56] **Entrevistadora:** Bastava ser pública para os professores já terem essa perspectiva em relação aos alunos?

[00:45:03] Entrevistado: Justamente! Eles já tinham essa perspectiva. Eu não gostava tanto no começo, mas depois eu fui entender.

[00:46:11] Entrevistadora: É como em Brasília também. Eu sou gaúcha e todo o ensino fundamental e básico eu fiz no Rio Grande do Sul e lá é muito diferente. Eu estudei em escola pública até os meus 12 anos e lá muita gente estuda em escola pública, muita gente, de todas as classes sociais. É diferente dos outros lugares, eu acho. A igualdade lá é um pouco maior do que nos outros lugares, mas não tanto também.

[00:46:48] Entrevistado: Aqui, a rede de escolas particulares é muito forte, então as pessoas que têm uma renda maior vão muito para esses colégios particulares. Aqui são muito fortes as escolas particulares. Quem não tem condições, acaba indo para a escola pública. Escola pública tem vários problemas, mas o problema não é só escola pública também. Tem todo um contexto familiar. Eu vi alunos, por exemplo, que os pais só os botavam na escola porque tinham que deixar eles em algum lugar porque iam sair para trabalhar. Acontecem muitas coisas assim. Se for falar das questões individuais e do mérito, de certa forma, eu relativizo dentro de cada contexto. Vão acontecer exceções - claro. Tomara que aconteça! Eu fico torcendo para que aconteça e até tento incentivar isso nas rodas de hip hop, nas coisas culturais que a gente faz. Mas eu sei que ainda não é uma regra. Então, a questão da meritocracia tem que ser vista, de certa forma, dentro de contextos diferentes e socioeconômicos.

[00:48:05] Entrevistadora: E o que você pensa sobre o Bolsa Família?

[00:48:09] Entrevistado: Bolsa Família? Eu estava falando sobre isso, outro dia, com uma colega de trabalho. Ela viu que o irmão dela conseguiu, mas o irmão dela já tem carro, já tem não sei o quê. Acho que ele conseguiu Bolsa Família com uma funcionária, que é amiga da prima de não sei quem.

[00:48:39] Entrevistadora: Aquelas histórias que sempre contam, né?

[00:48:42] Entrevistado: Pois é! É uma coisa que, quando tem um programa muito grande, é difícil controlar, né? Ela falou que era super contra por causa disso. Na verdade, não por causa disso, mas porque ela foi tentar também fazer a mesma coisa, só que o dela não foi aceito. Aí ela ficou contra. Vai entender, né? Se desse certo o negócio, ela era a favor. Eu sou a favor! Na verdade, eu ainda acho que é muito pouco. Se você for ler mais a

gênese do programa, tem toda uma questão de seus filhos têm que estar matriculados na escola pública, tem que ter um certo nível de renda. Então, eu acho uma ideia muito legal, apesar que eu acho que tem que se desenvolver, começar a pensar de que maneiras... Talvez não fosse interessante deixar só no Bolsa Família, mas que fosse fragmentado, como antes era. Espera aí. Desculpe!

[00:50:00] Entrevistadora: Tudo bem! À vontade!

[00:50:06] Entrevistado: Desculpe!

[00:50:07] Entrevistadora: Tudo bem!

[00:50:09] Entrevistado: Eu sou a favor, mas eu acho que tem questões a se desenvolver, porque, além dessas coisas que acontecem - isso vai acontecer se o Bolsa Família for de qualquer maneira -, eu acho que deveria ser de forma fragmentada, como, por exemplo, se tivesse uma Bolsa Escola, uma Bolsa Saúde. Acho que sendo de forma mais fragmentada, tiraria uma coisa que, por vezes, é muito ruim no Bolsa Família, que acaba virando moeda de troca por votos políticos. Tem muitas pessoas que fazem ou fizeram parte do Programa Bolsa Família que acabam endossando esse programa para ter isso como justificativa para depois ter um voto. Eu acho essa lógica um pouco ruim porque as pessoas, de certa forma, ficam criando deus políticos e eu acho que isso não é bom para a cidadania. Mas o programa eu acho muito bom, mas ele tem que começar a se desenvolver ou ir para outros caminhos e não ficar parado assim, porque senão cria um vício político. Não é aquela coisa que as pessoas falam “ah, as pessoas deixam de trabalhar”. Mentira isso! Quem que não trabalha por 90 reais? Com um salário mínimo não dá para viver de forma digna. Ninguém vai deixar de trabalhar por 90 reais. Eu conheço algumas pessoas que recebem e se não recebessem ficaria muito complicado para até ter o que comer. Eu já vi pessoas que bancavam cursinho etc. e depois passaram no vestibular, já estão trabalhando e deixaram de receber. São várias as situações. Isso, de certa forma, também ajuda... É o que eu te falei do papel do Estado, né? A educação, claro, ajuda muito, mas tem outras coisas também que ajudam a despertar a educação e a renda familiar é uma delas. O Bolsa Família é uma ajuda porque vai diretamente para aquela população que precisa mesmo do dinheiro. Essas pessoas, diretamente, usufruindo desse dinheiro - creio eu -, pode criar um ambiente melhor para que as pessoas possam se desenvolver em diversos âmbitos,

educacional, saúde etc. Mas eu acho que o programa sempre tem que ser pensado. Eu não concordo que ele sempre seja desse jeito, porque - claro - ocorrem muito defeitos.

[00:53:01] Entrevistadora: Sabe que eu entrevistei uma pessoa ontem que ela me contou, nessa questão, que antes ela era radicalmente contra o Bolsa Família, mas que ela foi fazer um trabalho voluntário com amigas da igreja no sertão nordestino, e ela viu o quanto as pessoas lá eram, realmente, carentes e precisavam do Bolsa Família. Ela disse que se não fosse essa ajuda, eles não teriam de onde tirar dinheiro, porque não tinha oportunidade nenhuma, não tinha emprego, não tinha o que fazer na cidade - era uma cidade bem pequena. Ela disse que conseguiu perceber a importância. Aí, ela falou do Bolsa Escola também; ela citou até o Luz para Todos. Disse que lá nessa cidade que ela foi, faz três anos só que tem luz no lugar.

[00:53:55] Entrevistado: Nossa! Eu vi muitas dessas discussões também. Quando eu estava lá na graduação, muita gente ia para congresso e congressos especialmente no Nordeste. A gente ia de ônibus e parava em diversas cidades, às vezes no meio do sertão do Piauí. A gente ia conversar com as pessoas e tinha muito dessas coisas. De certa forma, isso amplia o seu universo de compreensão das coisas, porque, muitas vezes, a gente fica vendo só a partir do que acontece no nosso dia a dia e a gente acaba não criando uma sensibilidade maior. A sensibilidade a gente só cria quando tem o convívio com a coisa.

[00:54:38] Entrevistadora: É verdade! E sobre as cotas raciais, as políticas de cotas, o que você acha sobre?

[00:54:47] Entrevistado: Eu também concordo. Eu acho que é imprescindível. As cotas são sociais e elas têm essa especificidade de uma parte dela ser para pessoas que se autodeclararam negras ou pardas. Eu acho imprescindível porque, como eu falei naquela hora, depois da abolição, houve uma inserção do negro na sociedade de forma muito precária, e é uma coisa que tem que consertar. Houve leis, por exemplo, que quando instituíram a educação pública no Brasil, o negro era privado de estudar. Muita gente tinha que estudar vendo a filha do dono da casa grande estudando, ou era de forma informal, ou era o dono do escravo querendo deixar ele mais produtivo ao alfabetizá-lo e botava ele para estudar. Eles foram inseridos dentro dos espaços de poder de forma muito precária, por isso que eles são uma parte da população que foi muito excluída e aí, de certa forma, o racismo também se manifesta. Então, eu super concordo, principalmente, com escola

pública, de baixa renda. Eu acho muito interessante e acho que foi uma das grandes dádivas do último governo. Porém, eu também acho que é uma coisa que nunca deve ser pensada como algo vitalício. Um dia vai ter que acabar. Quando? Quando as assimetrias estiverem terminadas ou estiverem menores. Tem sempre que pensar em um dia acabar. Mas ainda hoje é imprescindível. Eu não sei se aconteceu aí em Brasília - eu não sei como as coisas acontecem aí -, mas aqui, em Belém, as pessoas, basicamente, são consideradas pardas, porque, basicamente, são uma mistura de branco, com índio, com negro - o que a gente também chama aqui de caboclo. É uma coisa meio...

[00:57:12] Entrevistadora: Uma miscigenação grande, né?

[00:57:13] Entrevistado: É uma miscigenação muito grande, mas a presença de negros aqui é muito grande. As universidades eram consideradas espaços em que os negros e as pessoas de baixa renda nem sonhavam em entrar.

[00:57:26] Entrevistadora: Aqui também era da mesma forma!

[00:57:30] Entrevistado: E agora tu vai andar ali na UFPA, tu vê que as coisas estão muito mais equilibradas: você vê negro, você vê branco, você vê pessoas de todas as classes sociais, praticamente. Isso desperta muito, de certa forma, rancor em certas pessoas, que começam a falar mal. “Ah, a universidade está assim. Antes era melhor porque só era gente limpa”. Eu tive que ouvir isso muito.

[00:57:58] Entrevistadora: Nossa! Que triste!

[00:58:00] Entrevistado: Eu trabalho também em um laboratório de informática na UFPA, aí eu fico ouvindo cada coisa, das pessoas cochichando. Como a nossa Universidade Federal do Pará é um dos lugares que ensinam português para estrangeiros, então vem muito estrangeiro para cá, principalmente da África. E as pessoas falam muito e não gostam tanto. Mas foi imprescindível para a universidade ficar cada vez mais plural e para cada vez mais pessoas terem oportunidades. Eu acho que as cotas são pertinentes. Mas tem que pensar que um dia elas têm que acabar, sempre com aquela visão de que elas, de fato, estão inserindo as pessoas e que um dia a gente vai ter uma sociedade mais plural quanto às oportunidades.

[00:59:08] Entrevistadora: E a criminalidade, você acha que é um problema causado por qual motivo, principalmente?

[00:59:17] Entrevistado: A criminalidade é um problema também que tem um contexto social, mas também tem variáveis que são individuais. Como eu te falei, eu estudava em uma escola que era bem violenta, então eu via umas coisas que aconteciam. Tinha algumas pessoas, por exemplo, que iam para o mundo do crime porque... eles ficam olhando e “é, se fosse assim até eu ia”. Porém, algumas pessoas iam só pelo prazer do consumo e isso está acontecendo muito hoje em dia. Hoje em dia, aqui na minha vizinha, de classe média, tem várias pessoas que vão para o mundo do crime, que são de classe média e alta, só por uma questão de ostentação e por uma questão de consumismo etc. Então, eu acho que é uma questão que tem um contexto social que vai fazer as pessoas entrarem na criminalidade de modo mais fácil, porém existem também questões individuais e, de certa forma, de escolhas, porque dentro desse contexto social as pessoas vão ter um poder de escolha entre o fazer e o não fazer. Muitas das vezes, as pessoas têm a oportunidade de não fazer, mas mesmo assim fazem por questões de aspirações de consumo e aspirações de outras coisas. Tinha uma colega meu que tinha tudo de bom, a família dele era toda formada, mas ele queria ter mais, porque ele queria mostrar para as meninas, porque ele achava que elas só iam gostar dele se ele tivesse as coisas e tal. E aí ele entrou para esse mundo do crime. Então, são variados os fatores. São fatores econômicos, fatores sociais, às vezes culturais também, de referencial - às vezes, o menino da periferia vê que o traficante sempre passa com moto, carro, mulheres, aí ele acaba vendo aquilo como referencial de alguém que ele quer ser quando crescer; então, isso também induz. Tem uma questão educacional também - a escola acaba, às vezes, não educando. Os pais também, a família, acabam não educando e a escola acaba reproduzindo isso. Enfim, acho que é uma questão ainda bem complexa, que envolve inúmeros fatores. Se você tomar uma posição que é muito dura ou muito sólida, você corre risco de não analisar a sociedade como ela realmente é. Eu, pelo menos, acho que é isso. Não estou certo, mas, até o momento, eu penso que é isso.

[01:02:33] Entrevistadora: E o Estado, como você acha que o Estado deve combater a criminalidade?

[01:02:40] Entrevistado: As pessoas, geralmente, como na outra pergunta, recorrem à educação. Eu também, até certo tempo atrás, também recorria à educação também. Eu falava “com educação melhor, vai resolver tudo”, mas aí eu vi que são outras coisas também. São coisas econômicas, mas também são coisas de divertimento, por exemplo, ou

de espaço para os jovens terem outras ocupações. Eu faço parte, por exemplo, do movimento hip hop porque ocupa algumas praças da periferia com hip hop, batalha de hip hop, dança, essas coisas.

[01:03:25] Entrevistadora: Você dança?

[01:03:27] Entrevistado: Danço, danço! Eu componho também e eu faço rima improvisada - como a gente chama aqui. Então, eu acho que o Estado tem que atuar tanto no âmbito dos espaços formais - como escola, como templos de cultura, de arte etc - como também em espaços não formais - como promover, por exemplo, eventos lúdicos, culturais em espaços públicos, nas praças. Por exemplo, aqui acontece muito o que a gente chama de Batalha de Rima - eu sei que existe aí; existe perto de um museu, se eu não me engano.

[01:04:19] Entrevistadora: Sim! No Museu Nacional.

[01:04:22] Entrevistado: É! Eu já vi alguns vídeos no Youtube e aí eles chamam de Batalha no Museu. Aqui, a gente tem essas batalhas também. A gente ia para a praça para fazer esse evento cultural e lá a gente aproveitava para falar para as pessoas terem maior perspectiva de vida, para estudarem etc. etc. Mas o que acontecia? A prefeitura não gosta muito do movimento de hip hop porque, digamos, ele funciona de modo crítico a algumas questões da sociedade e o prefeito daqui é PSDB e tal. E aí a prefeitura mandou desligar os postes de toda a praça, então a praça ficava muito escura e começou a ter muitos problemas. Antes, tinha guarda municipal; eles mandaram tirar também. Aí, isso ficou insustentável até certo momento e a gente teve que parar com o evento cultural lá. Então, o Estado, de certa forma, tinha que fornecer uma praça melhor com equipamentos públicos, que desse para todas as pessoas usufruírem, praças com campo de futebol, com *half* de skate, um lugar para botar som e fazer atividades culturais, com iluminação pública. Então, o Estado, de certa forma, tem que atuar nos espaços que ele controla mais cotidianamente, mas também nesses espaços - digamos assim - não formais de educação também, como as praças públicas etc. De certa forma, eu acho que isso combate a violência. Eu acho que é muito mais por aí: é começando a ocupar também as pessoas com outras coisas, instigando elas a fazerem outras coisas - porque, de certa forma, muitas pessoas instigadas acabam tendo outras perspectivas de vida. A gente fala lá sobre educação, a gente tem um momento para as pessoas falarem suas trajetórias de vida, então aquelas pessoas vão começando a se espelhar nisso. E, caso aquilo não aconteça, as pessoas iam estar pela rua,

conversando, sei lá, às vezes, até tramando um crime. Então, eu acho que é a partir daí, de uma questão educacional, mas não só dentro da escola; fora da escola também, com uma série de equipamentos para as pessoas usarem mesmo e se divertirem, porque o divertimento também é uma dimensão da vida, né? E a polícia, eu acho que é um último estágio de combate à violência. Quando já não houve jeito mesmo, aí eu acho que a polícia entra como aparelho de repressão da criminalidade, quando não há mais alternativa. Mas eu acho que o combate é primeiramente por essas várias questões que eu falei: de fornecer oportunidades de curso, praça pública. A gente já produziu várias coisas com o movimento hip hop, de certa forma abrindo terreno para que esses movimentos aconteçam. As praças como um todo devem ser ocupadas pela população etc.

[01:08:00] Entrevistadora: Como você acha que o Estado deve reinserir na sociedade os detentos que já cumpriram penas?

[01:08:08] Entrevistado: Já cumpriram penas? Por exemplo, lá no IFPA aconteceu algo muito legal: foi a primeira vez que dois detentos passaram no vestibular no Pará.

[01:08:29] Entrevistadora: Que legal! Foi agora?

[01:08:31] Entrevistado: Foi ano passado, se eu não me engano. Foi ano passado! Foi a primeira vez que dois detentos passaram no Instituto Federal do Pará (IFPA). Foi muito legal, porque eles foram e falaram várias coisas, fizeram palestras. Um passou em pedagogia e o outro passou em engenharia de alguma coisa (não lembro qual engenharia). O que eles falaram foi muito interessante e, com certeza, aquilo ia dar outra perspectiva para eles no pós-detenção. Como isso não acontece em todos os casos e eles ainda estavam cumprindo pena - eles iam dormir na cadeia, iam estudar e depois iam voltar, sempre com o agente penitenciário por perto. Mas para as pessoas que estão no pós, é difícil pensar em alguma coisa. Mas, com certeza, eu pensaria por uma questão... é difícil falar toda hora em educação, porque, muitas vezes, é complicado até; muitas vezes, alguns presos também já tiveram educação. E também depende do crime. Há alguns tipos de crimes que são mais pesados, como crime de morte, e outros, como assalto ou furto. Mas, com certeza, eu acredito sempre na inserção a partir da educação. Não sei se, de certa forma, a educação por si só valeria a pena, mas, com certeza, com uma profissionalização ou um certo direcionamento para alguns empregos. Não sei! Tem que pensar uma política pública bem abrangente para essa questão. Eu ficaria mais por uma questão que direcionasse

profissionalmente a pessoa que vai sair, porque ela sai e vai acabar vivendo na mesma posição que outrora ela entrou, principalmente se for por causa econômica. Mas outras situações, como, por exemplo... é difícil! Mas vamos dizer um crime de estupro. Como o Estado deveria atuar no pós-cumprimento de pena dessa pessoa? É difícil!

[01:11:27] Entrevistadora: Nesse caso, é difícil mesmo!

[01:11:29] Entrevistado: O Estado teria que pensar em como fazer para ele não repetir esse ato? Isso é complicado. De toda forma, ia ter que ter um monitoramento, porque - não sei - poderia voltar a fazer ou não também. Mas reinserir? Com certeza, é através da educação. Mas ainda é muito vago falar isso, porque falar “educação” e não apresentar um direcionamento mais claro é complicado, né? Mas eu acredito que teria que ter alguma coisa a ver, algum trabalho psicológico, algum trabalho sociológico, de mostrar algumas coisas etc.

[00:12:09] Entrevistadora: E o trabalho da polícia militar, o que você acha sobre?

[01:12:15] Entrevistado: O trabalho da polícia?

[01:12:16] Entrevistadora: É! Qual é a sua opinião sobre o trabalho executado pela polícia militar no país?

[01:12:21] Entrevistado: No país como um todo?

[01:12:22] Entrevistadora: No país como um todo. Você pode falar daí também, que é o que você tem mais contato, é a sua experiência.

[01:12:34] Entrevistado: Certo! É porque dos outros lugares a gente acaba tendo somente o contato através das informações via televisão, né? E a televisão passa apenas uma parte da realidade. A gente não sabe as outras coisas que podem estar acontecendo. Aqui no Pará, a polícia militar é bem... é bem complicado falar de polícia militar ou das polícias especiais - aqui, se chamam Rotam. Não sei como chama aí.

[01:13:06] Entrevistadora: Aqui tem também.

[01:13:07] Entrevistado: Rotam?

[01:13:08] Entrevistadora: *Uhum!*

[01:13:09] Entrevistado: É quase como se fosse um tipo de Bope, aqui em Belém. É bem complicado, porque a gente pode ter opiniões extremistas e acabar não vendo algumas

coisas que acontecem e são boas. Por exemplo, aqui em Belém, a gente ainda tem um pensamento muito coronelista. Só para você ter uma ideia: o candidato a prefeito, que provavelmente vai ganhar as eleições - não sei -, era um ex-delegado. Ele é deputado agora. Se chama Eder Mauro ele. Ele, enquanto delegado, ia para a rua. Ele é acusado de vários extermínios aqui. Rolam várias histórias sobre ele que ele já chegava atirando; que se ele percebesse que a pessoa não era bandido, ele botava droga no bolso da pessoa, botava arma na mão dela e falava para os jornais que era troca de tiro, mas, na verdade, não era. Aqui, até pela questão do alto índice de violência, tem uma ideia da polícia muito justiceira. Mas a polícia militar, aqui, acaba agindo conforme a sua formação, que é uma formação ainda muito ligada a uma militarização. E ele acaba fazendo o seu trabalho de uma forma um tanto desonesta. Por exemplo, tem muita corrupção aqui no meu bairro relacionada à polícia.

[01:14:50] Entrevistadora: No seu bairro?

[01:14:52] Entrevistado: Isso! A gente sabe que eles fazem contrato com traficantes de não agressão. E também eles têm aquele estigma, que não é da polícia, mas da sociedade como um todo, de padrão de ladrão, então eles vão sempre fazer a vistoria - não sei como chamam aí, mas aqui a gente chama de baculejo.

[01:15:26] Entrevistadora: Aqui também chamam!

[01:15:27] Entrevistado: Ah, também chamam assim, é?

[01:15:28] Entrevistadora: Na verdade, é no diminutivo. Aqui chamam de “bacu”.

[01:15:32] Entrevistado: Ah é? Aqui é baculejo. Aí, sempre tem um padrão das pessoas que eles vão fazer isso. De certa forma, sempre tem um grupo em que eles vão atuar de maneira mais determinante e em outro grupo, nem tanto. Aqui, por exemplo, tem aqueles canais de TV que são mais sensacionalistas que todo dia aparece a PM entrando nas casas de madeira, de palafita, derrubando a porta, fazendo a maior coisa, fazendo pergunta para as pessoas, humilhando as pessoas, mexendo com as roupas das pessoas. Por outro lado, teve outra vez que um grande traficante de drogas aqui do Pará foi pego em um condomínio de luxo; eles não fizeram nada disso. Nem entraram no condomínio; nem podiam entrar. Então, o trabalho da polícia é bem complicado. Eles têm uma formação que segue um padrão, que acredito que seja em todo o Brasil. Porém, a gente tem que ver que é

também um problema maior, mais abrangente, que é social também, que é essa estigmatização padrão de ladrão ser negro. Isso é tudo uma construção social, e é racista e também insere os negros em uma condição em que o ser ladrão é muito mais recorrente do que em outras camadas étnicas da sociedade. Eu acho que a polícia acaba atuando de forma bem precária, dependendo do espaço. Se for na periferia, por exemplo, atua de um jeito; se for mais lá para o centro da cidade, atua de outro. No centro da cidade, eles andam até de bicicleta e andam de bermuda, porque aqui é muito quente, né? Eles andam de bermuda e de bicicleta no centro da cidade. Aqui, não! Eles ficam com a arma para fora e com aquela famosa cara de mau. É muito complicado porque, talvez pela sua formação, eles têm uma ideia muito coronelista, porque eles pensam que são o dono de tudo, que são supercidadãos que têm mais direito do que qualquer outro. Aqui, quando acontece morte de algum policial, tem muito aquela coisa de milícia. Então, alguns policiais se vestem, botam uma máscara e saem para a rua em uns carros pretos atirando em pessoas aleatórias, só basta ser no bairro de periferia. No ano retrasado aconteceu isso e foi horrível. As aulas pararam na UFPA durante uma semana, porque a universidade fica em um bairro de periferia, aqui em Belém. Era contraditório porque a gente não estava indo para a rua, a universidade estava parando porque todo mundo estava com medo da polícia, não era nem dos cidadãos.

[01:18:37] Entrevistadora: E o Estado não faz nada, o governo do estado nem a prefeitura?

[01:18:45] Entrevistado: Não! É pior ainda. Aconteceu um caso de milícia, acho que na semana passada, e começou a vazar um áudio no Whatsapp de todo mundo, que era um policial falando que se alguém da corregedoria, que é a parte da polícia que investiga a própria polícia, fosse investigar isso, essa pessoa iria morrer. Um policial falando isso! Ele estava ameaçando, sabe?

[01:19:15] Entrevistadora: A própria polícia...

[01:19:17] Entrevistado: É, a própria polícia, contraditoriamente. Então, a polícia, de certa forma, age dentro dessa perspectiva, que acredito que seja a partir da sua formação. Eu tenho uma colega que é policial militar e ela disse que a formação deles é muito ruim. Eles não aprendem a atirar, aprendem uma coisa ou outra de como averiguar se o cidadão está portando arma ou droga ou se ele está metido em alguma coisa assim. Basicamente, é só isso! E jogam eles com todos aqueles preconceitos que são levados por seus superiores.

Eles acabam ficando em uma situação incômoda também, porque eles obedecem a ordens. Mas a instituição Polícia Militar, como um todo, anda muito viciada talvez por uma formação de policiais que é ainda muito ruim, acredito eu. Acho que daria para melhorar. Ainda é muito coronelista, principalmente aqui no meu estado. Uma outra situação: outro dia eu estava lá na minha universidade, olhando pela janela; estava o sinal fechado, o carro da polícia estava no meio do engarrafamento e ele começou a buzinar, mandando os carros irem para o lado e deixarem ele passar. Sabe o que ele fez? Pegou uma bomba de efeito moral e jogou no meio da rua.

[01:20:46] Entrevistadora: Gente! Que horror!

[01:20:48] Entrevistado: Só para os outros carros saírem. Bomba de efeito moral funcionando como buzina! Muitas dessas coisas ocorrem aqui, sabe? Os policiais aqui são super mal-educados etc. Não só os PM; muda só a vestimenta.

[01:21:12] Entrevistadora: Eu vou tentar dar uma acelerada - faltam poucas; eu acho que faltam sete - para não tomar muito mais do seu tempo.

[01:21:22] Entrevistado: Tá! Tudo bem! Eu vou tentar falar menos também.

[01:21:26] Entrevistadora: Vou passar para a próxima, tá bom? Qual é a sua opinião sobre o porte de armas de fogo?

[01:21:34] Entrevistado: Eu acho que deveria ser restrito a quem tem um certo treinamento. A polícia deveria usar, e só. Talvez o exército. Eu acho que os cidadãos não deveriam usar, até por conta de tudo que a gente está vendo em alguns outros países, onde são liberadas as armas. Então, eu acho que somente o aparato do governo estatal deveria ser autorizado.

[01:22:13] Entrevistadora: Beleza! E o casamento homoafetivo, o que você acha sobre?

[01:22:19] Entrevistado: Na verdade, eu não acho! Para mim, deveria acontecer. Se é na igreja ou não... Você fala no âmbito civil, né?

[01:22:33] Entrevistadora: Isso! Civil!

[01:22:34] Entrevistado: Ah, sim! Então, com certeza acho que deveriam se casar. Na verdade, eu acho que eu nem deveria achar nada, né? Eu acho que deveria ser algo natural.

[01:22:48] Entrevistadora: E superado já!

[01:22:50] **Entrevistado:** É, e superado! Mas se a pergunta fosse “você acha que a igreja deveria deixar casar na igreja?”, aí eu já não sei, porque não competiria a mim, porque eu não faço parte dos credos.

[01:23:07] **Entrevistadora:** Então, você acha que um casal homossexual deve ter direito a adotar uma criança?

[01:23:12] **Entrevistado:** Com certeza!

[01:23:14] **Entrevistadora:** Por quê?

[01:23:15] **Entrevistado:** Com certeza! São duas questões: por duas pessoas quererem criar uma criança e por uma criança que também está esperando ser criada por alguém. Eu acho que não interfere em nada. Pelo menos, em todas as experiências que eu vi perto de mim, de amigas, que adotaram – na verdade, foram só duas amigas que adotaram –, não tem nada de diferente, não tem nada de diferente! Então, isso, na verdade, salva a vida de uma criança de ficar em um orfanato, que é uma coisa horrível. Eu super concordo!

[01:24:05] **Entrevistadora:** E como você vê o papel das mulheres na contemporaneidade?

[01:24:12] **Entrevistado:** O papel da mulher? Em que sentido?

[01:24:15] **Entrevistadora:** O papel das mulheres... Essa questão é mais para abordar a discussão de gênero mesmo.

[01:24:23] **Entrevistado:** Eu vejo que o movimento que mais vem dando certo dos movimentos na nossa sociedade, com certeza, é o movimento feminista, porque, de certa forma, chega em um momento em que a sociedade está se abrindo mais - ainda em passos lentos - à inserção da mulher em diversos âmbitos; não só a inserção, mas também a equidade.

[01:25:02] **Entrevistadora:** A o quê? Eu não consegui ouvir.

[01:25:07] **Entrevistado:** Deixa eu refazer! O movimento feminista, de certa forma, vem dando muito certo, não só porque as mulheres estão cada vez mais inseridas na sociedade, mas como também cada vez mais o sistema, como um todo, vem equiparando o clamor...

[01:25:38] **Entrevistadora:** Alô? Alô?

[00:00:05] **Entrevistadora:** Alô?

[00:00:06] Entrevistado: Alô.

[00:00:07] Entrevistadora: Oi. Eu acho que a ligação caiu. Ficou muda e eu não conseguia mais ouvir você.

[00:00:12] Entrevistado: Foi! Ficou muda.

[00:00:15] Entrevistadora: Mas você estava falando sobre o papel das mulheres e sobre o feminismo.

[00:00:20] Entrevistado: Pois é! Eu estava dizendo que o feminismo era um dos movimentos que mais estava dando certo por conta de todas as coisas que vêm acontecendo na sociedade, que, de certa forma, alicerçam o clamor, não só pela inserção da mulher de uma maneira mais justa na sociedade, mas como, por exemplo, o caso dos salários e das coisas começarem a ser mais equiparadas. Mas também não só nesse âmbito: questão de sexualidade, questões de presença mesmo na universidade ou em outros espaços. No próprio hip hop, do qual eu faço parte, ainda é muito pequena a presença de mulheres, mas, a cada semana que passa, cada vez mais mulheres vêm aparecendo. Eu acho que as mulheres estão cada vez mais quebrando... Claro que isso custa muito, isso ainda é uma coisa muito dolorida, mas têm conseguido quebrar a estrutura que nós, homens, nos acostumamos a viver. Por exemplo, aqui, dentro da minha casa, - vou te falar a verdade - era muito normal ver um homem bater em uma mulher. Tinha um cara aqui que, toda vez que ele bebia, ele batia na mulher. Eu era pequeno e via aquilo. Eu ficava aterrorizado porque eu achava que era a minha mãe. Como eu te disse, com o movimento feminista cada vez mais pegando espaço na sociedade, principalmente a partir das redes sociais, de certa forma, isso vem sendo repensado, principalmente entre as mulheres. Isso vem sendo mais divulgado, vem tendo um clamor maior. Até pessoas que eu vi que super não ligavam para essas questões, agora já estão falando nisso. E falam nisso nos corredores da universidade, de questões de gênero. Eu acho que as coisas estão sendo provocadas na nossa sociedade, chamada patriarcal. A própria estima das mulheres vem se transformando. Por exemplo, eu perguntei para a minha mãe, quando tinha a idade da minha irmã (18 anos), o que ela queria para ela. Ela dizia “ah, eu queria ter um bom marido, queria que ele me sustentasse, queria ter um filho. Meu sonho era ter uma família”. O universo dela social era sempre dedicado ao âmbito familiar e submisso a uma segunda pessoa, no caso, a um homem.

[00:03:42] Entrevistadora: E a sua irmã?

[00:03:44] Entrevistado: Pois é! Isso é o que eu ia falar. Ela já não! Ela já vê uma outra perspectiva. Ela não quer ter filho, por exemplo. Ou amigas minhas, por exemplo, que estão estudando, estão que nem você, no mestrado, e estão pensando, de certa forma, de modo autônomo. Eu sempre falo isso para as minhas amigas... Eu gosto muito de uma escritora - não sei se você conhece - que se chama Jane Austen. Ela escreveu alguns livros legais sobre o panorama da sociedade inglesa, como *Orgulho e Preconceito*, *Razão e Sensibilidade*. É muito interessante porque eles mostram qual é o papel da mulher naquela sociedade, que só podia se ascender socialmente caso se casasse com um homem de grande fortuna. Ela não poderia estudar, não poderia fazer qualquer outra coisa para ter riqueza. Até se o pai dela morresse, o dinheiro do pai dela não poderia ficar com ela; tinha que ficar com o homem mais próximo da família. Era toda uma engrenagem que fazia a mulher ficar submissa. Hoje, a gente percebe, conversando com qualquer menina... Eu estava dando aula, um dia desses, e estava falando sobre Idade Média e como a mulher era tratada no período medieval, e uma aluna minha de 12 anos já sabia falar sobre todas essas questões. Eu fiquei parado, só ouvindo. E ela sabia falar tudo. Eu pergunto sempre para elas “o que vocês querem ser quando crescer?”, e elas “ah, eu quero estudar, quero me formar nisso, quero ter o meu próprio...”. Já não tem a ideia da submissão; já não tem só a ideia da família, aquela ideia de que a mulher é a dona de casa; já não tem essa ideia de ser a dona de casa que no Dia da Mulher vai receber um fogão de presente. Claro que ainda podem existir muitas famílias, principalmente aqui no Pará, que são bem conservadoras, em algumas cidades interioranas, mas eu vejo que está mudando bastante. Está começando a mudar por conta desse clamor diferente que vem acontecendo.

[00:06:01] Entrevistadora: Que bom! E a problemática do aborto, como você enxerga?

[00:06:08] Entrevistado: Eu sou a favor do aborto, principalmente nos casos de estupro e até certos limites, porque não pode prejudicar a mulher. Não sei se é sete ou dez semanas - eu não lembro o tempo certo agora. Mas eu sou a favor. Eu não vejo muito por uma questão existencial ou que “vai estar matando alguém”. Eu vejo mais pela saúde mesmo da mulher. Em certos casos, eu acho que deveria, inclusive, ser público para o médico poder consultar. Sendo proibido ou não, as pessoas estão fazendo. Eu conheço três amigas que tiveram que fazer, por causa daquela questão de que o pai ia matar ela quando descobrisse

ou diversas histórias, diversas situações. Eu acho que tinha que ser acompanhado e ter mais assistência pelo Estado, ter alguém do serviço social, um psicólogo, para saber se a pessoa quer isso realmente. Enfim, eu sou a favor, mas, claro, sempre com discernimento.

[00:07:33] Entrevistadora: Beleza! E o que você pensa quando escuta alguma história sobre uma mulher que foi assediada?

[00:07:40] Entrevistado: Uma mulher que foi assediada? Para falar a verdade, eu fico pensando... Primeiro, eu sinto muito! Mas, ultimamente, eu fico pensando no que acaba causando isso. Será que é alguém que sente um super apetite sexual por alguém que está constrangido? Isso não entra na minha cabeça! Ou será que é só ódio? Eu não sei. Às vezes, eu fico pensando, tentando entender o que ocasiona, para ver como eu me posicionaria para, de certa forma, isso começar a acabar. Mas eu vejo que são tantas coisas, que não dá para pensar só em uma. Mas eu fico muito chocado. Diversas coisas que amigas me contam influenciam elas para o resto da vida inteira. Por exemplo, eu tenho uma amiga que estava em um banheiro, ela era pequena, e um homem olhou pela janela para ela tomando banho - ou, pelo menos, tentou olhar. Ela ficou com muito medo, muito medo mesmo. Ela era pequena, mas até hoje ela sofre consequências desse ato. Eu vejo o quanto isso é ruim. Gente que foi assediada pelo padrasto é o que mais ocorre. Aqui, em Belém, acontece muito uma coisa assim: as meninas bem pequenas do interior, que têm um sonho de vir para a cidade grande, que, no caso, é Belém, vêm para cá, para trabalhar em casa de família. O que acontece? O homem, geralmente da família, assedia essa menina. Isso acontece muito. É quase uma regra já. É quase uma regra já. Eu fico pensando no sofrimento das pessoas, justamente, por eu ter muitas pessoas que me contaram o relato do que passaram. Não é uma coisa momentânea do tipo “me assediou, eu achei ruim naquela hora”. É uma coisa que fica repercutindo o resto da vida inteira. Eu tenho uma colega que não anda sozinha para lugar nenhum porque um cara já tentou segurar a cintura dela no meio da rua e estava escuro e ela ficou morrendo de medo, saiu gritando. Hoje em dia, ela não consegue nem andar na rua sozinha. Você andando com ela, ela pede para você pegar na mão dela. É algo que repercute no mais íntimo da pessoa. O nosso primeiro território é o nosso corpo, né? Ter nosso corpo invadido é de uma dor imensa, apesar de eu nunca ter sido assediado e eu sei que com homens é menos comum. Mas eu fico pensando nessas coisas. Já vi colegas me contarem cada coisa, aos prantos. Eu fico pensando. Então, eu fico muito triste, muito abatido, pensativo.

[00:11:17] **Entrevistadora:** Bom, agora eu vou passar para a última pergunta, que é: o que você acha sobre a proposta de regular a mídia?

[00:11:27] **Entrevistado:** Regular a mídia?

[00:11:29] **Entrevistadora:** Isso!

[00:11:30] **Entrevistado:** No sentido de estabelecer...

[00:11:31] **Entrevistadora:** ... de estabelecer regras - não é no sentido de censura -, assim como existem as Agências Reguladoras para outros serviços, como água, telecomunicações, cinema.

[00:11:48] **Entrevistado:** Eu achava que seria interessante e isso, de certa forma, iria contribuir muito no mundo político. Uma regra primordial seria que qualquer cidadão que almejasse ser político não pudesse ser dono de uma emissora de TV ou de rádio, de telecomunicação como um todo, porque influencia muito. Nas eleições aqui, na minha cidade, a pesquisa de um diz uma coisa, a pesquisa do outro diz outra coisa completamente diferente, então a gente já percebe que a pesquisa é viciada. Aqui aconteceu até o absurdo... O governador é do PSDB e o jornal *Diário do Pará* é do PMDB e pegou uma foto de um bebê morto lá na Guatemala e botou na capa do jornal, dizendo que tinha sido no hospital daqui do Pará que tinha acabado de ser construído. Era uma mentira! O sistema de saúde daqui já é ruim e ele ainda cria uma mentira só para ter um sensacionalismo em cima disso e para ter ganhos políticos. Então, eu acho que teria que ter uma certa regulação. Não é para ter, de forma nenhuma, censura, porque já existem meios judiciais que você pode pedir direito de resposta, mesmo que eu saiba que isso é até ingênuo em algumas ocasiões. Mas eu acho que isso seria bom tanto por essa questão política, pela questão também de pluralidade. Eu gosto desses jornais que prezam pela pluralidade. De certa forma, se tivesse uma regulação, você poderia tirar o monopólio da informação de somente alguns veículos poderem dar essa informação; e facilitar a entrada de outros meios de comunicação, de outras vertentes políticas e ideológicas, para as coisas ficarem mais variadas, e não somente a história noticiada de uma só maneira. Então, acho que seria bastante interessante. Claro que tem que ter muito cuidado, porque a gente pensa isso de uma maneira, mas no plano da realidade pode se dar de uma maneira completamente diferente. Por exemplo, se for feito por um político que só quer usar essa bandeira, mas que quer, de certa forma, estabelecer uma espécie de censura, ele pode fazer isso. Então, é

preciso ter um certo cuidado. Mas o tema em si da regulação, enquanto estabelecadora de regras, acho que seria imprescindível. Eu concordo! Mas, claro, sempre com muita calma e discernimento. Algumas regras de coibir certas manifestações políticas, isso não seria interessante. Mas maior variedade política, de político não ser dono de TV - é quase uma utopia pensar isso -, eu acho que é uma coisa ideal.

[00:15:29] Entrevistadora: Mas eu acredito nisso ainda. Tenho esperanças.

[00:15:33] Entrevistado: Aqui, por exemplo, acontece de... Você conhece o *Jornal Pessoal*?

[00:15:37] Entrevistadora: Não, não conheço!

[00:15:39] Entrevistado: Você pode pesquisar depois. O Lúcio Flávio Pinto é jornalista paraense e ele já ganhou o prêmio - você deve saber o nome - *Vladimir Herzog*, porque ele faz matérias incríveis. Ele era do jornal chamado *O Liberal*. O jornal foi criado durante a ditadura, mas era do PSDB. O dono desse jornal é um grileiro de terra aqui do Pará. Ele chama Maiorana. Esse jornalista acabou fazendo uma investigação contra seu próprio patrão, entendeu? Ele sofreu processo, ele sofreu uma série de coisas. Várias coisas acontecendo, até que ele abriu um jornal - o *Jornal Pessoal* -, que é um jornal bem alternativo, que fala principalmente da Amazônia, só da Amazônia.

[00:16:53] Entrevistadora: Ah, que interessante! Eu vou pesquisar sobre.

[00:16:56] Entrevistado: É um jornal interessante e que não está ligado a nenhuma das oligarquias e bate tanto em uma quanto na outra e, às vezes, ainda estabelece uma terceira vertente de argumentação. É o jornal, do mundo acadêmico, o preferido de todos. Ele é um super jornal, bem premiado. Ele já foi colunista da *Folha de S.Paulo*. Ele conta coisas da Amazônia que ele vivenciou há mais de 50 anos. São muito interessantes as crônicas dele.

[00:17:21] Entrevistadora: Eu vou dar uma procurada. Não conheço, não. Bom, Oto, são essas as minhas perguntas. Você tem mais alguma coisa a acrescentar?

[00:17:31] Entrevistado: Não, não! Eu já falei demais.

[00:17:35] Entrevistadora: Foi a entrevista mais longa.

[00:17:37] Entrevistado: Eu falo muito. Desculpa!

[00:17:39] **Entrevistadora:** Não. O que é isso? A ideia é essa mesmo: que as pessoas falem. Mas é bem variado. Tem gente que fala meia hora, tem gente que fala uma hora.

[00:17:48] **Entrevistado:** Eu acho que já estou há quase duas, né?

[00:17:50] **Entrevistadora:** É! Já são quase duas mesmo.

[00:17:52] **Entrevistado:** Caramba! Como vai ser para transcrever isso tudo?

[00:17:55] **Entrevistadora:** É, vai dar trabalho a transcrição, mas faz parte da pesquisa, né?

[00:18:02] **Entrevistado:** É! Vai dar tudo certo!

[00:18:04] **Entrevistadora:** É, vai dar tudo certo, espero. Mas, então, eu devo defender a dissertação no fim do ano ou no começo do ano que vem. Mas quando eu tiver alguma coisa pronta do trabalho, eu entro em contato com você, para te mandar, tá bom?

[00:18:17] **Entrevistado:** Ah, tá bom! Vai dar tudo certo.

[00:18:20] **Entrevistadora:** Tomara! Muito obrigado por ter aceitado participar. Eu insisti para você participar porque eu estava ficando meio preocupada, porque eu entrei em contato com mais de 300 pessoas e a grande maioria em pessoas de direita, mas acabou sendo uma surpresa porque as pessoas que se dispuseram a serem entrevistadas estão bem divididas, tem gente mais à esquerda, tem gente mais à direita.

[00:18:53] **Entrevistado:** Ah, legal! É bom que vai dar para analisar um universo bastante variado, né?

[00:18:55] **Entrevistadora:** É! Mas eu não queria ficar restrita só na direita, mesmo que a maioria das pessoas que comentam nas notícias que eu selecionei sejam de direita. E tinha umas pessoas muito radicais, muita gente pró-Bolsonaro, umas pessoas com a capa ou foto de perfil com a pessoa segurando umas armas, umas coisas meio malucas. Aí, eu fiquei com medo. Aí, eu insisti com você, porque eu olho o perfil das pessoas antes, né?

[00:19:26] **Entrevistado:** Achei bem interessante, porque as pessoas estão... A notícia acabou de sair; eu sei que elas não leram a notícia porque não dá para ler a notícia em um minuto, então as pessoas já vão com a ideia pronta só para jogar lá e poder contar um ponto. As pessoas estão muito nesse “fla x flu”, discutindo política como se fosse time de futebol.

[00:19:51] Entrevistadora: É mesmo! Estamos vivenciando essa situação mesmo. Então, tá bom. Obrigada por ter dedicado o seu tempo a participar.

[00:20:00] Entrevistado: Ah, tá bom! Foi um prazer.

[00:20:03] Entrevistadora: O prazer foi meu e quando eu tiver alguma coisa, pode deixar que eu vou repassar, tá bom?

[00:20:07] Entrevistado: Ah, tá bom! Tudo bem! Estarei à disposição.

[00:20:11] Entrevistadora: Tá bom! Muito obrigada! Boa noite.

[00:20:13] Entrevistado: Boa noite para você também.

[00:20:14] Entrevistadora: Tchau, tchau!

[00:20:16] Entrevistado: Tchau!

ANEXO J15 – Entrevistado: Pedro

[00:00:02] Entrevistadora: Pedro, eu vou gravar a entrevista para facilitar a transcrição, mas é anônimo, tá? Seu nome não vai aparecer em nenhum momento.

[00:00:08] Entrevistado: Tudo bem!

[00:00:10] Entrevistadora: Posso começar?

[00:00:13] Entrevistado: Pode!

[00:00:14] Entrevistadora: Vou fazer algumas perguntas gerais. A primeira delas é: qual o estado onde você mora, mas como você não está no Brasil, você pode me dizer de que Estado você é.

[00:00:25] Entrevistado: Eu sou de Minas.

[00:00:27] Entrevistadora: De Minas? Você está aí há muito tempo?

[00:00:30] Entrevistado: Aqui, nos Estados Unidos, tem uns cinco meses.

[00:00:35] Entrevistador: Ah! Faz pouquinho tempo que você chegou. Você foi trabalhar ou foi estudar?

[00:00:40] Entrevistado: Foi estudar, trabalhar.

[00:00:43] Entrevistadora: Então beleza. Qual é a sua idade?

[00:00:46] Entrevistado: 32.

[00:00:47] Entrevistadora: E sua escolaridade? Pode ser completa ou cursando.

[00:00:49] Entrevistado: Tenho o superior.

[00:00:52] Entrevistadora: Você é formado em quê?

[00:00:55] Entrevistado: Engenharia Mecânica.

[00:00:57] Entrevistadora: Você trabalha aí como engenheiro?

[00:01:00] Entrevistado: Sim!

[00:01:02] Entrevistadora: E você tem dispositivos de acesso à internet em casa?

[00:01:05] Entrevistado: Se eu tenho o quê? Você pode repetir?

[00:01:08] **Entrevistadora:** Acesso à internet em casa. Você está me ouvindo direito?

[00:01:10] **Entrevistado:** Ah! Tenho. Estou escutando. Tenho, sim. Tenho acesso à internet.

[00:01:13] **Entrevistadora:** E com que frequência você acessa a internet?

[00:01:16] **Entrevistado:** Olha, eu fico no telefone, no 4G. Eu fico conectado o dia inteiro, praticamente. É o tempo todo, vinte e quatro horas.

[00:01:24] **Entrevistadora:** E o Facebook?

[00:01:26] **Entrevistado:** Por a minha internet ser ilimitada aqui, então eu fico conectado o tempo todo. Não é o tempo todo que eu olho, que fico vendo, mas fica conectado o tempo todo.

[00:01:40] **Entrevistadora:** Mas aí você olha de vez em quando, quando você recebe uma notificação, uma mensagem? É isso?

[00:01:48] **Entrevistado:** Quando eu recebo uma notificação ou, quando eu tenho um tempinho, eu olho. Normalmente, eu tenho muito. Mas eu não fico olhando a todo momento, não. Sei lá, é a cada duas horas, três horas.

[00:01:55] **Entrevistado:** Beleza! E qual é o meio que você mais utiliza para se manter informado: jornal, rádio, TV, site de notícias, Facebook, Twitter, algum outro?

[00:02:08] **Entrevistado:** Eu olho um monte. Eu entro no *UOL*, na *Globo.com*... Notícias de Brasil, né? E daqui, eu olho muito a *CNN*.

[00:02:19] **Entrevistadora:** Mas você ainda acompanha muito notícias daqui?

[00:00:21] **Entrevistado:** Bastante! Eu vejo o *Jornal Nacional* todo dia que eu chego em casa. Eu deixo gravado e eu assisto!

[00:02:29] **Entrevistadora:** Ah! Você ainda assiste todo dia!?

[00:02:32] **Entrevistado:** Assisto, sim! Bastante.

[00:02:34] **Entrevistadora:** E você usa o Facebook também para ver notícia, para acompanhar algum blog?

[00:02:38] **Entrevistado:** Sim, porque tem aquelas páginas que você vai curtir, e na sua *timeline* vai aparecendo. Então, eu tenho a *Globo.com*, tenho o *UOL*, tenho o *R7* e fora esses outros canais de notícia que eu ainda tenho lá.

[00:02:55] **Entrevistadora:** E você é filiado ou simpatizante de algum partido político, Pedro?

[00:03:02] **Entrevistado:** Deixa eu pensar um pouquinho. Não! Olha, eu sou anti-petista. Eu acho que qualquer partido que tem chance de tirar, que concorre contra o PT, eu... Não é que eu me simpatizo, é porque quando tem chance de concorrer na eleição direta contra o PT, eu acabo me simpatizando um pouco, mas eu não tenho. Eu não sou tucano nem PMDB ou partido aliado. Eu não tenho simpatia por nenhum partido.

[00:03:29] **Entrevistadora:** *Uhum!* Você, então, não é filiado a nenhum, né?

[00:03:33] **Entrevistado:** Não, não sou filiado

[00:03:34] **Entrevistadora:** Nem simpatizante de algum partido específico?

[00:00:37] **Entrevistado:** Não, não, não! Não sou simpatizante.

[00:03:40] **Entrevistadora:** Beleza! E com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política no Facebook?

[00:03:49] **Entrevistado:** Eu prefiro evitar comentar política porque é uma discussão bem... É que me fugiu a palavra aqui. É meio complicado! As pessoas são muito fanáticas ao ponto que eu não entro no meio, entendeu? Antigamente, eu sempre estava dentro. Eu já entrei em discussões de política no Facebook, mas agora eu parei.

[00:04:15] **Entrevistadora:** Antigamente quando?

[00:04:17] **Entrevistado:** Antigamente, há um ano atrás. Então, assim, no dia que chegava notícia sobre política, eu comentava, mas antigamente.

[00:04:26] **Entrevistadora:** À época das eleições em 2014, então, você compartilhava, comentava?

[00:04:32] **Entrevistado:** Sim, sim! Bastante!

[00:04:40] **Entrevistadora:** E, depois, você parou por causa do radicalismo.

[00:04:42] **Entrevistado:** Eu parei por causa do radicalismo, sim, e acabava que estava perdendo muita amizade. Tem gente muito fanática!

[00:04:45] **Entrevistadora:** *Uhum!*

[00:04:46] **Entrevistado:** Parei e deixei de lado.

[00:04:48] **Entrevistadora:** Beleza! Agora, eu vou fazer algumas perguntas políticas mais práticas, tá bom?

[00:04:55] **Entrevistado:** Ok!

[00:04:56] **Entrevistadora:** Por que você se interessa por temáticas políticas?

[00:05:00] **Entrevistado:** Porque é um assunto que interessa diretamente o protocolo do país. Interessa diretamente a mim, ao futuro do país. A situação econômica é uma coisa que influencia em todo mundo.

[00:05:14] **Entrevistado:** Você é de Belo Horizonte?

[00:05:16] **Entrevistado:** Sou de Belo Horizonte.

[00:05:18] **Entrevistadora:** Eu não sabia se você era de lá ou do interior. Você não tem muito sotaque. Geralmente, as pessoas do interior têm mais sotaque, né?

[00:05:27] **Entrevistado:** Tem mais sotaque, sim.

[00:05:28] **Entrevistadora:** Com que tipo de posicionamentos políticos você mais se identifica: esquerda, centro-esquerda, centro, centro-direita, direita? E por quê?

[00:05:41] **Entrevistado:** Olha, eu não tenho. Eu acho que todo posicionamento político tem um pouco de radicalismo, então acaba que eu não me vejo em um.

[00:05:55] **Entrevistadora:** E como você procura se informar sobre o cenário político do Brasil?

[00:06:00] **Entrevistado:** Internet. Eu estou fora agora. Geralmente é muito jornal e internet. Basicamente isso!

[00:06:14] **Entrevistado:** *Uhum!* Quais jornais você acessa ou que você já acessou?

[00:06:18:] **Entrevistado:** Olha, eu vejo muito a *Globo.com*, a *Record News*. Deixa eu ver o que mais... Eu escuto muita rádio, porque eu tenho um aplicativo, eu vejo muitos... Eu

tenho uns pagos, tenho uns programas da *Itatiaia*, que é uma rádio que é de Belo Horizonte. Eu vejo mais essas.

[00:06:38] **Entrevistadora:** Beleza! E qual sua opinião, Pedro, sobre a forma como as notícias sobre política são escritas?

[00:06:50] **Entrevistado:** É completamente... São bastante tendenciosas. Bastante direcionadas, iguais aos canais vinculados. Cada emissora puxa para um lado. Tem igual a Globo, antigamente ela era mais o pessoal da esquerda; agora ela mudou um pouco de lado. São bem tendenciosas.

[00:07:11] **Entrevistado:** Mas por que você acha que é tendencioso? Como que você consegue colocar isso?

[00:07:15:] **Entrevistado:** Eu acho que é por interesses, por interesses!

[00:07:23] **Entrevistadora:** *Uhum!* E você falou que deixou de comentar e de compartilhar notícias de política porque você estava perdendo amizades. Eu queria que você me explicasse um pouco mais como que é sua relação com seus amigos, com seus familiares com o teu posicionamento político?

[00:07:40] **Entrevistado:** Eu tenho um amigo que ele é petista doente, então ele defende muito a Dilma e o Lula, por exemplo. E quando teve esses esquemas de corrupção da Petrobrás, Lava Jato, a gente começava a criticar e ele defendia o PT por causa dos programas sociais, Bolsa Família etc. E a gente ficava criticando, né? E ele falava que... Igual eu te falei, eu não tenho simpatia com nenhum partido, mas por eu criticar o PT, ele acaba me taxando de tucano. Ele falava que eu era defensor do PSDB e acaba que ficava uma coisa chata e cansativa. Então, para evitar esse tipo de situação, eu parei de criticar política, de dar opinião nas redes sociais.

[00:08:23] **Entrevistadora:** Mas você continua falando com ele? Tudo se resolveu?

[00:08:33] **Entrevistado:** Eu continuo falando com ele, mas eu evito falar sobre política.

[00:08:36] **Entrevistadora:** *Aham!*

[00:08:37] **Entrevistado:** Mas eu evito falar.

[00:08:40] **Entrevistado:** E já teve situação de brigar com pessoas fora do Facebook? Porque, com ele, foi no Facebook, né? Ou foi fora também?

[00:08:47] **Entrevistado:** Já! Já teve situações não de brigar, mas de eu estar conversando com a pessoa e a pessoa se exaltar, né? Quase foi uma briga. Não chegou, necessariamente, a ser uma briga.

[00:08:59] **Entrevistadora:** Mas nunca chegou a excluir amigos do Facebook? Eles chegaram a te excluir também por causa de política? Ou já?

[00:09:08] **Entrevistado:** Eu acho que eles me excluíram já. Eu não tenho certeza, mas acho que já me excluíram. Eu nunca excluí ninguém, mas acho que já me excluíram.

[00:09:20] **Entrevistadora:** Pedro?

[00:09:22] **Entrevistado:** Então, não, eu nunca excluí ninguém. Está me escutando?

[00:09:25] **Entrevistado:** Estou, estou escutando.

[00:09:26] **Entrevistado:** Eu nunca excluí ninguém, mas eu acho que já me excluíram já. Mas eu não tenho certeza.

[00:09:30] **Entrevistado:** Tudo bem! Agora, eu vou fazer umas perguntas mais político-ideológicas. Como você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:09:45] **Entrevistado:** Como eu acho que o Estado deveria atuar no...? Poxa! Eu nunca parei para pensar nisso.

[00:09:51] **Entrevistadora:** Essa pergunta mais político-ideológica, o pessoal trava um pouquinho para responder mesmo. Começa a complicar um pouquinho.

[00:10:00] **Entrevistado:** Eu não tenho opinião formada sobre isso. Eu não tenho nenhum comentário na cabeça ainda.

[00:10:06] **Entrevistadora:** Beleza! Você quer pular para a próxima ou você quer tentar?

[00:10:08] **Entrevistado:** Vamos pular para a próxima.

[00:10:13] **Entrevistadora:** E o que você pensa sobre o Estado garantir serviços gratuitos aos cidadãos, como saúde e educação, por exemplo?

[00:10:19:] **Entrevistado:** Uai, eu acho uma obrigação pelo tanto de imposto que a população paga. É muito imposto! Acho que são 160 dias, no ano, dos impostos, são para pagar impostos, as taxas tributárias. Então, é mais do que obrigação.

[00:10:42] **Entrevistadora:** *Uhum!* Então você concorda que isso deve acontecer?

[00:10:44] **Entrevistado:** Concordo! Compromisso com a saúde, com certeza.

[00:10:53] **Entrevistadora:** E como você acha que o governo deve inserir socialmente os cidadãos que estão marginalizados, os cidadãos mais pobres?

[00:11:01] **Entrevistado:** Como deve inserir?

[00:11:04] **Entrevistado:** É, como o Estado deve...

[00:11:08] **Entrevistado:** Olha, eu acho que todo mundo merece uma segunda chance, porém...

[00:11:18] **Entrevistadora:** Não, mas marginalizados que estão marginalizados no sentido financeiro, não no sentido criminal.

[00:11:22:] **Entrevistado:** Ah! Perdão, perdão.

[00:11:25] **Entrevistadora:** É que a pergunta é ambígua mesmo. Eu deveria ter explicado.

[00:11:28] **Entrevistado:** Com programas sociais, qualificação de mão de obra, cursos profissionalizantes, encaminhamentos para empregos. Como é que se chamam aí, no Brasil? É o Sine? Os órgãos que encaminham, que a pessoa deixa currículo, que eles... Eu não me lembro mais o nome.

[00:11:52] **Entrevistadora:** Eu não sei o nome, não.

[00:11:54] **Entrevistado:** Eu também não. Em Belo Horizonte, acho que era o AI. Não sei na sua cidade como chama.

[00:12:02] **Entrevistadora:** Eu não conheço nenhum órgão que faça isso em Brasília. Não sei se tem. Mas como que é? As pessoas deixam o currículo? É assim?

[00:12:12] **Entrevistado:** É! Existe um currículo e eles vão encaminhando para lugares, para empresas onde tem vagas. Eles vão te encaminhando direto para entrevista.

[00:12:20] **Entrevistadora:** E é governamental?

[00:12:23] **Entrevistado:** Governamental!

[00:12:24] **Entrevistado:** Interessante! Eu não sabia que isso existia. E funciona bem lá?

[00:12:30] **Entrevistado:** Funciona, funciona. Só que, geralmente, são empregos que... Como que eu posso te falar? São empregos para salários baixos, com um salário mínimo, dois. São, geralmente, [inaudível], essas coisas assim.

[00:12:47] Entrevistadora: Aqui tem! No Diário Oficial daqui, do DF, sai todo dia uma lista de emprego. Mas eu não sei se pessoas podem levar currículo. Não sei como que funciona essa ponte.

[00:13:03] Entrevistado: Lá, a pessoa vai lá nesse lugar lá. Chega lá, pessoa tem uma lista lá, ela te direciona... Ele marca uma entrevista com o próprio órgão, com a empresa que está precisando, então a pessoa já vai com a indicação já.

[00:13:16] Entrevistadora: E, na sua opinião, o que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:13:20] Entrevistado: O que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:13:21] Entrevistado: Isso!

[00:13:22] Entrevistado: Depende da condição de onde a pessoa nasceu, depende do meio onde a pessoa vive, se a pessoa tem oportunidade de estudar. Tem vários fatores. Eu não sei, não.

[00:13:44] Entrevistadora: Você está escutando?

[00:13:46] Entrevistado: Estou escutando! Estou escutando!

[00:13:48] Entrevistadora: Você quer acrescentar mais alguma ou eu posso ir para a próxima?

[00:13:52] Entrevistado: Eu acho que é só isso mesmo. Depende da família da pessoa, se essa pessoa nasceu com condição boa. Se a família não tiver condição de dar um bom estudo, é mais complicado a pessoa conseguir sozinha, até porque a pessoa não vai ter um bom estudo, então, na hora que ela vai ingressar na faculdade, ela vai ter um pouco de dificuldade. Eu acho que ensino fundamental é a base de tudo, para a pessoa chegar bem na faculdade. Nas universidades federais, as gratuitas, geralmente, quem ingressam nelas são as pessoas que têm dinheiro, porque os pais deram condições de elas estudarem em bons colégios. Essas universidades seriam, teoricamente, para as pessoas que não têm condições de pagar pela universidade particular.

[00:14:37] Entrevistadora: E como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais? E o contexto social e político como influenciam?

[00:14:47] Entrevistado: O mérito pessoal é a pessoa que se esforça, mesmo ela vindo de uma família mais humilde. Se a pessoa for muito esforçada, ela consegue compensar a desvantagem que ela teve até chegar no sucesso. Qual foi a sua pergunta?

[00:15:06] Entrevistadora: Como que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais? E como o contexto social influencia?

[00:15:17] Entrevistado: Acho que está relacionada à outra pergunta. A pessoa que tem uma família boa, que tem bons amigos, que é bem relacionada, obviamente, tem a chance de dar certo muito maior, por conta disso. Se a pessoa, no convívio social, convive com pessoas de baixa renda, com pessoas que não têm bons interesses, é mais difícil a pessoa ser bem-sucedida.

[00:15:53] Entrevistadora: Você convive com muito brasileiro aí ou não?

[00:15:57] Entrevistado: Não! Não.

[00:15:58] Entrevistadora: Então, você passa a maior parte do tempo falando em inglês mesmo?

[00:16:01] Entrevistado: Sim!

[00:16:03] Entrevistadora: Então, é normal mesmo fugir a palavra.

[00:16:05] Entrevistado: Pois é! Tá fugindo muita coisa.

[00:16:10] Entrevistadora: É estranho, né?

[00:16:12] Entrevistado: É estranho! Muito estranho!

[00:16:13] Entrevistadora: Você tinha me falado do seu amigo, que é muito petista, e você comentou que ele defendia os programas sociais, o Bolsa Família. Eu queria saber o que você pensa sobre o Bolsa Família?

[00:16:27] Entrevistado: Eu acho que a ideia inicial do Bolsa Família é uma ideia boa, porque tem muita gente na miséria e as pessoas realmente precisam de ajuda, porém é um programa falho, porque o governo não dá capacitação, não dá cursos técnicos, para essas pessoas saírem dessa condição. Então, acaba que vira um ciclo vicioso: a pessoa acostuma a receber aquilo e não evolui, não procura melhorar. É uma coisa cômoda! Eu acho que a ideia não tem problema, não, mas a prática, porém, tem que ser reajustada, ela tem que ser melhorada.

[00:17:05] Entrevistadora: Entendi! E como você enxerga as políticas de cotas raciais?

[00:17:10] Entrevistado: Eu acho uma coisa errada! Eu acho que essas cotas tinham que ser por condição social, porque não interessa se a pessoa é branca, negra ou parda. Essa cota tem que ser de acordo com a condição social. Se tiver mais negros que estão na condição pior, logicamente, eles serão beneficiados. Mas não pode ser só cotas para negros na faculdade, por exemplo. Isso é um absurdo! Tem que ter cotas por condição social. Logicamente que se tiver mais negros nas condições inferiores, logicamente eles serão beneficiados.

[00:17:52] Entrevistadora: E, para você, a criminalidade é um problema causado por qual motivo, principalmente?

[00:17:59] Entrevistado: Eu acho que por falta de oportunidade, cultura, falta de leis. Eu acho que, no geral, é isso mesmo! Eu tinha que conviver com mais meliantes para eu entender um pouco melhor esse tipo de situação.

[00:18:22] Entrevistadora: Você falou “cultura”. Você pode me explicar um pouco melhor o que você quer dizer com cultura?

[00:18:28] Entrevistado: Aqui, no Brasil, as pessoas – algumas pessoas – nascem e crescem aprendendo a não fazer a coisa do jeito certo (furar uma fila no banco, comprar um DVD pirata, fazer gato de TV a cabo, esse tipo de coisa). A pessoa já nasce achando mais fácil pular as coisas do que conquistar as coisas. Então, eu acho que isso influencia bastante.

[00:19:04] Entrevistadora: Beleza! E como você acredita que o Estado deve combater a criminalidade?

[00:19:09] Entrevistado: Tem que ser com leis enérgicas, com leis duras.

[00:19:16] Entrevistadora: Como assim?

[00:19:18] Entrevistado: Com leis duras. E também o Estado tem que ajudar a acabar um pouco com o desemprego, com a miséria. Tem que dar mais curso, mais oportunidade, para as pessoas saírem desse ciclo vicioso, para a pessoa deixar de roubar, assaltar, e começar a trabalhar, ter uma ocupação.

[00:19:43] Entrevistadora: E como você acha que o Estado deve reinserir na sociedade os detentos que já cumpriram pena?

[00:19:52] Entrevistado: Eu acho que a primeira coisa que tinha que acabar é com esse atestado de bons antecedentes. Isso espanta qualquer detento para uma entrevista de emprego. Isso deveria ser só para a polícia, para ela poder identificar aquela pessoa que, normalmente, está cometendo algum delito. Mas, para a empresa, não ter como as empresas consultarem isso. Isso discrimina muito os presos. E também dar curso técnico, qualificação.

[00:20:31] Entrevistadora: Depois que eles saem ou enquanto eles ainda estão lá dentro?

[00:20:36] Entrevistado: O curso técnico deveria ser antes e depois, quando eles estão presos e depois também, nas duas ocasiões.

[00:20:46] Entrevistadora: E qual é a sua opinião, Vinícius, sobre o trabalho executado pela polícia militar no país?

[00:20:54] Entrevistado: Eu acho que a polícia militar tem uma péssima estrutura. Os bandidos hoje têm um armamento melhor que a polícia. Eu acho que falta um acompanhamento psicológico para esse militar. Eu acho que, devido à estrutura deles, eles fazem um trabalho razoável. Eu acho que, pela estrutura deles, o trabalho poderia ser pior do que é hoje. Então, acho que é um trabalho de razoável para bom.

[00:21:22] Entrevistadora: Você disse que acha que falta acompanhamento psicológico. Como assim? Em que sentido?

[00:21:28] Entrevistado: Os caras recebem mal, trocam tiros com bandidos, recebem propina. Alguns ganham, vamos supor, cinco mil, dez mil, para ficar enfrentando bandido. Eles prendem os traficantes, aí os caras oferecem seis mil, que é o dobro do salário deles, aí o cara, às vezes, não aguenta negar, entendeu? Então, esse cara tem que ter uma cabeça boa, tem que ter um acompanhamento psicológico.

[00:22:01] Entrevistadora: Entendi! Qual é a sua opinião sobre o porte de armas de fogo?

[00:22:05] Entrevistado: Eu acho que o porte de arma deveria ser legalizado.

[00:22:08] Entrevistadora: Por quê?

[00:22:10] Entrevistado: Porque o cidadão tem todo o direito de se proteger. Os bandidos todos andam armados e a população, desarmada. Então, eles acabam assaltando, roubando, porque eles sabem que a população está desarmada. Aqui nos Estados Unidos, qualquer pessoa compra uma arma e você não vê assalto aqui. A pessoa pensa duas vezes antes de assaltar alguém na rua.

[00:22:30] Entrevistadora: É muito acessível comprar arma? Como funciona?

[00:22:33] Entrevistado: Muito acessível! Muito acessível. É só você chegar com o seu *Green Card* e comprar uma arma. Você chega em uma loja e com 20 minutos você sai com a arma.

[00:22:45] Entrevistadora: Mas é em todos os lugares ou é especificamente em alguns pontos?

[00:22:50] Entrevistado: Na maioria dos estados. Na maioria deles, quase todos.

[00:22:57] Entrevistadora: E casamento homoafetivo, o que você acha sobre?

[00:23:00] Entrevistado: Eu acho que eles devem se casar, sim. Podem casar! Acho que tem que ser direitos iguais. A única coisa que eu não concordo é com casal homossexual adotar criança. Mas casamento...

[00:23:11] Entrevistadora: Era a minha próxima pergunta. Mas pode me explicar, então.

[00:23:18] Entrevistado: Eu acho que é meio traumático para uma criança, porque, querendo ou não, biologicamente, ela tem um pai e uma mãe. E quando a criança chegar em um colégio e ver os coleguinhas todos com pai e mãe e ele com dois pais ou duas mães... eu acho que é um pouco demais para a cabeça de uma criança. Eu acho que, pelo menos, para uma criança, enquanto ela não tem a opinião formada, acho que eu não acho legal. Se for para uma criança de 12, 13, 14 anos, que já tem a cabeça formada, eu acho que não teria problema nenhum.

[00:23:58] Entrevistadora: E sobre casamento homoafetivo, então, você não vê problema?

[00:24:01] Entrevistado: Não! Eles têm o direito de ser felizes. Todo mundo tem o direito de ser feliz. Eu não vejo problema algum.

[00:24:12] Entrevistadora: E como você vê o papel das mulheres atualmente, o papel das mulheres na sociedade?

[00:24:20] Entrevistado: As mulheres estão, a cada dia, ocupando mais espaços, né? Antigamente, as mulheres recebiam 30% a menos que os homens no mercado de trabalho, mas, hoje, as mulheres estão cada dia mais conquistando seu espaço. Então, eu acho que a desigualdade entre o homem e a mulher está diminuindo. Ainda existe, mas está diminuindo drasticamente. Está reduzindo a cada dia que passa.

[00:24:45] Entrevistadora: Aproveitando que você está aí, eu queria saber se você vê alguma diferença entre a sociedade brasileira e a sociedade daí nesse quesito.

[00:25:00] Entrevistado: Aqui não tem muita diferença entre homem, mulher e idoso. Aqui, a cultura é bem diferente. O pessoal respeita muito.

[00:25:15] Entrevistadora: Você acha que mais do que no Brasil?

[00:25:17] Entrevistado: Muito mais! Muito mais, com certeza! Os americanos que eu conheço, os dois trabalham e, quando chegam em casa, os dois vão cozinhar, os dois vão arrumar a casa. Não tem isso de chegar em casa e o homem ir para o sofá e a mulher ir para a cozinha. Aqui é tudo dividido, aqui é tudo dividido.

[00:25:41] Entrevistadora: E como você encara a problemática do aborto, Pedro?

[00:25:46] Entrevistado: Eu não concordo com aborto! Vai matar um ser que não tem culpa nenhuma? Eu não acho! É vida, né? Eu não concordo.

[00:26:06] Entrevistadora: Você pode me explicar um pouco melhor?

[00:26:07] Entrevistado: Nem em caso de estupro, eu não sei se eu sou a favor.

[00:26:11] Entrevistadora: Você não tem opinião definida, nesses casos?

[00:26:14] Entrevistado: Não é que eu não tenha. Eu não sou a favor do aborto. Eu sou contra.

[00:26:19] Entrevistadora: Inclusive em casos de estupro?

[00:26:22] Entrevistado: Inclusive em casos de estupro!

[00:26:23] Entrevistadora: Beleza! E o que você pensa quando escuta alguma história sobre uma mulher que foi assediada?

[00:26:32] **Entrevistado:** Eu fico revoltado. É um absurdo, né? Ninguém tem o direito. O corpo da pessoa é sagrado. Se a pessoa não tem o consentimento para encostar a mão no seu corpo, é uma atrocidade, é um absurdo. Eu fico revoltado!

[00:26:49] **Entrevistadora:** E o que você acha sobre o Brasil receber imigrantes de países com algum tipo de conflito ou que passaram por alguma catástrofe natural ou alguma coisa do gênero?

[00:27:02] **Entrevistado:** Eu acho legal! Eu acho legal! Eu acho uma coisa válida. Por mais que o país esteja em crise e que o país esteja com problemas gravíssimos de corrupção, de economia, eu acho uma coisa legal. Eles estão em uma situação pior que a nossa, então eu acho que ajudar nunca é demais. Eu não sou contra, não.

[00:27:23] **Entrevistadora:** E o que pensa sobre a proposta de regular a mídia?

[00:27:28] **Entrevistado:** Eu acho um absurdo! Isso é uma censura. A gente acaba voltando na época da ditadura. Qualquer tipo de censura é extremamente nocivo para o país. É um retrocesso muito grande!

[00:27:46] **Entrevistadora:** Beleza! São essas as perguntas, Pedro. Você quer acrescentar mais alguma coisa?

[00:27:52] **Entrevistado:** Não! Tá tudo bem! Eu espero ter ajudado.

[00:27:56] **Entrevistadora:** Ajudou bastante! Eu estou fazendo a dissertação de mestrado. Eu estou no terceiro semestre. Eu devo terminar no fim do ano.

[00:28:06] **Entrevistado:** Olha que legal. Parabéns!

[00:28:07] **Entrevistadora:** Ainda falta muito trabalho.

[00:28:10] **Entrevistado:** Força! Vai continuando que vai dar certo!

[00:28:12] **Entrevistadora:** É, tomara! Eu devo terminar no fim desse ano ou no começo do ano que vem. Quando tiver alguma coisa pronta, o resultado do trabalho, eu vou entrar em contato com você de novo para te passar, tudo bem?

[00:28:25] **Entrevistado:** Obrigado!

[00:28:26] **Entrevistadora:** Eu que agradeço por ter aceitado participar, tá bom?

[00:28:31] **Entrevistado:** Beleza, Mariana! Então, um abraço! Boa sorte aí.

[00:28:33] Entrevistadora: Obrigada! Abraços! Tchau, tchau! Boa noite!

[00:28:35] Entrevistado: Boa noite! Até mais!

ANEXO J16 – Entrevistado: Quincas

[00:00:14] Entrevistadora: Quincas? Alô?

[00:00:17] Entrevistado: Isso! Consegue me ouvir?

[00:00:19] Entrevistadora: Estou, estou conseguindo ouvir, sim. E você? Alô?

[00:00:24] Entrevistado: Estou ouvindo bem também.

[00:00:26] Entrevistadora: Ah, beleza! Tudo bem?

[00:00:27] Entrevistado: Tudo bem, graças a Deus.

[00:00:29] Entrevistadora: Você pode falar agora mesmo?

[00:00:34] Entrevistado: Posso, posso, tranquilo.

[00:00:35] Entrevistadora: Então, tá bom! Eu vou começar. O estado onde você mora, Quincas, é o Rio de Janeiro, certo?

[00:00:43] Entrevistado: Exato!

[00:00:44] Entrevistadora: A sua idade?

[00:00:49] Entrevistado: Eu tenho 30.

[00:00:50] Entrevistadora: A sua escolaridade, Quincas? Pode ser completa ou cursando, tanto faz.

[00:00:56] Entrevistado: Superior, cursando.

[00:00:59] Entrevistadora: Oi? Eu não ouvi. Desculpa!?

[00:01:05] Entrevistado: Superior, cursando.

[00:01:06] Entrevistadora: O que você faz? Qual faculdade?

[00:01:13] Entrevistado: Direito.

[00:01:14] Entrevistadora: Direito? Legal! E você está em qual semestre?

[00:01:17] Entrevistado: Eu estou no sexto.

[00:01:20] Entrevistadora: Já passou da metade, então, né?

[00:01:22] **Entrevistado:** Eu já tinha cursado até o nono, mas eu acabei trancando e quando voltei não consegui aproveitar nenhuma matéria.

[00:01:33] **Entrevistadora:** Ah, não consegue aproveitar? Não sabia! Nossa!

[00:01:37] **Entrevistado:** É faculdade privada, né? Eles estão ganhando dinheiro. Então, eles tentam fazer o máximo para não aproveitar a matéria e eu também achei por bem reiniciar.

[00:01:46] **Entrevistadora:** Então, beleza! Com que frequência você acessa a internet, Quincas? Pode ser de qualquer lugar: de casa, do trabalho, da escola, da faculdade.

[00:01:58] **Entrevistado:** Acho que umas cinco, seis horas por dia.

[00:02:04] **Entrevistadora:** E com que frequência você acessa o Facebook?

[00:02:09] **Entrevistado:** Um quatro horas por dia também. É bastante!

[00:02:12] **Entrevistadora:** E qual é o meio que você mais usa para se manter informado: jornal, rádio, TV, site de notícias, Facebook, Twitter, algum outro?

[00:02:39] **Entrevistado:** Olha, é muito louco. Eu gosto muito de blogs, Facebook e Twitter, mas sem ficar só nisso, entendeu? Sempre com filtro e sem ficar: “ah, me informo pelo Facebook” ou “me informo pelo Twitter” ou “me informo pelos blogs”. Eu filtro!

[00:03:01] **Entrevistadora:** Você usa vários deles, né? Você disse que gosta de blog. Quais blogs você costuma ler?

[00:03:11] **Entrevistado:** Então, eu leio muito blogs locais, porque eu gosto muito da política local também, então leio os blogs locais. E hoje eu uso o próprio Facebook para ter acesso a outros blogs, como os blogs da cidade, que são os principais meios de comunicação da cidade de Cabo Frio, e os blogs que eu consigo encontrar no Facebook. Eu gosto muito do pessoal do *Justificando*. Ele é um site de Direito, mas ele é bem requisitado. Não sei se você conhece. Vale a pena dar uma pesquisada.

[00:03:42] **Entrevistadora:** Qual é o nome?

[00:03:48] **Entrevistado:** Justificando.

[00:03:49] **Entrevistadora:** Justificando? Eu não conheço, não. Eu vou dar uma olhada. E você é filiado ou simpatizante de algum partido político? Alô?

[00:04:01] Entrevistado: Eu sou filiado ao PT. É minha única filiação partidária. Mas o partido mudou muito. É uma filiação mais sazonal do que real. O partido era uma coisa, hoje ele é outra. É um partido que vem do PCB de 1922. Até então, ele tinha uma capacidade de leitura bem bacana, porque sempre estava relendo o mundo, mas eu acho que, nos últimos cinco anos, deu uma inclinada à direita, que não me agrada mais, não.

[00:04:40] Entrevistadora: Entendi! Você está conseguindo me ouvir direitinho? Oi?

[00:04:46] Entrevistado: Eu estou escutando!

[00:04:48] Entrevistadora: É porque está dando um espaço entre o que eu falo e a sua resposta, aí eu não sei se você está recebendo bem. Quincas, e com que frequência você comenta...

[00:04:57] Entrevistadora: É um espaço.

[00:04:58] Entrevistado: Oi?

[00:05:02] Entrevistado: É um espacinho normal.

[00:05:03] Entrevistadora: É, exatamente! Com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política no Facebook, Quincas?

[00:05:16] Entrevistado: Ah, todos os dias. Comentar é demais. Eu gosto de ir nas páginas contrárias às minhas e ficar enchendo o saco. O último debate que eu participei - não foi nem um debate, mas provocação - foi com um deputado do Rio Grande do Sul - Paraná ou Rio Grande do Sul, se eu não me engano. Ele é da bancada da bala, né? Aí, eu fui lá ironizar ele um pouquinho, mas é mais esse tipo de problema do tipo “venha brincar no deserto”, né?

[00:05:44] Entrevistadora: É verdade! Você vai, então, debater mesmo, vai discutir, vai colocar suas ideias, né?

[00:05:58] Entrevistado: [inaudível]. Por exemplo, nesses últimos casos de corrupção e tal. A galera parece que é cega, né? Faz a defesa de um lado e não faz a defesa do outro. Por exemplo, “Lula tem que ser preso”. Peraí! Ninguém chama voz sem ser citado. Então, [inaudível] acaba pegando o passaporte [inaudível], ou está agindo de má fé. Ou, às vezes, são as duas coisas!

[00:06:30] Entrevistadora: E por que você se interessa por essas temáticas políticas, Quincas? Você falou que já é filiado tem muito tempo ao partido e...

[00:06:42] Entrevistado: Eu acho que partido é só um meio; ele não é o fim, em si. Eu acho que a veia partidária é o que pode transformar [inaudível]. Eu sou estudante e bolsista do ProUni. Se não fosse uma política própria, eu não teria conseguido a minha bolsa. Você está fazendo uma pós-graduação. Tem um dado de que, nos últimos seis anos, o ensino superior e a inserção na pesquisa, no ensino e na pós-graduação receberam um investimento que há muito tempo não tinha. Então, acho que é só por meio da política, da situação política, que a gente consegue transformar.

[00:07:24] Entrevistadora: Eu concordo com você. Mas tem muita gente que eu estou entrevistando que não tem essa visão. É impressionante!

[00:07:37] Entrevistado: As pessoas são incrédulas. Se você chegar à etimologia da palavra: “o que é política?”. Não é essa *politicália*! As pessoas confundem a *politicália* ou esquemas que acontecem, corrupção, com a política, mas a boa política não é assim que tem que ser praticada. Quando eu falo que eu vou lá “pentelhar” - o pessoal fica rindo de mim -, mas, na verdade, eu estou praticando a política. Por que eu devo ficar fechado em um grupo que pensa da mesma forma que eu e achar que isso vai mudar algo? Não! É preciso chamar para o debate em céu aberto e criar condições para convencer, mas também a ser convencido. Eu acho que falta isso: falta o diálogo entre as correntes de pensamento.

[00:08:20] Entrevistado: É verdade! E com que tipo de posicionamentos políticos você mais se identifica, Quincas: esquerda, centro-esquerda, centro, centro-direita, direita? Por quê?

[00:08:34] Entrevistado: Cara, eu sou de centro-esquerda. Eu não acredito muito no “ah, combate à corrupção” como aí está. Eu acho que precisa ser construído pouco a pouco, gradativo, mas eu vejo que teve avanços na questão dos Direitos Humanos, na questão da inclusão. Eu gosto muito da temática violência. Se você analisar que 85% dos crimes no Brasil são de origem patrimonial, não tem como achar que eu vou combater a criminalidade com polícia. Se o motivo do crime é patrimônio, eu vou combater a violência como de uma forma eficaz? É com distribuição de renda! Eu me coloco na centro-esquerda. Eu não sou da extrema-esquerda, porque, Mariana, por vezes, acaba na falta de diálogo. Vamos pegar um partido de esquerda. Ele foi paladino da ética e da moral,

mas depois acabou entrando em um [inaudível]. Aí, você pega o PSOL, que faz discursos grandes e que só bota pressão. Quando o PSOL assume o governo, ele vai ter que compor maioria, se não compor, vai ficar de fora tacando pedra. Eu acho que isso é preciso conversar. Eu acho que tanto o erro da esquerda como da direita também é, justamente, a resistência ao diálogo. Eu entendo que o centro tem essa capacidade maior de diálogo com os demais blocos ideológicos.

[00:10:16] Entrevistadora: E como você procura se informar sobre o cenário político? Pelos mesmo canais que você usa para se manter informado? Pelos blogs?

[00:10:29] Entrevistado: Mesma coisa! Pelos mesmo canais, mas com ressalvas que eu fico contido. Por exemplo, eu não posso criticar tudo o que eu vejo na *Folha de S.Paulo*. Da mesma forma, eu também não posso acreditar que tudo aquilo está certo. Então, você vai ter mil partes e vai ter que ir juntando para montar o quebra cabeça.

[00:10:48] Entrevistadora: Entendi! E qual sua opinião, Quincas... eu sei que você já está falando um pouquinho, mas eu queria entender melhor. Qual é a sua opinião sobre a forma como as notícias sobre política são escritas?

[00:11:01] Entrevistado: Então, existe um grande problema que é a questão do monopólio da mídia. A internet veio e quebra um pouco isso. Por exemplo, quando eu quero falar de política, eu faço um vídeo e envio para a galera. [inaudível]. Os grandes meios de comunicação têm uma legitimidade política, penalista. Qual foram as três grandes falhas do governo do PT? Foi cortar espaço para as mídias alternativas, em consequência aumentar para a mídia tradicional. Os dois estão errados, tanto o lance de privilegiar a mídia alternativa quanto financiar a mídia tradicional, porque você acaba não tendo uma independência editorial. Hoje, por exemplo, a Lava Jato: você pega uma delação premiada, cada veículo dá um enfoque de acordo com o grupo que pertencia. O Correio denunciou todo mundo; não fez essa distinção, mas quem é mais à esquerda mostra as denúncias contra o PSBD e o PMDB e quem é mais à direita mostra as denúncias contra o PT e PCdoB e tenta desqualificar a parte toda do outro. Então, eu acho que o Brasil tem que avançar muito nessa questão da produção de conteúdo e da independência editorial. “Eu sou Quincas, tenho uma filiação partidária, mas eu não deixo que essas convicções mudem a minha visão acerca da realidade. Eu tenho que controlar isso”. A mídia, com certeza, não faz esse controle. Você pega o pessoal da *Carta Capital*. Eles são defesa cega do PT.

[inaudível], mas as reflexões deles são mais profundas. E isso é *politicagem*. Cada um puxa para sua forma ideológica e pronto.

[00:13:29] Entrevistadora: E você acha que os seus amigos e os seus familiares concordam com você e com os seus posicionamentos? Como o seu envolvimento com política no Facebook se reflete na sua relação com os outros, tanto virtualmente quanto fora do espaço do Facebook?

[00:13:53] Entrevistado: Então, como eu não fico preso a um campo, infelizmente, eu acabo sendo julgado. Então, por exemplo, quando eu faço uma crítica ao Bolsonaro, a galera que é mais de esquerda já aplaude. “Pô, isso é legal! Bacana”. Agora, quando eu faço uma crítica ao Jean Wyllys, que em determinados momentos também parte para o desrespeito, a galera do Bolsonaro é quem aplaude. Mas, no final das contas, ninguém está muito satisfeito, então eu acabo fazendo umas críticas à forma como as coisas estão sendo conduzidas. Eu vou em todos. Para mim, não importa se é direita ou de esquerda. Sendo bandido ou tendo posicionamento radical, eu vou criticá-lo. Eu tenho até relação com alguns políticos da cidade e a pessoa fala: “Pô, Quincas, você está desenvolvendo um trabalho nas redes sociais, então por que você não critica o partido dele?”. Eu falo logo: “eu ganho pela mão de obra; eu não ganho pelo testamento. Eu não confundo o meu trabalho com o meu posicionamento político”. Então, tem isso: às vezes a pessoa acha que porque você é amiga dela, você tem que concordar com tudo. No meu relacionamento pessoal, eu acabo tendo essa dificuldade. Por exemplo, eu tenho muitos amigos petistas. Eu não deixo de fazer críticas ao PT. Quando eu falo que o que está acontecendo é um golpe porque não há um crime de responsabilidade, a galera acha maneiro. “Pô, legal!”. Mas quando eu falo que há outros crimes de responsabilidade e que a denúncia é frágil porque não envolveu esses outros crimes, aí a galera também fica brava, entendeu? É meio estranho! Infelizmente, a gente está em um momento de “turbalismos”. Todo mundo tem que ser do seu grupo ali, firme e forte; você não pode destoar nem um pouco. Isso é muito estranho, né?

[00:15:46] Entrevistadora: É verdade! É um momento bem delicado mesmo. Mas você acha, Quincas, que você já chegou a ter problemas mais graves que afetassem a sua relação com familiares ou com amigos ou você consegue contornar sempre?

[00:16:04] Entrevistado: Problemas familiares, não! Mas algumas pessoas acabam me excluindo das redes sociais e evitando de conversar. Você acaba se isolando; você nota que não está sendo muito querido por aquela pessoa, devido ao seu posicionamento. Mas eu não ligo. Pode parecer estranho, porque eu me preocupo com o coletivo e tal, mas eu não estou muito preocupado com o que o outro vai achar. Lógico que com seu posicionamento você quer convencer, mas se não vai avançar, eu também não estou nem aí, não.

[00:16:43] Entrevistadora: Então, você já chegou a excluir pessoas do Facebook por causa de política? Ou você foi excluído?

[00:16:52] Entrevistado: No começo, Mariana, eu respondia, ficava debatendo, mas, depois, chega em um ponto que... Por exemplo: a gente está falando de redução da maioria penal. Quando o cara chega e fala “ah, tem que matar todo mundo, tem que meter a bala”, eu já desisto do debate. Geralmente, as pessoas não se contentam. Elas não defendem só a pena de morte; elas falam também “ah, leva para casa!”. Antigamente, eu debatia; hoje em dia, eu já bloqueio logo e minha vida está sendo mais feliz.

[00:17:23] Entrevistadora: É muito desgastante, né?

[00:17:28] Entrevistado: Às vezes, o que está sendo debatido é tão absurdo e as questões são tão óbvias! Essa questão da criminalidade ter origem no crime patrimonial e essa questão da bancada da bala querer liberar arma para todo mundo... Porra! Mais de 50% dos homicídios são praticados por motivos fúteis ou por bens. Ou seja, no Brasil, se mata por dinheiro ou por nada. Se eu te empresto a arma, o número de pessoas morrendo por arma vai subir absurdamente. Não é uma arma que vai evitar que o bandido vai te roubar. Pelo contrário! Ele sabendo que você está armado, ele vai te matar, com certeza. Mas isso é tão óbvio que eu já não tenho mais paciência para ficar debatendo.

[00:18:18] Entrevistadora: Eu vou fazer, agora, algumas perguntas político-ideológicas, tá bom?

[00:18:23] Entrevistado: Tá tranquilo!

[00:18:25] Entrevistado: Como você acredita, Quincas, que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:18:36] Entrevistado: Mariana, eu acho que o Estado precisa regular. Ele não pode deixar na mão do mercado. Eu sou contra o Estado Liberal, mercado que auto se regula.

Comprovadamente, não deu certo e o Estado tem o dever de equilibrar as relações. Você vivencia um puta de um avanço; até essas questões dos preços, de reprimir os preços... Talvez eu precise me aprofundar um pouco mais, mas o fato é: o Estado precisa se fazer presente, porque o mercado não é justo. O mercado quer lucro, independente de, para que o lucro venha, você tenha que passar fome. O Estado tem que se fazer presente.

[00:19:16] Entrevistadora: E o que você pensa sobre o Estado garantir serviços gratuitos aos cidadãos, como saúde e educação, por exemplo?

[00:19:26] Entrevistado: É o mínimo! É o mínimo! O Estado tem que equilibrar as relações e é só por meio dos serviços públicos que ele consegue. Por exemplo, a cota para universidade, tanto social quanto racial. Se eu não tiver a cota racial, a universidade vai continuar branca e rica. Nós não precisamos de uma universidade branca e rica!

[00:19:45] Entrevistadora: É! Eu vou chegar nessa pergunta na sequência. Mas pode falar.

[00:19:51] Entrevistado: É nessa linha mesmo! O Estado tem que garantir esses serviços!

[00:19:56] Entrevistadora: Beleza! E como você acha que o governo...

[00:19:58] Entrevistado: É o mínimo existencial.

[00:20:00] Entrevistadora: Oi?

[00:20:03] Entrevistado: O Direito trata como o mínimo existencial. O Estado tem que garantir o mínimo do mínimo.

[00:20:11] Entrevistadora: Beleza! E, para você, Quincas, como o governo deve inserir socialmente os cidadãos que estão marginalizados? Marginalizados no sentido social e econômico; excluídos.

[00:20:23] Entrevistado: O que estão às margens da sociedade, né? Eu acho que o primeiro passo é redistribuição de renda e equilibrar as oportunidades. Não tem como você achar - voltando ao exemplo da faculdade - que um garoto que conseguiu o que poucos conseguem vai chegar no ensino médio e vai conseguir disputar com um garoto que fez ensino médio em uma escola melhor, de qualidade. Então, o Estado precisa intervir; ele precisa causar o aumento de oportunidades aí.

[00:20:55] Entrevistadora: E, na sua opinião, o que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:21:03] Entrevistado: Eu acho que ser pobre, hoje, é quase um DNA, né? A pessoa nasce pobre. Eu estava assistindo, esses dias, aquele programa *A Liga*. Lá fala que de todos os bilionários do Brasil - que concentram 50% da riqueza do país -, só dois não vêm de família rica; ficou rico depois. Do restante, todos são herdeiros. Então, o que faz a pessoa ser pobre já é o berço. O pobre já nasce. E aí, é um mercado que já é muito forte. Você pega o Itaú e o Bradesco. O sistema econômico do Brasil é feito para beneficiar quem já é rico e marginalizar quem já é marginal de berço.

[00:21:52] Entrevistadora: Quincas como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais? E o contexto social e político como influenciam?

[00:22:03] Entrevistado: Primeiramente, isso é uma piada; é balela essa história. Eu estava conversando com uma professora de uma creche e ela estava me falando que quem comprou o gás da creche foi o tráfico de drogas. É uma creche periférica. A última refeição da criança - que mora em um bairro periférico, uma favela - tinha sido feijão batido com coco. Como eu vou colocar...

[00:22:34] Entrevistadora: A creche fica em uma região periférica? É isso?

[00:22:41] Entrevistado: É, fica na comunidade. Como que essa criança, que está se alimentando com feijão e coco - e detalhe: a professora falou que eles deviam comer quatro vezes, mas eles não podem deixar, porque essa criança ia passar mal comendo feijão com coco. Como eu vou justificar o fracasso ou a vitória dessa criança por mérito? “Ah, se ela quisesse, ela teria conseguido”. Ela não teve opção! A opção para ela mais pragmática é vender mil quilos de cocaína por quatro horas e ganhar 100 reais por quatro horas, concorda? Quando você tem um país totalmente desigual, eu acho, Mariana, que o mérito é quando a pessoa é branca, de olho azul e de uma família rica.

[00:23:29] Entrevistadora: Eu concordo, plenamente, com você, Quincas, mas tenho ouvido cada asneira fazendo as entrevistas. Acho que é porque eu selecionei veículos da mídia hegemônica, estritamente, para fazer - eu não peguei nada de mídia alternativa -, então eu ouço muita gente bem conservadora, de uma direita bem extremista.

[00:23:55] Entrevistado: Eu mantenho a esperança porque - sei lá - eu sou louco, mas eu não vejo a esperança nessa geração. Eu não vejo esperança neles. [inaudível]

[00:24:08] Entrevistadora: Está muito mesmo! Mas eu acho que esses adolescentes que estão vindo agora, que estão chegando, estão diferentes. Eles estão mais politizados, estão pensando mais na coletividade, no social.

[00:24:24] Entrevistado: Eu tenho pensado muito nisso, sabe? É que nem na ditadura, que tinha muita gente lutando, mas tem uma galera errada também, mais gente errada do que na luta. Eu vejo assim: a internet é bacana, porque potencializa quem é bom, mas também potencializa quem é ruim. Se qualquer grupo fala de Bolsonaro, vem uma galera parecendo [inaudível]. Ontem, eu estava na faculdade, conversando com o pessoal no começo da aula e começaram a elogiar o Bolsonaro, aí um cara lá [disse] “eu prefiro votar no Capeta”, mas até esse cara falar isso - eu estava só escutando -, todo mundo estava concordando que o Bolsonaro era o cara. Eu tenho medo dessa geração, porque a galera não lê. O brasileiro é interessante. Sem preciosismo, eu pergunto “você leu O Capital?”, “não!”. Para o cara que se declara de direita liberal, “você leu Adam Smith?”, “não!”. A galera não lê. Ninguém sabe do assunto. Eu tenho medo do futuro!

[00:25:32] Entrevistadora: Você sabe que dessas pessoas... Eu estou entrando em contato com todas essas pessoas que comentaram em uma seleção de notícias que eu fiz, das mais curtidas do segundo semestre de 2014, da época das eleições. Tem muita gente com aquela faixa “Bolsonaro 2018” na foto de perfil, muita gente segurando arma na foto de capa do Facebook. São umas pessoas que me assustam um pouco. Mas nenhum desses se dispôs a dar entrevista.

[00:26:14] Entrevistado: É porque o cara nem lê. Ele sabe que não tem conteúdo suficiente para conversar.

[00:26:15] Entrevistadora: É, pode ser.

[00:26:20] Entrevistado: O fato de o Bolsonaro ser o deputado federal mais votado no Rio de Janeiro é assustador. Você pensa: se o Rio, até certo ponto, é um estado politizado e, por isso, com votos mais qualificados... A própria bancada do PSOL: o estado que tem a maior bancada do PSOL é o Rio de Janeiro, então mostra que é uma galera progressista. Mas a direita está vindo com muita força também, né?

[00:26:46] Entrevistado: Eu sou gaúcha. O mais votado do Rio Grande do Sul é o Heinze, que é aquele deputado que disse que negro, índio e mulher é tudo o que não presta. Não sei

se você se lembra desse episódio. Aqui, no DF, quem se sobressai é o Fraga, que é completamente a favor de redução de maioria, acha que as pessoas têm que ter arma mesmo. É complicado!

[00:27:16] Entrevistado: Esse discurso é falso! É muito fácil o cara falar: eu vou armar a população, para ela se defender. É muito raso! Não cabe nessa situação! Se você pensar na redução, pelo lado da polícia e de quem cometeu o crime, você vai ser favorável, mas se você pensar quais são as razões do crime, aí você já vai falar: “pô, peraí! Redução não é legal!”. Mas a galera quer o *fast-food* ideológico, aquela coisa rápida, de apresentar a fórmula mágica. Todo mundo tem uma fórmula mágica para resolver os problemas do país.

[00:27:57] Entrevistadora: Com certeza! Bom, eu vou dar continuidade às perguntas, pode ser?

[00:28:03] Entrevistado: Pode ser!

[00:28:04] Entrevistadora: O que você pensa sobre o Bolsa Família?

[00:28:10] Entrevistado: Eu falei sobre isso ontem com uma amiga. Eu participei de um congresso da UNE, acho que foi em 2007, se eu não me engano. Foi o 50º Congresso...

[00:28:22] Entrevistadora: Você viu o que aconteceu na UnB ontem, por falar nisso? Te interrompendo um pouquinho... Você chegou a ver?

[00:28:31] Entrevistado: Não vi!

[00:28:32] Entrevistadora: Um grupo...

[00:28:33] Entrevistado: Ah, vi! O pessoal mascarado lá...

[00:28:36] Entrevistadora: Um grupo de extrema-direita, fascista. Nossa! Está todo mundo meio assustado lá. Tem vídeos, se você quiser dar uma olhada depois. Tem no *Correio Braziliense*, que é o principal jornal daqui, e a *Mídia Ninja* também divulgou o vídeo. É um grupo de umas 20 pessoas, gritando “fora, cotistas!”, xingando gays, xingando negros, xingando mulheres, dizendo “viva Bolsonaro” e coisas assim.

[00:29:17] Entrevistado: Então, para você ver, a gente começa e ficar com medo de se envolver com políticas por causa dessa galera. Tem muita gente, no Brasil, que está radicalizando o espaço. A esquerda também erra ao fugir desse debate. Quando eu falo de esquerda, eu me refiro ao PSOL, ao PSTU, ao PCR, PCdoB. Eu acho que eles precisariam

também entender que é um novo momento e partir para uma postura de forma mais presente, sair das universidades. Está muito preso no contexto universitário e a direita está enchendo a coisa. Eu já tenho uma opção. Se o cara falar para mim que [inaudível], porque o conservadorismo [inaudível] não explica. Não explica, cara, essa questão da falta do amor. Você fala: “caraca!”. Eu tenho medo do futuro! Eu tenho medo do Marco Feliciano [inaudível].

[00:30:25] Entrevistadora: Mas você ia falar sobre o Bolsa Família e eu te interrompi para te contar a história da UnB ontem. Você contou que estava aqui, em Brasília, no Congresso da UNE.

[00:30:48] Entrevistado: A gente estava falando do...?

[00:30:49] Entrevistadora: Do Bolsa Família.

[00:30:51] Entrevistado: [inaudível] em relação ao Bolsa Família. [inaudível]. Mas até que uma pessoa falou assim: “eu até concordo contigo, mas você topa ir agora lá no sertão nordestino e falar para uma criança que está comendo agora graças ao Bolsa Família que esse programa deveria ser mudado, que tem falhas? Você teria coragem de cortar esse programa por causa das falhas?”. Aí, a pessoa foi repensar. Realmente, Bolsa Família não é o ideal, não é o sonho para libertar as pessoas da necessidade de ajuda do governo, mas ele é necessário. O dinheiro não é grande coisa; é um dinheiro pequeno. Muitas pessoas dizem “ah, não vai trabalhar! Você é vagabundo por isso!”. Não! Eu acho que ele deveria ser acompanhado de outras ações governamentais, mas é um programa fundamental, porque garante aquilo que a gente estava falando do mínimo existencial. Muita gente só existe hoje, graças ao Bolsa Família.

[00:32:13] Entrevistado: Você sabe, Quincas, que eu conversei com uma senhora - ela era aí do Rio também. Ela é de direita, assumidamente, e, quando eu cheguei nessa pergunta, ela me deu uma resposta que eu não esperava: ela me contou que ela era radicalmente contra o Bolsa Família, até que ela foi fazer um trabalho voluntário com a igreja no sertão nordestino. Aí, ela disse que conheceu a realidade daquelas pessoas e que ela viu que eles, realmente, não tinham oportunidade além daquilo. Eu achei uma resposta muito interessante, porque fugia daquilo que eu imaginava que ela iria me responder.

[00:32:52] Entrevistado: É mais ou menos a coisa que aconteceu comigo, mas essa pessoa negou essa opção. Um dos problemas que a gente tem muito grande, Mariana, que é do ser humano mesmo, é fazer críticas do que você não conhece. Eu almocei outro dia, tomei café da manhã, fui para a academia, tenho uma vida pobre, mas boa, tanto que eu não preciso de nenhum programa social. É muito fácil eu ter dinheiro para pré-vestibular e comprar um celular lançamento e ser contra as cotas, que se aplicam, fundamentalmente, em que está marginalizado. Eu não pratico o exercício de me colocar no lugar do outro, né? Quando você se coloca no lugar do outro, você “Opal!”. Eu, por exemplo, nunca participei das discussões de gênero, tanto LGBT quanto das mulheres, mas, com o tempo, são duas causas que passaram a me tocar um pouco mais. Eu comecei a pensar: “pô, peraí! O que é ser gay hoje no Brasil? O que é ser mulher hoje no Brasil?”. Porque, realmente, o homem precisa ter [inaudível]. Eu só acho - e volto nesse ponto - que, às vezes, fica muito radical o debate. Por exemplo, eu tenho amigas que são feministas e que falam: “você é homem, então não pode criticar o feminismo”. Eu acho que a discussão de gênero é maior que as críticas, independente de eu ser homem ou não, mas essa crítica que só a mulher constrói... Não! Eu acho que até para fortalecer as próprias mulheres da luta, é preciso a participação dos homens também. [inaudível]. Se você perguntar “Quincas, qual ‘ista’ você é - socialista, feminista?”. Eu sou muito mais para humanista, que é você olhar para o ser humano, tentar tirar esses rótulos impostos pela sociedade. Por exemplo, tirar o rótulo da mulher e olhar ela como ser humano. Como ser humano, ela tem direito as mesmas oportunidades, os mesmos acessos, o mesmo salário, tem direito a mesma integridade física preservada. [inaudível].

[00:35:23] Entrevistadora: E como você enxerga as políticas de cotas raciais, Quincas? Você começou a falar, mas eu segui com as perguntas e você não pôde...

[00:35:35] Entrevistado: Elas são necessárias. Eu estou dizendo da cota social, porque, apesar de eu ser negro, eu achava que não havia diferença entre o pobre branco e o pobre negro. Mas vendo a exclusão, eu cheguei à conclusão que é muito mais complexo ser pobre negro do que ser pobre branco. Vamos ver se você concorda. Você é branca?

[00:35:57] Entrevistadora: Sim, sou.

[00:36:02] Entrevistado: Vamos partir da ideia que você e uma irmã minha, que é negra, tem a mesma qualificação, exatamente a mesma qualificação. As duas vão disputar uma

vaga de emprego no serviço privado. As duas têm a mesma qualificação, uma negra e uma branca. Qual das duas você acha que vai ficar com a vaga?

[00:36:24] Entrevistadora: Provavelmente, a branca.

[00:36:27] Entrevistado: Provavelmente, a branca. Então, a cota é uma forma de você equilibrar. Eu sou ProUni. Qual é a minha observação sobre a cota agora? Provavelmente, os meus filhos não vão precisar do ProUni, porque eles vão poder pensar no ensino médio: “pô, meu pai trabalhou total, conseguiu pagar boas escolas e cursinhos de qualidade”. Então, meus filhos que são negros - independente da cor da pele, eles serão negros porque o pai é negro -, eles já não precisarão dessa política de crédito. Então, eu vejo as cotas, como um todo, como algo transitório. Mas qual é o prazo? 10 anos? 20 anos? 30 anos? Não! Eu acho que é até alcançar a todos. [inaudível]

[00:37:15] Entrevistadora: E a criminalidade, Quincas, como você acha que o Estado... Primeiro: a criminalidade, para você, é um problema causado, principalmente, por qual motivo?

[00:37:27] Entrevistado: Principalmente, pela desigualdade social. É o que eu te falei: 85% dos crimes praticados no país é de origem patrimonial. O tráfico de drogas também é patrimonial. Deveria estar preso [inaudível]. Se é patrimonial, [inaudível] no país. [inaudível], o crime seria menor.

[00:37:55] Entrevistadora: E como você acha que o Estado deve combater a criminalidade?

[00:38:00] Entrevistado: Equilibrando as relações, distribuindo renda, propiciando a igualdade.

[00:38:08] Entrevistadora: E, para você, como o Estado deve reinserir na sociedade os detentos que já cumpriram suas penas?

[00:38:16] Entrevistado: Esse foi um dos primeiros exercícios que eu fiz na faculdade de direito há muito tempo, na primeira vez. Comecei em 2006. Eu nem gosto desse termo “reinsere”, porque quando se fala em reinsere ou reintegrar ou reeducar, dá a impressão que essa pessoa já esteve inserida, mas, na verdade, ela nunca esteve. Ela sempre esteve à margem!

[00:38:44] Entrevistadora: É verdade! Bem observado.

[00:38:47] Entrevistado: Não há nem o que se falar em “reinserção”. Eu acho que a pessoa que cometeu um crime, ficou presa, precisa ser inserida na sociedade, por meio de qualificação profissional, por meio de educação, por meio do trabalho. Então, eu acho que a pena pela pena não tem efeito algum. Ela precisa ser acompanhada de um amparo e de uma série de medidas, o que vai propiciar essa pessoa sair, ser um profissional e vislumbrar caminhos. Sabe o que eu vejo que falta muito para a galera que vai para o crime?

[00:39:36] Entrevistadora: O quê?

[00:39:37] Entrevistado: Eles não têm perspectiva. Então, tem que dar uma perspectiva, dar uma esperança. Falar assim: “olha, aqui na creche, você não está comendo arroz com couve, feijão com coco; você tem um caminho a seguir primeiramente. Foca nisso”.

[00:40:00] Entrevistadora: E o que você acha sobre o trabalho executado pela polícia militar no país?

[00:40:07] Entrevistado: Eu acho absurdamente autoritário e já passou da hora de acabar, porque ela não é uma polícia pacificadora, ela não é uma polícia amiga da sociedade. Ela é uma polícia corrupta e, em várias oportunidades, ela mostra o caráter de repressora dela. Eu acho que a repressão não resolve o problema.

[00:40:33] Entrevistadora: Você está me ouvindo?

[00:40:36] Entrevistado: Estou ouvindo! Estou ouvindo!

[00:40:38] Entrevistadora: E o porte de armas de fogo, Quincas, o que você pensa sobre?

[00:40:44] Entrevistado: Eu acho que até a polícia precisa ser desarmada. “Ah, mas bandido tem as melhores armas”. O Brasil sequer tem fábrica de armas. Eles vão conseguir no comércio ilícito de qualquer forma. Precisa ter um controle das fronteiras, precisa que o governo faça controle de arma e tirar isso das nossas fronteiras. Acho que até o uso da polícia deveria ser restrito. Você vê aqui, no Rio de Janeiro: a pessoa [inaudível] arma para o tráfico [inaudível] em relação às armas.

[00:41:23] Entrevistadora: Bom, agora eu vou mudar para uma temática diferente. Você me contou um pouquinho que, antes, você não tinha muita identificação com o movimento LGBT e feminista, que você não tinha lido muito a respeito, certo?

[00:41:43] **Entrevistado:** Certo.

[00:41:45] **Entrevistadora:** Eu queria saber... Oi?

[00:41:46] **Entrevistado:** Eu nunca fui contrário, mas nunca entrou na minha pauta de lutas.

[00:41:54] **Entrevistadora:** Eu queria saber, Quincas, o que você acha sobre casamento homoafetivo e o porquê.

[00:42:01] **Entrevistado:** As pessoas fazem uma confusão muito grande, porque quando falam em casamento, eles já pensam em um padre e um pastor obrigatório para casar.

[00:42:08] **Entrevistadora:** Sim, é verdade!

[00:42:09] **Entrevistado:** Então, a gente nunca falou de algo religioso nem cerimônia religiosa. Nós estamos falando do reconhecimento civil e social. Esse reconhecimento é chamado como casamento. Para mim, eles têm esse direito. Desculpa?!

[00:42:27] **Entrevistadora:** Tudo bem!

[00:42:28] **Entrevistado:** Ninguém tem o direito de se intrometer. O casamento só é uma sociedade civil que dá àqueles participantes os direitos provenientes daquela sociedade. Então, eu sou totalmente favorável.

[00:42:43] **Entrevistadora:** E você acha que um casal homossexual deve ter direito a adotar uma criança?

[00:42:52] **Entrevistado:** É uma questão polêmica, né? As pessoas falam que vai influenciar. Mas, por exemplo, [inaudível] no abrigo de crianças... É uma espécie de orfanato, mas também tem crianças que os pais seguiram [inaudível]. Tem muitas crianças lá que ninguém quer. “Já tem 18 anos? Então tchau”. Quando vem um casal padrão vai adotar - um homem e uma mulher -, eles vão querer qual criança? A criança até três anos, que não tenha sofrido, de preferência branca e dos olhos claros. É melhor essa criança estar com um casal homossexual do que estar em um abrigo e viver em condições precárias.

[00:43:44] **Entrevistadora:** E o papel das mulheres na contemporaneidade, Quincas, como você o enxerga?

[00:43:52] **Entrevistado:** Eu acho que o papel da mulher é [inaudível]. Há uma limitação do acesso à posição... A mulher negra ainda. Quando a gente fala do estado social, você

vai lá: “o homem branco, rico, de olho azul e tal”, aí vai descendo e quando, chega no último da escala, é a mulher. A mulher é a última daquela lista de discussão. O papel da mulher é fundamental, mas ela ainda não é encarada como protagonista. Você pode falar: “ah, mas nós temos uma presidente mulher”. Muito do mérito da presidente mulher é, justamente, por ela ser mulher. É muito difícil fazer o papel da mulher. Então, eu acho que as mulheres ainda precisam lutar. Eu só acho que essa luta precisa ser mais inclusiva. Eu sou totalmente contra - a gente já tinha falado sobre isso - [inaudível] de querer o monopólio. “Ah, mas o homem nunca passou por isso”. Eu acho que é uma construção social e quando a construção é social você precisa de todos os envolvidos. Mas eu acho que o papel da mulher é fundamental. A mulher faz tudo e não ganha nada, né, cara? Ela trabalha fora, trabalha em casa e ainda se preocupa com o seu interior. Esse ano a gente comemora 10 anos da lei Maria da Penha. O que mudou nesses 10 anos? Ela alcançou os juízes, em um primeiro momento, mas ganhou um alcance social considerável. Você vê aquele caso de estupro coletivo...

[00:45:34] Entrevistadora: Como o quê? Não consegui entender!

[00:45:36] Entrevistado: As pessoas estão agindo de uma forma ridícula. Eu vi muitas mulheres falando: “ah, mas se ela não estivesse em um baile funk... Se ela não tivesse...”

[00:45:52] Entrevistadora: Eu entrevistei pessoas que duvidavam que fosse estupro.

[00:45:58] Entrevistado: Mas estava na cara!

[00:45:59] Entrevistado: Sim! Estava na cara! O mais impressionante é isso!

[00:46:05] Entrevistado: As pessoas fazem isso só para justificar. Elas têm ódio, muito ódio. “Ah, foi em um baile funk”. Não importa! “Ela foi com os caras para o quarto!”. Não importa! Na hora que ela dormiu e outros continuaram tocando nela e fazendo qualquer coisa com ela, é estupro e pronto! É uma questão que não tem condições de debater muito. E podem passar uma doença sexual [inaudível] justificar o crime.

[00:45:42] Entrevistadora: E como você encara a problemática do aborto?

[00:46:47] Entrevistado: Aí é um ponto que eu sou cheio de ressalvas. Eu me posiciono contra o aborto, porque eu acho que ainda há o caminho para a adoção - você pode colocar essa criança para a adoção - e há também contraceptivos. Outras pessoas falam “ah, mas é o corpo da mulher”. Eu entendo isso, mas, para mim, quando há fecundação, já há uma

expectativa de vida. Quando você decide pelo aborto, você não está só decidindo sobre o seu corpo; você está decidindo sobre uma outra vida também. Na questão do aborto, eu me coloco de forma contrária no caso de aborto de relações consensuais. Já o aborto por risco de morte da mãe ou se a criança corre risco de vida ou no caso da violência sexual, aí eu sou favorável, conforme a decisão da mulher. Mas no caso de uma relação consensual, eu sou contra porque há formas da não contracepção.

[00:47:59] Entrevistadora: E o que você pensa, Quincas, quando escuta alguma história sobre uma mulher que foi assediada?

[00:48:08] Entrevistado: Mariana, eu sou homem também. Eu faço parte também dessa cultura do assédio. Eu [inaudível], mas eu também - vou confessar aqui - já assediei. Mas eu acho que você vai aprendendo, você vai se policiando, você vai melhorando enquanto pessoa - ou não; tem gente que piora. Por exemplo, eu sou casado. Antes de qualquer ação, eu já penso na minha mulher, antes de falar alguma coisa ou de fazer alguma coisa. Às vezes, sua conduta fala [inaudível], aí você para. [inaudível]. É uma coisa a se pensar muito. Eu fico tocado com essas situações e fico tocado com a coisa do assédio, principalmente pelo fato de as mulheres serem tratadas como objeto ou pedaço de carne e os homens serem leões ferozes, prontos para atacar. Tem me incomodado bastante essa questão.

[00:49:26] Entrevistadora: Bom, agora, eu vou passar para outras temáticas, tá bom? Só tem mais duas perguntas. Não vou tomar muito do seu tempo mais. Pode ser?

[00:49:36] Entrevistado: Pode ser. Sem problema!

[00:49:37] Entrevistadora: Qual é a sua opinião sobre o país receber imigrantes de países com algum tipo de conflito ou que tenha passado por alguma situação de catástrofe natural, por exemplo?

[00:49:49] Entrevistado: Eu estou do lado de que [inaudível]. Eu acho que tem que receber, sim. Eu acho que temos que ser solidário aos povos. Não existe aquela história, igual o Trump fala em relação ao doido que atacou a boate gay: “se os pais dele não tivessem imigrado para cá, isso não teria acontecido”. Eu acho que isso não existe. Eu acho que o ser humano é ser humano com as suas qualidades intrínsecas. Não é o local que você nasceu que vai pré-determinar o que você é. Eu acho que o Brasil tem que receber os

refugiados mesmo e tem que receber as vítimas de catástrofes naturais. E eu acho que isso é bom! O que faz do Brasil um país interessante é, justamente, a pluralidade. A gente não pode partir [inaudível] e achar que isso aqui é uma hegemonia, o Brasil. [inaudível]

[00:51:04] Entrevistadora: Por fim, Quincas, eu queria saber o que você pensa sobre a proposta de regular a mídia?

[00:51:18] Entrevistado: Eu tenho até uma opinião delicada. Eu acho que a melhor regulamentação da mídia seria a liberação. A melhor proposta de regular seria a liberação. “Como assim, Quincas, liberar?”. Por exemplo, qual é o processo para você conseguir abrir um canal aberto? É extremamente burocrático e é totalmente regulado - regulado conforme os interesses de quem está no poder. Então, por que não abrir para as rádios e TV comunitárias e o governo estimular a mídia alternativa? A regulação enquanto responsabilização do que é feito na mídia, eu acho que é fundamental. [inaudível], mas a regulação quanto ao acesso à produção de conteúdo é ruim. Então, essa regulamentação tem que ser feita com muita coordenação. Por exemplo, não adianta uma regulamentação que venha do Congresso. A regulamentação pode ser um tiro se for feita por esse congresso. Então, eu acho que a regulamentação é o melhor caminho, com a responsabilização dos veículos. [inaudível] pensado conforme os interesses, que haja mecanismos judiciais para que se [inaudível] prejuízos [inaudível].

[00:53:05] Entrevistadora: Beleza! São essas as perguntas. Você quer acrescentar mais alguma coisa?

[00:53:10] Entrevistado: Não, Mariana. Está legal!

[00:53:13] Entrevistadora: Então, beleza!

[00:53:17] Entrevistado: Essa pesquisa é o quê, mestrado?

[00:53:19] Entrevistadora: É! É dissertação de mestrado.

[00:53:25] Entrevistado: Bacana! Qual é a...?

[00:53:26] Entrevistadora: Minha linha de pesquisa é Jornalismo e Sociedade e meu objeto de pesquisa é tentar traçar o perfil dos usuários do Facebook que comentam, curtem ou compartilham notícias sobre política. Aí, eu fiz um levantamento, peguei as matérias mais curtidas no segundo semestre de 2014 - aquele período pré e pós eleições. Quando eu fiz a minha proposta de mestrado, eu não imaginava que as coisas iriam perdurar até agora,

que a discussão política ia crescer ainda mais. Mas eu peguei esse recorte temporal e peguei notícias do *O Globo*, da *Folha de S.Paulo*, do *Estadão* e da *Zero Hora* e comecei a entrar em contato com as pessoas para... Oi?

[00:54:18] Entrevistado: Bacana! Eu acho que de 2014 para cá, eu me envolvi bastante com política. Eu não acreditava [inaudível] as eleições ali. [inaudível], mas foi uma tentativa de dar uma originada. Tem muita coisa que eu leio, e por mais iguais que sejam, são diferentes, se você analisar o todo, [inaudível]. Eu não gosto de radicalizar o debate, não. [inaudível] as práticas dos integrantes [inaudível].

[00:55:37] Entrevistadora: É! 2018, não sei o que vai acontecer até lá, mas, realmente, os partidos não têm candidatos fortes para botar nas eleições.

[00:55:48] Entrevistado: [inaudível] se fosse hoje 2018, eu votaria no Lula. [inaudível] avançar mais.

[00:56:01] Entrevistadora: Mas eu não sei se o Lula chega a 2018, né? Tem esse porém.

[00:56:10] Entrevistado: Eu estou dizendo se fosse hoje. [inaudível]. E eu não sei se ele está disposto a romper com isso. O que me parece é uma tentativa da Dilma de [inaudível] é o que causou aquilo nela.

[00:56:32] Entrevistadora: É, me parece também.

[00:56:35] Entrevistado: [inaudível]. Ela foi uma “candidata tampão”, porque o sucessor do Lula natural era o Dirceu; o Dirceu teve seus problemas. Aí era o Palocci; o Palocci teve seus problemas. Em 2010, a Dilma tinha [inaudível]. E o fato de ela ter uma competência gerencial, de gerente. [inaudível]. Aí ela acabou ficando em uma situação complicada porque [inaudível].

[00:57:33] Entrevistadora: É verdade! Ela ficou em uma situação muito ruim. Bom, Quincas, você quer dizer mais alguma coisa?

[00:57:43] Entrevistado: Não, Mariana. Tá tranquilo, tá tranquilo.

[00:57:44] Entrevistadora: Então, tá bom! Eu vou terminar a dissertação; provavelmente, eu devo defender no fim do ano ou no começo do ano que vem. Aí, quando eu tiver algum material já pronto, eu entro em contato com você, novamente, para te passar, tá bom?

[00:58:01] Entrevistado: Tá bom, Mariana.

[00:58:03] Entrevistadora: Beleza! Que aí você consegue ter uma ideia da sua participação, mas a entrevista é anônima; seu nome não vai aparecer em momento algum no trabalho, tá?

[00:58:15] Entrevistado: Tá ótimo, tá tranquilo!

[00:58:16] Entrevistadora: Então, tá bom! Muito obrigado, Quincas, por participar, por ter me concedido uma hora do seu tempo, do seu sábado ainda e desculpa pela confusão toda para conseguir falar com você.

[00:58:32] Entrevistado: A minha visão é assim: você agora está precisando de voluntários; daqui a pouco, eu vou precisar de voluntários. Eu imagino a dificuldade de convencer uma pessoa a dar entrevista.

[00:58:47] Entrevistadora: É difícil mesmo!

[00:58:48] Entrevistado: Com certeza, vai ser um material... Dependendo da sua capacidade, e eu acredito que se você é uma pessoa capaz, ele pode influenciar outras pessoas e ser uma forma de transformar o modelo que a gente está vivendo. No mínimo, ele vai causar a reflexão de outros. [inaudível].

[00:59:07] Entrevistadora: Espero que sim. Nossa, tomara! Então, obrigada, Quincas, pela participação.

[00:59:16] Entrevistado: Por nada. Por nada, Mariana. Se precisar, apareça.

[00:59:20] Entrevistadora: Você também. Bom fim de semana.

[00:59:25] Entrevistado: Para você também! Tchau, tchau!

[00:59:27] Entrevistadora: Obrigada! Tchau!

ANEXO J17 – Entrevistado: Raul

[00:00:04] Entrevistadora: Alô?

[00:00:06] Entrevistado: Oi, Mariana.

[00:00:07] Entrevistadora: Você pode falar agora?

[00:00:08] Entrevistado: Podemos. Pode, sim.

[00:00:10] Entrevistadora: Então, tá bom! Eu vou começar, tá bom?

[00:00:13] Entrevistado: Pode ser!

[00:00:15] Entrevistadora: Eu vou gravar a entrevista para facilitar a transcrição depois, mas o seu nome não vai aparecer, tá? Ela é anônima.

[00:00:23] Entrevistado: Tá! Também sou universitário. Sei como é.

[00:00:26] Entrevistadora: Então, tá bom! Eu queria saber, primeiro, qual é o estado onde você mora.

[00:00:33] Entrevistado: É Rio de Janeiro.

[00:00:35] Entrevistadora: E a sua idade?

[00:00:37] Entrevistado: Oi?

[00:00:38] Entrevistadora: A sua idade?

[00:00:40] Entrevistado: 33.

[00:00:42] Entrevistadora: Escolaridade? Pode ser completa ou cursando.

[00:00:46] Entrevistado: Então, estou cursando a universidade.

[00:00:50] Entrevistadora: Você faz o quê?

[00:00:52] Entrevistado: Psicologia.

[00:00:54] Entrevistadora: Ah, que legal! E você tem dispositivos de acesso à internet em casa?

[00:00:59] Entrevistado: Tenho! Tenho internet em casa, celular...

[00:01:04] Entrevistadora: Beleza! E com que frequência você acessa a internet?

[00:01:10] Entrevistado: Olha, Mariana, eu sempre estou passando, porque eu sempre estou pesquisando ou procurando informação que são de jornal. Como eu sigo, na internet, *UOL*, *O Globo*, então toda manhã, quando eu acordo, sempre dou uma pesquisada para saber alguma informação ou se tem alguma informação interessante.

[00:01:38] Entrevistadora: Mas você acessa, então, todo dia?

[00:01:43] Entrevistado: Sim, sim! Eu acesso todo dia.

[00:01:45] Entrevistadora: E com que frequência você acessa o Facebook?

[00:01:50] Entrevistado: Eu vou te explicar: eu não acessava tanto, mas como hoje fica automaticamente no celular, eu só abro mesmo quando aparece alguma... tenho alguns colegas meus que são militantes de alguns partidos, do PT, do PSDB. Quando eles botam alguma coisa assim, eu ouço para poder questionar ou fazer eles refletirem um pouco; eu questiono. Mas é sempre com frequência, sim.

[00:02:22] Entrevistadora: Mais de uma vez por dia?

[00:02:26] Entrevistado: Sim! Acho que sim. Acho que mais de uma vez por dia.

[00:02:29] Entrevistadora: Tudo bem! E qual é o meio você mais utiliza para se manter informado: jornal, rádio, TV, site de notícias, o próprio Facebook, Twitter ou algum outro?

[00:02:39] Entrevistado: Pela rádio! Na *Band News*, a bancada do Boechat eu escuto pela manhã, quase todo dia.

[00:02:48] Entrevistadora: Eu também!

[00:02:51] Entrevistado: Dificilmente, eu... É porque eu estudo de manhã. Mesmo quando eu estou em casa, eu coloco o despertador para 07h30 para poder ouvir ele, porque eu acho ele brilhante, as suas falas, a sua colocação.

[00:03:05] Entrevistadora: Você estuda de manhã e trabalha à noite?

[00:03:07] Entrevistado: Isso! Estudo de manhã e, à noite, trabalho como auxiliar administrativo em um hospital, aqui na Barra.

[00:03:17] Entrevistadora: Ah, você mora no Rio capital mesmo, né?

[00:03:20] Entrevistado: Isso! Rio capital!

[00:03:23] **Entrevistadora:** E você é filiado ou simpatizante de algum partido político, Raul?

[00:03:27] **Entrevistado:** Não! Não, não! Eu sou simpatizante pela Marina Silva, mas eu não tenho filiação a nenhum partido. Sou neutro nesse negócio. Só à linha de raciocínio da Marina que eu sou um pouco apegado, mas não sou muito de partido, não. Eu sou meio neutro nesse negócio aí.

[00:03:50] **Entrevistadora:** Com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política no Facebook?

[00:03:57] **Entrevistado:** Eu não entendi essa pergunta.

[00:04:04] **Entrevistadora:** Eu cheguei até você porque você comentou em uma reportagem. Era uma notícia sobre uma fala da Marina Silva, certo?

[00:04:15] **Entrevistado:** Sim!

[00:04:16] **Entrevistadora:** Eu não me lembro se foi na *Folha de S.Paulo* ou se foi no *O Globo*.

[00:04:23] **Entrevistado:** Acho que foi na *Folha de S.Paulo*.

[00:04:24] **Entrevistadora:** Foi na *Folha*?

[00:04:25] **Entrevistado:** Foi!

[00:04:26] **Entrevistadora:** Eu queria saber se você costuma comentar nessas notícias sobre política, se você costuma comentar em notícias que seus amigos compartilham sobre política ou se você mesmo compartilha essas informações no Facebook.

[00:04:39] **Entrevistado:** Ah sim! Eu tanto compartilho quando é algo interessante, quanto também tento dar minha opinião quando é alguma coisa interessante. Quando alguma notícia é relevante no *UOL*, na *Folha* ou no *O Globo*, sempre tem os comentários e eu fico olhando. Alguns comentários são bem críticos mesmo, então eu tento colocar uma outra versão, um outro olhar também. Mas eu sou tanto de compartilhar quanto de participar.

[00:05:17] **Entrevistadora:** E por que você se interessa pelas temáticas políticas?

[00:05:22] Entrevistado: Primeiro, porque depois que eu passei para a universidade, a mente abriu um pouco, né? A questão também de ter ouvido muito o Boechat. Depois que eu passei a ouvir muito a rádio de manhã com ele, a questão da política me deu um pouco mais de sentido. Às vezes, quando você não tem muito conhecimento, fica ouvindo muito falar, falar, falar, mas tem um linguajar que não é muito o do seu cotidiano. Eu não sei o porquê, talvez pela forma como o Boechat se colocou e como se coloca, se encaixou muito a forma como eu entendo o que ele fala, então eu acabei me interessando mais por essa linha de raciocínio que ele fala. Algumas coisas eu passei a observar, por exemplo, sobre as emendas no Congresso: o Boechat vai lá e explica um pouco sobre essa emenda, qual a finalidade, se tem fundamento ou se não tem, se a intenção é apenas favorecer político ou se não é. Então, conforme ele vai falando, você vai ampliando a sua mente. Então, eu fui entender que política faz parte da sociedade. Se você não participar, é como se você desse a chave da sua casa para um cidadão que vai administrar a sua casa e você nem sabe o que ele vai estar fazendo. Então, passei a entender mais de política. Ficou claro ou não?

[00:06:38] Entrevistadora: Foi bem claro! Consegui entender, sim. Eu queria saber com que tipo de posicionamentos políticos você se identifica mais: direita, centro-direita, centro, esquerda, centro-esquerda?

[00:06:54] Entrevistado: Agora, você me fez uma pergunta bem interessante. Com essa pergunta, você me deixou bem... Sei lá!

[00:07:10] Entrevistadora: Você acha, então, que você não tem uma identificação para um lado ou para o outro?

[00:07:15] Entrevistado: Eu acho que não. Acho que eu não me achei ainda, não. Por conta da minha universidade, eu me acho muito observador e fico procurando novas linha de questionamento. Mas eu ainda não me identifiquei ainda, não, confesso para você. Como eu te falei, eu me identifiquei um pouco com a Marina, com algumas linhas de raciocínio dela - a algumas linhas de raciocínio dela eu me apaguei um pouco -, mas também não sou de levantar bandeira e de dizer "sou Marina até morrer".

[00:07:49] Entrevistadora: E como você procura se informar sobre o cenário político do país? É pelos mesmos canais que você usa para se manter informado?

[00:08:00] Entrevistado: Como assim? Repete aí.

[00:08:02] **Entrevistadora:** Como você procura se informar sobre o cenário político do país? Você me disse que você ouve muito rádio. Queria saber se é do mesmo jeito ou se você tem outro canal que você usa. Você acessa blogs, por exemplo?

[00:08:16] **Entrevistado:** Tem, tem! São o da rádio e também alguns jornais. Confesso que a parte política me interessa muito. Vou te confessar que - na minha análise pessoal-terapêutica - o que me chama tanta atenção na política, coisa que não se fazia muito: talvez seja por causa dos protestos de 2013, que eu participei. Confesso que eu fui um militante constantemente, no Rio de Janeiro, dos protestos.

[00:08:54] **Entrevistadora:** Desde o começo ou você passou...?

[00:08:56] **Entrevistado:** Desde o começo.

[00:08:58] **Entrevistadora:** Interessante!

[00:08:59] **Entrevistado:** O primeiro protesto que teve, o que deu 100 mil pessoas, eu fui porque estava rolando no Face e tal aquilo da passagem e eu também me senti lesado porque também achei um absurdo. Eu fui. Foi uma coisa tão impactante aquele dia que eu confesso que eu fiquei meio emocionado, porque cantaram o hino nacional... Eu nunca tinha sentido emoções como naquele dia. Dali em diante, eu comecei a ampliar mais ainda. Já ouvia o Ricardo Boechat antes, mas daquele dia em diante que a coisa começou a ter mais sentido para mim. Eu passei a ir mais ao protesto, passei a frequentar mais os protestos. Tentei até entrar na Câmara dos Vereadores, fui no gabinete de alguns vereadores que estavam envolvidos na CPI dos ônibus. Entrei em um gabinete, fui ver como os caras trabalham, que, por sinal, não fazem nada; só ficam ali para encher linguiça, aí no final ainda tem um monte de benefícios para eles mesmo. Aí, eu fui aumentando. Mas a questão é por rádio e por jornal também, *UOL*. Eu sempre abro na internet *UOL*, *Folha*, *O Globo*, *O Dia*, para ver se a informação está batendo, se não está, se tem uma noção diferente, se tem uma opinião diferente.

[00:10:27] **Entrevistadora:** Era, justamente, a minha próxima pergunta: o que você acha sobre a forma como as notícias sobre política são escritas?

[00:10:36] **Entrevistado:** Me dá uma explicação porque eu não consegui entender.

[00:10:41] **Entrevistadora:** Você acha o quê sobre a forma como as notícias são escritas? Você acha que as notícias são bem escritas, que as notícias são enviesadas, tendenciosas ou

você consegue acreditar nas notícias? Como você faz para ter esse equilíbrio de saber o que é verdade e o que não é?

[00:11:03] Entrevistado: Então, o jornalismo, muitas vezes, é tendencioso. Dificilmente, ele é neutro. Eu já percebi isso. Já consegui identificar que quando... Dificilmente, ele consegue ser neutro. Mas é o que eu estava te falando: eu não abro em uma parte só de um jornal - eu sempre estou abrindo em dois ou três, para ver se a linha de raciocínio é a mesma ou se tem alguma forma de interpretação diferente -, então eu estou sempre lendo. Uma perspectiva que eu também gosto é do Reinaldo Azevedo, que é da *Época* ou da *Veja* - eu não lembro bem. Ele sempre traz uma linha de raciocínio bem legal, bem interessante. Então, quando tem ele, eu tento abrir outro para ver se a linha de raciocínio é a mesma ou se tem outra linha de interpretação, Mas, no contexto geral, é tendenciosa, infelizmente. Só um exemplo: quando a Globo vai falar alguma coisa sobre cassação do Bolsonaro, ela repete durante uma semana. “O Bolsonaro fez isso, o Bolsonaro fez aquilo”. Então, é muito tendencioso a crítica ao Bolsonaro. Eu já percebo isso na Globo, ela é muito tendenciosa.

[00:12:24] Entrevistadora: E você já teve problemas com seus familiares e amigos por causa dos seus posicionamentos políticos? Como o seu envolvimento com política no Facebook se reflete na sua relação com as outras pessoas?

[00:12:38] Entrevistado: Até agora, tem sido mais tranquilo. Eu também não tento muito questionar quando vejo essa definição. Por exemplo, eu tenho um amigo que é corretor - eu comprei a casa dele - e ele é petista mesmo, ajudou a fundar o PT. Ele sempre está fazendo alguma coisa no Face. Quando eu fui adicionar ele, estava uma frase, alguma coisa. Eu sempre questiono ele e ele fala que eu sou coxinha, por, principalmente, eu criticar o PT. Mas eu falo “Não, não é somente o PT. É o geral”. Mas quando eu vejo que a coisa está se aprofundando e saindo um pouco do racional, eu paro e deixo ele falando sozinho. Mas até agora nunca tive não, porque eu tento sempre tentar evoluir no debate, mas quando o debate cai para o lado pessoal, aí eu me retiro e não me aprofundo, não, porque, quando você já está com a conversa definida, se você vai defender como algo seu e certo, então não tem como. Então, fica você com as suas fontes que eu fico com as minhas. Mas nunca tive, não, nem com os meus familiares... Meus familiares não participam muito, não. São poucos ligados nesse negócio aí.

[00:13:58] **Entrevistadora:** Beleza! Agora, eu vou fazer algumas perguntas político-ideológicas, tá bom?

[00:14:03] **Entrevistado:** Sim!

[00:14:04] **Entrevistadora:** Como você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:14:15] **Entrevistado:** Você podia traduzir um pouco e me explicar essa pergunta do outro lado?

[00:14:21] **Entrevistadora:** *Uhum!* Essas perguntas são mais complicadinhas mesmo.

[00:14:27] **Entrevistado:** Só me dá um exemplo ou me explica com poucas palavras.

[00:14:30] **Entrevistadora:** Você acha que o Estado deve interferir no mercado ou você acha que o mercado deve ser livre, sem nenhuma regulação por parte do Estado?

[00:14:46] **Entrevistado:** Fica uma coisa controversa aí, porque, se deixar livre, tem essa questão de monopólio. O Estado, realmente, tem que estar entrando para exercer o controle. Eu acho que teria que ter um controle, mas, sei lá. Agora, você me pegou com essa pergunta agora, Mariana. Essa pergunta é um pouco complexa.

[00:15:06] **Entrevistadora:** É complexa mesmo! Mas depois elas ficam mais fáceis. Não se preocupe.

[00:15:13] **Entrevistado:** É como eu estou te falando... Sei lá, sei lá! Eu acho que o Estado deveria, sim, interferir na questão de como deveria ser, mas não de uma forma... Sei lá! Não sei te explicar. Eu não sei como.

[00:15:30] **Entrevistadora:** Mas eu acho que eu consegui entender o que você quis dizer. Você acha que deve existir algum tipo de regulação, mas não uma interferência muito intensa, né?

[00:15:41] **Entrevistado:** É! Você foi brilhante na sua colocação. É isso aí! É isso aí mesmo!

[00:15:47] **Entrevistadora:** Eu consegui entender, sim. E o que você pensa sobre o Estado garantir serviços gratuitos aos cidadãos, como saúde e educação, por exemplo?

[00:15:56] **Entrevistado:** Obrigação!

[00:15:58] Entrevistadora: Obrigação? Por quê?

[00:15:59] Entrevistado: É! Porque temos uma população, infelizmente, pelo histórico do seu crescimento, que não tem muito acesso a muitas coisas, fica muito a mercê. Se o Estado também não der o básico, o básico, básico, básico... Aqui, no Rio, para você fazer uma cirurgia, você tem que esperar quase três, quatro, cinco anos. O Estado, por sinal, não está dando uma boa educação para a população ter uma boa qualificação para poder evoluir. Não dá, não dá! Infelizmente, a pobreza é a forma de o político se garantir e se perpetuar no poder; é a forma que eles têm. Se o Estado não dá pelo menos o mínimo à pessoa, que é educação e saúde, fica uma forma mais difícil do que está.

[00:17:11] Entrevistadora: Como...

[00:17:12] Entrevistado: Você acha que...?

[00:17:13] Entrevistadora: Pode falar. Acho que te interrompi.

[00:17:14] Entrevistado: Eu consegui ser claro ou faltou alguma coisa?

[00:17:17] Entrevistadora: Conseguiu, sim. Eu consegui entender. E, agora, eu queria saber como você acha que o Estado deve inserir socialmente as pessoas excluídas, as pessoas marginalizadas na sociedade, as pessoas mais pobres, que têm menos acesso.

[00:17:38] Entrevistado: É porque o Estado não é presente. Por exemplo, eu já morei em comunidades, há uns cinco anos - eu morei desde 1994 a 2010 - e eu só fui ao cinema aos 21 anos, eu só fui ter informação e cultura aos 23 anos. Por quê? Porque o acesso não chega! Na comunidade, o que clareia para você é funk e futebol, ou seja, o Estado não chega com estrutura, com acesso à cultura, com acesso a outros meios, para você ampliar seus horizontes e achar que tem um mundo melhor do que aquilo ali. O Estado, sendo negligente nessa parte, fez com que eu só tivesse acesso à informação depois dos 20 e poucos anos. Eu venho de uma família que ninguém vem de nível superior, que veio bem do básico do básico. A maioria ou todos eram analfabetos também. Então, só fui ter acesso e formação lá pelos 20 e poucos anos. A culpa era só minha? Pode ser minha também, mas é do Estado também, porque eu não tive acesso. Acesso não é fácil como deveria chegar.

[00:19:11] Entrevistadora: É, com certeza é do Estado também! Que bom que você está conseguindo fazer o ensino superior.

[00:19:20] **Entrevistado:** Sim! Eu só consegui ampliar os meus horizontes, Mariana, depois que eu me converti. É engraçado, né? Eu me converti evangélico, então passei muito a ler a Bíblia e aí senti fome de outros livros, aí outro livro, outro livro, outro livro, lendo, lendo, lendo, até ampliar os horizontes e por ter contato com outras pessoas que estudavam também. Mas eu confesso que se não tivesse entrado para a religião - sei lá - talvez hoje eu continuaria na favela, com pensamento de baile funk, namoradinha. Esse pensamento que eu tenho hoje talvez não teria se não tivesse contato com as pessoas lá de fora. Eu falo das pessoas de fora por quê? Porque eu me converti, fui para um congresso, ia para uma assembleia, ia para outro congresso, participava, encontrava com outros jovens - um estudava, outro fazia preparatório -, então fui pegando informação que eu não tinha na comunidade.

[00:20:20] **Entrevistadora:** Você está em que semestre da faculdade?

[00:20:22] **Entrevistado:** Estou no oitavo.

[00:20:23] **Entrevistadora:** Ah, você já está terminando, né?

[00:20:24] **Entrevistado:** Sim, sim!

[00:20:28] **Entrevistadora:** São dez semestres?

[00:20:29] **Entrevistado:** Oi?

[00:20:30] **Entrevistadora:** São dez ou são oito?

[00:20:31] **Entrevistado:** São dez.

[00:20:32] **Entrevistadora:** A minha são oito; foram oito.

[00:20:37] **Entrevistado:** Ah é? É porque eles aumentaram. É uma forma de poder comer um pouquinho mais o dinheiro do...

[00:20:42] **Entrevistadora:** Mas eu acho que o meu curso de jornalismo são oito semestres, mas o seu, que é mais voltado para saúde e biológicas, é mais tempo mesmo, né?

[00:20:54] **Entrevistado:** É, pode ser também! Eu percebi que tem muita matéria repetitiva. Eles colocam lá um, dois e três, mas, no final, é tudo a mesma coisa.

[00:21:02] **Entrevistadora:** É! Isso tem mesmo.

[00:21:06] Entrevistado: Então, é mais ou menos isso daí, A questão do acesso foi por causa disso, mas confesso que, depois que eu fui entender essa questão de política, o Estado é muito ausente. Eu até visitei algumas comunidades quando eu fui fazer estágio na escola do Complexo do Alemão. Poxa! Eu fiquei chocado! O jovem lá não consegue ampliar os horizontes. Eu fui fazer estágio lá com um primo autista. Como a escola era na comunidade, a escola não conseguiu separar, a escola deixou-se levar pela comunidade. Os meninos da comunidade só falavam de funk, futebol e mulher. A aula rolava e os outros falando. É o Estado tentar interferir aí, tentar botar estudo, tentar botar acesso ao teatro, ao cinema, para ampliar os horizontes, mostrar outros modos de lazer, enfim! Mas é mais ou menos isso aí. O que eu falo é que o Estado é muito negligente. Mas é como eu estava te falando: a forma de perpetuar no poder os políticos é o pobre, porque como ele não participa da política, então ele vota em quem chegar mais próximo, como eu já vi de o pessoal pegar um folheto no chão e “Opa! É nesse aqui que eu vou votar”.

[00:22:25] Entrevistadora: E o que você acha, Raul, que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:22:33] Entrevistado: Em qual sentido? Na mente ou...?

[00:22:38] Entrevistadora: Economicamente! Essa pergunta é bem ampla mesmo, que é para entender a opinião das pessoas. É no sentido financeiro.

[00:22:49] Entrevistado: Teve uma época que eu tentei estudar um pouco essa questão. Na minha percepção, quando você é criado em um ambiente favorável, a tendência é você crescer, na forma cognitiva, financeiramente, socialmente. Você vai ampliando. Quando você já veio de um lugar muito pobre e não tem acesso, é a coisa árdua, é muito difícil. Então, no meu caso, como o de muitos que conseguiram dar a volta por cima, isso não é uma coisa contínua de se ver. Então, essa questão da pobreza já vem do início, da separação da terra, da questão dos poderes.

[00:23:38] Entrevistadora: É histórico, né?

[00:23:39] Entrevistado: É! É histórico já. Aboliram os escravos - “agora, vocês são livres” -, mas não deram casa, não deram condições, aí os escravos foram invadir o morro. Ou seja, você vê a situação geográfica... Quando você vai na Barra, você vê aqueles prédios, aquelas coisas, mas mais para frente você vê as favelas, Jacarepaguá; você vai em Copacabana, mas de longe você vê o Cantagalo; você vai em São Conrado - área nobre -,

mas você vê a Rocinha. Então, você vê as desigualdades nas principais áreas. Então, é difícil quando você nasce em um lugar que você já foi discriminado lá atrás. Você já vem com essa sobrecarga, já vem com essa discriminação, então, para você sair dessa situação, só com muito estudo. É você perceber que você já foi roubado, lesado, lá atrás e não tem como voltar e você tem que se virar para dar a volta por cima. Expliquei bem?

[00:24:43] Entrevistadora: Conseguiu! Conseguiu se explicar direitinho. Isso tem a ver, justamente, com a minha próxima pergunta, que é: como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais?

[00:24:59] Entrevistado: Me dá uma explicação. Me explica melhor.

[00:25:02] Entrevistadora: Como você acha que o mérito individual, que o esforço da própria pessoa, influencia nas conquistas dela, e como você acha que o contexto social influencia? Até que ponto você acha que está relacionado ao esforço da própria pessoa e até que ponto você acha que tem uma série de fatores históricos, culturais, financeiros, sociais? Deu para entender?

[00:25:29] Entrevistado: Então, vou te dar uma boa explicação de uma garota que eu estou atendendo na faculdade. Por sinal, ela está também terminando Psicologia, no mesmo período que eu e eu brinco, porque eu faço estágio e fico na faculdade. Ela tem um complexo de inferioridade, porque ela acha que quando se formar não vai conseguir emprego. Um dia ela me deu uma passagem bem legal. Ela trabalha como manicure e atendeu uma mulher na Barra e a filha dela falava muito bem, falava já duas línguas e não tinha nem iniciado a faculdade. Ela já estava no oitavo período e ficou falando: “Poxa! Com certeza, eu não vou conseguir concorrer a uma vaga de emprego com essa menina. Ela fala super bem, tem duas línguas, se expressa melhor”. Mas ficam duas questões. Ela pode não ser tão boa nessa questão de escrita, mas na questão social ela se sairia melhor. Por quê? Porque ela é manicure, mora na Rocinha, já viu tudo que possa ver de tráfico, de pobreza, então ela tem uma resiliência nessa parte. Na parte escrita, não. E a outra, sim, na parte escrita, porque se desenvolveu, sabe falar melhor, mas talvez na parte financeiramente complicada, ela não tenha tanta resistência quanto a outra tem. Então, existem esses dois lados: uma que teve uma situação complicada, mas consegue estar achando saídas, como a outra que tem um poder e um acesso mais fácil. Uma coisa é você estudar sem trabalhar; uma coisa é você estudar e ter que trabalhar, se virar, dedicar ao

estudo, ao trabalho, à família, ao filho. É muito diferente! Mas, mesmo assim, você consegue dar a volta. A pergunta que você me falou é sobre como essa pessoa se sai, é isso?

[00:27:44] Entrevistadora: É! Como você acha que o esforço da pessoa leva ela até as conquistas pessoais dela e como você acha que todo um contexto social, financeiro, cultural, interfere nessas conquistas também?

[00:28:01] Entrevistado: Então, elas interferem nessa questão. Por exemplo, eu vou disputar uma vaga com uma menina ou um rapaz que nunca trabalhou e que só vive estudando, porque o pai pôde proporcionar isso a ele. Com certeza, ele vai estar um pouco à frente, mas na questão de prática... como posso dizer? Por exemplo, eu trabalho em um hospital. Se vim um rapaz disputar alguma coisa comigo na teoria, eu posso estar levando vantagem porque eu tenho a prática. Mas se eu for disputar em outra área que não seja a hospitalar, por exemplo, em um RH, eu não vou ter tanto... como é que fala?

[00:28:47] Entrevistadora: Tanto domínio?

[00:28:48] Entrevistado: Tanto domínio, porque eu só vou ter um pouco da teoria, mas não tanto quanto o rapaz que teve bastante tempo para estudar. É disso que eu estou falando: a parte social te ajuda para você ganhar uma resiliência, sim, mas na teoria a gente deixa um pouco a desejar.

[00:29:10] Entrevistadora: Beleza!

[00:29:11] Entrevistado: Consegui explicar?

[00:29:12] Entrevistadora: Conseguiu, sim. Entendi. Eu queria saber, Raul, o que você pensa sobre o Bolsa Família?

[00:29:21] Entrevistado: Então, é legal, porque tem pessoas que, geralmente, não têm nada, mas é como se fosse uma bolsa eleitoreira, né? Também virou algo... como é que se fala? Se eu não me engano, no Fernando Henrique, era uma bolsa que você só podia comprar no mercado; não podia comprar roupa. Depois que passou para dinheiro. Eu vi muitos comentários - até de pessoal próximo - que a mulher tinha três filhos e recebia 400 reais, mas nunca botava comida suficiente, só comprava coisa para si - ainda mais as mulheres de comunidade que têm filho, deixam os filhos com as avós e pegam o dinheiro para se beneficiar. Acabou saindo um pouco do controle, eu acho. Eu acho que deveria ser

no formato cartão, porque você não precisa do dinheiro. Mas tem aquela questão: você está interferindo no que ela deveria comprar. Aí, entra aquela outra versão: você dar para a pessoa fazer o que ela bem achar melhor, porque às vezes ela não está querendo comprar, e está querendo comprar roupa de frio. E aí? Aí fica essa questão também: você vai interferir ou você vai dar para a pessoa decidir o que ela tem que fazer? Mas também tem esse descontrole: você dá em dinheiro e a pessoa não faz aquilo que deveria fazer. Mas tem que dar? Tem que dar, porque, realmente, é como eu te falei: como a nossa separação, lá do início, foi desigual, foi jogado às moscas, então tem muita gente que não tem condições e não tem emprego para todo mundo e aqueles que não têm também precisam comer, então acho que tem que dar, sim. Se um político *vagabundo* ganha R\$ 30 e poucos mil e tem não sei quantos benefícios, cento e poucos mil para os seus assessores, vale daquilo, vale disso; se um vagabundo desses que nem o Eduardo Cunha tem R\$ 500 mil para se manter lá na sua casinha de Presidente da Câmara e mais R\$ 700 mil para ter segurança; e um miserável não pode ganhar 270 reais? Sei lá! Nessa proporção aí, eu acho que tem que dar, sim, mas eu acho que está perdendo um pouco o controle.

[00:31:37] Entrevistadora: E sobre as políticas de cotas raciais, o que você acha?

[00:31:41] Entrevistado: Eu acho, realmente, que é um pouco desproporcional, mas a gente é um país preconceituoso. Infelizmente, ainda é. Está na raiz. É complicado! Rapaz, você me deixou agora...

[00:32:12] Entrevistadora: São todas perguntas bem polêmicas mesmo.

[00:32:15] Entrevistado: Que nem eu estou te falando, a questão social interfere? Interfere! Eu trabalho à noite e vou para a faculdade que nem um zumbi. Quando chega a segunda aula, 10 horas da manhã, 11 horas, os olhos começam a ficar vermelhos. “Tá drogado?”, “Não! Estou vindo do trabalho”. Uma coisa é um rapaz que tem condições financeiras, é filho de não sei da onde... Um cara chega lá de manhã, é bem orientado, pega um carro lá e vem estudar, é claro e evidente que, na hora de fazer uma prova, ele está um pouquinho à frente. Isso não é na lógica, mas é claro e evidente que dá uma vantagem a ele. Ainda mais se for uma pessoa que é negra, que já veio daquela condição de discriminada, que, lá de trás, tem que se matar para sair daquela situação da vida que viveu e que vive, para depois disputar. Eu acho que é uma luta constante que ele já tem. Eu acho que, sim, que tem que ter essa cota.

[00:33:22] **Entrevistadora:** Você estuda em universidade pública ou particular?

[00:33:27] **Entrevistado:** Eu estudo na particular, mas com bolsa do Fies.

[00:33:31] **Entrevistadora:** Ah, você usa o Fies! Legal!

[00:33:33] **Entrevistado:** Só que eu iniciei a faculdade, mas no segundo período as coisas começaram a apertar. Eu trabalhava em dois empregos, mas eu vi que trabalhar em dois não dava para eu poder estudar; era muita coisa para ler. Então, eu não consegui ficar.

[00:33:43] **Entrevistadora:** É, realmente! Trabalhando em um já é difícil, né?

[00:33:48] **Entrevistado:** É, justamente! Então, eu tive que sair de um e aí foi quando me falaram do Fies. Eu fiquei pensando, analisando, aí eu falei: “Poxa! Ou eu tranco a faculdade ou eu vou continuar e faço o Fies”. Aí, eles aceitaram e - enfim - continuei com o Fies. Mas é o que eu estou te falando: é difícil, é difícil!

[00:34:12] **Entrevistadora:** É, essas perguntas são difíceis mesmo. E a criminalidade, Raul, você acha que é um problema causado, principalmente, por qual motivo?

[00:34:25] **Entrevistado:** “N” fatores, mas acesso à educação eu acho que é o primordial. Se você pega a porcentagem de criminoso, o cara tem o ninho dele totalmente distorcido. Acho que o social interfere muito na criminalização. Eu acho que quanto menos escolaridade – é claro e evidente que tirando os políticos, porque eles têm muito conhecimento –, a parte da carne ser mais violenta, se você pegar o histórico, é de pessoas que estão no nível bem, bem, bem baixo mesmo. Por exemplo, quando eu morei na comunidade, muitos colegas estão bandidos porque não ampliaram a mente, não conseguem enxergar. “Vai fazer uma conta de engenharia”, eu e você nunca vamos saber, por quê? Porque a gente não teve acesso a essa informação. Não tem como a gente fazer isso daí porque a gente não teve esse acesso. Então, eu via muito as pessoas se basearem na vida do tráfico, de bandido, porque não tinham acesso a outras informações. Eles iam na onda.

[00:35:35] **Entrevistadora:** Era o que a pessoa conhecia, né?

[00:35:37] **Entrevistado:** É! Justamente, o Estado não dá informação, para não deixar essa pessoa ampliar, porque, no fundo, no fundo, ele gosta disso, porque alimenta a criminalização e alimenta a política no Brasil. Eu, pelo menos, percebo dessa forma. É uma

forma de eles se perpetuarem no poder, como está aí o Sarney, o Renan, o Cunha, esses caras que estão eternamente no poder, que passa de pai para filho.

[00:36:04] Entrevistadora: É uma visão bem interessante. Sabia que ninguém tinha citado isso ainda?

[00:36:09] Entrevistado: Sobre?

[00:36:11] Entrevistadora: Sobre a pobreza ser uma forma dos políticos se perpetuarem no poder, como você falou. Ninguém tinha feito essa observação ainda. Achei bem interessante, bem válida.

[00:36:23] Entrevistado: Eu percebi isso, Mariana, na eleição de 2014. Quando eu participei muito daqueles protestos lá, tinham alguns políticos que estavam participando...

[00:36:36] Entrevistadora: Nos protestos de 2013?

[00:36:38] Entrevistado: Isso! Em 2013 - ou foi 2014 - tentaram fazer a CPI dos ônibus no Rio de Janeiro e alguns políticos entraram para poder barrar. Eu andei pesquisando sobre esses políticos e eles eram tipo milicianos. Tem áreas do Rio de Janeiro que eles comandam. Eles são milicianos, como passou no filme *Tropa de Elite*. Qual é a jogada que eles fazem? Eles botam pressão pesada nas áreas pobres. Eu percebi isso porque, nas comunidades, eles eram muito fortes, botavam cartazes nas casas.

[00:37:14] Entrevistadora: O próprio Cunha, não é?

[00:37:17] Entrevistado: Oi?

[00:37:18] Entrevistadora: O próprio Cunha era.

[00:37:20] Entrevistado: O próprio Cunha! O próprio Cunha! Mas, tipo assim, eles ouvem muito o lado do pobre. Vai chegando as eleições, eles vão pesado nas comunidades, por quê? Porque ninguém lembra. Eles não participam, então eles não sabem quem verdadeiramente é o Cunha, que é o Renan. Como é que o Collor conseguiu se candidatar lá na cidade dele? Vai ver o histórico do pessoal: é pobre. É porque esses caras estão à frente dessas áreas. Então, a forma de se perpetuar no poder é dessa forma: continuar com a pobreza e com a ignorância, porque o povo esquece. Realmente, se você chegar na comunidade e falar “quem é Renan?”, “quem é Cunha?”, “quem é Sarney?”, poucos vão saber. Aqui no estado tem um tal de Brazão. É um miliciano da pesada. Agora, ele está no

Tribunal de Contas do Rio de Janeiro. Pô, o cara é miliciano ferrado na Baixada do Jacarepaguá! Só que você chega nas comunidades bem pobres, ele bota lá todas as fotos. Então, o cara sai de casa, não tem ninguém para votar e vê lá aquele cara que está constantemente na sua comunidade, ele vai lá e vota naquele cara, principalmente naquele ano. Depois, o cara some. Os caras que não participam muito são pobres e não está nem aí para a eleição. Mas a forma que o político faz é dessa forma. Então, eu percebo que a pobreza e a marginalização, eles fazem de uma forma para se perpetuar. E se perpetua mesmo, porque não é possível você ver um cara ficha suja continuar se candidatando, continuando na eleição, vendo esse cara no poder! Não é possível! É dessa forma!

[00:39:00] Entrevistadora: E você acha que o Estado deve combater a criminalidade como?

[00:39:09] Entrevistado: A longo prazo! É a longo prazo! É a longo prazo! Pega um rapaz que entrou na bandidagem, tipo assim que foi pelo outro, porque o rapaz não tem conhecimento, não tem informação, aí vem muitas pessoas “metendo o pau” e dizendo “é por causa disso”. Até um amigo meu, que é ateu, muito estudioso também, disse “fez isso e isso porque ele quis”. Não! Eu acho que é muito...

[00:39:42] Entrevistadora: Você precisa parar? Se você quiser, eu retorno daqui a pouco.

[00:39:45] Entrevistado: Não, não! Foram alguns problemas técnicos aqui. Foi um chatinho, que estava brincando aqui. Para eu poder lembrar aqui, qual foi a pergunta que você falou?

[00:39:55] Entrevistadora: Como que você acha que o Estado deve combater a criminalidade?

[00:40:00] Entrevistado: Então, como eu estou te falando, é a longo prazo. É com estudo! Não tem outro meio. É a longo prazo! Você vai prender um rapaz aqui e vai botar no presídio. Lá...

[00:40:16] Entrevistadora: Você estava contando do seu amigo, que você disse que ele é ateu.

[00:40:20] Entrevistado: Ah tá! Isso! Eu falei que ele era ateu porque ele é muito radical. Ele é a favor da diminuição do menor e eu falo que não porque ele está em desenvolvimento e como ele não tem acesso à informação, o que vier à mente dele, ele vai

usar. Vai chegar na comunidade, só fala sobre tráfico, só sobre tráfico; os pais são de nível bem lá em baixo, não tem acesso, não lhe passam outra informação, só trabalham; chega em casa da escola, só fala de bandido, futebol, bandido, tráfico. No final, vai chegar na minha cognição, que está se formando ainda, que o tráfico é o melhor caminho. Então, vai dizer que a culpa é somente dele? Não! Tem o Estado também. Mas eu acho que é a longo prazo. Essa questão da criminalidade é a longo prazo, com o Estado presente, dando educação, dando acesso à cultura, dando acesso a alguns meios para esse jovem ampliar os horizontes e saber que a criminalidade não vai levar a nada.

[00:41:23] Entrevistadora: Você é contra a redução da maioridade, então, né?

[00:41:30] Entrevistado: Eu sou! Eu sou! Agora, se fosse nos Estados Unidos e que os homens tivessem acesso à informação e ele optasse, aí seria outra coisa. Se baseia muito nos países europeus, mas Europa os homens têm acesso, então o rapaz aos 12 anos, aos 15 anos tem uma base de informação suficiente para poder decidir. Agora, não tem como você, na comunidade, pegar um rapaz que só vai para a escola para comer, vai da escola para casa, não pega no livro para nada, nem no caderno, só fica na rua, na rua, na rua, na rua, na rua, porque os pais trabalham... você achar que aquilo ali foi por preguiça que ele está assim... Eu sou contra, sim. Eu sou contra.

[00:42:16] Entrevistadora: E como o Estado deve reinserir na sociedade os detentos que já cumpriram pena?

[00:42:25] Entrevistado: Os mais velhos ou os mais novos?

[00:42:26] Entrevistadora: Tanto faz! Os presos que já saíram da prisão, que já cumpriram as penas, como você acha que eles devem ser reinseridos na sociedade?

[00:42:39] Entrevistado: Forçando as empresas a aceitar. Fazendo como faz com a isenção para as pessoas com necessidades especiais. Elas não têm uma isenção? As empresas não são obrigadas a ter não-sei-quantos funcionários? Acho que forçar as empresas a contratar também um ou dois detentos. “Ah, mas por quê?”, “Porque você tem que dar oportunidade!”. Como é que você vai saber se a pessoa se recuperou se você não dá oportunidade? Se você não der oportunidade, a carteira do rapaz já está rabiscada, e quase ninguém vai querer dar oportunidade... Então, eu acho que o Estado tem que ir nas empresas e dizer que a empresa tem que ter um ou dois funcionários ex-detentos. Claro que

são aqueles que passaram pelo processo, tiveram bom comportamento. “Agora sim! Você vai se ressocializar de novo e vai ter oportunidade”. Mas também tem um detalhe: tem pessoas que estão desempregadas. E aí? Você vai dar para um detento que saiu da prisão e o outro que está desempregado não vai arrumar emprego? É complicado, em um país tão desigual como o nosso!

[00:43:45] Entrevistadora: É verdade! E a polícia militar, Raul, qual é a sua opinião sobre o trabalho executado pela polícia militar no Brasil?

[00:43:55] Entrevistado: Totalmente corrupta! Totalmente, da cabeça aos pés. Ela se tornou - vamos dizer assim - mercenária, aquele tipo de mercenária que contrata um rapaz para fazer a missão. Eu acho que o policial do Brasil é assim. Ele é mercenário. O Estado manipula eles, faz eles de gato e sapato e faz o que achar. Vou dar um exemplo: o Estado quer que você tenha o IPVA em dia, senão o policial vai lá e fala “você tem que ter o IPVA em dia”, mas aí eu fiz a minha pergunta “esse IPVA volta em serviços?”. Não! Eu, como funcionário, falo que se o Estado não cumpre seu papel, ele também não deveria cobrar dessa forma do cidadão que tem que sustentar sua casa. De repente, o cara ficou dois meses sem pagar IPVA porque ele parcelou ou vai parcelar, mas o policial: “hoje vou poder extorquir um motorista”. Ele é da comunidade, sai da comunidade e se torna policial, aí ele entra na favela e acha que aquele cara que está na comunidade ali se tornou bandido porque ele quis. Mas ele vivia na comunidade; ele sabe que muitos ali são manipulados. Então, ele chega ali e tenta e “não vou fazer isso”. Então, cadê o Estado para fazer? Eu estou aqui para aprender. Eu tenho colegas PM também. Eu ouço muito falar que os PMs chegam na comunidade e matam porque “bandido bom é bandido morto”, mas calma aí! Você não deve agarrar aquilo que o Estado está fazendo. O Estado simplesmente pega o policial, manipula e fala “vai lá e faz a limpa”. Ele vai lá e faz a limpa. Eu tenho um colega que é guarda municipal e passou uma reportagem na *Record* - não sei se você viu - que, no Rio de Janeiro, os guardas municipais têm uma meta para poder multar o carioca, para poder arrecadar dinheiro para o município.

[00:46:04] Entrevistadora: Não! Eu não vi, não, a reportagem.

[00:46:06] Entrevistado: Aí ele colocou já dizendo que era mentira. Aí eu falei - o nome dele é Nelson: “Poxa, Nelson! É verdade, sim, cara”. O rapaz que fez a minha mudança falou que parou acho que cinco ou dez minutos para pegar uma geladeira; o guarda foi lá e

multou ele. O guarda foi cidadão? Ele sabe que o município é corrupto, que o Estado é corrupto. Eu fico pensando: qual é a dele? “Pode ficar aí, não”, “Mas é só enquanto eu pego a geladeira”, “Então tá! Vou te dar cinco minutos, mas se você não sair, eu vou te multar”. Não! Ele já meteu a caneta. Ele não está na intenção de educar e, sim, de arrecadar. Aí ele falou que, minutos depois, o caminhão da Coca-Cola parou ali, descarregou, e o guarda não deu multa. Por quê? Porque é uma multinacional. Você está entendendo que quando o policial entra para o Estado ele não consegue ver do cidadão; ele passa a ser do Estado. Ele não está aqui para servir e proteger, como deveria ser. Eu, na minha particularidade, se eu entrasse, eu ia dizer assim “eu vou olhar o lado do cidadão, porque eu sou deles. Eu não sou do Estado, porque o Estado é corrupto”. Como é que o cidadão vai cobrar que eu tenha que dar multa se ele mesmo não consegue se adequar? Se eu pago o meu IPVA e meu IPVA não vem em serviço? O Rio de Janeiro é todo buraco. Você pede para tampar um buraco, passa quase três meses para vim também um buraco; o asfalto é de última qualidade. IPTU e IPVA deveria ser para isso: para asfalto, para rua, para isso, para aquilo. Não tem! Ou seja, tem que cobrar, mas não me trazem de volta e eles sabem disso, mas eles são manipulados. A polícia geral do Rio de Janeiro, extremamente corrupta, extremamente corrupta! Se você anda de carro e está atrasado com o seu IPVA ou está atrasada sua vistoria, eles querem te extorquir. Não conseguem ver você como cidadão. Sou trabalhador também. Vivo em um país de uma cobrança de imposto absurda! Meu carro é 2009 ou 2010, e eu paguei mil reais de IPVA. Inaceitável! O Estado aumentou o IPVA e eu paguei mil reais, o mesmo valor por um carro de 2009/2010. Para onde vai esse dinheiro? Ele não vem em forma de serviço. Aí você passa por um guarda desse que quer te forçar a você estar em dia com um serviço desse, senão não tem volta. É mais ou menos essa crítica. Não sei se eu consegui ser claro, não.

[00:48:29] Entrevistadora: Entendi! Conseguiu, sim. Eu entendi! E o que você acha sobre o porte de armas de fogo?

[00:48:39] Entrevistado: Se der na mão, é suicídio. Nosso país não tem condições, não. Acho que é descontrole.

[00:48:46] Entrevistadora: Você é contra, então, ao cidadão comum usar?

[00:48:52] Entrevistado: Então, Mariana, é como eu estou te falando: é complicada essa questão, por conta da questão social. O nosso país é muito grande, mas a questão social é

muito relevante, é muito gritante. Se todo mundo tiver arma, imagina uma comunidade dessa daí. É diferente de um Estados Unidos ou países europeus, onde você tem um nível de conhecimento muito elevado.

[00:49:23] Entrevistadora: Mesmo nos Estados Unidos, né? A gente viu os últimos episódios, do atentado em Orlando.

[00:49:29] Entrevistado: Sim! Tem isso também. Tem essa discussão lá, se é cabível ou não. Agora, imagina em um país que é subdesenvolvido, como o nosso... Se lá tem essas loucuras, imagina no nosso como seria. Quando você é mais culto, você vai dialogar, mas quando você não tem, você vai na força mesmo, você vai na sua razão emocional; você não vai na parte racional. Se você vai mais pela parte emocional, então você vai pegar a arma que você tem casa, vai dar dois tiros e acabou! “Matei, mas eu tenho porte de arma. Mas foi legítima defesa. O vizinho que veio. Atirei nele porque ele queria me matar”. Sei lá! Acho que não dá por uma questão de educação. O povo não tem controle para fazer isso, não. Acho que é isso!

[00:50:25] Entrevistadora: E casamento homoafetivo, Raul, o que você pensa sobre?

[00:50:30] Entrevistado: Então, eu, como religioso, mas não fanático... O casamento? Sei lá, eles pagam imposto. Não sou contra, não. Eu só acho que eles deveriam aceitar crítica. Como todo departamento ou qualquer área criticada, eles têm que aceitar crítica também. Claro, eles casam no padrão deles, não em uma igreja católica ou evangélica...

[00:50:58] Entrevistadora: É casamento civil mesmo.

[00:51:00] Entrevistado: Isso! Casamento civil, acho que sim, porque eles pagam imposto, são cidadãos. Como cidadão, acho que deveriam, sim, do mesmo jeito que eu tenho ou alguém que tem religião. Nessa parte, eu sou a favor, sim.

[00:51:16] Entrevistadora: E você acha que eles deveriam ter direito a adotar uma criança, por exemplo, os casais homossexuais?

[00:51:22] Entrevistado: Aí que vem a questão. Espera aí! Na faculdade, quando tem essas conversas assim, quase não tem aula, sabia? Não tem aula! Porque a psicologia é subjetiva, então ela dá muita interpretação. Tem muita gente a favor. Eu sou contra. Você pode incentivar a criança a ser também. São várias versões. Eu confesso para você que eu sou... não é que eu seja preconceituoso, mas é difícil engolir você ver dois pais e duas

mães. Aí, vão querer mudar a questão do dia dos pais e do dia das mães, coisa que já está aí tem anos, tem décadas. “Cadê sua mãe?”, “Está lá com um rapaz”. É dia dos pais: “cadê seus pais?”, “ah, estão lá; suas duas mães”. Pô, o filho começa... Mas também se dizem por aí “ah, mas tem tantos filhos para ser adotados”. Mas a fila de adoção tem muitas pessoas. Sei lá!

[00:52:23] Entrevistadora: Você tem dúvida ainda.

[00:52:24] Entrevistado: Não! Eu ainda estou na minha construção ainda. Se você pedir uma palavra hoje ainda, eu vou dizer que não. Aí, você vai dizer “ah, mas tem tantas crianças para serem adotadas”. Sim, tem muitas crianças querendo ser adotadas, mas tem muita gente na fila que está para adotar. Então, acaba com essa burocracia aí que o Estado faz! Para a criança, Mariana, eu não sei como seria. Não tem uma pesquisa ainda recente a respeito disso. “Como a criança se sente?”, não tem uma pesquisa assim. Como a criança cresceu em um lar de pais adotivos sendo dois homens ou duas mulheres? Como é que é? Como essa criança cresceu? Ele foi “descriminalizado”? Sei lá! Tem uma questão aí profunda. Eu não tenho nenhuma opinião concreta a respeito disso, não. Mas se tivesse que responder, eu diria que não ainda. Mas não em definitivo!

[00:53:28] Entrevistadora: Beleza! E como você vê o papel das mulheres atualmente, o papel das mulheres na sociedade?

[00:53:37] Entrevistado: Eu vejo como uma evolução. Eu vejo como uma evolução. Eu acho que está evoluindo. Poderia evoluir melhor, avançar mais, mas estão crescendo. Na minha faculdade mesmo, o que tem mais é mulher. Eu acho bem legal, bem interessante.

[00:54:18] Entrevistadora: Na sua turma tem mais mulheres?

[00:54:19] Entrevistado: Tem! Tem mais mulheres. Homens dá para contar no dedo: são 6 e 25 mulheres.

[00:54:29] Entrevistadora: Nossa! A diferença é grande mesmo.

[00:54:32] Entrevistado: É, a diferença é grande. Na faculdade, em geral, eu vejo muitas mulheres. É legal. Eu acho bem interessante. Eu só não sou muito a favor desse lado feminista. Essa parte radical dessa ala feminista eu acho muito fora do normal. Mas essa parte de crescimento, de participação, eu acho sensacional.

[00:55:06] Entrevistadora: E como você encara a problemática do aborto?

[00:55:14] **Entrevistado:** Rapaz, agora você pegou em um ponto...

[00:55:17] **Entrevistadora:** Eu prometo que eu estou acabando. Tem essa e mais três perguntas, tá bom?

[00:55:21] **Entrevistado:** A questão do aborto: como cristão, a gente é contra, né? Mas como universitário, estudante e que tem conhecimento, eu acho que tem lados: a questão da negligência da pessoa de achar que pode fazer o que bem entender do seu corpo, mas também tem o outro lado de responsabilidade. Mas agora você me botou uma pergunta... Eu acho assim: no início, eu acho que não afetaria, não, porque não se formou o embrião. Eu acho que eu era a favor, sim. Mas a questão é na formação. Aí, fica essa questão, né?

[00:56:13] **Entrevistadora:** A partir de que ponto você acha que pode ou não?

[00:56:17] **Entrevistado:** Então, é essa a questão. Depois que já se formou, eu acho que não, mas no início, sim, porque, como não é nada; é só um espermatozoide que está se formando ainda. Mas depois que essa formação... Acho que depende muito do estágio. Mas eu não tenho como te dizer qual é o estágio que a pessoa já vai ter evoluído. Sei lá! Como está evoluindo aí, eu não tenho como te explicar se aquela pessoa vai ser um cidadão, vai ser uma pessoa. Então, acho que você pode tirar antes de ele se formar. Consegui explicar?

[00:57:04] **Entrevistadora:** Conseguiu, sim. Entendi! E o que você pensa, Raul, quando você escuta alguma história sobre uma mulher que foi assediada?

[00:57:16] **Entrevistado:** O que eu penso?

[00:57:19] **Entrevistadora:** *Uhum!*

[00:57:20] **Entrevistado:** Mas de qual forma? Assediada de tipo uma cantada ou de uma forma meio selvagem?

[00:57:27] **Entrevistadora:** Assédio no geral, inclusive cantada, mas também até estupro.

[00:57:36] **Entrevistado:** Então, a questão da cantada mesmo, elogio, eu acho que não tem nada de errado. Você passa, a pessoa dá uma cantada – mas claro que com as palavras adequadas -, ainda mais se a pessoa for jovem e estiver lá uma jovem também e eles estão paquerando. Mas acho que também varia muito do local, do ambiente. Se for uma festa, uma pista de música, acho que é propício para isso, mas acho que tem lugares que não são

propícios para isso - trabalho, se você está passando, estudando. Assédio de estupro é condenável! Não tem lógica! O corpo é da mulher e ela decide o que tem que fazer dele. O homem pensar que tem que ser dele porque a mulher está usando shortinho ou porque ela está com uma roupinha e ele achou que pode dar em cima dela... acho que não é por aí, não! O corpo é dela. Respeita o que ela quer fazer. Mas também é da cultura, né? Mas, claro, tem que ser criticado de uma forma bem rígida, para mostrar para a população que não é por aí, não.

[00:58:52] Entrevistadora: E qual é a sua opinião sobre o país receber imigrantes de países com algum tipo de conflito ou países que passaram por alguma catástrofe natural?

[00:59:03] Entrevistado: Brilhante! Brilhante! Tem que abrir porque o lugar deles é, realmente, fora do normal. Vai ficar em um país onde tem uns malucos que acham que você tem que se confessar só com padres fiéis e, se não confessar, matam sua mãe, seu filho, decapita, queima vivo. Aí, você quer ir para outro lugar e vão lá e fecham as portas. Para onde você vai? Vai morrer ali? Não! Eu acho que tem, sim, que abrir as portas. Onde come um, comem dois. Tem que abrir, sim, porque é questão de cidadania mesmo, é questão de humanismo. Acho que todos nós somos iguais perante a forma como se quis. Somos todos iguais; muda só a cor, o cabelo. Mas acho que devemos, sim, abrir a janela, abrir a porta e tudo. Claro e evidente, que de uma forma mais controlada, né? Também não é deixar uns malucos entrar por aí, para poder dar um tiro, para poder fazer alguma coisa com o outro país.

[01:00:10] Entrevistadora: Agora, eu vou fazer a última pergunta. Prometo que não vou mais tomar muito do seu tempo. Acabou se estendendo mais do que a gente imaginava, né?

[01:00:19] Entrevistado: Tá tranquilo! Eu também gosto de falar. Psicólogo não presta, não. Ele fala para caramba.

[01:00:26] Entrevistadora: Eu queria saber o que você acha sobre a proposta de regular a mídia.

[01:00:19] Entrevistado: Totalmente errado! Você acaba – como eu posso dizer? – interferindo na democracia. Acho que dessa forma aí, eu sou contra, totalmente contra! Tem que ser livre para ele poder colocar a história do jeito que está sendo colocada diante da sociedade. Se ele tem o controle, só vai colocar aquilo que cabe, que nem lá na

Venezuela, quando o Maduro tomou aquela rádio lá ou emissora, que era contra o Estado ou que era contra o governo. Então, eu acho que eu sou totalmente contra. Quem estava querendo fazer isso muito era o PT. Agora que o PT saiu, não sei se o Temer vai insistir nessa ignorância aí de ter o controle da mídia. Eu sou contra, sou contra.

[01:01:32] Entrevistadora: Então, beleza! São essas as perguntas. Você tem mais alguma coisa a acrescentar?

[01:01:38] Entrevistado: Eu acho que não. Não! Eu acho que foi bem interessante essa pesquisa.

[01:01:45] Entrevistadora: Ah, obrigada por ter participado. Eu gostei muito da sua participação. Acho que vai acrescentar bastante. São seus filhos na foto com você?

[01:01:26] Entrevistado: São! São meus dois. Você é mãe já?

[01:02:05] Entrevistadora: Não, não! Ainda não. Eles são lindos, os seus filhos.

[01:01:08] Entrevistado: São umas bênçãos. É um outro lado da vida que você passa a ter. Quando você não tem filho, você age de uma forma; quando você tem filho, sua mente muda, seu comportamento muda, você passa a viver para eles. É algo divino, sei lá. É muito gostoso chegar em casa e ver aquele sorriso.

[01:02:36] Entrevistadora: Uma gracinha os dois!

[01:02:38] Entrevistado: Então, é isso, Mariana. Foi um prazer participar. Gostei muito da sua participação. Espero ter acrescentado e contribuído.

[01:02:45] Entrevistadora: Com certeza! A sua contribuição foi ótima. Eu devo apresentar o trabalho no fim do ano ou no começo do ano que vem. Quando eu tiver alguma coisa pronta, eu entro em contato com você de novo, para te mandar o trabalho, tá bom?

[01:02:58] Entrevistado: Tá! Pode ser! Se tiver alguma dúvida, alguma coisa que você queira saber daqui do Rio ou se tiver alguma questão que precisa de informação, se quiser entrar em contato, fica à vontade!

[01:03:11] Entrevistadora: Tá ótimo! Muito obrigada, Raul! É interessante, por que você sabia que muita gente do Rio se ofereceu? Acho que o lugar que mais tem gente dando entrevista é o Rio.

[01:03:22] Entrevistado: É mesmo?

[01:03:23] Entrevistadora: É mesmo!

[01:03:25] Entrevistado: Tem o contexto social que, aqui no Rio, a gente é muito próximo e gosta muito de balada, o pessoal gosta muito de conversar. Talvez possa ser por isso.

[01:03:38] Entrevistadora: O pessoal que mais se disponibilizou. Isso me chamou atenção.

[01:03:42] Entrevistado: Ah, que bom! Que bom!

[01:03:45] Entrevistadora: Mas, então, tá bom! Muito obrigada por participar e bom trabalho e bom fim de semana.

[01:03:51] Entrevistado: Obrigado! Para você também.

[01:03:53] Entrevistadora: Obrigada!

[01:03:54] Entrevistado: Um abraço!

[01:03:55] Entrevistadora: Um abraço! Tchau, tchau!

[01:03:56] Entrevistado: Tchau!

ANEXO J18 – Entrevistado: Saulo

[00:00:01] Entrevistado: Alô?

[00:00:02] Entrevistadora: Saulo?

[00:00:03] Entrevistado: Eu mesmo. Tudo bom, Mariana?

[00:00:04] Entrevistadora: Tudo bem! E aí, tudo bem?

[00:00:06] Entrevistado: Tudo bem, tirando a gripe.

[00:00:09] Entrevistadora: Está muito frio aí?

[00:00:11] Entrevistado: Agora, não tanto, mas ontem de noite eu resolvi sair e estava meio frio.

[00:00:16] Entrevistadora: À noite é pior mesmo, muito pior.

[00:00:21] Entrevistado: Aqui passou de zero ontem à noite.

[00:00:24] Entrevistadora: Nossa! Aqui em Brasília, todo mundo já estava achando muito frio. Fez 10 graus à noite.

[00:00:28] Entrevistado: Ah não! 10 graus acho que está bom para nós.

[00:00:34] Entrevistadora: 10 graus aqui é, realmente, raro.

[00:00:37] Entrevistado: É? Aqui estavam falando até em neve em Porto Alegre.

[00:00:42] Entrevistadora: Nossa! “Neve em Porto Alegre” é diferente.

[00:00:45] Entrevistado: Eu nunca vi.

[00:00:47] Entrevistadora: Então, vamos começar?

[00:00:49] Entrevistado: Vamos lá!

[00:00:50] Entrevistadora: Saulo, eu vou gravar para facilitar a transcrição depois, mas a entrevista é anônima, tá? Não vai aparecer em nenhum momento o nome das pessoas.

[00:01:01] Entrevistado: Tá bem! Sem problema!

[00:01:02] Entrevistadora: Então, eu vou começar por umas perguntas gerais. Estado onde você mora?

[00:01:08] **Entrevistado:** Rio Grande do Sul.

[00:01:09] **Entrevistadora:** Idade?

[00:01:10] **Entrevistado:** 23.

[00:01:12] **Entrevistadora:** Escolaridade? Pode ser completa ou cursando.

[00:01:16] **Entrevistado:** Ensino médio completo.

[00:01:19] **Entrevistadora:** E tem dispositivos de acesso à internet em casa?

[00:01:22] **Entrevistado:** Tenho!

[00:01:23] **Entrevistadora:** E com que frequência você acessa a internet?

[00:01:26] **Entrevistado:** Todos os dias.

[00:01:27] **Entrevistadora:** Mais de uma vez por dia?

[00:01:30] **Entrevistado:** Sim! Mais de uma por dia.

[00:01:33] **Entrevistadora:** E o Facebook, com que frequência?

[00:01:38] **Entrevistado:** Toda noite, porque eu só tenho internet em casa e no celular para Whatsapp, fora à noite.

[00:01:48] **Entrevistadora:** E qual é o meio que você mais utiliza para se manter informado: jornal, rádio, TV, site de notícias, Facebook, Twitter, nenhum ou algum outro?

[00:01:59] **Entrevistado:** Facebook.

[00:02:00] **Entrevistadora:** Facebook?

[00:02:01] **Entrevistado:** Isso!

[00:02:03] **Entrevistadora:** Geralmente, como? Seguindo páginas de jornais no Facebook?

[00:02:09] **Entrevistado:** É! Seguindo pessoas que comentam sobre política também, seguindo páginas que falam, principalmente, sobre isso também.

[00:02:22] **Entrevistadora:** Quais páginas, por exemplo?

[00:02:25] **Entrevistado:** Deixa eu abrir aqui para te dizer. Não sei se eu vou conseguir abrir agora.

[00:02:38] Entrevistadora: Não tem problema!

[00:02:40] Entrevistado: Eu sigo o Tico Santa Cruz - sei que tem gente que não acha uma boa fonte de informação, mas eu acho ele um cara coerente e acredito bastante nas coisas que ele diz e concordo bastante com pontos de vista dele -; *Pragmatismo Político*. Não lembro mais de outras de cabeça.

[00:03:05] Entrevistadora: Tudo bem! Com o passar da entrevista, a gente vai pensando em mais.

[00:03:10] Entrevistado: Tá bem!

[00:03:11] Entrevistadora: E você é filiado ou simpatizante de algum partido político, Saulo?

[00:03:16] Entrevistado: Sou simpatizante de partidos de esquerda – PT, PSOL –, mas não sou filiado a nenhum.

[00:03:22] Entrevistadora: Beleza! E com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política no Facebook?

[00:03:29] Entrevistado: Sempre que eu acho necessário! Sempre que me aparece alguma oportunidade de falar alguma coisa interessante para alguém, passar alguma informação ou, às vezes, em um debate mesmo que está rolando em alguma página, nos comentários.

[00:03:45] Entrevistadora: Você vai lá e comenta, participa?

[00:03:46] Entrevistado: Isso!

[00:03:47] Entrevistadora: E isso acontece uma vez por dia, uma vez por semana?

[00:03:54] Entrevistado: Pelos menos, três vezes por semana.

[00:03:57] Entrevistadora: Legal! Por que você se interessa por temáticas políticas?

[00:04:02] Entrevistado: Porque eu estou indignado com tudo o que eu estou vendo. Antigamente, eu não era assim, mas desde a época da Copa do Mundo, que tudo começou a aparecer, tudo começou a ser mais explícito, eu comecei a acompanhar mais de perto também.

[00:04:25] Entrevistadora: Desde a época da Copa ou desde a época da Copa das Confederações?

[00:04:32] **Entrevistado:** Desde a época da Copa do Mundo.

[00:04:36] **Entrevistadora:** *Uhum!* É porque foi na época da Copa das Confederações que começaram as manifestações de 2013, aí tem gente que diz que começou a se interessar mais em 2013. Oi?

[00:04:46] **Entrevistado:** Ali, eu estava mesmo por cima. Eu ainda não tinha nenhuma opinião formada.

[00:04:51] **Entrevistadora:** Começou a se envolver no ano seguinte, né?

[00:04:53] **Entrevistado:** Isso!

[00:04:55] **Entrevistadora:** E com que tipo de posicionamentos políticos você mais se identifica: esquerda, centro-esquerda, centro, centro-direita, direita?

[00:05:04] **Entrevistado:** Eu acho que eu estou mais para a esquerda.

[00:05:07] **Entrevistadora:** Por quê, Saulo?

[00:05:09] **Entrevistado:** Porque eu acredito que a esquerda tenha uma visão de ajudar quem mais precisa e aplica mais políticas sociais que a direita e eu acho que tem muita gente que precisa de apoio, de incentivo. Isso eu estava vendo acontecer no governo do PT, que é um governo que se diz de esquerda. Então, o que me motivou a apoiar a esquerda é a política social que eles tentam aplicar.

[00:05:44] **Entrevistadora:** Você trabalha?

[00:05:46] **Entrevistado:** Trabalho!

[00:05:47] **Entrevistadora:** Você faz o quê?

[00:05:48] **Entrevistado:** Sou funcionário público dos Correios.

[00:05:51] **Entrevistadora:** Ah, legal! Mas você não está estudando e está só trabalhando agora, né?

[00:05:56] **Entrevistado:** Não, não! Quando eu entrei nos Correios, fui mandado para uma cidade um pouco longe, aí acabei trancando a faculdade.

[00:06:03] **Entrevistadora:** Você fazia o quê?

[00:06:04] **Entrevistado:** Engenharia Civil.

[00:06:06] **Entrevistadora:** Ah, legal! Nossa, e teve que trancar? Estava em qual semestre?

[00:06:09] **Entrevistado:** Eu estava no quarto semestre.

[00:06:13] **Entrevistadora:** Já estava quase na metade, né?

[00:06:14] **Entrevistado:** Sim! São dez semestres.

[00:06:18] **Entrevistadora:** E como está o estado aí?

[00:06:21] **Entrevistado:** Como assim? Na situação política?

[00:06:25] **Entrevistadora:** Eu sou gaúcha, só que eu moro em Brasília faz muito anos.

[00:06:28] **Entrevistado:** Pois é! Eu vi que você tem o sotaque um pouco gaúcho.

[00:06:32] **Entrevistadora:** É, eu sou gaúcha.

[00:06:35] **Entrevistadora:** Tu quer saber como está o estado na questão política?

[00:06:37] **Entrevistadora:** *Aham!* Eu tenho família aí ainda, né? Estão todos sofrendo bastante com esse governo do Sartori.

[00:06:46] **Entrevistado:** Pois é! Eu tenho um grupo no Whatsapp de professores e simpatizantes dessas ocupações que estavam acontecendo nas escolas em todo estado e...

[00:06:57] **Entrevistadora:** Já pararam as ocupações ou algumas ainda estão acontecendo?

[00:07:02] **Entrevistado:** Tiveram que parar porque rolaram algumas negociações entre estado e escolas, direção de escolas etc. A questão é a seguinte: tem professores que estão já com os olhos mais abertos para tudo isso que está acontecendo e que estão querendo reivindicar os seus direitos - aumento de salário -, até porque professor, aqui no estado, não ganha nem o piso salarial, se eu não me engano. Então, tem professores, amigos meus, que estão bem indignados com tudo o que está acontecendo, mas também eles dizem que tem professores que não se importam com a situação de trabalho que eles têm hoje em dia. Então, o pessoal está dividido, né? E aqui, no Rio Grande do Sul, a maioria do pessoal é de direita. Então, o que eu vou te dizer? Por mais que a esquerda tente mobilizar, ela não tem muita força aqui ainda.

[00:08:02] **Entrevistado:** Mas parece que, nos últimos tempos, aí está bem mobilizado, né?

[00:08:05] **Entrevistado:** Sim, sim!

[00:08:09] **Entrevistadora:** Teve manifestações grandes. Foram mais de 100 escolas ocupadas, não foi?

[00:08:12] **Entrevistado:** Sim! Foram bastante! Eu não cheguei a ir a Porto Alegre para participar, mas eu vi bastante gente comentando sobre o que estava acontecendo. Em Nova Hamburgo também.

[00:08:23] **Entrevistadora:** Eu vou fazer uma pergunta agora que é muito semelhante a uma que eu fiz anteriormente, mas é só para saber se tem alguma coisa a mais. Como você procura se informar sobre o cenário político do país? Você acessa blog também, além dos jornais?

[00:08:40] **Entrevistado:** Eu abro um site de notícias que, às vezes, aparecem links relacionados, aí eu dou uma lida. Mas eu não tenho uma fonte específica assim. Eu tenho parentes e amigos que compartilham bastante coisas, aí eu vou abrindo e vou lendo.

[00:08:58] **Entrevistadora:** Beleza! E qual é a sua opinião sobre a forma como as notícias sobre política são escritas?

[00:09:05] **Entrevistado:** Eu, na verdade, não gosto muito da forma como as informações são publicadas, porque eu acho que elas são tendenciosas tanto para a esquerda quanto para direita. Eu não tenho nenhuma fonte que eu possa dizer que eu ache que seja imparcial, que esteja querendo passar transparentemente a informação - isso eu acho uma coisa que faz bastante falta hoje em dia.

[00:09:33] **Entrevistadora:** Beleza! E os seus amigos e familiares concordam com os seus posicionamentos? Como o seu envolvimento com política no Facebook se reflete na sua relação com outras pessoas?

[00:09:47] **Entrevistado:** Eu tenho parentes que concordam e parentes que não concordam, mas a maioria concorda. Mas eu também tenho parentes religiosos de direita que se a gente for debater política em família, é uma coisa que não dá certo! E entre amigos também. Tenho amigos de esquerda e de direita, amigos que não se posicionam. É uma coisa que não é muito debatida entre amigos e família; é mais em rede social mesmo.

[00:10:20] **Entrevistadora:** Mas vocês já chegaram a ter alguma discussão ou algum desentendimento ou é tudo mais pacífico?

[00:10:29] **Entrevistado:** Entre família e amigos?

[00:10:30] **Entrevistadora:** É!

[00:10:31] **Entrevistado:** Em família nunca teve nenhuma discussão, mas entre amigos, de vez em quando, rola um debate, mas é tudo saudável; ninguém parte para a ignorância.

[00:10:41] **Entrevistadora:** Nunca chegou a excluir ninguém do Facebook e nem ninguém te excluiu?

[00:10:44] **Entrevistado:** Já! Já excluí, sim.

[00:10:45] **Entrevistadora:** Ah, já aconteceu?

[00:10:47] **Entrevistado:** Já!

[00:10:48] **Entrevistadora:** Com amigos mesmo ou com familiares?

[00:10:50] **Entrevistado:** Com conhecidos, na verdade. Amigos próximos, na verdade, eu respeito a opinião. O problema é que tem conhecidos que se acham no direito de vir postar coisas na minha página que eu não concordo, justamente, para criar intriga. Esse tipo de gente eu excluo.

[00:11:12] **Entrevistadora:** Beleza! Bom, agora eu vou fazer algumas perguntas político-ideológicas. Como você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:11:24] **Entrevistado:** Eu não saberia te responder.

[00:11:30] **Entrevistadora:** Essas perguntas, geralmente, o pessoal acha mais difíceis mesmo.

[00:11:36] **Entrevistado:** É porque eu, na verdade, estou entrando nessa questão política agora também, então eu não tenho muito conteúdo para essas questões mais específicas.

[00:11:49] **Entrevistadora:** Não tem problema! A gente vai para a próxima. Você acha, Saulo, que o Estado deve garantir serviços gratuitos aos cidadãos, como saúde e educação, por exemplo?

[00:12:00] **Entrevistado:** Eu acho que sim!

[00:12:01] **Entrevistadora:** Por quê?

[00:12:02] Entrevistado: Porque o nosso país é um país que tem uma desigualdade social muito grande e tem gente que tem condições de fazer uma faculdade particular e viajar para fora e tem gente que não tem condição nem de comer. Então, esse pessoal que não tem dinheiro para comer, que passa fome, passa frio, precisa dessa assistência educacional e de saúde etc.

[00:12:31] Entrevistadora: Ok! Pode falar.

[00:12:33] Entrevistado: Não, era isso aí!

[00:12:35] Entrevistadora: Beleza! E como você acha que o governo deve inserir socialmente os cidadãos que estão marginalizados? Marginalizados no sentido econômico e social também, aqueles que estão à margem da sociedade, excluídos.

[00:12:51] Entrevistado: A pergunta, então, é: como trazer esse pessoal para o...?

[00:12:58] Entrevistadora: Como inserir essas pessoas na sociedade? Como que o Estado deve inserir? Qual seria o papel do Estado nisso?

[00:13:09] Entrevistado: Eu acho que isso é um investimento a longo prazo. Eu acho que deveria ser investido desde a educação. É, principalmente, pela educação, porque a educação te traz muitas oportunidades, então acho que tudo passa pela educação. Se eu não me engano, o governo federal investe 1,3% do PIB da educação só, ou menos.

[00:13:37] Entrevistadora: E, na sua opinião, o que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:13:47] Entrevistado: Pobreza, na verdade, é muito relativo, né? Tem gente que tem muito dinheiro e é pobre; tem gente que não tem muito dinheiro... Tudo bem! É na questão econômica?

[00:14:02] Entrevistadora: Isso! Financeiramente.

[00:14:05] Entrevistado: Financeiramente! A falta de oportunidade!

[00:14:12] Entrevistadora: E como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais? E o contexto social como influencia nessas mesmas conquistas? Se não entender a pergunta, pode me dizer, que eu tento explicar de outro jeito, tá bom?

[00:14:30] Entrevistado: Tá! Se tu puder refazer ela...

[00:14:33] Entrevistadora: Como você acha que o mérito individual, o esforço da pessoa, influencia nas conquistas dela e como o contexto social influencia nessas mesmas conquistas?

[00:14:51] Entrevistado: Eu trabalho em uma empresa que diz aplicar a meritocracia, mas se tu for perguntar para qualquer funcionário dos Correios o que acontece na prática, acho que eles vão dizer que não, porque eu nunca vejo. Eu trabalhei em diversas agências do Rio Grande do Sul e, por onde eu passo, o pessoal chacota com esse assunto de meritocracia. Então, eu nunca vi a meritocracia funcionando. Eu, particularmente, não acredito muito na meritocracia também. Eu acho que, nessa questão das oportunidades... Se uma pessoa pobre, que não tem a oportunidade de ir para escola ou - sei lá - tem que botar os seus filhos para trabalhar logo cedo, esses filhos vão trabalhar, vão merecer, pelo seu próprio esforço, ter uma coisa melhor, mas isso não acontece, então eu não acredito na meritocracia.

[00:16:02] Entrevistadora: Ok! E o que você pensa sobre o Bolsa Família?

[00:16:08] Entrevistado: Eu acho que o Bolsa Família é necessário, sim. O problema do Bolsa Família, na verdade, é a fiscalização, porque tem muita gente que realmente precisa do Bolsa Família para poder manter um padrão de vida um pouco menos pior, mas também tem muita gente que não precisa de Bolsa Família e consegue o direito ao programa, então acho que falta fiscalização. Mas é um programa que deu muito certo no Brasil. A direita diz que isso é um sistema de compra de votos que o PT criou, mas, na verdade, não foi nem o PT que criou. Eu acho que se faz necessário, sim, e eu espero que continue esse programa.

[00:17:14] Entrevistadora: Como você vê os reflexos do Bolsa Família aí no Rio Grande do Sul?

[00:17:19] Entrevistado: Olha, Mariana, na verdade, eu não vejo, porque eu não conheço pessoas que... Oi?

[00:17:26] Entrevistadora: Não tem contato com pessoas que recebam.

[00:17:32] Entrevistado: É!

[00:17:33] Entrevistadora: É porque eu ainda não conversei com nenhuma outra pessoa do Rio Grande do Sul. Conversei com um moço que mora em Santa Catarina, conversei

com gente do país inteiro, muita gente do Rio, gente do Norte, bastante gente do Nordeste, mas os gaúchos não se ofereceram muito para participar.

[00:17:56] Entrevistado: Na verdade, eu atendo bastante gente que vai buscar os cartões do Bolsa Família nos Correios, mas eu não tenho nenhum contato próximo com pessoas que utilizam realmente o serviço.

[00:18:09] Entrevistadora: Beleza! As políticas de cotas raciais, o que você acha sobre?

[00:18:16] Entrevistado: Eu acho muito necessário também, porque os brancos têm uma dívida histórica com os negros em função da escravização etc. Isso aconteceu por muito tempo no Brasil e isso tirou os negros da sociedade, porque, na verdade, os negros são maioria no Brasil, mas você não vê negro em uma universidade. Eu, por exemplo, tive muito poucos colegas negros e professores negros ao longo da minha vida, tanto na faculdade quanto na escola. Agora eu tenho contato, tenho amigos negros que estão entrando na faculdade, graças a esses programas de cotas e esse pessoal defende muito esse programa, então eu estou com eles. Eu acho que está trazendo esse pessoal que nunca teve oportunidade para dentro das escolas e faculdades.

[00:19:23] Entrevistadora: E a criminalidade, Saulo, você acha que é um problema causado, principalmente, por qual motivo?

[00:19:32] Entrevistado: Pela falta de educação. Pela falta de investimento na educação.

[00:19:38] Entrevistadora: Como assim?

[00:19:41] Entrevistado: Eu acho que a partir do momento que uma sociedade é pobre, não tem acesso à informação, à educação, ela está condenada a viver uma vida fora do que deveria ser o normal para todo mundo, porque eles não socializam com ninguém fora do seu círculo. Por exemplo, uma favela. Tem gente que passa a vida inteira e entra para o crime organizado porque nunca passou por uma escola, nunca passou por um professor ou, se passou, não foi da maneira como deveria ter sido. Então, eu acho que falta essa inclusão educacional. O governo poderia investir mais nisso. Por exemplo, o governo investe muito na guerra contra as drogas e eu acho que isso é jogar dinheiro fora; é dinheiro que poderia ser investido em transporte escolar, em escolas públicas. Não sei muito bem o que te dizer.

[00:20:57] Entrevistadora: Já deu para entender direitinho. Você já está entrando, na verdade, na minha próxima pergunta. Como você acredita que o Estado deve combater a criminalidade? Você falou da educação...

[00:21:14] Entrevistado: É! Para mim, tudo passa pela educação, na verdade. A partir do momento em que você tem uma sociedade mais politizada, não tem o que combater, porque vai todo mundo saber o seu lugar na sociedade. Eu acho que tudo tem que passar pela educação mesmo.

[00:21:41] Entrevistadora: E como você acha que o Estado deve reinserir na sociedade os detentos que já cumpriram pena?

[00:21:54] Entrevistado: Eu acho que... Como é a pergunta? Você pode repetir, Mariana?

[00:21:58] Entrevistadora: Como você acha que o Estado deve reinserir na sociedade os detentos que já cumpriram suas penas, os presos que estão saindo da prisão?

[00:22:10] Entrevistado: Eu acho que esse reinserir tem que começar enquanto eles ainda estão cumprindo pena, como, por exemplo, botando esse pessoal para trabalhar na rua - com a fiscalização adequada, né? -, em fazendas. Tem que botar esse pessoal para trabalhar. De repente, ele já cumpre a pena ali, sai da prisão e já tem um emprego garantido. Acho que isso tem que ser acompanhado desde o começo.

[00:22:59] Entrevistadora: Beleza! E qual é a sua opinião sobre o trabalho executado pela polícia militar no país?

[00:23:11] Entrevistado: Eu acho que a polícia militar, assim como qualquer empregado, obedece a ordens e essas ordens que eles recebem não são as ordens mais corretas. A polícia militar é necessária, porém eles não estão servindo a sociedade da maneira como a sociedade precisa. Eu acho que falta treinamento mais adequado. Na verdade, quem manda na polícia são os políticos. Então, eles definem os próprios interesses com ajuda da polícia militar e a polícia militar está só cumprindo ordens. Então, não sei.

[00:24:04] Entrevistadora: Beleza!

[00:24:05] Entrevistado: É mais ou menos isso!

[00:24:06] Entrevistadora: E qual é a sua opinião sobre o porte de armas de fogo?

[00:24:10] Entrevistado: Eu sou contra!

[00:24:12] Entrevistadora: Por quê?

[00:24:14] Entrevistado: Porque eu não acho que um indivíduo, por mais que ele se diga correto, precise carregar uma arma. Acho que se tu não tiver nada a temer, se o seu país estiver indo bem, se tu não tiver uma criminalidade como a que o Brasil tem hoje em dia, ninguém precisa andar com uma arma no bolso. Tem muita gente que prega que isso resolveria muitos problemas; na verdade, eu acho que só aumentariam os problemas.

[00:24:52] Entrevistadora: Eu concordo, mas, realmente, tem muita gente que pensa que seria uma solução.

[00:24:59] Entrevistado: É! Eles acham que poderiam se defender melhor, mas eu acho que só traria... Eu não conseguiria conviver com o peso de ter dado um tiro em alguém, por exemplo, de matar alguém. Eu acho que a gente tem que deixar isso para a segurança pública.

[00:25:21] Entrevistadora: E o casamento homoafetivo, Saulo? O que você acha sobre?

[00:25:26] Entrevistado: Eu acho que cada um sabe de si e todo mundo tem direito de amar quem quiser e, então, ser feliz.

[00:25:38] Entrevistadora: E você acha que um casal homossexual deve ter direito a adotar uma criança?

[00:25:40] Entrevistado: Com certeza, afinal de conta, crianças para adotar foram geradas por casais heterossexuais. Na verdade, eu acho que os homossexuais, negros, mulheres, todo mundo deveria ter os mesmos direitos. Eu acredito nisso! Essa foi uma das causas pelas quais eu me coloquei nessa direção política. Eu acho que tem muita gente representando pessoas que não os veem dessa forma e eu acho que isso é perigoso.

[00:26:24] Entrevistadora: É muito interessante a resposta a essa pergunta do casamento homoafetivo porque eu ainda não encontrei ninguém que tenha dito ser contra, mas na segunda eu recebi respostas dos mais variados tipos. Só teve um ou outro, mas eu acho que foram dois casos só que, na hora que eles iam argumentar, a argumentação deles era preconceituosa, mas eles diziam que não eram contra também.

[00:26:58] Entrevistado: É! Depende bastante também.

[00:27:09] Entrevistadora: E como você vê o papel das mulheres na atualidade?

[00:27:12] Entrevistado: Você pode repetir? Eu não escutei direito.

[00:27:15] Entrevistadora: Como você vê o papel das mulheres na atualidade?

[00:27:20] Entrevistado: Eu acho que elas têm os mesmos papéis, direitos e deveres que os homens têm. Eu não diferencio ninguém pelo sexo; eu trato uma mulher e um homem da mesma forma, com respeito e educação. Eu não diferencio ninguém por cor ou sexo ou opção sexual.

[00:27:47] Entrevistadora: Mas no contexto em que você está, na sua cidade, você pensa que as pessoas diferenciam?

[00:27:57] Entrevistado: No meu ciclo de amizade, eu acho que não existe... Essa questão que a gente está entrando agora, eu acho que seria relacionada ao machismo.

[00:28:11] Entrevistadora: É uma questão de gênero mesmo. Mas como você citou também machismo, você citou homofobia, eu queria ter a visão do lugar onde você vive mesmo, não necessariamente entre os amigos, mas também do trabalho, da rua.

[00:28:26] Entrevistado: Na verdade, eu vejo, no meu dia a dia, no meu trabalho também, atendendo pessoas, comentários preconceituosos em relação a mulheres, tentando diminuir a mulher em relação ao homem, e eu não concordo com isso. Mas eu vejo isso no meu dia a dia, sim.

[00:28:51] Entrevistadora: E a problemática do aborto, como você encara?

[00:28:57] Entrevistado: Eu sou a favor da legalização do aborto em casos que a mulher julgue necessário. Se a mulher não tem o parceiro dela e aconteceu de ficar grávida e não tem condição de criar uma criança no nosso país e ela acha que a melhor opção para ela seja abortar, eu acho que ela deveria ter o direito de praticar essa opção, afinal de contas, mesmo que ela não tenha esse direito, ela vai procurar alguma clínica clandestina para poder fazer esse tipo de serviço.

[00:29:41] Entrevistadora: E o que você pensa, Saulo, quando escuta alguma história sobre uma mulher que foi assediada?

[00:29:49] Entrevistado: O que eu penso? Eu penso que isso é um problema cultural, não só no Brasil, na verdade. Acho que isso existe no mundo inteiro. Isso vem da história, do homem que sempre teve a mania de se julgar mais importante, o sexo mais forte que a

mulher, e, por causa disso, ele se acha no direito de poder oprimir essa mulher. Eu acho que isso é uma cultura que tem que ser desconstruída. Eu tenho muitas amigas feministas hoje em dia, e a gente conversa bastante sobre isso e sobre esse papo de que, na verdade, o problema é cultural. Não é um pessoal que seja doente ou um cara que seja criminoso; na verdade, ele cresceu achando que aquilo ali fosse normal, que nunca daria nenhum problema e chegou um monte que ele vai fazer uma m**rda dessa. Todo homem pode ser, sim, um estuprador em potencial.

[00:31:11] Entrevistadora: Beleza! Agora vamos mudar um pouquinho o enfoque. Só tem mais duas perguntas, tá bom? Não vou tomar mais muito do seu tempo.

[00:31:15] Entrevistado: Tá bem!

[00:31:18] Entrevistadora: Qual é a sua opinião sobre o país receber imigrantes de países com algum tipo de conflito ou que passaram por alguma catástrofe natural?

[00:31:30] Entrevistado: Eu sou a favor, na verdade, porque muito antes de existirem leis, o homem era livre para ir para onde bem entendesse. Eu, por ser brasileiro, na verdade, eu não acho que eu não tenho o direito de entrar nos Estados Unidos, simplesmente, por eles exigirem um visto, porque o mundo está aqui para todos nós, né? Eu acho que não deveria existir fronteiras, na verdade. Acho que cada um deveria ser livre para frequentar o lugar que bem entendesse e quisesse. Mas isso é um assunto bem delicado, na verdade.

[00:32:17] Entrevistadora: É bem polêmico!

[00:32:18] Entrevistado: É! Eu não tenho nenhum problema com ninguém de fora. Eu costumo conversar. Eu atendo gente de tudo quanto é lugar, né? Então, eu adoro conversar com gente de fora. Para mim, quanto mais gente de fora eu ver por perto, melhor! Nos Correios mesmo, eu atendo gente que vem - sei lá - do Senegal, Haiti. Alguns deles falam melhor em inglês do que português, então eu converso em inglês com eles. Eu acho isso muito bacana.

[00:33:02] Entrevistadora: Isso é no seu trabalho?

[00:33:04] Entrevistado: Sim. É na agência!

[00:33:06] Entrevistadora: Mas por quê? Eles vêm morar no Brasil?

[00:33:09] Entrevistado: O Correio faz o CPF das pessoas e esses imigrantes precisam ter a sua documentação. Em algum momento eles vão ter que passar pelo Correios. Então, todos os dias a gente atende alguém... Oi?

[00:33:32] Entrevistadora: [inaudível].

[00:33:35] Entrevistado: Sim!

[00:33:38] Entrevistadora: Que interessante!

[00:33:41] Entrevistado: É! A gente tem esse contato com imigrante de vez em quando.

[00:33:46] Entrevistadora: E aí tem muito?

[00:33:50] Entrevistado: Eu moro em Montenegro, mas aqui eu nunca trabalhei. Eu trabalhei, semana passada, em Nova Hamburgo. Em Trevo-alguma-coisa, eu vi alguns imigrantes que passaram ali. Em cidades do interior, também tem bastante gente chegando. Montenegro é a região metropolitana de Porto Alegre; fica no entorno de Porto Alegre.

[00:34:16] Entrevistadora: [inaudível]

[00:34:27] Entrevistado: Como? Jaguari? Já ouvi falar. Não conheço, mas já ouvi falar.

[00:34:29] Entrevistadora: [inaudível].

[00:34:32] Entrevistado: Desde que eu entrei nos Correio, eu comecei a ouvir falar de tudo quanto é cidade, principalmente aqui no Rio Grande do Sul.

[00:34:41] Entrevistadora: [inaudível]

[00:34:44] Entrevistado: É!

[00:34:45] Entrevistadora: Só tem mais uma pergunta! O que você acha da proposta de regular a mídia?

[00:34:52] Entrevistado: Regular a mídia?

[00:34:53] Entrevistadora: É!

[00:34:56] Entrevistado: Você pode repetir?

[00:35:00] Entrevistadora: [inaudível]. O que você acha sobre a proposta de regular a mídia?

[00:35:05] Entrevistado: Regular em que sentindo?

[00:35:08] Entrevistadora: Regular não no sentido de censurar, mas de estabelecer regras, da mesma forma que as agências reguladoras fazem com outros serviços, por exemplo, a Anatel [inaudível]; a Ana, que regula as águas.

[00:35:34] Entrevistado: Olha, eu acredito que, se isso for para o bem da sociedade, tem que ser feito. Se for regular para o bem da sociedade... não sei... Como eu falei antes, eu acho que a informação é muito tendenciosa por parte de quem divulga as informações, então, se a regulamentação fosse para acabar com esses partidarismos da imprensa, acho que seria bem útil.

[00:36:07] Entrevistadora: É! Na verdade, a ideia é democratizar e tentar combater o monopólio de informação no país, mas muita gente interpreta isso como censura, porque a própria mídia hegemônica tenta passar isso e prega como censura.

[00:36:30] Entrevistado: Se for censura, eu sou contra, mas a regulamentação e uma padronização, eu acho que é bem válido, porque o sistema é falho hoje em dia no Brasil.

[00:36:44] Entrevistadora: [inaudível] Então, é isso, Saulo. Você tem mais alguma coisa a acrescentar?

[00:36:52] Entrevistado: Eu acho que não! Espero ter ajudado.

[00:36:55] Entrevistadora: [inaudível]

[00:37:13] Entrevistado: Tá bem! Tá bem! Eu espero ver esse trabalho dando certo.

[00:37:16] Entrevistadora: Então, tá bom! Muito obrigada por ter se disponibilizado, [inaudível].

[00:37:23] Entrevistado: Tá! Se precisar de mais alguma coisa, se daqui a pouco tiver mais algum assunto para tratar, pode me procurar.

[00:37:31] Entrevistadora: Eu entro em contato novamente, se precisar. Obrigada!

[00:37:35] Entrevistado: Obrigado, Mariana.

[00:37:36] Entrevistadora: Tchau! Bom domingo.

[00:37:37] Entrevistado: Para ti também. Obrigado! Tchau, tchau!

ANEXO J19 – Entrevistada: Taís

[00:00:05] Entrevistada: Oi?

[00:00:06] Entrevistadora: Alô? Taís?

[00:00:08] Entrevistada: Oi! Boa tarde.

[00:00:09] Entrevistadora: Boa tarde! Aqui é Mariana. Tudo bem?

[00:00:11] Entrevistada: Tudo bom!

[00:00:12] Entrevistadora: A gente pode conversar agora?

[00:00:15] Entrevistada: Podemos!

[00:00:16] Entrevistadora: Não deve demorar muito. Deve ser uns 20 minutinhos, tá bom?

[00:00:20] Entrevistada: Tá! Tá tudo bem!

[00:00:22] Entrevistadora: Eu vou começar por umas perguntas gerais. Taís, eu vou gravar a entrevista para facilitar a transcrição para o trabalho depois, mas ela é anônima, tá? Os nomes dos participantes não vão aparecer em nenhum momento.

[00:00:36] Entrevistada: Beleza!

[00:00:37] Entrevistadora: Queria saber, primeiro, qual é o estado onde você mora.

[00:00:41] Entrevistada: Minas Gerais.

[00:00:42] Entrevistadora: E a sua idade?

[00:00:45] Entrevistada: 42.

[00:00:46] Entrevistadora: Escolaridade, Taís? Pode ser completa ou cursando.

[00:00:51] Entrevistada: Estou cursando Direito.

[00:00:54] Entrevistadora: Direito? Você está em que semestre?

[00:00:57] Entrevistada: Eu estou [inaudível].

[00:01:00] Entrevistadora: Oi?

[00:01:01] Entrevistada: Eu mudei de faculdade, entendeu? Aí não tem um período certo.

[00:01:04] **Entrevistadora:** Ah, entendi! Está fazendo as disciplinas em vários períodos, né?

[00:01:10] **Entrevistada:** Isso!

[00:01:13] **Entrevistadora:** Entendi! E você tem dispositivos de acesso à internet em casa?

[00:01:17] **Entrevistada:** Sim!

[00:01:18] **Entrevistadora:** E com que frequência você acessa a internet?

[00:01:21] **Entrevistada:** O dia todo.

[00:01:23] **Entrevistadora:** Então são várias vezes ao dia?

[00:01:25] **Entrevistada:** É!

[00:01:26] **Entrevistadora:** E o Facebook?

[00:01:28] **Entrevistada:** Também várias vezes ao dia.

[00:01:33] **Entrevistadora:** E qual é o meio que você mais usa para se manter informada: jornal, rádio, TV, site de notícias, Facebook, Twitter, algum outro?

[00:01:43] **Entrevistada:** É mais a televisão.

[00:01:46] **Entrevistadora:** Televisão?

[00:01:47] **Entrevistada:** Isso!

[00:01:48] **Entrevistadora:** O que você assiste, geralmente, na televisão, de noticiário, essas coisas?

[00:01:54] **Entrevistada:** Jornal.

[00:01:57] **Entrevistadora:** E você é filiado ou simpatizante de algum partido político, Taís?

[00:02:02] **Entrevistada:** Não.

[00:02:03] **Entrevistadora:** Nem filiada nem simpatizante?

[00:02:06] **Entrevistada:** Não! Eu não tenho específico, não.

[00:02:10] **Entrevistadora:** Ah, tá bom! E com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política no Facebook?

[00:02:22] **Entrevistada:** Sinceramente, eu evito compartilhar notícias e informações sobre partidos. Eu evito, entendeu?

[00:02:28] **Entrevistadora:** Entendi! E nem informações sobre política em geral?

[00:02:34] **Entrevistada:** É! Na maioria das vezes, não! Na maioria das vezes, não!

[00:02:40] **Entrevistadora:** E você se interessa pelas temáticas políticas?

[00:02:45] **Entrevistada:** Não! Eu não me interesso, não!

[00:02:50] **Entrevistadora:** Por quê?

[00:02:52] **Entrevistada:** Ah, não sei. Não me interesso, simplesmente.

[00:02:59] **Entrevistadora:** E com que tipo de posicionamentos políticos você mais se identifica? Você se identifica com algum? Direta? Esquerda? Centro? Centro-direita? Centro-esquerda?

[00:03:12] **Entrevistada:** Eu acho que eu estou mais para a esquerda mesmo.

[00:03:15] **Entrevistadora:** Por quê?

[00:03:20] **Entrevistada:** Porque os partidos de esquerda estão mais voltados para o povo. Não na maioria das vezes, mas alguns são mais voltados para o povo, tem um vínculo mais popular, então eu prefiro.

[00:03:46] **Entrevistadora:** E quando você se informa sobre o cenário político do país, quais são os meios que você usa para se informar? A TV também?

[00:03:56] **Entrevistada:** TV, internet, jornal. Aí eu uso geral, porque, apesar de eu não me interessar, eu sempre leio para me atualizar, né?

[00:04:08] **Entrevistadora:** Quais os principais jornais que você acompanha?

[00:04:12] **Entrevistada:** *A Tribuna, O Globo.*

[00:04:18] **Entrevistadora:** Você acompanha blog também?

[00:04:22] **Entrevistada:** Não!

[00:04:25] Entrevistadora: E seus amigos e familiares, geralmente, concordam com os seus posicionamentos políticos? Como o seu envolvimento com política no Facebook se reflete na sua relação com as outras pessoas?

[00:04:38] Entrevistada: Não! Não! Mas é tranquilo.

[00:04:43] Entrevistadora: Nunca teve nenhum problema nem fora do Facebook?

[00:04:46] Entrevistada: Não! Por causa de partido, não. Justamente por isso, eu evito compartilhar informações sobre política no Facebook, para não discutir, para evitar mesmo polêmica.

[00:05:00] Entrevistadora: Entendi! Você sempre evitou ou é de agora?

[00:05:05] Entrevistada: Não, eu sempre evitei.

[00:05:08] Entrevistadora: E o que você pensa, Taís, sobre o Estado garantir serviços gratuitos aos cidadãos, como saúde e educação?

[00:05:18] Entrevistada: Eu acho importante, porque a população brasileira não tem meios de garantir, de forma privada, essas coisas, nem educação e, muito menos, saúde, porque são coisas caras e o salário do brasileiro é péssimo. Na maioria das vezes, a população ganha pouco. A minoria absoluta ganha mais e a maioria ganha pouquíssimo, então não tem como garantir essas coisas com o salário que recebe.

[00:06:05] Entrevistadora: Como o governo deve inserir socialmente os cidadãos que estão marginalizados?

[00:06:16] Entrevistada: Eu creio que com educação – com educação, metade do problema já estaria resolvido - e com políticas sociais, empregos, cursos profissionalizantes. Isso seria interessante, porque sem essas ações, fica difícil, porque como o indivíduo vai se socializar se ele não tem como, se ele não tem inserção, se ele fica ali jogado à margem da sociedade? Não tem jeito, né?

[00:06:56] Entrevistadora: Então a educação seria o melhor caminho?

[00:06:59] Entrevistada: A educação seria o melhor caminho, o mais viável. Mas é o que não é feito.

[00:07:04] Entrevistadora: Beleza! E, na sua opinião, o que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:07:10] Entrevistada: O que leva a ser pobre?

[00:07:12] Entrevistadora: Isso! Pobre financeiramente.

[00:07:18] Entrevistada: O que leva a pessoa a ser pobre financeiramente? Falta de oportunidade!

[00:07:23] Entrevistadora: Você pode me explicar melhor?

[00:07:28] Entrevistada: As pessoas não têm oportunidade de crescer na vida; geralmente, as pessoas pobres são filhos de pobres e são netos de pobres, então é o reforço de uma raiz, digamos assim, de pessoas que não tiveram oportunidade na vida e aquilo foi passando de geração em geração, sem que os novos tivessem oportunidade de mudar o quadro. Eu acho que a raiz da pobreza está nos antepassados que não tiveram a oportunidade de dar oportunidade para os filhos, porque eu vejo pessoas que são melhores financeiramente... o que acontece? São filhos de pessoas que já têm uma situação financeira boa e repassam isso para seus filhos e netos. É essa a situação. O contrário acontece com pobres. Isso vem repassando de geração em geração. Eu acho que aí está a raiz do problema.

[00:08:42] Entrevistadora: E como que você acredita que o mérito individual, o esforço individual da pessoa, influencia nas conquistas pessoais? E o contexto social, como influencia nessas mesmas conquistas?

[00:08:57] Entrevistada: Como? Você repete? Nossa! A ligação está longe!

[00:09:00] Entrevistadora: Está ruim, é?

[00:09:02] Entrevistada: Eu não entendi o que você falou. A ligação está ruim.

[00:09:06] Entrevistadora: Deixa eu tentar falar mais alto, então. Como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais? E o contexto social como influencia?

[00:09:21] Entrevistada: O contexto social?

[00:09:22] Entrevistadora: É! Como o esforço da pessoa influencia nas conquistas dela e como o contexto todo influencia nas mesmas conquistas?

[00:09:34] Entrevistada: O interesse pessoal é individualizado. Eu acho que as pessoas, às vezes, até têm interesse de crescer e tudo, mas isso depende do meio onde ela vive. Com

esforço, a pessoa pode até conseguir crescer e tudo - isso seria um mérito pessoal. A pessoa se formar [inaudível] da sociedade, por mais esforço...

[00:00:02] Entrevistada: Individual, entendeu? Eu acho que ele precisa ser maior do que o individual, porque o que o indivíduo, às vezes, consegue fazer é pouco diante do que a sociedade influencia nele. O direito influencia o indivíduo. Eu vejo esse problema social no Brasil.

[00:00:30] Entrevistadora: Como você acha, Taís, que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:00:38] Entrevistada: Mercado de trabalho?

[00:00:40] Entrevistadora: Não! Mercado no sentido mais financeiro; se o mercado deve ser regulado sozinho, se autorregular, se o Estado deve intervir.

[00:00:55] Entrevistada: Eu acho que o Estado poderia melhorar se cobrasse menos impostos. Seria mais viável, seria uma questão mais prática. Se a pessoa pagasse menos impostos, sobraria mais dinheiro para ela pagar conforto, uma escola melhor para os filhos. Eu acho que a questão estaria na redução dos impostos e também em importação e exportação, porque o Brasil exportar a melhor parte da mercadoria por um preço muito menor, o que sobra para o brasileiro é o pior com preço alto. Eu acho que o governo poderia evitar isso e também conseguir reduzir um pouco o preço do que fica por aqui. Aqui, no Brasil, o que a gente paga é um absurdo, porque o que a gente está pagando é o que o americano podia estar pagando, o japonês podia estar pagando e a gente paga a parte deles, porque a gente paga muito para o governo do que a gente produz. Eles levam as melhores taxas e a gente fica com a pior do mercado. Eu acho que o caminho é por aí.

[00:02:32] Entrevistadora: E o que você pensa sobre o Bolsa Família?

[00:02:36] Entrevistada: Bolsa Família?

[00:02:37] Entrevistadora: É.

[00:02:38] Entrevistado: Se por um lado se a Bolsa Família é uma ajuda; por outro lado, ela é um problema. Por quê? Porque ela ajuda pessoas que, realmente, precisam, mas também existem pessoas que agem de má fé para receber o Bolsa Família, que não precisam, mas têm, que, às vezes, preferem ter um monte de filhos do que trabalhar para garantir um sustento melhor para os filhos. Às vezes, a pessoa prefere ter filho, para

receber o Bolsa Família, mas não quer trabalhar. Mas, por outro lado, eu vi que tem pessoas que, realmente, precisam dessa ajuda, né?

[00:03:39] Entrevistadora: E as políticas de cotas raciais, o que você acha?

[00:03:43] Entrevistada: Oi?

[00:03:45] Entrevistadora: As políticas de cotas raciais.

[00:03:48] Entrevistado: Cotas raciais? É o mesmo caso do Bolsa Família: se por um lado, ela é válida; por outro, ela é discriminatória, porque se você precisa de uma cota para entrar, você já está discriminando a pessoa. Eu acho que é isso! “Cota para o negro”, “a cota para os pobres”: aquele grupo fica discriminado. Se por um lado ajuda a pessoa a entrar na faculdade e contribui com alguma coisa, por outro lado ela discrimina os próprios grupos.

[00:04:37] Entrevistadora: E a criminalidade, você acha que é um problema causado por qual motivo, principalmente?

[00:04:45] Entrevistada: A criminalidade é causada por uma lei frouxa. A lei do Brasil é frouxa. Existe a lei, mas existem brechas. Os criminosos se aproveitam dessas brechas – porque sabem delas – para poder sair fora. E outra coisa: a falta de oportunidade. Também outro tema ligado à violência são as drogas. As drogas estão fazendo com que os números de ocorrências de criminalidade aumentem, porque, por causa da droga, o indivíduo rouba, mata. Então, eu acho que é isso!

[00:05:39] Entrevistadora: E como você acredita que o Estado deve combater a criminalidade?

[00:05:43] Entrevistada: Eu acho que o Estado deveria fechar as brechas da lei e ser mais rígido na hora de punir, mesmo que seja menor. O menor, não digo colocar junto com as outras pessoas presas, mas que ele possa também pagar de alguma forma por aquilo. Eu acho que começa daí: de uma reestruturação da lei e da punição.

[00:06:24] Entrevistadora: E como você acha que o Estado deve reinserir na sociedade os detentos que já cumpriram suas penas?

[00:06:33] Entrevistada: Eu acho que existe uma forma de discriminação. Eles, saindo do sistema prisional, não conseguem emprego. Então, o governo, de alguma forma, deveria,

sem dúvida, auxiliar nesse lado de reinserir no mercado de trabalho e ter convívio com o trabalho dentro da cadeia, no sistema prisional, para já saírem com oportunidade de emprego. O que acontece com os detentos e o ex-detentos é o seguinte: eles saem sem oportunidade e vão para uma cultura do crime por não terem tido a oportunidade de mudar. Existem os indivíduos que estão sociáveis, que podem ser reinseridos na sociedade. Alguns podem ser; não todos! Existem casos e casos. Com esses que podem, deveria ser com uma política de emprego para eles.

[00:08:00] Entrevistadora: E o que você acha sobre o trabalho executado pela polícia militar no país?

[00:08:05] Entrevistada: A polícia, no país... A gente tem várias, mas, no geral, eu acho que a polícia atua bem, no limite lhes é imposto, porque a polícia tem limitação; a polícia esbarra na lei, tanto que quando o bandido ou o assaltante rouba, estupra ou mata, sabe que ele vai ter uma brecha para sair daqui um tempo. É por isso que eles falam: “a polícia prende e a lei solta”. Eu acho que a polícia ainda assim faz um bom trabalho.

[00:08:51] Entrevistadora: E qual é a sua opinião sobre o porte de armas de fogo?

[00:08:56] Entrevistada: Eu sou contra! Eu sou contra porque a pessoa ter uma arma de fogo em casa, por algum motivo, pode querer usar. Alguém tem algum conflito em casa e, de uma outra forma, acaba [inaudível] tem essa arma de fogo em casa. Eu não sou a favor.

[00:09:25] Entrevistadora: E o casamento homoafetivo, o que você pensa sobre?

[00:09:30] Entrevistada: O que eu penso?

[00:09:31] Entrevistadora: É.

[00:09:32] Entrevistada: Eu acho que individualmente cada um faz o que curte, pensa e o que bem entender. Eu sou de uma época que não aprendeu a mudar, mas, se a pessoa é homossexual e quer casar, por mim, eu acho tranquilo. No momento que seja com amor [inaudível]. Se eles acham que essa é a melhor, por mim, nada contra, não.

[00:10:10] Entrevistadora: E você acha que um casal homossexual deve ter direito a adotar uma criança?

[00:10:17] Entrevistada: Lógico! Claro que sim!

[00:10:20] Entrevistadora: Por quê?

[00:10:21] Entrevistada: Eu acho que sim. Porque, sim! Eles têm maturidade para isso. São seres humanos, né? A opção individualmente deles não fazem deles melhores ou piores do que ninguém. Eu acho que eles devem ter oportunidade que todos têm. São indivíduos, são pessoas. Eles não terem direito fere o Princípio da Dignidade da Pessoa Humana. Então, eles têm todo o direito de serem um indivíduo comum.

[00:11:02] Entrevistadora: E como você vê o papel das mulheres na contemporaneidade?

[00:11:12] Entrevistada: As mulheres, na atualidade, têm tido um papel muito crescente, né? Então, competimos de igual para igual com o homem. Uma carreira que antigamente só era feita de homem, por autoridade de homem, como política, pedreiros, a gente já vê mulheres atuando nessas áreas. Então, as mulheres estão bem atuantes. As mulheres têm a mesma liberdade mesmo que o homem, eu acho. Acho que as mulheres, hoje em dia, estão bem atuantes e firmes.

[00:11:56] Entrevistadora: E a problemática do aborto, Taís, como você a encara?

[00:12:01] Entrevistada: Aborto por aborto, eu sou contra. A mulher escolhe transar e, depois, vai querer fazer o aborto, por livre e espontânea vontade!?! Eu acho que ela tem que arcar com o que ela fez. Fora isso, existem casos e casos. Existem casos de estupro e existem os casos também de crianças que nascem acéfalas, que não terão possibilidades de uma sobrevivência. Então, nestes casos, eu sou a favor do aborto. Esses casos, somente, eu respeito!

[00:12:54] Entrevistadora: E o que você pensa quando escuta alguma história sobre uma mulher que foi assediada?

[00:13:02] Entrevistada: Uma história de uma mulher que foi assediada?

[00:13:04] Entrevistadora: Isso!

[00:13:05] Entrevistada: Eu acho que, nesses casos, a mulher tem que denunciar, a mulher tem que tomar providências, porque o homem, ou seja lá quem for, não tem direito de assediar ninguém. A mulher pode usar o que ela quiser, no momento que ela quiser e ela tem o direito de transitar, de ir e vir, como ela quiser. Ninguém tem o direito de assediar ninguém por causa de roupa ou por causa de motivos fúteis. Não creio que isso seja certo!

[00:13:43] Entrevistadora: Mudando um pouquinho a temática, eu queria saber qual é a sua opinião sobre o Brasil receber imigrantes de países que estejam vivendo algum tipo de conflito ou que tenham passado por alguma situação de catástrofe natural?

[00:13:58] Entrevistada: Eu sou a favor! Por quê? Porque o partido político em que eles estão, as pessoas, eles servem como refúgio para... Querendo ou não, a pessoa já sofreu, já teve sua vida mudada, já teve sua vida modificada e teve todo um sofrimento, tentando tornar aquele sofrendo em uma nova luta. Eu acho muito válido o Brasil acolher essas pessoas que vêm de fora, embora mediante a essas situações – catástrofes, guerras. É um asilo político mesmo. Porém, essas pessoas com possibilidade de volta para os seus países de origem, devem voltar.

[00:14:49] Entrevistadora: Por fim, a minha última pergunta, Taís: o que acha sobre a proposta de regular a mídia?

[00:14:58] Entrevistada: Regular?

[00:14:59] Entrevistadora: É!

[00:15:00] Entrevistada: Eu não acho certo, não!

[00:15:02] Entrevistadora: Por quê?

[00:15:05] Entrevistada: Porque a mídia não precisa ser regulada. O sentido de regular é no sentido de proibir?

[00:15:16] Entrevistadora: Não! É regular no sentido de impor regras e cuidar do que a mídia está fazendo e não está fazendo. Não é no sentido de censura.

[00:15:25] Entrevistada: Eu acho que não pode acontecer de forma alguma, porque as pessoas dependem da mídia, de todos os tipos, para poder se informar e melhorar seu interesse, porque muitas pessoas têm como espelho e – como eu diria – e elas têm a mídia como sua informação, então não tem por que o governo regular. O governo regulando a mídia, ele está regulando o direito das pessoas de saberem o que está acontecendo no país. Não seria justo! Não seria certo! Eu sou totalmente contra.

[00:16:24] Entrevistadora: São essas as perguntas. Você tem mais alguma coisa a acrescentar?

[00:16:29] Entrevistada: Não. Tenho, não.

[00:16:33] Entrevistadora: Então, é isso, Taís. Obrigada por ter se disponibilizado a participar. Eu devo apresentar o trabalho no fim do ano ou no começo do ano que vem. Quando já tiver alguma coisa pronta, eu vou entrar em contato novamente para encaminhar para você o resultado final, tá bom?

[00:16:51] Entrevistada: Tudo bem!

[00:16:53] Entrevistadora: Muito obrigado!

[00:16:55] Entrevistadora: Por nada! Disponha!

[00:16:58] Entrevistadora: Obrigada! Tenha um bom domingo.

[00:16:59] Entrevistadora: Para você também.

[00:17:01] Entrevistadora: Obrigada! Tchau, tchau.

[00:17:03] Entrevistadora: Tchau!

ANEXO J20 – Entrevistado: Uriel

[00:00:17] Entrevistado: Oi?

[00:00:18] Entrevistadora: Alô? Uriel? Você está me ouvindo?

[00:00:25] Entrevistado: Estou te ouvindo. Você está me ouvindo?

[00:00:27] Entrevistadora: Estou, estou te ouvindo. Aqui é a Mariana, da entrevista. Tudo bem?

[00:00:32] Entrevistado: Tudo bem!

[00:00:34] Entrevistadora: Você pode falar agora?

[00:00:35] Entrevistado: Posso, sim!

[00:00:37] Entrevistadora: Tá bom! Eu vou começar por umas perguntas gerais, que são bem rápidas, e, depois, a gente parte para a parte da entrevista que você vai falar mais, tá bom?

[00:00:50] Entrevistado: *Uhum!*

[00:00:52] Entrevistadora: Eu vou gravar, Uriel. É assim mesmo que se pronuncia o seu nome?

[00:00:57] Entrevistado: Oi?

[00:00:58] Entrevistadora: Qual é a pronúncia certa do seu nome?

[00:01:01] Entrevistado: É “Is-ma-é-ly”.

[00:01:04] Entrevistadora: Ah! “Is-ma-é-ly”. Tá, então, eu vou gravar a entrevista, só para facilitar a transcrição para o trabalho depois, mas seu nome não vai aparecer em momento algum. É anônima, tá bom?

[00:01:17] Entrevistado: Tá bem!

[00:01:18] Entrevistadora: Qual é o estado onde você mora?

[00:01:21] Entrevistado: Pará.

[00:01:24] Entrevistadora: Pará? Legal! Tem pouca gente do Norte na representação das entrevistas até agora. Eu conversei com um moço do Pará. Você mora em Belém mesmo?

[00:01:35] **Entrevistado:** Não! Em Santarém.

[00:01:37] **Entrevistadora:** Ah, que legal! E qual é a sua idade?

[00:01:41] **Entrevistado:** 30.

[00:01:43] **Entrevistadora:** Escolaridade? Pode ser completa ou cursando.

[00:01:47] **Entrevistado:** Completa.

[00:01:49] **Entrevistadora:** O que você faz?

[00:01:51] **Entrevistado:** Estou cursando TI.

[00:01:54] **Entrevistadora:** Ah, você está cursando...?

[00:01:57] **Entrevistado:** TI.

[00:01:58] **Entrevistadora:** Beleza! E você tem dispositivos de acesso à internet em casa? Pode ser computador, celular, *tablet*, qualquer um.

[00:02:06] **Entrevistado:** Tenho!

[00:02:07] **Entrevistadora:** E com que frequência você acessa a internet? Pode ser de qualquer lugar: casa, trabalho, escola, faculdade.

[00:02:15] **Entrevistado:** Vixi! De qualquer lugar?

[00:02:16] **Entrevistadora:** Mas com que frequência?

[00:02:19] **Entrevistado:** De vez em quando, por causa do meu trabalho, né?

[00:02:22] **Entrevistadora:** Mas você acessa todo dia?

[00:02:24] **Entrevistado:** É, todo dia.

[00:02:26] **Entrevistadora:** Mais de uma vez por dia?

[00:02:28] **Entrevistado:** Sim!

[00:02:29] **Entrevistadora:** E o Facebook, você acessa com que frequência?

[00:02:33] **Entrevistado:** Ah, todo dia!

[00:02:35] **Entrevistadora:** Também? Mais de uma vez por dia?

[00:02:37] **Entrevistado:** *Uhum!*

[00:02:39] **Entrevistadora:** E qual é o meio que você mais utiliza para se manter informado: jornal, rádio, TV, site de notícias, Facebook, Twitter, algum outro?

[00:02:48] **Entrevistado:** Qual é o meio?

[00:02:50] **Entrevistadora:** Isso! Desses que eu falei: jornal...?

[00:02:58] **Entrevistado:** Eu uso o Facebook e também televisão (eu gosto muito de assistir jornais e tal) e as páginas de notícias que eu sigo.

[00:03:10] **Entrevistadora:** Quais páginas você costuma acompanhar?

[00:03:13] **Entrevistado:** É *Folha de S.Paulo*, *R7*, *G1*, *Jornal Nacional*, *UOL*, *Yahoo*, todas essas páginas.

[00:03:29] **Entrevistadora:** Beleza! Você é filiado ou simpatizante de algum partido político?

[00:03:33] **Entrevistado:** Não!

[00:03:35] **Entrevistadora:** Nem simpatizante?

[00:03:37] **Entrevistado:** Não.

[00:03:39] **Entrevistadora:** E com que frequência você comenta ou compartilha informações sobre política no Facebook?

[00:03:46] **Entrevistado:** Na minha página?

[00:03:50] **Entrevistadora:** Com que frequência você compartilha na sua página ou com que frequência você vai até outras páginas comentar ou comenta nos perfis de outras pessoas, de amigos, conhecidos ou até de desconhecidos?

[00:04:02] **Entrevistado:** Às vezes, eu não publico nada, mas sempre eu comento, para ter opinião.

[00:04:09] **Entrevistadora:** Onde você costuma comentar?

[00:04:11] **Entrevistado:** Nas páginas de jornais de pequeno porte.

[00:04:14] **Entrevistadora:** Agora, eu vou fazer algumas perguntas políticas mais práticas. Por que você se interessa por temáticas políticas?

[00:04:26] Entrevistado: Na verdade, por causa de indignações. Eu não me interessava, mas, por causa desse tanto de coisas que aconteceram, me interessou saber, me informar mais sobre política. Tipo, quando eu descobri o que era o mundo da política, gerou uma indignação, uma revolta. [inaudível], para ver se a gente muda alguma coisa, sei lá. O futuro do país está nas mãos deles.

[00:05:16] Entrevistadora: E esse seu interesse, você disse que é recente. Você se lembra, mais ou menos, em que ano ou em que situação você começou a se interessar mais?

[00:05:25] Entrevistado: Quando começou a ser descoberto essas corrupções, por conta do início da Lava-Jato.

[00:05:37] Entrevistadora: E com que tipo de posicionamentos políticos você mais se identifica: esquerda, centro-esquerda, centro, centro-direita, direita?

[00:05:49] Entrevistado: Eu acho que é mais com a direita.

[00:05:54] Entrevistadora: Por quê?

[00:06:01] Entrevistado: Não sei. Porque a esquerda é que estava controlando aqui, era esse pessoal que estava no poder agora, né? [inaudível] experiência.

[00:06:08] Entrevistadora: Não. O PT tem um caráter de centro-esquerda e os partidos de esquerda, atualmente, são o PSOL, PCdoB, PSTU.

[00:06:23] Entrevistado: Ah tá!

[00:06:26] Entrevistadora: E na direita está o PSDB, PMDB, o DEM.

[00:06:34] Entrevistado: Então, na verdade, eu acho que eu sou de nenhum, mas, por causa do que está acontecendo aí, que tem o PT e outros... Tudo veio à tona no governo deles, né? Aí, o que acontece? A gente fica meio [inaudível], para ver se muda alguma coisa.

[00:07:06] Entrevistadora: E como você procura se informar sobre o cenário político do país? É da mesma forma que você se informa sobre as notícias no geral, como você já me contou (pela televisão, pelos portais de notícias) ou muda alguma coisa?

[00:07:23] Entrevistado: É mais por aí também.

[00:07:27] **Entrevistadora:** Você costuma acessar algum blog, alguma página de algum político ou de algum partido?

[00:07:33] **Entrevistado:** Não! Blog não, porque tem outras fontes [inaudível] e a corrupção é geral e eles cobrem. Aí, nem eles. Parei também de seguir.

[00:07:50] **Entrevistadora:** E qual é a sua opinião sobre a forma como as notícias sobre política são escritas?

[00:08:00] **Entrevistado:** Como elas são escritas?

[00:08:03] **Entrevistadora:** É, exatamente! Como elas são escritas. Você acha que elas são objetivas, você acha que elas são imparciais ou você acha que existe parcialidade nas notícias ou que elas tendem mais para um lado ou para o outro?

[00:08:20] **Entrevistado:** Tem umas que é bem perceptível que não são parciais, não. Tem umas que são mais para a direita, outras para a esquerda. É bem perceptível.

[00:08:37] **Entrevistadora:** Você consegue sentir isso nas mídias que você acompanha (noticiários televisivos, nos portais de notícias)?

[00:08:49] **Entrevistado:** Consegue! Tem muito. É bem perceptível essa questão. Não é parcial!

[00:08:56] **Entrevistadora:** Você acha que os seus amigos e familiares concordam com os seus posicionamentos políticos? Como o seu envolvimento com política no Facebook se reflete na sua relação com as outras pessoas?

[00:09:20] **Entrevistado:** Eles não estão nem aí, não dão a mínima!

[00:09:29] **Entrevistadora:** Eles não se interessam pelas temáticas políticas?

[00:09:31] **Entrevistado:** Não, não! Eles não se interessam, não. É tipo tanto faz, tanto fez.

[00:09:36] **Entrevistadora:** Você já chegou a ter algum problema de discutir com alguém no Facebook ou mesmo fora do Facebook, na sua rotina, por causa de política?

[00:09:47] **Entrevistado:** Não.

[00:09:48] **Entrevistadora:** Não? Nunca viveu essa experiência, né?

[00:09:51] **Entrevistado:** Não, nunca. Só com o... pessoalmente já!

[00:09:54] **Entrevistadora:** Pessoalmente já?

[00:09:57] **Entrevistado:** Sim.

[00:09:58] **Entrevistadora:** Como foi?

[00:10:00] **Entrevistado:** Foi com o meu pai, porque ele é petista e, com todas essas coisas acontecendo, mesmo assim, ele mantém a bandeira vermelha. Ele é meio que fanático, digamos assim. Aí, nesse dia, teve uma briga, mas tudo normal.

[00:10:21] **Entrevistadora:** Mas tudo se resolveu e está tudo bem hoje?

[00:10:25] **Entrevistado:** É. São questões de opinião.

[00:10:31] **Entrevistadora:** Beleza! Agora eu vou fazer umas perguntas político-ideológicas, tá bom?

[00:10:40] **Entrevistado:** Tá bom!

[00:10:41] **Entrevistadora:** Se você quiser pular alguma, não tem problema.

[00:10:45] **Entrevistado:** Você é jornalista? O que é isso?

[00:10:47] **Entrevistadora:** Eu sou jornalista. Eu estou fazendo o meu mestrado na linha de pesquisa de Jornalismo e Sociedade. Estou tentando descobrir o perfil das pessoas que se interessam por política no Facebook, especificamente. Então, a pergunta é: como você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado?

[00:11:15] **Entrevistado:** Quem deve atuar? Não entendi!

[00:11:17] **Entrevistadora:** Como você acredita que o Estado deve atuar em relação ao mercado? Se você não entender, me diz que eu repito de outro jeito, tá bom?

[00:11:30] **Entrevistado:** Então, tem como reformular de outra forma essa pergunta?

[00:11:34] **Entrevistadora:** Você acha que o Estado deve intervir no mercado ou você acha que o Estado deve deixar o mercado se regular sozinho?

[00:11:48] **Entrevistado:** Eu não sei. Essa perguntinha é bem complicada.

[00:11:57] **Entrevistadora:** Essa pergunta é difícil mesmo. Muita gente trava nela. Mas depois elas ficam mais fáceis.

[00:12:04] **Entrevistado:** [inaudível]

[00:12:09] **Entrevistadora:** Tudo bem! Então, vamos passar para a próxima: o que você pensa sobre o Estado garantir serviços gratuitos aos cidadãos, como saúde e educação, por exemplo?

[00:12:21] **Entrevistado:** Garantir o quê gratuito?

[00:12:24] **Entrevistadora:** O que você acha do Estado garantir esses serviços gratuitamente para as pessoas, saúde e educação? Você acha que o Estado deve ou não deve fazer? O que você pensa sobre ele fazer?

[00:12:37] **Entrevistado:** Deveria, né? Era para ser assim.

[00:12:42] **Entrevistadora:** Por que você acha que tem que ser assim?

[00:12:46] **Entrevistado:** Porque a gente não vê muito [inaudível]. A gente não vê ações deles nesse tipo quase nada. Então, eu não sei para onde vai tanto imposto. É tanto dinheiro, tanto imposto. Mas, hoje em dia, tem um monte de interrogação na cabeça da gente. Então, devia! Eu acho que deve, sim. Eu acho [inaudível].

[00:13:25] **Entrevistadora:** E como você acha que o governo deve inserir socialmente os cidadãos que estão marginalizados, que estão excluídos da sociedade?

[00:13:38] **Entrevistado:** Como o governo deve o quê?

[00:13:41] **Entrevistadora:** Reinsere socialmente as pessoas que estão excluídas da sociedade, as pessoas mais pobres.

[00:13:47] **Entrevistado:** Está cortando a ligação. Você pode reformular?

[00:13:50] **Entrevistadora:** Posso, sim! Você está ouvindo agora?

[00:13:53] **Entrevistado:** Estou!

[00:13:54] **Entrevistadora:** Como você acredita que o governo deve inserir socialmente as pessoas que estão excluídas da sociedade, as pessoas mais pobres?

[00:14:04] **Entrevistado:** Como eles deveriam fazer?

[00:14:07] **Entrevistadora:** Como ele deve agir para inserir essas pessoas no contexto social, para dar mais oportunidades para essas pessoas?

[00:14:19] **Entrevistado:** Eu acho que vai começar pela educação, né? Começa por aí. Daí vai gerar uma série de coisas, a começar pelos professores... educação... começando por eles, né? Eu acredito que é por aí que começa a mudar essa questão da pobreza.

[00:14:43] **Entrevistadora:** E, na sua opinião, Uriel, o que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:14:50] **Entrevistado:** O que leva uma pessoa a ser pobre? Nossa, que pergunta difícil!

[00:14:58] **Entrevistadora:** É difícil mesmo!

[00:15:03] **Entrevistado:** O que você acha que leva uma pessoa a ser pobre?

[00:15:07] **Entrevistadora:** Eu?

[00:15:08] **Entrevistado:** É.

[00:15:09] **Entrevistadora:** Eu não posso responder; eu não posso influenciar na sua resposta. Mas eu também acho a pergunta difícil. Acho todas elas difíceis.

[00:15:18] **Entrevistado:** Eu acho que é muito complicado. A pessoa tem que... Como ela vai ser pobre? Por isso que eu falei...

[00:15:32] **Entrevistadora:** ... da resposta da educação, né?

[00:15:35] **Entrevistado:** É. Então, eu acho que é por aí. A pessoa não vai querer ser pobre; não tem como! Eu acho que o que leva a pessoa a ser pobre é a educação.

[00:15:42] **Entrevistadora:** Ter ou não ter acesso à educação, certo?

[00:15:51] **Entrevistado:** É.

[00:15:54] **Entrevistadora:** Beleza! E como você acha que o mérito individual influencia nas conquistas pessoais? Como você acha que o esforço individual, o esforço só da pessoa, influencia nas conquistas dela? E como você acha que todo o resto do contexto social influencia nas conquistas dessa mesma pessoa? Não sei se você conseguiu entender.

[00:16:21] **Entrevistado:** Eu acho que é trabalhar, né? É trabalho.

[00:16:27] **Entrevistadora:** Como assim?

[00:16:28] **Entrevistado:** Porque a questão da conquista, se ela conquistou alguma coisa, entende?

[00:16:38] Entrevistadora: Mas eu quero entender... Você acha que o próprio esforço da pessoa influencia nas conquistas dela até que ponto? E o contexto social, a realidade em que esta pessoa está inserida, influencia até que ponto também? Eu queria entender qual é a sua visão sobre essas duas perspectivas.

[00:17:09] Entrevistado: Eu acho que é... Eu não sei. Essa pergunta é complicada. Mas eu acho que é por aí mesmo: a gente vai trabalhar, porque do jeito que a gente veio, a gente vai conseguir. Se tiver jeito de estudar, já vai ter mais chance. E trabalhar e estudar, [inaudível].

[00:17:33] Entrevistadora: Ok! E o que você pensa sobre o Bolsa Família?

[00:17:37] Entrevistado: Bolsa Família? O Bolsa Família é muito criticado por uma parte do pessoal. Eu acho que é válido, sim, porque, querendo ou não, circular dinheiro e ajuda esse pessoal mais pobre. Mas eu acredito que deveria ter uma reforma, porque eu sei que há muita corrupção nisso daí também. Há pessoas que não merecem que estão recebendo e não deveriam receber. Deveriam ampliar. Então, acho que tudo bem!

[00:18:25] Entrevistadora: Você acha que deveria ampliar ou que não deveria? Eu não entendi. Desculpa!?

[00:18:30] Entrevistado: Deve! Deve haver, sim, para eliminar esse tipo de corrupção que tem por aí, entendeu?

[00:18:44] Entrevistadora: E como você enxerga as políticas de cotas raciais dentro das universidades ou em concursos públicos?

[00:18:56] Entrevistado: Eu acho que está certo. Acho que tem que dar uma chance, porque tem pessoas que são discriminadas [inaudível]. Eu acho que está atuando, na minha opinião.

[00:19:21] Entrevistadora: E, para você, a criminalidade é um problema causado, principalmente, por qual motivo?

[00:19:30] Entrevistado: Eu acho que o motivo é falta de segurança, né? E, tipo, as fronteiras do Brasil. Começa por aí. Eu acredito que é por aí. A maconha também vai dar [inaudível]. Então, eu acho que começa pelas fronteiras.

[00:20:11] **Entrevistadora:** E como você acredita que o Estado deve reinserir na sociedade os detentos que já cumpriram suas penas? Aquelas pessoas que estão saindo da prisão, o que o Estado deve fazer com elas?

[00:20:27] **Entrevistado:** As que estão saindo, né?

[00:20:28] **Entrevistadora:** É! As que estão saindo e já cumpriram as penas e estão livres. Como deve ser a reinserção deles na sociedade?

[00:20:37] **Entrevistado:** Eu acho que eles deveriam [inaudível]. Tem um monte que a gente conhece, que saem da prisão e voltam para o crime e para a prisão [inaudível] ou mais até. Então, eu acho deveria ter algum controle assim [inaudível] avançar na tecnologia [inaudível]. Depende da pena, né? Depende da pena.

[00:21:24] **Entrevistadora:** E qual é a sua opinião sobre o trabalho executado pela polícia militar no país?

[00:21:34] **Entrevistado:** Em parte está padrão, porque a gente vê notícia de corrupção demais na polícia, de abuso de autoridade, [inaudível].

[00:21:56] **Entrevistadora:** Amigos policiais aí, em Santarém?

[00:22:00] **Entrevistado:** É! Aqui.

[00:22:04] **Entrevistadora:** E como você enxerga a atuação da polícia aí, no Pará?

[00:22:07] **Entrevistado:** Aqui?

[00:22:10] **Entrevistadora:** É!

[00:22:12] **Entrevistado:** Aqui está razoável, né? O que eu estava falando era referente ao Brasil, que [inaudível], mas aqui está razoável.

[00:22:24] **Entrevistadora:** Você acha que está melhor que no restante do país?

[00:22:26] **Entrevistado:** É. Aqui a gente não vê [inaudível] e está controlado. O controle da cidade e [inaudível].

[00:22:42] **Entrevistadora:** E o que você acha sobre o porte de armas de fogo?

[00:22:48] **Entrevistado:** É uma questão muito complicada! A gente vê nos Estados Unidos, que lá tem, mas só que a lei lá é outra, né? Lá você tem arma, mas se você matar com aquela arma, você vai ter prisão perpétua, tem pena de morte, entendeu? Tem uma

série de leis para isso aí. Aqui, se fosse fazer isso, não ia dar certo. Acho que ia morrer todo mundo. Teria que mudar a lei, teria que [inaudível]. Mas tem casos que o porte de armas... É o porte de armas, né?

[00:23:37] **Entrevistado:** Então, você acha que não deveria ser liberado?

[00:23:42] **Entrevistado:** Eu acho que deveria ser se [inaudível].

[00:23:49] **Entrevistadora:** Você acha que deveria ser, mas com modificações na legislação, é isso?

[00:23:54] **Entrevistado:** É! Deveria ser assim!

[00:23:59] **Entrevistadora:** Que tipos de modificações?

[00:24:00] **Entrevistado:** [inaudível], entendeu?

[00:24:08] **Entrevistadora:** Quais medidas?

[00:24:11] **Entrevistado:** Teria que ter uma receita para quem causasse algum dano com essa arma a alguém indefeso. Te dando um exemplo: você está com porte de arma, aí vai e fica doidão e dá um tiro, porque discutiu com o outro, entendeu? Para esse tipo de crime, deveria ser prisão perpétua, uma coisa assim [inaudível].

[00:24:44] **Entrevistadora:** Agora, mudando a temática: o que você acha sobre casamento homoafetivo?

[00:24:56] **Entrevistado:** Homossexual?

[00:25:58] **Entrevistadora:** É. Casamento homoafetivo é o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

[00:25:06] **Entrevistado:** Eu sou contra, porque eu sou cristão.

[00:25:17] **Entrevistadora:** Alô!?

[00:25:19] **Entrevistado:** Oi!

[00:25:21] **Entrevistadora:** A ligação cortou. Eu não consegui ouvir o que você disse.

[00:25:25] **Entrevistado:** Está ouvindo?

[00:25:26] **Entrevistadora:** Estou! Agora eu estou.

[00:25:29] **Entrevistado:** Então, como eu estava falando, como eu sou cristão e também [inaudível], eu sou contra. Eu sou contra, particularmente.

[00:25:43] **Entrevistadora:** E por que você é contra?

[00:25:47] **Entrevistado:** Por causa que...

[00:25:49] **Entrevistadora:** Por questões religiosas, é isso?

[00:25:51] **Entrevistado:** Não! Não é motivo religioso. É só que [inaudível]. Não sei se você é aquilo ou se você não é. Mas, por isso, eu não vou discriminar ele porque... entendeu? Eu não vou discriminar, porque não cabe a mim; não cabe a ninguém. Mas dizer que eu sou contra, eu sou contra! Mas não a ponto de bater boca com eles. Tenho muitos colegas que são; gosto muito deles, de ver a alegria deles, falo do amor de Deus para eles e tal. E é tranquilo! Eu até iria para um casamento deles, mas não que eu seja a favor.

[00:26:59] **Entrevistadora:** E o que acha sobre um casal homossexual ter direito a adotar uma criança?

[00:27:10] **Entrevistado:** Eu acredito que...

[00:27:18] **Entrevistadora:** Você acredita o quê? A ligação está um pouquinho longe.

[00:27:27] **Entrevistado:** Eu acredito que não poderia, mas, por outro lado também, se a criança está sem destino nenhum, por que não? A criança deveria seguir o caminho que ela quisesse, entendeu? [inaudível]. Tipo, o casal chega lá na adoção e o casal vai pedir a ela e se ela quiser, eu acho que bota lá como uma adoção qualquer, sem objeção. Cada um tem que seguir o seu destino.

[00:28:01] **Entrevistadora:** Beleza! E como você vê o papel das mulheres atualmente?

[00:28:10] **Entrevistado:** É para falar no mercado ou...?

[00:28:14] **Entrevistadora:** É em todos os contextos. É o papel da mulher na sociedade, tanto no mercado quanto na família...

[00:28:24] **Entrevistado:** É bem! [inaudível] mais querida que [inaudível]. Parabéns a todas também e [inaudível].

[00:28:41] **Entrevistadora:** E como você encara a problemática do aborto?

[00:28:48] **Entrevistado:** Sou contra!

[00:28:50] Entrevistadora: Por quê?

[00:28:54] Entrevistado: Porque é uma vida que está sendo criada ali, entendeu? Se você acaba com uma vida que está dentro de você, essa atitude é crime! É uma vida que está sendo jogada fora. Você vê uma cirurgia dessa, você vê a criancinha [inaudível] se mexendo, a mãozinha da criança [inaudível]. É uma vida! Acho que essa pessoa é uma assassina. Eu sou contra, contra mesmo.

[00:29:38] Entrevistadora: E o que você pensa...?

[00:29:39] Entrevistado: Tem nem como!

[00:29:40] Entrevistadora: Ai, desculpa! Eu te interrompi. Pode continuar falando.

[00:29:46] Entrevistado: É isso!

[00:29:49] Entrevistadora: Tá! Ok! O que você pensa quando você escuta alguma história sobre uma mulher que foi assediada?

[00:29:57] Entrevistado: Assediada?

[00:29:58] Entrevistadora: É.

[00:30:11] Entrevistado: Acho que elas deveriam procurar os direitos delas, prestar queixa e tal. [inaudível].

[00:30:27] Entrevistadora: Aí é muito frequente?

[00:30:29] Entrevistado: É, é bem! E elas não procuram, aí fica meio que camuflado. Elas não procuram, aí fica por isso mesmo.

[00:30:40] Entrevistadora: Isso acontece muito mesmo.

[00:30:44] Entrevistado: É!

[00:30:46] Entrevistadora: Mudando completamente de assunto, o que você pensa sobre o país receber imigrantes de países que estão vivendo algum tipo de conflito ou que passaram por algum problema de catástrofe natural?

[00:31:04] Entrevistado: Eu acho que deveria ser acolhido até o período, e não ficar para sempre aqui. [inaudível] imigrante ou de outro país qualquer. Eu acho que deveria, sim, acolher [inaudível], entendeu? [inaudível].

[00:31:55] **Entrevistadora:** Agora, a última pergunta, Uriel. Eu não vou mais tomar muito do seu tempo. O que você acha sobre a proposta de regular a mídia?

[00:32:09] **Entrevistado:** Regular a mídia?

[00:32:10] **Entrevistadora:** É.

[00:32:12] **Entrevistado:** Eu acho um absurdo!

[00:32:16] **Entrevistadora:** Por que você acha um absurdo?

[00:32:20] **Entrevistado:** Por que eles querem regular a mídia? O que você acha?

[00:32:28] **Entrevistadora:** Oi?

[00:32:29] **Entrevistado:** Eles querem regular a mídia por quê?

[00:32:30] **Entrevistadora:** Eu sou da área de comunicação, então eu já estudei bastante sobre o assunto. A proposta de regulação da mídia surge como uma forma de democratizar. É um jeito de você dar mais espaço para canais menores, porque hoje o que a gente vê é uma mídia hegemônica. São seis famílias que dominam toda a mídia no país, então é muito complicado!

[00:33:01] **Entrevistado:** Eu pensava que era de forma bem ao contrário. Eu tinha ouvido falar de um projeto de regular a mídia da população, tipo [inaudível], porque agora está demais.

[00:33:16] **Entrevistadora:** Não, não é assim!

[00:33:19] **Entrevistado:** ... de não poder expressar sua opinião.

[00:33:22] **Entrevistadora:** Não é assim de forma alguma essa ideia. A ideia é, justamente, o contrário: é abrir mais espaço.

[00:33:29] **Entrevistado:** Ah, tá bom! Com certeza!

[00:33:31] **Entrevistadora:** É porque, muitas vezes, as pessoas recebem a informação dessa própria mídia que controla como se fosse uma coisa ruim, mas quando você passa a estudar mais a fundo... Já que são eles que dominam, convém para eles passar, justamente, essa ideia.

[00:33:48] **Entrevistado:** E a gente acaba recebendo dessa forma. Eu mesmo fiquei sabendo agora. Eu era até contra, mas, agora, eu sou a favor.

[00:34:02] Entrevistadora: Quando você para entender um pouquinho melhor o assunto, para ler mais sobre, você começa a ter uma outra visão.

[00:34:11] Entrevistado: Ah tá! Sou a favor! Com certeza!

[00:34:15] Entrevistadora: Então tá! São essas as perguntas. Você tem mais alguma coisa a acrescentar?

[00:34:21] Entrevistado: Eu? Você é ateu?

[00:34:28] Entrevistadora: Eu? Eu sou. Eu sou ateia!

[00:34:30] Entrevistado: Sério?

[00:34:31] Entrevistadora: Sério! Eu sou ateia, sim. E você?

[00:34:39] Entrevistado: Por quê? Por que você não acredita em Deus?

[00:34:42] Entrevistadora: Na minha família, tem muita gente que é católica, mas, desde muito pequena, eu estudava na minha escola, tinha aula de religião, essas coisas, e eu nunca consegui entender muito bem. Na verdade, eu sou contra a igreja enquanto instituição, mas eu respeito completamente as pessoas que acreditam, né? E até em termos de crença, talvez eu até esteja mais para agnóstica do que para ateia. Mas a igreja, enquanto instituição, eu sou contra.

[00:35:18] Entrevistado: Eu também sou! Mas em questão de acreditar em Deus, essa parte de religião, corrupção...

[00:35:26] Entrevistadora: Mas você não frequenta igreja, então?

[00:35:30] Entrevistado: Eu?

[00:35:31] Entrevistadora: É.

[00:35:32] Entrevistado: Não! Só a família.

[00:35:34] Entrevistadora: Oi?

[00:35:35] Entrevistado: [inaudível].

[00:35:51] Entrevistadora: O que você toca?

[00:35:53] Entrevistado: Piano.

[00:35:54] **Entrevistadora:** Ah, que legal! Eu já toquei piano. Eu fiz aula de piano durante três anos quando eu era criança. Agora, eu não sei mais ler partitura, mas eu ainda consigo arriscar um pouco, alguma coisa.

[00:36:06] **Entrevistado:** Rapaz, marca uma aula para mim, então.

[00:36:10] **Entrevistadora:** Nossa, mas eu já esqueci tudo! Mas piano é muito bonito. Eu gostaria de voltar a fazer aula.

[00:36:21] **Entrevistado:** Eu toco.

[00:36:24] **Entrevistadora:** Você tinha ensaio da sua banda ontem?

[00:36:26] **Entrevistado:** É, ontem é!

[00:36:28] **Entrevistadora:** Ah, que legal!

[00:36:32] **Entrevistado:** Então, você não acredita em Deus?

[00:36:33] **Entrevistadora:** Não, não acredito!

[00:36:35] **Entrevistado:** Eu queria entrar na sua mente.

[00:36:39] **Entrevistadora:** Oi?

[00:36:41] **Entrevistado:** Eu queria entrar sua mente para saber por que você não acredita em Deus.

[00:36:46] **Entrevistadora:** Porque não faz sentido para mim. É uma ideia que, simplesmente, as pessoas não conseguem me convencer com o que elas me apresentam.

[00:36:54] **Entrevistado:** Você nunca parou e ficou olhando para o céu e vendo as coisas? Não dá para perceber?

[00:37:04] **Entrevistadora:** Eu só acredito que deve existir muito mais por trás do que a gente consegue imaginar.

[00:37:15] **Entrevistado:** Como pode um [inaudível]?

[00:37:26] **Entrevistadora:** Oi? Eu não escutei. A ligação cortou. Eu não escutei a sua última frase.

[00:37:34] **Entrevistado:** É uma questão de crer mesmo, né?

[00:37:36] **Entrevistadora:** Mas eu acredito muito na fé das pessoas. Eu acho que a fé pode conseguir qualquer coisa. Isso é algo que eu não tenho dúvidas.

[00:37:48] **Entrevistado:** Você acredita em quê? [inaudível].

[00:37:59] **Entrevistadora:** Eu não acredito em nenhuma das propostas de religião que me foram apresentadas até agora. Eu sou atea mesmo!

[00:38:09] **Entrevistado:** Em questão de divindade, você não acredita em nada?

[00:38:10] **Entrevistadora:** Não, eu não acredito!

[00:38:17] **Entrevistado:** É muito importante.

[00:38:18] **Entrevistadora:** É, acontece! Mas, então, tá bom! Você tem mais alguma coisa a dizer?

[00:38:29] **Entrevistado:** Não. Tá bom!

[00:38:31] **Entrevistadora:** Então tá! Eu devo terminar o trabalho no fim desse ano (imagino que é quando eu vou apresentar) ou, no máximo, no começo do ano vem. Quando eu tiver algum resultado concreto, eu vou entrar em contato com você de novo para te passar, para você ver como ficou, tá bom?

[00:38:50] **Entrevistado:** Então tá!

[00:38:52] **Entrevistadora:** Eu te mando. Mas o seu nome não vai aparecer, como eu já tinha falado antes. É só para você ter uma ideia do que saiu dessa pesquisa toda.

[00:39:00] **Entrevistado:** Quando você estiver na Globo, como jornalista...

[00:39:06] **Entrevistadora:** Oi?

[00:39:09] **Entrevistado:** Quando você estiver na Globo...

[00:39:12] **Entrevistadora:** Eu acho que não vai acontecer.

[00:39:16] **Entrevistado:** Tem que ter fé.

[00:39:19] **Entrevistadora:** Mas eu não tenho vontade de trabalhar com jornalismo televisivo. Mas então tá. Muito obrigada por você ter aceitado participar e até a próxima.

[00:39:31] **Entrevistado:** Até também.

[00:39:32] **Entrevistadora:** Tchau, tchau! Boa tarde.

